



Rosane Gonçalves Nitschke

**Uma viagem pelo mundo
imaginal de ser família
saudável no cotidiano
em tempos pós-modernos:
a descoberta dos laços de afeto como caminho**

**Florianópolis
Ilha de Santa Catarina
1999**

ROSANE GONÇALVES NITSCHKE

*Uma viagem pelo mundo imaginal de
ser família saudável no cotidiano
em tempos pós-modernos:
a descoberta dos laços de afeto como caminho*

Tese apresentada ao Curso de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Doutor em Filosofia de Enfermagem.

Orientadora: **ALACOQUE LORENZINI ERDMANN**

Orientador no Exterior: **MICHEL MAFFESOLI**

FLORIANÓPOLIS


ILHA DE SANTA CATARINA

1999

**UMA VIAGEM PELO MUNDO IMAGINAL DE SER FAMÍLIA SAUDÁVEL NO
QUOTIDIANO EM TEMPOS PÓS-MODERNOS: a descoberta dos laços de afeto
como caminho**

ROSANE GONÇALVES NITSCHKE

Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de **Doutor em Filosofia de Enfermagem** e aprovada em sua forma final em 26 de fevereiro de 1999, atendendo às normas da legislação vigente no Curso de Pós-Graduação em Enfermagem – Programa de Doutorado em Filosofia de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina.

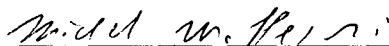


Dr^a. Alacoque Lorenzini Erdmann – Coordenadora de Curso

BANCA EXAMINADORA



Dr^a. Alacoque Lorenzini Erdmann – Presidente/Orientadora




Dr. Michel Maffesoli – Membro/ Orientador do Doutorado Sandwich



Dr^a. Ingrid Elsen – Membro



Dr^a. Estelina Souto do Nascimento – Membro



Dr^a. Ivone Evangelista Cabral - Membro

Dr^a. Sandra Caponi – Membro

Dr^a. Ana Lucia Magela de Rezente – Suplente.

Dr^a. Zuleica Maria Patrício – Suplente

Dr^a. Regina Célia Tamaso Mioto – Suplente

*"O mundo é frágil
E cheio de frêmitos
Como um aquário...
Sobre ele desenho
Este poema: imagem
De imagens!"*

*Mário Quintana**

*CAPA: "Gravura representando a jornada do peregrino, no Pilgrim's Progress (1678) de John Bun Yan. (Note-se que a viagem está representada por um movimento circular em direção a um centro interior)" ***

* QUINTANA, M. Prosa e Verso. 6 ed. São Paulo: Globo. p. 120.

** JUNG, C. G. (ORG.). O homem e seus símbolos. 12 ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 1964. 364 p.. p. 150

Ao Cesinha,

meu amado "maridão", que esteve comigo em cada passo desta viagem, aqui e na França, dando-me força, incentivo, estímulo, muitas de suas madrugadas, críticas, sugestões, carinho, paciência (sobretudo com Afrodite e La Brigitte, nossos primeiros computadores), "cafunés", massagens, comidinhas maravilhosas, "brigadeiros", flores e muito amor. A você, a minha mais profunda gratidão por todos aqueles momentos que este trabalho "significou" para e nosso tão precioso viver a dois. Te amo muito!

AGRADECENDO A QUEM ME AJUDOU NESTA VIAGEM

*À **minha mãe, "Dona Suely"**; por me trazer à vida, pelo amor, pela luta, por sua preocupação, por minha educação, permitindo que chegasse até aqui. Ao **meu pai, "Seu Osmar"**, que hoje viaja em outras dimensões; por me oferecer a vida; por me transmitir o amor à música e o prazer de dançar. Um dia a gente se encontra!!!

*À **Alacoque**, minha orientadora na última etapa desta viagem; pelo aceite acolhedor, pelo estímulo constante e desafiador; pelo apoio e otimismo, sempre acreditando em mim e mostrando alternativas para tornar possível chegar no aqui e agora. Valeu muito!!!

*Ao Professor **Michel Maffesoli**, pelo acolhimento afetuoso em seu CEAQ-SORBONNE; pelo respeito, por me possibilitar um outro olhar; e por me honrar, aceitando participar de minha banca, de forma muito carinhosa, tendo muita paciência e compreensão com a burocracia brasileira.

*À **Ingrid Elsen**, minha orientadora, desde o mestrado até a o exame de qualificação da tese; pelos brilhantes ensinamentos, por compartilhar o saber em saúde da família; pelos constantes desafios mesmo à distância.

*À **Ana Lúcia Magela de Rezende**; por trazer competentemente um outro olhar para a enfermagem, o da micro-sócio-antropologia, para melhor compreendermos o nosso interagir em saúde; por abrir caminhos e estar junto em vários momentos desta viagem; pelas críticas e sugestões na análise do meu projeto que muito auxiliaram.

*À **Estelina Souto do Nascimento**; pelos provocativos questionamentos que sempre nos estimulam a aprender mais, pelos ricos e longos debates desde a na nossa adorada Paris; por suas contribuições e pela parceria "fraterna" entre os núcleos.

*À **Ivone Cabral**; pelo constante incentivo à minha opção pela razão sensível, e por aceitar afetuosamente examinar o trabalho, vindo de longe compartilhar comigo sua experiência, críticas e sugestões, contribuindo com o meu processo de crescimento.

*À **Sandra Caponi e à Regina Célia Miotto**, pelas contribuições dadas ao analisar o projeto e por aceitar examinar o trabalho final, colaborando para aprimorá-lo. Sandra, teus conhecimentos sobre ética muito me ajudaram no interagir com as famílias.

*À **Zuleica Maria Patrício**, que esteve comigo desde que aqui cheguei; pela força e por aceitar participar de minha banca. Minha admiração por suas sensíveis e avançadas idéias.

*À **Lygia Paim Müller Dias**, pelas enriquecedoras críticas e sugestões na análise do meu projeto.

*A todos de **minhas famílias**, que me acompanharam ser gestada, nascer, crescer,... adulecer, e sempre torceram por mim...

*À **Zenaide e ao Alfredo**, da turma dos "meus, os seus, e dos nossos" da família do coração, por toda a "corujice" e carinho que sempre demonstram por mim.

*À **Marise e Gastão**, meus sogros; e à **vó Margarida**, por estarem carinhosamente juntos, por me ouvirem e compreenderem o meu "estar dividida".

*Aos meus cunhados e sobrinhos, **Tina, Jorge, Tati e Guilherme** (que me elegeram sua madrinha), pelo constante apoio e carinho, principalmente no momento da partida de meu pai!

*Ao **Luciano e Zezé, Mareu, Flávio, Carlos**, meus primos e cunhados, por me incentivarem e me ajudarem a melhor compreender a pluralidade de ser família.

*À **Família Rezende**, Ana, Nauro, Nauro Júnior e Leandro, pelo incentivo e apoio carinhoso, principalmente para tornar possível o sonho de aprofundar os estudos na França.

*À **Inês Kruegger, à Goretti Zommer e à Rosa Maria**; pelos momentos que passei com vocês, sendo um importante "respiradouro" principalmente para a minha mente, dando-me equilíbrio e muita energia positiva para que concluísse esta etapa da minha vida.

*Aos amigos que encontrei no Curso e que levo no meu coração: **Claudinha** Penna, que nos acompanhou na aventura de ter coragem de viver "au-delà" na França; **Flavinha** Souza Ramos e turma; **Cleusinha** Rios Martins; pela amizade, carinho, devaneios e companheirismo.

*Aos carinhosos irmãos do coração, **Martinha e Júlio Verdi**, juntos comigo desde o primeiro ano em que me encontrei com a Enfermagem, há 21 anos, compartilhando o meu viver; foi importante saber que tinha com quem contar. Longe, vocês fazem muita falta!

*Aos amigos, em especial, **Suzana, Roberto e Gustavo Deutrich; Maria do Carmo Rocha e Lauro; Maria Ester (Neca) e Nelson Baibisch; Jane e Janise Pereira; Leonardo e Andréa Lângaro**, que trouxeram ao mundo nosso querido afilhado **Bernardo**, e depois a **Isabela; Lilian Pagliuca e Elisabeth Becker**; pela amizade, pelo imenso carinho e apoio; por compreenderem o meu "não estar com vocês" nas festas, churrascos, jantinhas, bate-papos, aniversários, praias, ... por estar envolvida com este trabalho. Nossos "papos" foram sempre uma força para mim, fazendo-me refletir e redimensionar o meu mundo.

*Aos colegas e amigos que conheci através do **CEAQ** (Centre d'Études sur l'Actual et le Quotidien) na **SORBONNE**, em especial, **Pierre, Elisabeth, Marie, Natacha, Federico, Olivier, Isabelle, André e Irene, Juremir e Cláudia, Jean, Luís, Choi**, meu "être ensemble" com vocês será inesquecível! **Pierre**, tua disponibilidade e ajuda foram muito importantes!

*Aos colegas e amigos do **NUPEQS**, pelo constante incentivo, colaboração, respeito e carinho que sempre me dedicaram.

*Aos colegas e amigos do **GAFEFAM**, por permitirem confrontar muito do que aqui coloquei com a realidade que trazem para os nossos encontros, enriquecendo o meu processo de reflexão.

*Aos colegas e amigos do **HEMOSC**, que sempre acreditaram e valorizaram o meu trabalho, por estarem tão carinhosamente próximos, mesmo quando estamos distantes.

*A todos os colegas do Curso, com os quais enriqueci o meu dia-a-dia, através dos nossos debates e das trocas de experiências.

*À **Geney Takashima e Theresa Meiga Pinto**, pelo nosso convívio; nunca as esquecerei. **Geney**, a você minha eterna admiração pela força; companheirismo; dedicação; e muita "garra" no trabalho com famílias. Com sua partida, não somos apenas nós que perdemos uma grande colega e amiga, mas muitas famílias brasileiras perdem uma grande e sensível defensora de seus direitos de viver com dignidade.

*Aqueles colegas da **UFSC** que acreditaram em mim, me apoiaram no afastamento de um ano e meio para cursar o Doutorado Sanduíche, e torceram para que eu chegasse até este ponto da viagem, mesmo perdendo muitas "bagagens" e "guias" no caminho.

*À **Juliana Reis e à Simone Santos**, por compartilharem comigo o aprender sobre a vida com **ALFATRILA**; pelo apoio, preocupação e carinho.

*À turma da **Secretaria da Pós-Graduação, Danilo, Ricardo, Cecília, Helena e Sandro**, pela sua disponibilidade, boa-vontade, torcida e pelo seu carinho em me atenderem.

*Ao **Sandro**, pelos criativos desenhos e pela disponibilidade em trabalhar até nas madrugadas.

*À **CAPES** pelo apoio financeiro durante a realização do doutorado sanduíche na França.

*À **Nadir**, minha "babá quase perfeita", que fez parte desta viagem; por cuidar de nós todos em nossa casa.

*À **Bruma**, membro de quatro patas da família do coração; minha carinhosa companheira, sempre deitada ao lado do computador, durante os dias, noites e madrugadas que dediquei a escrever esta tese.

*A todos os alunos, da V e VIII fase do Curso de Enfermagem da **UFSC**, que no nosso interagir, sempre me revitalizaram, dando-me muita energia para continuar na dupla jornada de trabalho.

*A **Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, ALFATRILA**, com as quais interagi, aprendi, ri e chorei, sem as quais jamais seria possível realizar este trabalho.

*A todos aqueles que me ajudaram, de uma forma ou de outra, a percorrer toda esta longa viagem.

ROTEIRO DA VIAGEM

I – PREPARANDO A VIAGEM...	1
II – UMA BREVE VIAGEM NO TEMPO:... UM ENCONTRO COM UM MUNDO PARADOXAL DE IMAGENS	9
III – A BAGAGEM...	19
<i>Um mergulho na pós-modernidade...o emergir do cotidiano</i>	19
<i>A complexidade singular de ser família</i>	29
<i>A singular complexidade de ser família saudável</i>	42
<i>Descobrendo um mundo imaginal..</i>	47
IV – EMBARCANDO NA RAZÃO SENSÍVEL	55
<i>Uma pergunta, um objetivo... a busca de respostas e a descoberta de caminhos entre algumas possibilidades metodológicas</i>	55
<i>Descendo o Monte e encontrando com as Tribos da Lagoa: os Interatores</i>	68
<i>Um Entrar no Campo...</i>	73
<i>Um Observar...</i>	74
<i>Um Ouvir...</i>	77
<i>Um buscar o mundo imaginal através da imagem...</i>	82
<i>Um Registrar...</i>	84
<i>Um Analisar...</i>	86
<i>Uma possibilidade de integração das estratégias sensíveis do processo de pesquisar: as oficinas</i>	90
<i>Um Encontro nas águas turbulentas do olhar ético...</i>	93
V - O MUNDO IMAGINAL DE SER FAMÍLIA SAUDÁVEL	96
<i>A Sirene Toca: uma advertência</i>	96
<i>As Famílias em Imagens</i>	99
<i>Imagens do que é família</i>	99
<i>Imagens de quem é família</i>	114
<i>Imagens em formas de famílias, mas não as famílias em fôrmas</i>	124
<i>A Família do Coração: Laços de Afeto, Arquitetura de Paixões</i>	128
<i>Imagens de Ser Família Saudável</i>	139
<i>Um passaporte: surgem algumas condições para ser família saudável</i>	140
<i>Uma maneira de ser família saudável</i>	151

<i>Ascensão e Queda dos mitos</i>	176
<i>De onde vem a imagem de família saudável?... O mundo imaginal transborda</i>	186
<i>O sentir-se bem construindo a imagem de ser família saudável: um grito de liberdade na reversível complementaridade</i>	195
VI - UM SINAL DE ALERTA PARA QUEM CUIDA:	206
VII - EM DIREÇÃO AO INTERIOR.. PREPARANDO PARA CONTINUAR A VIAGEM	216
IX - A BAGAGEM REFERENCIADA BIBLIOGRAFICAMENTE	225
X – ANEXOS	234
<i>Anexo I – A Construção societal da realidade</i>	235
I Encontro (1ª Oficina com famílias)	235
<i>Resumo I</i>	235
<i>Resumo II</i>	237
<i>Notas Metodológicas (1)</i>	240
<i>Notas Metodológicas (2)</i>	240
<i>Notas Teóricas</i>	240
<i>Notas do Pesquisador</i>	241
II Encontro (1ª Reunião Professores)	243
<i>Resumo I</i>	252
<i>Resumo II</i>	254
<i>Notas do Pesquisador</i>	257
III Encontro (2ª Oficina com famílias)	258
<i>Resumo I - 2ª Oficina - 23/9/97</i>	266
<i>Notas Metodológicas</i>	272
<i>Notas Teóricas</i>	272
<i>Notas do Pesquisador</i>	272
<i>Notas do Pesquisador</i>	273
IV Encontro (3ª Oficina com famílias)	274
<i>Resumo I</i>	289
<i>Resumo II</i>	292
<i>Notas Metodológicas</i>	295
<i>Notas do Pesquisador</i>	295
V Encontro (4ª Oficina com famílias)	297
<i>Resumo I</i>	309
<i>Resumo II</i>	311
<i>Notas Metodológicas</i>	313
VI Encontro (5ª Oficina com famílias)	314
<i>Resumo I</i>	332
<i>Resumo II</i>	335
<i>Notas Metodológicas</i>	337
<i>Notas Teóricas</i>	338
<i>Notas do Pesquisador</i>	338

VII Encontro (6ª Oficina com famílias)	342
Resumo I	356
Resumo II	358
Notas Metodológicas	361
Notas do Pesquisador	361
VIII Encontro (7ª Oficina com famílias).....	363
Resumo I	379
Resumo II	381
Notas do Pesquisador	383
Notas Teóricas	384
IX Encontro (Reunião do Núcleo):	385
Resumo I	401
Resumo II	403
Notas do Pesquisador	404
X Encontro – 8ª Oficina com famílias.....	406
Resumo I	428
Resumo II	430
Anexo II – Identificação de classes.....	433
Anexo III – Identificação de classes com ligações.....	435
Anexo IV – Identificação de classes com ligações.....	437
Anexo V – A Conjunção Social da Realidade	443
Anexo VI – Exemplo de Classes e Ligações em Conjunção.....	450
Anexo VII - Componentes do Cuidar-Cuidado.....	462

Resumo

No trabalho com a **saúde das famílias**, se quisermos apreender o seu processo de viver e ser saudável é fundamental mergulhar em sua realidade, buscando suas interações, imagens, imaginário, símbolos e significados, ou seja, seu mundo imaginal, pois ele delinea o seu viver. Assim, dentro de uma perspectiva de uma maior aproximação dos fenômenos contemporâneos que se relacionam com o viver das famílias, e, acreditando que o mundo imaginal é uma das grandes marcas da realidade deste momento em que vivemos a pós-modernidade, tem-se o **objetivo de compreender o mundo imaginal de ser família saudável no cotidiano em tempos pós-modernos**. Para tal, desenvolveu-se uma pesquisa junto a algumas famílias da **Lagoa da Conceição**, no município de Florianópolis, na ilha de Santa Catarina, um estado do sul do Brasil, utilizando **métodos qualitativos**, apoiada nos pressupostos do **Interacionismo Simbólico** e nos **“pressupostos teóricos e da sensibilidade”** da proposta teórico-epistemológica de Michel Maffesoli que defende a razão sensível, adotando-se então as estratégias da pesquisa de campo trazidas por Leonard Schatzman e Anselm Strauss como: entrar no campo; observar; ouvir; registrar; analisar, acrescidas do buscar o mundo imaginal através da imagem.

A análise dos dados trouxe duas grandes conjunções: **as famílias em imagens e as imagens de ser família saudável**. A primeira conjunção apresentou categorias como o **que é família, quem é família, e formas de famílias**. A noção de família integra aspectos que são legais, biológicos, sociais e psicológicos, com ênfase na **ética da estética**, mostrando que o **afetual**, com sua contradição, dá o conteúdo às formas que são significativas para as próprias famílias. As famílias, mostrando-se em diversas, flexíveis e heterogêneas imagens, constroem a **família do coração** que, traduzindo-se como laços de afeto e arquitetura de paixões, nasce da necessidade do prazer, da força criadora do querer viver, estando junto, podendo, então, ser compreendida como uma resistência que defende o direito de viver **sentindo-se e fazendo bem, tendo prazer**.

A segunda conjunção mostrou categorias como: **as condições para ser família saudável** (ter comida; ter moradia; ter sentimentos; ter dinheiro; ter trabalho; ter educação; ter saúde; ter uma natureza saudável; ter música; ter lazer; ter e fazer o que se gosta); **como ser família saudável** (tendo boa alimentação, tendo diversão; tendo o prazer de fazer o que se gosta e de ser e estar junto; resgatando o prazer das pequenas coisas; estando junto com os animais; estando sozinho; tendo casa do jeito que gosta; tendo música; tendo um trabalho que realize); **de onde emerge a sua imagem ser família saudável**; **mitos de ser família saudável**; e **imagens ser família saudável**.

A experiência apresentou a viabilidade de se trabalhar com famílias, através de **oficinas**, utilizando-se as estratégias do ouvir, do observar, do trabalhar o mundo imaginal através das imagens, e do registrar, as quais trouxeram possibilidades do uso da música, da dança, do relaxamento, do alongamento, de jogos como o dominó, da produção de murais interativos. Trabalhar com a **razão sensível** levou as famílias, os profissionais e os estudantes a serem sujeitos, co-pesquisadores, criadores, criativos, a vivenciarem a integração ser humano-ser profissional e do ensinar-

aprender-pesquisar-cuidar, eliminando determinadas dicotomias. Além disto, este tipo de trabalho, onde “sem deixar a competência técnica de lado, transpiraram-se emoções...”, mostrou-se como um exercício de ser família saudável, no dizer das próprias famílias.

Deste modo, cuidar da saúde familiar é um processo onde os profissionais e as famílias, são co-autores e co-atores, compartilham seus mundos, com suas interações, imagens, imaginário, símbolos e significados, enfim, o ser saudável da realidade de cada um. **O cuidado da saúde das famílias demanda um profissional híbrido, um trabalho inter-transdisciplinar, sendo as próprias famílias uma disciplina: a de sua própria vida**, sem o conhecimento da qual o cuidar jamais poderá se dar.

A pesquisa indica que **existe uma imagem de ser família saudável que as famílias constroem ao longo de todas as suas interações do seu processo de viver.** Isto é, por seus significados, por suas crenças e seus valores, seus símbolos, suas imaginações, pela definição de situação que eles têm, pelo outro que lhe é significativo, pelo seu (s) grupo(s) de referência; por seus laços de afeto, **enfim, pelo seu mundo imaginal no cotidiano destes tempos pós-modernos.**

As famílias fazem ascender mitos que acompanham o ser família saudável, reservando-lhes também a queda, mostrando que **a família saudável não é perfeita, nem completa, podendo ter problemas e conflitos.** Ser família saudável, para as famílias do estudo, enfatiza o relacional e a natureza, passando, cada vez mais, pelo sentir-se, estar e fazer bem, apresentando a força da singularidade e da complexidade de cada família. Os aspectos apresentados pelas famílias como fundamentais na construção do seu ser saudável, enquanto maneira de viver, possibilitaram compreender e também afirmar que **a família do coração pode ser um caminho para ser família saudável.**

Abstract

In working with family health, to try and learn their living-and-being-healthy process means, fundamentally, to get immersed in their reality, to seek their interactions, their images, imaginary symbols and meanings; in other words, the world which delineates their living. In this way, keeping to a perspective of being closer to the contemporary phenomena linked to the living of families, and believing the imaginal world to be one of the great signs of present reality when we live the post-modernity, **the objective is to understand the imaginal world of being a healthy family in the quotidian of post-modern times.** To that end, research was conducted with a few families in Lagoa da Conceição, in the municipality of Florianópolis, the Island of Santa Catarina, one of the southern states in Brazil, employing **qualitative methods** which had the support of **Symbolic Interactionism surmises** and of “**theoretical and sensitivity surmises**” from Michel Mafesoli’s theoretical-epistemological proposal in safeguarding **the sensitive reason**; field research strategies were then employed, such as brought by Leonard Schatzman and Anselm Strauss, namely: *to enter the field; observe; listen; record; and analyze, to which were added the search for the imaginal world through image.*

Data analysis brought up two large conjunctions: **the families in images** and **the images of being a healthy family.** The first conjunction introduced categories such as **what is family, who is family, and family forms.** The family notion integrates aspects which are legal, biological, social and psychological, emphasis given to **ethics in aesthetics**, showing that the **affectional**, with its contradiction, lends a content to forms which are of significance to the families themselves. The families, revealing various, flexible and heterogeneous images, are built as the **family of the heart** which, translating as affection ties and an architecture of passions, is born from the need for pleasure, for the creative force of *willing to live, being with*, and capable then of being understood as a resistance fighting for the right to live, *feeling and doing well, having pleasure.*

The second conjunction presented categories such as: **the conditions to be a healthy family** (to have food; to have a place to live; to have feelings; to have money; to have work; to have education; to have health; to have a healthy nature; to have music; to have leisure; to have and do what one likes); **How to be a healthy family** (having good food, having enjoyment; having the pleasure to do what one likes and to be and being together; redeeming the pleasure of small things; being with the animals; being by oneself; having the house the way one pleases; having music; having a fulfilling job); **wherefrom its image of being a healthy family emerges; myths of being a healthy family; and images of being a healthy family.** The experience made feasible to work with families, by means of workshops, using the strategies of *listening, observing, working the imaginal world through images, and of recording*; possibilities existed then to use music, dancing, relaxation, distending, games such as dominó, the production of interactive murals. **Working with the sensitive reason** turned the families, professionals, and students into subjects, **co-researchers**, creators and creative; made them experience the *being humane-being professional integration*, and the **teaching-learning-researching-caring**, cutting off some dichotomies. In addition, this kind of work, where “*without abandoning technical capability, emotions are let through...*”, showed to be an exercise on being a healthy family, in the words of the families themselves.

In this way, **to care for familial health** is a process whereby professionals and families are seen as **co-authors and co-actors**, sharing their worlds, with their interactions, images, the imaginary, symbols and meanings; in one word, the being healthy in each one's reality. Health care of families requires a **hybrid professional, an interdisciplinary work, the families themselves being a discipline**: that of their own life, caring never being able to happen where that knowledge is missing.

Research shows **the existence of an image of being a healthy family, developed by the families along all their interactions with their living process**. That is, for its meanings, beliefs and values, symbols, imagination, for the definition of the situation they enjoy, for the other who holds significance, for their reference group(s); also for their affection ties; in short, **for their imaginal world in the quotidian of these post-modern times**.

Families give rise to myths which accompany the condition of being a healthy family, where a chance exists also for a downfall, showing **the healthy family to be not perfect nor complete, susceptible to problems and conflicts**. To be a healthy family, for the studied ones, emphasizes what is relational and the nature, growingly passing through what is *feeling, being and doing well*, presenting the strength of singularity and of the complexity of each family. Aspects demonstrated by the families as being fundamental in building their **being healthy, as a way of living**, make possible to understand and also to state that **the family of the heart can be a way to become a healthy family**.

Resume

Dans le travail avec la santé des familles, si nous voulons appréhender leur procédé de vivre et d'être sain, il est fondamental de plonger dans leur réalité, de chercher leurs interactions, les images, l'imaginaire, les symboles et les significations, c'est-à-dire, leur monde imaginal, car il délinée leur existence. Ainsi, dans une perspective qui s'approche des phénomènes contemporains relatifs aux procédés de vivre des familles, et en croyant que le monde imaginal est une des grandes marques de la réalité du moment présent, celui de la post-modernité, nous avons l' **objectif de comprendre le monde imaginal d'être une famille saine dans le quotidien, en temps post-modernes**. Pour cela, on a développé une recherche auprès de quelques familles de la "Lagoa da Conceição", à Florianópolis, Ile de Santa Catarina, un Etat dans le sud du Brésil, en utilisant des **méthodes qualitatives**; cette recherche est appuyée sur les **présupposés de l'Interactionisme Symbolique** et sur les "**présupposés théoriques et de la sensibilité**" de la proposition théorique-épistémologique de Michel Maffesoli, qui défend la **raison sensible**. Nous avons alors adopté les stratégies de la recherche de terrain introduites par Leonard Schatzman et Anselm Strauss, telles que: *entrer dans le terrain; observer; écouter; registrer; analyser, accrues de l'action de chercher le monde imaginal à travers l'image*.

L'analyse des données a montré deux grandes conjonctions: les familles en images et les images d'être une famille saine. La première conjonction a présenté des catégories comme: **qu'est-ce que la famille, qui est la famille et les formes de familles**. La notion de famille comprend des aspects légaux, biologiques, sociaux et psychologiques, avec emphase sur l'éthique de la esthétique, en montrant que **l'affection**, dans sa contradiction, donne contenu aux formes qui sont significatives aux propres familles. Les familles, en se montrant par des images diversifiées, flexibles et hétérogènes, construisent la **famille du coeur**. Celle-ci, qui se traduit comme des liens d'affection et d'architecture de passions, naît du besoin du plaisir, de la force créatrice du *vouloir vivre, être ensemble* et peut être comprise comme une résistance qui défend le droit de vivre *en se sentant bien et en faisant du bien, en ayant du plaisir*.

La deuxième conjonction a montré des catégories telles que: **les conditions pour être une famille saine** (avoir de la nourriture; avoir du logement; avoir des sentiments; avoir de l'argent; avoir un travail; avoir l'éducation; avoir la santé; avoir une nature saine; avoir de la musique; avoir du loisir; avoir et faire ce qu'on aime); **comment être une famille saine** (en ayant une bonne alimentation, en ayant des divertissements; en ayant le plaisir de faire ce qu'on aime et le plaisir d'être ensemble; en récupérant le plaisir des petites choses; en ayant la compagnie des animaux; en restant tout seul; en rangeant la maison à son goût; en ayant de la musique; en ayant un travail à réaliser); **d'où émerge son image d'être une famille saine**; **les mythes d'être une famille saine**; et **les images d'être une famille saine**.

L'expérience a présenté la viabilité de se travailler avec les familles, en ateliers, en utilisant des stratégies telles que: *écouter, observer, travailler le monde imaginal à travers les images, registrer*. Ces stratégies ont emporté avec elles les possibilités de l'utilisation de la musique, de la danse, de la relaxation, de l'allongement, de jeux comme les dominos, de la production de muraux interactifs. **Travailler avec la raison sensible** a emmené les familles, les professionnels et les étudiants à être les sujets, les **co-chercheurs**, les créateurs, créatifs; à vivre **l'intégration entre l'être**

humain et l'être professionnel et aussi l'intégration entre les actions d'enseigner et d'apprendre - de chercher - de soigner, en éliminant certaines dichotomies. En plus, ce type de travail, où "*sans laisser la compétence technique de côté, fait transpirer les émotions...*", s'est montré un exercice pour être une famille saine, selon les propres familles.

De cette manière, soigner la santé familiale est un procédé où les professionnels et les familles sont des coauteurs et des co-acteurs; elles partagent leurs mondes, avec les interactions, les images, l'imaginaire, les symboles, les significations enfin, l'être sain de la réalité de chacun. Soigner la santé des familles demande un **professionnel hybride, un travail inter-transdisciplinaire où les propres familles constituent une discipline**: celle de leur propre vie, dont la connaissance est indispensable à l'action de soigner.

La recherche indique qu'il existe **une image de famille saine que les familles construisent au long de toutes les interactions de leur procédé de vivre**. C'est-à-dire, par leurs significations, par leurs croyances et leurs valeurs, leurs symboles, leurs imaginations, par la définition de situation qu'elles ont, par l'autre qui lui est important, par leur(s) groupe(s) de référence; par leurs liens d'affection, enfin, par **leur monde imaginal du quotidien de ces temps post-modernes**.

Les familles font monter les mythes qui accompagnent l'idée d'être une famille saine, en leur réservant aussi la chute; cela montre que **la famille saine n'est ni parfaite, ni complète, qu'elle peut avoir des problèmes et des conflits**. Le fait d'être une famille saine, pour les familles en étude, accentue le relationnel et la nature, en passant chaque fois plus par *se sentir, être et faire du bien*, en présentant la force de la singularité et de la complexité de chaque famille. Les aspects présentés par les familles comme des aspects fondamentaux à la construction de leur **être sain**, en tant que **manière de vivre**, ont possibilité la compréhension et aussi l'affirmation que **la famille du coeur peut être un chemin pour être une famille saine**.

I - PREPARANDO A VIAGEM...

Mundo Imaginal...
" todo este conjunto feito de imagens,
símbolos de imaginário e de imaginações,
no qual a vida social é moldada. "

Michel Maffesoli

Alguma vez já paramos para pensar sobre a imagem? O que é imagem para nós? Qual sua relação com o imaginário? Qual sua relação com a família e com a saúde? Existe uma imagem de ser saudável? Se existe, que imagem é esta?

As imagens estão por toda parte. Somos imagens, não só para o mundo, como também para nós mesmos. Temos imagens deste mundo no qual estamos mergulhados... estamos mergulhados num mundo de imagens. Imagens compartilhadas. Imagens de cada um. Mundo imaginal. Mundo imaginário. Construído no viver no mundo, com todo mundo. É o ontem e o amanhã sendo expressados no imaginário do presente e nas imagens de hoje.

Vivemos a explosão e a disseminação das imagens. Elas sempre existiram. Entretanto houve épocas que foram ameaçadas, justamente por ameaçarem. Ameaçam porque são incontrolláveis, seduzem. Elas dão "asas à imaginação". E a imaginação talvez seja a maior manifestação da liberdade: nada pode limitá-la.

Imagem e Imaginário. Pura cumplicidade. Mútua retroalimentação. Entretanto como a imagem também se expressa através do que é material no mundo, foi a eleita para ser punida pela própria materialidade. Na ótica do racionalismo, talvez, ela esteve em risco de extinção em determinadas épocas daquilo que chamamos consensualmente de história. Todavia continuou sua existência no exílio nos braços de seu cúmplice, o imaginário. Daí sua volta triunfal, sua anistia, pois o ser humano volta e meia tem necessidade de trazer à tona seu imaginário, compartilhá-lo, buscar o outro, falar através das imagens.

Mas afinal as imagens falam sobre o que exatamente? Sobre o viver! Nossos desejos, nossas angústias, nossas ditas loucuras, nosso sofrer, nossas alegrias, nosso

¹ MAFFESOLI, M. *Aux creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique*. Paris. PLON, 1990, p. 110, e MAFFESOLI, M. *La contemplation du monde: figures du style communautaire*. Paris. Grasset, 1993, p. 121.

morrer, nosso transcender... Imagem: "cristalização da experiência", tomando emprestada uma expressão de Maffesoli. *² E o que é a experiência senão o vivido?!

E nós, profissionais da área da saúde e da enfermagem, temos prestado atenção às imagens ou temos tido uma postura iconoclasta*³. Sim, pois se as ignoramos, ou mesmo, as boicotamos, também é uma forma de iconoclasmo!? Mas elas estão por aí, por toda a parte. Topamos com elas todo o tempo. Como já falei, as imagens fazem parte de nossa vida de todo o dia, assim como a saúde, seja como um elemento concreto, seja como algo simbólico que existe, mesmo que seja para revelar sua inexistência, sempre relativizada.

Saúde e imagem. Imagens de saúde. Imagens de ser saudável. Mundo imaginal de ser família saudável. Uma expressão que para mim se traduz numa questão. Uma questão que paradoxalmente pode ser tanto uma ponte*⁴ a me ligar às famílias com as quais trabalho no cuidado assim como pode me afastar. Como trabalhar com elas se tenho uma compreensão, uma imagem de ser família saudável e saúde familiar⁵ e elas outra, sem haver um compartilhar, sem mergulhar no seu mundo?

Mas afinal quem são estas pessoas, estas famílias, cujas imagens levo comigo mesmo quando estou do outro lado do hemisfério, e que me despertam o interesse pelo seu mundo imaginal? Quem sou? O que constrói todas estas imagens que temos do mundo com qual interagimos? Por quê trabalhar com o mundo imaginal de ser saudável? E essas imagens que chegam até nós, a todo momento, falam o que sobre ser saudável? Afinal elas possivelmente tem uma relação com a construção desta imagem de ser saudável e com o agir e interagir das famílias!!! Mas como é esta relação? Por quais caminhos seguir para chegar um pouco mais próximo destas respostas?

² MAFFESOLI, M. Seminário " Le Monde Imaginal. " SORBONNE. Paris V. Paris, nov. 94 a jun. 95.

³ Termo que se refere à pessoa que interdita ou destrói as imagens, segundo FERNANDES, F. Dicionário brasileiro contemporâneo. Porto Alegre. 2 ed. Globo & Melhoramentos. 1967. p. 601.

⁴ Isto porque a ponte só nos une a alguma coisa se apresenta condições que nos permita por ela transitar, senão ela será somente uma possibilidade frustrada, talvez uma porta no sentido que refere SIMMEL, G. Sociologie et epistemologie. Paris, PUF, 1981.

⁵ Ainda que as palavras familiar e familiar sejam sinônimas, conforme FERNANDES(1967), o termo familiar é eleito por mim numa tentativa de limitá-lo ao que se refere propriamente a família, buscando distinguir do termo familiar que é muito utilizado popularmente também para designar aquilo que "é muito conhecido", "acostumado".

É com este passeio pelo meu mundo imaginal que chego a mais um momento deste meu processual caminhar. E, aproveitando, esta parada faço o convite para embarcar e continuarmos juntos.

Para começar, como não podia deixar de ser em qualquer viagem, trago minha bagagem, que pode ser traduzida no meu vivido. Ah! Também viajam comigo, dando-me apoio as idéias da proposta teórico-epistemo-metodológica do sociólogo francês Michel Maffesoli, que vem trabalhando com a Sociologia do Quotidiano e Sociologia Compreensiva, bem como alguns autores do Interacionismo Simbólico como George Mead, que já me acompanharam em outras viagens.... E mais ainda, acompanham-me todas aquelas pessoas com os quais interagi até hoje.

Mas aonde vamos, mesmo? Vamos *buscar a realidade do mundo!* Para tal vamos entrar por ali... num cantinho do litoral deste lado meridional do Brasil... vamos mergulhar num *mundo paradoxal de imagens... num mundo imaginal...* onde nos encontraremos com tribos...tribos que estão passando do segundo para o terceiro milênio...tribos que convivem com a dita alta tecnologia, mas que não abandonaram o mato...

Assim, considero pertinente ressaltar que este momento reflete o que Minayo⁶ chama de "*ciclo da pesquisa*", ou seja, um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações.

Concordando com a visão de ciclo, é que questiono sua colocação sobre início, pois muitas vezes fica difícil definir o que está no começo desta espiral. Mas uma coisa é certa: esta viagem, este ciclo de pesquisa que aqui lhes trago já começou a algum tempo, talvez no início de minha vida profissional, talvez no começo do meu viver, talvez com o próprio existir de todo este mundo de interações.

Confesso que houve momentos de bastante angústia em organizar o que a aqui apresento, visto que como é fruto de um processo e, ao mesmo tempo, parte construtora deste, ficava bem difícil de expô-lo, pois sua exposição pressupunha, dentro dos moldes tradicionais, dar uma linearidade a algo que por sua natureza é cíclico.

⁶ MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 26.

Neste sentido, Schatzman e Strauss⁷ vieram em meu auxílio, ao discutirem as exigências ortodoxas que propõem determinados moldes, uma certa fôrma que precisa ser seguida, ao se apresentar os diferentes aspectos de uma pesquisa como, por exemplo, um problema, seu método, de modo " *linear, lógico e com uma relação causal*" entre esses elementos, " *convenientemente, dando uma forma para criar credibilidade*"... um " *status científico*".

"Algumas operações da pesquisa ocorrem de forma linear, de modo progressivo, muitos ocorrem simultaneamente; enquanto outros ocorrem 'regressivamente' assim como quando alguém em direção ao fim de seu estudo descobre seu 'verdadeiro' problema e suas hipóteses que estão associadas. Isto pode não ser como se ensina ou como se escreve sobre metodologia, mas é como uma pesquisa original não-replicativa toma lugar".

Schatzman & Strauss

Assim (é claro que tenho minhas recaídas explicativas e por que não dizer ortodoxas!! ; ou tentando, estabelecer um diálogo com ortodoxos, anarquistas, e outros...), após esta introdução, resgatarei um pouco da minha trajetória, apresentando, gradual, sucessiva e ciclicamente, aqueles que me levaram (e continuam me levando) a muitas reflexões, e com quem continuarei minha caminhada para compreender um pouco mais este mundo que está aí.

Deste modo, faço uma discussão que envolve inicialmente uma contextualização, onde trago a pós-modernidade, o cotidiano, colocando, a seguir, família e família saudável, chegando então ao *mundo imaginal*, onde se aborda o imaginário, símbolo, imagem e sua relação com a saúde familiar, até atingir a **definição do problema** ao qual pretendo buscar uma compreensão o mais aproximada possível da realidade, a partir da pergunta: " *Qual é o mundo imaginal de ser família saudável no cotidiano em tempos pós-modernos?* ".

Chego então à apresentação do "como me aproximei da realidade que estou buscando", qual o caminho que segui, ou seja, *a metodologia*, tendo feito a opção por desenvolver uma **pesquisa qualitativa**, apoiada nos pressupostos tanto do Intera-

⁷ SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. 143-144.

cionismo Simbólico como da proposta epistemológica de Michel Maffesoli, que defende a **razão sensível**.

Dentro de uma perspectiva de uma maior aproximação dos fenômenos contemporâneos que se relacionam com o processo de viver das famílias, e, acreditando que o mundo imaginal é uma das grandes marcas deste momento em que vivemos a pós-modernidade, é que trago o **objetivo** de buscar *compreender o mundo imaginal de ser família saudável no cotidiano em tempos pós-modernos*.

Santos e Clos⁸ dizem-nos que a pertinência de um problema escolhido é favorecida a partir de critérios que respondam a perguntas tais como: *“qual é a magnitude do problema? qual é a gravidade do problema? Quem está sendo afetado pelo problema? Quem atribui importância ao problema?”*.

Quanto à magnitude do problema, destaco que, em muitas situações, existe, entre as expressões de ser saudável propostas pelos profissionais de saúde e pelas famílias que cuidam e são cuidadas, um conflito que se apóia no desconhecimento do mundo imaginal das famílias.

Não colocando aqui em discussão o termo gravidade proposto pelas autoras, mas tentando se aproximar de sua posição, diria que a gravidade do problema repousa no fato de que muitos problemas de saúde persistem, pois o que os profissionais propõem, muitas vezes não tem ressonância no cotidiano das famílias e vice-versa, caracterizando o popularmente denominado *“diálogo de surdos”*.

Neste sentido, Gershwin e Nilsen⁹ destacam que a imagem da família tem mudado nos últimos anos, sendo que novas estruturas têm ganhado espaço. Para as autoras, a aceitação social de estilos alternativos de vida, bem como a integração de grupos étnicos tem mudado nossa imagem de família *“normal”*. Deste modo, a saúde da família *deve ser agora reconhecida por modelos e processos de sua vida diária*.

⁸ SANTOS, Iraci dos & CLOS, Araci Carmem. Pesquisa quantitativa e metodologia. In: GAUTHIER, Jacques, CABRAL, Ivone E. SANTOS, Iraci dos & TAVARES, Cláudia M. de M. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara - Koogan, 1998, p. 3.

⁹ GERSHWIN, Madeleine W. e NILSEN, Janet M. Healthy families. In: GILLIS, Catherine L.; HIGHLEY, Betty L.; ROBERTS, Brenda M.; MARTINSON, Ida M.. Toward a science of family nursing. California: Addison-Wesley, 1989. 501p. p.77.

Meleis¹⁰ alerta-nos para a necessidade de desenvolvermos marcos de referência que realcem a saúde das famílias.

Quanto a “*quem está sendo afetado?*”. Não querendo extrapolar as dimensões da questão. Mas, sem dúvida, é toda a população em geral. Ou seja, são todas as famílias que não têm sua realidade levada em conta pelos profissionais da saúde.

Respondo à última questão, “*quem atribui importância ao problema?*”, dizendo que são todos aqueles que buscam o respeito ao outro; ao seu mundo!

Todavia, uma coisa precisa ser afirmada, levando-me a modificar um pouco a pergunta das colegas. Quem precisa atribuir importância ao problema? Todos! Ou seja, todos aqueles que cuidam e são cuidados no seu processo de viver e ser família saudável.

Vê-se que não se pode mais negar o papel relevante que todo este universo feito de imagens, imaginários, símbolos, crenças, valores, significa no quotidiano das interações, o que já pode ser observado em situações em que se trabalha com a saúde, principalmente nos seus aspectos de promoção e educação, seja pelas famílias, pelos profissionais de saúde ou pelos próprios órgãos governamentais.

Acredito que, entrando neste campo de conhecimento, através dos achados desta pesquisa, ao longo desta busca, embora provisórios e parciais, será possível contribuir com um trabalho mais sintonizado no tempo e na realidade das famílias para: a apresentação de como se mostram algumas famílias nestes tempos pós-modernos; a discussão da pós-modernidade, como por exemplo, a sua relação com uma determinada comunidade; o desenvolvimento do conhecimento sobre os temas família saudável e mundo imaginal; indicar e propor outros modos de trabalhar com as famílias questões de saúde; o desenvolvimento de aspectos epistemometodológicos, como a “razão sensível”, a pesquisa de campo. Além disto, poderá contribuir com outros trabalhos dentro da área da saúde que utilizem imagem, dando subsídios sobre sua relação com a saúde, sob a perspectiva daqueles próprios sujeitos que se pretende atingir quando se opta por este tipo de estratégia. Finalmente, espero que consiga sensibilizar os profissionais da saúde a integrar a busca do mundo imaginal de ser saudável no seu quotidiano.

¹⁰ MELEIS, Afaf I. Ser e tornar-se saudável: o âmago do conhecimento de enfermagem. Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 1, n. 2, jul. / dez. p. 36-55. 1992.

Deste modo, trago minha hipótese. Hipótese?!!! Vinda de alguém que vem mostrando uma posição de restrição ao positivismo? Concordo com o espanto. Confesso que tive o mesmo espanto ao chegar na primeira reunião de um grupo de estudos na área sócio-antropológica, na França. O coordenador do grupo me perguntou: "Qual é a sua hipótese?". Fiquei paralisada. Por um segundo cheguei a me indagar se eu estava no grupo certo, pois outros professores de nosso meio já haviam estado lá e a referência era de que ali se desenvolviam estudos qualitativos. Era o grupo certo, sim!!! Comecei a observar que isto era linguagem corrente, mesmo no meio que adota uma proposta qualitativa. Rezende¹¹ nos fala de sua hipótese, Maffesoli¹² também: "*Donc voilà l'hypothèse:...*" ("Então, eis aí a hipótese...").

Mas por que então utilizar este termo? A crítica que é feita à hipótese, num contexto positivista, obviamente não é pela palavra em si, mas pelo que propõe, ou seja, o aspecto da comprovação objetiva a partir de provas estatístico-matemáticas para se conhecer a realidade. Na abordagem qualitativa, por sua vez, segundo Minayo¹³, "*as hipóteses perdem sua dinâmica formal comprobatória para servir de caminho e de baliza no confronto com a realidade empírica*".

Entretanto por que utilizar o mesmo termo então? Sempre me pergunto isto ao ver os "qualitativos" usando termos como, por exemplo, *causa-efeito*, como Maffesoli¹⁴, quando diz "... o símbolo é causa e efeito de toda a vida societal..". Penso que ao utilizarmos termos comuns estamos criando uma forma de aproximação, um canal de diálogo, mostrando mais de um olhar sobre um mesmo ponto, colocando um outro feixe de luz...

"O conhecimento se faz a custo de muitas tentativas e da incidência de muitos feixes de luz, multiplicando os pontos de vista diferentes. A incidência de um único feixe de luz não é suficiente para iluminar um objeto. O resultado dessa experiência só pode ser incompleto e imperfeito, dependendo da perspectiva em que a luz é irradiada e da sua intensidade. A incidência a partir de outros pontos de vista e de outras intensidades luminosas vai dando formas mais definidas ao objeto, vai construindo um objeto que lhe

¹¹REZENDE, Ana Lúcia Magela A sedução dos mitos de saúde/doença na telenovela. São Paulo, Faculdade de Educação, USP, 1991. 289 p.(tese de doutorado), p. 121.

¹²MAFFESOLI, M. Aux creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique. op. cit. p 11.

¹³MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 95.

¹⁴MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

é própria. A utilização de outras fontes luminosas poderá formar um objeto inteiramente diverso, ou indicar dimensão inteiramente novas ao objeto".

Limoeiro Cardoso¹⁵

O trabalho que tenho desenvolvido com famílias, já há alguns anos, levou-me a afirmar **provisoriamente** que existe uma imagem de ser família saudável que as famílias constroem ao longo de todas as suas interações do seu processo de viver. Isto é, por seus significados, por suas crenças e seus valores, seus símbolos, suas imaginações, pela definição de situação que eles têm, pelo outro que lhe é significativo, pelo seu (s) grupo(s) de referência; por seus laços de afeto, enfim, pelo seu *mundo imaginal* no cotidiano destes tempos pós-modernos. A família enquanto laços de afeto tem uma relação com o processo de ser família saudável. Esta é a hipótese que se propõe neste estudo, enquanto baliza no encontro com a realidade.

Lembrando Maffesoli, quando diz que "*quem propõe se expõe*"¹⁶, aí vamos nós, as famílias e eu, com as nossas idéias, sendo eu o seu "porta-voz.", ou ainda seu "porta - imagens".

Antes, entretanto, em respeito a quem se dispôs a me dedicar algum tempo e me ouvir, quero pedir licença! Licença, para ser mais leve, como se estivesse dançando. Licença para ser eu mesma. Licença para talvez tentar algo próximo daquilo que um dia Nietzsche^{*6} propôs como "a gaia ciência", a ciência alegre...

*"Dança agora sobre mil costados,
Dorsos das vagas, vagas pérfidas,
Saúde a quem cria novas danças!
Dancemos então de mil modos,
Que nossa arte seja chamada livre!
Gaia - nossa ciência! "*

Nietzsche¹⁷

¹⁵MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 89.

¹⁶MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 26

¹⁷NIETZSCHE, F. W. A Gaia Ciência. São Paulo. Ediouro: Grupo Coquetel. s. /d.

II – UMA BREVE VIAGEM NO TEMPO:... UM ENCONTRO COM UM MUNDO PARADOXAL DE IMAGENS

"As pessoas reais estão repletas de seres imaginários."

Graham Greene

A opção de trabalhar com a família é o resultado de todo um processo que venho vivenciando desde o início de minha vida profissional há quase duas décadas, trabalhando em unidades de internação neonatal e pediátrica, em Porto Alegre e Florianópolis.

Desde aquela época, os familiares (especialmente, a figura do pai do recém-nascido, devido a pouca atenção que recebia da equipe da saúde) e os vínculos existentes entre eles e o bebê, vinham despertando meu interesse. Autores como Bowlby¹⁸, Spitz¹⁹, e principalmente Klaus e Kennel²⁰, alimentavam minha preocupação com a interação desde a fase neonatal, pois destacam que o tipo de interação que ocorre nesta etapa, tem reflexos em todas as fases subsequentes da vida familiar. Sendo assim, entendia que enquanto profissional da área da saúde tinha um papel significativo neste momento, podendo possibilitar uma experiência mais favorável.

Dentro deste contexto, iniciei meu Curso de Mestrado com uma proposta de estudar a participação do pai junto ao recém-nascido. Durante este curso, identifiquei-me com King²¹, pois através dela passei a compreender a própria enfermagem como um processo de interação.

Posteriormente, estudando "Marcos Aplicados à Família" e "Psicologia Social", identifiquei-me com a Teoria da Interação Simbólica que, a partir de então, pas-

¹⁸ BOWLBY, J. Formação e cumprimento dos laços afetivos. São Paulo: M. Fontes, 1982. 165p. (Psicologia e pedagogia).

¹⁹ SPITZ, R. A. O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais. São Paulo: M. Fontes, 1979. 345p. (Psicologia e pedagogia)

²⁰ KLAUS, M. H. e KENNEL, J. Care of the parents. In: KLAUS, M. J. e FANAROFF, A. A. Care of the high-risk neonate. 2. ed. Philadelphia: W. B. Saunders, 1979. p. 146-172.

_____. Atencion de la madre, del padre y del niño. In: FANAROFF, A. A. e MARTIN, R. J. Behrman enfermedades del feto y del recién-nacido. 3. ed. Buenos Aires: Medica Panamericana, 1985. p. 302-313.

sou a embasar fundamentalmente o meu marco para prática assistencial. Isto porque ia ao encontro de minha crença de que para prestar uma assistência de enfermagem, enquanto enfermeira, eu deveria conhecer as percepções e expectativas da minha clientela, bem como suas crenças e valores culturais, ou seja, o significado que as coisas têm para ela. Via, deste modo, que a interação seria o "coração" do meu trabalho. Cabendo salientar que interação aqui é entendida como as relações existentes entre os seres humanos, e entre ele e o ambiente, podendo estas serem de qualquer natureza, distinguindo-se portanto do termo integração que se refere ao ato de completar-se²².

Nesta trajetória, onde meu espírito me impulsionava a buscar a compreensão das interações desde o primeiro trabalho acadêmico, comecei a apreender teoricamente que a família não era apenas a soma de seus elementos, mas que era algo diferente, com toda uma particularidade em cada família singular! Estava frente a um grande desafio portanto, pois nunca havia assistido a família, dentro de sua unicidade²³, mas apenas indivíduos que tinham familiares. Enfrentar este desafio teve como fruto minha dissertação de mestrado que trouxe uma apresentação do que é trabalhar com famílias dentro de uma perspectiva interacionista.²⁴

Na sociologia e na psicologia, este olhar a família na sua unicidade é algo intrínseco, entretanto na área da saúde em geral, fazendo-se exceção ao campo da saúde mental, nem tanto, principalmente na realidade brasileira, que somente, em 1994, com o Ano Internacional da Família resolveu resgatar uma perspectiva perdida ao longo do tempo, e propor o Programa de Saúde da Família.

A prática junto às famílias trouxe-me muitas questões, caracterizando um processo que denominei de "aprendendo a trabalhar com a família". Vivenciando este

²¹ KING, I. A theory for nursing systems, concepts, process. New York: John Wiley e Sons, 1981. 161p.

²² FERNANDES, F. Dicionário brasileiro contemporâneo. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1967. 1143p.

²³ Neste momento, passo a adotar o termo unicidade, em lugar de unidade, segundo Maffesoli, por considerar que a noção de unicidade expressa melhor meu entendimento de família. Ou seja, uma união em pontilhado, que está sempre aberta, em constante intercâmbio, contrapondo-se à unidade que pressupõe algo fechado, sem trocas. Mas cabe, ressaltar que quando se utiliza o termo unidade, em relação à família, neste texto, remete à referência do autor num dado momento. MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.

²⁴ NITSCHKE, Rosane. G. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. Florianópolis, UFSC, 1991, 269 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

processo posso dizer que realmente há uma diferença entre ter o indivíduo como cliente (que tem seus familiares) e ter a família como tal.

O indivíduo possui características como ter um corpo biológico singular (que, por sua vez, tem uma estrutura ósseo-muscular e funções); tem elementos psicológicos e uma espiritualidade, interagindo num meio que tem uma cultura, onde está a família e a sociedade. A família, por sua vez, também caracteriza-se por ser um corpo, mas um corpo social, ou seja, uma rede de interações, que pode assumir diferentes formas; que possui objetivos e toma decisões enquanto grupo, tem uma estrutura de funcionamento interno constituída por posições e papéis, possuindo várias atribuições, dentre elas, inclusive o cuidado de saúde de seus membros"²⁵. Deste modo, também é possível falar em saúde da família e família saudável como algo distinto da saúde individual, sem desintegrá-las, obviamente, relativizando-as.

Assim, trabalhar com famílias significa mergulhar no mundo de suas interações, revisar nossa postura profissional, sendo necessário aprender a discutir, compartilhar e negociar não só com ela, com também com outros profissionais. Isto porque como ela não se expressa no mundo somente numa dimensão, a família também demanda uma atenção interdisciplinar, ou quem sabe até transdisciplinar. Talvez pudessemos até dizer que ela demanda este " profissional híbrido"²⁶ que vemos surgir a cada momento em que perspectivas integradoras se afirmam nestes "outros tempos".

Mas retornando ao que é trabalhar com família, mergulhando no seu mundo. Posso dizer que esta forma possibilita uma interação de trocas entre o cliente família e o profissional de saúde, pois nos leva facilmente a tirar nossas "courças ", fazendo nos mostrar mais como ser humano, estando menos formal (sem perder aquilo que chamam de competência) e, conseqüentemente, mais próximos da família, caracterizando uma situação que nos reforça e nos reporta a Wanda Horta, pois se tem "gente cuidando de gente", o que é claro, não é exclusividade de quem cuida de famílias.

Foi nesta busca de trabalhar dentro de uma perspectiva de compreensão das interações familiares que encontrei o simbólico, pois todo este trabalho junto às fami-

²⁵ NITSCHKE, Rosane. G. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. Florianópolis, UFSC, 1991, 269 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1991. p. 215-219.

²⁶ Discutirei o "profissional híbrido" na parte intitulada "Um mergulho na pós-modernidade..", a seguir.

lias vinha sendo respaldado no Interacionismo Simbólico, cujo maior destaque foi George Mead²⁷.

Alguém até poderia dizer que é uma proposta muito antiga, talvez anacrônica, já que é do final do século passado e início do nosso século. As pinturas de Claude Monet também são da mesma época e nem por isto deixam de emocionar nossos olhos de hoje. Digamos que existem obras que transitam livremente por este espaço entre experiências vividas que chamo de tempo, parecendo sempre que nos surgem no momento considerado por nós oportuno, pois vêm ao encontro do que já trazemos dentro de nós, traduzindo-o, expressando-o, "vestindo e materializando a nossa alma". Talvez possamos falar da existência de um contínuo "resgate da contemporaneidade do ontem", termo que já utilizei em propostas anteriores.

Os pressupostos do Interacionismo Simbólico atraíram-me, pois sintonizavam com minhas crenças e valores e, além disto, traziam-me mais claramente pistas para apreender um pouco mais este "não sei o que" que sinto com certeza que está aí, quando interajo com o mundo e principalmente com as famílias com as quais trabalho.

"O ser humano vive num ambiente simbólico, assim como num ambiente físico... sendo que ele age com relação às coisas com base nos sentidos que elas têm para ele e é estimulado em situações sociais para agir através de símbolos... É através da comunicação simbólica, da interação com outras pessoas, que o ser humano tem capacidade de aprender um grande número de significados e valores. Deste modo, os símbolos podem ser pensados como significados e valores que são compartilhados..."
Queiroz e Ziolkowski²⁸.

Neste meu caminhar, continuei a trabalhar com famílias junto a um Grupo que integrava Assistência, Pesquisa e Educação na Área da Saúde da Família

²⁷ MEAD, G. Espiritu, persona y sociedad. 3 ed. Buenos Aires, Editorial Paidas, 1972, 393p.

²⁸ QUEIROZ, J. M. et ZIOLKOSVSKI, M. L'Interactionnisme Symbolique. Les PUR, Rennes, 1994, p. 31; ROSE, A. M. A systematic summary of symbolic interaction theory. In: RIEHL, J. C. et ROY, C. (ed) Conceptual models for nursing practice. 2 ed. New York, Appleton-Century-Crofts, 1980, p. 38-50; SCHVANEVELDT, J. D. The interactional framework in the study of family. In: NYE, F. I. et BERARDO F. M. Emerging conceptual framework in family analyses, New York, Praeger Publishers, 1981, p. 97-129.

(GAPEFAM), iniciado por Ingrid Elsen, após concluir sua tese de doutorado em São Francisco, na Califórnia²⁹.

Foi assim que entrei em contato mais íntimo com um outro mundo que, paradoxalmente, sempre fez parte do meu mundo. Mas não propriamente num conviver. Antes o trabalho era mediado pela instituição de saúde, como por exemplo o hospital, que me dava um respaldo que, de certo modo, me davam autoridade e porque não dizer poder.

Esta outra situação era diferente! Tínhamos saído dos muros institucionais concretos e caído na rua, talvez, literalmente na *sarjeta*. Estávamos na comunidade assistindo as famílias. Surgindo aí um outro paradoxo.

Ao mesmo tempo que estávamos lá, atendendo uma demanda conjuntural das próprias famílias, reforçava-se um novo aprendizado: para conseguirmos trabalhar com elas, "era preciso ser aceito por elas". Em outro momento eu já colocara "... no hospital, parece existir o sentimento de que somos donos da situação; já no domicílio, a situação modifica-se", era o instituído sendo relativizado pelo instituinte. E, como tal, trazendo inseguranças, já que não pode ser controlado.

É o triunfo do que Risner³⁰ vem chamando de "a era do paciente"! Sem entrar aqui no mérito do termo paciente, provavelmente esta "era" nunca deixou de existir, mas não queríamos ver, ou ainda, não tínhamos desenvolvido nossa sensibilidade para tal. Lembrando Rezende³¹, talvez quando damos aquelas orientações sobre cuidado em saúde e eles acenam a cabeça concordando com tudo, silenciosamente, não fazendo depois sequer uma das muitas "prescrições" listadas quando saem dali, seja uma autêntica manifestação da supremacia de cada um sobre seu próprio viver, com seus não-ditos. Cada um é dono de sua vida, e "se a instituição se impõe, eu me contraponho", o que nos reporta a Maffesoli³², quando nos fala da resistência silenciosa.

²⁹ ELSÉN, I. Concepts of health and illness and related behaviors among families living in a Brazilian fishing village. San Francisco, University of California, 1984.

³⁰ RISNER, S. J. The era of the patient: using the experience of illness in shaping the mission of the health care. JAMA, 269(8), Feb. 1993, p. 1012.

³¹ REZENDE, Ana Lúcia Magela de. Aulas da disciplina QUOTIDIANO II do Curso de Doutorado em Filosofia de Enfermagem, do Departamento de Enfermagem de UFSC, 1993. (informação verbal).

³² MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

Bem, mas afinal quem são estas personagens, cujas imagens provocaram este repensar no nosso viver, e que mundo é este que estava todo o tempo ali e nunca deixou de existir, mesmo sem ser percebido?

Este mundo se chama Comunidade de Chico Mendes, cujo nome é uma homenagem a um grande defensor da terra, considerado por alguns uma espécie de "cristo tupiniquim", tendo morrido assassinado "pela sua causa"... Um nome que talvez seja um símbolo de que vale a pena viver por aquilo que se quer e se acredita, mesmo que esta vida seja abreviada... Esta comunidade, localiza-se, por sua vez, num bairro denominado de Monte Cristo, por isto, muitas vezes também é chamada de comunidade do Monte Cristo. É aqui que paramos e mergulhamos para passearmos no passado através de nosso imaginário. É aqui que viviam alguns dos nossos protagonistas...

Na época, eram 3000 famílias aproximadamente, em geral, do interior do estado, de origem alemã, italiana e cabocla³³, entre outras mais que ainda possam existir. Imigrantes sem terra que, vindo em busca de melhores condições de vida e, não tendo onde habitar, acabam tomando posse de terrenos baldios. O lixo era parte integrante da paisagem.. As ruas, sem calçamento, não possuíam rede de esgoto, ali ele se caracterizava por ser o que se resolveu, poeticamente, chamar de "a céu aberto", pontuando mais um paradoxo. As habitações eram construídas com pedaços de madeira, caixotes, tendo, muitas vezes 2 m quadrados para 4, 5,... ou mais pessoas!

O desemprego era significativo. Quando o emprego existia, era para o que denominam de ocupação, como servente de pedreiro, faxineiras, vigias noturnos e outros, tentando fazer uma diferenciação hierárquica do que seja uma profissão, mesmo que o dicionário coloque as duas palavras como sinônimas.

Bebês morriam, não só por doenças que podem ser prevenidas, como também por abuso sexual do próprio pai, desestruturando-nos no nosso tradicional pensar ético.

³³ ECKERT, E. R.. HENSE, D. S. S. & PENNA, C. M. M. A família buscando saúde: um estudo sobre o conhecimento e utilização dos recursos existentes em sua comunidade. Projeto de pesquisa. Florianópolis, UFSC / GAPEFAM, nov. 1991 (mimeo.).

co, e nos colocando face a face com o *imoralismo ético*³⁴. Afinal, o pai foi morto na prisão pelos "códigos de honra" e segundo a mãe do bebê que faleceu, já viúva: "era melhor com o marido, pois não passávamos fome!".

A droga, que poderia ser um problema de elite, daqueles que têm poder aquisitivo, transitava por ali, mais popularizada do que os serviços de transporte.. e, às vezes, não havia o que comer! As famílias se arranjavam, criando múltiplas formas de sobreviver e *sobre o viver*..

Este "novo-velho" mundo apresentava-se para mim pleno de imagens que eram inusitadas, conhecidas e desconhecidas, contraditórias e harmônicas. Via-se ali um mundo traduzido pela imagem de um mosaico de ações, pleno de "arranjos do afeto"...Era o mundo das tribos do Monte... Um mundo paradoxal, sem dúvida, mostrando alguma coisa especial deste tempo que vivemos...

Deste modo, o trabalho desenvolvido com este novo olhar na área da saúde familiar mostrou que é fundamental compreender e valorizar a "definição de situação"³⁵, bem como o "significado das coisas", ou seja, símbolos, imaginário, não só dos clientes, mas também do próprio profissional de saúde, já que influenciam a inserção no mundo tanto de um como do outro.

Dentro deste espírito encontrei uma reflexão sobre o imaginário através das discussões no Núcleo de Pesquisa e Estudos do Quotidiano em Saúde (NUPEQS), que estuda o cotidiano na saúde a partir da obra de Michel Maffesoli e de Ana Lúcia Magela de Rezende, sua fundadora.

Continuando a reflexão, deparei-me com um outro paradoxo. Cheguei à conclusão de que *para compreender a realidade deste intrigante mundo era preciso compreender seu imaginário, pois o real de cada um é também seu imaginário, ele é parte integrante de nossa vida*. Neste momento, comecei também a perceber que as

³⁴ Segundo Michel Maffesoli. in: *Aux creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique*. Paris. PLON, 1990, p. 47, " não há um valor (moral, intelectual, religioso) único ao qual cada um deve se curvar mas, ao contrário, um pluralismo de apreciações, uma diversidade de opiniões; assim, importa mais é a dinâmica relacional, comunicacional, do que o aspecto dominante da ideologia" (tradução livre da autora). Assim, " existem atitudes de um 'imoralismo ético', práticas que são 'imorais', do ponto de vista da moral dominante. A Máfia, por exemplo, é imoral em relação à moral circundante, mas tem uma ética.... Algumas vezes a moral universal predomina; outras vezes, proliferam as particularidades, as várias éticas. " In: ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. *Moderno x Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural 1994, p. 28.

nuanças que vivenciava junto às famílias, traduzidas em seus paradoxos, seus “arranjos de afeto”, podiam se ancorar na questão da pós-modernidade, tema debatido no núcleo e muito discutido por Michel Maffesoli.

A Pós-modernidade, caracterizada como um contexto de diversidade, relatividade, e de pluralidade de valores, de acordo com Hartman³⁶, tem sido de interesse em vários campos, pois traz o foco para maiores transformações que tem tomado lugar na cultura contemporânea.

A autora, entretanto, alerta-nos para o fato de que as instituições formadoras de profissionais do cuidado, como algumas escolas de enfermagem, tem incluído o pós-modernismo, particularmente sobre ciência e teoria da enfermagem, todavia no campo da enfermagem junto à família, especificamente, este conceito tem sido negligenciado.

" Se os insights pós-modernos ocorrem com frequência nas ciências sociais e também são utilizados em outros lugares na literatura de enfermagem, sua ausência de estudos de enfermagem sobre famílias pode assinalar um ponto neorrágico ainda obscuro".

Hartmann

Foi assim que resolvi aprofundar um pouco mais sobre a pós-modernidade e o imaginário, pois ele era um eco daqueles significados e símbolos que muito me interessavam.

Nesta trajetória, através de George Mead e outros interacionistas, Michel Maffesoli, Henri Corbin e, Gilbert Durand, principalmente, bem como através de discussões em grupos de pesquisa como GAPEFAM e NUPEQS e, especialmente, nos gru-

³⁵ Definição de Situação, é a representação de uma situação para o ser humano e a família em termos simbólicos, segundo SCHVANEVELDT, J. D. The interactional framework in the study of the family. In: NYE, F. I. e BERARDO, F. M. Emerging conceptual framework in family analyses. New York: Praeger Publishers, 1981, p. 97-129.

³⁶ HARTMAN. S. Preparing modern nurse for postmodern families. Holistic Nursing Practice. v. 9, n. 4 July. p. 1, 1995.

pos do Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien (CEAQ)³⁷, na Universidade René Descartes, Sorbonne, em Paris, dos quais participei durante o desenvolvimento do "doutorado-sandwich", sob orientação do Prof. Michel Maffesoli, foi que a imagem começou a chamar minha atenção, já que as imagens das famílias com as quais trabalhara ainda me acompanhavam, povoando meu imaginário, mesmo estando eu em outro continente.

Retornando ao Brasil, no final de 1995, trouxe na bagagem o projeto para qualificação da tese alinhavado, propondo a busca do mundo imaginal familiar, que reforçava ainda mais a posição de dar voz às famílias nas suas questões de viver e ser saudável.

Ao encontrar com minha então orientadora de tese, naquela ocasião, esta referiu que o grupo de pesquisa vinha diminuindo suas ações no Monte Cristo e desenvolvendo outras atividades, inclusive através dos projetos que seus membros, principalmente os doutorandos, quisessem realizar. Foi assim que coloquei no papel uma proposta, com certeza um sonho, que já vinha cultivando já há algum tempo. O plano era fazer um esboço inicial, mas as idéias já estavam tão estruturadas interiormente que a proposta foi derramada praticamente por inteiro no papel: justificativa, objetivos, finalidade, o marco que poderia ser adotado, metodologia,... Espantando ao grupo e a mim mesma, quando o levei para discutirmos. Assim nascia o *Projeto Ninho*³⁸.

Ali coloquei, enquanto projeto de extensão, minhas crenças e valores "fermentados" e "incubados" durante vários anos de atividades junto às famílias como: o trabalhar com famílias demanda uma atuação interdisciplinar, visando o transdisciplinar; as famílias têm necessidade de espaços alternativos onde possam buscar subsídios para melhorar seu processo de viver, onde sejam vistas ao mesmo tempo na sua unicidade e na sua dimensão que vai além das disciplinas, sendo elas próprias, simultaneamente, uma disciplina também; este espaço alternativo deve integrar ensino, pesquisa e extensão. Ensino, pois todos estariam aprendendo com todos, profes-

³⁷ Os grupos do CEAQ (Centre d'Étude sur l'Actuel et le Quotidien - SORBONNE-Paris V), aos quais me refiro aqui são: GEMMI (Groupe d'Études sur le Mythe et le Monde Imaginal); GRETECH (Groupe de Recherche sur la Technique et le Quotidien); GRACE (Groupe de Recherche sur l'Antropologie, du Corps et ses Enjeux); GREDIN (Groupe de Recherche sur l'Effervescence et la Dynamique des Identifications Nouvelles) e SFB (Seminaire Franco-Brésilien).

³⁸ NITSCHKE, Rosane. G. (coord.). Projeto Ninho: criando um espaço para assistir transdisciplinarmente a família. Florianópolis. 1996. UFSC. (mimeo).

sores, estudantes e famílias, visto que, em outras experiências as famílias muito já tinham nos ensinado.

Sentia que o projeto trazia uma metodologia que mexia com aqueles caminhos bem delimitados que costumam dar segurança e domínio ao profissional. A proposta implicava em construir o caminho em conjunto, a partir da própria interação entre os participantes do grupo. Assim, poderia surgir mais de um modo de trabalhar, sempre a partir do compartilhar significados dos temas emergentes, seguindo-se a linha do Interacionismo Simbólico.

Durante o primeiro ano de implementação do Projeto Ninho, em 1996, trabalhou-se com a parceria fundamental do GAPEFAM, aceitando inclusive a proposta de sua coordenadora de desenvolvê-lo num núcleo de desenvolvimento infantil na Lagoa, atendendo a uma solicitação da própria comunidade.

As imagens deste período vieram reforçar a necessidade e a importância de se compreender o mundo imaginal daquele grupo, impulsionando-me ainda mais a nele mergulhar, pois permitiria captar seus significados de viver e ser saudável, aproximando-se também da qualidade de vida por eles próprios definida.

No segundo ano do *Projeto Ninho*, em 1997, pude realizar a proposta de integrar a pesquisa ao ensino e à extensão, enquanto prática de um cuidado, ao trabalhar com duas bolsistas³⁹ junto às famílias, desenvolvendo também a pesquisa que aqui apresento para responder a questão "*Qual é o mundo imaginal das famílias que ancora sua imagem de ser família saudável nestes tempos pós-modernos?*".

"Vivemos numa *sociedade da imagem*", alertava-nos Maffesoli⁴⁰; "esta é a marca da pós-modernidade"! Sendo assim, nesta viagem, nosso roteiro propõe fazermos um mergulho na pós-modernidade inicialmente, chegando no cotidiano. A seguir, neste contexto, encontraremos com as famílias e a nuance de família saudável...descobrimo, então, um mundo imaginal...

³⁹ Destaco aqui as bolsistas, Juliana Balbinott Reis e Simone dos Santos, acadêmicas de enfermagem, colaboradoras importantes na produção dos dados que aqui apresento.

⁴⁰ ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. *Moderno x Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural 1994, p. 81.

III – A BAGAGEM...

Um mergulho na pós-modernidade...o emergir do cotidiano

" O novo contém o antigo incluindo-o numa nova perspectiva. "

Maria Cecília Minayo

A Pós-modernidade tem sido foco de inúmeros e férteis debates, sendo destacada por diversos estudiosos como Lyotard⁴¹, Vatimo⁴², Coelho⁴³, Maffesoli⁴⁴, Santos⁴⁵, entre outros, trazendo consigo algumas controvérsias. Há autores que a negam em sua essência, outros que preferem não utilizar o termo, mas criam outra nomenclatura para falar de determinados traços deste *outro tempo* ou destes *outros tempos* que estamos vivendo.

Patrick Watier⁴⁶ e André Akoun⁴⁷ são alguns autores que tratam desta questão ao analisarem a obra de Anthony Giddens. Segundo Watier, ele rejeita a expressão de pós-modernidade, preferindo o termo *modernidade avançada* ou ainda *alta modernidade*, distinguindo-a da *modernidade inacabada* de Habermas, e trazendo ainda a *segunda modernidade* ou *modernidade reflexiva* que corresponderia ao momento no qual a modernidade volta seu olhar sobre si mesmo e se toma como objeto.

⁴¹ LYOTARD, J. F. La condition postmoderne. Paris: Les Editions de Minuit. 1979. 109 p.

⁴² VATIMO, G. La fin de la modernité: nihilismo et herméneutique dans la culture post-moderne. Paris, Éditions du Seuil. 1985. 187 p.

⁴³ COELHO, T. Moderno pós-moderno. 2 ed. Porto Alegre. L & PM Editores. 1986. 175 p.

⁴⁴ ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. Moderno x Pós-Moderno. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural 1994, p. 21.

⁴⁵ SANTOS, B. S. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995. p. 77.

⁴⁶ WATIER, P. Réflexivité institutionnelle, modes de vie et modernité. Sociétés: revue des sciences humaines et sociales. Dunod Ed. Paris - Montrouge Cedex. n. 48. p. 133 - 145. 1995.

⁴⁷ AKOUN, A. Modernité et pós-modernité. Sociétés: revue des sciences humaines et sociales. Dunod Ed. Paris - Montrouge Cedex. n. 48. p. 147 - 149. 1995.

Tanto Santos⁴⁸ como Maffesoli aceitam a palavra pós-modernidade, na falta de nome melhor para esta situação. Para o primeiro, "é um nome autêntico na sua inadequação", enquanto que, para Maffesoli⁴⁹, o termo pós-modernidade "é provisório e não deve ser usado como um encantamento; pós-moderno significa apenas aquilo que está após a cultura moderna".

Entretanto, Watier⁵⁰ destaca, com propriedade, que o importante está no conteúdo, nos elementos de compreensão e de descrição deste período atual que aí está, de tal modo que nos permita apreender alguma coisa sobre as experiências e interações sociais dos indivíduos, a relação com as instituições, bem como com as significações imaginárias que estas produzem, podendo inclusive guiá-los. De qualquer modo, está claro que está se passando para outros modos de organização social, mesmo que em algumas situações estas se encontrem apenas esboçadas.

Concordando com este posicionamento é que trago a pós-modernidade, eleita neste trabalho não só como pano de fundo, como contexto onde iremos encontrar as famílias, mas também enquanto expressão de todo um movimento que se vivencia ao longo de nossa história. Todavia antes de falar sobre pós-modernidade, torna-se pertinente trazer também alguns aspectos da modernidade e mesmo sobre a pré-modernidade.

Nas sociedades pré-modernas quatro contextos localizados tinham tendência a predominar, segundo Akoun⁵¹: o *sistema de parentesco* cujas ligações asseguravam a estruturação de ações dentro de certos domínios espaço-temporais; a *comunidade local*, cuja extensão espacial assegurava a solidez no tempo; a *religião*, que é mais do que um título, mas um instrumento da confiança; enfim, a *tradição* que organiza uma rotina intrinsecamente significativa. Estes quatro contextos, por sua vez, definiam uma estrutura espaço-temporal e um espaço de sociabilidade particular.

⁴⁸ SANTOS, B. S. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995. p. 77.

⁴⁹ ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. Moderno x Pós-Moderno. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural 1994, p. 21.

⁵⁰ WATIER, P. Réflexivité institutionnelle, modes de vie et modernité. Sociétés: revue des sciences humaines et sociales. Dunod Ed. Paris - Montrouge Cedex. n. 48. p. 133 - 145. 1995.

⁵¹ AKOUN, A. Modernité et pós-modernité. Sociétés: revue des sciences humaines et sociales. Dunod Ed. Paris - Montrouge Cedex. n. 48. p. 147 - 149. 1995.

Com a modernidade, a primazia do laço é, em grande parte, destruída pela "deslocalização" e o distanciamento espaço-temporal. Tomando-se a multidimensionalidade dinâmica, proposta por Giddens, para sair da unidimensionalidade, Akoun⁵² refere que podemos olhar a modernidade distinguindo-se quatro "*nódulos organizacionais*", cada um com sua lógica própria, seus conflitos e suas tensões: *o capitalismo*; *o industrialismo*; *a vigilância*, ou seja, o controle administrativo de informação e de populações, e enfim *o militarismo* que, do fato da industrialização da guerra, trouxe a monopolização da violência e da destruição pelo Estado. A esses quatro nódulos, acrescenta-se o processo de globalização da modernidade que tende a estender suas estruturas institucionais ao universo.

Ampliando o modelo moderno, para uma tendência pós-moderna, esboçada pela heterogeneidade, flexibilidade, pluralidade, Lyotard⁵³ distingue uma condição moderna de outra pós-moderna. Na condição moderna, a fragmentação e a heterogeneidade das sociedades contemporâneas fazem com que suas práticas não possam mais ser legitimadas por metanarrativas abrangentes, pretendendo totalizar o conjunto da experiência humana. O pós-moderno então é pensado como "incredulidade em relação às metanarrativas", produz-se enquanto uma crise que atinge os discursos e as expressões artísticas e culturais que se pretendem universais, unificadoras do conjunto da experiência de uma humanidade em geral.

A Pós-modernidade, assim, é apresentada como um contexto de diversidade, relatividade e de pluralidade de valores⁵⁴.

Num artigo sobre arte, segundo Vaistman⁵⁵, Dilnot expõe o pós-moderno como um processo de interligação de fronteiras entre tipos de práticas que convencionalmente são considerados como inteiramente diferentes. Também neste sentido de convivência de coisas percebidas como diferentes, o pós-moderno é considerado como um dominante cultural: uma concepção que permite a presença e a coexistência de um espectro de características muito diferentes, ainda que interdependentes. Assim,

⁵² AKOUN, A. Modernité et pós-modernité. Sociétés: revue des sciences humaines et sociales. Dunod Ed. Paris - Montrouge Cedex. n. 48. p. 147 - 149. 1995.

⁵³ LYOTARD, J. F. La condition postmoderne. Paris: Les Editions de Minuit. 1979. 109 p.

⁵⁴ HARTMAN, S. Preparing modern nurse for postmodern families. Holistic Nursing Practice. vol. 9, n. 4 July 1995. p. 1

⁵⁵ VAISTMAN, Jeni. Flexíveis e plurais: casamento e família em circunstâncias pós-modernas, Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 203 p.

inexistência de um padrão dominante, não importa a que campo social se esteja referindo, é um primeiro traço que nos remete às tendências pós-modernas.

A tecnologia tem encolhido o mundo físico, expandido e feito complexa a experiência cultural e social mundiais do indivíduo. Os indivíduos estão pessoalmente conectados com significativamente mais gente e variadas formas de vida esticam-se sobre o largo espaço geográfico. Nesta multiplicidade de relações, oferece-se uma excitante, mas assustadora mistura de visões, crenças e realidades mundiais.⁵⁶

"Ligar o rádio, assistir um filme, abrir um jornal, receber um fax, corresponder-se pelo E-mail, ou assistir um jornal às altas horas da noite é tornar-se imerso no "outro"⁵⁷. Nós entendemos as opiniões, valores, medos, dúvidas, necessidades, aspirações e personalidades de estrelas de cinemas, sobreviventes de campos de concentração, atletas campeões, africanos vítimas a fome, vencedores do Prêmio Nobel, ativistas da AIDS, autores feministas... Escutamos, empatizamos, e absorvemos: ganhamos o potencial para entender opiniões, apreciando as possibilidades e experienciando os sentimentos de milhares de pessoas, cuja existência, raramente poderíamos imaginar. Em efeito, tornamo-nos habitados por outros, e adquirimos uma infinidade de fragmentários e freqüentemente competitivos selfs."⁵⁸

É a tecnosocialidade da qual Maffesoli nos fala. Para ele, pode-se pensar num primeiro momento que a técnica é alguma coisa que tende ao isolamento, mas vê-se um processo inverso, atuando como um laço social, manifestando um "religare; uma re-aliança."⁵⁹

Na pós-modernidade o rigor fracassa. As regras não cessam de se multiplicar. Mas cada grupo pode estabelecer o seu contrato. Fundam-se éticas do instante. Entre a ortodoxia do *dever-ser* moderno e o *supermercado ético* pós-moderno, como refere Silva⁶⁰, a distância é quilométrica. Ou seja, convivemos com diferentes éticas, pois cada grupo vai desenvolvendo a sua.

⁵⁶ HARTMAN, S. Preparing modern nurse for postmodern families. *Holistic Nursing Practice*. vol. 9, n. 4 July 1995. p. 1 - 10.

⁵⁷ HARTMAN, S. Preparing modern nurse for postmodern families. *Holistic Nursing Practice*. vol. 9, n. 4 July 1995. p. 1 - 10.

⁵⁸ GERGEN, K. J, apud op. cit.

⁵⁹ MAFFESOLI, Michel. A tecnosocialidade como fator de laço social. Palestra no Curso de Pós-Graduação em Jornalismo da PUC- Porto Alegre -RS. em 16 de outubro de 1996.

⁶⁰ SILVA, Juremir Machado da. Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasuleira. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 24-27; 246

Conforme Maffesoli⁶¹, existe indícios de que os grandes valores da modernidade chegaram a sua saturação, sendo que um deles está no fato de que na vida cotidiana "não há mais aquela crença-exacerbada no futuro". Assim, para este autor, junto com o "simbolismo" (e com a importância do "mundo imaginal"), o "interesse no presente" é o outro elemento mais importante da pós-modernidade⁶². Vive-se, deste modo, o que se pode chamar de *presenteísmo*.

" CANÇÃO DO DIA DE SEMPRE
 X) Tão bom viver dia a dia...
) A vida, assim, jamais cansa... "

*Márie Quintana*⁶³

Vaistman⁶⁴ vem reforçar esta idéia colocando que o *aqui e agora* adquire especial relevo, devido ao ritmo de mudanças. Poderíamos dizer que o espírito vivido neste tempo pode ser ilustrado pelo trecho da letra da música de Gilberto Gil: "*o melhor lugar do mundo é aqui e agora...* "

A pós-modernidade tem reforçado, cada vez mais, um trabalho interdisciplinar, devido à conjunção que lhe é peculiar. Pode-se talvez ousar dizer que pressupõe um trabalho transdisciplinar, dentro da visão trazida por Patrício⁶⁵, isto é, algo que vai além das disciplinas, sem desprezá-las ao mesmo tempo. Ao contrário, integrando-as e transcendendo-as.

Esta situação também tem feito surgir o *profissional híbrido*, que vemos dia após dia no momento em que perspectivas holísticas se afirmam. Quando lanço esta idéia, quero referir-me a estes profissionais que, não contentando-se com sua formação de base, pois não lhes oferece possibilidades de responder a este mundo de conjunção, buscam outras disciplinas tentando contemplar pelo menos um pouco mais da complexidade na qual está inserido. Deste modo, ilustrando, vemos engenheiros que

⁶¹ ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. Moderno x Pós-Moderno. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural 1994, p. 21.

⁶² MAFFESOLI, M. Aux creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique. Paris, Plon, 1990, p. 55.

⁶³ QUINTANA, M. Prosa e verso. 6 ed. São Paulo: Globo. 1989. p. 33.

⁶⁴ VAISTMAN, Jeni. Flexíveis e plurais: casamento e família em circunstâncias pós-modernas, Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 203 p.

complementam sua formação com estudos de psicologia; administradores que mergulham na filosofia; médicos e enfermeiros que se voltam para a sociologia e antropologia. Ou seja, o profissional não abandona sua formação de base, mas vai, sucessivamente, integrando outros elementos, no seu conhecimento e prática, característicos de outras profissões. Tem-se, assim, uma situação que poderia ser ilustrada por Vaistman, ao trazer Marx e Engels:

" Para não perder o sentido da história nem o da possibilidade de distintas formas de emancipação, estes desenvolvimentos recentes, por pós-modernos que sejam, evocam duas utopias: a primeira, calcadas na visão modernista do paraíso, alcançado com o fim da divisão social do trabalho, quando ninguém mais se dedicará a uma só atividade e poderá plenamente diversificar suas atividades - 'caçar pela manhã, pescar à tarde, pastorear ao anoitecer, criticar após o jantar, conforme minha vontade, mas jamais me tornar caçador, pescador, pastor ou crítico'... "

Vaistman⁶⁶

Pode-se perceber a saturação dos valores da modernidade, mas não se sabe o que está para vir a tomar seu lugar. Conforme Maffesoli⁶⁷, "estamos numa época provisória: notamos o que não é mais, mas não conhecemos o que está por vir." Entretanto, para apreendermos este momento é preciso saber buscar no substrato sensível os dados sociais. A ciência, assim, se faz neste momento numa aceitação e convivência de uma pluralidade de métodos.

É possível perceber que a pós-modernidade não representa uma ruptura com a modernidade, ou mesmo com a pré-modernidade. Ela integra. Talvez seja por isto que os estudiosos ao defender uma ou outra, acabam por mesclá-las, definindo uma a partir da outra e muitas vezes, conceituando-as do mesmo modo. Na verdade, este movimento que vivenciamos, não ocorreu de um momento para o outro, ele vem processualmente acontecendo há muito tempo. Tempo este que é cíclico, ou seja, lembrando a espiral, como refere Maffesoli⁶⁸, a história se faz em ciclos, "há um retorno

⁶⁵ PATRÍCIO, Zuleica Maria. A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. Florianópolis: UFSC, 1995, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

⁶⁶ VAISTMAN, Jeni. Flexíveis e plurais: casamento e família em circunstâncias pós-modernas, Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 191.

⁶⁷ ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. Moderno x Pós-Moderno. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural 1994, p. 22

⁶⁸ ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. op cit. p. 20.

que, no entanto integra mudanças, os desenvolvimentos, as novidades, ou seja, um retorno com "algo mais",... há qualquer coisa já vista, já conhecida. "

Akoun⁶⁹ coloca que "não podemos resumir a modernidade,... ". Assim como não podemos resumir a pós-modernidade. Sem dúvida, é preciso relativizar.

Segundo Maffesoli⁷⁰, o "gênero pós-moderno congrega elementos de vários estilos, com nuances particulares, de acordo com a cor local de diversos países. Sua hipótese é de que há países, como por exemplo o Brasil, que podem ter saltado sobre a modernidade. Deste modo, refere-se à carta de Marx à Vera Zassoulitch, onde ele considera favoravelmente a possibilidade de um país saltar etapas.

Conforme Maffesoli, algumas linhas da pós-modernidade são perfeitamente discerníveis no Brasil, tais como: o *eclétismo* (o pós-modernismo é plural, não é unidimensional); a *integração da natureza na cultura* e vice-versa; o *patchwork*, isto é, a construção de alguma coisa nova a partir de elementos diversos; a predominância da *ética da estética*, entendendo-se estética em sentido de percepção, sensação, emoção, etc. Para ele, o Brasil pode ser considerado o "laboratório da Pós-modernidade" em situação de avanço, se o compararmos com a velha Europa.

É deste modo que começamos a não nos surpreender com a colocação de que nosso país, mesmo com suas estatísticas chocantes de miserabilidade, vive a Pós-modernidade.

Silva⁷¹ também provoca inicialmente: "seria mesmo legítimo referir-se à pós-modernidade no Terceiro Mundo? ", para posteriormente argumentar: "a população primeiro-mundista foi arrastada para a intimidade com a terceiro-mundista, ainda que escandalosos graus de desigualdade persistam. Assim, o Brasil insere-se no desigual e articulado universo da internacionalização pós-moderna. "

Barreto⁷² reforça esta posição quando se refere à imagem da sociedade brasileira sendo "constituída de pluralismos, de contradições onde coabitam o arcaico e o moderno, a miséria absoluta e a opulência ostensiva. Não se trata de uma sociedade

⁶⁹ AKOUN, A. Modernité et pós-modernité. Sociétés: revue des sciences humaines et sociales. Dunod Ed. Paris - Montrouge Cedex. n. 48. p. 147 - 149. 1995.

⁷⁰ ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. Moderno x Pós-Moderno. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural 1994, p. 81.

⁷¹ SILVA, Juremir Machado da. Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasuleira. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 24-27; 246

⁷² BARRETO, A. Família, loucura e cultura. Revista Família (Centro de Estudos da Família), Fortaleza, ano 2, n. 1. p. 61-70. 1987.

harmônica nem homogênea. Se pudermos falar em totalidade, trata-se muito mais de uma totalidade conflitual feita de confrontos e afrontamentos. "

Retomando-se a questão da globalização, que já vem surgindo desde a modernidade, segundo Silva⁷³, ela agora significa mais a interdependência. "No campo da cultura, atrelado ao econômico, mas com suficiente margem de autonomia, tudo se interliga e se influencia, o que não quer dizer necessariamente homogeneização. Ao contrário, o local conserva-se, a diferença convive, o particular articula-se ao universal. Mesmo dentro de uma região, a diversidade é regra. A internacionalização do cotidiano não impede o florescimento da particularidade. " A realidade é outra: o microscópico relativizou o macroscópico

Para Maffesoli⁷⁴, com a saturação da modernidade, "*o doméstico ou cotidiano*" ressurgem...

O "minúsculo" **quotidiano**, segundo Maffesoli, é importante para apreender o que chama de socialidade que, por sua vez, é a potência social que tenta se exprimir. A **socialidade** reside num misto de sentimentos, paixão, imagens, diferenças que incitam a relativizar as certezas estabelecidas e a uma multiplicidade de experiências coletivas.

Na **vida quotidiana**, "a **socialidade** age por meio de figuras, às vezes típicas, e às vezes, movediças, que permitem a cada um atualizar todas as potencialidades. É por meio do coletivo que cada um envolve e esse tal envolver, por sua vez, irriga o bem estar comum"⁷⁵

O **viver cotidiano**, pode ser **compreendido**, segundo Maffesoli, pela **aceitação da vida**, a **duplicidade**, o **silêncio** e a **astúcia** como formas de existência, além da **solidariedade orgânica**.

A **aceitação da vida** ou do destino é um aspecto da vitalidade que anima a sociedade. A aceitação da vida só é possível porque o tempo da vida cotidiana é cíclico. Neste não existe fim absoluto a ser perseguido, mas a busca de formas de se en-

⁷³ SILVA, Juremir Machado da. Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasileira. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 24-27; 246

⁷⁴ ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. Moderno x Pós-Moderno. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural 1994, p. 21.

⁷⁵ MAFFESOLI, Michel. A superação do indivíduo. Revista da Faculdade de Educação, 12 (1/2): 325-353, 1986.

frentar a precariedade e a permanência de um mundo que se mostra em toda sua ambivalência.

Nesta aceitação está a "*passividade fecunda*" que se traduz por pequenos desvios da vida cotidiana - "*jeitinhos*" - que sem ruído tentam driblar os valores e normas impostas. A aceitação do destino está ancorada profundamente na consciência da morte, do limite; sendo assim, o que conta é o presente, o instante fugaz.

A **duplicidade**, a **máscara** e o **jogo duplo**, por sua vez, são meios de proteção contra todas as formas de absolutização na medida que permitem não a "contestação"; mas a **contornação** dos valores que se mostram incômodos⁷⁶. A **máscara** é parte integrante do indivíduo e não um elemento que lhe é sobreposto.

Todas as relações sociais são atravessadas de ponta a ponta por essa duplicidade protetora que combina, de um modo consciente ou quase inconsciente, a necessidade e os espaços de liberdade que permite.

Tanto a **duplicidade**, como o **jogo duplo** e a **máscara**, se expressam na mesma teatralidade e valem-se da **astúcia** e do **silêncio**, tornando possíveis a resistência e a permanência da socialidade. Conforme Maffesoli⁷⁷, portanto, a astúcia e o silêncio, organicamente ligados à vida, são meios de **existência** e de **resistência**, abrindo brechas no espaço social dominado pelos poderes constituídos, permitindo a manutenção da identidade e do reconhecimento.

A **solidariedade orgânica**, que se enfatiza nesta contemporaneidade, é vista por Maffesoli⁷⁸ inversamente àquela descrita por Durkheim. A solidariedade orgânica, para Maffesoli, calca-se em laços sociais afetivos e na ambigüidade básica da estruturação simbólica, garantindo a "coesão" do grupo, a partilha sentimental de valores, de lugares, de idéias, enquanto a **solidariedade mecânica**, seria da ordem do instituído.

Devido a existência da solidariedade orgânica é que a duplicidade, o jogo duplo, a máscara, a astúcia e o silêncio podem ser usados como forma de resistência,

⁷⁶ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. e MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano. Lisboa, Vega. s/d. p. 173.

⁷⁷ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984

⁷⁸ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. e MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano. Lisboa, Vega. s/d. p. 173.

como aceitação de um destino vivido e afrontado coletivamente pelo grupo, pela tribo⁷⁹.

A acentuação no doméstico na pós-modernidade relaciona-se com o que "é próprio do *domus*, isto é, o que está mais próximo: a casa, o solo, os animais as pessoas, a flora, enfim todo este conjunto. Temos agora a lógica do doméstico, quer dizer, recentramento no mais próximo, trazendo a idéia de '*proxemia*', ou seja, a ênfase na relação com o meio ambiente, e com o outro social".

Silva⁸⁰ enriquece nossa discussão quando coloca que a pós-modernidade é a supremacia da socialidade, a solidariedade de base, sobre a sociabilidade, a solidariedade mecânica, reportando-nos ao sentido maffesoliano do termo⁸¹. Deste modo, para Silva⁸², no caso da passagem do moderno ao pós-moderno, percebe-se como a diferença entre sociabilidade e socialidade, que " não é o sistema econômico que muda radicalmente, mas a maneira de os indivíduos e grupos sociais relacionarem-se com ele".

Abrigam-se em nosso país, segundo Silva⁸³, a pré-modernidade, a modernidade e a pós-modernidade. Nosso país vivencia o sincretismo, a conjugação dos opostos, o casamento dos inconciliáveis à primeira vista. Tudo isto mostrando-se no tráfico de influências, na miséria, no analfabetismo, na violência selvagem e na indiferença, enfim nos aspectos relacionais da sociedade, onde "as amizades, as ligações grupais e as éticas locais valem mais do que as normas universais e a lei".

Sem dúvida, " estamos dentro de um outro tipo de espaço simbólico diferente daquele das sociedades tradicionais e com outro tipo de sujeito social", parafraseando Akoun.

⁷⁹ TEIXEIRA, M.C.S. Antropologia, cotidiano e educação. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

⁸⁰ SILVA, Juremir Machado da. Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasuleira. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 24-27; 246

⁸¹ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. e MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano. Lisboa, Vega. s/d. p. 173.

⁸² SILVA, Juremir Machado da. Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasuleira. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 24-27; 246

⁸³ SILVA, Juremir Machado da. Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasuleira. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 24-27; 246

A complexidade singular de ser família

Se a pós-modernidade nos traz um outro tipo de sujeito social, como iremos encontrar a família nesta viagem por estes tempos? Mas antes deste encontro, vamos resgatar aqueles aspectos trazidos por outros autores que poderão auxiliar para melhor compreender estas famílias que aí estão, bem como o seu ser saudável.

Falar em *família* é mergulhar em águas de diferentes e variados significados para as pessoas, dependendo do local onde vivem, de sua cultura e, também, de sua orientação religiosa e filosófica, entre outros aspectos. A família tem sido apresentada, representada e rerepresentada, sob diferentes definições, noções, conceitos, tipos e mesmo atribuições, podendo ainda ser vista segundo diferentes linhas teóricas distintas.

É sempre pertinente resgatar Delaney⁸⁴ que traz uma grande contribuição para os trabalhos com famílias quando destaca que, ao se trabalhar com família, deve-se **defini-la rigorosamente**⁸⁵, sendo que, para formular esta definição, deve-se considerar alguns fatores como os **legais**, os **biológicos**, os **sociais** e os **psicológicos**. **Legalmente**, um consenso permitido é limitado para aqueles vínculos caracterizados por laços de sangue, adoção, tutela ou casamento. **Biologicamente**, considera-se a rede familiar biológica e a família de procriação. **Sociologicamente**, a família pode incluir qualquer grupo de pessoas que vivam juntas. Neste caso, a família pode ser um pai, duas crianças e um inquilino ou, ainda, ser formada por várias pessoas que vivam em uma mesma residência como um convento ou uma pensão. **Psicologicamente**, a família inclui qualquer grupo com laços emocionais muito fortes que se considere uma família.

Dando sua própria definição, com a qual muito me aproximo, Delaney coloca a família como "um sistema dinâmico de duas ou mais pessoas que se consideram

⁸⁴ DELANEY, L. Assessment: data collection of the family client. In: GRIFFITH-KENNEY, J.W. e CRISTENSEN, P.J. Nursing process: application of theories, frameworks and models. St. Louis: C.V. Mosby, 1986. p.87-99.

⁸⁵ Faço este grifo, sobre o definir rigorosamente, no sentido provocativo da discussão sobre noção, definição e conceito. Mais adiante, tocarei neste ponto, tanto ao tratar dos aspectos metodológicos, como ao discutir a imagem do que é família.

uma família, as quais dividem uma história, objetivos comuns, obrigações, laços afetivos, e um alto grau de intimidade". E mais, a família seria dois ou mais indivíduos, cada um com suas qualidades singulares que, interagindo, formam um todo que é diferente e maior do que a soma de seus membros.

Prado⁸⁶ provoca referindo que todos sabem o que é uma família, visto que todas as pessoas são parte integrante de alguma família. A autora chega a considerar a família como uma entidade "óbvia para todos". Contudo, ela também afirma que é difícil para qualquer pessoa definir a palavra família. Por sua vez, Manciaux⁸⁷ defende que a família propriamente dita não se define, ela existe e vive por si mesma. Ou seja, é a experiência, o vivido que vai dando os contornos ao que é família.

A família também pode ser analisada segundo pontos de vista de diferentes linhas teóricas. Assim, conforme Hill e Hansen⁸⁸ dentro da **linha estrutural funcionalista**, a família é vista como um sistema social dentro dos muitos componentes da sociedade e é estudada sob prisma de como funciona nesta sociedade. Internamente, a família, por sua vez, é composta de indivíduos que são vistos através de seus conjuntos de papéis e posições que são significativos para suas funções na manutenção do sistema familiar e, em última análise, na sustentação do sistema social. Deste modo, a família é vista mais como um elemento adaptativo passivo do sistema do que um agente dinâmico e de mudança.

O **enfoque institucional**, muito compatível com o estrutural funcionalismo, de acordo com Hill e Hansen⁸⁹, está estreitamente relacionada com trabalhos das linhas histórica, descritiva e transcultural. Nesta perspectiva, a família é enfatizada como uma unidade social na qual os valores culturais e individuais são o centro de interesse. Os membros institucionais são elementos ativos na sociedade, mas a continuidade desta é assegurada, pois os valores individuais e o aprendizado das necessidades são transmitidas de uma geração para outra dentro do sistema familiar que, por sua vez,

⁸⁶ PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1985. 95p.

⁸⁷ MANCIAUX, M. A saúde da família. A saúde do mundo: A Revista de Organização Mundial da Saúde, Genebra, p. 4-9, ago./set. 1975.

⁸⁸ HILL, R. e HANSEN, D. The identification of conceptual frameworks utilized in family study. *Marriage and Family Living*. v. 22, p. 299-316, nov 1960.

⁸⁹ HILL, R. e HANSEN, D. The identification of conceptual frameworks utilized in family study. *Marriage and Family Living*. v. 22, p. 299-316, nov 1960.

existe num meio cultural. Nye e Berardo⁹⁰ destacam que uma das grandes limitações deste olhar repousa no fato de que ignora as relações dentro de famílias específicas, bem como o comportamento individual dos membros da família, enfatizando mais a família como instituição do que os processos internos de determinados grupos familiares.

A perspectiva **desenvolvimentista**, conforme Hill e Hansen⁹¹, preconiza a existência de uma história natural previsível e de um ciclo familiar composto por vários estágios, sendo que cada estágio tem características próprias nas quais tarefas ou funções são desempenhadas por seus membros ou pela família como um todo. Assim como a linha interacionista, a linha desenvolvimentista também vê a família como uma arena de personalidades interagindo, organizada internamente dentro de posições. Além disto, estabelecem como os comportamentos dos papéis podem se modificar com as mudanças de idade dos ocupantes das posições. Duvall⁹² trouxe-nos a proposta de que a família durante seu ciclo vital, passa por oito estágios, seguindo a idade do filho mais velho, sendo que em cada um destes estágios, tarefas específicas são atribuídas aos membros da família. Rowe⁹³ faz críticas pertinentes à proposta de Duvall, em função da existência dos outros membros da família. Outra questão que surge é a de que esta perspectiva não inclui aqueles casais sem filhos que, sendo

⁹⁰ NYE, F.I. e BERARDO, F.M. Emerging conceptual frameworks in family analysis. New York: Praeger, 1981. 332p.

⁹¹ HILL, R. e HANSEN, D. The identification of conceptual frameworks utilized in family study. *Marriage and Family Living*. v. 22, p. 299-316, nov 1960.

⁹² DUVALL, E.M. Family development. Philadelphia: Lippincott Company, 1957. In: NYE, F.I. e BERARDO, F.M. (ed.). Emerging conceptual frameworks in family analyses. New York: Praeger Publisher, 1981.p. 208;

MURPHY, M.N. e BRECHENRIOGE, M.E. Crecimiento y desarrollo del niño. 8. ed. Mexico: Interamericana, 1973. p. 30;

DELANEY, L. Assessment: data collection of the family client. In: GRIFFITH-KENNEY, J.W. e CRISTENSEN, P.J. Nursing process: application of theories, frameworks and models. St. Louis: C.V. Mosby, 1986. p. 90;

LEONARD, B. Crecimiento e desenvolvimento das famílias. In: ATKINSON, L.D. e MURRAY, M.E. Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989. p. 205;

BOEHS, Astrid Eggert. Prática do cuidado ao recém-nascido e sua família, baseado na teoria transcultural de Leininger e na teoria de desenvolvimento da família. Florianópolis: UFSC, 1990. 188p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1990. p. 13.

⁹³ ROWE, G.P. The developmental conceptual framework to the study of the family. In: NYE, F.I. e BERARDO, F.M. Emerging conceptual frameworks in family analysis. New York: Praeger, 1981. 332p. p.198-222.

cada vez mais numerosos, obviamente, também têm uma história, mesmo não tendo filhos.

Outra forma de olhar a família, é a **sistêmica**, na qual, segundo Mercer⁹⁴, a família é um sistema maior e diferente do que a soma de suas partes. Este sistema é composto por uma série de elementos em interação. O sistema familiar muda constantemente em resposta aos estresses e tensões tanto dentro como fora do seu meio, assim qualquer mudança em uma parte do sistema familiar pode afetar todo o sistema. Rogers⁹⁵ colocou a família como um irreduzível campo de energia, diferente de suas partes, as quais estão em constante mudança. Sendo o sistema familiar organizado como um "todo", diferente e maior do que a soma de suas partes, os indivíduos dentro da família são vistos como partes interdependentes deste sistema. Assim, as características familiares não podem ser previstas a partir do conhecimento de cada membro da família.

Na perspectiva da **teoria da troca social**, a família é o grupo social onde as transações de custo/recompensa/lucro realizam-se dentro de um processo de troca com reciprocidade generalizada; as pessoas evitam comportamentos com alto custo e procuram situações recompensadoras e relações que aumentem seus ganhos/lucros⁹⁶. Gelles e Cornell⁹⁷ defendem que a teoria da troca fornece a perspectiva que melhor integra os elementos-chave de diversas teorias que explicam a violência humana e pode também esclarecer e responder uma série de questões relacionadas à violência na família.

A família, na perspectiva do **conflito**, conforme Sprey⁹⁸, é vista como uma arena de interesses conflitantes. O processo de família é um continuado esforço para fazer a paz que pode resultar em uma ordem negociada, um estado de interesses que permanece aberto a contínua renegociação. Assim como os outros grupos sociais, a

⁹⁴ MERCER, Ramona T. Theoretical perspectives on the family. In: GILLIS, Catherine L.; HIGHLEY, Betty L.; ROBERTS, Brenda M.; MARTINSON, Ida M.. Toward a science of family nursing. California: Addison-Wesley, 1989. 501p. p.9-36.

⁹⁵ ROGERS, M.E. Science of unitary humans beings. A paradigm for nursing. New York: Wiley, 1983. In: GILLIS, C.L. et al. Toward a science of family nursing. California: Addison-Wesley, 1984. p.204.

⁹⁶ NYE, F.I. e BERARDO, F.M. Emerging conceptual frameworks in family analysis. New York: Praeger, 1981. 332p.

⁹⁷ GELLES, R.J e CORNELL, C.P. Intimate violence in families. Beverly Hills: Sage, 1985. 160p. p.119-125. (Family Studies text series; 2)

família não tende naturalmente para um estado de equilíbrio, sendo a manutenção de consenso e a coesão problemática. O conflito social e a mudança social são partes naturais da vida da família. As situações de conflito na família podem tomar a forma de oposição de interesses, incompatibilidade de objetivos, diferença de valores; expectativas de papéis discrepantes, escassez de recursos ou choque de personalidades. Os membros da família tem diferente acesso aos recursos e ao poder, o que resulta em diferentes posições no sistema de estratificação social. A ausência de expressão de conflito dentro de uma determinada família não pode ser interpretada como felicidade e satisfação de seus membros, sendo que a completa repressão do conflito implica em conseqüências negativas, tanto para a unidade da família como para seus elementos.

Dentro do **materialismo histórico**, conforme Ghiorzi⁹⁹, a família é vista como uma instituição social histórica e dinâmica que se articula com as demais instituições sociais e pode intervir de modo ativo e dialético na realidade concreta social, buscando mudança social. A família, dentro de uma sociedade de classes sociais, como a capitalista é definida como a instituição fundamental, ou seja, a unidade dentro da qual se realiza a reprodução da força de trabalho. Desta maneira, é caracterizada pelo trabalho humano e não por sua forma (nuclear, ampliada, ou qualquer tipo). Os papéis familiares são fixados por obrigações dentro da família e da sociedade interdependendo a condição social da família e o setor econômico da sociedade da qual faz parte.

Dentro da perspectiva **interacionista**, a família é vista como uma unidade de personalidades em interação¹⁰⁰, cada uma ocupando uma posição ou posições dentro da família para qual(is) um número de papéis são designados. O indivíduo percebe normas ou expectativas de papéis para seus atributos ou comportamento, assegurados tanto individual como coletivamente pelos outros membros da família¹⁰¹. Hill e Han-

⁹⁸ SPREY, J. Conflict theory and study of marriage and the family. In: Contemporary theories about the family. New York: The Free Press, 1979.

⁹⁹ GHIORZI, Angela R. Projeto de assistência de enfermagem de saúde pública no processo saúde-doença na família. Florianópolis: 1988. Projeto de dissertação de mestrado em enfermagem da UFSC.

¹⁰⁰ BURGESS, 1926, In NYE, F.I. e BERARDO, F.M. Emerging conceptual frameworks in family analysis. New York: Praeger, 1981. 332p.

¹⁰¹ HILL, R. e HANSEN, D. The identification of conceptual frameworks utilized in family study. Marriage and Family Living. v. 22, p. 299-316, nov 1960.

sen¹⁰², na década de 60, referiam que a perspectiva interacionista se limitava a determinadas famílias ou grupos específicos de famílias negligenciando a família como instituição, bem como sua relação com a comunidade ou mesmo com outras instituições. A partir das reflexões de Mercer¹⁰³, já no fim dos anos 80, outra limitação apontada foi a de que tanto o impacto cultural na família, como as expectativas sociais não são considerados ao se estudar o processo de interação. O trabalho que venho desenvolvendo, bem como outros que seguem esta perspectiva, na área da saúde e da enfermagem, como os de Elsen¹⁰⁴ e seu grupo, e de Ribeiro¹⁰⁵, entre outros, fazem-me discordar, como já o fiz anteriormente¹⁰⁶. Mesmo que o foco esteja na família, pergunto se é possível negligenciar o impacto cultural e as interações extra-familiares, ao se trabalhar com um enfoque interacionista. Seria dizer que o foco está no vácuo. Isto seria negar os próprios pressupostos da teoria, já trazidos no capítulo II que falam da interação do ser humano com o ambiente cultural e com a sociedade!

Outro aspecto a ser considerado nesta viagem pelo mundo da família refere-se às atribuições que ela recebe pela sociedade. Ou seja, conforme Leonard¹⁰⁷, tudo aquilo que a família tem que fazer com a finalidade de suprir as necessidades de seus membros, objetivando sobreviver e contribuir para a sociedade.

As atribuições da família também são colocadas na perspectiva de diversas linhas teóricas, utilizando-se inclusive diferentes nomenclaturas. Deste modo, na linha desenvolvimentista as atribuições são denominadas de tarefas, enquanto que na perspectiva interacionista o termo papel é o adotado. Dentro da linha estrutural funcio-

¹⁰² HILL, R. e HANSEN, D. The identification of conceptual frameworks utilized in family study. *Marriage and Family Living*. v. 22, p. 299-316, nov 1960.

¹⁰³ MERCER, Ramona T. Theoretical perspectives on the family. In: GILLIS, Catherine L.; HIGHLEY, Betty L.; ROBERTS, Brenda M.; MARTINSON, Ida M.. *Toward a science of family nursing*. California: Addison-Wesley, 1989. 501p. p.9-36.

¹⁰⁴ ELSÉN, Ingrid. Concepts of health and illness and related behaviors among families living in a Brazilian fishing village. San Francisco: University of California, 1984. Tese (Doutorado em Ciência da Enfermagem), University of California, 1984. e ELSÉN, Ingrid; HENSE, Denise S. S. e ECKERT, Elisabeta Roseli. Buscando uma compreensão do conceito de "criança saudável". In: *Texto e Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 1, n. 2, jul./dez. 1992, p. 20 - 36.

¹⁰⁵ RIBEIRO, Ivete. A enfermagem assistindo à família mal-tratante através da interação. Florianópolis: UFS-C, 1990. 294p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

¹⁰⁶ NITSCHKE, Rosane Gonçalves. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. Florianópolis: UFSC, 1991, 313p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

¹⁰⁷ LEONARD, B. Crescimento e desenvolvimento das famílias. In: ATKINSON, L.D. e MURRAY, M.E. *Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989. p.203-209.

nalista as atribuições recebem o nome de função. Observa-se que este termo é o mais utilizado, apesar de muitas vezes o autor não seguir a perspectiva do estrutural-funcionalismo. Prado¹⁰⁸ lembra-nos que as atribuições de cada família dependem, em grande parte, da faixa social que cada uma delas ocupa na organização social e na economia do país ao qual pertence.

Gershwin e Nilsen¹⁰⁹ entendem que historicamente as cinco maiores atribuições da família são: conseguir a sobrevivência econômica; oferecer proteção; transmitir valores e religião, educar as crianças e jovens; e conferir "status". A partir de Prado¹¹⁰ ainda se pode acrescentar como atribuições da família a reprodução; a identificação social dos indivíduos; a socialização da nova geração; a produção de bens e o consumo destes; a realização de serviços (higiene, cozinha, costura, etc...); o desenvolvimento de atividades de lazer; a fiscalização de comportamentos de obediência a hierarquias e autoridades, e a saúde dos membros. Conforme a autora, algumas das funções da família recebem apoio e interferência de instituições sociais, como por exemplo, a saúde dos membros da família e a socialização das crianças.

Segundo Bomar¹¹¹, uma das maiores atribuições da família é o cuidado à saúde. A família é primariamente responsável pela maioria de seus cuidados para saúde durante os ciclos de saúde-doença. Tais cuidados incluem tanto o ensinamento das práticas de cuidado à saúde, como também a garantia de suporte social durante a saúde e a doença. Elsen¹¹², ao estudar famílias de uma comunidade pesqueira de Florianópolis, em Santa Catarina, encontrou como resultado que a família pode ser considerada como um sistema peculiar do cuidado à saúde, tendo seu próprio referencial para guiar suas ações em situações de saúde e doença no domicílio.

¹⁰⁸ PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1985. 95p.

¹⁰⁹ GERSHWIN, Madeleine W. e NILSEN, Janet M. Healthy families. In: GILLIS, Catherine L.; HIGHLEY, Betty L.; ROBERTS, Brenda M.; MARTINSON, Ida M.. Toward a science of family nursing. Califórnia: Addison-Wesley, 1989. 501p. p.79

¹¹⁰ PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1985. 95p.

¹¹¹ BOMAR, P.J. Perspectives on family health promotion. Family Community Health, v.12, n.4, p.1-11, 1990.

¹¹² ELSÉN, Ingrid. Concepts of health and illness and related behaviors among families living in a Brazilian fishing village. San Francisco: University of California, 1984. Tese (Doutorado em Ciência da Enfermagem), University of California, 1984.

Para Gershwin e Nilsen¹¹³ se as instituições sociais tem assumido muitas dessas atribuições da família, espera-se que a família de hoje atenda as necessidades relacionais/interacionais de seus membros como: amor, intimidade, auto-aceitação e cuidado, entre outros.

Navegando-se pelas complexas águas do ser família, vê-se que ela também tem sido apresentada em diferentes **formas ou tipos**, de acordo com os diversos estudos, que valem a pena serem trazidos nesta viagem, ilustrando a pluralidade tanto de sua essência, quanto dos olhares.

Segundo Leonard¹¹⁴, as variações ocorrem de acordo com a forma da estruturação familiar que "é moldada pela ligação matrimonial, que, por sua vez, é determinada pela cultura com suas tradições e valores, e pelo momento histórico". Assim para ele tem-se: a **família nuclear**, que é composta por um marido, sua esposa e seus filhos, sendo baseada em uma união marital **monogâmica**; a família de **base poligâmica**, formada por vários maridos e/ou esposas e seus filhos, que se derivam de um dos três tipos de ligação poligâmica existentes (um marido com várias esposas, a poligamia; uma esposa com vários maridos, a poliandria; e muitas esposas para muitos maridos, o casamento grupal). Os estudos mostraram que 75% das uniões matrimoniais no mundo são poligâmicas, enquanto 24% são monogâmicas e 1% é do tipo poliandria. Outro tipo de família, segundo o autor é a **família estendida, extensa ou ramificada**, sendo aquela, nuclear ou poligâmica, que se estende incluindo a geração paterna, e algumas vezes, parentes como tios e tias.

Fazendo uma ampliação, Prado¹¹⁵ além de referir-se às famílias do tipo nuclear, extensa, coloca também outros tipos. Para a autora, há a **família natural ou incompleta**, ou seja, aquela formada por uma mãe com filhos sem a designação de um pai. Tem-se ainda as **famílias alternativas** como, por exemplo, as comunidades que, segundo a autora, representam uma tentativa de resolver os problemas enfrentados pela família nuclear como o isolamento. Nestes grupos, pode existir tanto uma origem mística ou religiosa, como motivações políticas ou ideológicas.

¹¹³ GERSHWIN, Madeleine W. e NILSEN, Janet M. Healthy families. In: GILLIS, Catherine L.; HIGHLEY, Betty L.; ROBERTS, Brenda M.; MARTINSON, Ida M.. Toward a science of family nursing. Califórnia: Addison-Wesley, 1989. 501p. p.79

¹¹⁴ LEONARD, B. Crescimento e desenvolvimento das famílias. In: ATKINSON, L.D. e MURRAY, M.E. Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989. p.203-209.

Delaney¹¹⁶ também fala de **forma familiar alternativa**, contudo, não se referindo às comunidades, mas incluindo: casais homossexuais, com ou sem filhos; duas pessoas que não são casadas, mas que vivam juntas; e membros familiares, ditos substitutos, como filhos, pais e avós de "criação", companheiros de quarto, vizinhos ou amigos muito próximos e em, alguns casos, até mesmo animais de estimação.

Prado¹¹⁷ ainda nos apresenta outras possibilidades de formas de famílias denominando-as de "**originais**" que, para ela, diferenciam-se das formas tradicionais, incluindo-se, assim, além da **família homossexual**, a **do casamento experimental** e a **de união livre**. A **família de casamento "experimental"** é aquela em que um homem e uma mulher coabitam por algum tempo, legalizando sua união somente após o nascimento do primeiro filho. A **família baseada na "união livre"** possui alguns aspectos semelhantes a de casamento "experimental", caracterizando-se pela intenção de recusar a formalização religiosa e a legalização civil, mesmo com presença de filhos (distingue-se da **família do casamento "de fato"**, característica e freqüente nas camadas de baixa renda dos países da América Latina, caracterizando-se mais como uma "estratégia de sobrevivência" e não como uma inovação contestadora).

Há ainda mais dois tipos de se compreender a família que não podem ser esquecidos: a patriarcal e a matriarcal. A **família patriarcal** é aquela cuja estrutura familiar além de identificar o indivíduo pela origem paterna (patrilinear), ainda dá ao homem o direito prioritário sobre o filho e um poder sobre sua esposa. Na **família matriarcal**, a direção dos lares é garantida pelas mulheres.

Em trabalho realizado na metade da década de 80, Prado¹¹⁸ caracterizou o tipo de família da realidade brasileira, descrevendo diferenças nas distintas classes sociais. Na classe chamada alta, a família persiste numa forma mais "extensa" do que nas demais, havendo um patriarca que controla os meios de produção, o patrimônio e a renda familiar, fazendo predominar sua autoridade. Na classe média, a tendência reflete uma família nuclear, mas com uma grande rede de parentesco. Na classe baixa,

¹¹⁵ PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1985. 95p.

¹¹⁶ DELANEY, L. Assessment: data collection of the family client. In: GRIFFITH-KENNEY, J.W. e CRISTENSEN, P.J. Nursing process: application of theories, frameworks and models. St. Louis: C.V. Mosby, 1986. p.87-99.

¹¹⁷ PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1985. 95p.

¹¹⁸ PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1985. 95p

encontram-se famílias nucleares, entretanto sem união legal e chefiadas por mulheres.

Uma década após, já na metade dos anos 90, Vaitsman¹¹⁹ declarou que o domínio da considerada família ideal da modernidade vem desaparecendo. Ou seja, a chamada família tradicional, ou conjugal, como aquela formada pelo homem/pai provedor financeiro e a mulher/mãe dona-de-casa, unidos pelo casamento (legal e indissolúvel), e seus filhos, vivendo sob o mesmo teto, passa a coexistir, cada vez mais, com uma rede de interações que incluem outros "conteúdos", chegando até a se institucionalizar sob novas formas.

Embora a autora faça esta afirmação a partir de estudo realizado com famílias da classe média brasileira, pode-se dizer que a família brasileira vem se traduzindo há muito tempo em famílias brasileiras, como afirmou Kaloustian¹²⁰, não só pelos seus matizes étnico-culturais, mas também pelas suas nuances sócio-econômicas, mostrando-se em sua diversidade, pluralidade, heterogeneidade, flexibilidade, instabilidade e fragmentação. Destacando-se que estes mesmos elementos são justamente os traços que vem delineando a tendência pós-moderna.

De acordo com Vaitsman¹²¹, as separações e os novos casamentos vem aumentando o número de pessoas que vivem com parceiros que não são os pais ou as mães de seus próprios filhos. Concomitantemente, aumenta o número de crianças que convivem com seus irmãos, meio-irmãos e "os filhos do marido/esposa de minha mãe/meu pai". Vêm conquistando seu espaço, os casais de homossexuais, "as pessoas que vivem sós, livres do estigma de solteirões, as mães solteiras e os descasados de ambos os sexos que, juntamente com o exercício simultâneo de alguma atividade remunerada, assumiram a criação dos filhos sem a presença de um parceiro". Além disto, tem-se os filhos, muitas vezes ainda adolescentes, ou mesmo, crianças, como provedores econômicos da família. Vários aspectos ainda passam a compor esta constelação familiar, onde mais elementos, por serem *o outro significativo*, também

¹¹⁹ VAISTMAN, Jeni. Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 203p.

¹²⁰ KALOUSTIAN, S. M. Família brasileira: a base de tudo.. São Paulo, Cortez; Brasília: UNICEF, 1994.

¹²¹ VAISTMAN, Jeni. Flexíveis e plurais: casamento e família em circunstâncias pós-modernas, Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 13 - 24

passam a constituir o espaço familiar, como um vizinho, um colega de pensão ou de trabalho, ou mesmo, os animais de estimação, por exemplo.

Entretanto, as mudanças obviamente não são exclusividade da nossa realidade. As famílias nos EUA, por exemplo, tem tido significantes mudanças na estrutura e processos durante a segunda metade do século XX.

O estereótipo familiar da família composta de um marido que é primariamente o provedor e uma esposa que fica em casa com suas duas crianças constitui menos do que 8% das famílias americanas. Mulheres estão trabalhando fora do lar em números recordes, pessoas são escolhidas através de agências telefônicas de casamento, famílias estão crescendo menores, e tem havido um número crescente de famílias de um único pai, mais freqüentemente encabeçadas por mulheres.¹²²

Isto não quer dizer que o padrão da família conjugal predominante na modernidade tenha desaparecido, nem no Brasil, nem em outras partes do mundo. Como chama nossa atenção Vaitsman¹²³, é preciso enfatizar que não se trata da substituição de um tipo de família, "a conjugal moderna", por outro tipo, a pós-moderna, uma vez que a família hierárquica, marcada pela dicotomia de papéis, não desapareceu. "De maneira mais precisa, o que caracteriza a família e o casamento numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas".

Uma efervescência torna-se evidente neste outro jeito de *ser família*, deixando-nos mais livres para afirmá-la também como uma tribo, tomando-se a concepção maffesoliana¹²⁴ do termo, dentro de uma perspectiva proxêmica. Assim, tendo uma rede de comunicação que lhe é peculiar, apresenta necessidade de rituais e enfatiza aquilo que está próximo. Isto porque as famílias vem se constituindo em função de uma ética específica. Busca uma vida quotidiana mais hedonista, menos determinada pelo "dever-ser", sendo mobilizadas em profundidade pelo não-racional. É possível observar um sentimento de pertença que, todavia, não é absoluto, estabelecendo assim também uma instabilidade, podendo, portanto, ser efêmero. Deste modo, aquele

¹²² HARTMAN, S. Preparing modern nurse for postmodern families. *Holistic Nursing Practice*, vol. 9, n. 4 July 1995. p. 1 - 10

¹²³ VAISTMAN, Jeni. Flexíveis e plurais: casamento e família em circunstâncias pós-modernas, Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 13 - 24.

¹²⁴ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p 197.

denominado "borboleteamento" que é peculiar a estes *outros tempos*, também se manifesta na família.

Realçando a *ética da estética*, uma das tonalidades da pós-modernidade, pode-se ilustrá-la com o que Vaistman¹²⁵ nos traz, ao dizer que a "manutenção da família subordinou-se ao emocional, princípio que passou a orientar comportamentos e estimular as pessoas a recusar relações íntimas sentidas como insatisfatórias. "

Tudo isto nos reporta à família na sua unicidade, e não na sua unidade, como já colocado em outros momentos. Isto porque a unidade nos traz a idéia de uniformidade, ou seja, de formas autoritárias e totalizantes de atuar no mundo.¹²⁶ Enquanto que a unicidade, como diz Maffesoli¹²⁷, pressupõe uma *união em pontilhado*, ou seja, a família se mostra num constante intercâmbio, com outras *tribos inclusive*, e, sendo assim, também expressando a ambigüidade que o afeto traz consigo: de amabilidade e agressividade; querer estar junto e afastar-se; amar-se e odiar-se; sendo que "tudo isso não ocorre sem dilaceramentos e conflitos de toda ordem".

Alguns poderiam dizer: "mas estas famílias na pós-modernidade são um caos!!! Aí, não sou eu quem responde. Com a palavra, Gergen¹²⁸: "profissionais da saúde sabem dos problemas que advêm da autoritária, opressiva, inflexível, intelectual e sexista família moderna".

Lembrando Silva¹²⁹, pode-se dizer que "a pós-modernidade afasta-se da servidão e envolve os homens através dos recursos da paixão. Em vez da obrigação da solidariedade mecânica; o bem-estar da comunhão, traduzida na solidariedade orgânica e na socialidade. Em substituição à frieza da norma, o calor da exaltação. Deste modo, muitas famílias não pensam mais em convenções, mas sim em ser feliz. " Sem dúvida, uma maneira inteligente de viver."¹³⁰

¹²⁵ VAISTMAN, Jeni. Flexíveis e plurais: casamento e família em circunstâncias pós-modernas, Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 14.

¹²⁶ REZENDE, A. L. M. Pós-modernidade: o vitalismo no "chaos". Florianópolis. 1993. Plural, v. 3, n. 4. jan-jul. p. 10

¹²⁷ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987. p. 176.

¹²⁸ GERGEN, K. J, apud HARTMAN. S. Preparing modern nurse for postmodern families. *Holistic Nursing Practice*. vol. 9, n. 4 July 1995. p. 1 - 10.

¹²⁹ SILVA, Juremir Machado da. Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasuleira. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 24-27; 246

¹³⁰ GULLO, Carla e BRISSAC, Chantal. Famílias coloridas. In: Isto é. São Paulo: Editora Três.. 21/08/96. p.52 - 54.

Esta busca de ser feliz vem sendo bastante discutida em trabalhos bem recentes dentro da área da saúde, como por exemplo o de Patrício¹³¹. Dentro desta discussão parece oportuno colocação da idéia de Rezende¹³², enfatizando que "a qualidade de vida, neste novo tempo, exige mais do que a sobrevivência finalizada num futuro promissor. Passa, pensamos nós, pelo prazer e pelo júbilo do presente,... Se antes era preciso ser saudável para o exercício produtivista, na pós-modernidade, mais do que ser saudável, é preciso ser feliz, mesmo que esta felicidade faça perigar a sanidade".

¹³¹ PATRÍCIO, Zuleica Maria. A prática do cuidar/cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfermagem de enfoque sócio-cultural. Florianópolis: UFSC, 1990. 302p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1990

¹³² REZENDE, A. L. M. Pós-modernidade: o vitalismo no "chaos". Florianópolis. 1993. Plural, v. 3, n. 4. jan-jul. p. 12.

A singular complexidade de ser família saudável

Seguindo nossa viagem, cabe ressaltar que, assim como há a saúde de indivíduos, também podemos falar em saúde da família e família saudável. Conforme Gillis¹³³, apesar de os indivíduos (membros participantes e componentes da família) serem interativos, a saúde desses indivíduos distingue-se da saúde da família.

Entretanto, se esta diferença é melhor acentuada entre a saúde do indivíduo e saúde da família, o mesmo já não se percebe quando os autores tratam de saúde da família e família saudável. Conforme Bomar¹³⁴, as definições de saúde da família e família saudável derivam-se de uma variedade de marcos conceituais e teóricos.

De acordo com Bomar¹³⁵, embora exista dificuldade desenvolver uma noção¹³⁶ de saúde da família, muitas definições envolvem diferentes dimensões podendo ser tanto biológicas, psicológicas e sociológicas como espirituais e culturais. Gillis¹³⁷, citando o trabalho de Bawrnhill, também aborda as dimensões da saúde da família, referindo que são organizadas em quatro áreas: identidade de processos; mudanças; processamento de informação e estruturação de papéis.

Os terapeutas familiares definem a família saudável como aquela que é livre de psicopatologias e que tem um ótimo funcionamento familiar. Portanto, considera-se como saudável a família que tem um equilíbrio de coesão, flexibilidade e uma comunicação funcional.

Por sua vez, os teóricos desenvolvimentistas, estabeleceram que as famílias são saudáveis quando estão cumprindo tarefas de desenvolvimento no tempo apropri-

¹³³ GILLIS, C. L. et al. What is family nursing? In: GILLIS, C. L. et al. Toward a science of family nursing. California: Addison-Wesley, 1989. p. 79. e GILLIS, C. L. Why family health care? In: GILLIS, C. L. et al. Toward a science of family nursing. California: Addison-Wesley, 1989, p. 3-7.

¹³⁴ BOMAR, P. J. Perspectives on family health promotion. Family Community Health, v. 12, n. 4, p. 1-11, 1990.

¹³⁵ BOMAR, P. J. Perspectives on family health promotion. Family Community Health, v. 12, n. 4, p. 1-11, 1990.

¹³⁶ No capítulo "Uma pergunta... um objetivo... a busca de respostas e a descoberta de caminhos: algumas possibilidades metodológicas", discutirei a questão da noção e do conceito, esclarecendo minha opção por utilizar o termo noção. Sendo assim, quando aqui aparecer o termo conceito, remete a referência do autor num dado momento.

ado. Ainda, segundo Bomar¹³⁸, a família saudável pode ser aquela que possui como característica a habilidade para enfrentar o *stress*.

Um grupo de enfermeiras que desenvolveu sua dissertação dentro do Curso de Mestrado em Enfermagem da UFSC, na área da família, também definiu em seus trabalhos a saúde da família e/ou família saudável, segundo diferentes perspectivas.

Boehs¹³⁹, dentro da linha transcultural e também utilizando a Teoria do Desenvolvimento, considerou como família sadia aquela que mantém um conjunto de reservas físicas, psíquicas, sócio-culturais e de ambiente físico que permitem normatizar sua vida e instituir novas normas em situações novas (como o nascimento de um novo membro).

Também seguindo a linha transcultural, Patrício¹⁴⁰ definiu saúde da família como a capacidade da família de buscar e de normatizar seu bem viver, fundamentada na prática do cuidado, a partir dos recursos de cada membro e da família como unidade, com suas crenças, valores e modos de cuidar, envolvendo as utilização de cuidados do sistema profissional de saúde, incluindo o cuidado de enfermagem.

Dentro da perspectiva interacionista, segundo Delaney¹⁴¹, família saudável é aquela que possui canais abertos de comunicação, regras flexíveis, auto-valorização elevada, e negociações bem sucedidas com elementos externos à família. Ainda nesta linha, Ribeiro¹⁴², ao desenvolver seu trabalho junto à famílias maltratadoras, refere-se à saúde familiar como uma interação de aproximação entre os membros da família, os quais interagem entre si e com a sociedade.

¹³⁷ GILLIS, C. L. et al. What is family nursing? In: GILLIS, C. L. et al. Toward a science of family nursing. California: Addison-Wesley, 1989. p. 79. e GILLIS, C. L. Why family health care? In: GILLIS, C. L. et al. Toward a science of family nursing. California: Addison-Wesley, 1989, p. 3-7.

¹³⁸ BOMAR, P. J. Perspectives on family health promotion. Family Community Health, v. 12, n. 4, p. 1-11, 1990.

¹³⁹ BOEHS, A. E. Prática do cuidado ao recém-nascido e sua família, baseada na teoria transcultural de Leininger e na teoria de desenvolvimento da família. Florianópolis: UFSC, 1990. 188p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

¹⁴⁰ PATRÍCIO, Z. M. A prática do cuidar/cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfermagem de enfoque sócio-cultural. Florianópolis: UFSC, 1990. 302p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

¹⁴¹ DELANEY, L. Assessment: Data Collection of the family client. In: GRIFFITH-KENNEY, J. W. e CRISTENSEN, P. J. Nursing process: application of theories, frameworks and models. St. Louis: C. V. Mosby, 1986. p. 87-99.

¹⁴² RIBEIRO, I. A enfermagem e assistindo a família mal-tratante através da interação. Florianópolis: UFSC, 1990. 294p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

Em outro momento,¹⁴³ coloquei que a família está saudável quando "houver uma interação positiva caracterizada por um relacionamento direto; de respeito; liberdade e sem tensões; no qual os membros tentam se colocar um no lugar do outro e expressam sentimentos de afeto, idéias, crenças, valores e conceitos, possibilitando-os a crescerem, desenvolverem-se, definirem, ajustarem e desempenharem seus papéis. "

Pratt¹⁴⁴, segundo Gillis, caracteriza a família saudável examinando seus laços com a comunidade, a interação entre os membros da família, a estrutura de papéis, a liberdade e as responsabilidades.

Conforme Bomar¹⁴⁵, numa pesquisa realizada com 551 profissionais que trabalham com famílias, Curran observou que as características mais citadas de uma família saudável são: os membros comunicam-se (escutam um ao outro), e dão suporte um ao outro; há o ensinamento de respeito de um pelo outro; desenvolve o senso de unidade; possui senso de humor e para brincar; exibe um senso de responsabilidades partilhadas; ensina um senso de certo e errado; possui um forte senso de família rico em rituais e tradições; existe um equilíbrio de interação entre os membros; possui um centro religioso; há o respeito pela privacidade do outro; existem valores de ajudar o outro; cria um tempo para família à mesa para conversar; partilha tempo de lazer; e admite solicitar ajuda quando está com problemas.

Para o GAPEFAM (Grupo de Assistência, Pesquisa e Educação na Área da Saúde da Família) família saudável é entendida como "uma unidade que se auto-estima positivamente, onde os membros convivem e se percebem mutuamente como família. Tem uma estrutura e organização para definir objetivos e prover os meios para o crescimento, desenvolvimento, saúde e bem-estar de seus membros. A família saudável se une por laços de afetividade exteriorizados por amor e carinho. Tem liberdade de expor sentimentos e dúvidas, compartilha crenças, valores e conhecimentos. Aceita a individualidade de seus membros, possui capacidade de conhecer e usufruir de seus direitos, enfrenta crises, conflitos e contradições, pedindo e dando apoio a

¹⁴³ NITSCHKE, Rosane. G. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. Florianópolis: UFSC, 1991, 313p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

¹⁴⁴ PRATT, L. Family structure and effective health behavior. Boston: Houghton-Mifflin, 1976. In: GILLIS, C. L. et al. Toward a science of family nursing. California: Addison-Wesley, 1989. p. 5.

seus membros e as pessoas significativas. A família saudável atua conscientemente no ambiente em que vive, interagindo dinamicamente com outras pessoas e famílias em diversos níveis de aproximação, transformando e sendo transformada. Desenvolve-se com experiência, construindo sua história de vida".¹⁴⁶

Junto com Morais, Pfeiffer e Elsen¹⁴⁷, buscamos chamar a atenção para o que é família saudável, identificando alguns conceitos já desenvolvidos na área e sua aplicação a partir de diferentes autores, fazendo uma breve análise. Destacou-se a importância de se explicitar o que é família saudável, emergindo da prática e das crenças e valores das enfermeiras, recomendando que novas investigações fossem desenvolvidas, inclusive *à luz das próprias famílias quanto ao seu ser saudável, captando assim a sua realidade*.

Resgatando alguns trabalhos realizados pelos pesquisadores do GAPEFAM, como de Elsen, Hense e Eckert¹⁴⁸, utilizando o Interacionismo Simbólico como principal suporte teórico, foi possível identificar pontos de referência para a família definir o seu ser saudável, principalmente em relação à criança. Deste modo *ser saudável* é apresentar: *"pele rosada (...), comer em quantidade suficiente(...), ter um sono tranquilo e dormir bem (...), brincar, trabalhar (...), manter um bom relacionamento com a família e os amigos (...), se desenvolver bem na escola (...), não estar doente, mas podendo esporadicamente ter problemas de saúde que não sejam considerados sérios"*. Enfim é *"sentir-se bem"...* *"Elas estão de bem com a vida..."*¹⁴⁹... *"Quando estou com saúde, eu se sento feliz..."* (criança da 3. série).¹⁵⁰

¹⁴⁵ BOMAR, P.J. Perspectives on family health promotion. Family Community Health, v.12, n.4, p.1-11, 1990.

¹⁴⁶ CUSTÓDIO, G. HENCKEMAIER, L. CANALI, N. Assistindo a mulher no ciclo grávido puerperal dentro de uma abordagem familiar. Trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC (mimeo), 1992.

¹⁴⁷ NITSCHKE, Rosane. G. MORAIS, E. P. PFEIFFER, S. & ELSESEN, I. Família saudável: um estudo sobre o conceito e sua aplicabilidade na assistência. In: Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 1, n. 2, jul. / dez., p. 152-166, 1995.

¹⁴⁸ ELSESEN, I. HENSE, D. S. S. ECKERT, E. R. Buscando uma compreensão do conceito "criança saudável". In: Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 1, n. 2, jul. / dez. p. 20 - 36. 1992

¹⁴⁹ ELSESEN, I. HENSE, D. S. S. ECKERT, E. R. op. cit. p. 28-29.

¹⁵⁰ HENSE, D. S. S. GONÇALVES, F. A. MARIOT, G. Compreendendo o conceito de saúde de crianças de comunidades marginalizadas. Florianópolis. UFSC/GAPFAM, 1992. apud ELSESEN, I. HENSE, D. S. S. ECKERT, E. R. op. cit. p. 28.

Cabe ressaltar o aspecto " *estado de espírito*", já abordado por Elsen¹⁵¹ em 1984, visto que vem carregado de subjetividade, mostrando-nos bem a importância de conhecer o seu mundo imaginal, buscando sua compreensão, pois o *estar bem* e o *estar feliz*, enfim *o ser saudável* tem um significado diferente para cada um, como os trabalhos de Nascimento¹⁵² e Penna¹⁵³ vêm reforçar. Nos desenhos de algumas crianças do Monte Cristo que, vale lembrar são também imagens, " *quando com saúde se representam sorrindo, dizendo estar alegres e felizes.* "¹⁵⁴

¹⁵¹ ELSEN, I. Concepts of health and illness and related behaviors among families living in a Brazilian fishing village, San Francisco, University of California, 1984.

¹⁵² NASCIMENTO, E. S. O cotidiano em saúde-doença de crianças escolares. São Paulo. Faculdade de Educação da USP, 1993. 141p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da USP, 1993.

¹⁵³ PENNA, C. M. M. O ser saudável no cotidiano das favelas. Florianópolis. UFSC. 1996. 151 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina. 1996

¹⁵⁴ ELSEN, I. HENSE, D. S. S. ECKERT, E. R. Buscando uma compreensão do conceito "criança saudável". In: Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 1, n. 2, jul. / dez. p. 20 - 36. 1992. p. 28.

Descobrirndo um mundo imaginal..

" BICHO & GENTE
 Existe um mundo para cada espécie de bicho.
 Mas, para cada bicho da espécie humana, existe
 um mundo diferente. "

Mário Quintana¹⁵⁵

A pós-modernidade, segundo Maffesoli¹⁵⁶, tem como um de seus elementos a "prevalência do simbólico", sendo marcada por uma "sociedade da imagem".

Mas, afinal o que é imagem para mim? Neste momento, compreendo imagem como qualquer coisa que se apresenta aos nossos olhos através de figuras, de formas, de cores. Entretanto, estas coisas podem também se apresentar ao nosso espírito de uma maneira abstrata, "ancoradas" no nosso imaginário. Assim, há um constante vai-e-vém entre imagem e imaginário. A imagem nutrindo o imaginário, ou mesmo exprimindo este mesmo imaginário. Exemplificando e tomando um pouco a idéia de Gilbert Durand¹⁵⁷, quando os pintores exprimem uma paisagem ou mesmo uma pessoa, eles vêem uma figura, uma imagem. mas quando eles pintam transmitem a figura que está no seu imaginário. Por outro lado, quando alguém admira sua pintura, vê uma figura, uma imagem que talvez não seja a mesma para o pintor, pois lhe dá um outro significado emergente de seu interagir com o mundo, significante que, por sua vez, corresponde ao que se encontra em seu imaginário, que não é estático...

E... este imaginário, o que é? É todo este mundo de significados, de idéias, de fantasias, de evocação de figuras já percebidas ou não percebidas, de crenças, de valores,... onde o ser humano está mergulhado.

Mas qual a relação entre tudo isto? Interações, significados, símbolos, imagens, imaginário? Das interações surgem os significados que, quando são compartilhados se traduzem em símbolos. Maffesoli¹⁵⁸ chega a nos dizer que o símbolo além de partilha também é uma forma específica de solidariedade. A solidariedade "resul-

¹⁵⁵ QUINTANA, M. Prosa e verso. 6 ed. São Paulo: Globo. 1989. p. 103.

¹⁵⁶ MAFFESOLI, M. La contemplation du monde. Paris. Grasset. 1993 e In: ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. op. cit. p 25.

¹⁵⁷ DURAND, G. A imaginação simbólica. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 18.

ta" das interações cujos significados são compartilhados e se traduzem em símbolos. Como acabamos de colocar, o imaginário, por sua vez, é um mundo de significados, que são incorporados a imagens. Maffesoli reforça nossa idéia de relação entre esses elementos quando propõe sua noção de mundo imaginal " todo este conjunto feito de imagens, de imaginações, símbolos, e imaginário, no qual a vida social é moldada". Se o viver aí se molda, o ser saudável também aí se ancora. Este mundo imaginal também é referência para as interações que envolvem a saúde das famílias e para o seu ser saudável.

A socialidade pós-moderna, de acordo com Maffesoli¹⁵⁹, é transfigurada pelas imagens, entendendo-se por transfiguração a passagem de uma figura a uma outra. Vivemos num "emaranhado cada vez mais complexo de objetos, de signos, de imagens, entre sonho e realidade, prisioneiros sem cadeia de um universo simbólico de significações misteriosas", remetendo a um conjunto entendido enquanto mundo imaginal.

Isto tudo coloca em relevo todo um mundo imaginal, no qual as famílias estão imersas, emergindo logo a questão: *qual o mundo imaginal de ser família saudável no cotidiano das famílias em tempos pós-modernos?*

Maffesoli¹⁶⁰, ao tratar o mundo imaginal, foca seu olhar na questão da imagem devido à sua importância contemporânea. Para ele a imagem é cultura e faz cultura. A imagem inspira ações e interações humanas em função de um dado meio e, ao mesmo tempo, ela faz este meio em função destas interações e ações.

A imagem é um concentrado do mundo: um tempo e uma história que se espacializam. "Não há qualquer aspecto da vida social que não seja 'contaminado' pela imagem". Ela é um vetor de comunhão com os outros; é um fenômeno que não pretende o absoluto; ela coloca em relação. Este relativismo é que não permite a segurança dogmática de uma razão abstrata. Ela constata uma ligação vital, uma estética emocional em todos os seus afetos.

A imagem, a aparência, não tem uma finalidade precisa ou uma "racionalidade instrumental", exprimindo uma "hiperracionalidade", feita de sonho, de lúdico, de

¹⁵⁸ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987. p. 88.

¹⁵⁹ MAFFESOLI, M. La contemplation du monde. Paris. Grasset. 1993, p. 187.

¹⁶⁰ MAFFESOLI, M. La contemplation du monde. Paris. Grasset. 1993, p. 187.

fantasmas, e que parece mais pertinente para descrever o real, ou mesmo, o “hiperreal” que movimenta a vida social. É isto que podemos chamar de mundo imaginal que é como uma matriz na qual todos os elementos de um dado mundano entram em interação, correspondendo-se de maneiras múltiplas e em uma reversibilidade constante. É desta maneira, segundo Maffesoli, que “se pode dizer que o mundo imaginal, de uma maneira realista, leva a sério cada um de seus elementos, não importando qual, e vai deste modo, constituir o real contemporâneo ou pós-moderno.

A partir dessas colocações é que vemos justificada a importância de buscarmos o mundo imaginal se quisermos melhor compreender as famílias neste presente. A questão da força da imagem presente, é ilustrada por Maffesoli e também outros autores, como Baudrillard¹⁶¹ e Durand¹⁶², Eco¹⁶³, e Rezende¹⁶⁴ quando trazem sua veiculação através da mídia, mais precisamente a televisão.

Na área de estudos sobre famílias, já podemos identificar a relevância de tal aspecto quando vemos abrir um amplo debate sobre a questão da televisão nas interações familiares, como ocorreu no III Conferência Ibero-Americana sobre Família¹⁶⁵, realizada no Brasil, em 1995. Não só houve uma mesa-redonda para o debate específico, como víamos emergir em todos os outros temas esta questão, havendo até quem afirmasse que ela é um novo membro da família, reforçando toda a potência da imagem, numa época em que vivemos a tecnosocialidade.

Continuando a reflexão, ao mesmo tempo também me vem a imagem de como algumas famílias do Monte Cristo, a quem chamo carinhosamente de *tribos do Monte*, muitas vezes tinham a mesma imagem de outras tribos de outras partes da cidade ou mesmo do mundo, podendo ser do Rio, São Paulo, Londres, Paris, Los Angeles... mesmo havendo diferenças de meios econômicos de sobrevivência. Eles me davam a idéia de que é importante parecer com o outro que lhe era significativo ou cuja aparência, ou imagem, por um motivo ou outro, lhes atraía, lhes dizia alguma coisa, tinha um significado específico...

¹⁶¹ BAUDRILLARD, J. Da sedução, 2 ed. Campinas, Papirus, 1992, p. 186.

¹⁶² DURAND, G. L'imaginaire. Paris, Hatier, 1994, p. 77-79.

¹⁶³ ECO, U. Apocalípticos e integrados. São Paulo. Perspectiva. 1979.

¹⁶⁴ REZENDE, A. L. M. de. A sedução dos mitos de saúde/doença na telenovela. São Paulo, Faculdade de Educação, USP, 1991. (tese de doutorado)

¹⁶⁵ III Conferência Ibero-Americana sobre Família¹⁶⁵, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (Programa)

Deste modo, vinha-me então a questão: qual é a imagem de ser saudável que estas famílias têm ou mesmo qual a sua imagem de família?

Refletindo sobre a imagem e as famílias com as quais venho trabalhando, posso dizer que logo o foco das lentes se ajusta na imagem mostrando que naqueles mínimos espaços, onde viviam nossos protagonistas das Tribos do Monte, por mais precários que fossem, sempre havia a presença da televisão, ocupando talvez a mesma importância que em lares de outras partes economicamente mais privilegiadas da cidade... as antenas delineavam a silhueta daquela paisagem, onde barracos se amontoavam dia após dia...

Perguntava-me: mas por que pensar em televisão? Provavelmente porque para mim ela vinha se apresentando como maior meio de veiculação das imagens nestes nossos dias e, por isto, a destaco aqui, como uma ilustração de um dos elementos que integram este mundo imaginal e a força da imagem nestes tempos pós-modernos. Lembrando, entretanto, que nossa busca não se limita a este aspecto e sim à amplitude dos aspectos que constroem o mundo imaginal de ser saudável.

Pensando nas discussões das quais vinha participando, também passei a me questionar: qual será a imagem de ser saudável que é passada pelos meios de comunicação para as famílias?

Num piscar de olhos via que as imagens de ser saudável ligadas à forma, a uma estética de viver, a estilos de vida, a uma certa concepção de beleza, ao exercício físico, ao contato com a natureza, a uma alimentação natural, e talvez também ao fato de não ter doenças, ao "tomar medicamentos". Havia imagens de pessoas felizes, bonitas, vencedoras, que vem acompanhadas de frases como "o álcool é perigoso à saúde", "fumar faz mal a saúde". Eu me pergunto: o que é mais significativo? as figuras? as palavras? Se são as figuras, como fica esta imagem que "me atrai, me seduz, que é meu sonho e que, ao mesmo tempo, é meu perigo, e, quem sabe, minha morte"?

Devo confessar aqui que logo que pensei nesta relação entre imagem e ser saudável através da mídia, mais especificamente a televisão, tive, mesmo que momentaneamente, uma postura bastante desconfiada a esta possível influência na vida das pessoas. Entretanto, expondo as minhas idéias, comecei cada vez mais a ver que existem posições definidas por onde transitam as opiniões, sem obrigatoriamente se polarizarem. Há a posição de que as imagens veiculadas pela mídia, principalmente a

televisão, manipulam e influenciam negativamente as pessoas, limitam o seu viver no mundo, isolam, afastam de outras coisas mais "nobres e criativas", como o ler, o ir a um cinema ou teatro, incitam a violência, simulam a realidade,...

Existe também aqueles que defendem que as imagens que chegam através dos meios de comunicação mostram nada mais do que aquilo que é o mundo, a sua própria realidade, sendo fator de agregação das pessoas, pois provocam o *estar-junto-com*, se não for no momento de assistir, mas na ocasião de discutir qualquer coisa que lá apareceu, permitindo estar mais próximo daquele outro que vive lá do outro lado do planeta,...

Deste modo, encontramos autores como Popper e Condry¹⁶⁶ que declararam que a televisão é um perigo para qual todos nós devemos nos alertar; Baudrillard¹⁶⁷ que fala da sedução/simulacro e Maffesoli¹⁶⁸ que coloca que as imagens que nos chegam pela televisão como parte de um conjunto que exprime uma dada sociedade e que "não apaga em nada o prazer de estar junto, do qual é causa e efeito...". Encontramos ainda a posição de Gilbert Durand¹⁶⁹ que dedica um excelente livro ao imaginário e à imagem. É interessante notar que este último se opõe às formas iconoclastas e, curiosamente, faz referência à "explosão do vídeo" como fruto de um efeito perverso. Em sua conclusão, ele refere que "a imagem em conserva anestesia a criatividade imaginária" e que o poder da mídia é também um perigo para a nova geração que, na verdade, já podemos chamar de a geração do "zap". Ou seja, deparamo-nos com um "*cara-a-cara*" que nos faz reportar ao que Umberto Eco tão bem e também denominou como "*Apocalípticos e Integrados*".¹⁷⁰

Procurando na área da saúde mais especificamente, encontro com satisfação já uma certa atenção dirigida à relação existente entre a mídia e a saúde, lembrando que são veiculadas duas imagens, trazendo-se aqui o posicionamento de Lindsay¹⁷¹ que coloca o seguinte: "... se muitas pesquisas tem sido feitas para ver os efeitos nocivos

¹⁶⁶ POPPER, K. e CONDRY, J. *La télévision: un danger pour la démocratie*. Paris, Anatolia, 1994.

¹⁶⁷ BAUDRILLARD, J. *Da sedução*, 2 ed. Campinas, Papirus, 1992, p. 186.

¹⁶⁸ MAFFESOLI, M. *Aux creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique*. Paris, Plon, 1990, p. 94-104

¹⁶⁹ DURAND, G. *L'imaginaire*. Paris, Hatier, 1994, 1994, p. 77-79.

¹⁷⁰ ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo. Perspectiva. 1979.

¹⁷¹ LINDSAY, B. *Influencing development: the media*. In: LINDSAY, B. *The child and the family*. London, Baillière Tindall, 1994.

da mídia, por exemplo, no desenvolvimento da criança,... o que tem sido feito para investigar os seus efeitos positivos? "...

Entre os autores que trabalharam sobre a mídia e a saúde, pode-se citar alguns como Dignan *et al.*¹⁷² mostrando que a utilização da mídia dentro do campo da educação em saúde da comunidade tem contribuído para o conhecimento de programas de saúde. Harris, Harris e Davis¹⁷³ apresentam, em uma pesquisa realizada junto aos índios e espanhóis que habitam no sul dos Estados Unidos, que a televisão foi indicada como um recurso de informação sobre saúde no mesmo nível da família, professores, ou mesmo, médicos e enfermeiros. Sogaard e Fonebo¹⁷⁴, em seu trabalho, encontraram depoimentos nos quais os entrevistados referem que as suas mudanças de comportamentos relacionados à saúde estão ligados a campanhas realizadas na televisão, mesmo que seja de maneira indireta, ou seja, através do seus familiares e pessoas próximas que viram na televisão e lhes transmitiram enquanto conselhos.

No Brasil, Ana Rezende¹⁷⁵, desenvolvendo sua tese sobre os mitos de saúde e doença na telenovela, abriu um importante debate no domínio da saúde e da televisão em nosso país, e hoje temos trabalhos que vieram aquecer bastante a discussão, como aquele organizado por Áurea M. da Rocha Pitta¹⁷⁶.

Concomitante a isto, também existe o fato de que se os profissionais de saúde vem de uma certa forma utilizando estes meios de comunicação como instrumento em seus programas de educação em saúde, propondo inclusive projetos como o chamado *Plurimídia em Saúde*¹⁷⁷ e o *Canal Saúde*¹⁷⁸, é porque de uma certa maneira têm

¹⁷²DIGNAN, M. ; BAHNSON, J. ; SHARP, P. ; BEAL, P. ; SMITH, M; MICHELUTTE, R. Implementation of mass media community health education. Health Education Research, v. 6. N. 3, p. 259-266. 1991.

¹⁷³HARRIS, M. B. ; HARRIS, R. J. ; DAVIS, S. M. Ethnic and gender differences in south western student's sources of information about health. Health Education Research, v. 6, n. 1. p. 31-42. 1991.

¹⁷⁴SOGGARD, A. J. ; FONNEBO, V. Self-reported change in health behavior after a mass media-based health education campaign. Journal's Psychologie, 33(2), p. 125-134. 1992.

¹⁷⁵REZENDE, A. L. M. de. A sedução dos mitos de saúde/doença na telenovela. São Paulo, Faculdade de Educação, USP, 1991. 286 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, USP, 1991.

¹⁷⁶PITTA, A. M. da R. (org). Saúde & comunicação: visibilidades e silêncios. São Paulo. HUCITEC - ABRASCO. 1995.

¹⁷⁷PLURIMIDIA EM SAUDE - Projeto da Pós-Graduação do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

a crença de que existe uma relação importante, que não pode ser negada, entre a imagem veiculada pela mídia, o mundo imaginal e a vida das pessoas e também sobre sua compreensão e seus comportamentos de saúde. Afinal, as imagens fazem parte de nosso cotidiano, pelo simples fato de existirmos, independente de nossa situação sócio-econômica-político-cultural. De uma forma ou de outra ela chegará aos nossos sentidos: out-doors, manchetes de jornais,... o vídeo, o computador,...

Penso que não podemos mais fechar os olhos para todo este mundo imaginal a nossa volta, pois corremos o risco de estarmos fora de foco, e fora de rota, continuando profissionais limitados à modernidade, trabalhando com famílias que expressam a pós-modernidade.

As famílias agem de acordo com sua compreensão, a partir das imagens, dos seus símbolos, do seu mundo imaginal que foi sendo construído pelo seu interagir com todo mundo, e assim também ocorre com suas ações e interações na área da saúde. Eles se ancoram na imagem de ser saudável que foram construindo ao longo de sua história, no seu interagir com os outros. Assim existe uma relação entre a imagem de ser saudável da família e as imagens que o mundo transpira a todo momento.

Acredita-se que a imagem de ser família saudável e de saúde que as famílias desenvolveram ao longo de sua história vem sendo construída a partir de suas interações, de sua comunhão com os outros, envolvendo toda a sua rede de relações, da mesma maneira que seus comportamentos de saúde também são fundamentados nesta imagem. É pertinente lembrar relatividade desta imagem de ser saudável, quando vemos que a noção de ser saudável e de saúde passa, cada vez mais, pelo sentir-se bem, pelo bem-viver, pelo bem estar, e mesmo pelo ser feliz, como destacamos a pouco. Deste modo, busquemos a real deste sentir-se bem, do bem-viver, do bem estar, e do ser feliz, que emerge de cada um, de cada família, de seu mundo de crenças e de valores, de suas fantasias, suas imaginações, seus símbolos, de seus sonhos, de sua realidade... Ou melhor, busquemos o "hiperreal"... mergulhemos no seu mundo imaginal.

¹⁷⁸ Canal Saúde "quer implantar no país a educação continuada a distância na área da saúde, com a transmissão de imagens e de áudio via satélite. O Canal Saúde é veiculado, desde dez/94, via TV Executiva da Embratel, num esforço conjunto da Fundação Oswaldo Cruz, Ministério da Saúde, Embratel e Comitê das Entidades Públicas no Combate à Fome e pela Vida. " Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Jornal da Ciência Hoje. Rio de Janeiro. ano IX. n. 326. ago 95.

Mas afinal, qual a imagem de ser saudável para as famílias da comunidade com a qual trabalho? O que as imagens que estão por toda parte falam sobre o ser família saudável? Desta vez não serei eu a dar as repostas! Quem me dará as respostas serão elas, com o seu mundo de imagens... onde as antenas delineiam a paisagem... elas... *as famílias "caleidoscópicas"...* o seu mundo imaginal...

"Saúde/Doença são um fenômeno social não apenas porque elas expressam certo nível de vida ou porque correspondem a certas profissões e práticas. Mas também porque elas são manifestações da vida material, das carências, dos limites sociais e do imaginário coletivo. "

Maria Cecília Minayo

IV – EMBARCANDO NA RAZÃO SENSÍVEL

Uma pergunta, um objetivo... a busca de respostas e a descoberta de caminhos entre algumas possibilidades metodológicas

"Todo conhecimento passa antes pelos sentidos."

Aristóteles

Mas como encontrar respostas para a **pergunta de pesquisa** "*Qual é o mundo imaginal de ser família saudável no cotidiano destes tempos pós-modernos?*". Ou seja, que caminhos seguir para contemplar o **objetivo de compreender o mundo imaginal de ser família saudável no cotidiano destes tempos pós-modernos**.

Conforme Minayo¹⁷⁹, o caminho e o instrumental próprios da abordagem da realidade é entendido como *metodologia*. A mesma autora, junto com outros autores¹⁸⁰, ainda enriquece sua concepção de metodologia quando nos diz que é articulação entre conteúdos, pensamentos e existência. Fazendo-se a ressalva, é claro, de que tanto os conteúdos, quanto os pensamentos fazem parte da existência. Mas é pertinente este relevo para justamente chamar atenção para aspectos que com frequência ficam dissociados. "*Ciência e metodologia caminham juntas, intrincavelmente engajadas*"¹⁸¹. É por isto que me proponho, neste momento, a trazer muito brevemente a ciência, como a venho sentindo nesta minha experiência de vida, a partir de minhas interações com o mundo e, dentro deste, o meio acadêmico para, logo a seguir, explicitar a opção do caminho feita para me aproximar um pouco mais desta realidade.

Minha perspectiva vem sendo interacionista e optei por assim continuar, resgatando os pressupostos do Interacionismo Simbólico, já explicitados anteriormente,

¹⁷⁹ MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 22.

¹⁸⁰ MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social,. In: DESLANDES, S. F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org). Petrópolis, R. J. Vozes, 1994. p. 16.

integrando a eles a proposta teórico-epistemo-metodológica de Michel Maffesoli, pois ambas traduzem meu posicionamento frente à vida e, assim, frente à ciência também.

Deste modo, resgatarei os autores que já vem me acompanhando, fazendo um diálogo com outros que vieram surgindo posteriormente na minha trajetória, nos quais vejo sintonia e complementariedade em suas idéias. Alguns viveram até na mesma época e compartilharam um posicionamento muito semelhante, mesmo vivendo em culturas diferentes, remetendo-nos à noção de *sincronicidade* proposta por Jung¹⁸². Idéias semelhantes, mas com o toque particular de cada um, com sua contribuição, enriquecendo assim a fundamentação daqueles que acreditam numa ciência sensível, compartilhada, como George Mead, Michel Maffesoli, Gilbert Durand, Alfred Schutz, Peter Berger, Thomas Luckman, Edgar Morin, Leonard Schatzman, Anselm Strauss e Maria Cecília Minayo, entre outros, pois me auxiliaram nesta caminhada, ajudando-me a compreender este mundo imaginal de ser família saudável.

"O conhecimento tem sido descrito como uma edificante conversa de variadas vozes..."

Rachel T. Hare-Mustin¹⁸³

A Pós-Modernidade que aqui vem ancorando o *que ver*, também respalda o *como ver* esta realidade que aí está. Assim talvez possa até afirmar que a Pós-modernidade vem se apresentando como um *paradigma* (e, como tal, mas não *para sempre*,...), mostrando-nos uma ciência que se apresenta heterogênea, fragmentária, relativa e plural, como é o conhecimento, como é o viver. Pluralidade esta que é tanto intrínseca à ciência, como extrínseca. Vale dizer, tanto implica em vários caminhos, diversos métodos, como também a ciência, por si só, "não é o único, mas um dos muitos caminhos do conhecer"¹⁸⁴. Vive-se uma ciência onde, segundo Maffesoli¹⁸⁵ é

¹⁸¹ MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 23.

¹⁸² JUNG, Carl G. O homem e seu símbolos. 12 ed. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira. 1964. P. 307.

¹⁸³ HARE-MUSTING, R. T. Discourses in the mirrored room: a postmodern analysis of therapy. Family process, v. 33. march, p. 21. 1994.

¹⁸⁴ REZENDE, A. L. M. Pós-modernidade: o vitalismo no "chaos". Florianópolis. Plural, v. 3, n. 4. jan-jul. p. 10. 1993.

¹⁸⁵ ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. Moderno x Pós-Moderno. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural 1994, p. 81.

preciso "buscar o sensível, mas... racionalmente; uma 'razão sensível', isto é, capaz de elaborar sobre os dados da sensibilidade intuitiva. "

Alguém pode estranhar esta "conjunção de idéias" e perguntar, por exemplo: "trabalhar com autores do Interacionismo Simbólico, que em uma de suas construções faz emergir conceitos, e Michel Maffesoli, que critica conceito? "

Retomando alguns autores que tem estudado a linha interacionista, como Queiroz e Ziolkovski¹⁸⁶, podemos respaldar nossa idéia de sintonia. Desenvolvem-se conceitos sim! Mas são "*conceitos sensíveis*"!!! Os autores resgatam Blumer¹⁸⁷ ao dizer que a ciência "não pode produzir '*conceitos definidos*', fixados uma vez por todas, mas somente '*conceitos sensíveis*', conceitos que se aproximam e se sensibilizam aos aspectos importantes da realidade de cada caso estudado e que serão constantemente modificados no ato de pesquisa. " O que nos reporta à proposição de *noção* que Maffesoli coloca para se contrapor à rigidez do *conceito*.

Percebe-se que, nomenclaturas à parte, o que existe é a preocupação em defender a flexibilidade e a sensibilidade ao se desenvolver o conhecimento, mesmo que se utilizem termos que se contraponham para se referir a mesma idéia e vice-versa.

Para Maffesoli¹⁸⁸ o conceito, com ^o vem sendo adotado, é " Uno; determina a verdade, o que deve ser a verdade. Tudo o que escapa ao seu domínio faz parte do erro e não tem direito à existência. Eis esquematizada a lógica do *dever-ser* que caracteriza a atitude conceptual. Constranger a heterogeneidade da vida à unidade do conceito teve sempre pesadas conseqüências na história humana. É por isto que vale mais opor à rigidez do conceito, a moleza da noção. Esta satisfaz o nosso desejo de conhecimento, relativizando ao mesmo tempo o fantasma do poder que dorme em todo o intelectual.... A atitude *nocional* dá conta da heterogeneidade: ela dá a um mesmo objeto perspectivas diversas, ela indica que ele é simultaneamente isto e

¹⁸⁶ QUEIROZ, J. M. & ZIOLKOSSKI, M. L'Interactionnisme symbolique. Rennes, Les PUR, 1994, p. 35.

¹⁸⁷ De acordo com HAGUETTE (1987), Herbert Blumer cunhou o termo Interacionismo Simbólico em 1937. Embora a escola de interação simbólica tenha sua origem em clássicos da sociologia do fim do século XIX tais como Charles Horton Cooley (1864-1929), W. I. Thomas (1863-1947) e George Herbert Mead (1868-1931). HAGUETTE, T. M. F. Metodologia qualitativa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987. 1653p. cap. 1, p. 23-42.

¹⁸⁸ MAFFESOLI, M. O conhecimento do quotidiano. Lisboa, Vega. s/d. p. 40-41.

aquilo. Evita fazer de uma verdade local uma verdade universal... é preciso saber aceitar a modéstia da noção. "

Curiosamente, num paradoxo, talvez possamos dizer que Maffesoli proponha um resgate da própria essência do termo conceito como o encontramos em Aulete¹⁸⁹, ou seja, " *A mente, o entendimento, o juízo;... símbolo... tudo o que o espírito e alma concebe ou entende.* "

"As coisas que não tem nome assustam, escravizam-nos, deveram-nos... Se a bela faz de ti gato e sapato, chama-lhe, por exemplo, A BELA DESDENHOSA. E ei-la rotulada, classificada, exercismada, simples marionete agora, com todos os gestos perfeitamente previsíveis, dentro de seu papel de boneca de pau. E no dia em que chamares a um dragão de JOLT, o dragão te seguirá por toda parte como um cachorrinho..."

Mário Quintana¹⁹⁰

Para os interacionistas, "a descrição aprofundada de caso é bem mais importante do que " a generalização prematura e simplificada "¹⁹¹. Maffesoli¹⁹² também defende a descrição, quando propõe a *apresentação* das situações, contrapondo-se à *representação*. Esta, denota uma *mediação*, uma *interpretação*; enquanto aquela simplesmente *mostra* como as coisas são.

Ainda respaldando a aproximação que proponho, Queiroz e Ziolkovski¹⁹³, em outra passagem, ao mostrar as ligações da corrente interacionista, referem que a mais importante é aquela feita com a sociologia fenomenológica sob a forma desenvolvida por Alfred Schütz. Segundo eles, "Natanson já havia mostrado as afinidades existentes entre a visão fenomenológica e a 'perspectiva de George Mead'. Peter Berger e Thomas Luckmann tentaram construir uma visão comum integrando as duas perspectivas. Este trabalho conduziu à síntese magistral apresentada em 1967 em *A constru-*

¹⁸⁹ AULETE, C. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. 2 ed. Rio de Janeiro. Delta. 1964. 5 V. p. 882.

¹⁹⁰ QUINTANA, M. Prosa e verso. 6 ed. São Paulo: Globo. 1989. p. 47.

¹⁹¹ QUEIROZ, J. M. & ZIOLKOSSKI, M. L'Interactionnisme symbolique. Rennes, Les PUR, 1994, p. 35.

¹⁹² MAFFESOLI, M. Da razão abstrata à razão sensível. Seminário do Curso Espaços Culturais e Formas de Comunicação. Faculdade de Ciências Sociais - Université René Descartes - SORBONNE - Paris V - 17/01/95.

¹⁹³ QUEIROZ, J. M. & ZIOLKOSSKI, M. L'Interactionnisme symbolique. Rennes, Les PUR, 1994, p. 27..

ção social da realidade ". Isto também nos leva a mais uma aproximação com Maffesoli, pois "ele se coloca na perspectiva fenomenológica, ou melhor *fenomenográfica*, isto é, a que estuda aquilo que se dá a ver, que cuida daquilo que é".¹⁹⁴

Existe uma aproximação entre os pensamentos que repousa na própria essência da linha interacionista: olha as relações, o micro, sem deixar de relativizar o macro. Maffesoli também trabalha com o relacional.

Conforme Haguette¹⁹⁵, George Mead, o precursor do Interacionismo Simbólico, mesmo exibindo uma orientação filosófica em seu trabalho, sempre se preocupou em ilustrar suas proposições a partir de fatos da vida cotidiana. Este aspecto pode ser considerado um fator enriquecedor de sua obra, pois segundo Maffesoli¹⁹⁶ o "minúsculo" cotidiano é importante para apreender a socialidade que é considerada o motor da vida social, o gênio do corpo social. Para Maffesoli¹⁹⁷, a socialidade é "uma expressão tangível e cotidiana da solidariedade de base, do societal em ato".¹⁹⁸

De acordo com Rodrigues¹⁹⁹, Maffesoli, tendo como quadro de referência a sociologia compreensiva, está mais preocupado em descortinar os atores prosseguindo na vida de todos os dias do que reduzir a variação dos fenômenos a estruturas rígidas. Não se tratando, portanto, de "*julgar em nome de uma norma concebida de uma vez por todas, mas de compreender o sentido que os atores atribuem às relações sociais em que estão envolvidos.* "

Falemos, então, desta perspectiva proposta por Michel Maffesoli, colocando os "*pressupostos teóricos e da sensibilidade*" que guiam sua reflexão epistemológica, como ele próprio refere.²⁰⁰

¹⁹⁴ ROUANET, S. P. & MAFFESOLI, M. Moderno x Pós-Moderno. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural 1994, p. 23.

¹⁹⁵ HAGUETTE, T. M. F. Metodologia qualitativa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987. 1653p. cap. 1, p. 23-42. A interação simbólica.

¹⁹⁶ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

¹⁹⁷ MAFFESOLI, M. A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, p. 17.

¹⁹⁸ É interessante destacar que este autor usa o termo societal quando deseja sublinhar a característica essencial do "ser-junto-com", superando assim a simples associação racional que, para ele, é designada pelo termo "social"

¹⁹⁹ MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 8-10.

²⁰⁰ MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 13.

Em seu **primeiro pressuposto: a crítica do dualismo**, Maffesoli coloca que qualquer pensamento é percorrido por duas atitudes complementares, difíceis de serem definidas com exatidão, todavia que recortam as potencialidades diversas que são a razão e a imaginação. O autor ressalta que vemos de um lado um acento na construção, na crítica, no mecanismo, na razão; de outro, a natureza, o sentimento, o orgânico e a imaginação. Enquanto alguns intelectuais repousam na abstração, outros buscam a empatia. Há sempre um endereçamento a uma dicotomia. Maffesoli defende a possibilidade de movimento de *“vai-e-vem entre o farejador social atento ao instituinte, ao “subterrâneo, e o “taxinômico” que classifica as formas ou as situações instituídas e sociais.”*²⁰¹ É assim que propõe uma ciência de dentro, na qual o pensador, ou seja, *“aquele que pensa o mundo”*, não tem de se abstrair, pois ele faz parte daquilo que descreve, ele está no interior, podendo, deste modo, ter uma visão desde dentro, uma *“intuição”*.

Em seu **segundo pressuposto: a “forma”**, Maffesoli traz sua noção de **formismo**, entendendo que esta permite *“descrever os contornos de dentro, os limites e a necessidade das situações e as representações que constituem a vida quotidiana”*, temperando-se, assim, a rigidez do estruturalismo, com o *“cuidado de manter a sua perspectiva, pertinente, de invariância; trata-se de uma modulação temperada que permite apreender a labilidade e as correntes quentes da vivência”*.²⁰²

Assim, a partir de vários exemplos como o de “bacias semânticas” de Gilbert Durand, Maffesoli destaca que a **forma é formante e de nenhum modo formal**, mostrando a necessidade de metodologias que recorram a um específico que faça sobressair a variedade dos fenômenos sociais, indicando, deste modo, a perspectiva qualitativa. Para ele, um recurso metodológico que se apoie na forma é *“inteiramente pertinente para dar conta da socialidade cada vez mais estruturada pela imagem”*.

²⁰³

Dentro deste pressuposto é que o autor chama a nossa atenção para a possibilidade de categorias ou classes. Segundo ele, se quisermos colocar ênfase no dado

²⁰¹ MAFFESOLI, M. O conhecimento do quotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 14.

²⁰² MAFFESOLI, M. O conhecimento do quotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 14.

²⁰³ MAFFESOLI, M. O conhecimento do quotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 18.

social com toda a sua polissemia, incoerência e labilidade, “isto não significa que não possamos aí notar as formas estruturantes”, pois se reconhece, cada vez mais, que “ordem e a desordem” estão intimamente misturadas”²⁰⁴.

Maffesoli diz que se “necessita que estabeleçamos categorias invariáveis que escapem ao domínio das especificidades históricas”. Para ele, a invariância é um integrante de qualquer atitude científica. Tudo que tem relação com a vida se compõe de repetições, ou mesmo de latentes ou manifestos envios a arquétipos ou estereótipos. Entendo que, ao usarmos classes ou categorias, estamos envolvidos com um aspecto estruturante sim, mas que tem a nuance de “vir de dentro”, delineando-se numa estrutura que é móvel. As classes, ou categorias, que ele mesmo utiliza (poder, rito, a teatralidade, a duplicidade,...), podem ser compreendidas como:

“outras tantas modulações da forma; enquanto tal, elas não existem, são irrealis, mas não deixam de ser metodologicamente muito úteis para ilustrar, porém em imagens, todos estes pequenos nada significantes ou todas estas estruturas macroscópicas que constituem as nossas sociedades”.

*Michel Maffesoli*²⁰⁵

No **terceiro pressuposto: uma sensibilidade relativista**, Maffesoli mostra que a **forma** que traz consigo, as comparações, é possível pela existência de um relativismo metodológico. Não há uma realidade única. A clássica instrumentação já não basta para descrever uma “constelação societal onde a imagem e o símbolo ocupam um lugar de eleição”.

Deste modo, todo este mundo heterogêneo e plural demanda uma compreensão sistêmica com o mais extenso dos espectros, uma ciência que integre “saberes especializados num conhecimento plural sempre em vias de se fazer e se desfazer”²⁰⁶. A reflexão sistêmica, que tenta descrever numa ordem complexa, a interação que a

²⁰⁴ MAFFESOLI, M. O conhecimento do quotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 17.

²⁰⁵ MAFFESOLI, M. O conhecimento do quotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 19.

²⁰⁶ MAFFESOLI, M. O conhecimento do quotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 21.

anima, está atenta ao paradoxal e ao heterogêneo do viver. A sensibilidade relativista sabe que a *“verdade é sempre factual e momentânea”*.

“... Porque se você parar para pensar na verdade, não há...”

“Pais e Filhas” de Dado Villa-Lobos/ Renato Russo/ Marcelo Bonfá

No seu **quarto pressuposto: uma pesquisa estilística**, Maffesoli nos traz o alerta de que a ciência precisa se expressar de modo *“a saber dizer o seu tempo”*. Assim, ao meu ver faz uma proposta que muito contribui para que se diminua o fosso entre a academia e a comunidade em geral, algo que também venho defendendo já há algum tempo. Ele propõe que a ciência se mostre através de um *“feed-back”* constante entre a empatia e a forma, com uma **escrita mais aberta**, polifônica, que simultaneamente, reflita sobre si mesmo, e, sem perder o seu rigor científico, interesse aos protagonistas sociais.

“Começamos a saber o que temos a dizer... mas ainda não encontramos a forma para o dizer”.

D. Bertaux²⁰⁷

Dentro desta proposta é que Maffesoli apresenta a analogia e a metáfora como elementos essenciais do que denomina de procedimento, sendo preciso que se encontre um modo de expressar a polissemia dos sons, gestos e das situações que compõem a *“trama social”*.

Ainda integrando este pressuposto, Maffesoli desperta-nos para o aspecto de se deixar um problema em aberto, pois suscita debate e outros olhares, podendo até serem contraditórios, fazendo emergir assim toda a diversidade que palpita no viver e no conviver. Entretanto, ele adverte:

²⁰⁷ MAFFESOLI, M. O conhecimento do quotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 24.

*“É, por fim, bem evidente que o ‘saber dizer’ não é sinônimo de dizer tudo. Há imprecisões que são simultaneamente elegâncias perante a complexidade das coisas, e respeito perante o leitor. Piruetas que não são em nada abdições de espírito, mas conceitos para uma compreensão mais profunda... Naturalmente este procedimento aberto é pouco satisfatório para todos aqueles que têm necessidades de certezas”.*²⁰⁸

Michel Maffesoli

Em seu último e quinto pressuposto: um pensamento libertário, Maffesoli defende que “é mais fecundo agir para uma libertação do olhar”²⁰⁹.

Retomando Balandier e Tourraine, fala-nos da interação entre diferentes escolas de pensamento, que ao estilizar as “baronias do saber”, bem como “as ciuvemente guardadas circunscrições temáticas”, faz dos inovadores um abalo ao peso institucional. Assim, refere que é preciso que o estudioso “saiba renascer inocente a cada manhã. O esquecimento é uma força que permite um novo olhar”.

O pensamento libertário tem apoio na noção de typicalidade, deste modo, Maffesoli fala-nos sobre o pesquisador enquanto ator e participante, deixando claro que não é uma exigência generalizada, mas que certas metodologias o demandam, havendo uma interação que se estabelece entre o observador e seu objeto de estudo. Neste contexto há cumplicidade, conivência, empatia.

É neste momento que Maffesoli compartilha a noção de **compreensão**, que respalda esta pesquisa. Para ele, a “compreensão implica a generosidade de espírito, a proximidade, a correspondência”, que permite “apreender ou sentir as sutilidades, os matizes, as discontinuidades”²¹⁰ de uma situação social qualquer. Isto é, necessita de uma atitude de empatia. Ou seja, eu diria que compreender é exercitar o “ver pelo olhar do outro”, retomando o seu próprio olhar que já estará “embebido” pelo do outro.

²⁰⁸ MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 26.

²⁰⁹ MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 27.

²¹⁰ MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 29

Estes pressupostos relacionam-se o tempo todo entre si, mostrando relevo ao interacional intrínseca e extrinsecamente. O conhecimento, para Maffesoli, poderá se fazer a "*partir das nodosidades particulares da pessoa e das suas interações*"²¹¹

Enfim, retomando os traços trazidos pela pós-modernidade à ciência, é interessante destacar que "*os interacionistas não rejeitam outros métodos,... onde a pluralidade permite descobrir os diferentes aspectos da realidade empírica;... não esquecem que a pesquisa científica e cada ação da pesquisa individual constituem um caso específico de interação... o que resulta numa relatividade essencial da ciência social.*"²¹²

A partir desta visão de ciência é que opto por desenvolver uma pesquisa utilizando *métodos qualitativos*, trabalhando mais especificamente com a denominada *pesquisa de campo*, seguindo a proposta de Schatzman & Strauss²¹³.

A metodologia, dentro desta perspectiva, implica em três aspectos relevantes: compreende uma busca científica mais ampliada e não apenas alguns aspectos selecionados desta busca; cada parte da busca científica deve unir-se a característica persistente do mundo empírico sob estudo; sendo assim, os métodos de estudo estão subservientes a este mundo e devem ser testados por ele; o mundo empírico sob estudo e não os modelos da investigação científica, prevê a última e decisiva resposta a este teste. Enfim, apresenta-se uma "luta pelo respeito à natureza do mundo empírico e pela organização do procedimento metodológico que reflitam este respeito".²¹⁴

Mas por que Métodos Qualitativos? A escolha de trabalhar com métodos qualitativos advém do fato de que estes métodos, de acordo com Haguette, fornecem uma compreensão de certos fenômenos sociais, e enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser, enquanto os métodos quantitativos supõem uma população de objetos de observação comparável entre si, além de serem incapazes, através dos métodos estatísticos de "dar conta" dos fenômenos complexos e/ou únicos. Considerando que o objetivo desta pesquisa é *compre-*

²¹¹ MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 178.

²¹² QUEIROZ, J. M. & ZIOLKOSSKI, M. L'Interactionnisme symbolique. Rennes, Les PUR, 1994, p. 35.

²¹³ SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. vii.

²¹⁴ HAGUETTE, T. M. F. Metodologia qualitativa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987. 1653p. cap. 1, p. 23-42.

ender o mundo imaginal das famílias de ser família saudável nestes tempos pós-modernos, a partir de interações entre pesquisadora e as famílias, e não podendo contemplar as famílias na sua totalidade, tendo então para tal selecionado um grupo com o qual já trabalhava no meu cotidiano, optei pelo método do estudo de caso.

De acordo com Ludke & André²¹⁵, também citado por Cabral e Tyrrel²¹⁶ neste aspecto, o estudo de caso é um método da abordagem qualitativa de pesquisa porque apresenta alguns pontos essenciais como: o caso escolhido para investigação é uma unidade (em sua unicidade); os contornos e os limites do caso são mais claramente definidos ao longo do estudo; c) o caso é uma unidade (com sua unicidade, que pressupõe trocas constantes) dentro de um sistema amplo, mas seu foco de interesse dirige-se para aquilo que ele tem de particular, de único.

Triviños²¹⁷, por sua vez, refere que *“suas características são dadas pela natureza e abrangência da unidade. Além disto, a complexidade do Estudo de Caso está determinada pelos suportes teóricos que servem de orientação ao investigador em seu trabalho. O importante é lembrar que no estudo de caso,... a complexidade do exame aumenta à medida que se aprofunda o assunto.”* Cabe ainda reforçar esta escolha, com o que Cabral e Tyrrel²¹⁸ nos trazem, principalmente pela sintonia não só das idéias, mas também pela sincronicidade do modo de se expressar, quando referem *“a nossa opção por esta abordagem qualitativa e pelo método (estudo de caso) nos permite mergulhar o mais aprofundadamente possível na realidade de um grupo social”*.

Conforme Lazarsfeld, apud Haguette²¹⁹, existem três situações onde os indicadores qualitativos devem ser adotados: a) situações onde a evidência qualitativa

²¹⁵ LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1988.

²¹⁶ CABRAL, Ivone E. & TIRREL, Maria Antonieta R. O objeto de estudo e a abordagem de pesquisa qualitativa na enfermagem.. In: GAUTHIER, Jacques, CABRAL, Ivone E. SANTOS, Iraci dos & TAVARES, Cláudia M. de M. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara - Koogan, 1998, p. 19.

²¹⁷ TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa nas ciências sociais. São Paulo, Atlas, 1987, p. 133-4.

²¹⁸ CABRAL, Ivone E. & TIRREL, Maria Antonieta R. O objeto de estudo e a abordagem de pesquisa qualitativa na enfermagem.. In: GAUTHIER, Jacques, CABRAL, Ivone E. SANTOS, Iraci dos & TAVARES, Cláudia M. de M. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara - Koogan, 1998, p. 19.

²¹⁹ HAGUETTE, T. M. F. Metodologia qualitativa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987. 1653p. cap. 1, p. 23-42

substitui a simples informação estatística relacionada a épocas passadas; b) situações nas quais a evidência qualitativa é adotada para captar dados como atitudes, motivos, pressupostos, quadro de referência, etc. ; c) situações nas quais simples observações qualitativas são usadas como indicadores do funcionamento complexo de estruturas e organizações complexas. Penso que o estudo ao qual me proponho desenvolver pode ser evidenciado tanto na segunda como na terceira situação. Haguette coloca que o segundo tipo de situação está evidenciado em todos os estudos interacionistas; enquanto a terceira situação é tipificada nos estudos de elementos sociais naturais tais como a família e a comunidade.

Massimo Canevacci, da Universidade de Roma La Sapienza e autor de "Dialética da família", vem reforçar minha escolha pela perspectiva qualitativa. Ele se diz "totalmente céptico", em relação à capacidade de pesquisas quantitativas contribuírem para esclarecer o que acontece com a família nos dias de hoje, e defende que "*para compreender melhor no que se transformou a família, é imprescindível realizar estudos mais qualitativos, 'dialógicos'. Só assim seria possível desvendar quais os valores que orientam esses microuniversos*".²²⁰

Retomando a reflexão sobre o processo de que, ao se buscar respostas se descobre os caminhos, que já havia vivenciado em outro momento ao pensar em aspectos metodológicos, voltando a experienciá-lo nesta pesquisa, encontrei respaldo em Schatzman & Strauss²²¹ quando nos falam que "*o pesquisador deve desenvolver procedimentos à medida em que caminha*", assim "*sem seguir um design linear específico e seguindo as propriedades naturais de seu campo*"²²².

Os autores caracterizam muito bem o pesquisador de campo como um "*estrategista*". Eles contribuíram muito com este caminhar, quando propõem que o processo de pesquisa se desenvolva então em torno de *estratégias*, ou seja, através de um: "*entrar; organizar; observar; ouvir; registrar; analisar e comunicar*"²²³.

²²⁰ LEITE, Marcelo. Ter família é bem melhor do que casar. In: Folha de São Paulo. 20 de setembro, 1998. Especial A: família, p. 7.

²²¹ SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. vii.

²²² SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. vii

²²³ SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. vii

Assim, as estratégias que adotei, embora apresentadas aqui numa certa sequência, ocorreram de forma não-linear, "*quase simultaneamente- analisar com coletar de dados; entrevistar com o observar; registrar com analisar... estas são atividades integradas*"²²⁴.

Cabe destacar que, desde o início de meus trabalhos com famílias no seu contexto, percebi a oficina como *uma possibilidade de integração e conjunção de estratégias sensíveis no processo de pesquisar*.

Nesta pesquisa, as estratégias foram desenvolvidas em 11 encontros com as famílias, que incluíram 3 reuniões e 8 oficinas, com uma média de participação de 8 famílias, e duração de 2 horas cada um, realizados no período de setembro à dezembro de 1997. Estes encontros são apresentados no Anexo I²²⁵, devido à sua extensão. Todavia, são parte vital do processo de pesquisa vivenciado.

O desenvolvimento das estratégias nos encontros, bem como das oficinas, será colocado a seguir; antes, entretanto, falarei a respeito de quem foram os sujeitos desta pesquisa, ou seja, os *interatores*...

²²⁴ SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. vii

²²⁵ Os encontros apresentados no Anexo I são integrados pelas transcrições das fitas, pelos resumos e pelas Notas Teóricas, Metodológicas e do Pesquisador, que serão tratados a seguir.

Descendo o Monte e encontrando com as Tribos da Lagoa: os Interatores

*"Certamente o número de pessoas é menos importante do que a teimosia de enxergar a questão sob várias perspectivas, pontos de vista e de observação."*²²⁶

Maria Cecília Minayo

Nesta viagem, subimos e descemos o Monte, atravessamos o mar, chegamos na ilha, subimos e descemos o morro, até chegar nas margens da Lagoa. Nome de mulher, forma de mulher, que se deita rodeada de dunas, provocando seu vizinho, que atrás de outros verdes se descortina: o mar.

Lagoa da Conceição. Colonizada por aqueles que nasceram nos Açores, atravessaram o oceano, e vieram nela se instalar na metade do século de número dezoito.

Local pleno de luz e energia. Encontrá-la de cima do morro, quando menos esperamos, é incitar toda a adrenalina de nosso corpo. Lagoa cantada e encantada. Lugar de contos e encontros. Diurnos e noturnos²²⁷. Lugar de pescadores, e de rendeiras. Lugar onde se surfa na areia, no mar e no ar. Alguns com pranchas, outros com asas; algumas, até mesmo com vassouras. Céu de bruxas.

Morada de nativos e estrangeiros. Estrangeiros que vêm, mas nem sempre vão. Ficam na morada. Enamorados. Enfeitiçados. São os gaúchos, os cariocas, os paulistas, e até alguns europeus, entre outros. Há os profissionais liberais, funcionários públicos, os aposentados, os que fazem "bicos"... e os que nem "bicos" têm ou não querem para fazer. Ali Woodstok parece ter deixado herdeiros.

Local de barcos, barracos, barracas,... e mansões. A droga aí também flutua entre ricos e pobres... pobres ricos então. As naturezas diversas aí se relativizam, tendo como pano de fundo uma "overdose" da teimosa Natureza que ainda insiste em resistir.

Lagoa da Conceição. Singular na sua pluralidade. Comunidade que se traduz em comunidades. Lagoa que é Costa, é Retiro, é Porto, e é Barra. Lagoa que tem o

²²⁶ MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 103.

seu Canto, que também é dos Araçás. Lagoa cuja Ponta é das Almas; o seu centro, a Freguesia.

A Lagoa além de ser palco de tanta beleza, também tem sido chão para alguns estudos, como de Cartana²²⁸ e Maluf²²⁹ entre outros. Segundo esta última, a Lagoa da Conceição em suas comunidades, tem vivenciado um processo de mudança bastante acelerado, havendo um deslocamento do centro da atividade econômica da pesca e agricultura de subsistência para o trabalho assalariado. A autora destaca o contato intensivo com a “cultura urbana”, fazendo parte de cotidiano dos moradores, a partir da década de 70, com a difusão dos meios de comunicação e da pavimentação, como outro aspecto significativo desta transformação.

Entretanto, no processo de urbanização, as características relevantes da cultura local não desapareceram; foram reelaboradas, tendo seus significados redefinidos “*a partir do imaginário e dos modos de vida locais... Rural e urbano não podem ser pensados aqui como duas realidades paralelas ou separadas, mas são integrantes de uma mesma sociedade global que combina seus elementos distintos e muitas vezes contraditórios, redefinindo-os de acordo com a situação e o momento vivido pela comunidade*”²³⁰

De acordo com Maluf²³¹, os habitantes da Lagoa referem que a comunidade foi formada a partir de duas ou três famílias, acreditando que os nativos são seus descendentes, tendo algum grau de parentesco entre si, reforçando que os “*contornos entre a família, a parentela e os grupos de vizinhança ainda são difusos*”, frequentemente confundindo-se.

Havia uma relação com outras famílias que permitia, trocas recíprocas, constituindo-se redes de solidariedade. “*É possível perceber as tendências antagônicas*

²²⁷ MALUF, Sônia. Encontros noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. 187p

²²⁸ CARTANA, M. H. F. Rede e suporte social das famílias. Florianópolis: UFSC, 1988. 157p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade de Santa Catarina, 1988.

²²⁹ MALUF, Sônia. Encontros noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. 187p

²³⁰ MALUF, Sônia. Encontros noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p. 16.

²³¹ MALUF, Sônia. Encontros noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p19.

que atuam sobre a dinâmica da vida familiar e a necessária relativização dos modelos de família com os quais a antropologia tem trabalhado"²³².

É neste mundo que mergulhamos para desenvolver este estudo durante o ano de 1997, junto a quem denominei carinhosamente de "Algumas Famílias das Tribos da Lagoa" (Alfatrila), a partir de um projeto de extensão realizado com famílias em um núcleo de desenvolvimento infantil, denominado de *Projeto Ninho: criando um espaço para assistir transdisciplinarmente a família*²³³, o qual venho coordenando, desde o início de 1996, estando já no seu terceiro ano de existência.

Mas por quê *Interatores*? No projeto de tese, a fim de estabelecer um canal de comunicação com a comunidade científica, adotei o nome de sujeitos da pesquisa. Por um lado, satisfazia-me, pois me trazia o significado de que teriam espaço e voz próprios. Contudo ficava ainda uma lacuna. Meu espírito interacionista demandava algo mais... Sim, eles eram atores sociais! Porém faltava ainda se aproximar mais da realidade: eram interatores, ou melhor, éramos e somos interatores.

Colocada esta posição, pude vê-la reforçada posteriormente por Cabral & Tyrrel²³⁴, respaldadas por Haguette, quando falam de "atores sociais, escolhidos para serem os sujeitos dessa investigação", assim denominados pois "*são agentes ativos em todo o processo, ... não se confundem com aqueles que simplesmente respondem às questões de uma entrevista*".

Avançando mais nesta questão, segundo Gauthier²³⁵, podemos inclusive falar em "grupo pesquisador", sendo então co-pesquisadores junto ao pesquisador-institucional, neste processo interativo que é o pesquisar.

²³² MALUF, Sônia. Encontros noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p. 16-25.

²³³ O Projeto Ninho, desde sua concepção, tem a proposta de "subsidiar famílias, através da assistência inter-transdisciplinar a atingir uma melhor qualidade de vida por elas próprias definida", e vem contemplando seus objetivos, onde se destaca por objetivo geral "cuidar transdisciplinarmente da saúde das famílias que habitam a região da Grande Florianópolis"²³³. Sendo que seus objetivos específicos contemplam: proporcionar um espaço alternativo para que as famílias discutam/trabalhem suas questões de viver e ser saudáveis, além de possibilitar um espaço de ensino-aprendizagem aos participantes do grupo.

²³⁴ CABRAL, Ivone E. & TIRREL, Maria Antonieta R. O objeto de estudo e a abordagem de pesquisa qualitativa na enfermagem.. In: GAUTHIER, Jacques, CABRAL, Ivone E. SANTOS, Iraci dos & TAVARES, Cláudia M. de M. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1998, p. 19.

²³⁵ GAUTHIER, Jacques, SANTOS, Iraci dos, SOUZA, Leliana S de, & FIGUEIREDO, Nélia M. A. de. A sociopoética: uma filosofia diferente e prazerosa. In: GAUTHIER, Jacques, CABRAL, Ivone E. SANTOS, Iraci dos & TAVARES, Cláudia M. de M. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1998, p. 158.

Mas quem foram os interatores desta pesquisa? São pessoas que se percebem enquanto famílias, ou como membro de alguma, e que têm como ponto de referência um núcleo de desenvolvimento infantil, contemplando-se assim, basicamente, as crianças, os pais, bem como os funcionários, entre outros, além das bolsistas, acadêmicas de enfermagem, e eu, pesquisadora-institucional. Estas são Algumas Famílias das Tribos da Lagoa.

O núcleo, no ano de 1997, tinha 176 crianças matriculadas, na faixa etária de 1 ano e 6 meses até 6 anos, sendo distribuídas em 8 turmas.

Dentro do quadro funcional, tinha-se 30 funcionários: incluindo 8 professores; 7 auxiliares de sala; 4 auxiliares de serviços gerais; 3 auxiliares de ensino; 2 porteiros; 4 merendeiras; 1 diretora.

Das famílias, os adultos que participaram da pesquisa estavam numa faixa etária de 25 a 73 anos. O grau de escolaridade variou de I grau incompleto a III grau completo. Suas profissões incluíam doméstica, militar, professor, vendedor, topógrafo, publicitário, garçom, salva-vidas, motorista, lavadeira, jardineiro, balconista, açougueiro, servente de produção, comerciante, construtor, porteiro, doceiro, dona-de-casa, eletricitista, mecânico, auxiliar de cozinha. Há também a situação de desemprego.

Quanto à justificativa da escolha deste grupo, posso dizer que atendem aos critérios propostos por Minayo²³⁶, também citados por Cabral & Tyrrel²³⁷, ou seja, sua “adequação prática ao delineamento do objeto teórico em estudo, que envolve interação, conhecimento, contatos anteriores, experiências e lastros de trabalho”.

Ora, ao começar a desenvolver o Projeto Ninho, muitas destas minhas crenças sobre a importância de mergulhar no mundo imaginal da família para poder trabalhar suas questões de viver e ser saudável de modo mais sintonizado com a sua realidade, já me acompanhavam. A interação cultivada através do trabalho desenvolvido junto às famílias do núcleo, durante o primeiro ano, só veio a reforçar ainda mais estas crenças, tornando-se inclusive uma necessidade para dar continuidade ao Projeto Ni-

²³⁶ MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 101.

²³⁷ CABRAL, Ivone E. & TIRREL, Maria Antonieta R. O objeto de estudo e a abordagem de pesquisa qualitativa na enfermagem.. In: GAUTHIER, Jacques, CABRAL, Ivone E. SANTOS, Iraci dos & TAVARES, Cláudia M. de M. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara - Koogan, 1998, p. 20.

nho. Além do mais, se era com aquele grupo que eu já trabalhava, havia também um compromisso de fazer este mergulho no seu mundo imaginal, sendo coerente, tanto com os objetivos do Projeto Ninho (já citados), como também com a tese que defendo.

Mas defender uma tese apenas com este grupo? Este é o universo em que trabalho. Com este grupo eu assumi um compromisso, antes de tudo, de respeitar a relevância da sua singularidade.

Um Entrar no Campo...

Entrada no campo? Fico refletindo se posso chamar assim! Se considerar que já interagira com "Algumas Famílias das Tribos da Lagoa", há um ano, desde 1996, poderia falar num retorno ao campo.

Se pensar que neste tempo em que houve um hiato na nossa interação, entre janeiro e agosto de 1997, tanto "Algumas Famílias das Tribos da Lagoa" quanto eu, vivenciamos muitas coisas que nos tornaram diferentes, havendo, portanto, um retorno, mas não para o igual, então podemos ainda falar em entrar, pois sempre quem volta, não deixa de entrar,... novamente. Ilustrando, a palavra "rentré"²³⁸ do idioma francês, é traduzida tanto como entrar, quanto voltar, entrar de novo.

Bem, deixemos as divagações e falemos da estratégia para iniciar a pesquisa. Conforme o projeto de pesquisa, inicialmente apresentei a idéia do trabalho detalhadamente à direção e a alguns funcionários do núcleo, a fim de debatê-la, recebendo assim contribuições, inclusive em relação a melhor situação para "entrar", visto que já existiam trabalhos sendo desenvolvidos aos quais integrar o projeto.

A sugestão foi de que eu apresentasse a proposta na próxima reunião com todos os funcionários do núcleo, entretanto consideraram que eu poderia iniciar imediatamente a pesquisa junto às famílias, no momento em que quisesse, não precisando esperar a próxima reunião geral dos funcionários.

Cabe ressaltar, que a idéia já havia sido exposta, de modo sintético, no final de 1996, tendo sido demonstrado muito interesse e receptividade, como nesta ocasião.

²³⁸ LAROUSSE: dictionnaire français-portugais; portugês-francês. Paris. Larousse. s/d.

Um Observar...

"Há uma série de fenômenos de grande importância que não podem ser registrados através de perguntas, ou em documentos quantitativos, mas devem ser observados em sua realidade. Denominemo-los os "imponderáveis da vida real". Entre eles se incluem coisas como a rotina de um dia de trabalho, os detalhes do cuidado com o corpo, da maneira de comer e preparar as refeições; o tom das conversas e da vida social... a existência de grandes amizades e hostilidades e de simpatias e antipatias passageiras entre pessoas..."

*Malinowski*²³⁹

Conforme Minayo²⁴⁰, "a observação participante pode ser considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a tomam não apenas como uma estratégia no conjunto da investigação, mas como um método em si mesmo, para a compreensão da realidade".

Como desenvolvi a pesquisa a partir das atividades desenvolvidas pelo Projeto Ninho, como as oficinas, a observação participante foi uma estratégia de escolha, visto que pode ser definida como "processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto".²⁴¹

Outro aspecto que contribuiu para a eleição desta estratégia diz respeito a sua sintonia com minha posição interacionista. Segundo Haguette²⁴², a observação participante é, por excelência, o método dos estudos interacionistas, pois propicia ao pes-

²³⁹MALINOWSKI, B. "Objeto, método e alcance desta pesquisa In: "Desvendando máscaras sociais". Rio de Janeiro. Ed. Livraria Francisco Alves. 1975, p. 55, apud MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 137.

²⁴⁰MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 134-135.

²⁴¹SCWARTZ, M. & SCWARTZ, C. G. "Problems in Participant Observation". American Journal of Sociology 60 (January): 343-353. 1955, apud MINAYO op. cit.

²⁴²HAGUETTE, T. M. F. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 58.

quisador "assumir o papel do outro", isto é, ver o mundo através dos pesquisados. Esta foi justamente a proposta neste estudo, ou seja, conhecer qual é o mundo imaginal de ser família saudável, **segundo as próprias famílias** das Tribos da Lagoa. Como já falei anteriormente, foram elas que me deram as respostas para uma melhor compreensão.

"É preciso observar o aspecto legal e o aspecto íntimo das relações sociais; ao lado das tradições e costumes, o tom e a importância que lhe serão atribuídos; as idéias, os motivos e os sentimentos do grupo na compreensão da totalidade de sua vida, verbalizados por eles próprios, através de suas categorias de pensamento".

Maria Cecília Minayo²⁴³

Quero ressaltar o aspecto do "*assumir o papel do outro*", que diferentes autores destacam, embora muitas vezes o denominem de maneira diversa, de acordo com sua linha de pensamento, como por exemplo Schütz e os autores interacionistas. Minayo²⁴⁴, discutindo este aspecto à luz de Malinowski, refere que "uma atitude de observador científico consiste em colocar-se sob o ponto de vista do grupo pesquisado, com respeito, empatia, e inserção o mais íntimo possível... Isso significa imergir na realidade...". Como venho dizendo, "mergulhar no mundo da família", pois a experiência anteriormente vivenciada junto às famílias, ao trabalhar com este aspecto²⁴⁵, revelou "a importância do 'assumir o papel do outro'... pois consegue aproximar-se de seu mundo." Todavia, não podemos esquecer, conforme ressalta Franz²⁴⁶, "*que na experiência científica, se leve em conta a perspectiva mental do observador participante*".

²⁴³MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 137-138.

²⁴⁴MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 134-135.

²⁴⁵NITSCHKE, Rosane. G. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável, Florianópolis, UFSC, 1991, 269 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1991. p. 224-226.

²⁴⁶FRANZ, M. L. A ciência e o inconsciente. In: JUNG, Carl G.. O homem e seus símbolos. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 308.

Neste processo, a situação que assumi enquanto pesquisadora, foi aquela na qual, segundo Minayo²⁴⁷, abordando Raymond Gold, “o pesquisador deixa claro para si e para o grupo sua relação temporária (enquanto durar o trabalho de campo). A participação, no entanto, tende a ser a mais profunda possível através da observação informal, da vivência junto de acontecimentos julgados importantes pelos entrevistados”, no seu cotidiano.

“Que o intelectual se insira na organização das gentes e das coisas e, então, à sua maneira, ele pederá dar conta da vida quotidiana”.

Michel Maffesoli²⁴⁸

²⁴⁷MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 142.

²⁴⁸MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 51.

Um Ouvir...

"O maior problema é que os dados 'não falam por si'; eles apenas sugerem algo, e somente se alguém for capaz de ouvir. 'Ouvir' no sentido de uma ativa perseguição de significado,..."

Schatzman & Strauss

Quando se apresentam separadamente estes aspectos como o *observar* e o *ouvir*, trata-se de uma questão didática e hipotética, a fim de chamar atenção às suas minúcias intrínsecas. Na verdade, obviamente, ocorrem simultaneamente, integradamente. Schatzman & Strauss²⁴⁹ falam-nos que esse seria um processo realmente impossível: "o observador ouve para si mesmo o que ele está vendo,... ele ouve os sons simbólicos... ele cria a sua ciência social 'em cima do' que ele escuta e vê... Cada observação ou ouvir é capaz de gerar idéias; quando combinadas, entretanto, uma 'nutre' a outra e multiplica idéias não somente sobre o que é lá (como substância), mas também sobre adicionais e melhores operações para melhor explorá-los (como método)". Erdmann²⁵⁰, ao desenvolver sua tese sobre **a complexidade no cotidiano de um sistema organizacional de cuidados de enfermagem**, também destaca a integração destes elementos, ampliando-os: "do *olhar/observar, do ouvir/sentir, do falar/dialogar e do silenciar/calar, numa atitude voltada para o contemplar pensando/refletindo os meus sentimentos/sensações/idéias*".

Mostrando a integração destes aspectos, é discutindo o "ouvir" que Schatzman & Strauss²⁵¹ nos trazem novamente o "*assumir o papel do outro*". Segundo eles, "para compreender as compartilhadas e variáveis propriedades deste simbólico universo, o pesquisador deve ser um bom 'role-taker'... O processo de "assumir o papel do outro" (role-taking) é o primeiro estágio de compreensão, requerendo um sistemático 'escutar' sem aplicar nossas próprias categorias".

²⁴⁹SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. 67..

²⁵⁰ ERDMANN, Alacoque Lorenzini. Sistema de cuidados de enfermagem. Pelotas: Universitária/UFPel, 1996, p 132.

²⁵¹Op. cit. p. 68.

Conforme Schatzman & Strauss²⁵², existem diversas táticas para ouvir, sendo que dentre elas estão as conversas informais "dentro ou fora de cena" e as entrevistas, "o pesquisador deverá ouvir tudo".

A entrevista, segundo Neto²⁵³, ao lado da observação participante, constitui-se como importante e fundamental componente da realização da pesquisa qualitativa, sendo que este procedimento é o mais usual no processo de trabalho de campo.

Neste estudo, a entrevista foi entendida como uma situação de interação proporcionada por iniciativa do pesquisador, onde este busca captar a realidade através da fala dos atores sociais. Deste modo, esta estratégia pode ser caracterizada, conforme Neto²⁵⁴, como uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Somando-se a isto, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico.

"Mas esta interação que tem lugar na entrevista, e que mereceria por si só um estudo específico, é sobretudo indicada para por em evidência que podemos 'conhecer o social partindo da especificidade irreduzível' de uma pessoa ou de um conjunto de pessoas que entram em interação. Trata-se de uma tomada de posição epistemológica que se distingue radicalmente das práticas científicas clássicas, que na grande linha aristotélica postulam que se pode haver a Ciência do geral."

Michel Maffesoli²⁵⁵

Dentre os tipos de entrevistas existentes, a opção nesta proposta foi pela entrevista do tipo *não-estruturada ou aberta*," onde o informante aborda livremente o

²⁵²SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. 72..

²⁵³NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação, In: DESLANDES, S. F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org). Petrópolis, R. J. Vozes, 1994. p. 57.

²⁵⁴NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação, In: DESLANDES, S. F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org). Petrópolis, R. J. Vozes, 1994. p. 57.

²⁵⁵MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 178.

tema proposto²⁵⁶. Assim, propôs-se como temas ou mesmo questões norteadoras, a serem buscadas junto às famílias: *quem é a família? o que é família? qual a imagem de ser família saudável? o que interage / se relaciona com esta imagem de ser família saudável?*

Seguindo uma possibilidade já colocada no projeto de pesquisa, adotei, ao realizar as reuniões e oficinas, a *discussão de grupo*, entendida como uma das modalidades de entrevista, segundo Neto,²⁵⁷ na qual pode se discutir o tema de interesse da pesquisa com um grupo de pessoas, podendo ser este já anteriormente existente ou, ainda, ser formado exclusivamente com a finalidade da pesquisa. Deste modo, dando seguimento a uma atividade já existente, através do Projeto Ninho, trabalhei as questões norteadoras com as famílias do núcleo, validando a adoção de tais atividades (oficinas) como possibilidade de serem utilizadas ao se coletar dados para uma pesquisa.

Mas estamos falando numa estratégia de ouvir e colocamos uma tática que se caracteriza basicamente como uma comunicação verbal? Justamente porque é fundamental ouvir o que se expressa pela comunicação verbal (e este ouvir vem impregnado de um "ouvir" o não-verbal que acompanha os "sons simbólicos"). Conforme Minayo²⁵⁸, a fala é "reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e, ao mesmo tempo, tem a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas". A autora ainda nos traz algumas considerações de Bakhtin²⁵⁹ nas quais a palavra é o material privilegiado de comunicação na vida cotidiana, sendo o "*o modo mais puro e sensível de relação social*".

²⁵⁶NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação, In: DESLANDES, S. F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org). Petrópolis, R. J. Vozes, 1994. p. 58.

²⁵⁷NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação, In: DESLANDES, S. F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org). Petrópolis, R. J. Vozes, 1994

²⁵⁸MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 109.

²⁵⁹BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo. Hucitec. 1986, apud MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 110.

Destacando novamente que a entrevista é uma situação de interação entre pesquisado e pesquisador, enquanto interacionista, não se considera que os entrevistados tenham um caráter "passivo", no sentido que algumas linhas de pesquisa, podem lhe conferir, manifestando a reprodução do poder, como chama atenção Minayo²⁶⁰.

Para os autores interacionistas e fenomenologistas, os entrevistados agem e reagem durante todo o processo de contato com o pesquisador. Vale aqui lembrar Maffesoli²⁶¹, ressaltando que esta "passividade" dos entrevistados é também uma forma de agir, reagir, enfim, de interagir, mesmo que seja através do silêncio. A passividade também nos fala muito, pois pode ser uma forma de resistência. Passiva sim, entretanto que caracteriza meios de existência, abrindo brechas no espaço social dominado pelos poderes constituídos, permitindo a manutenção da identidade e do reconhecimento.

Minayo²⁶² discutindo este aspecto, ilustra-o muito bem, ao trazer a reflexão sobre a relação pesquisador/pesquisado do interacionista Goffman e de Berreman, na qual "usam a imagem do teatro, para mostrar que ambos (pesquisador e pesquisado) são simultaneamente atores e público na montagem de um espetáculo singular: sua inter-relação mediada por códigos culturais específicos e de interesses diferenciados que ambos tentam preservar e projetar". Deste modo, há "*a região interior*, onde a representação de rotinas é preparada e *a região exterior*, onde a representação é apresentada, sendo que o acesso a essas regiões é controlado, a fim de impedir que a plateia veja os bastidores e que estranhos tenham acesso a uma representação que não se dirige a eles"²⁶³. Essa tentativa de manter a *região interior* em sigilo, de projetar somente a imagem ("oficial") que lhes é conveniente, é denominada por Goffman de "*controle de impressões*", sendo considerado "*um aspecto básico da interação com significado metodológico substancial para quem entrevista*".

Aqui podemos lembrar que Maffesoli²⁶⁴ também nos fala em teatralidade, entretanto, ela não se limita a uma situação específica, como aqui foi trazida, mas como

²⁶⁰ MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 115.

²⁶¹ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. 167p.

²⁶² MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 116.

²⁶³ MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 116.

²⁶⁴ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. 167p.

parte integrante do cotidiano das interações da sociedade. Para ele, na teatralidade estão expressas a duplicidade, o jogo duplo e a máscara, que se valem da astúcia e do silêncio. Todavia, esta forma de interagir com o mundo, não seria manifestação de hipocrisia, mas sim um meio de proteção.

"A realidade é um lusco-fusco, um mundo de sombras e luzes em que os atores revelam e escondem seus segredos grupais. "

Maria Cecília Minayo

Um buscar o mundo imaginal através da imagem...

Neste estudo, ao *buscar o mundo imaginal através da imagem*, trabalhou-se durante as oficinas, principalmente, com **colagens** de recortes de revistas (de moda, ciência, variedades,...), escolhidas aleatoriamente, ou mesmo desenhos (feitos espontaneamente pelo próprio grupo), através dos quais as famílias construíram seis cartazes a partir das questões norteadoras *“qual a imagem de ser família saudável? o que interage / se relaciona com esta imagem de ser família saudável? ”*.

Maffesoli²⁶⁵ fala-nos das colagens para ilustrar a analogia, que é vista como um meio de compreender as formas vivas. Nas colagens, *“trata-se de reunir num mesmo gesto as formas e os conteúdos que, estando dispersos, nem por isto fazem menos parte da estrutura mundana numa dada época. A colagem é, stricto sensu, uma metáfora; ela transporta para um mesmo lugar, reúne;... mistura os gêneros sem se preocupar com sua economia e sua lógica próprias”*.

Ainda referindo-se ao *buscar o mundo imaginal através da imagem*, também adotou-se o uso de filmagens junto a Algumas Famílias das Tribos da Lagoa. A idéia não foi minha não! Ela surgiu, como sugestão, de uma discussão sobre esta proposta de pesquisa com André Lemos²⁶⁶. Neto refere que *“o uso da imagem nos permite reter vários aspectos do universo pesquisado, tais como: as pessoas, as moradias, as festas, as reuniões... com momentos ou situações que ilustram o quotidiano vivenciado”*²⁶⁷. Cabe ressaltar que este autor nos fala do uso das filmagens enquanto recurso de registro e documentação, ao qual me limitei nesta pesquisa: *“Essa técnica de documentação, que lida com os planos da imagem e da comunicação, vem sendo cada vez mais difundida. Com isso, não estamos dizendo que um bom trabalho de pesquisa deva ficar limitado ao registro visual, mas afirmamos que esse registro assume um papel complementar ao projeto como um todo. Porém, nada substitui o olhar atento*

²⁶⁵ MAFFESOLI, M. O conhecimento do quotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 113.

²⁶⁶ André Lemos é fundador e coordenador do GRETECH (Groupe de Recherche sur la Technique et le Quotidien), ligado ao CEAQ-SORBONNE, Paris V.

²⁶⁷ NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação, In: DESLANDES, S. F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org). Petrópolis, R. J. Vozes, 1994. p. 58.

*de um pesquisador de campo ao evasivo próprio da realidade das relações sociais*²⁶⁸. Com todas estas estratégias, buscou-se, a triangulação na coleta dos dados, a partir do entendimento de Minayo²⁶⁹, também adotado por Cabral²⁷⁰, “... *Junto com as histórias de vida, das entrevistas abertas ou semi estruturadas e da observação participante, o pesquisador constrói uma série de possibilidades de informações que lhe indicam se seu caminho está correto: é a triangulação na coleta de dados.*”

²⁶⁸ NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação, in: DESLANDES, S. F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). Petrópolis, R. J. Vozes, 1994. p. 63.

²⁶⁹ MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 130.

²⁷⁰ CABRAL, Ivone E. O método criativo e sensível: alternativa de pesquisa em enfermagem. In GAUTHIER, Jacques Henri Maurice; CABRAL, Ivone Evangelista; SANTOS, Iraci dos e TAVARES, Cláudia Mara de Melo. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1998. 302p. p.186.

Um Registrar...

A forma dos registros foi semelhante a adotada em Nitschke²⁷¹ que, por sua vez, baseou-se em Ludke e André²⁷² e em Elsen²⁷³, utilizando-se "Notas de Observação", "Notas do Pesquisador", "Notas Metodológicas" e "Notas Teóricas".

Nas "Notas de Observação" (NO) foram relatadas as interações familiares, contemplando-se a descrição dos sujeitos; a reconstrução dos diálogos, a descrição dos locais, eventos especiais, atividades; o comportamento do observador, entre outros aspectos.

Nas "Notas do Pesquisador" (NP) foram registrados os sentimentos, percepções e reflexões do próprio investigador.

Nas "Notas Metodológicas" (NM) foram anotados os aspectos referentes às técnicas e métodos utilizados, problemas detectados, na coleta de dados e como resolvê-los, além de decisões sobre rumos a serem tomados.

Nas "Notas Teóricas" (NT) foram relatadas reflexões sobre aspectos teóricos, ou seja, desenvolveu-se uma conversa constante entre pesquisador, a realidade e os autores.

Lembrando Ludke e André²⁷⁴, ao iniciar cada registro, o observador indicou o dia, a hora, o local de observação e seu período de duração. Além disto, deixou-se uma margem para codificação do material, incluindo, as classes, as ligações, ou observações gerais.

As anotações das observações (posteriormente denominadas de resumo) foram feitas, de modo descritivo, no momento mais próximo possível da observação, logo após seu término, tanto por mim como pelas bolsistas, que junto comigo desenvolveram os encontros, a fim de que não se perdesse aspectos relevantes, nem tampouco se

²⁷¹ NITSCHKE, R. G. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável, Florianópolis, UFSC, 1991, 269 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

²⁷² LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1988.

²⁷³ ELSÉN, I. Disciplina Métodos Qualitativos, ministrada no Curso de Mestrado em Enfermagem da UFSC, Florianópolis, 1988 (anotações da autora).

²⁷⁴ LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1988.

comprometesse a interação com as famílias. Entretanto, algumas palavras-chave foram registradas durante os encontros, sempre tendo o cuidado de não prejudicar a interação pesquisador-família.

Cabe ressaltar que os encontros também foram registrados através de gravações em fita cassete e de vídeo, como forma de assegurar a fidedignidade dos registros. Sendo assim, após cada encontro, o conteúdo das fitas cassete era transcrito pelas bolsistas, sendo integrado, junto com os resumos, às Notas de Observação. Buscava, assim, reforçar a triangulação na coleta dos dados, agora também pela triangulação do registro dos dados. As transcrições das fitas, os resumos, que compuseram as Notas de Observação, bem como as Notas Teóricas, Metodológicas, e do Pesquisador, são apresentados no Anexo I, integrando a apresentação dos encontros:

Um Analisar...

Segundo Schatzman & Strauss²⁷⁵, que vêm respaldando este estudo metodologicamente, a análise de dados é um trabalho do processo de pensamento no qual este se caracteriza por ser auto-consciente, sistemático, organizado e instrumental. Entretanto, acima de tudo, "é um processo interativo entre o pesquisador, sua experiência e os dados." Neste estudo, realizou-se uma análise qualitativa dos dados. Para Ludke e André²⁷⁶, "*analisar os dados qualitativos significa "trabalhar" todo o material obtido durante a pesquisa*". Deste modo, a análise dos dados permeou todos os momentos desta pesquisa, desde o seu início, sendo mais sistemática e mais formal após o "encerramento" da coleta de dados, isto é, após o término do período dos encontros com Algumas Famílias das Tribos da Lagoa.

Schatzman & Strauss²⁷⁷ reforçam esta idéia, ao colocar que, sendo a pesquisa um processo, a estratégia de *analisar* ocorre simultaneamente e continuamente com outras estratégias, apresentando assim um caráter cumulativo e auto-corretivo.

Os autores ressaltam que os pesquisadores de campo, analistas qualitativos, não podem "pré-desenhar" suas operações de análise com exatidão, como os analistas ditos quantitativos. Isto porque os dados qualitativos são "*excessivamente complexos, não podendo ser prontamente convertidos dentro de unidades mensuráveis;... eles variam em nível de abstração, em frequência de ocorrência, em relação às questões centrais da pesquisa.*"

Em linhas gerais, inicialmente, utilizei as **Notas** que, conforme Schatzman & Strauss, são como o "*coração da análise*", pois permitem um prévio acompanhamento das idéias emergentes através de sua simultânea "*checagem*", tendo-se assim uma "*análise preliminar*".

Assim, após cada encontro e, antes do seguinte, eu mergulhava nas **Notas de Observação**, sublinhando o que mais se destacava pela interação em si e também em

²⁷⁵SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. 109.

²⁷⁶LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1988.

²⁷⁷SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. 109.

relação às idéias iniciais do projeto de tese. Além disto, desenvolvia as demais **Notas** (Metodológica, Teórica e do Pesquisador) que, junto com as Notas de Observação, foram integrando um corpo. Isto permitiu uma construção gradual, fazendo emergir já uma codificação que era colocada no espaço específico para tal, conforme já referi no “*Um registrar...*”.

Esta codificação então era feita a partir da *descoberta de classes e suas ligações* que, segundo Schatzman & Strauss, é “provavelmente a operação mais fundamental na análise qualitativa dos dados”.²⁷⁸ Neste momento do processo, o pesquisador descobre *classes* significativas de coisas, pessoas, eventos, bem como as *propriedades* que os caracterizam. Deste modo, ele nomeia classes e liga uma à outra, numa primeira proposição que expressa as *ligações*, continuando o processo até as proposições formarem *conjuntos*, “*conjunções*”, num contínuo crescimento da densidade das ligações.

Esta dinâmica foi ocorrendo sucessiva e cumulativamente, ao se desenvolver cada encontro, até chegar ao último, quando retomei todo o material, integrando-se assim o que se chamou de **análise preliminar**.

A cada encontro, a conjunção de imagens era desenvolvida para dar retorno às famílias, fazendo-se uma validação crescente e contínua.

Até este momento, os registros em forma de **Notas**, bem como o que compôs toda **análise preliminar** eram manuscritos.

Após os dados serem digitados, procedeu-se a uma nova leitura de todos os dados, o que consumiu dois meses, colocando-me novamente numa posição de descoberta. Era a redescoberta que toda viagem também pode nos proporcionar...

Era preciso decidir como proceder a “*categorização dos dados*”. Assim os dados foram colocados em tabela computadorizada, mantendo-se a mesma distribuição, da folha manuscrita inicial, ou seja, deixando-se a coluna da esquerda para a transcrição e descrição dos encontros; e a coluna da direita, para a codificação.

Foi analisado cada encontro: a transcrição da fitas cassete, acrescida de minhas notas, e os dois resumos que contemplava a descrição das oficinas feita por cada uma das duas bolsistas.

²⁷⁸ SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. 110.

As classes que iam sendo identificadas, foram sendo destacadas com diferentes cores, nas próprias letras e nos *realces* (por exemplo, *família*, *saudável*, fazer o que se gosta), ao longo da coluna da descrição e transcrição dos encontros, à esquerda. Após, as classes identificadas eram *copiadas* para, a seguir, serem *coladas* na coluna da direita, conforme Anexo II.

À medida que, a cada encontro, surgiam mais aspectos referentes às classes já identificadas, iam sendo integrados cumulativamente, incluindo-se já as ligações, como se pode observar nos Anexo III e IV.

A seguir, reuniram-se todos os dados da coluna da direita, procedendo-se a uma nova análise, para então integrar as classes e ligações num só corpo, constituindo o que chamei de **A conjunção social da realidade**, cujo sumário pode ser visto no Anexo V e um exemplo no Anexo VI.

Este corpo tinha a pura expressão das famílias. A partir dele então, ao definir a *ligação chave*, **família saudável**, foi possível selecionar as classes significativas para serem desenvolvidas numa conjunção, o que pode muito bem ser ilustrado por Schatzman & Strauss²⁷⁹. Segundo eles, a principal vantagem operacional para o pesquisador ao criar ou encontrar uma ligação-chave é a de que, num primeiro momento, ele tem o meio de determinar a importância das classes. Sem isto, pode-se dar igual atenção a um vasto número de classes e, conseqüentemente, nunca sentir-se suficientemente confortável para implementar o "fechamento" do processo. Outra alternativa, para eles, é utilizar algum marco ou teoria como chave que, neste caso, é o conjunto de conhecimento desenvolvido pelos autores que já venho citando.

Apesar de parecer óbvia, a ligação – chave, neste momento, o respeito ao mundo imaginal das famílias sempre deixou-me desconfortável para deixar de dar atenção a alguma classe, pois era emergente do seu vivido. Parecia sempre que o processo que se propunha plural na sua direção, agora se tornaria unilateral. Além disto, a interligação entre as classes também contribuía para tal: tudo se relacionava com tudo!

Todo este processo foi muito complexo, difícil, consumindo um grande período de tempo. Muitas idas e vindas durante nove meses, período de uma gestação, até nascer o delineamento de quais classes seriam desenvolvidas.

Destaco, ainda, que o processo *Um analisar...* pode ilustrar mais uma vez o aspecto formista discutido por Maffesoli, pois aí retomam-se as colagens. De outra forma, mas ainda colagens em sua essência...

²⁷⁹SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. 111.

Uma possibilidade de integração das estratégias sensíveis do processo de pesquisar: as oficinas

Como já destaquei anteriormente, as oficinas mostraram-se como *uma possibilidade de integração e conjunção de estratégias sensíveis no processo de pesquisar*.

Deste modo, a oficina pode ser compreendida como um processo de interação entre um grupo de pessoas, onde todos trocam experiências, sendo mestres-aprendizes.

Patrício²⁸⁰ coloca que a oficina, enquanto técnica do modo de pesquisar, é um processo de interação que se dá entre profissional e população, no qual estão envolvidos *“idéias, observação, sentimentos, interpretação, reflexão profunda e crítica, calcados em princípios científicos, éticos e estéticos da vida. É um processo de análise centrado em razão e sentimento”*.

Cabral²⁸¹, que vim encontrar mais tarde, após ter desenvolvido as oficinas que deram origem à experiência aqui trazida neste processo de pesquisar, denomina de *“método criativo e sensível”* este processo que faz *“a junção de estratégias e métodos de interação grupal com métodos já consolidados de pesquisa e educação”*. Podendo assim integrar ciência e arte, espontaneidade e introspecção, criatividade e sensibilidade, pois há *“uma impossibilidade de dicotomizar razão e emoção”*.

Nesta pesquisa, as oficinas eram planejadas, junto às bolsistas, antes de cada encontro, colocando-se tempo previsto para cada atividade a ser desenvolvida, sendo basicamente: **relaxamento de acolhimento, atividade central, relaxamento de integração**.

No **relaxamento de acolhimento**, preparava-se o ambiente, buscando torná-lo acolhedor, acendendo-se incenso, colocando-se música, abrindo uma caixa de bom-

²⁸⁰ PATRÍCIO, Zuleica Maria. **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica**. Florianópolis: UFSC, 1995, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

²⁸¹ CABRAL, Ivone E. **O método criativo e sensível**. In: GAUTHIER, Jacques, CABRAL, Ivone E. SANTOS, Iraci dos & TAVARES, Cláudia M. de M. **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1998, p. 177-203.

bons. Formava-se um círculo com todos os integrantes, sempre ao som de uma música (falando-se sobre sua mensagem); desenvolviam-se exercícios respiratórios, de alongamento e relaxamento simples, podendo-se deixar o corpo fluir, levado pela música, numa dança. Após, havia um espaço para que cada um se apresentasse, colocasse como estava se sentindo e o que tivesse vontade. Neste momento, poderiam ser utilizadas técnicas como: jogar bolinha de tênis para o outro; a teia, na qual se usa um novelo de lã, que vai sendo jogado para cada um, formando uma teia ou rede. Ambas, demandam um retorno de palavras para aquele que o antecedeu, tanto ao jogar a bolinha, como o novelo.

A **atividade central** era o momento no qual trazia-se a questão central: “**qual a imagem de ser família saudável?**”, tendo-se trabalhado a partir de **colagens** para a construção de cartazes. O material (revistas, tesouras, colas e papel) era distribuído em dois ou mais grupos geralmente. Era dado um certo tempo para a construção do mesmo, partindo-se após para o momento em que cada grupo apresentava e discutia sua criação, mergulhando em suas interações, de seu imaginário, suas imagens, seus significados. Houve encontros em que ocorreu apenas **discussão em grupo**, mas ainda referente a cartazes já construídos em encontros anteriores. Em outro momento, também se adotou a técnica do **dominó**, na qual é fornecido a cada um, papel em branco, com um traço no meio. Solicita-se então, que cada um escreva sua compreensão sobre uma questão. Após, cada um expõe o que escreveu, colocando seu papel ao lado daquele outro papel que considere que tenha relação com sua compreensão. A técnica da dramatização também foi proposta, mas não houve adesão. Após cada apresentação de grupo ou individual o debate era aberto a todos, caminhando-se para um momento de **conjunção das imagens**, no qual eu era mediadora, porta-voz, porta-imagens. Neste momento, já era possível fazer uma validação crescente e contínua com as famílias.

No **relaxamento de integração**, retomava-se o **relaxamento de acolhimento**, formando-se novamente um círculo com todos os integrantes, sempre ao som de uma música (falando-se sobre sua mensagem); desenvolviam-se exercícios respiratórios, de alongamento e relaxamento simples. Após, havia um espaço para que cada um se expressasse, podendo dizer como estava se sentindo após aquela interação. Eu então fazia uma **integração** do que havia experienciado, convidava todos a se aproximarem do centro e fazerem uma saudação.

A cada passo dado, ao realizar uma oficina, por exemplo, íamos, junto com as famílias, construindo novos caminhos que nem sempre estavam planejados, mas que emergiam do próprio processo interativo. Houve um momento em que foi sugerido que cada um trouxesse algo para o grupo e, no encontro seguinte, uma participante trouxe “empanadas” feitas por ela mesma para os outros comerem; outra, trouxe pensamentos em cartões já impressos; outra, fez poesia. Noutra momento, já durante o relaxamento de acolhimento, começaram a discutir uma temática. Noutra ocasião, um integrante trouxe champanhe para comemorar; havendo ainda um momento em que uma participante fez uma prece pelo grupo.

Isto tudo reforça a idéia de Schatzman & Strauss, quando referem que "*as propriedades da pesquisa de campo não levam a uma extensiva pré-fabricação*"²⁸². Entretanto, cabe destacar o sentimento que isto desperta no pesquisador, levando-o ao que se pode chamar de “a angústia do inusitado”, pois abandona a segurança dos caminhos conhecidos pela sua pré-determinação que, muitas vezes, poderia até excluir ou sufocar a expressão do real vivido do ideal projetado.

²⁸² SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. *Field research: strategies for a Natural Sociology*. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. 111.

Um Encontro nas águas turbulentas do olhar ético...

Partindo do pressuposto de que a ética permeia todo o processo de pesquisa, farei algumas considerações sobre o tema a partir do que já vem sendo debatido por Gelain²⁸³, Elsen & Nitschke²⁸⁴ e Caponi et al.²⁸⁵, para então discutir esta proposta específica. Inicialmente, colocarei como a ética está sendo entendida aqui.

De acordo com Sandra Caponi²⁸⁶, a ética possui um caracter reflexivo: “é, com efeito, uma das formas do homem se auto observar, uma operação consistente em dirigir a atenção em direção de operações próprias: uma intenção oblíqua!”. Deste modo, pode ser colocado que a ética “é algo assim como um diálogo do eu consigo mesmo onde o sujeito pesa, avalia e decide realizar certas ações, desvalorizando, conseqüentemente outras”. Destacando-se que esta escolha está ligada ao fato de podermos responder por quais razões fazemos determinada seleção, considerando ser o melhor modo de atuar.

Segundo Gelain²⁸⁷, a ética apresenta diferentes enfoques, dentre eles o normativo, o existencial e o social. Buscando integrar estes aspectos, ou seja, ampliando os aspectos limitados apenas a parâmetros do agir profissional e aqueles que se preocupam com as potencialidades do ser individual para uma perspectiva que enfoca as interações que envolvem o indivíduo e que constituem o ser social, passamos a compreender a ética como o “compromisso social, profissional e científico que o

²⁸³ GELAIN, Ivo. O significado do “ethos” e da consciência ética do enfermeiro em suas relações de trabalho. São Paulo: USP. 1991. 147p. Tese (doutorado) Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 1991.

²⁸⁴ ELSÉN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. Pós-graduação, pesquisa e ética: um tema acima de qualquer questionamento? *Texto & Contexto-Enf.* Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 7-19, jan. / jun. 1994.

²⁸⁵ CAPONI, Sandra, ELSÉN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. Projetos de apoio à convivência familiar e comunitária: um compromisso ético da universidade. In: III Conferência Ibero-Americana sobre Família²⁸⁵, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (em fase de publicação)

²⁸⁶ CAPONI, Sandra, ELSÉN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. Projetos de apoio à convivência familiar e comunitária: um compromisso ético da universidade. In: III Conferência Ibero-Americana sobre Família²⁸⁶, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (em fase de publicação)

²⁸⁷ GELAIN, Ivo. O significado do “ethos” e da consciência ética do enfermeiro em suas relações de trabalho. São Paulo: USP. 1991. 147p. Tese (doutorado) Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 1991.

pesquisador tem com a melhoria da qualidade de vida da população. ²⁸⁸ Savater²⁸⁹ vem reforçar tal visão quando afirma que *a primeira exigência ética é a de construir uma boa existência, uma boa vida humana que, para ser tal, só poderá ser vivida entre outros seres humanos.*

Assim coloca-se o que entendemos por compromisso ético: “Uma boa existência se constrói dia-a-dia, não sendo algo que se dá de uma vez para sempre e, para que ela possa ser construída é preciso que possamos assumir um compromisso inevitável: o de tratar as pessoas como pessoas e nunca como coisas. Por isso, é preciso relativizar o próprio interesse, ter condições de adotar o ponto de vista do outro.

²⁹⁰

Há outros aspectos éticos, ainda a serem considerados, que vem sendo destacados por Caponi ²⁹¹ como possíveis dilemas éticos, como aqueles que surgem “quando nos interrogamos a respeito de até aonde é eticamente legítimo estender os limites do público sobre as existências privadas dos sujeitos. Este estudo buscou manter-se distante das ações que pudessem legitimar uma intromissão do público sobre as existências dos interatores. Porém, ao mesmo tempo, foi imprescindível não legitimar um distanciamento que, por omissão, deixasse de ouvir aquelas demandas nas quais existissem possibilidades não coercitivas de interagir. Deste modo, entendo que atingiu-se a proposta de realizar ações que não se mostrassem em ações de intromissão, mas nem tampouco de omissão.

É importante destacar que os aspectos da pesquisa como a garantia do anonimato e o sigilo dos dados obviamente foram garantidos. O projeto foi inicialmente exposto às famílias, havendo sua concordância.

²⁸⁸ ELSEN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. Pós-graduação, pesquisa e ética: um tema acima de qualquer questionamento? *Texto & Contexto-Enf.* Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 7-19, jan. / jun. 1994. p. 9.

²⁸⁹ SAVATER, F. *El contenido de la felicidad.* Aguilar. Madrid, 1994, apud CAPONI, Sandra, ELSEN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. *Projetos de apoio à convivência familiar e comunitária: um compromisso ético da universidade.* In: III Conferência Ibero-Americana sobre Família²⁸⁹, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (em fase de publicação)

²⁹⁰ CAPONI, Sandra, ELSEN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. *Projetos de apoio à convivência familiar e comunitária: um compromisso ético da universidade.* In: III Conferência Ibero-Americana sobre Família²⁹⁰, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (em fase de publicação)

²⁹¹ CAPONI, Sandra, ELSEN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. *Projetos de apoio à convivência familiar e comunitária: um compromisso ético da universidade.* In: III Conferência Ibero-Americana sobre Família²⁹¹, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (em fase de publicação)

Quanto ao anonimato e sigilo dos dados, no último encontro, foi solicitado para Algumas Famílias das Tribos da Lagoa que escolhessem seus próprios pseudônimos. As outras famílias que não estavam presentes neste encontro, receberam pseudônimos atribuídos por mim.

As famílias verbalmente autorizaram a gravação tanto em fita cassete, como de imagens em vídeo, deixando claro que estas, junto com as fotos, poderiam ser utilizadas na pesquisa, não sendo necessário “camuflar” suas imagens.

Além disto, as famílias foram alertadas sobre a possibilidade de acesso às informações e de desligamento da pesquisa no momento que assim o desejassem.

“ a ética só pode fazer referência às ações que se realizam de um modo voluntário e reflexivo. Ou ainda, podemos dizer que a ética só se refere às escolhas que envolvem minha liberdade de escolher”.

*Caponi*²⁹²

Dentro desta questão da liberdade, vale ressaltar que o mundo imaginal é uma expressão da liberdade, como já foi colocado. Ao buscar o mundo imaginal de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, é dada voz para que estes laços de afeto se manifestem. Para que todo seu universo se **mostre** legítimo, sendo **apresentado**, mas não **representado**. É possível conhecer o que é viver e como querem viver, compreender a liberdade de seu ser saudável. Mergulhemos então no seu mundo imaginal...

“... o conceito de liberdade não pode ser dissociado da ética. Ela parte necessariamente da suposição que os homens estão, como diria Sartre, ‘condenados a serem livres’. Sendo assim, sem a afirmação da liberdade, da capacidade de escolher e, finalmente, da responsabilidade que me cabe nesta escolha, a ética não teria por que existir.”

*Caponi*²⁹³

²⁹² CAPONI, Sandra, ELSÉN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. Projetos de apoio à convivência familiar e comunitária: um compromisso ético da universidade. In: III Conferência Ibero-Americana sobre Família²⁹², São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (em fase de publicação)

²⁹³ CAPONI, Sandra, ELSÉN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. Projetos de apoio à convivência familiar e comunitária: um compromisso ético da universidade. In: III Conferência Ibero-Americana sobre Família²⁹³, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (em fase de publicação)

V - O MUNDO IMAGINAL DE SER FAMÍLIA SAUDÁVEL

A Sirene Toca: uma advertência

"A simplicidade da existência tem por correlário a dificuldade de ser expressa, mas é em parte esta mesma dificuldade que serve de cimento ao estar-junto".

*Michel Maffesoli*²⁹⁴

"A natureza é vista como uma teia interconexa de relações... Essa nova abordagem de ciência levanta de imediato a seguinte questão. Se tudo está conectado com tudo o mais, como podemos esperar entender alguma coisa? Uma vez que todos os fenômenos naturais estão, em última análise, estão interconectados, para explicar qualquer um deles precisamos entender todos os outros, o que é obviamente impossível... A ciência nunca pode fornecer uma resposta completa e definitiva".

*Fritjof Capra*²⁹⁵

Ao chegar neste ponto da viagem, gostaria de fazer uma advertência, fruto de uma grande dificuldade que vivenciei ao chegar neste momento de trabalhar as noções que emergiram ao interagir com o mundo imaginal de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa. Isto porque estas noções se construíram a partir de várias classes ou categorias, e em grande número, tornando-se igualmente difícil estabelecer um certo nível de prioridade, a fim de elaborar este momento acadêmico.

Conforme já venho destacando, a constatação de que tudo era importante e de que tudo tinha relação com tudo, mostrava, portanto, uma interligação muito forte. Selecionar algo a ser excluído, poderia significar não apresentar o real mundo imaginal das famílias.

Refletindo sobre tal situação percebi a conjunção, a complementaridade, a interdependência deste mundo, ao mesmo tempo simples e complexo, que ali se mostrava a partir das suas interações. Alguns autores vieram me tranquilizar em relação a isto como Michel Maffesoli, Edgar Morin, Fritjof Capra, e Leonardo Boff, quando discutem a simplicidade-complexidade e a conjunção de nosso mundo. Segundo este

²⁹⁴ MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 173.

²⁹⁵ CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 49.

último, não somente o homem "se constrói numa lógica complexa, mas também o próprio universo... É a teia de relações pelas quais tudo tem a ver com tudo em todos os momentos e em todas as circunstâncias. É o funcionamento articulado de sistemas e subsistemas que tudo e a todos englobam"²⁹⁶.

Esta é a advertência que quero fazer: por mais que se tente contemplar esta conjunção, aqui só estarei trazendo uma parte da realidade pois, como refere Boff²⁹⁷, há mais de um lado de uma mesma realidade que é "una, diversa, contraditória e plural. Quando falamos de complexidade, queremos expressar essa natureza singular da realidade".

Declarar-se desta forma significa mostrar o compromisso e o respeito que se tem com a realidade e não o fato de não se comprometer, como poderiam dizer alguns mais apressados. Compromisso, pois expõe-se a limitação de quem apresenta apenas uma dimensão de um olhar que busca ser compreensivo. Respeito, por não ter a intenção de reduzir a realidade deste mundo imaginal a apenas o que aqui apresentou.

"Temos sempre necessidade do apoio do real, mas o que é precisamente, o real senão aquilo que a idéia designa como tal? O real não é imperativo como se crê. As suas aparências são frágeis e a sua essência encontra-se escondida ou é desconhecida. A sua matéria, a sua origem, o seu fundamento, o seu devir são incertos. A sua complexidade é feita de incertezas. Daí sua extrema fraqueza diante da surrealidade formidável do mito, da religião, da ideologia e mesmo de uma idéia... Não basta repelir a idéia para encontrar o real e o concreto... Se o concreto é o total, nunca o atingiremos... As realidades que conhecemos são traduções em idéias de uma realidade que não é ideal. Contudo, são idéias, teorias, que nos permitem reconhecer as fragilidades e incertezas do real."

Edgar Morin²⁹⁸

²⁹⁶ BOFF, Leonardo. O despertar da águia: o diabólico e o simbólico na construção da realidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 18.

²⁹⁷ BOFF, Leonardo. O despertar da águia: o diabólico e o simbólico na construção da realidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 18.

²⁹⁸ MORIN, Edgar. O método 4: as idéias – habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 308.

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa fizeram emergir de seu mundo imagi-
nal duas grandes conjunções: **as famílias em imagens** e **as imagens de ser família**
saudável, por onde iremos navegar...

As Famílias em Imagens

O mundo imaginal de ser família saudável, trazido por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, mostrou-nos as Famílias em Imagens, enquanto conjunção que integra as **imagens do que é família**; as **imagens de quem é família** e as **famílias em formas**, fazendo-nos viajar por sua compreensão...

Imagens do que é família

De acordo com Delaney²⁹⁹, ao se trabalhar com família é preciso defini-la rigorosamente, o que aqui vale dizer compreender os diferentes significados, as imagens do que é família, a partir das perspectiva das próprias famílias com as quais interagimos. A definição de família aqui se relativiza, encontrando amparo no seu "status" de noção ou mesmo de "conceito sensível", ou seja, trabalhar com a singularidade e heterogeneidade destas famílias, através das imagens que nos trazem e que expressam o seu viver cotidiano. Aí está o rigor: trazer à tona as **noções de família** que estão imersas dentro do mundo imaginal das próprias famílias.

Conforme já destaquei anteriormente, Prado³⁰⁰, chama a nossa atenção ao dizer que todos sabem o que é uma família, podendo contudo ser difícil defini-la em alguns momentos.

*** Família é um mundo que não se restringe...**

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa em suas imagens compreendem que **família é uma unidade**:

"Nascimento de um ser na unidade da família, né? "

(Esperança)

²⁹⁹ DELANEY, DELANEY, L. Assessment: data collection of the family client. In: GRIFFITH-KENNEY, J. W. e CRISTENSEN, P. J. Nursing process: application of theories, frameworks and models. St. Louis: C. V. Mosby, 1986. p. 87-99

³⁰⁰ PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1985. 95p.

Isto me levou a questionar sobre como se mostraria esta unidade. Contemplaria uma certa homogeneidade, com limites rígidos e definidos?

"É o meu mundinho".

(Beija-flor)

"Tudo que nos rodeia faz parte da nossa família".

(Violeta)

Desta maneira, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa através de suas imagens mostram que família é: o seu mundo; mundo este que integra partes e não se restringe, pois se relaciona a tudo onde está inserido. Este tudo, ao mesmo tempo, também se apresenta como parte do próprio mundo que é a família.

Ressaltam-se, deste modo, as dimensões relativas da família entre o micro e o macro-social. Assim, as famílias reforçam em sua compreensão a presença das interações, indicando que existe uma relação entre a família e tudo que a cerca. Expressam uma compreensão sistêmica de que tudo está em relação com tudo, ou seja, tudo está em inter-relação, tendência explorada nos trabalhos de Maffesoli³⁰¹, de Capra³⁰² e de Boff³⁰³, entre outros.

"Todos se complementam. Ninguém fica fora da rede de relações includentes e envolventes. Ninguém apenas existe. Todos inter-existem e coexistem."

Leonardo Boff⁰⁴

As imagens das famílias, sobre o que é família, reafirma o que já tinha vivenciado anteriormente³⁰⁵, ou seja, a própria família é um mundo que se mostra como

³⁰¹ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p. 98.

³⁰² CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996. p 44-50..

³⁰³ BOFF, Leonardo. O despertar da águia: o diabólico e o simbólico na construção da realidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 174 p.

uma rede de interações, intra e extra-familiares, expressando-se inclusive em sintonia com as palavras de Maffesoli³⁰⁶ quando diz que vivemos num “*emaranhado cada vez mais complexo...*”

“Mas na própria relação da família temos emaranhados, o mundo lá fora, os filhos... É uma relação muito complexa. Onde surge "n" fatores que intervêm na relação toda, por isso tu precisa sempre buscar melhor. Mas será que tu vai chegar a uma total perfeição?”

(Esperança)

“família não se restringe”,

(Violeta)

Assim, voltando-se ao questionamento acima sobre unidade, vê-se que a compreensão das imagens das famílias reporta-nos a uma **unidade** que se apresenta enquanto **unicidade**, no sentido colocado por Maffesoli, afastando-se, portanto, do entendimento de unidade enquanto uniformidade, ou seja, de formas autoritárias e totalizantes de atuar no mundo³⁰⁷. A **unicidade**, como diz Maffesoli³⁰⁸, pressupõe uma **união em pontilhado**, ou seja, a qualquer momento criam-se brechas em determinados limites. Deste modo, a família vive a possibilidade de estabelecer relações e manter-se num constante intercâmbio, com outras **tribos** inclusive, expressando a ambigüidade que o afeto traz consigo: de amabilidade e agressividade; querer estar junto e afastar-se; amar-se e odiar-se; sendo que *“tudo isso não ocorre sem dilaceramentos e conflitos de toda ordem”*.

“Como ela é complicada, ela é ao mesmo tempo descomplicada”

(Esperança)

“a família, tem momentos de divergências, de conflitos.”

(Esperança)

³⁰⁴ BOFF, Leonardo. O despertar da águia: o diabólico e o simbólico na construção da realidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 174 p.

³⁰⁵ NITSCHKE, R. G. Nascer em família: uma proposta para a interação familiar saudável.

³⁰⁶ MAFFESOLI, Michel. La contemplation du monde. Paris. Grasset. 1993, p. 187.

³⁰⁷ REZENDE, A. L. M. Pós-modernidade: o vitalismo no "chaos". Florianópolis. 1993. Plural, v. 3, n. 4. jan-jul. p. 10

³⁰⁸ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p 176.

***... Faz parte da família**

Mas o que faz parte da família?

O vivido, o denominado por alguns como banal, os chamados “contratempos” (que, para alguns, poderiam parecer sem importância) são trazidos à tona quando mergulhamos no mundo do que é família. São elas próprias que sublinham estes momentos, pois constituem seu próprio viver e desconsiderá-lo é não valorizar sua própria vida.

“Semana passada, eu andei viajando. Eu vim aqui quinta-feira e não tinha nada. Fiquei até às 20:30 horas. Foi adiado? Eu não entendi a.... Foi 3 vantagens para mim. Uma, vim super contente, voltei super contente. Tomei um banho (de chuva), economizei energia em casa. Economizei sabonete e a toalha. Ainda na subida da minha casa, um carro se perdeu, um pouquinho, eu tive que ‘garrar’ o mato e caí na vala. Acabei tendo que cair no chuveiro novamente. E a moça no caso nem teve culpa, saiu do carro chorando. Isso é coisa que acontece... Quer ver quando a gente sai de casa arrumadinho, passa um carro e dá um banho... Isso que aconteceu não tem.... podia acontecer hoje, amanhã. Faz parte da família.”

(Mãe)

Deste modo, mostram também meios de conviver com estas situações através do *humor, do deboche*, que se constituem em elementos significativos desta teatralidade que é o viver, colocando-se como uma expressão da força do querer viver, potência subterrânea, que segundo Maffesoli³⁰⁹, *“trata-se de uma força bem difícil de explicar, mas da qual se pode constatar os efeitos nas diversas manifestações da socialidade: a astúcia, a auto-referência, o ceticismo, a ironia e o humor negro dentro de um mundo que é considerado em crise”*.

O **prazer** é destacado como se fosse uma reivindicação da sua relevância como integrante da família, levando-nos até a nos questionar se **“sem prazer, é possível uma família?”**. Este elemento é tão significativo que ora ele adjetiva a família, ora ele a constitui:

“Um prazer saudável, família. Faz parte da minha família também.”

(Esperança)

³⁰⁹ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 47.

A religião também é outro elemento importante na família que emergiu ao se trabalhar a imagem do que é família.

“Religião é importante mesmo. Toda família tem que ter uma religião”

(Mãe)

A perdurância do sentimento religioso, a importância dada ao hedonismo, junto com a relevância da imagem, conforme Maffesoli, que vemos cada vez mais invadir a nossa vida cotidiana, também são uma expressão da potência que é intrínseca, opondo-se ao poder que é extrínseco, expresso pelo que é instituído.

A religião aqui não se limita apenas a uma questão de fé, mas através desta aponta-se para o sentido da palavra que designa **aquilo que une a alguém, a uma comunidade**, assim fala-se de algo que é “matriz comum que serve de suporte para o ser-estar junto”³¹⁰.

**Família tanto educa, como se educa...*

“Aí vai a questão, volta lá à educação da família, das crianças.”

(Esperança)

A Família tanto educa, como se educa, desenvolvendo através desta educação padrões dentro dos quais seus membros vivem, como por exemplo, estudar, ter um emprego, e formar uma família.

O **formar uma família** configura-se como um padrão a ser seguido que, ao mesmo tempo, pode se constituir numa atribuição da família dentro da sociedade, a exemplo da própria educação de seus membros, conforme alguns autores como Prado³¹¹, Gershwin e Nilsen³¹² colocam..

O **formar uma família** também se mostra como uma maneira de preservação e continuidade da própria família. Conseguir concretizar o **formar uma família** envol-

³¹⁰ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 56.

³¹¹ PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1985. 95p.

ve um sucesso tanto do membro que a concretizou, como da própria família dentro de sua atribuição de educar, desenvolver, transmitir e viver seus padrões. Quando o **formar família** não se realiza, configura-se numa falta da família relacionando esta, por sua vez, a possíveis problemas vivenciados, como por exemplo, o uso de drogas.

“Os meus irmãos, a gente se pergunta: ‘Puxa vida, nós somos em 7. Não tem nenhum mais perfeito do que o outro, mas a gente tentou sempre viver dentro do padrão como nossos pais foram educados. Então cada um tentou estudar, com seus méritos, seu esforço, arrumar um emprego... Eu acho que todos eles conseguiram formar uma família. Eu tenho um irmão, a gente sempre se pergunta, o que eu recebi, ele também recebeu e é tão triste que, até de repente, tu que moras bem do lado já viu. Quem olha assim pensa: ‘que cara desprezado! ; será que ele não tem família?’ E... aí se alguém olha para ele pensa como é que esse ser humano aí é um traste mesmo! Traste no bom sentido. Não formou uma família. Aí a gente se pergunta porque será que ele não quis, né? O que faltou para nós enquanto família colocar para ele, né? Ele usou um monte de droga. Hoje ele não usa mais droga”.

(Violeta)

Quando a família desenvolve padrões, ela cria limites para viver no seu interior, estando estes ligados à sua força intrínseca, ou melhor, a sua potência.

“Ou quem sabe, teu irmão, tô vendo essa, deu errado pra ele, pra ser lá, pra lembrar as outras pessoas que tem que existir alguma coisa nisso, um certo limite, pra viver na família; que é pra ver que quem manda ali, alguma coisa é pra isso”

(Violeta)

Todavia, este **formar uma família** não significa formatar uma família, ou seja, seguir rigidamente um conteúdo. O padrão se mantém (forma-se uma família, sim) e se flexibiliza no sentido da possibilidade de se construir **uma outra família**, da mesma ou de outra maneira, podendo-se, assim, criar *brechas no cimento societal*. Este, da “mesma maneira”, nos faz reportar ao tempo cíclico, ao mito do eterno retorno: repetem-se situações, mas de modo diferente.

***Família é um mundo que é construído...**

“... hoje que eu construí a minha família”

(Esperança)

³¹² GERSHWIN, M. W. e NILSEN, J. M. Healthy families. In: GILLIS, C. L. et al. Toward a science of family nursing. California Addison-Wesley, 1989. p. 79.

“eu tô construindo a minha família agora.”

(Beija-flor)

“Mas o namoro é para isso mesmo; para você se corrigir um ao outro. Aí você vai se corrigir e se ver que não tem jeito mesmo, aí o negócio é adiar, né? Muita gente se mete nesse barco: constrói a família, depois começa a vir dificuldades e aí...”

(Mãe)

... A família é um mundo que é construído e, sendo assim, mostra-se sempre como uma nova possibilidade, já que construir é “formar, conceber”, apontando novamente para a potência que as famílias têm sobre sua própria vida. Se houve uma experiência anterior que não foi positiva, sempre existe a possibilidade de uma construção de algo que satisfaça. Esta possibilidade pressupõe também uma dinamicidade que lhe é intrínseca.

Deste modo, as famílias destacam, mais uma vez, a relatividade, pois, ao mesmo tempo em que a família é construída, ela também tem como uma de suas atribuições a construção do próprio ser humano, ficando claro entretanto que esta construção não depende apenas da família, podendo-se abrir *brechas no cimento societal*.

“há uma outra maneira de construir o ser humano independentemente da família. Desse chavão família Por isso que eu ainda nem casei e nem pretendo.”

(Andorinho)

Esta idéia nos reporta ao texto de Marcelo Leite quando diz que há duas ou três décadas atrás família e casamento eram sinônimos de fato e de direito. Entretanto, *“a aliança que deveria ser eterna se quebrou”*³¹³. Na pesquisa de que trata, 61% dos entrevistados valorizam muito a família, enquanto 31% consideram o mesmo do casamento. Segundo Leite, o fundamento da vida agora é o amor, não existem mais modelos de família aos quais se adequar. O chavão para “ter família tem que ter casamento” se desfez. Agora, *“ter família é bem melhor do que casar”*.

³¹³ LEITE, Marcelo. Ter família é bem melhor do que casar. In: Folha de São Paulo. 20 de setembro, 1998. Especial A: família, p. 7.

*** A família busca melhorar algo que já não a satisfaz mais...**

"A minha família num todo, eu tô satisfeita com ela. Tá bem, tá boa, tá bom como tá, mas a gente não se acomoda, né? Sempre tem alguma coisa que a gente tá em busca para melhorar, mesmo que no todo esteja bom. Alguma coisa tu vai em busca, porque tu vê que aquele bom não te satisfaz mais... Porque mesmo em termos de relação, de bens, de alguma coisa... tu já vai querer buscar um pouco mais para que tu chegue nessa coisa de perfeição.... A gente procura caminhar...."

(Esperança)

A família não se acomoda, procura caminhar, sempre buscando melhorar algo que já não a satisfaz mais. Apresenta-se aqui que a família está sempre em movimento, explicitando-se mais uma vez a sua dinamicidade. É possível também perceber um movimento que é Apolíneo ou Prometéico, visto que está numa busca constante de uma perfeição, valor muito enfatizado pela modernidade. É assim que vemos também expressa a acentuação de uma nuance da pós-modernidade, lembrando que ela integra a pré-modernidade e a modernidade.

*** Família é algo para que se vive e onde se vive...**

"eu tô vivendo para ele e pro Periquito, então são eles a minha família"

(Gralha)

"No caso era até uma família, porque a gente vivia mais no emprego do que em casa"

(Doce)

Ao pensar sobre o aspecto **a família é algo para que se vive e onde se vive**, emergiu a questão: por que algo e não alguém? Este algo pode ser alguém, mas não o é exclusivamente. É o elemento no qual se coloca a força e a energia para onde se impulsiona o viver de cada um. Refletindo assim é possível compreender determinados elementos da vida cotidiana como sendo a própria família. Um exemplo muito forte disto em nossos dias é o trabalho.

"... o próprio trabalho é uma família".

(Esperança)

****Família pressupõe a existência de respeito...***

"eu acho que acima de tudo, o respeito que existe no meio. "

(Violeta)

"O lar onde existe respeito, eu acho que isso é uma família. "

(Violeta)

Ao trazerem esta imagens Algumas Famílias das Tribos da Lagoa reafirmam o aspecto relacional de ser família. Pois respeito é relação³¹⁴, relação esta que se traduz em importância e consideração que se tem pelo outro, pelo estar junto com o outro. Assim, a família, enquanto rede de interações coloca-se como referência para o viver, na medida que possibilita ou não, as trocas de afeto, o espaço, entre outros aspectos.

**** Os membros da família respondem por ela...***

"a gente é responsável pela família"

(Esperança)

As imagens trazidas por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, ao se referirem à responsabilidade reforçam sua forma de tribo, mostrando um re-ligare, aspecto este que pode ser reforçado quando Maffesoli³¹⁵ resgata os estudos de Troeltsch, falando do "tipo-seita", que é instituinte que ao contrário do "tipo-igreja", instituído. Este olhar nos auxilia na compreensão da família: "tudo, na seita, é assunto para todos". Deste modo, sublinha-se o aspecto orgânico e interacional da família, que torna cada um significativo na sua constituição que é dinâmica, com sua reversibilidade intrínseca. Esta nuance "tipo-seita" da família, mostra-nos "cada um responsável por

³¹⁴ FERNANDES, Francisco. Dicionário brasileiro contemporâneo. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1967. p. 928.

³¹⁵ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p. 118.

todos e por cada um”. Assim, a responsabilidade apresenta-se neste olhar, junto com a proximidade, o presente, bem como o sentimento de participação.

*** Família pode ter problemas...**

“Mas, tirando esse dia, a minha semana foi ótima. Toda semana para mim são ótimas na minha empresa, em casa, na família. Problemas todo mundo tem, né?”

(Mãe)

A Família pode ter problemas, dentre os quais as doenças, sendo que Algumas Famílias das Tribos da Lagoa expressam uma certa incompreensão em relação à presença de doença.

“A gente não entende o: “Ah! o porquê na minha família... ; Ah! Por que nasceu um aleijado, um doente, um torto?...”

(Gralha)

A situação de doença na família leva a momentos de questionamento sobre si mesmo e a própria família. Aparece uma compreensão de que a doença é um aviso, reportando-nos ao que autores como Crema³¹⁶³¹⁷ referem. Ele nos coloca que a doença “é um telefone que toca”, como um alarme de que alguma coisa em nossa vida não está bem, “um aviso do nosso sábio organismo”, e para qual devemos voltar nossa atenção, lembrando-nos também o que filosofia oriental nos fala.

“Quem somos nós nessa situação, por que que essa família tem esse aviso, tem essa... Eu vejo pessoas, eu visito também diabético, que eu já tive colegas, que tem AIDS também, que... é coisa terrível”.

(Mãe)

Outros problemas que emergem no cotidiano das famílias são trazidos em suas imagens, apontando-nos que certos incômodos, temores, decepções e ameaças, também podem estar no seio das interações intra-familiares.

³¹⁶ CREMA, Roberto. Saúde e plenitude; um caminho para o ser. São Paulo: Summus, 1995. ?

³¹⁷ CREMA, Roberto. Paradigmas do cuidar numa sociedade em transformação. Conferência proferida no 50 ° Congresso Brasileiro de Enfermagem. Salvador. 1998.

“Só uma coisa pra completar, pra não alongar muito a reunião. É um lance que aconteceu comigo, com a minha família. Em relação que, às vezes a pessoa pensa que conhece uma pessoa, mas nunca conhece. Aprendi no dia-a-dia. Pessoa que... meu cunhado, que eu botava maior fé nele. Se alguém dissesse que ele pegou isso de alguém, eu brigava com a pessoa, caía no chão, rolava, mas dizia que não, não fez isso. Eu conhecia ele... pouco tempo, uns 5 anos, sempre confiei nele... Só que umas noites eu ficava fora de casa,... minha esposa. Aí deixava ele e mais o outro pequeno de doze anos; ele tem 20 anos. Um tempo atrás, uns três meses atrás, faltou uma camisa minha e uma calça minha que eu tinha comprado. Eu achei que tinham roubado na rua. Eu fiquei meio encucado, que eu tenho dois cachorros, pastor alemão. Entrar aqui, ninguém entra. Então eu fiquei meio assim. Tudo bem, sumiu. Na outra época, eu estava indo trabalhar, deixei uma camisa minha bem em cima, e eles vieram dormir na minha casa de novo. Naquela mesma noite, sumiu a camisa. Ele tinha dormido lá em casa também, ele e o outro irmão dele, pequeno. Só que o irmão dele pequeno é mais bagunceiro. Eu logo pensei, eu nunca disse que era ele. Talvez, minha esposa mexeu; e o grande não, jamais ia pensar que... bem quietão, tímido mesmo. Só que no mesmo dia minha esposa disse: “vai lá na casa da tua mãe, olha nas roupas do teu irmão menor! ”. Meio desconfiado, né? Ela foi lá e a mãe dele olhou do outro, não sei porquê. Encontrou minha calça e minha camisa. Quando ela me falou, minha boca caiu lá embaixo. Fiquei sem saber o que falar. Mas como? Conhecer ele como eu conhecia. Eu nunca ia imaginar que ele ia pegar uma coisa minha. E até hoje eu não consegui falar com ele. Não sei, por medo, sei lá. Não sei como chegar pra falar com ele. Confiança que eu tinha numa pessoa. A gente pensa que conhece uma pessoa, mas não conhece ninguém mesmo. Não adianta. Mas é um lance que a gente pensa: “pô, por que isso; por que aquilo? ”. Mas sei lá, às vezes, é da pessoa mesmo e não tem como a gente saber.

(Doce)

*** É preciso que os membros da família conheçam a si próprios...**

“Esse grupo, todo grupo de família, num momento de grupo de espera até numa clínica, está numa roda, o grupo que está naquele momento. Você absorve em todos os momentos da sua vida. Coisas boas para sua família. Mas para isso você, assim, o que é estar se conhecendo... O que é de importante, prioridade para tua família. A gente precisa estar se conhecendo primeiro, pesa muito isso”.

(Esperança)

Para saber sobre a sua própria família, o que lhe é importante e prioridade, primeiramente é preciso que os membros da família conheçam a si próprios. Este aspecto, além de seu significado propriamente dito, mostra-nos, simultaneamente, uma afirmação de sua individualidade, remetendo-nos, mais uma vez, à questão da inter-relação que existe entre o todo e suas partes, destacando uma compreensão sistêmica pelas próprias famílias. Isto também reforça a colocação de que para se trabalhar com a família, não significa estar com todos os membros ao mesmo tempo, e que respeitar a individualidade é condição *sine qua non*, conforme já frisei em tra-

balho anterior³¹⁸. As palavras de Grotovski³¹⁹, expressivo nome do teatro, reforçam este aspecto, ressaltando que a individualidade expressa **um ser em relação**:

"O verdadeiro significado etimológico de 'individualidade' é a 'indivisibilidade', e que significa uma existência completa em alguma coisa. A individualidade é o verdadeiro oposto de ser pela metade".

Grotovski

*** A Família tem elos que não se limitam aos elos de sangue...**

"Não tem o lado de sangue, né? Mas, esse elo que tem".

(Esperança)

Ou seja, a família tem ligações. Se considerarmos que elo é "cada um dos anéis de uma cadeia, uma ligação"³²⁰, podemos pensar na família como esta cadeia, ou mesmo uma corrente, que tem uma existência enquanto tal, mas que, ao mesmo tempo, pode tomar várias formas, sem nunca deixar de ser esta cadeia, esta corrente, ou seja, uma família.

Esta cadeia, por sua vez, é formada por anéis, ligações, que tem uma existência própria e uma especificidade que lhe é peculiar, como, por exemplo, os elos de sangue. Assim, podemos ter uma cadeia formada por um tipo de elo e, mesmo assim, assumir diferentes formas devido ao seu movimento. Um exemplo, são três, das quatro formas das famílias de hoje se organizarem, além da tradicional família pai, mãe e seus filhos morando sob o mesmo teto, segundo Toledo³²¹ ou seja: os solteiros com filhos; os solteiros com filhos que moram com seus pais; os viúvos ou separados que

³¹⁸ NITSCHKE, R. G. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. Florianópolis: UFSC, 1991, 313p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

³¹⁹ GROTOVSKI, K. J. Em busca de um teatro pobre. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1987. p. 217.

³²⁰ FERNANDES, Francisco. Dicionário brasileiro contemporâneo. 2 ed.. Porto Alegre: Editora Globo. 1967.

³²¹ TOLEDO, José Roberto de. Família tradicional perde espaço. In: Folha de São Paulo. 20 de setembro, 1998. Especial A: família, p. 3..

moram com os filhos. Todos têm elos de sangue, mas se apresentam de formas diferentes.

Além disto, essa cadeia, também pode ser formada por elos, anéis, ou ligações de diferentes naturezas. Uma família, além de elos de sangue pode ter simultaneamente outros elos, outras ligações, como de amizade, elos de adoção e a cada momento, também pode tomar uma diferente forma, que fala sobre seu conteúdo, sobre como estes elos que se relacionam entre si. Isto nos ajuda a chegar à compreensão que Algumas Famílias das Tribos da Lagoa têm de que existem diferentes formas de família, como mostrarei em outra parte desta pesquisa.

Buscando a conjunção, ou seja, unindo as expressões das famílias, suas imagens, chegamos a uma compreensão de que:

"Família é uma unidade, um mundo construído, próprio daqueles que a constituem; mundo este que integra partes (prazer, religião,...) e não se restringe, pois se relaciona a tudo onde está inserido. Este tudo, ao mesmo tempo, também se apresenta como parte do próprio mundo que é a família. Como ela é complicada, ela é ao mesmo tempo descomplicada. A família, tem momentos de divergências, de conflitos, podendo ter problemas A Família tanto educa, como se educa, desenvolvendo através desta educação padrões dentro dos quais seus membros vivem, como por exemplo, estudar, ter um emprego, e formar uma família.. Os membros da família respondem por ela.. Para saber sobre a sua própria família, o que lhe é importante e prioridade, primeiramente é preciso que os membros da família conheçam a si próprios. A Família é algo para que se vive e onde se vive; pressupõe a existência de respeito. A família não se acomoda, procura caminhar, sempre buscando melhorar algo que já não a satisfaz mais. A Família tem elos que não se limitam aos elos de sangue".

É importante aqui colocar, lado a lado, a noção construída a partir da conjunção das imagens de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa e o que alguns autores vêm apresentando de sua compreensão de família que, por sua vez, também nos transmite a sua imagem de profissionais sobre o que é família.

Retomando o que apresentei inicialmente no que denominei de **A complexidade singular de ser família**, percebo que existe uma lacuna considerável entre as

imagens dos profissionais das diferentes perspectivas teóricas e as de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa.

Quero frisar que não estou propondo homogeneizar os olhares, pois isso poderia descaracterizar o próprio do viver. Entretanto, é relevante chamar atenção para algumas dimensões da família que ficam esquecidas (ao menos nos discursos), embora sabendo que jamais se contemplaria sua complexidade.

O problema parece-me estar em justamente reduzir e enrijecer demais a imagem de família. Ver a família como uma instituição, com comportamentos previstos por normas de acordo com estágios; focalizar só seus conflitos ou suas negociações pode limitar. A perspectiva sistêmica e a interacionista indicam uma permissão maior para que as singularidades dos complexos mundos familiares possam se exprimir.

A possibilidade de mergulhar no mundo imaginal do profissional, resgatando o seu vivido e construir noções que possam até refletir um ecletismo, parecem sintonizar com o real mundo imaginal das famílias, pois afinal os profissionais também tem suas imagens do que consideram uma família. Há alguns anos tem sido visto, um exercício neste sentido, ao se desenvolverem marcos de referência para se trabalhar com famílias nos cursos tanto de graduação como de pós-graduação do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina.

Se considerarmos as imagens do que é família trazidas por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, pode-se dizer que uma aproximação começa a ser feita pelos profissionais. Entretanto, revendo alguns estudos como de Patrício³²², Boehs³²³, Nitschke³²⁴, Penna³²⁵, Arenas e colaboradores³²⁶, e Henckemaier³²⁷, vemos que às defi-

³²² PATRÍCIO, Zuleica Maria. A prática do cuidar/cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfermagem de enfoque sócio-cultural. Florianópolis: UFSC, 1990. 302p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1990

³²³ BOEHS, Astrid Eggert. Prática do cuidado ao recém-nascido e sua família, baseado na teoria transcultural de Leininger e na teoria de desenvolvimento da família. Florianópolis: UFSC, 1990. 188p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

³²⁴ NITSCHKE, Rosane Gonçalves. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. Florianópolis: UFSC, 1991, 313p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

³²⁵ PENNA, Cláudia M. M. Família saudável: uma análise conceitual. In: Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 1, n. 2, jul. / dez. p. 89-99. 1992.

³²⁶ ARENAS, Dévora Jeanette M. Reavaliação do marco teórico do GAPEFAM. Florianópolis. UFSC. 1995 (mimeo.)

³²⁷ HENCKMAIER, Luizita. Cuidando da família hospitalizada: uma abordagem transcultural. Florianópolis. UFSC. 1997 Relatório da prática assistencial. Curso de Mestrado em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da USFC. mimeo.

nições de família escapam alguns elementos como as complicações, os conflitos, momentos de divergências, o respeito, o conhecimento de si mesmo e a individualidade de seus membros.

Patrício³²⁸ contribui chamando atenção para o aspecto de que a família *“tanto pode ser um recurso para o crescimento e desenvolvimento de seus de seus membros, como também pode colaborar na limitação desses aspecto”*..

Um exemplo de aproximação é o marco de referência construído pelos membros do Grupo de Assistência Pesquisa e Educação na Área da Saúde da Família, constituído por profissionais e estudantes da área da saúde, principalmente, e que tem uma influência interacionista, conforme Penna³²⁹.

“Família é uma unidade dinâmica, constituída por pessoas que se percebem como família, que convivem por determinado espaço de tempo, com uma estrutura e organização para atingir objetivos comuns e construindo uma história de vida. Os membros da família estão unidos por laços consangüíneos, de adoção, interesse e/ou afetividade. Tem identidade própria, possui e transmite crenças, valores e conhecimentos comuns influenciados por sua cultura e nível sócio- econômico. A família tem direitos e responsabilidades, vive em um determinado ambiente em interação com outras pessoas e famílias, em diversos níveis de aproximação. Define objetivos e promove meios para o crescimento, desenvolvimento, saúde e bem estar de seus membros. ”

Cabe ressaltar que Penna³³⁰, ao identificar princípios norteadores que emergiram da análise do conceito acima e de família saudável, resgata alguns dos elementos que haviam escapado, conforme destaquei acima, reforçando a importância de sua integração ao que é família, enquanto **conceito sensível**... imagem imersa no mundo imaginal por onde andamos navegando...

³²⁸ PATRÍCIO, Zuleica Maria. A prática do cuidar/cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfermagem de enfoque sócio-cultural. Florianópolis: UFSC, 1990. 302p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1990. p 76.

³²⁹ PENNA, Cláudia M. M. Família saudável: uma análise conceitual. In: Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 1, n. 2, jul. / dez. p. 92. 1992.

³³⁰ PENNA, Cláudia M. M. Família saudável: uma análise conceitual. In: Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 1, n. 2, jul. / dez. p. 93-94. 1992.

Imagens de quem é família

As imagens que Algumas Famílias das Tribos da Lagoa trazem construindo a noção **família – o que é** contribui também para construir a compreensão da noção **família - quem é**, podendo esta contemplar tanto **quem é a família**, propriamente dita, como **quem a integra**.

Assim, pode-se retomar o aspecto *família não se restringe*, ressaltando mais uma vez a força que as famílias atribuem à dimensão interacional da família, mostrando sua compreensão sistêmica de como a família se apresenta e se relaciona numa infinita rede de interações emergindo, deste modo, o elemento *família é quem convive*:

"não se restringe só a mulher, esposo e o filho. Eu acho que tudo, irmão, e as pessoas que convivem ao lado da gente, né? "

(Violeta)

"Porque a minha família é eu, meu marido e minha filha, depois se estende aos meus familiares (pai, mãe, irmãos) e pessoas do trabalho..."

(Esperança)

Ao se construir a noção de **família – quem é**, as colocações remetem-nos ao que Delaney³³¹ defende, quando diz que, ao se definir a família rigorosamente, é preciso considerar alguns fatores como os **legais**, os **biológicos**, os **sociais** e os **psicológicos**, já explicitados anteriormente. É interessante destacar que as famílias em suas imagens também trazem estes fatores, expressos como **elos e laços**, o que considero relevante sublinhar ao longo desta discussão pois a enriquecerá.

"minha família... para mim é o meu filho e o meu marido, tá? A minha família. O pai é pai, é meu pai, já fala, né? Irmãos são os meus irmãos. "

(Beija-flor)

³³¹ DELANEY, L. Assessment: data collection of the family client. In: GRIFFITH-KENNEY, J.W. e CRISTENSEN, P.J. Nursing process: application of theories, frameworks and models. St. Louis: C.V. Mosby, 1986. p.87-99.

Nas expressões que iniciam esta parte, vê-se que suas imagens envolvem os fatores legais e biológicos, havendo necessidade de reafirmar sua existência. Entretanto podem não se limitar a eles, ampliando-os francamente para além, incluindo outros **elos e laços** como os sociais e psicológicos no pensar de Delaney, o que também pode ser reforçado pela seguinte colocação:

"não precisa ter laço de sangue aquela coisa, toda... a gente ter perto da gente um filho, marido, ou seja, nem todo mundo tem mãe e pai, um companheiro..."

(Violeta)

Esta dimensão interacional da família pode integrar os fatores legais, biológicos, sociais e psicológicos, propostos por Delaney, nas mais diferentes combinações, possivelmente estando aberto para ainda envolver outros.

"mas a gente não pensa nos nossos pais, nossos avós, irmãos. Então, eu acho que é deles que a gente aprende. Tem gente que tem vergonha de, às vezes, dar carinho para um velho, um abraço num velho. É deles que a gente veio, tem que pensar nisso! Eles é que são a nossa família: os velhinhos".

(Gralha)

Deste modo, aqui o fator biológico, expresso por "*É deles que a gente veio*", integra-se ao aspecto **família é de quem se aprende**, sendo possível compreender outros elementos que compõem a rede de relações da família serem considerados família, como, por exemplo, a comunidade e aqueles que estão envolvidos na educação da família e de seus membros.

o

"A comunidade é uma família"

(Gralha)

Na construção da noção de **família- quem é**, vê-se que os aspectos sociais e psicológicos tem mostrado sua força nas imagens de quem é família, apresentando a ênfase no afetual, destacando uma **ética da estética**, entendida enquanto ênfase na

"*empatia, do desejo de comunicação, da emoção ou da vibração comum*"³³², ou, como diria Arnt³³³, de "*sentimentos e de emoções compartilhadas*", contemplando:

****... família é quem é amigo***

"As pessoas que são amigas, que não tem elo de sangue."

(Lazulita)

A empatia assim se mostra remetendo-nos à "relação de sintonia" de Alfred Schütz, trazida por Maffesoli³³⁴ ao discutir o tribalismo, na qual os indivíduos celebram-se em "um nós fortemente presente", e que tem sua base numa relação face a face, que se relativiza remetendo a uma existência social mais ampla.

**** família é quem se conhece...***

"Até a gente que tá formando esse grupo também é uma família agora, a gente vai se conhecer..." "..." nós somos uma família."

(Gralha)

Deste modo, esta "*relação de sintonia*" sempre traz o sensível seja pela percepção, pelo contato ou pelo olhar, sendo o substrato da experiência e do reconhecimento do outro³³⁵. Esta experiência do outro é o que fundamenta o ser-estar junto, mesmo que, às vezes, seja conflitual.

**** família é com quem a gente se dá bem...***

"a gente se dá muito bem".

(Violeta)

³³² MAFFESOLI, Michel. A contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995, p. 11.

³³³ ARNT, Hérís. Estilo estético, uma maneira de estar no mundo. LOGOS: comunicação e universidade: homenagem à Michel Maffesoli. Rio de Janeiro: UERJ. Faculdade de Comunicação, 1997, Ano4, n. °6, p 31.

³³⁴ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p103.

³³⁵ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p103.

"Eu acho que família é sogra, sogro, cunhado, não só os entes, porque senão tu não te dá bem, às vezes, com a mãe do teu companheiro aí já tem briga com ele, com filho..."

(Gralha)

A ética da estética mostra sua relevância quando o afetual se relativiza com o espaço interacional do ser-estar.

"Às vezes é uma pessoa tão distante, e, às vezes, tá tão próximo da gente... se torna tão companheiro da gente, que faz parte da família".

(Violeta)

"As pessoas que estão lá longe, pessoas que são amigas e estão lá no Rio de Janeiro são minha família e me fazem bem. Elas são amigas e fazem parte desse meu círculo bom, que me faz sentir bem."

(Esperança)

Vê-se que o **ser-estar longe-perto / distante-próximo** se relativiza pelo **ser companheiro-amigo**, trazendo a imagem que **família é quem lhe faz bem e lhe faz sentir/estar bem**. O ser amigo-companheiro, aquele que faz bem ou faz o outro se sentir bem, mesmo longe geograficamente, é próximo ao outro, pois lhe faz bem ou se sentir bem.

"Eu, por exemplo, moro longe de toda minha família, eu tenho esse grupo de pessoas que formam a minha família, a relação trabalho, a relação escola, em paz com minha filha, as coleguinhas dela, o meu marido, do meu condomínio, do trabalho da minha irmã, da minha irmã, então tudo isso é realmente a nossa família e em busca, tudo isso pra gente se sentir bem".

(Esperança)

A relevância da **ética da estética** complementa-se com o elemento de que **família é quem lhe entende e lhe retribui**. Um membro do grupo ao selecionar uma imagem, fez a seguinte colocação:

"Eu botei um carneirinho... É, ele era um membro da família. Eu conversava com ele, parece que ele entendia. Era tolo, mas era. Eu fazia carinho e ele retribuía..."

(Solidária)

Delaney³³⁶ já havia nos alertado que, ao considerarmos os aspectos psicológicos, não deveríamos nos surpreender ao constatar que um animal de estimação é considerado como membro da família.

Conforme Rosenkoetter³³⁷, milhões de pessoas têm animais de companhia ou bichos de estimação em suas casas e os consideram componentes integrais de suas vidas diárias, sendo que os animais são freqüentemente valorizados como membros da família. *“As pessoas dão qualidades humanas para os animais, mesmo que, às vezes, fiquem embaraçados em saber isto”*

Este aspecto vem sendo explorado, inclusive na mídia, quando vemos, por exemplo, reportagens intituladas *“Filhos de Quatro Patas”*³³⁸. Poderia ser estranho falar-se em um animal quando se fala em **quem**, que justamente se refere a **pessoas, a alguém**, conforme Fernandes³³⁹ e Ferreira³⁴⁰.

Na referida reportagem, vemos depoimentos como: *“Bobby (um cão da raça boxer) tem pai, mãe, avós e tios da espécie homo sapiens”*; *“Bobby está sofrendo muito com o trauma da nossa separação”* diz a secretária de pseudônimo Priscila.. A esse respeito, Rosenkoetter³⁴¹ coloca que as pessoas incorporam animais em seus sistemas pessoais, muitas vezes dando-lhes qualidades humanas e mostrando como eles gostariam que fosse um membro da família que é humano.

Mas isto nos mostra que existem muitas lógicas e muitas razões. Assim, há uma razão que extrapola qualquer determinismo, pois é do sentimento, do vivido, num paradoxo. Pode-se pensar que é uma **razão com espírito livre e criador, a razão sensível**.

³³⁶ DELANEY, L. Assessment: data collection of the family client. In: GRIFFITH-KENNEY, J.W. e CRISTENSEN, P.J. *Nursing process: application of theories, frameworks and models*. St. Louis: C.V. Mosby, 1986. p.87-99.

³³⁷ ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. *Readings in family nursing*. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 300 e 304.

³³⁸ ALBUQUERQUE, Lina e SILVA, Carlos Eduardo da. *“Filhos de Quatro Patas”*. Marie Claire, 68, 77-86p, nov 1996.

³³⁹ FERNANDES, Francisco. *Dicionário brasileiro contemporâneo*. 2 ed.. Porto Alegre: Editora Globo. 1967. p. 889.

³⁴⁰ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. 2 e. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1988. p. 421.

³⁴¹ ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. *Readings in family nursing*. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 308.

"Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas do coração? E quem irá dizer que não existe razão?"

("Eduardo e Mônica" de Renato Russo)

Cabe resgatar um episódio que ficou marcado jocosamente, quando o nosso então Ministro do Trabalho, ao ser flagrado levando seu cachorro para o veterinário num carro oficial, esclareceu que **cachorro também era gente ou ser humano**. Mesmo que, para alguns, tenha havido um equívoco de comunicação, isto nos faz questionar se sua expressão não estaria nos apresentando como ele sentia a situação, mostrando-nos como as pessoas agem de acordo com o significado que dão ao seu vivido, ou seja, a imagem que tem, não nos esquecendo que vivemos numa cultura de sentimento e do retorno da força da natureza.

"Eu acho que depois que tu tem um bicho de estimação ele se torna membro da família."

(Solidária)

Quando emerge o aspecto *família é quem se estima*, pontua-se assim uma relação de troca, mostrando o apreço e a valorização daquele (ou daquilo) *com quem se convive; se conhece; de quem se aprende; ; com quem a gente se dá bem; que lhe faz bem e lhe faz sentir/estar bem; que retribui*. Isto nos leva a compreender algumas colocações de certos elementos como por exemplo a televisão, ou mesmo, o micro-computador como membros da família, mostrando que a tecnosocialidade falada por Maffesoli³⁴² chegou a "constituir família".

A pesquisa feita pelo Datafolha, no final de 98, sobre a família brasileira, aponta para a importância da televisão na vida das famílias. Embora, sua discussão ainda passe por posições pouco simpáticas a sua existência, uma coisa é certa: não dá para negar a força de sua presença no cotidiano da família: ela é, por exemplo, companhia durante as refeições de 38% das 2038 pessoas entrevistadas. Segundo Carlos Heitor Cony, no final dos anos 40, "*ninguém sabia, mas a família se prepara-*

³⁴² MAFFESOLI, M. _____. A tecnosocialidade como fator de laço social. Palestra no Curso de Pós-Graduação em Jornalismo da PUC- Porto Alegre -RS. em 16 de outubro de 1996.

va para sofrer um golpe mortal com o advento da TV. Trêmula e prateada, a telinha trouxe um estranho para dentro de casa: o mundo”³⁴³.

“Meu marido, ele é adotivo e tem uma história assim bem... Nossa Senhora, né? Eles são muito só: ele e a televisão. Relações de grupo e de pessoas e... se fechou em seu mundo, não criou muitos laços de amizade.”

(Esperança)

Seriam alguns vazios do viver e do conviver humano que aí se auto-denunciam? Ou é exatamente, um querer viver mais intenso, pleno de afeto, que permite, cada vez mais, poder ligar-se ao que nos faz bem e nos faz sentir/estar bem?

Mas estes elementos, como a televisão e os animais, seriam substitutos do ser humano? Para alguns até pode ser. Entretanto, não se pode esquecer que esses elementos que, num primeiro momento podem parecer isolar o ser humano de outros, também servem como facilitadores do estar junto, quando se mostram como *algo sobre o que se fala*. como destacam Maffesoli³⁴⁴ e Rosenkoetter³⁴⁵, colocando-se como componentes do prazer de sentir-se bem estando com.

Outros elementos surgem como a *família é quem cria*.

“As entidades que criam as crianças”

(Cardeal)

Considerando que, até o advento da clonagem, as crianças sempre são filhos de alguém, assim quando falamos em *criar crianças* podemos nos referir a *criar filhos*.

³⁴³ CONY, Luis Heitor. O mundo entra em casa. In: Folha de São Paulo. 20 de setembro, 1998. Especial A: família, p. 12.

³⁴⁴ MAFFESOLI, M. Aux creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique. Paris, Plon, 1990, p. 94-104

³⁴⁵ ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. Readings in family nursing. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 300.

Segundo Marcon³⁴⁶, para as famílias trabalhadas em sua pesquisa, criar é *“muito mais do que educar, socializar, cuidar na doença. Criar é enxergar a criança de forma completa, com todas as suas necessidades de forma individualizada... É um processo inacabado, único para cada filho... que vai sendo moldado, construído pelas interações ocorridas entre os pais e as pessoas que lhe são mais próximas”*, reportando-nos, mais uma vez, para a importância das interações na construção do viver cotidiano das famílias e também para a complexidade e singularidade de cada ser humano e de cada família.

A autora destaca que a criação dos filhos é *“algo implícito no próprio viver da família”*, sendo que *“o momento atual tem como característica o fato desta atividade ser ‘compartilhada’ com outros indivíduos (geralmente não pertencentes à família) e com instituições”*. Percebe-se assim uma diferença, pois Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, além de compreenderem as entidades como parceiras na criação de seus filhos, as consideram também como família. O espaço das interações valida o *“pertencer à família”*.

“os professores do colégio, porque a partir do momento que ela cuida do meu filho, ela é também da família, porque ela cuida dele para mim”.

(Gralha)

Assim, vê-se o aspecto ***família é quem cria***, integrando-se ao elemento ***família é quem cuida***. Segundo Marcon³⁴⁷, os cuidados dispensados às crianças constituem *“grande parte das atividades relacionadas à criação dos filhos”*.

Santana³⁴⁸ levando-nos viajar no tempo, lembra-nos que os cuidados com a criança eram delegados a uma ama longe da família, passando posteriormente *“a um momento em que somente à família cabia o cuidado da criança e, hoje, vemos a validade do convívio mais aberto, mais rico de interações. E nesse se inclui o convívio na creche, proporcionando o desenvolvimento dos aspectos sociais da criança.”*

³⁴⁶ MARCON, Sonia Silva. Criar os filhos: experiências de famílias de três gerações. Florianópolis: UFSC, 1998. 283p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina. p. 275, 267 e 19

³⁴⁷ MARCON, Sonia Silva. Criar os filhos: experiências de famílias de três gerações. Florianópolis: UFSC, 1998. 283p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina. p. 17.

A partir das expressões das imagens de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, vê-se que concordam com a situação de hoje, explicitada por Santana, mas simultaneamente continuam a compreender o cuidar das crianças como próprio da família e, assim, entendendo aqueles que cuidam de seus filhos como membros da família. Desta maneira, não vêem a creche e seus membros apenas como recurso ou como uma estratégia no cuidado dos filhos, conforme refere Marcon³⁴⁹ em sua tese, mas sim como a própria família.

Esta ênfase colocada no cuidar pelas famílias leva-nos até a situação muitas vezes confusa sobre a responsabilidade pelo crescimento e desenvolvimento das crianças, podendo-se até falar em conflito de papéis.

Enquanto as famílias vêem os professores e a escola como aqueles que também cuidam de seus filhos, integrando-os à família, os professores e outros membros que integram a escola, às vezes, sentem isto como uma responsabilidade muito grande. Santana³⁵⁰ consegue refletir esta posição dos funcionários do núcleo de educação infantil, quando coloca que a creche tem "*a proposta de auxiliar a família*" no cuidado das crianças, todavia, sem pretender substituí-la.

Esta discussão coloca em relevo um componente significativo das interações que é o cuidar, tão bem explorado por Leininger^{351,352}. Esta autora defende o cuidado como essencial para o crescimento, desenvolvimento e sobrevivência dos seres humanos. Alguns trabalhos já tem discutido o cuidado destacando sua relação com a família, como Patrício³⁵³, Boehs³⁵⁴, Monticelli³⁵⁵, Henckenmaier³⁵⁶, Santos, Stuepp e Saucedo^{357, 358}.

³⁴⁸ SANTANA, Judith Sena da S. A creche sob a ótica da criança.. Feira de Santana: (Ba), 1998, 149 p. p. 119.

³⁴⁹ MARCON, Sonia Silva. Criar os filhos: experiências de famílias de três gerações. Florianópolis: UFSC, 1998. 283p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina. p. 117, 167, 169, 244.

³⁵⁰ SANTANA, Judith Sena da S. A creche sob a ótica da criança.. Feira de Santana: (Ba), 1998, 149 p. p. 133.

³⁵¹ LEININGER, Madeleine. Teoria do cuidado transcultural: diversidade e universalidade. In: Anais do simpósio brasileiro de teorias de enfermagem. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1985, p. 255-276.

³⁵² LEININGER, 1991.

³⁵³ PATRÍCIO, Zuleica Maria. A prática do cuidar/cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfoque sócio-cultural. Florianópolis: UFSC, 1990. 282 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Curso de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

³⁵⁴ BOEHS, Astrid.

³⁵⁵ MONTICELLI, Marisa.

Considerando-se o que Leininger propõe como construtos do cuidado, sendo posteriormente enriquecidos na nossa realidade por Patrício, (Anexo VII), é possível observar que os elementos que constituem **o quem é família** são contemplados nestes construtos, colocando-se deste modo o elemento *família é quem cuida* como um aspecto muito forte, se não o de maior força no delineamento em pontilhado do ser família. Destaco, todavia, que os construtos são interações, como Patrício³⁵⁹ também sublinha, reforçando-se então a ênfase no relacional na construção do **quem é família**, colocando sob holofotes, uma **ética da estética**.

É assim que em nossa viagem chegamos ao porto da conjunção construída pelas imagens de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa:

“Família é quem convive; é de quem se aprende; é com quem a gente se dá bem; é quem se conhece; é quem é amigo; é quem lhe faz bem e lhe faz sentir/estar bem; é quem lhe entende e lhe retribui; é quem cria. Família é quem cuida”.

³⁵⁶ HENCKMAIER, Luizita. Cuidando da família hospitalizada: uma abordagem transcultural. Florianópolis. UFSC. 1997 Relatório da prática assistencial. Curso de Mestrado em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da USFC. mimeo.

³⁵⁷ SANTOS, Andréia, STUEPP, Mirtes Alpaca & SAUCEDO, Tatiana. Vivendo o processo do nascimento: cuidando do recém-nascido, puérpera e sua família inseridos num contexto cultural. Florianópolis. UFSC. 1997. Trabalho (Conclusão do Curso de Graduação) Departamento de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina. 1997. mimeo.

³⁵⁸ SANTOS, Andréia, STUEPP, Mirtes Alpaca & SAUCEDO, Tatiana. Vivendo o processo do nascimento: cuidando do recém-nascido, puérpera e sua família inseridos num contexto cultural. Texto & Contexto-Enfermagem, Florianópolis: UFSC, v. 7, n. 1. jan. /abr. 1998, p. 175.

³⁵⁹ PATRÍCIO, Zuleica Maria. A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. Florianópolis: UFSC, 1995, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1995. p. 62.

Imagens em formas de famílias, mas não as famílias em fôrmas

"Na empresa a gente entra: fazer uma família; em casa, a gente tem outra família. Entre os amigos, tem outra família."

(Mãe)

As imagens expressas que construíram a noção **família – o que é e família - quem é** contribuíram também para construir a compreensão de que no mundo imaginal de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa existem formas diferentes de famílias, mostrando a sua pluralidade:

"Desde 7 anos eu fui criada por famílias, por educação, valores diferentes. Com vós, tios, parentes estranhos..."

(Esperança)

Deste modo, vemos emergir como forma de famílias: uma família que é *compreendida como a família menor ou pequena*.

"Acredita que tem uma família menor: ela, o marido e seus dois filhos".

(Esperança)

Entretanto, algumas famílias também entendem a *família menor* como aquela formada só pelo casal. Neste caso, quando os filhos chegam, a compreensão amplia-se para uma *família maior*.

"A partir do momento que meu filho veio ao mundo, eu já sou uma família maior. Não é só pai e mãe, agora é pai, mãe e filho. Então, se torna uma família..."

(Gralha)

Esta compreensão nos remete a Duvall³⁶⁰ quando propõe que a família durante seu ciclo vital passa por estágios. Assim, a *família menor* expressa pelas famílias

³⁶⁰ DUVALL*, E. M. Family development. Philadelphia: Lippincott Company, 1957. In: NYE, F. I. e BERARDO, F. M. (ed.). Emerging conceptual frameworks in family analyses. New York: Praeger Publisher, 1981.

corresponde ao que Duvall considera “*família em formação*”, sendo que a *família maior*, incluiria todos os outros estágios, pois contemplam a existência de filhos.

A *família pequena, menor/maior* pode ainda ser compreendida como a *família básica*, trazendo relativamente uma outra forma onde se incluem os outros familiares, lembrando a *família estendida* tratada por alguns autores como refere Leonard³⁶¹

“É como se a família básica fosse seu marido e filhos e depois se estende aos outros familiares (sogra, mãe, pai, cunhada...)”

(Esperança)

Percebe-se que a *família pequena, menor/maior* (independente de sua compreensão), baseia-se nos aspectos biológicos e legais, podendo assim ser contemplada pela noção de *família básica*.

A *família básica* remete-nos ao que tem sido entendido como *família nuclear*, ou seja, aquela composta por um marido, sua esposa e seus filhos, fundamentada numa união *monogâmica*, conforme Leonard³⁶², servindo esta

inclusive de base para a *família que se estende*, o que tem sintonia com este último autor quando destaca a *família estendida, extensa ou ramificada*, como sendo aquela *nuclear ou poligâmica*, que se estende incluindo a geração paterna, e algumas vezes parentes como tios e tias.

A *família que se estende* junto com outros elementos também integra as imagens que se expressam pela *família geral*

“Então isso é ajudar a família geral. É uma família essas partezinhas. Junta tudo é uma família. Porque a minha família é eu, meu marido e minha filha, depois se estende aos meus familiares (pai, mãe, irmãos) e pessoas do trabalho...”

(Esperança)

³⁶¹ LEONARD, B. Crescimento e desenvolvimento das famílias. In: ATKINSON, L. D. e MURRAY, M. E. Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989. p. 203-209.

³⁶² LEONARD, B. Crescimento e desenvolvimento das famílias. In: ATKINSON, L. D. e MURRAY, M. E. Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989. p. 203-209.

A *família geral* mostra-nos uma ampliação dos aspectos biológicos e legais para os aspectos sociais trazidos por Delaney³⁶³, ou ainda extrapolando os **elos ou laços**, reportando-nos a noção *família é quem convive*.

"Quando casa, quando forma, falando de uma família pequena, quatro. Não no geral família: escola, trabalho".

(Esperança)

Outros aspectos, como os psicológicos citados por Delaney, podem ainda se integrar nesta ampliação, que delinea a *família geral*, sendo carregados por sentimentos, reforçando a ética da estética que, com seu conteúdo afetual, dá forma à família.

"Essas pessoas são assim o teu geral, elas são da família do coração. Então uma cá, outra lá, outra aqui. Às vezes elas nem sabem o tanto de bom que elas fazem, o pouco que a gente troca cá e lá."

(Esperança)

Estas imagens fazem-nos reportar ao tribalismo proposto por Maffesoli³⁶⁴ quando destaca que "esses agrupamentos afinitários retomam a antiga estrutura antropológica que é 'a família ampliada'. Estrutura onde a negociação da paixão e do conflito se faz bem de perto. Sem remeter à consangüinidade esse reagrupamento... podemos dizer que as redes, que pontuam nossas megalópolis, retomam as funções de ajuda mútua, de convivialidade, de comensalidade, de sustentação profissional..."

O mundo imaginal das famílias apresenta-nos sua sabedoria, eles não tem apenas imagens do que é e de quem é família. Delinear os tipos, as formas de família não é exclusividade dos acadêmicos instituídos, é também daqueles que estão na instituinte escola da vida, ensinando e aprendendo.

³⁶³ DELANEY, L. Assessment: data collection of the family client. In: GRIFFITH-KENNEY, J. W. e CRISTENSEN, P. J. Nursing process: application of theories, frameworks and models. St. Louis: C. V. Mosby, 1986. p. 87-99.

³⁶⁴ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p. 98.

É deste modo que, das imagens de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, vemos emergir *da família geral a família do coração*, por onde iremos navegar neste mundo imaginal.

A Família do Coração: Laços de Afeto, Arquitetura de Paixões

“Para mim família do coração é como eles falaram, é você se sentir bem ao lado das pessoas, ter prazer”.

(Beija-flor)

A *família do coração* emersa do mundo imaginal de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa apresenta, como “*divino social*”, o **prazer, no sentido de sentir bem de estar junto com quem te faz bem**, entendendo-se o “*divino social*”, destacado por Maffesoli³⁶⁵ e proposto por Durkheim, como a força agregadora que está na base de qualquer sociedade ou associação.

Vê-se um relevo no hedonismo que, segundo Maffesoli³⁶⁶, tem como pano de fundo o que se pode chamar de potência irreprimível. Conforme Patrício³⁶⁷, o prazer, sendo a força criativa da vida, é a única capaz de se opor à destrutividade em potencial do poder. Deste modo, as famílias não querem apenas viver, mas viver com prazer e, assim, constrói-se a *família do coração*, que convive com outras formas de família, podendo até também ser uma delas ou não.

O prazer, no sentido de sentir bem de estar junto com quem te faz bem, sublinha o bem. Mas o que seria este sentir-se bem? O que faz bem? Enfim, o que é bem? Buscar respostas a estas questões, faz-nos mergulhar numa noção que é bastante controversa dentro do domínio filosófico, como enfatiza Mora³⁶⁸. Pontuarei alguns aspectos da noção “bem”, no sentido de se aproximar de uma melhor compreensão do mundo imaginal de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, sem ter a intenção de esgotar.

Segundo Mora, pode-se considerar o bem como realidade ou algum valor, sendo que quando estes são absolutos, fala-se do Bem Supremo. Quando reportamo-nos

³⁶⁵ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 56.

³⁶⁶ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 47.

³⁶⁷ PATRÍCIO, Z. M. A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. Florianópolis: UFSC, 1995, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1995. p. 78..

³⁶⁸ MORA, José Ferrater. Dicionário de filosofia. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 67-73.

a alguma coisa valiosa referimos a “um bem” ou “bens”. Além disto, utiliza-se “bem” igualmente para indicar “que algo é como deve ser”. Com freqüência, “o Bem” refere-se à bondade, no sentido de toda qualidade boa, sem esquecer que pode ainda ser utilizado como sinônimo de “o bom”, chegando-se ao “bom”. Aquele é definível, enquanto o segundo não, sendo que este só pode ser apreendido “intuitivamente”, no mundo imaginal.

O autor destaca que “bom” pode ser compreendido como “x é perfeito” ou “x é adaptado à função que lhe compete exercer”. Retomando a concepção aristotélica, Mora³⁶⁹ refere que “o bem de cada coisa não é (ou não é só) a sua participação no Bem absoluto e separado, mas que cada coisa pode ter seu próprio bem, isto é, sua perfeição”, chamando atenção para a relativismo das coisas, visto que estão mergulhadas num mundo de interações prenhe de significados.

O Bem pode ser entendido como um ente, como uma propriedade de um ente, ou como um valor. Para alguns, o Bem pode inclusive apresentar-se como *“uma luz que ilumina todas as coisas”*.

“Às vezes, uma palavrinha, um sorriso elas conseguiam, enquanto a gente estava num emaranhado, não encontrava solução para nada, davam uma luz.”

(Esperança)

Outro aspecto importante se coloca quando o Bem moral é realçado acima de outras espécies de bens, surgindo algumas questões como a de que o Bem *“é algo subjetivo ou algo que existe objetivamente. Muitas filosofias admitem as duas possibilidades”*. Quando se define como algo apetecível tende para o subjetivismo, podendo ser a apetência um querer. Quando se reduz o Bem a um bem ou a um tipo de bens (em particular de bens concretos) converte-se a moral em algo relativo e dependente.

Retomando Aristóteles, Mora diz que o Bem pode ser natural ou convencional. O natural é universal e inalterável, havendo aqueles que dizem que a natureza é sempre a mesma, enquanto outros manifestam que pode mudar acompanhando o desenvolvimento da própria natureza. O Bem, quando convencional, é tido como relativo a uma determinada sociedade, classe social, etc.

³⁶⁹ MORA, José Ferrater. Dicionário de filosofia. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 67-73

Continuando, Mora diz que “o Bem moral (e, ocasionalmente, o metafísico) pode ser considerado como objeto da razão, da intuição ou da vontade”. Ele destaca que “a tese de que o Bem é objeto formal da vontade não exclui o uso da razão, e a tese de que o Bem é apreendido mediante a razão não exclui que seja igualmente objeto da vontade. Assim referencia Scheler, que destacou a possibilidade de apreensão intuitivo- emocional das realidades.

Estas considerações reforçam a importância de se buscar o mundo imaginal que é peculiar a cada um, trabalhando-se com a razão sensível.

A *família do coração* apresenta-se como **sentir-se bem e o que nos faz bem**, configurando-se num **estar junto** que se mostra como **ter prazer**. Considerando esta relação estreita e, buscando uma melhor compreensão do **sentir-se bem e fazer bem**, é que podemos mergulhar na noção de **prazer**.

“a gente tem prazer de estar junto. Isso aí para mim já é um motivo de ter prazer, de ser uma família do coração”.

(Beija-flor)

Mora³⁷⁰ refere que Bentham identificou algumas categorias de prazer como: dos sentidos, riquezas, habilidade, amizade, bom nome, poder, piedade, benevolência, malevolência, memória, imaginação, expectativa, associação e alívio, sendo que entre estes prazeres há os que se encontram projetados para o aumento da felicidade do outro. Foi possível observar algumas dessas categorias junto a Algumas Famílias das Tribos da Lagoa como: dos sentidos, riquezas, habilidade, amizade, benevolência, memória, expectativa, associação, sendo contempladas pela conjunção que integra o **ter prazer – sentir-se bem – te fazer bem em estar junto com:**

- falar de:

“É ter prazer de falar. Na terça-feira passada, eu fiquei dois dias com ela falando de vocês. Eu não lembrava o nome de ninguém, mas eu falei “.

(Beija-flor)

- ter amizade:

³⁷⁰ MORA, José Ferrater. Dicionário de filosofia. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 331.

“Os meus amigos são família do coração, como a Esperança disse. Porque com pessoa que entra na vida da gente, não entra por acaso, tem um propósito, aquilo ali tem um propósito de vida”.

(Beija-flor)

- ganhar um sorriso; é sentir a alegria:

“Eu concordo com ela. A gente faz amizades justamente por um sorriso, né? Por uma boa tarde, boa noite, nunca de cara amarrada, sempre de cara aberta. As pessoas sentem mais alegria até no próprio coração. Isso faz parte da família”.

(Azedo)

- nunca esquecer:

“São as pessoas que a gente nunca esquece. Eu posso viajar para o Paraná, ela pode ir para Porto Alegre”.

(Beija-flor)

- ter satisfação em estar junto e fazer parte:

“Ela foi para Porto Alegre e disse que, quando chegar, a primeira coisa que ela vai fazer vai ser passar e pegar ele. A gente se sente muito bem... Quer dizer, é uma satisfação estar aqui com vocês. Fazem parte da vida da gente. É um compromisso que a gente tem, toda terça-feira estar aqui. E aí a gente fica querendo que aconteça logo porque a gente se sente bem. A gente vai embora fica lembrando: “Ah! Eu fiz isso hoje... Será que na outra terça-feira vai ser assim? Será que vai ser melhor? Faz bem para a gente. Isso que eu acho”.

(Beija-flor)

“eu tenho o maior prazer de dizer: olha, vão almoçar lá em casa, vão jantar lá em casa, passar um domingo juntos”.

(Beija-flor)

Este aspecto remete-nos à importância da comensalidade como expressão do prazer de estar junto. Segundo Kant³⁷¹, *“a forma de bem-estar que parece melhor estar de acordo com a humanidade é uma boa refeição em boa companhia”*. Para ele, quando se propõe fazer uma refeição com alguém não se quer apenas procurar a satisfação física, pois cada um pode encontrá-la sozinho, mas também se tem a intenção de desfrutar da presença daqueles com quem se divide a refeição, buscando o

prazer social do qual cada um parece ser o veículo. Kant chega a dizer que toda reunião ao redor de uma mesa comporta, sem contrato formal, a “*formalidade de contrato de segurança*”, algo que é “sagrado”.

Maffesoli³⁷² também chama a nossa atenção para a sacralidade das relações sociais, sendo esta expressa na circulação da palavra, que em geral é acompanhada pela circulação do alimento e da bebida. Deste maneira, ele nos exemplifica “*que a eucaristia cristã, que enfatiza a união dos fiéis, e a união com Deus, é uma das formas acabadas da comensalidade, que se encontra em todas as religiões do mundo. Assim, ... no decorrer de uma refeição, dirigindo-me a outrem, é à divindade que me dirijo*”. A comensalidade, deste modo, em suas diferentes apresentações, deixa ver a ligação complexa entre o divino, o conjunto social e a proximidade, lembrando-se sempre que o divino “*é oriundo das realidades quotidianas, que ele se elabora pouco a pouco, na partilha dos gestos simples e rotineiros*”. Além disto, o comer é nutrir, se comemos com alguém estamos nos nutrindo juntos, e também nutrindo o estar junto. Tem-se uma potencialização de prazeres: o de ser-estar junto com, propriamente dito, o de nutrir-se, o de nutrir-se **estando e sendo junto com**.

Maffesoli³⁷³ destaca outro aspecto ligado ao comer: o de enfrentamento da morte e também dos outros, sendo enfim um lugar de comunicação.

Kant colocou que comer sozinho não é saudável para um filósofo: “*Ele não se restaura, ele se cansa; é uma ocupação que consome e não um jogo que vivifica os pensamentos*”³⁷⁴. Pelo que Algumas Famílias das Tribos da Lagoa expressaram através de suas imagens, não é apenas para os filósofos que é prazeroso comer com alguém. Assim, é interessante que os profissionais da saúde se sensibilizem para tal criando possibilidades para que as famílias tenham o direito de usufruir o direito de ter prazer, sendo que para tal é preciso apenas a flexibilidade de quem exercita a compreensão do outro.

³⁷¹ KANT, Emmanuel. Antropologie, du point de vue pragmatique. Societes: Revue des Sciences Humaines et Sociales. Paris, v. 2, n. 1, 3-4, nov. 1985.

³⁷² MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 37-8.

³⁷³ MAFFESOLI, Michel. Le mystère de la conjonction. Paris: Fata Morgana, 1997. p. 117.

³⁷⁴ KANT, Emmanuel. Antropologie, du point de vue pragmatique. Societes: Revue des Sciences Humaines et Sociales. Paris, v. 2, n. 1, 3-4, nov. 1985.

“Ah! Amanhã eu vou almoçar com aquela pessoa, vamos dar uma volta no jardim. A gente vai estar junto com aquele pessoal e se sentir bem.”

(Beija-flor)

Cabe ainda salientar que, sendo o comer junto um lugar de comunicação, não se pode esquecer que pode trazer consigo também a nuance de ser um lugar de afrontamento com os outros, de conflito, pois mostra, paradoxalmente, como destaca Maffesoli³⁷⁵, a proximidade, mas também as diferenças: *“se a mesa pode ser lugar onde se entrelaçam as mais sólidas amizades e as mais suaves ligações afetivas, é igualmente o local onde se provocam e se exprimem as mais ferozes discórdias”*, mostrando que o conflito e a diferença também tem seu espaço na *família do coração*.

“A gente senta junto os quatro quando tem que dar bronca no marido dela e nela vai eu e o Colibri, quando tem que dar bronca em nós dois eles dão. E a gente respeita, a gente tem prazer de estar junto”

(Beija-flor)

É possível ver que Algumas Famílias das Tribos da Lagoa têm clareza que, ao comer compartilhando com alguém a mesa, pode se amar ou pode se magoar, mostrando a mesa como um *“trono do ambíguo”³⁷⁶*, que na sua imagem também é traduzida pela diferença da qualidade do que se come. É importante destacar que se observa a possibilidade de diferença, como nesta poesia trazida espontaneamente para o grupo durante uma oficina, mas não a possibilidade da inexistência do que comer, que é sagrado, remetendo-nos a idéia de que *“a supressão da nutrição é a dissolução da casa”³⁷⁷*.

“É melhor comer verdura na companhia de quem a gente ama, do que comer a melhor carne onde existe ódio. É melhor comer pedaço de pão seco, tendo paz de espírito, do que tendo um banquete na casa cheia de amargura. Termino o dia e a vós entrego o meu cansaço. Obrigado por tudo; obrigado pela esperança que hoje animou meus passos, pela alegria que vi no rosto das crianças; obrigado por... que recebi dos outros; obrigado também pelo que me fez sofrer; obrigado por aquele momento de desânimo; lembrei-me de ti, amigo, obri-

³⁷⁵ MAFFESOLI. Michel. La table, lieu de communication. Societes: Revue des Sciences Humaines et Sociales. Paris, v. 2, n. 1, 7-8, nov. 1985. p. 7.

³⁷⁶ MAFFESOLI. Michel. La table, lieu de communication. Societes: Revue des Sciences Humaines et Sociales. Paris, v. 2, n. 1, 7-8, nov. 1985,

³⁷⁷ MAFFESOLI. Michel. La table, lieu de communication. Societes: Revue des Sciences Humaines et Sociales. Paris, v. 2, n. 1, 7-8, nov. 1985, p. 8.

gado pela luz, pela noite... compreensiva e carinhosa; obrigada pela comida que, com meu trabalho, ajudei a conquistar e foi servida na mesa de nossa família. Obrigado pela compreensão, pelo amor que encontrei nas pessoas de casa”.

(Gralha)

O prazer de estar junto com quem te faz sentir bem que é expresso em várias situações, é tão significativo que se acentua inclusive num *não querer que vá embora*:

“Quando chega na hora de ir embora, eles moram lá na rua geral da Joaquina e vêm até em casa trazer a gente. Quando chega aqui a gente quer ficar junto, quer levar... Quando ele foi dormir lá, foi a primeira vez que ele dormiu fora e a madrinha não queria deixar ele vir embora. Ela foi para Porto Alegre e disse que quando chegar a primeira coisa que ela vai fazer vai ser passar e pegar ele. A gente se sente muito bem junto. Eu tenho segredos da vida dela que ninguém da família dela tem”.

(Beija-flor)

A nuance ser *família da coração* é ter segredos do outro mostra-nos um reforço da socialidade, que podemos ver respaldado quando Maffesoli³⁷⁸ coloca que o *“segredo partilhado é o cimento primordial de toda a socialidade”*. O segredo da família frente ao exterior vem desde a antigüidade, recorda-nos Maffesoli³⁷⁹: *“Dos ‘assuntos da família’, quer fossem os da família strito sensu, os da família ampliada, ou da máfia. dos assuntos da família, portanto não se fala.”* A expressão *“que ninguém da família dela tem”* apresenta muito bem a potência social mostrando sua força através do emocional, relativizando o instituído. Deste modo, vê-se a *família do coração* convivendo com uma outra família; possivelmente, a institucionalizada.

“... os amigos. E essas partes assim que eu digo que são do coração. Não pode dizer que são só amigos, porque é mais que amizade. Não sei como eu classifico essas pessoas em minha vida, elas fazem parte. Então elas são do coração mesmo. Tem outra senhora também, tem uma que tá aqui, outra que tá lá. Tem uma senhora, uma velhinha lá do Rio de Janeiro que é uma paixão, uma vovó, uma escrava mineira. Que tem uma sabedoria, uma força, uma energia, uma coisa tão linda que ela te passa que até por telefone ela passa. Mas de paixão! Essas pessoas são assim o teu geral, elas são da família do coração..”

(Esperança)

³⁷⁸ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 36.

³⁷⁹ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p. 129.

A *família do coração* mostra-se como uma expressão da pós-modernidade, quando entendemos esta como o domínio da socialidade, da solidariedade orgânica sobre a sociabilidade e a solidariedade mecânica, na visão proposta por Maffesoli³⁸⁰ que, por sua vez, inverte a compreensão de Durkheim. Ou seja, a **solidariedade orgânica** calca-se nos laços afetivos e nas ambigüidades básicas da estruturação simbólica, garantindo a coesão do grupo, a partilha sentimental de valores, lugares e idéias, enquanto a **solidariedade mecânica** seria da ordem do instituído.

Assim, a *família do coração* extrapola a família institucionalizada através de laços biológicos e legais, numa coexistência de diversos conteúdos que remetem à **socialidade** entendida, segundo Maffesoli¹, como a potência social que tenta se exprimir, residindo num misto de sentimentos, paixão, imagens, diferenças que incitam a relativizar as certezas estabelecidas a uma multiplicidade de experiências coletivas.

Vemos surgir a cada momento uma outra família que, ao mesmo tempo, pode guardar alguns elementos da instituída, ou ainda, ser totalmente diferente, integrando outros membros como o vizinho, o tele-amigo, o cachorro, o carneirinho... Mas sempre será a família de alguém que assim a considere.

Cabe destacar, que a *família do coração* não é uma exclusividade de nossos dias, mas o que se quer frisar é a força que ela assume neste contexto, tanto qualitativa com quantitativamente, o que remete à proximia.

Calligaris³⁸¹ coloca que a fragmentação da família não se deve à perda de sua relevância ou dissolução; ao contrário, ela tem sido valorizada, sendo a fragilidade decorrente desta valorização.

Dos 61% dos 2038 brasileiros entrevistados, em fevereiro de 98, que valorizam a família (colocando-a em primeiro lugar em relação ao estudo, trabalho, religião, dinheiro, casamento e lazer), trouxeram, como suas vantagens principais, motivos de ordem afetiva. Ou seja, ter companhia (16%); amor e afeto (12%); entender-se bem, sem conflitos (12%); ser unido (11 %); ser amigo (9 %); ter apoio em relação aos problemas (6 %); poder compartilhar as coisas da vida (6%); dividir despesas (5 %); não precisar fazer tarefas domésticas (2%), sendo que 2% não vê vantagens na vida familiar. Dentre as desvantagens, também destacam-se aquelas de ordem afetiva,

³⁸⁰ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. e MAFFESOLI, M. O conhecimento do quotidiano. Lisboa, Vega. s/d. p. 173.

senalizando a relevância do afetual no viver e no constituir família: brigas e discussões (10%); ter de dar satisfação aos outros (6%); falta de privacidade (4 %); falta de dinheiro e problemas financeiros (4%); filhos não respeitam os pais (2%); pessoa com quem mora bebe (2%); intolerância das pessoas da casa (2%); não pode sair ou dormir fora de casa (2%); bagunça/desarrumação da casa (1%); ciúmes (1%); sendo que 57% não vê desvantagens.

Esta viagem inusitada (e fora de rota) pelos números destina-se a ressaltar a ética da estética que dá os mais diferentes contornos e conteúdos à família, mas que aponta que ela tornou-se mais exigida, paradoxalmente “**estrangulando-se sua rigidez pelos laços de afeto**”. Segundo Calligaris, “*se a família é regida pelo amor, espera-se muito mais dela do que se esperava da família tradicional... Portanto, a família se torna frágil não por ter perdido importância, mas por ser mais importante do que nunca e, portanto, carregar uma aposta enorme*”.

Deste modo, a construção da *família do coração*, como uma *arquitetura das paixões*, no dizer de Maffesoli³⁸², está na ordem dos afetos, na qual a unidade dos contraditórios encontra sua expressão privilegiada, sendo esta arquitetura o reservatório de energia que assegura a socialidade. Assim, “*contra a imposição política ou social; contra todas as vicissitudes do aleatório natural, o erótico popular forma uma autêntico conservatório de resistência e do desenvolvimento*”. Desta maneira, a *família do coração* pode ser compreendida como uma resistência, defendendo o direito de viver sentindo-se bem, fazendo bem, tendo prazer, afirmando sua existência “*vivendo o seu dia-a-dia, o contraditorial e afetivo*”.

“Tem amigo que é mais importante que o irmão!”

(Alfatrila)

Vê-se que a *família do coração* se constrói então sobre três eixos básicos intrinsecamente integrados, sempre expressando o relacional, o estar com o outro como: **quem é do coração; o fazer bem; o ter prazer - sentir-se bem com.**

³⁸¹ CALIGARIS, Contardo. Ter família é bem melhor do que casar. In: Folha de São Paulo. 20 de setembro, 1998. Especial A: família, p. 7.

³⁸² MAFFESOLI, M. A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal. 1985. p. 102.

Quem é do coração é quem faz parte e entra na vida das pessoas; quem é mais do que amigo; quem é uma paixão; quem passa sabedoria, força, energia, coisas lindas ao outro; que faz um tanto de bom, mesmo estando longe ou trocando pouco; de quem se lembra; de quem nunca se esquece; para quem se agradece; de quem se tem segredos; em quem se dá bronca e se respeita; por quem se ora; de quem gostamos; é quem faz bem.

Mas afinal, o que é **fazer bem**? Algumas Famílias das Tribos da Lagoa trouxeram em suas imagens que é trazer alguma coisa para alguém; dar uma palavra; dar um sorriso; dar uma luz quando não se tem solução; dar uma força; é valorizar as pequenas coisas.

O **ter prazer - sentir-se bem com** foi expresso através do mundo imaginal das famílias como o: ter satisfação em estar com; fazer parte; falar de; querer que aconteça; comer junto; passar o domingo junto; passear junto; lembrar quando vai embora; buscar alguém para ficar junto; não querer que vá embora.

"Eu acho que a gente gosta assim mesmo. Sempre que eu oro eu lembro delas né? Sempre que eu faço oração lembro delas. Vou em outra Igreja, acendo a velinha e lembro dessas pessoas. Então elas são assim, do coração e fazem bem. Chega um momento que elas trazem alguma coisa para a gente. Às vezes, uma palavrinha, um sorriso elas conseguiam, enquanto a gente estava num emaranhado, não encontrava solução para nada, davam uma luz, de repente num telefonema, numa palavrinha, num sorriso, um oi, uma boa noite, um até logo te deu uma força assim. Obrigada, adorei aquilo assim. Esses dias ela me mandou 3 bolinhos de arroz e a pessoa agradeceu aqueles bolinhos. Então essas coisas tão pequenas, como a gente discutiu da outra vez se a gente não valorizar. Essas são as pessoas da família do coração. É aquelas que fazem bem".

(Esperança)

Se a família não proporciona prazer, busca-se o prazer, o sentir-se bem construindo uma outra família, a **família do coração**. Deste modo, voltamos à pergunta: **sem prazer é possível família?** Ouso responder que sim. A família básica, a família geral, aquelas que são instituídas, por laços biológicos, legais. Não que elas não possam dar prazer, mas são possíveis de não proporcionarem prazer. Entretanto, **pode-se afirmar que a família do coração só é possível com prazer, sendo que ela nasce justamente da necessidade do prazer, da força criadora do querer viver estando junto com.**

Partindo-se das reflexões de Patrício³⁸³, fundamentadas em Norris, quando fala que a experiência primitiva de prazer envolve o sentir-se bem, e que a busca de prazer pode ser devida a uma falha no desenvolvimento em alcançar o estado básico de prazer primitivo, pode-se afirmar que a construção da *família do coração*, como uma “arquitetura de paixões e laços de afeto”, é um resgate desta experiência, não apenas como uma busca para o futuro, mas como uma garantia de sentir-se bem e de ter prazer já, aqui e agora.

“O laço que une a sua família verdadeira não é de sangue, mas de respeito e alegria pela vida um do outro. Raramente os membros de uma família se criam sob o mesmo teto.”

Richard Bach

³⁸³ PATRÍCIO, Z. M. A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. Florianópolis: UFSC, 1995, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1995. p. 87-96.

Imagens de Ser Família Saudável

Devo confessar que, ao chegar a este ponto da viagem, fiquei em dúvida como apresentar este momento da reflexão. Revisitando uma vez mais os dados, foram as próprias famílias que me trouxeram a resposta. Ou melhor foi a sua sabedoria que me apontou o caminho. Era só seguir o fluxo natural dos acontecimentos.

Qual a imagem de ser família saudável? Esta era a questão norteadora que propus inicialmente trabalhar com Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, que estavam divididas em dois grupos no primeiro encontro. Chamou-me atenção que um dos grupos, ou equipe como costumavam se autodenominar, trabalhou espontaneamente a questão: **como ser família saudável?**. O outro grupo, além de responder a questão inicialmente proposta, trouxe outro aspecto: **condições para ser família saudável**.

*“O fato de ser amado,
ter capacidade amar,
cuidar da mente e corpo com atos e pensamentos o mais positivo possível,
saber ouvir, compreender, tolerar,
e tendo pelo menos a maioria das condições de vida que aqui apresentamos
nos faz crer que isto é ser uma família saudável!”*

(Violeta, Azedo, Água-marinha)

Eram muito sábias em já delinear, num primeiro momento, pontos que seriam cruciais de se trabalhar ao longo de toda a construção do que é **o mundo imaginal de ser família saudável**. Assim, apresentarei estes aspectos, acrescidos de outros que vieram posteriormente ficando assim categorizados: **condições para ser família saudável; como ser família saudável; qual a imagem de ser família saudável; de onde vem a imagem de ser família saudável**.

Um passaporte: surgem algumas condições para ser família saudável

Condição, de acordo com Mora³⁸⁴, "é simplesmente aquilo sem o qual não se produziria um efeito". Não querendo entrar numa relação de causa – efeito, pode-se perceber condição como "uma qualidade que se requer", como refere Fernandes³⁸⁵, sendo até "uma obrigação que se impõe" conforme Ferreira³⁸⁶.

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, ao trazerem à tona sua imagem de ser família saudável, fizeram emergir aquilo sem o qual o ser família saudável não poderia existir na sua compreensão, sendo contemplado pelas imagens de acordo com a "Figura 1":

³⁸⁴ MORA, José Ferrater. Dicionário de filosofia. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 115

³⁸⁵ FERNANDES, F. Dicionário brasileiro contemporâneo. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1967, P. 305.

³⁸⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 536p.

“... tendo pelo menos a maioria das condições de vida que aqui apresentamos (alimentação, moradia... mais sentimentos) nos faz crer que isto é ser uma família saudável”

(Violeta, ao ler o cartaz)

Vê-se que para ser família saudável, antes de mais nada, é **preciso ter condições de viver**, que são consideradas básicas, entendendo-se estas no seu dizer como: alimentação, moradia e sentimentos.

“E como ser saudável passando fome?!?”

(Cardeal)

O destaque dado à alimentação, o **ter comida**, confirma, na compreensão de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, que sua falta poderia ser a própria inexistência.

A importância dada a tal aspecto era tão enfatizada que o senhor Azedo veio me procurar ao final da oficina, quando eu já estava entrando no meu carro, numa conversa “*fora de cena*”, como diriam Shatzman & Strauss³⁸⁷. Ele alertava que: “*a comida é muito importante para a saúde, tem que ter comida*”, remetendo-nos, uma vez mais, ao que é sagrado, e também ao pensamento de que “a supressão da nutrição é a dissolução da casa”³⁸⁸.

“Uma casa, né. Um abrigo, se não tivermos... debaixo da ponte, né, me vai ficar meio abalado em baixo da ponte, mas...”

(Esperança)

O **ter moradia** surge como imagem enquanto condição para ser família saudável. A moradia, a casa, configuram-se como o espaço delimitado onde as pessoas vivem; é o terreno no qual as dinâmicas interações se espacializam. Penna também discute a necessidade de moradia, “não apenas como casa física, mas como um espaço onde ocorrem as interações humanas mais diversas e onde o homem concretiza

³⁸⁷ SCHATZMAN, L. & STRAUSS, A. L. Field research: strategies for a Natural Sociology. New Jersey. Prentice-Hall, 1973, p. 72.

³⁸⁸ MAFFESOLI, Michel. La table, lieu de communication. Societes: Revue des Sciences Humaines et Sociales. Paris, v. 2, n. 1, 7-8, nov. 1985, p. 8.

seus sentimentos, participando de uma vida diariamente, vivendo com tudo que seu vivido tem de particular e imprevisível”³⁸⁹.

A casa, segundo Maffesoli³⁹⁰, delimitando a intimidade, também oferece segurança, colocando-se como um espaço de possível resistência a certas imposições, sejam naturais ou sociais.

Esta relação espaço-socialidade, mostra uma lógica contraditorial, sendo que “a estabilidade do espaço é um ponto de referência, um ancoradouro para o grupo, permitindo uma certa perdurância no burburinho e na efervescência de uma vida em eterno recomeço”. É assim que relembra Halbwachs quando diz que a morada familiar é a “*imagem apaziguadora de sua continuidade*”, mostrando-se necessária tanto ao equilíbrio do grupo como de cada ser humano.

Deste modo, podemos até ampliar a relação para tempo-espaço-socialidade, fazendo-se a ressalva que entendo o tempo como o espaço entre experiências vividas. O espaço e o tempo relativizam-se, mostrando-se como casa, ou mesmo como família, retomando-se o aspecto do convívio como elemento constitutivo do ser família. É assim também que **aquele espaço onde convivo mais tempo torna-se a minha casa; torna-se minha família.**

“Outro dia, a gente fez reunião na escola e a gente viu que a gente passa a maior parte do tempo dentro dessa unidade, que ela vira nossa casa”.

(Violeta)

“No caso era até uma família, porque a gente vivia mais no emprego do que em casa”

(Doce)

A casa é tão importante para a família que muitas vezes é também tomada por seu sinônimo.

“Olha eu vou falar o que já falei tantas vezes. Para ter uma família saudável tem que ter “money”. Sem dinheiro...”

(Azedo)

³⁸⁹ PENNA, Cláudia M. M. Necessidades... uma discussão acerca de saúde e moradia. Cadernos de Enfermagem, PUC-MG, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 67-77, out. 1993

³⁹⁰ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 184..

O **ter dinheiro** é trazido por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa condicionando o ser família saudável, entretanto também sendo condicionado. Ou seja, sua importância está relacionada com as demais condições, delineando-se pelo que pode proporcionar. Moscovici³⁹¹ ilustra-nos bem este aspecto do dinheiro, ou seja a sua nuance simbólica, na medida daquilo que ele significa para as pessoas, em relação às suas necessidades, seus desejos e seus prazeres que, por sua vez, também estão mergulhados numa rede interações que já vem ao longo da existência da humanidade. Segundo este autor, *“o dinheiro é o exemplo mais evidente da transformação de uma forma em matéria, de uma imagem mental em uma coisa. ele se reconhece como o meio de representar uma relação invisível através de uma objeto visível”*.

“Para ser família saudável com pouco dá, não precisa se ter muito dinheiro para ser saudável. Claro que não dá para não ter nenhum, precisa de um mínimo básico para se viver”.

(Esperança)

“Claro que tu tem que ter o necessário porque hoje em dia... ninguém né? Que nem os índios lá no meio do mato. A gente não teria condições até pela história do nosso mundo”.

(Beija-flor)

A compreensão de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa sobre o dinheiro remete-nos à discussão feita por Berlinguer³⁹², ao citar o economista Sen, quando fala da renda como medida de igualdade entre os seres humanos. Isto é, o ponto fundamental não reside na renda propriamente dita, mas sim na possibilidade de converter a própria renda em alguma capacidade de base, referindo-se essencialmente ao nutrir-se, ao ter boa saúde, ao evitar a doença e a morte prematura, a ter respeito a si mesmo e participar da vida da comunidade.

Deste modo, quando se fala de igualdade, com certeza não é num sentido de homogeneização, mas sim da existência de condições básicas para que cada um possa não apenas sobreviver, mas sobretudo viver a plenitude do prazer de sua singularidade.

“Não ter muito dinheiro. Ter muito eu acho que dá mais ambição. Pra mim não valeria muito. Ter sim o suficiente para manter a família, um bom médico, bom dentista, mais ou menos isso.”

(Doce)

³⁹¹ MOSCOVICI, Serge. A máquina de fazer deuses. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1990. p. 271.

³⁹² BERLINGUER, Giovanni. Ética della salute. Milano: EST, 1997.

As famílias alertam-nos para o fato de que o ser humano, talvez até sobreviva, mas não vive sem comer, sem ter onde morar, sem sentir,... sem afeto... enfim, sem...

*“... condições de fazer esporte para se sentir bem fisicamente;
... amar as pessoas que vivem a nosso redor e ser amado;
... manter pensamentos e atos mais dentro da comunidade, que é uma família;
... saber ouvir, tolerar, refletir, repartir;
... um relacionamento com meio ambiente...”*

(Violeta, ao falar sobre o cartaz construído com sua equipe)

Ou seja, sem estas condições, o viver apresenta-se enquanto sobrevivência, como tanto vemos em nosso país, mostrando-se também como uma resistência a certas imposições políticas, econômicas e sociais. Afinal, através dos *jeitinhos*, do seu querer viver, esses sábios seres humanos vão escapando (pois é isso que caracteriza um sobrevivente, o escapar) ao que, a princípio, não lhe daria condições de ser, pois ameaça o seu viver. Assim, **sem comida, sem moradia, sem sentimento, pode-se até sobreviver, mas ser saudável?...**

Através das imagens selecionadas por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, vê-se uma ênfase no interacional e no sentir-se bem, sendo seis das dezessete figuras expressas como **condições de fazer esporte para se sentir bem fisicamente** e as demais colocadas como **amar as pessoas que vivem a nosso redor e ser amado, manter pensamentos e atos mais dentro da comunidade (que é uma família), saber ouvir, tolerar, refletir, repartir, um relacionamento com meio ambiente**, enfatizando os aspectos proxêmicos como condição de viver e ser saudável.

“Pra nós sermos uma família saudável, nós temos que ter uma natureza saudável; também nós temos que ter essa alegria essa paz,... natureza. Porque se nós não tivermos isso, nós vamos parar aqui morto com a violência,..”

(Mãe)

O **ter uma natureza saudável** mostra um querer viver das famílias que as rescende para o cuidado e o respeito com a natureza. Elas sabem que aí também está

sua força. Pode-se falar, como refere Maffesoli³⁹³, lembrando a Escola de Frankfurt, que existe uma passagem da natureza como objeto para natureza como parceira, sendo que, ao redescobrir as virtudes da natureza-mãe é o próprio sentido da globalidade que é recuperado.

O **ter educação** também é colocado como um requisito para ser uma família saudável:

“Depende da minha formação, da educação...”

(Esperança)

Com a educação, a escola se apresenta, não só enquanto instituição, mas sobretudo como palco de interações, emergindo com outros elementos requeridos para o ser família saudável

“... então tem que ter o que? Tem que ter união, tem que ter amor para que o dia seja um dia de beleza, de tranquilidade. Aqui a escola, a união também com a escola, com os pais dos alunos. A alimentação, a justiça, a honestidade, paz, amor, fraternidade e respeito. Porque os professores vão ter respeito com os pais e com o aluno a partir do momento que voltar a mesma coisa, né? Ter respeito também entre si; que às vezes a gente diz: ‘Ah, aquele professor.... Mas, ah! Aquele pai... ! eu acho que tem que ter respeito dos dois lados: tanto do pai como do professor. Aqui, carinho entre pais e filhos. Acho que é isso!’”

(Gralha)

As imagens que circulam pelo mundo imaginal de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa mostram que o **ter lazer** tem um lugar tão significativo como condição para ser família saudável que sua inexistência pode colocar em risco até a própria sanidade.

*“É indispensável o lazer, não podemos ficar sem ele de jeito nenhum, senão nós vamos ficar **bilolados**.”*

(Esperança)

O **ter música** também é trazido como condição para se família saudável:

“Muita música, também temos que ter na nossa vida, aqui ó, música, gostosa.”

(Esperança)

³⁹³ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa respaldam sua compreensão, retomando uma nuance de seus sentimentos que mostra, ao mesmo tempo, seu entendimento da conjunção das coisas, colocando em complementaridade espírito e matéria, lembrando a expressão “espiritualidade materialista” que Maffesoli³⁹⁴ propõe ao trabalhar a proxemia: *“alma e corpo, espírito e matéria, o imaginário e a economia,... não se opõem de maneira radical. Na verdade, essas entidades, e as minúsculas situações concretas que elas representam, se conjugam para produzir uma vida quotidiana que, cada vez mais, escapa à taxinomia simplificadora... Sua sinergia produz esta sociedade complexa.. ”* Estas famílias sabem disto, e é assim que conseguem propor de dar “alimento à alma” como condição para ser saudável:

“Aqui a gente precisa de música, de som. Também mexe com a alma da gente. É uma coisa que alimenta a alma, o espírito né?... Mas se tu tá triste, vê se tu não começa a escutar uma musiquinha e já fica assim... A música de qualquer forma; qualquer tipo de música, ela tem um papel fundamental no ser humano. É indispensável a presença da música em qualquer ambiente. ”

(Esperança)

Ao trazer a música as famílias também apresentam prioridades na sua compreensão das condições, apontando para o que seria mais básico:

“Precisamos também de um belo peixe aqui pra comer, se não tivermos a comida na mesa, também não adianta nada nós ter música e não ter nada para comer, só de amor não vamos viver”.

(Esperança)

Entretanto, relativizando mostram mais uma vez que é importante reafirmá-la como condição, frisando também a integração entre diferentes elementos.

“Só de amor não vamos viver, né? Precisa música, precisa cor... ”

(Esperança)

“... precisa mar, sol para gente viver! ”

(Gralha)

de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 49.

³⁹⁴ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 21..

As interações tanto intra-familiares (inclusive do indivíduo consigo mesmo) como extra-familiares, trazendo **a natureza, a comunidade, o trabalho** como destaque, assumem um papel relevante ao se colocar como algo que se requer para ser saudável, mostrando a compreensão sistêmica que as famílias têm sobre o seu viver, colocando mais uma vez a nu que **tudo se relaciona com tudo**.

“a gente tem que estar bem com a gente mesmo, no nosso trabalho e lá na nossa casa. E lá na nossa casa... E se a gente tá bem essa família é saudável, se a gente não tá bem lá na nossa casa ela não é saudável, se a gente também não tá bem no nosso lado profissional, no nosso lado de amizade. E acho que aí... se um dos lados não tá bem, ela não tá saudável, ela não tá bem. Eu acho que pra ela estar saudável, teria que estar bem em todos os sentidos, né?”

(Violeta)

Esta acentuação de um estar bem relacional como condição para ser família saudável, remete-nos a *aura estética* proposta por Maffesoli³⁹⁵. Para ser saudável é preciso um sentir (*aisthesis*) que é em comum, que se apóia na *“união, ainda que pontilhada do macrocosmos com o microcosmos, e dos microcosmos entre si”*, sustentando o relevo que a organicidade de todas as coisas assume neste tempo que vivemos.

“Se não tem uma boa relação na redondeza, ali onde a gente vive, na própria comunidade, a gente não é muito feliz. E se a gente não é feliz, eu penso que a família não é saudável...”

(Violeta)

As imagens de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa erguem um farol que sinaliza um ponto importante para “passar portos”, enquanto condições do ser família saudável: **o ter e o fazer o que se gosta**. É o microcosmos acentuando sua existência e novamente alternando e convivendo com o macrocosmos. É o destaque do espaço de desejo de cada um, do resgate de seu prazer nas águas, às vezes, turbulentas do viver.

“Se a gente não tem bem claro, bem definido o que a gente quer, o gosto por aquilo que a gente faz. Às vezes a gente é um pouco doentio.”

(Violeta)

Eu preciso ter as coisas que eu gosto”

(Esperança)

O “passaporte” ou “passaportos”, isto é, as condições de ser família saudável trazidas à tona do mundo imaginal por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa (que podemos também contemplar na Figura 2), repousam num equilíbrio dinâmico do **ter-sentir-estar-ser**, ou seja, passando pelas correntes de um **ter** (alimento, moradia, sentimento...), desliza-se pelas ondas do **sentir-se bem**, do **estar bem**, para, então, se integrar no mar do **ser-estar saudável**.

³⁹⁵ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 20..

Uma maneira de ser família saudável

*"... A gente não quer só comida
 A gente quer comida, diversão e arte
 A gente não quer só comida
 A gente quer saída para qualquer parte
 A gente não quer só comida
 A gente quer bebida, diversão, balé
 A gente não quer só comida
 A gente quer a vida como a vida quer
 Bebida é água
 Comida é pasto
 Você tem sede de que?
 Você tem fome de que?
 A gente não quer só comer
 A gente quer comer, fazer amor
 A gente não quer só comer
 A gente quer prazer prá aliviar a dor
 A gente não quer só dinheiro
 A gente quer dinheiro e felicidade
 A gente não quer só dinheiro
 A gente quer inteiro e não pela metade. "*

(Comida - Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto)

Nossa viagem pelo mundo imaginal de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa chega agora ao que elas próprias denominaram de **Como ser família saudável**, o qual se mostra enquanto um processo, um modo, uma forma, mas não uma fôrma. Isto é, para Algumas Famílias das Tribos da Lagoa este é um caminho de ser saudável que, para outras, pode ser diferente. Ou seja é uma maneira, mas não A Maneira. Assim, esta forma de ser saudável expõe o conteúdo destas famílias, informa sobre o seu mundo imaginal, o seu viver.

O mundo imaginal das famílias tinha necessidade de extravasar-se. Foi assim que construíram um cartaz sobre **Como ser família saudável**, mesmo tendo sido solicitadas a responder a questão inicial **qual a imagem de ser família saudável**, trazendo-nos imagens como vemos a seguir na Figura 3, acompanhando sua primeira resposta:

*"Ter boa alimentação,
 não ter problemas psicológicos.
 Diversão. Convívio familiar no dia-a-dia de nossa vida".*

(Búzio, Pitanga e João de Barro)

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, ao colocarem “*Convívio familiar no dia-a-dia de nossa vida*”, denunciam a importância que reside no cotidiano, nas interações familiares do seu viver, para o seu processo de ser família saudável, confirmando para os profissionais a relevância de buscar e valorizar este cotidiano, se há uma pretensão séria de conhecer sua realidade, contribuindo para um viver mais saudável.

As famílias continuam a nos apresentar mais elementos desta maneira de ser família saudável, ao discutir as imagens, ancorando-se no seu mundo imaginal e qualificando o cotidiano destas interações familiares.

*“Passeio no parque com cachorro;
diversão com amigos;
junto com família e animais,;
alimentação, alimentação farta;
sozinho (pensando);
tomando chope (distração);
carro para passeio;
criança, o afeto da família, estaria em primeiro lugar;”*

(João de Barro, ao falar sobre o cartaz construído com sua equipe)

Ter boa alimentação

Quando Algumas Famílias das Tribos da Lagoa colocam o **ter boa alimentação**, elas resgatam uma condição anteriormente referida enquanto básica, entretanto, agora explicitam como compreendem que precisa ser, ao se configurar uma família saudável. Não é só ter comida, mas ela precisa ter uma qualidade: ser boa, ser farta.

As imagens mostram essa qualidade até pela própria quantidade, no sentido de dar maior ênfase. Observando o cartaz desenvolvido pelo grupo que trabalhou o “Como ser família saudável? ”, percebi que das dezesseis figuras selecionadas, seis eram relativas à alimentação, o que pode ser reforçado pela citação dupla de alimentação, sendo a segunda citação um reforço da qualificação: “*alimentação farta*”.

Ter diversão: a oxigenação do prazeroso fazer o que se gosta

*" De tarde quero descansar, chegar até a praia
Ver se o vento ainda está forte
E vai ser bom subir nas pedras.
Sei que faço isso para esquecer
Eu deixo a onda me acertar
E o vento vai levando tudo embora.
Agora está tão longe
Vê a linha do horizonte me distrai: ...
Dos nossos planos é que tenho mais saudade, ...
Quando vejo o mar
Existe algo que diz:
A vida continua e se entregar é uma bobagem.
Já que você não está aqui,
O que posso fazer é cuidar de mim.
Quero ser feliz ao menos.
Lembra que o plano era ficarmos bem?
Ei, olha só o que achei: cavalos-marinhos.
Sei que faço isso para esquecer
Eu deixo a onda me acertar
E o vento vai levando tudo embora. "*

("Vento no Litoral" de Dado Villa-Lobos/ Renato Russo/ Marcelo Bonfá)

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa trouxeram-nos em suas imagens o lazer como condição de ser saudável. Segundo Fernandes³⁹⁶, lazer é tempo disponível, é ócio, é folga, descanso. É isto que as famílias reivindicam no seu ser saudável, sendo que é neste espaço que nos colocam em suas imagens a diversão enquanto uma forma..

Diversão, conforme Fernandes³⁹⁷ e Ferreira³⁹⁸, é uma mudança de direção, um entretenimento, uma distração, um recreio.

Segundo Rosenkoetter³⁹⁹ há dois tipos diferentes de atividades para o uso do tempo, as importantes e as recreacionais. As primeiras acrescentam um sentido de

³⁹⁶ FERNANDES, Francisco. Dicionário brasileiro contemporâneo. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1967. p. 660.

³⁹⁷ FERNANDES, Francisco. Dicionário brasileiro contemporâneo. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1967. p.

⁴⁰⁰ ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. Readings in family nursing. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 300 e 304.

³⁹⁸ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 180.

utilidade para uma positiva auto-estima. As atividades de recreação focam-se no prazer e no escapismo, as quais podem não ser de todo emocionalmente úteis.

Discordo desta autora, inicialmente quando não considera as atividades recreacionais como importantes, dicotomizando a importância e o recreacional. É bem verdade que respeito sua posição, pois reflete o significado que ela dá à recreação, mas não posso deixar de discordar por compreendê-la como uma expressão de um utilitarismo, de um produtivismo, de um *energismo* (lembrando Maffesoli), de acordo com os quais sempre **deve-se ser produtivo**, ou seja, estar produzindo alguma coisa para ser importante, como se o prazer não fosse também relevante.

Tudo deve ter uma utilidade: a emoção, o prazer. Poderíamos então nos perguntar se não é proveitoso para o ser humano ter prazer, se fazer o que gosta não alimentaria sua auto-estima, trazendo-lhes vantagens? Não seria o escapismo de todo emocionalmente útil?

Isto pode significar que as famílias ao escaparem, mudam sua direção para o que gostam. Além disto, é preciso lembrar que quando se escapa é de algo que aprisiona, ou que coloca em perigo. Escapar é livrar-se. Então estariam livrando-se de algo que aprisiona, indo em direção ao que se gosta. Eu digo que é uma maneira muito sábia de aproveitar o seu tempo, salvando-se do que coloca em risco o seu viver, do que pode matar o **prazer de ser e de estar junto com**, daquilo que sufoca. Respirar é útil! Permite viver. Esta não seria a maior utilidade que se pode conferir a alguma coisa? Algumas Famílias das Tribos da Lagoa nos alertam: precisamos de **respiradouros** neste processo de ser família saudável!!!

Voltando-me para Algumas Famílias das Tribos da Lagoa vejo que elas dão um significado de importância à recreação, tanto que a colocam como um modo de ser família saudável, podendo ser um *fazendo um esporte, tendo contato com a natureza; passeando no parque com cachorro ou de carro; tomando chope; enfim, divertindo-se seja com amigos; seja com animais, com a família, ou mesmo sozinho.*

“É bom final de semana sair com a esposa, os filhos, ir a um parque ou coisa assim...”

(Buriti)

³⁹⁹ ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. Readings in family nursing.

Pode-se dizer que são momentos em que se tem possibilidade de mudar de direção e, ao recrear-se, respira-se, criando e **recriando**⁴⁰⁰ possibilidades de viver como se gosta, pois se faz o que se gosta, tendo prazer, sendo saudável. Entretanto, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa nos alertam que tudo isto pode estar correndo perigo:

“Está estreitamente restrito esse fazer o que se gosta, em termos de esporte, em termos de lazer....”

(Esperança)

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa trazem-nos de seu mundo imaginal que as possibilidades da oxigenação do **prazeroso fazer o que se gosta** são plurais, transpirando a singularidade de cada um:

“Então eu, no caso, não fico desesperado por dinheiro; eu brinco muito, descarrego na brincadeira, na alegria, em alguma coisa. Tem outro que já é no esporte; outro vai na bebida, não é a solução”

(Mãe)

“O meu marido também, ele não é pescador. Mas ele diz que a hora que tá cheio, contas à pagar né? Então ele disse que gosta de pescar. Porque quando ele tá pescando ele não pensa em nada. Às vezes ele liga para mim e fala: “Olha, vou chegar mais tarde porque eu vou pescar? Eu tô com a minha cabeça cheia!” Ele diz que lá ele relaxa tudo e se ele voltar pra casa com tudo aquilo que tá na cabeça dele, e fica de mau humor. Agora se ele vai lá ele se sente super-bem. Por isso que ele diz que o prazer dele é o peixe. Porque lá ele não pensa no que ele tem para pagar. Então ele fica com a cabeça fresca indo lá pescar.”

(Gralha)

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa nos mostram que a família também pode sufocar e que também é preciso respirar fora da família, mesmo que seja para sentir sua falta.

“É a gente tem tudo que tá ligado à nós... as pessoas próximas. A gente tem tanta coisa: família, filhos... A gente esquece da gente. A gente não pára para analisar.”

(Esperança)

“É até bom mesmo, sair, sentir bem a falta do pessoal”

(Buriti)

Philadelphía: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 305..

⁴⁰⁰ Michel Maffesoli utiliza esse jogo de palavras recrear-recriar, mostrando com muita propriedade a sua pertinência.

O prazer das pequenas coisas

*"Quem me dera, ao menos uma vez,
Que o mais simples fosse visto como o mais im-
portante,..."*

("Índios" de Renato Russo)

Já falei anteriormente do **ter prazer de sentir-se bem com**. Agora o mundo imaginal de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa nos sinaliza a importância do **prazer das pequenas coisas** no processo de ser família saudável.

"É difícil a pessoa entender, achar que aquilo foi prazeroso para ti. Não acreditam que ir na feira e comprar uns verdes para fazer uma comidinha para o meu marido, para minha filha, que isso me dá prazer. Essas coisa me doem sabe?!? As pessoas não tem mais esses pequenos prazeres. Eu não posso encontrar prazer em fazer uma batatinha para meu marido. O prazer das pequenas coisas"

(Esperança)

O prazer das pequenas coisas também é trazido como algo relativo, expressando toda a singularidade de cada um, de cada família:

"Aí eu voltei para casa, arrumei as verdurinhas, fiz um chimarrão (eu sou gaúcha, né?!), botei um chazinho, fiquei olhando pro matinho ali atrás de casa, fiquei vendo os beija-flor, os passarinhos cantarolando. Eu sei que é coisa pouca, mas para mim isso tem grande importância. Tu perde, te escapa, aí não se valoriza mais."

(Esperança)

O prazer das pequenas coisas, das coisas simples, pode povoar nosso cotidiano através dos momentos que proporcionam, sublinhando a existência num presente que, certamente passará, mas que foi vivido, trazendo uma renovação, pelas brechas que criou, permitindo respirar e continuar vivendo, superando a anóxia de uma viver sem prazer.

"Esses dias dando aula pras crianças, a gente rodeou um pé de laranja e ficamos chupando laranja. Isso para mim foi um momento tão prazeroso! É um prazer que renova toda energia entende? E eu sinto que as pessoas hoje em dia, que o mundo não vê isso! Essas coisas assim tão pequenas.... Essas pequenas coisas as pessoas não tem mais prazer, não dão importância."

(Esperança)

Na voz de Esperança, fica-nos uma interrogação:

“Será que a gente se conhece? A gente sabe o que quer dá prazer e o que a gente pode fazer para me dar prazer?!? Selecionar pelo menos. Será que a gente se conhece? ”

(Esperança)

“O que eu gosto mesmo é de mexer na terra, cavar, mexer lá e tirar as grammas, tanto que afogo lá as minhas margaridas, né? Mas, e acho que quando a gente tá ali mexendo na planta, parece que é uma terapia, né?... Com a vida, meio que apertando, mas quando tu começa a mexer ali, plantando,... na casa da minha mãe, esmagar os balãozinho da maria-sem-vergonha, né? E aí cai sementinha pra tudo quanto é lado, ou até mesmo quando tu pega um trabalho manual, quando tu senta, fica lá bordando, faz bem assim, pra alma da gente, né? Alivia, por isso eu penso assim, me vejo assim na figura dos passarinhos, das plantas, nas flores, né? Admiro assim, muito, a beleza da natureza. Eu sou assim, uma eterna admiradora, protetora, mesmo sem poder fazer muita coisa, mas o amor à natureza, por isso que a gente tá aqui, né? ”

(Violeta)

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa ao colocarem a natureza enquanto parceira, entram em sintonia com sua essência. Assim, eles ao trocarem com ela, encontram a sua oxigenação, o prazer das coisas simples que é relativo a cada um. Afinal, a natureza na sua complexidade, também é simples e relativa.

Junto com os animais

Vê-se que alguns elementos da família do coração voltam à cena, indicando sua importância na maneira de ser saudável, assim se a diversão integra este processo de ser saudável, enquanto um respiradouro, sendo prazerosa, mais o será já que os elementos da família do coração irão potencializá-la, como também potencializar-se-ão entre si, numa alquimia toda própria. Assim, reaparece passear, divertir-se, enfim o estar junto com, seja com o amigo, com os animais, enfim estar junto, enquanto família, família do coração.

É importante aqui mostrar a relevância trazida pelas famílias ao papel dos animais no processo de ser família saudável. Suas imagens dão este destaque não só pelas duas figuras selecionadas, como também pela ênfase dada ao falar sobre elas.

“Eu botei um carneirinho. Tanta coisa quer dizer... ele tanto te alimenta, te agasalha, te diverte, tudo isso faz parte. Minha filha tinha uma que era uma vida... Porque o pêlo dele te agasalha, tu faz os trajés. Te alimenta,... conforme a morte...”

(Solidária)

Rosenkoetter⁴⁰¹, em seu estudo, traz referências de que os animais de estimação podem favorecer componentes saudáveis à vida das pessoas como: oferecer companhia; fornecer algo para se cuidar; proporcionar atividades agradáveis; ser um recurso de constância; fazer sentir-se seguro; fazer voltar a rir e brincar; ser um estímulo ao exercício; confortar com o toque; além de ser agradável de se olhar.

Deste modo, lembrando-se que entre as condições de ser família saudável estão: *“... condições de fazer esporte para se sentir bem fisicamente;... amar os que vivem a nosso redor e ser amado;... saber ouvir, tolerar, refletir, repartir;... um relacionamento com meio ambiente”*, então os animais de estimação podem contribuir para este processo.

“Sim. Eu dei para minha filha. Quando ela tava doente isso aqui era um tipo de remédio para ela. Para ela, para mim muitas vezes foi. Então para mim é uma maneira de família saudável. Porque não é só objeto, bicho... tem várias maneiras... Tudo isso. Então para mim é uma família saudável.”

(Solidária)

A interação com os animais de estimação é uma manifestação do retorno à natureza como parceira, constituindo-se num modo de contemplar uma condição de ser saudável.

Se a educação também é colocada como condição para ser família saudável, também é fácil compreender a atribuição dos animais de estimação como uma forma para tal, quando facilitam a aprendizagem, conforme refere Rosenkoetter⁴⁰². O contato com os animais, por exemplo, pode contribuir para se aprender sobre papéis, sobre repartir, trocar, sobre necessidades, o nutrir, o nascer, enfim o viver e o morrer.

⁴⁰¹ ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. Readings in family nursing. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 299-308.

⁴⁰² ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. Readings in family nursing. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 300.

Há uma crescente evidência para indicar que os animais de estimação podem alterar significativamente padrões de vida, respostas físicas e emocionais, e bem estar social, segundo Roesenkoetter.

Todavia, os animais de estimação não substituem a interação entre as pessoas, eles pode inclusive ser um elo, “*catalisador das relações interpessoais*”⁴⁰³, sendo possível compreendê-los, sendo a família do coração, como um caminho no processo de viver e ser família saudável.

Estar sozinho: sublinhando a individualidade no estar junto

“Faz bem ficar sozinha, né? Mesmo que é para dar uma volta no centro...”

(Esperança)

Nas imagens apresentadas por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, o **estar sozinho** mostrou-se como uma maneira de ser família saudável. Isto nos põe em contato, mais uma vez com alguns pontos que vem sendo discutidos como a relativização das coisas. É novamente o micro relativizando o macro, fazendo-se a ressalva que este micro e este macro também são relativos à alguma coisa, assumindo uma outra identidade a cada instante.

Neste momento, estou entendendo a pessoa como um microcosmo (mas ela também pode ser um macrocosmo, se a olharmos dentro de uma perspectiva microscópica e do conjunto de sistemas que compõe) em relação a um sistema mais complexo, que é a rede de interações familiares.

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa nos mostraram que os membros da família precisam ter um tempo para si, para pensar. Lembrando a compreensão de que o tempo é o espaço entre experiências vividas, elas destacam importância de um espaço que seja seu para definir sua própria existência.

⁴⁰³ ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. Readings in family nursing. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 300.

"Eu acho que é aquilo que a gente tira pra gente analisar. Tem que ter um tempo teu também, né? Um espaço teu. Não importa se sai um ou sai outro, eu estou sozinho,..." "

(Gralha)

O estar sozinho também se mostra como um respiradouro que permite oxigenar o seu viver.

"Eu trabalho de vigia, né, aí eu fico bastante tempo no caso; eu fico sentado num canto sozinho, é de manhã, acordado, isso é um alívio pra mim, como eu faço em casa... eu me corrijo, se estou fazendo errado, ou vai mais ou menos assim. "

(Azedo)

É a individualidade que se apresenta delimitando seu território. Mas como se viu muito bem ilustrado pelo pensamento de Grotovski, a individualidade traz consigo a existência do outro, colocando em relação.

"Estando sozinho é o tempo que a gente pensa. A gente fala tanto em família, família... Esposo, filho é muito bom, mas temos que ter um tempo sozinho? É até um momento de ver que a gente precisa de uma família!" "

(Gralha)

Maffesoli⁴⁰⁴ diz que quando se tenta escapar do fundamento da socialidade, sublinha-se ainda mais a qualidade e a importância desse fundamento. Chamando a nossa atenção que a contestação sempre testemunha a favor daquilo que quer combater. Assim, refere que "a retirada solitária acentua a pregnância da circulação universal. "

Deste modo, quando o estar sozinho serve de respiradouro para o indivíduo, restaurando-o, também oxigena a relação. Com a "saída de cena", brechas se abrem, permitindo uma melhor "ventilação" do espaço interacional. "Poros se desobstruem", possibilitando mais trocas com o meio.

"Tu quer um momento pra ti, mas logo tu já sente que precisa de alguém ali contigo, né? Eles vão, mas eles voltam. "

(Buriti)

⁴⁰⁴ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p39.

As famílias, ao mostrarem suas imagens, também relativizam o estar sozinho, reforçando que quando ele não traz a existência do outro, apresentando-se um isolamento (entre quatro paredes), o viver pode estar ameaçado. Isto nos leva a perguntar “se sem o outro a minha individualidade existe”?

“Eu vou ficar sozinho. Mas tá bom. Tem horas que é bom a gente ficar sozinho conversando com a gente mesmo. Às vezes isso ajuda ou faz se matar também, dentro de 4 paredes. ”

(Mãe)

Maffesoli⁴⁰⁵ retoma a questão expressa poeticamente pelo “eu é um outro”, ou que partindo-se do outro determina-se o “eu”, caracterizando uma perda gradual do indivíduo no coletivo.

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa fazem-me pensar que há uma perda gradual sim do individualismo, como o próprio Maffesoli afirma logo adiante em seu texto, mas não da individualidade. Ou seja, o societal toma força, à medida em que “eu reconheço o grupo, eu também me reconheço”. As noções de identidade e identificação podem ilustrar isto.

“Se eu não sei o que é de bom para minha família, eu não tô me conhecendo. Às vezes, tá tudo complicado... Então eu penso que eu tenho que saber o que tá acontecendo, o que eu vou definir para minha família, o que é prioridade para minha família. Tentar absorver o que é bom para o grupo, para a família. Eu penso assim. Tu não leva as coisas boas para tua família? ”

(Esperança)

Esta rede de interações serve de referência para sua existência, mas numa relativização sem eliminá-lo, ao contrário, fortalecendo-o, até para afirmar sua singularidade, pois há quem apoie, e assim não mais precisa se submeter a determinadas imposições. “Claro está que, desde o momento em que o individual cede passo ao coletivo, os grandes valores de atividade, de energia, de economia de si próprio e ou do mundo, são relativizados”⁴⁰⁶. As famílias com as quais trabalhamos confirmam a todo momento esta relativização, quando, por exemplo, relativizam o trabalho - casa- fa-

⁴⁰⁵ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 17.

⁴⁰⁶ MAFFESOLI, M. A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal. 1985. p. 18.

mília pelo afeto que se dá na rede de interações, e no querer viver **estando junto com**.

Digo, entretanto, que o individual não cede passo ao coletivo, entendido como o ser-estar junto, mas sim se integra, tornando-se seu cúmplice.

“a gente tem que estar bem com a gente mesmo, no nosso trabalho e lá na nossa casa. E lá na nossa casa... E se a gente tá bem essa família é saudável, se a gente não tá bem lá na nossa casa, ela não é saudável, se a gente também não tá bem no nosso lado profissional, no nosso lado de amizade. E acho que aí... se um dos lados não tá bem, ela não tá saudável, ela não tá bem. Eu acho que pra ela estar saudável, teria que estar bem em todos os sentidos, né?”

(Violeta)

Penna⁴⁰⁷, ilustra essa imagem, ao resgatar sua experiência profissional no cuidado à saúde, quando diz ter escutado, várias vezes, as pessoas referirem que *“se a relação com algum familiar não estava bem, isto os deixava doentes”*.

Ter casa

“A nossa casa está repleta de fantasmas. A mesa onde escrevemos foi construída por um marceneiro que depositou ali um pouco da sua alma. foi aqui que conversamos com as pessoas de quem gostamos, e um pouco deste gostar impregnou a madeira. Aqui nos angustiamos com um momento difícil de viver, e agora a mesa, os móveis, repõem a angústia. Este quadro foi presente de uma pessoa, seu uso pouco e cotidiano de lembranças, símbolos que nos traduzem. Objeto por objeto traz a carga inexorável da história: quando um relacionamento se estabelece vai contaminando, busca contaminar as coisas em torno;... acumula guardados “inúteis”; um bilhete mal escrito num guardanapo, a camisa do primeiro encontro. Quando se rompe um relacionamento, é preciso construir um divórcio com as coisas, quase sempre mudar de casa ou mudar a casa.”

Codo, Sampaio e Hitomi⁴⁰⁸

⁴⁰⁷ PENNA, C. M. M. O ser saudável no cotidiano das favelas. Florianópolis. UFSC. 1996. 151 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina. 1996.

⁴⁰⁸ CODO, Wanderley; SAMPAIO, José Jackson Coelho e HITOMI, Alberto Haruyoshi. Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1993. p187.

Além do que já se salientou na sua nuance enquanto condição, o **ter casa** como maneira de ser família saudável, pode ser compreendido dentro da idéia de que “o espaço é um dado social que me faz e que é feito”⁴⁰⁹. Ou seja, não basta apenas ter a casa, mas é importante que ela seja do jeito que se gosta, pois se é constituída de tal forma, ela faz sentir-se bem, recuperando-se a questão do prazer. Deste modo, a casa, do jeito que se gosta, é um modo de se ter prazer e, sendo assim, um caminho de ser saudável.

“só que pode ser muito temporário. Eu acredito que seja temporário. Pode até ser pequeno ter 1, 2 quartos, mas é preciso ter um teto gostoso, que lá tenha coisas que eu gosto. Porque se não tem nada que eu gosto a relação toda vai 'tá coisa'. Eu preciso ter as coisas que eu gosto”

(Esperança)

Segundo Penna⁴¹⁰, o lugar onde se habita tem um significado e uma importância para quem aí mora, visto que “é na relação com esse lugar, com as pessoas e coisas que fazem parte dele, que se constrói o ser saudável”.

*“espacialidade onde tudo junto adquire corpo é um lugar dinâmico, feito de êdios e amores, de conflitos e distensões, é uma “casa” objetiva e subjetiva onde uma socialidade é vivida diariamente, na palidez e no brilho, fundada, como toda situação mundana, no limite”.*⁴¹¹

Michel Maffesoli

Ter música

A **música** é apresentada como um caminho no ser família saudável, numa perspectiva interacional e do sentir-se bem, seja consigo próprio ou com os outros.

⁴⁰⁹ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 184..

⁴¹⁰ PENNA, C. M. M. O ser saudável no cotidiano das favelas. Florianópolis. UFSC. 1996. 151 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina. 1996. p5.

⁴¹¹MAFFESOLI, M. A conquista do presente, p. 58.

“Às vezes, tu tá lá toda caidona, aí começa uma música mais alegrinha, tu vai mexendo com o pé, mexendo e quando tu vê tu já tá balançando, balançando!”

(Gralha)

“Quando você tá bem, um som, um vizinho conversando com você, tudo se torna alegre. e”

(Mãe)

Ao trazer a música como contribuição no processo de ser saudável, as famílias apontam o seu emprego terapêutico, o que trouxe consigo a relativização que sempre permeia o interagir das famílias, sua harmonia conflitual...

“Tem pessoas que se recuperaram de casos extremamente perdidos. Através de terapia pela música.”

(Esperança)

“Depende. Eu fiquei ruim e não foi uma musiquinha que resolveu.”

(Mãe)

“Tem situações e situações. Tem “n” casos. Sabendo usar, não é assim também! Não é a altura de volume, é a música que importa.”

(Esperança)

Outro ponto importante a ser destacado sobre a música, enquanto maneira de ser saudável é o seu aspecto religioso, isto é, ela também se mostra como uma ligação entre as pessoas, um modo de comunicação, uma comunhão, tanto é que chega por si só a definir tribos, como as do rock, do pagode, do axé-music, etc., conforme já destacou Maffesoli e outros autores como Cathus⁴¹²

“A música tem relação com a família saudável?”

–“Tem!”–

(Esperança).

–“E hoje tu tem que estar por dentro até pelos teus filhos, né?”

(Gralha)

⁴¹² CATHUS, Olivier. Tribus rock: la communion. Societes: Revue des Sciences Humaines et Sociales. Paris, n. 22, 28-31, mars. 1989.

Ter dinheiro

A preocupação de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa em relação ao **ter dinheiro**, principalmente enfatizando a sua quantidade como aquela suficiente ao básico que possa proporcionar, aponta-nos algumas indicações de sua compreensão da maneira como interagir para ser família saudável, dentre elas a de valorizar as ditas "pequenas" coisas da vida, colocando em foco, uma vez mais, a importância do cotidiano no processo de viver e ser saudável.

"Mas eu digo assim, as pequenas coisas, que movem este outro lado, que faz tu ser feliz, ter uma vida saudável sem ter um monte de dinheiro... mas assim de estar valorizando essas pequenas coisas e ser saudável".

(Esperança)

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa mostram uma compreensão de que um caminho para ser saudável é também o de prevenir possíveis problemas. Deste modo, é, ao referenciar o dinheiro, que elas nos trazem a depressão que tem chamado atenção em nossos dias, pelo seu aumento crescente na população. Assim, reforçam-nos também o seu entendimento da inter-relação entre as coisas:

"porque se você entrar em depressão, por causa do dinheiro, e se você entrar nesse buraco, você não vai mais ser saudável. Porque a alimentação que entrar pra você, ela não vai entrar com sabor, vai entrar com um amargo, você vai estar comendo, mas vai estar lembrando onde vai arrumar esse dinheiro. Aí você vai ficar mais velha, você vai brigar até com a sua sogra. Você perde a amizade, tão tudo roubando você, porque você não soube plantar, você não soube colher. E aí a gente planta o que colhe. Se você fizer uma boa estrutura, você vai recolher uma boa coisa, se você vai fazer uma mau estrutura, a casa vai cair sobre você."

(Mãe)

Ainda destacando esta correspondência entre os elementos, as famílias ao destacarem o dinheiro também nos trazem o trabalho, enquanto batalha, neste processo de ser família saudável.

"Eu acho que família saudável é como o Doce falou, né? A questão de tentar batalhar mesmo, que a gente sabe que é difícil. Mas, eu penso também que na família saudável, a gente fala tanto de dinheiro, né? Mas, se a gente não tem uma boa relação, podes ter um monte de dinheiro. Se não tiver uma boa relação com as pessoas que tu convive, o dinheiro não é muito eficiente, não tem muita serventia. Tem situação que ele falta, tem situação que ele sobra e as pessoas não sabem como distribuir e aí, às vezes, as pessoa extrapolam, né? Acha que, por ter dinheiro, pode pisar num monte de pessoas, né? E não sabe distribuir, às vezes, como ele tava falando ali, das pessoas que estão precisando, né? E até mesmo a questão de saúde."

(Violeta)

Entretanto, o que é sublinhado nestas imagens é a força do afetual das interações, relativizando o ter dinheiro, o que pode ser respaldado por Moscovici⁴¹³:

"a paixão da sociedade; ela é o madeiramento e a amarração de todo edifício coletivo, que nem os melhores arquitetos podem dispensar. Por mais que o dinheiro seja um meio de atar e laçar entre os indivíduos, ele, por si só, não constitui esse laço. Pois consta que sua maneira de subverter, misturar, deformar as relações é obedecer apenas aos incitamentos da troca e ao imperativo dos valores."

Moscovici

Ter trabalho

O **ter trabalho** é trazido por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa como uma maneira de ser família saudável, na medida que ele também possibilite as condições para viver:

"De lá pra cá que eu comecei a pensar em família saudável. Antes eu pensava no que eu quero ter mais tarde: um bom automóvel, uma boa condição para manter a minha filha, educação. Mais tarde. Eu tô trabalhando para isso. Eu sempre batalhei por tudo que eu tenho hoje em dia. No início, não foi planejado. Quando a gente namorava, em um ano ela ficou grávida. Eu não tinha nada. O que vamos fazer? Vou batalhar. Fui para casa dos meus pais, ficamos lá 6 meses, trabalhando. Depois, aluguei uma casa. Em um ano consegui uma moto, aí eu vendi e comprei uma casa. Batalhei de novo, comprei uma moto. Batalhei mais, comprei um carro. Hoje eu tenho uma moto, um carro, uma casa, tudo batalhando. Eu e minha esposa. Família saudável é isso: batalhando, conseguindo tuas coisas... Tem pessoas que não tem sorte; eu, graças à Deus dei sorte, tenho uma boa esposa, amigos maravilhosos, um emprego. Até antes de trabalhar aqui, eu entregava lanches, ganhava mais ou menos bem. Aí pintou essa vaga de vigia. No mesmo mês, desde 18 anos eu tava tentando entrar e agora eu consegui. Fiquei em dúvida. Daí eu vim em relação ao salário. Eles tavam pagando R\$ 350,00, foi para R\$ 600,00. Pensei mais na minha família porque se fosse para mim mesmo, eu tinha ido para a polícia militar. Mas eu pensei na minha família, na educação que tenho que dar para meus filhos. Hoje eu tô bem feliz."

(Doce)

Todavia, este trabalho, por sua vez, também é condicionado para se mostrar um caminho para ser família saudável. Não é qualquer trabalho:

"é poder ter um trabalho onde eu me realizo"

⁴¹³ MOSCOVICI, Serge. A máquina de fazer deuses. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1990. p. 341.

(Esperança)

O trabalho que possibilita ser família saudável é um trabalho que realiza, no sentido de fazer bem, fazer feliz:

“se tu trabalha e se sente bem e a tua vida lá na tua família e acho que tudo assim,.. a tua vida toda... caminha mais, porque é a tua vida, o teu trabalho, tua vida, tua relação com parte dela”

(Esperança)

O trabalho que realiza é tão significativo para o viver que pode se mostrar como sua parte ou mesmo como a própria vida, já que a ele é dedicado uma grande parte de tempo, ou seja, um grande espaço entre experiências vividas, apontando também a sua importância numa relação espaço-tempo-socialidade.

“As pessoas não entendem não. Não me entendem se você tem um trabalho onde N coisas impedem e você não consegue fazer, difícil. Aí se carrega mais coisa lá pra casa e aí, aquele teu ambiente familiar não vai estar saudável, porque você passou mais tempo lá das sete da manhã, vai em casa almoçar e já volta, você já tá na vida lá fora”.

“E fica x horas lá em casa... São poucos momentos e se eu não tenho esse trabalho, que me satisfaça, eu vou tar carregando um monte, um peso, lá pra casa. Eu vou estourar no meu marido, na minha filha, na minha mãe também, porque eu passo muito tempo lá nesse trabalho. Se ele está ótimo maravilhoso eu vou levar isso também”.

(Esperança)

Assim a relação do trabalho com a família saudável é claramente explicitada como:

“é você poder se sentir bem nos dois lados. Se sentir bem no local de trabalho e quando você chegar em casa ser bem recebida, de portas abertas e poder se sentir bem dentro de casa. Se sentir bem nos dois lugares: estar no seu serviço e se sentir bem e estar em casa e se sentir bem. Isso é o que significa para mim né? ”

(Beija-flor)

“Eu concordo com ela, porque são os dois lados, trabalho e residência... O trabalho tem a ver com família saudável. ”

(Azedo)

Colocar o trabalho no processo de ser família saudável é entrar num terreno da relativização: ora se delimita bem o espaço casa-trabalho, ora as famílias o apresen-

tam como a própria casa, a partir de interações sejam temporais, sejam da própria socialidade; ora se mostra como conflito e, como tal, ora demanda harmonia.

"Você permanece no seu trabalho a maior parte, mas n coisas... vão acontecer e você tá no meio e tá participando de mais coisas, tanto boas como conflitos, como tudo. Então se carrega uma bagagem maior, pra lá, pra tua casa também, a gente consegue, eu consigo fechar a porta daqui, mas de repente eu não consigo fechar a porta das emoções. Aí eu chego bem ou estourada. Se em casa está feliz, saudável, vou saber lidar com as dificuldades no trabalho... Não consegue separar o trabalho da vida em casa, cansaço, irritações... Se está saudável no trabalho, está saudável em casa. Se no trabalho não está bem, em casa não vai ser uma família saudável. Leva os problemas pra casa porque passa muito tempo no trabalho. Tem de estar feliz em ambos locais (casa e trabalho)

(Esperança)

"É difícil para nós separar as duas coisas. Se você briga na tua casa, você vai para casa mal-humorada; se você briga no trabalho e nem sempre no trabalho você pode debater. : " porque tá acontecendo isso? Por quê é assim desse jeito? " Gera mais conflito ainda. Você engole e leva aquilo para casa, e às vezes a pessoa chega com carinho. "E fulano! " Faz uma brincadeirinha de mau gosto, a gente solta tudo em cima de uma pessoa que não tem nada a ver. É difícil para a gente separar as coisas. Eu acho muito difícil achar uma pessoa que diga: "Olha eu briguei na minha casa, e fui para o trabalho bem-humorada ou briguei no trabalho e não vou brigar com meu marido, com minha esposa. "

(Beija-flor)

"Tem que ter harmonia dos dois lados: no trabalho, porque aí é uma casa, e a minha casa, a mesma coisa. Eu trabalho aqui, né? Aqui é minha casa. "

(Azedo)

Cabe ressaltar que o se sentir feliz, sentir-se bem com que está fazendo independe do tipo de atividade, mas depende da remuneração, o que volta a reforçar que o trabalho é um caminho para o ser família saudável tanto quanto permite as condições de viver.

"mas dependendo da remuneração, se sentir feliz, bem com que está fazendo, independente de estar fazendo faxina, e estar fazendo não sei o que lá,..."

(Beija-flor)

Este trabalho que realiza também tem um aspecto interacional que se destaca bastante, na medida que coloca o outro em foco, assim para que o trabalho satisfaça é preciso também satisfazer o outro:

“Até a mulher que eu trabalho com ela diz: “- você está contente aqui? ”Eu falei: “- Eu quero saber se você tá contente, eu tou é preocupada com isso”. Ela disse “- Olha, eu estou muito satisfeita com o teu trabalho”. Então eu tô muito bem, depois que eu comecei a trabalhar, minha vida melhorou 100%”

(Beija-flor)

O trabalho que é caminho para ser família saudável é um trabalho que realiza, no sentido de fazer bem, de fazer feliz; assim, relaciona-se com o crescimento do ser humano. É como se houvesse um **“trabalho externo e interno”**, intrinsecamente relacionados, ou seja, o trabalho que se faz referente à sociedade, com os outros, contribuindo para os outros (como para a educação, a formação das pessoas como seres humanos) e o trabalho que você faz no seu interior, que contribui com você mesmo.

“eu tô numa fase da vida assim, e conbecendo,... esses momentos de encontro, de curso, de palestra, sempre junto indo embora né, uns quantos anos assim, esses últimos anos e procurar assim, tá se descobrindo, procurar fortalecer a família amanhã, ou como pessoa, crescer, a gente como ser humano passa por estágios né. E isso tá me melhorando, me avaliando todo tempo, tá procurando melhorar como pessoas, pode transmitir isso pras pessoas, ver o outro lado das coisas. Muito difícil, porque tem gente que não vê, e a gente acha como que a pessoa não vê, e não vê mesmo, não tem sensibilidade, cada um cada um, então não tem sensibilidade suficiente de perceber o outro, o momento do outro, não vê muita coisa. Eu tendo um trabalho, por eu estar feliz com ele, eu me sinto muito feliz com meu trabalho. Tem “n” coisas que tu queria que fosse assim, fosse assado, apesar de tantos, né, que a gente também tem certos momentos que está insatisfeito, mas assim lá, se for avaliando tudo, tudo, realmente, muito feliz com meu trabalho. É um pedaço, eu sinto é um pedaço mesmo, de coração assim... Então é uma satisfação... eu queria contribuir um pouquinho com essas crianças. Dar um pouco daquele carinho que a gente teve e respeito com o coleguinha, que já parte desde pequeno, né? O respeito com o outro, tem que ter para a vida futura. Então, alguma coisa eles tão pegando. Eu tô contribuindo para a educação deles. Da formação deles como pessoas, como seres humanos. Então é... eu lembrei como é bom a pessoa poder ter um trabalho que realmente realize, com a escolha do trabalho da gente. O que eu vejo assim pelo trabalho de vocês, que você com seu trabalho também, é simples, né! Eu posso dizer que você tem uma realização com esse trabalho, trabalho que você tá fazendo, porque você demonstra isso, dá pra sentir, é uma coisa que a gente sente, né? ”

(Esperança)

As famílias compreendem a importância do trabalho que realiza, mostrando-nos a sua relação com outros elementos, e ao mesmo tempo, trazendo-nos a imagem da sua contradição no processo de viver das famílias:

“o próprio trabalho, eu vejo assim, se a pessoa realmente conseguiu se encontrar naquele trabalho, no que tá fazendo, ela vai conseguir também ter o lado da juventude dela, o lado de lazer assim. Agora no momento que ela não tá, tudo desequilibra dentro dela mesmo. Se não tá realizado com o que tá fazendo, e o trabalho é uma coisa muito importante na pessoa. Ela conserta, talvez a palavra não seria essa, mas ela assim dá uma engrenada num monte de coisa no indivíduo “

(Esperança)

Desta maneira, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, trazem do seu mundo imaginal que quando o trabalho não realiza, não satisfaz pode trazer problemas para o seu viver:

“tá fazendo uma coisa que gosta, né? Porque quando não tá satisfazendo,... o nosso emocional, o nosso eu, o que acaba dando? O nosso corpo, a nossa carne, a nossa matéria, vai estourar na nossa carne, na nossa matéria. Vai estourar o quê? Uma dor muscular, uma depressão, no olho. Então assim, essa coisa vem botar para fora,... vai estourar de que forma? O organismo é que vai pagar, nossa matéria acaba pagando.”

(Esperança)

É assim que, mergulhando no seu próprio vivido, as famílias nos mostram como o prazer encontrado no que se faz relativiza os problemas físicos, podendo serem amenizados ou não impossibilitarem de se sentir melhor ou, em contrapartida, inclusive serem uma manifestação “material” da não realização no trabalho:

“E, tô com as minhas mãos todinhas arrebrandadas, mas eu tô contente assim. Pra mim tá sendo melhor, porque eu fazia tapete de barbante, eu ficava... ah, de manhã, eu não via a tarde, eu não via nada. Eu ficava ali no sofá direito. Então aquilo forçou a minha vista, aí eu resolvi parar porque eu tava tendo alergia do barbante. Eu tive até conjuntivite. Aí eu parei e resolvi procurar um emprego. Tô bem, tô feliz, pra mim tá sendo muito bom”.

(Beija-flor)

Beija-flor refere que “não via nada”, ou seja, não via o mundo lá fora, já que trabalhava sempre em casa, e, sendo assim, este sentimento se materializava, passando a apresentar problemas de visão, já que este trabalho não lhe trazia satisfação, mostrando também a sua contradição pois, ao mesmo tempo, ela “enxerga bem”. Seria a sua resistência silenciosa ao que não faz bem, passando a falar através do “não ver”? Seria sua duplicidade se manifestando pelo “não ver nada, mas enxergar bem”, olhando brechas no cimento societal em busca de ser saudável? Um jogo duplo?

“Eu fiquei uns dois meses parada, eu tava fazendo tapete de barbante pra vender e isso me deixou estressada. Me deixou com problema de vista, tenho tendência de um dia ficar cega, isso já vem de família,... é pai, é avó, é bisavó. Eu já fui no médico e ele disse pra mim que isso é assim. O meu problema é assim. Eu tenho astigmatismo nos olhos. Eu tenho dificuldade para ler tanto de perto como de longe, só que enxergo bem. Leio tudo numa boa”.

(Beija-flor)

O trabalho é contradição e traz contradições, ele pode tanto tirar a pessoa de uma alienação, integrando-a no mundo, como pode fazer o ser humano se alienar dele

próprio, daqueles que o cercam (quantos dizem que trabalharam tanto que não viram seus filhos crescerem), da natureza, do seu próprio processo de viver, com toda sua simples complexidade, que evolui com o tempo sem que se perceba.

“Outro dia, a gente fez reunião na escola e a gente viu que a gente passa a maior parte do tempo dentro dessa unidade, que ela vira nossa casa...”

(Violeta)

“... A gente dá muito valor para as coisas materiais, se mata construindo, esquece. Até Florianópolis a gente não conhece. Tanto lugarzinho gostoso que a gente tem e a gente não conhece. Por quê? Você fica em cima de um livro estudando, você arruma emprego, você se casa, pronto destruiu.”

(Mãe)

Para aqueles que torcem o nariz, quando se fala em respiradouro, limitando-o a uma apologia do ócio, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa mostram que, no seio de sua contradição, o trabalho também pode ser um respiradouro, na medida que ele te permite resistir, escapando daquilo que sufoca, que não satisfaz; na medida que ele faz sentir bem e realiza.

“De manhã na casa de uma mulher, ajudo na lavanderia, ganho 1 salário e trabalho na casa da outra e não chego a ganhar 1 salário. Mas eu levanto de manhã com aquela felicidade tão grande, eu vou trabalhar, não reclamo, não fico: ah, amanhã eu tenho que fazer isso. E lá na casa da outra eu vou fazer aquilo...”

“... Aí ele chega assim: “Olha, chegou sexta-feira, amanhã você não trabalha!” Eu chego bem perto dele e digo: “Quem não vai trabalhar? Eu? Eu me ofereci para trabalhar”. Aí ao sábado eu vou na lavanderia. Eu trabalho na lavadeira.... Aí ele diz: “Você não vai descansar?” Eu digo para ele: “eu descanso no Domingo”. Eu me ofereço para trabalhar. A minha patroa até fica meio assim... Hoje a gente tava conversando sobre isso e ela disse assim: “Sábado tu tá proibida de pôr os pés aqui dentro.” Aí eu disse: “por quê?” Ela disse: “não quero briga de casal nenhum, porque tu trabalha a semana inteira em duas casas e ainda vem trabalhar no sábado até às 3 horas!”. Aí eu digo que sou eu que quero. Aí ela diz: “Mas eu vou ter que te pagar e pagar a menina”. Aí eu disse não, pra isso não precisa pagar. Eu vou ajudar de coração, não quero dinheiro. O dinheiro que eu quero é aquele que eu trabalho durante a semana, no sábado não. Eu sinto falta. Eu trabalho de manhã em casa. Eu levanto todo dia 5: 30-6 horas. Até sábado e domingo, 5: 30-6 horas, eu tô de pé. Ele diz: ‘vem deitar’. Eu digo: ‘que nada, eu quero é trabalhar’: vo inventar alguma coisa para fazer, porque eu não consigo ficar parada. Ele acha incrível,...”

(Beija-flor)

“Desde o primeiro dia que eu comecei a trabalhar no caso, que eu fui escolhido para trabalhar aqui na creche. Até hoje, quando eu saio de casa eu saio contente, toda vida. Quando eu saltei de ônibus, o que tem de ruim fica lá dentro do ônibus. É incrível! Se tiver alguma coisa que eu aprontei em casa, assim, que vem junto comigo... eu digo: ‘fica aí, que daqui eu vou sozinho’. Sempre faço isso!”

(Azedo)

"Pairam suspeitas sobre Prometeu", declarou Maffesoli⁴¹⁴, ao trazer a figura emblemática do produtivismo, ressaltando que o trabalho, o progressismo energético, não se colocam mais como imperativos. Algumas Famílias das Tribos da Lagoa confirmam estas suspeitas. Elas mostram que Prometeu se "dionisou", ou seja, fundiu-se com Dionísio. Ao apresentarem o relevo que dão ao trabalho em seu cotidiano, sendo, todavia, um trabalho que realize, prazeroso, as famílias indicam uma resposta à indagação de Maffesoli: "será que o laborioso Prometeu não está em vias de ser substituído pelo inominável Dionísio?"⁴¹⁵. Não existe substituição, no cotidiano mundo imaginal de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa existe uma coabitação entre Prometeu e Dionísio, expressando toda uma complementaridade, levando-nos a pensar num laborioso Dionísio e num inominável Prometeu! Houve até quem já nos propôs, na sua grandiosa lucidez, **"a preguiça como método de trabalho"**^{416!!!}

"Eu não tinha dinheiro, mas sim, encontrar as coisas que me davam prazer ao mesmo tempo do trabalho, né?"

(Esperança)

Codo et al.⁴¹⁷ mostram-nos como tem sido a relação entre trabalho e afeto. Inicialmente, existia uma fusão entre os dois: "os homens marcavam sua lança e eram enterrados com ela". A seguir, trabalho e afeto continuavam, juntos, entretanto o afeto se instala no outro, "sendo rerepresentado com a face do senhor", caracterizando momentos como o da escravidão. Com o capitalismo, o afeto é submetido ao trabalho, eliminando-se o primeiro (tentando eliminar, diria eu). "O mundo do trabalho e o mundo do afeto passam a se desenvolver em dois universos distintos, a fábrica e o lar", ficando o afeto restrito ao lar, sendo que "o melhor trabalho" passa a ser aquele no qual a marca pessoal do trabalhador é eliminada. Assim, "o gesto perdeu o estilo", declararam Codo et al.⁴¹⁸. Eu ousaria completar, à luz de Michel Mafesolli: o gesto

⁴¹⁴ MAFFESOLI, M. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal. 1985. p. 33.

⁴¹⁵ MAFFESOLI, M. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal. 1985. p. 16.

⁴¹⁶ QUINTANA, Mário. *Da preguiça como método de trabalho*. 3ª ed. São Paulo: Globo, 1994. 162p.

⁴¹⁷ CODO, Wanderley; SAMPAIO, José Jackson Coelho e HITOMI, Alberto Haruyoshi. *Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1993. p187- 206.

⁴¹⁸ CODO, Wanderley; SAMPAIO, José Jackson Coelho e HITOMI, Alberto Haruyoshi. *Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1993. p193.

perdeu o estilo estético, ou seja, aquela forma onde se imprime os sentimentos e emoções compartilhadas.

Peço licença aqui para promover um diálogo entre autores. Maffesoli⁴¹⁹ diz que pode parecer presunçoso ou insensato indicar a hipótese de que “num mundo dominado pela economia dos bens e dos afetos”,... o sentimento, em seu mais amplo sentido, relegado ao lar (como as mulheres o foram), tenda a se reafirmar no jogo societal⁴²⁰. Penso que Codo colaboradores apoiam a hipótese de Maffesoli ao afirmarem que houve uma reação à **desafetização** do trabalho imposta pelas relações de produção, que enclausuraram o afeto ao lar e à família; reação esta “com tática de guerrilha, emergindo uma reafetivação cotidiana, que se dá no ambiente de trabalho, inventando-se laços, resistindo à impessoalidade do trabalho. O designio de ruptura entre razão e paixão não pode se realizar sob pena de eliminar o sentido humano do trabalho, os afetos se recriam clandestinamente”⁴²¹

Assim, Codo e colaboradores⁴²² esclarecem o que identificam como ‘primata’, quando se referem à fusão dialética do afeto com trabalho: “isto quer dizer primeiro, e não ultrapassado pela história. " Posso até dizer que é um resgate do primeiro, não só no sentido cronológico, mas sobretudo no sentido de prioridade, de importância, de essência.

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa nos mostram que querem resgatar o que é de primeiro, deixar o ser humano viver sua própria humanidade, resgatando o reino de seu afeto, nas suas mais diferentes arquiteturas, como a família do coração, que vai esfumando limites, entre casa – trabalho – família, ou mesmo trabalho e o lazer, através do fazer valer o seu prazer, o seu estar bem, o seu sentir-se bem...

⁴¹⁹ MAFFESOLI, M. A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal. 1985. p. 29.

⁴²⁰ Societal: termo que, segundo Maffesoli, refere-se ao ‘ser-junto-com’, superando a simples associação racional, distinguindo-se do termo “social” que designa a relação racional mecânica entre os indivíduos, podendo ser também o “conjunto social”, o “todo social”. MAFFESOLI, M. A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal. 1985. p. 17.

⁴²¹ CODO, Wanderley; SAMPAIO, José Jackson Coelho e HITOMI, Alberto Haruyoshi. Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1993. p195-196.

⁴²² CODO, Wanderley; SAMPAIO, José Jackson Coelho e HITOMI, Alberto Haruyoshi. Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1993. p191.

*"Preciso de exigênis
Preciso Ter amigos
Preciso Ter dinheiro
Preciso de carinho
Acho que te amava
Agora acho que te odeio
São tudo pequenas coisas.... "*

("Meninos e Meninas" de Dado Villa-Lobos/ Renato Russo/ Marcelo Bonfá)

Ascensão e Queda dos mitos

Uma maneira de ser família saudável é não ter dificuldades, não ter conflitos, não ter problemas psicológicos, ser completa, enfim é chegar à perfeição!!!

Estes são alguns mitos que junto com o chamado “mito da boa família”, discutido por Satariano e Briggs⁴²³, podem acompanhar o ser família saudável. Toma-se aqui que o mito se apoia em imagens, segundo Maffesoli⁴²⁴, sendo um “portador de imagens” na expressão de Durand, que favorece o sentir comum, um estar junto, exprimindo o religioso, algo que liga.

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, ao trazerem seu mundo imaginal, mostram-nos ainda outras imagens neste processo de ser família saudável.

Os problemas estão aí!

“*Como ser família saudável? Não ter problemas psicológicos.*” Esta foi uma das respostas que Algumas Famílias das Tribos da Lagoa deram a uma questão trazida por elas próprias no primeiro encontro. Mais adiante, ao revisitarem as imagens que haviam selecionado, a sabedoria do seu vivido se auto-questionava:

“Ali diz: ser família saudável é ter uma boa alimentação e não ter problemas psicológicos. Mas uma família saudável pode ter problemas psicológicos, não pode?”

(Doce)

“Depende do problema psicológico. Uma depressão eu acho que é um problema psicológico. Pode estar com estafa, estresse ou alguma coisa assim, já seria um problema psicológico mais leve. Uma depressão...”

(Esperança)

Deste modo, mergulhando no seu mundo imaginal elas nos apresentam sua compreensão de que até existe uma hierarquia de gravidade nestes problemas.

⁴²³ SATARIANO, Harry J. & BRIGGS, Nancy J. A síndrome da boa família. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. Readings in family nursing. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 288 290

⁴²⁴ MAFFESOLI, Michel. La contemplation du monde. Paris: Grasset, 1993. p.156.

“A família saudável, ela tem dificuldades e pode ter problemas psicológicos.”

(Buriti)

Sua sabedoria mostra que alguns problemas, dificuldades ou mesmo complicações, como as separações de casal, as drogas, confusões por dinheiro, podem integrar o cotidiano deste processo de ser família saudável, não inviabilizando-o.

“Se fosse hoje, eu acho que a gente não colocaria o pedacinho dessa frase aqui: esse não ter problemas psicológicos, porque eu acho que nenhuma família que a gente considera saudável ou perfeita, que não tenha problema. Por pequeno que ele seja, ele sempre existe”.

(Violeta)

Sendo família saudável: sendo perfeito?

“Todo mundo tá sempre em busca dessa perfeição. Em busca de perfeição, mas perfeito.. será que têm? Perfeito é o que vai se sair bem num todo. Mas aí daria o nome de perfeição?”

(Esperança)

Emerge assim outro mito: a família saudável é uma família perfeita, sendo que uma maneira de ser saudável é atingindo a perfeição.

“Aí que vem essa pergunta: “Quem somos nós nessa, né? Mas alguma coisa vem pra abrir as outras famílias, sei lá, tem que ter uma explicação pra isso. Aí vem a pergunta: família saudável, né? Cai sempre na família saudável. Por que que aquela é perfeita e a minha não é? “Por que que tem que envolvê?”; vocês podem perguntar: “Por que todas as famílias são perfeitas e a minha não é?”

(Mãe)

Estas imagens nos mostram que à medida que se percebe toda a dinâmica, toda a harmonia conflitual, que é o viver de sua família o mito se transfere para as outras famílias. Afinal “se tem que existir uma perfeição, e ela não está aqui no nosso interagir mais próximo, em algum lugar ela está, quem sabe na família dos outros”?

Cabe chamar atenção que a existência deste mito está sempre em retroalimentação. Há indicações de que já que existe família perfeita (mesmo não se sabendo onde e quando) nesta teatralidade que é a vida, quando alguma família é apresentada

para o público, ela deve representar o papel de ser a família perfeita. Deste modo, será possível encontrar a família perfeita. Para os outros, a nossa família será perfeita. Para nós, a família perfeita será a dos outros.

“A minha família num todo, eu tô satisfeita com ela. Tá bem, tá boa, tá bom como tá, mas a gente não se acomoda, né? Sempre tem alguma coisa que a gente tá em busca para melhorar, mesmo que no todo esteja bom. Alguma coisa tu vai em busca, porque tu vê que aquele bom não te satisfaz mais. Porque mesmo em termos de relação, de bens, de alguma coisa... tu já vai querer buscar um pouco mais para que tu chegue nessa coisa de perfeição. Isso será que tem, que não tem? Sei lá... Será que o ser humano, a família chega num total de perfeição. Não sei se tem. A gente procura caminhar, uma família saudável, cada vez melhor. Mas na própria relação da família temos emaranhados, o mundo lá fora, os filhos... É uma relação muito complexa. Onde surge “n” fatores que intervêm na relação toda, por isso tu precisa sempre buscar melhor. Mas será que tu vai chegar a uma total perfeição?”

(Esperança)

É desta maneira, que ao mergulharem no seu mundo imaginal, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa começam a levantar suspeitas sobre esta máscara apolínea do ser família saudável.

“Perfeito; não tem. O que é perfeito? O conceito da palavra? Existe perfeição?”

(Esperança)

“Não existe ninguém perfeito.”

(Buriú)

São as próprias famílias que levantam a dimensão relativa do ser perfeito, trazendo à superfície a profunda singularidade e a complexidade de cada um, de cada família.

“Depende do perfeito. Exemplo: eu posso achar que tu é perfeita em todas as qualidades. Mas de repente, outra pessoa acha que não. Encontra uma falha que não é perfeito para ele. Ninguém nunca é perfeito para ninguém.”

(Violeta)

“Eu posso falar? Você está disposto a largar sua moto, seu carro? Não. Pois é, então nunca vai existir uma pessoa perfeita correto? Mas se todos abandonarem isso, deixar de lado, eu acredito que vai existir.”

(Mãe)

Esta relativização se apoia no próprio mundo imaginal de cada um. A partir das interações que ocorrem ao longo das trajetórias de vida, emergem padrões em

torno dos quais cada um, cada grupo, cada tribo, cada família vai construindo o seu ser perfeito.

"Quantas pessoas a gente vê: "Ah, porque o fulano lá aprontou? " Será porque a gente não conseguiu? Até na família da gente tem. Os meus irmãos, a gente se pergunta: "Puxa vida, nós somos em 7. Não tem nenhum mais perfeito do que o outro, mas a gente tentou sempre viver dentro do padrão como nossos pais foram educados. Então cada um tentou estudar, com seus méritos, seu esforço, arrumar um emprego... Eu acho que todos eles conseguiam formar uma família. "

(Violeta)

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa reafirmam sua compreensão de que assim como existe um caminho no ser saudável, também há no ser perfeito.

"A gente diz, meu Deus, porque será que se desviou? O que aconteceu? Quanto dos 6, ninguém é mais perfeito do que ninguém. Mas a gente... não sei assim, como que não sei perdeu no caminho, perdeu o rumo, assim, que a gente não conseguiu puxar. Assim, não que o caminho nosso é perfeito, mas não custava ele levar uma vida mais saudável? Uma vida não com tanto sofrimento. Quanto tem sofrimento, uma pessoa que vive como ele vive".

(Violeta)

Estas colocações trazidas do mundo imaginal das famílias fizeram-me reportar a este pensamento citado no trabalho de Patrício.

"Confúcio disse que não poderia ser feliz enquanto alguém sofresse. O sofredor era apenas uma nuvem em seu céu, mas suficiente para destruir a perfeição. Se a felicidade for vista, sob este critério, não passará de um ideal que nunca poderá ser realizado. Contudo poderá continuar sendo um dos nossos objetivos de vida, pois sempre estamos à procura da perfeição, mesmo que intimamente saibamos que seja um ideal inatingível."

Lowen⁴²⁵

Ao se pensar na perfeição no processo de ser família saudável, a lucidez de Algumas Famílias da Lagoa nos responde:

⁴²⁵ LOWEN, Alexander. Prazer: uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Summus, 1984. apud PATRÍCIO, Zuleica Maria. A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. Florianópolis: UFSC, 1995, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

"Não ser perfeito porque ninguém é. E se alguém acha que tem que ser perfeito, eu acho que isso é uma questão de doença. E a gente, por levar muito a sério, às vezes a gente esquece da gente mesmo. Tentar querer dar conta daquilo ali, porque a gente acha que é responsável. Tu tem que dar conta e às vezes tu não consegue. A gente fica até meio de coração apertado. Puxa vida, hoje eu não dei conta daquilo ali! Ai vem a cobrança do outro dia. "

(Violeta)

Maffesoli⁴²⁶ vai além: "A perfeição é sinônimo de morte; só a imperfeição é sinal de vida". Todavia, destaco que não se pode esquecer que as pessoas precisam de mitos e mistérios para temperar o seu viver.

"Ora, a vida cotidiana, à imagem dos indivíduos e grupos sociais, é essencialmente imperfeita, e é sobre essa imperfeição, inconscientemente assumida, que repousam sua harmonia e equilíbrio, e também sua fascinante beleza".

Michel Maffesoli⁴²⁷

Complexa sim, mas completa?

Um outro mito que existe é o de que um modo de ser família saudável é ser uma família completa. Tem sido possível ver que a família integra vários elementos, que pode ser considerada sob diferentes aspectos, ou seja, ela é complexa. Contudo, a família não integra todas as partes, não é algo acabado, perfeito como bem nos mostraram as imagens de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa. Ou seja, não é completa.

"Nunca tem completo, sempre falta alguma coisa pra fechar. "

(Violeta)

Essa incompletude integra a essência humana e também suas relações. Alguns autores já tem tratado deste aspecto da condição humana, dentre eles Warat e o

⁴²⁶ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987, p. 56.

⁴²⁷ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p 37.

próprio Maffesoli que vem nutrindo esta caminhada com suas idéias. Warat⁴²⁸, ao ressaltar que sempre falta alguma coisa ao ser humano, diz que "é preciso saber administrar a falta".

"Mas aí acho que enquanto a gente tá junto, e que a gente pode ver que nem tudo tá junto, nem tudo tá presente, mas se tu tem força, pra ti buscar aquilo que tu acha que tá faltando, eu acho que a gente tá no caminho de ser saudável. "

(Violeta)

Estariam Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, além de nos mostrar que o ser família saudável é um caminho, apresentando-nos que "administrar a falta" é estar neste caminho?

O ser completo, sendo auto-suficiente, não precisaria trocar, ficando isolado na "pior das solidões"⁴²⁹. Quando se tem clareza da incompletude, isto nos coloca em relação com o outro, numa perspectiva de complementaridade. emergindo assim o **estar junto**. Esta é potência, esta é a força que as famílias podem ter no seu processo de ser saudável, tanto nas sua interações intra quanto extra-familiais.

"Aquilo que é completo, perfeito, não tem a menor necessidade de alteridade, e o exemplo mais significativo disso é o Deus do monoteísmo. É quando existe a incompletude que a relação se torna necessária. A paixão e o desejo de Outro são os indícios mais claros da incompletude fundamental de indivíduo e da sociedade".

Michel Maffesoli

⁴²⁸ WARAT, Luis Alberto. Seminário sobre Pós-modernidade. Florianópolis. UFSC. 1997 (anotações da autora)

⁴²⁹ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p 30.

A família saudável tem conflito?

"ou mesmo no momento de eu achar que a minha filha é assim, e ela não deve ser assim; é um momento de diferenças do meu pensar e do meu companheiro, a respeito de uma única coisa. A mesma coisa no trabalho eu vou procurar tudo mais colorido, tudo mais florido, o outro lado tá muito mais satisfeito e se eu conseguir lidar com essa coisa assim, se eu vou conseguir achar caminhos, formas, atitudes, ações, pra lidar com essa coisa muito mais tranqüila, não que eu deixe de ter esses momentos isso engrandece muita gente. A vida saudável, a família, tem momentos de divergências, de conflitos. "

(Esperança)

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa resgatam de seu mundo imaginal, do seu vivido, que as diferenças, as divergências, habitam o seu processo de viver e ser família saudável, sublinhando que na singular complexidade de cada um existe uma incompletude, que remete a complementaridade da relação com o outro, através da troca.

Segundo Maffesoli⁴³⁰, o mecanismo (eu diria a dinâmica) da complementaridade, sendo base de toda estruturação social, exprime-se no jogo da diferença, que "se modela de maneira tênue e diversificada, mas que sempre permite o estabelecimento de uma harmonia, mesmo que conflitiva, necessária a toda e qualquer vida em comum. "

"mas n coisas vão acontecer e você tá no meio e tá participando de mais coisas, tanto boas como conflitos, como tudo. "

(Esperança)

"Pode haver divergências, em casa também há, é obrigada"

(Azedo)}

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa através de suas imagens nos remetem à idéia de que a existência da diferença, permite a troca em todas as suas dimensões, incluindo sua contradição. Isto é a troca, ao trazer consigo o conflito (e, às vezes a própria violência), permite uma nova construção, mostrando ser um elemento constitutivo da socialidade.

⁴³⁰ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p 31-32..

“Eu não tou dizendo que não tenha, que seja tudo tão harmônico assim, mas que consegue, isso tudo ser tão pouquinho, porque eu acho que em cima desses conflitos, dessas coisinhas, a gente cresce muito, amadurece, consegue trabalhar, né?”

(Esperança)

A ambivalência estrutura de forma dinâmica as interações sociais, reforçando-as, num equilíbrio entre “efervescência-distensão; amor-ódio; proximidade-distância”⁴³¹, permitindo a compreensão da permanência social.

“Harmonia conflitual: amar e odiar a família ao mesmo tempo”.

(Andorinho)

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa trouxeram de seu vivido que as levaram a afirmar com propriedade que o conflito integra o processo de ser família saudável.

“a família saudável pode ter conflito Eu que coloquei. Eu acredito que haja.”

(Esperança)

Esta compreensão das famílias pode nos levar a pensar que tenha como um apoio as suas imagens do que é família, as quais nos apresentaram estar arquitetada por paixões, como a *família do coração*. A paixão, conforme Maffesoli⁴³², “só pode viver no solo da diferença”, sendo que se o outro for “idêntico não pode mais ser objeto de desejo ou de ódio”.

“a família saudável pode ter conflito É obrigado a ter porque se fosse às mil maravilhas toda vida não têm como. Às mil maravilhas ninguém mais... Nem um milionário! Porque se ele ficar preocupado com o dinheiro que ele tem demais, ele vai brigar com a mulher em casa.”

(Azedo)

⁴³¹ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p 32..

⁴³² MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p 32..

As imagens apresentadas por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa mostram-nos que existe uma relação entre família saudável, conflito e o ter-não ter dinheiro, sinalizando-nos sempre a sua sábia lucidez sobre a relativização das coisas.

"Eu acho assim o dinheiro mexe muito com a vida do casal. Porque se tem dinheiro o casal tá abraço, beijinho. Sempre tem harmonia. Agora se não têm dinheiro, tá faltando dinheiro, a conta vai vencer e eu não tenho dinheiro para pagar, não tenho nada para comer, o que eu vou fazer? Começa a briga"

(Beija-flor)

"Sem dinheiro tem conflito e com dinheiro?"...

"O conflito é maior ainda"

(Azedo)

"Aí dá para ver como nos dois lados, tendo ou não tendo, há um conflito. Essa coisa, o dinheiro que temos no nosso mundo... Porque é realmente ó. Uma coisa que não pode né? Ter ou não ter é uma questão terrível. Mas não de repente super valorizar o ter dinheiro e nem assim, não sei..."

(Esperança)

"Na pobreza ou na riqueza o dinheiro gera conflito"

(Esperança)

As imagens apresentadas por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa mostram-nos que também existe uma relação entre família saudável, conflito e trabalho. A família saudável tem momentos de conflito, podendo serem estes ligados ao trabalho.

"É difícil para nós separar as duas coisas. Se você briga na tua casa, você vai para casa mal-humorada; se você briga no trabalho e nem sempre no trabalho você pode debater: "Porque tá acontecendo isso? Por que é assim desse jeito? "Gera mais conflito ainda. Você engole e leva aquilo para casa, e às vezes a pessoa chega com carinho. "E fulano! "Faz uma brincadeirinha de mau gosto, a gente solta tudo em cima de uma pessoa que não tem nada a ver. É difícil para a gente separar as coisas. Eu acho muito difícil achar uma pessoa que diga: "Olha eu briguei na minha casa, e fui para o trabalho bem-humorada ou briguei no trabalho e não vou brigar com meu marido, com minha esposa. Não sei se o senhor vai concordar comigo,... Então eles chegam nervosos e descontam nas mulheres. Isso já aconteceu comigo. Descontam e a gente tá ali e não sabe o que tá acontecendo. O que que foi, o que eu fiz? Eu não fiz nada! E, mas não é assim, eu tô nervoso, me deixa eu não quero conversar, eu não quero dialogar". Aquilo ali fica aí no outro dia que vamos sentar e conversar: porque você fez isso? Ah! Eu tava nervoso porque aconteceu isso no serviço".

(Beija-flor)

Maffesoli⁴³³ alerta-nos que o jogo da diferença possibilita a neutralização de “poderes”, pois ao levar a uma confrontação, relativiza-os.

“O meu marido disse: “Tu não vai mais”. Aí eu disse: “Ah, não?! Tu me desculpe, mas eu vou”. E vim viu, consegui explicar para ele que eu viria. A minha mãe assim: “Tu vai gurria? Mas ele brigou contigo!”. Aí ele deu uma carona e disse: “Não. Agora eu já entendi, tá tudo bem!”. Pra mim é uma vitória e eu com a boca lá na orelha.”

(Gralha)

As cenas familiares são constituídas por uma rede de múltiplos papéis desempenhados, intra e extra familiarmente, como Mead⁴³⁴ nos auxiliou a compreender a partir de suas idéias, que também já explorei em outro momento ao trabalhar junto à família do recém-nascido⁴³⁵.

Segundo Maffesoli⁴³⁶, “cada um desses papéis se complementa e se fortifica numa harmonia diferencial”, sendo que “nessas estruturas de base, que são as famílias, encontramos o mecanismo de complementaridade, onde o jogo da diferença se exprime. Não se trata de saber se essa complementaridade é efetiva, basta que, de maneira imaginária, ela seja o resumo de uma harmonia cósmica”.

“Família saudável é ter conflitos também.”

(Esperança)

⁴³³ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p 31..

⁴³⁴ MEAD, G. Espiritu, persona y sociedad. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Paidas, 1972. 393p.

⁴³⁵ NITSCHKE, Rosane Gonçalves. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. Florianópolis: UFSC, 1991, 313p

⁴³⁶ MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p 33..

De onde vem a imagem de família saudável?... O mundo imaginal transborda

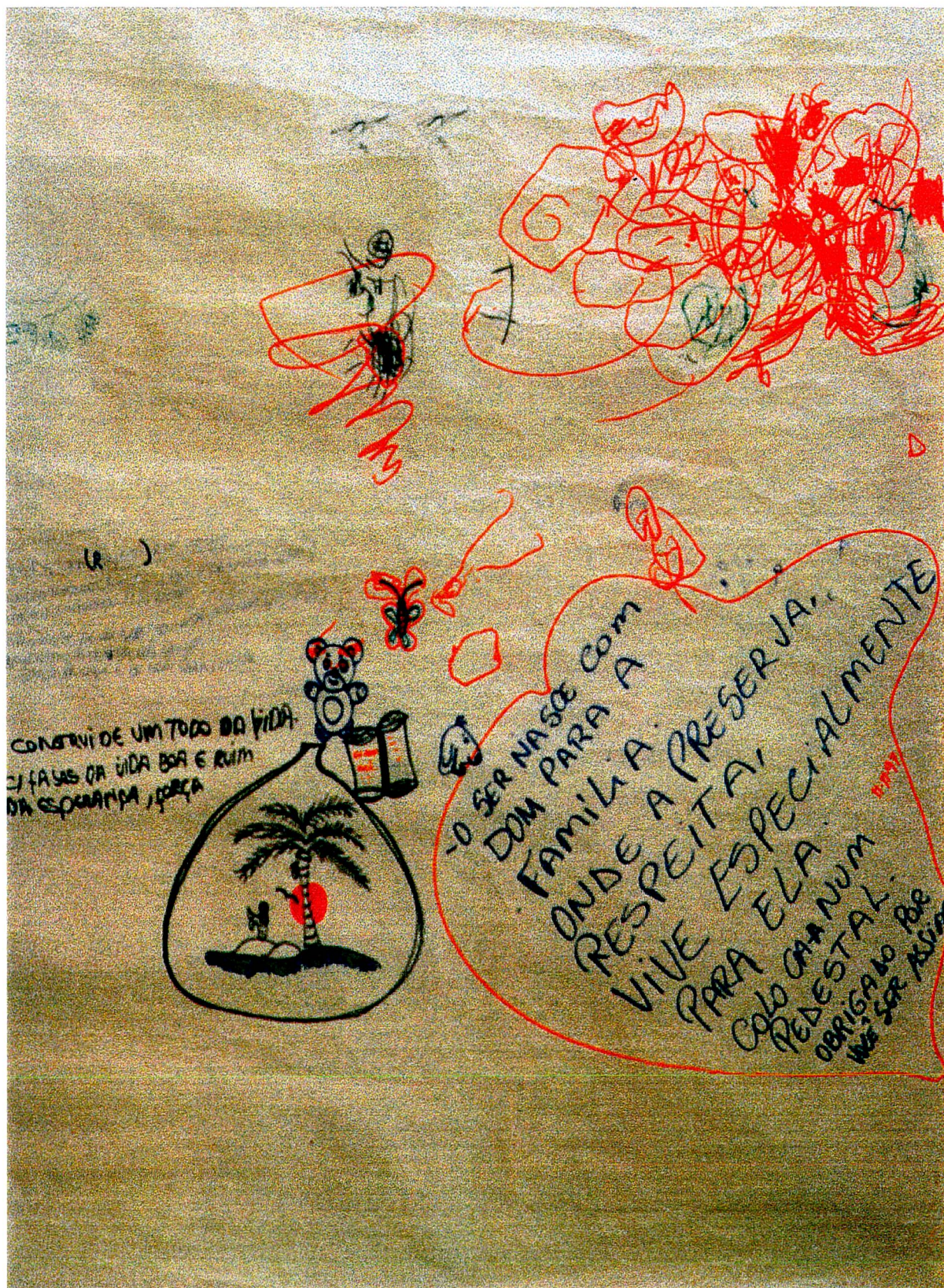
"Quanto mais pesquisamos as origens de uma "imagem coletiva" mais vamos descobrindo uma teia de esquemas de arquétipos aparentemente interminável."

Carl G. Jung⁴³⁷

Ao questionar para Algumas Famílias das Tribos da Lagoa "De onde vem esta imagem de ser família saudável?" que elas haviam nos apresentado através do cartaz que pode ser visto na Figura 4, foi possível ver emergir elementos que, sublinhando uma dinâmica interação, deram forma a um mundo onde se integraram imagens, o imaginário, o simbólico, a imaginação. Ou seja, fizeram transbordar o **mundo imaginal**, por onde se tem navegado nesta viagem...

⁴³⁷ JUNG, Carl G.. O homem e seus símbolos. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 81.

Figura 4 - Cartaz da Oficina com Algumas Famílias das Tribos da Lagoa: "De onde vem a imagem de ser família saudável" Nesta construção participaram tanto crianças-filhos como adultos-pais



“A gente constrói...”

(Esperança)

“Um completa o outro!”

(Gralha)

“De um todo da vida, de experiências. Passa por coisas pesadas na vida, mas aí tu fica mais forte para encarar outros. A gente constrói um todo. Da esperança, força, acreditar em alguma coisa para não estar vazio, senão a gente não consegue construir.”

(Esperança)

As famílias mostram-nos que a imagem de ser família saudável é algo que é construído a partir de experiências num mundo de interações, destacando o aspecto relacional. Constrói-se com o outro.

“Desde o começo do mundo. Os próprios pais passam para os filhos...”

(Mãe)

Ao trazerem esta idéia, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa nos sinalizam que a imagem de ser família saudável vem sendo construída ao longo da história do mundo, desde o início da sua existência, sendo que, ao nascer, as pessoas mergulham num mar onde esta imagem já está imersa.

Isto faz-nos reportar à colocação de Maffesoli⁴³⁸ de que *o mundo imaginal é esta matriz onde todos elementos do dado mundano entram em interação*, remetendo-nos igualmente à idéia de “bacia semântica” de Gilbert Durand⁴³⁹, ou ainda, às discussões sobre o arquétipo ou “imagens primordiais” de Carl Jung⁴⁴⁰.

“A imagem de ser família saudável, não sei se eu sei explicar. Hoje, eu comecei minha estrutura familiar, falando de uma família casual, filho... né? Não acho que é só isso, acho que é um todo. Mas, assim, deu, imagem de ser família saudável... eu faço uma avaliação de um todo ao meu redor ao longo da minha vida. Eu tenho uma bagagem desde que eu nasci, que me acompanha. Eu fui criada desde os 7 anos fora de

⁴³⁸ MAFFESOLI, Michel. La contemplation du monde. Paris: Grasset, 1993. p. 129.

⁴³⁹ DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988. 114p.

DURAND, Gilbert. Les structures anthropologiques de l'imaginaire. Paris: Bordas, 1969. 550p.

DURAND, Gilbert. L'imaginaire: essai sur les sciences et la philosophie de l'image. Paris: Hatier, 1994. 80p.

⁴⁴⁰ JUNG, Carl G.. O homem e seus símbolos. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 80.

casa. Ano em ano com famílias diferentes, então eu passava muito tempo com o pai e mãe. Só que eu lembro muito das coisas do meu pai, o que passamos. Valores, respeito, uma coisa muito forte. Mas eu fui criada pelas famílias do mundo. Então eu acho que me valeram todas as experiências de vida e absorver, guardar, analisar, avaliar e ver o que era bom pra mim de uma imagem, uma vida saudável.... hoje que eu construir a minha família, com as pessoas que eu tenho relação, essa experiência toda de vida desde que eu nasci. Mesmo com as coisas boas, as coisas ruins que também acontecem, eu acho que a gente vai ao longo da vida avaliando, evoluindo, analisando e vendo o que é de bom para gente. É isso que a gente vai formando, como ser humano. E vou trazendo isso, o ser saudável, para a sua família. Também pesa toda uma coisa de formação da família, os conceitos, os valores, prioridades, valores morais (que estão muito confundidos hoje em dia), que se perderam. ”

(Esperança)

Deste modo, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, ao destacarem o “todo”, reforçam a existência dessa matriz, “forma formante”, ou seja, um conjunto de interações onde todos os elementos se interrelacionam, sendo uma bagagem que acompanha o ser humano desde o seu nascimento.

Esta bagagem por sua vez, é acrescida processualmente de experiências que são interações nas quais as trocas familiares, em sua união em pontilhado, tem um relevante contribuição. Nestas trocas, destaca-se uma reversibilidade de papéis familiares, não ocorrendo apenas no sentido pais-filho, acentuando um relativismo neste mundo imaginal.

“Eles são pequeninhos, mas o meu com 6 anos, gosta de escutar e, às vezes, até eles levam alguma coisinha para casa. Eu acho que tu constrói assim... Tudo vem do meio familiar: sogra, sogro, marido...”

(Gralha)

Este movimento de reversibilidade, com o relativismo inerente das coisas, segundo Maffesoli⁴⁴¹, atrai a força do todo social no qual se integra, “do todo social que constitui, que evoca e epifaniza com mais ou menos beleza”.

“Vem da convivência social também. Nascimento do ser, formação do ser, onde pesa educação, interação social. Interação social é os amigos da escola, o grupo lá fora. É essa interação social que acaba corrompendo. É difícil tentar colocar de onde exatamente vem essa imagem. Eu tento pegar através de “n” convivências o que é importante para tua vida. Mas para isso, tenho que me conhecer, para saber o que é importante, para mim. Tem que ter sensibilidade para perceber o que é bom para minha família.... ”

(Esperança)

⁴⁴¹ MAFFESOLI, Michel. La contemplation du monde. Paris: Grasset, 1993. p. 136.

A compreensão que Algumas Famílias das Tribos da Lagoa têm sobre a origem de suas imagens de ser família saudável remete-nos aos pressupostos do Interacionismo Simbólico, que já me apoiaram em outro momento do meu trabalho⁴⁴² com famílias.

Entendo valer à pena retomar aqui esses pressupostos a fim de melhor ilustrar esta reflexão. É bem verdade que sua linguagem pode assustar alguns, por suas expressões, às vezes, um tanto mecanicistas, tipo causa-efeito. Contudo, é importante lembrar que era a linguagem corrente na época, servindo como canal para comunicar idéias que contribuiriam para indicar um outro jeito de ver o mundo: o da compreensão.

Revisitar estes pressupostos permite assinalar a sintonia entre o dizer destas famílias e o de teóricos que tem a razão sensível de buscar no cotidiano a compreensão do processo de viver, construindo noções expressas em *conceitos sensíveis*:

- o ser humano age com relação as coisas na base dos sentidos que elas têm para ele. Estas coisas incluem todos os objetos físicos; outros seres humanos; categorias onde estes seres humanos são incluídos (amigos ou inimigos, por exemplo); instituições; idéias valorizadas; atividades que outros desenvolvem; e outras situações que o indivíduo encontra na sua vida cotidiana. O ser humano tem a capacidade de aprender grande número de significados e valores através da comunicação simbólica. O sentido das coisas é derivado, ou surge, da interação social que alguém estabelece com outros seres humanos, especialmente com membros de sua família. Deste modo, os símbolos podem ser pensados como significados e valores que são comuns ou compartilhados. Esse é o processo de socialização no qual o indivíduo aprende os valores e normas culturais e subculturais que ele segue. Entretanto, estes

⁴⁴² NITSCHKE, Rosane Gonçalves. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. Florianópolis: UFSC, 1991, 313p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

sentidos são manipulados e modificados através de um processo interpretativo usado pela pessoa ao tratar as coisas que ela encontra;⁴⁴³

“... nós respondemos assim: no nascimento de um ser, na integração social, respeito, experiência de vida dos grupos (que aí tu leva alguma coisa de bom para tua família). Depois de onde surgiu? Do companheirismo, do amor, de paz, do teu companheiro em geral, do irmão, da integração com as pessoas.”

(Gralha)

- o ser humano é um ator tão bem quanto um reator, não apenas responde a estímulos, mas também inicia um comportamento. Ele seleciona e interpreta o meio ao qual ele responde. Isto acontece devido as variações no comportamento que tem lugar dentro da estrutura social complexa e porque a interação simbólica não pode ser interpretada como uma determinação cultural;⁴⁴⁴

“Vem da educação, interação, experiências de vida dos grupos, até aqui, tu leva o que é de bom para ti, também grupos de trabalho. Em tudo tu pega o que é de bom. Eu pelo menos tento absorver, levar para mim o que é bom... Até a inveja tem o lado bom e o ruim. Ao invés de eu invejar uma coisa que tu fez, que foi bom para ti, eu tenho que fazer também, porque vai ser bom para mim, vale como experiência. Se eu não sei o que é de bom para minha família, eu não tô me conhecendo. Às vezes, tá tudo complicado...”

(Esperança)

o ser humano vive num ambiente simbólico, assim como num ambiente físico e é estimulado em situações sociais para agir através de símbolos. A sociedade precede o indivíduo. Os seres humanos nascem numa sociedade já existente e que desenvolveu uma cultura. Assim, eles são socializados para alguns significados de acordo com o comportamento esperado por esta sociedade. Contudo, isto não implica em

⁴⁴³ Baseada em BLUMER*, H. Symbolic Interaction, Perspective and Method. New Jersey: Prentice-Hall, Inc/Englenwood Cliffs, 1969. In: HAGUETTE, T. M. F. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 23-32. ROSE, A. M. A systematic summary of symbolic interaction theory. In: RIEHL, J. C. e ROY, C. (ed.). Conceptual models for nursing practice. 2. ed. New York: Appleton-Century-Crofts, 1980. p. 38-50. SCHVANEVELDT, J. D. The interactional framework in the study of the family. In: NYE, F. I. e BERARDO, F. M. Emerging conceptual framework in family analyses. New York: Praeger Publishers, 1981, p. 97-129.

⁴⁴⁴ ROSE, A. M. A systematic summary of symbolic interaction theory. In: RIEHL, J. C. e ROY, C. (ed.). Conceptual models for nursing practice. 2. ed. New York: Appleton-Century-Crofts, 1980. p. 38-50. MAURIN, J. A symbolic interactions perspective of the family. In: CLEMENTS, I. W. e ROBERTS, F. B. Family Health: a theoretical approach to nursing care. Montreal: John Wiley e Sons, 1983. p. 93-108.

determinismo cultural, devido às importantes pressuposições sobre a natureza humana;⁴⁴⁵

"Desde o começo do mundo..."

(Mãe)

"Nascimento do ser, formação do ser,..."

(Esperança)

- o ser humano é reflexivo. Ele tem capacidade de pensar e de introspecção, o que o capacita para uma distinção entre sua própria pessoa e aqueles objetos e experiências que não são seus próprios. Este processo o guia para uma definição de "self" que é dinâmico.⁴⁴⁶

"Experiências de vidas em grupo que tu vai absorvendo o que é de bom para tua família, você vai estar levando para lá. Esse grupo, todo grupo de família, num momento de grupo de espera até numa clínica, está numa roda, o grupo que está naquele momento. Você absorve em todos os momentos da sua vida. Coisas boas para sua família. Mas para isso você, assim, o que é estar se conhecendo? O que é de importante, prioridade para tua família. A gente precisa estar se conhecendo primeiro, pesa muito isso."

(Esperança)

Desta maneira, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, através da relativização da individualidade, afirmam a singularidade complexa de cada um, que permite a expressão da liberdade criadora de cada pessoa. Surgem assim outros elementos do mundo imaginal, que se expressam como significados compartilhados, construídos a partir das interações, sendo referência para interagir no mundo, no seu processo de viver e ser família saudável.

"De onde vem a imagem de ser família saudável que a gente tem? De onde que surgiu? "

(Rosane)

⁴⁴⁵ ROSE, A. M. A systematic summary of symbolic interaction theory. In: RIEHL, J. C. e ROY, C. (ed.). Conceptual models for nursing practice. 2. ed. New York: Appleton-Century-Crofts, 1980. p. 38-50.

⁴⁴⁶ ROSE, A. M. A systematic summary of symbolic interaction theory. In: RIEHL, J. C. e ROY, C. (ed.). Conceptual models for nursing practice. 2. ed. New York: Appleton-Century-Crofts, 1980. p. 38-50. MAURIN, J. A symbolic interactions perspective of the family. In: CLEMENTS, I. W. e ROBERTS, F. B. Family Health: a theoretic approach to nursing care. Montreal: John Wiley e Sons, 1983. p. 93-108.

“Do amor, da casa...”

(Solidária)

“Amor à vida que a pessoa tem. Porque se tu tem amor à vida tu busca tudo para que essa família seja saudável. É o amor à vida, e estar querendo buscar elemento para que essa vida, essa família, esse ninho se fortaleça, cresça, esteja cada vez melhor.”

(Esperança)

“Em amor à vida, dá para colocar aqui do ladinho, respeito.”

(Esperança)

“Fidelidade também”

(Solidária)

“Até a educação que a gente tem. Porque a gente se forma uma pessoa, o caráter da onde que vem. Tem gente que diz que não.”

(Gralha)

“O crer em alguma coisa, a fé, a crença, humildade.”

(Esperança)

De acordo com Maffesoli⁴⁴⁷, o mundo imaginal repousa sobre uma dinâmica de “retomada-aceitação-distorção”, termo proposto por Heidegger e traduzido por Vati-mo. “Retomada de elementos arcaicos (arquétipos, mitos imemoráveis); aceitação do que é (aparência, fenômeno, relativismo), distorção desses elementos arcaicos, entrando num movimento espiralesco que os dinamiza e lhes dá um sentido atual”; a mesma dinâmica que vem dando o tom da pós-modernidade.

“A imagem de ser saudável, aonde a gente tá buscando? Eu vejo assim, indo, eu tô tentando perceber de onde surgiu isso tudo? Hoje tentar buscar a prioridade de ir a esse encontro. É um momento que faz parte da minha vida de ser família saudável. É toda experiência da gente, que eu vou selecionando o que é bom para mim para minha família, para eu manter e crescer a minha família saudável. Eu tô tentando ver. Sempre mantendo os ensinamentos e pensamentos dos mais antigos. Para mim eu vejo assim, a gente traz experiências de vida, troca com as pessoas experiências boas, experiências negativas, em cima dela você faz os teus acertos. Você vai fazendo um balanço de tudo, uma avaliação e vai peneirando, selecionando o que é bom, o que te faz bem. Eu vejo por aí. Depende da minha formação, da educação... Desde 7 anos eu fui criada por famílias, por educação, valores diferentes. Com vós, tios, parentes estranhos... A gente vai amadurecendo e vendo.”

(Esperança)

⁴⁴⁷ MAFFESOLI, Michel. La contemplation du monde. Paris: Grasset, 1993. p. 152.

Desta maneira, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa colocam a marca de sua singularidade complexa, neste conjunto “contaminado por idéias coletivas, emoções comuns e imagens”⁴⁴⁸, um real mundo imaginal. Ou melhor, “um hiperreal” mundo imaginal, “feito de sonhos, de lúdico e de fantasmas”.⁴⁴⁹

“Vai criando aquela casca, chegando num ponto que você vai descobrindo o que tá certo e o que tá errado, descobrindo aquilo para ser uma família saudável.”

(Mãe)

⁴⁴⁸ MAFFESOLI, Michel. La contemplation du monde. Paris: Grasset, 1993. p. 151.

⁴⁴⁹ MAFFESOLI, Michel. La contemplation du monde. Paris: Grasset, 1993. p. 129.

O sentir-se bem construindo a imagem de ser família saudável: um grito de liberdade na reversível complementaridade

“O que nos faz ter essa idéia de família saudável? Alguém quer falar?”

(Rosane)

“É o que nos faz sentir bem, uma coisa boa...”

(Esperança)

Neste ponto da viagem, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa deixam emergir de seu mundo imaginal a conjunção do seu ser família saudável como sendo **o que nos faz sentir bem, uma coisa boa**, o que, por sua vez, num movimento de reversibilidade, faz-nos novamente mergulhar no mundo imaginal, reafirmando sua dimensão estética e sua importância, já que **o sentir-se bem** é singular e relativo a cada um, a cada rede de interações.

“Parece que saudável tem a ver com sentir-se bem. E esse sentir-se bem?! O que é esse sentir bem? Vocês falaram que é se sentir bem, é isso?”

(Rosane)

“É poder deitar a cabeça no travesseiro e não ter nada com o que se preocupar já é um bom motivo para isso... É se sentir livre: que é falar tudo isso que a gente falou aqui, mas não ter com quem falar ou coragem para falar. E aqui, quer dizer hoje, a gente já conhece todo mundo e já tem liberdade para falar o que é família.”

(Gralha)

“Liberdade de expressão!”

(Esperança)

O mundo imaginal de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, trouxe à tona a liberdade, o sentir-se livre.

“Esse verde aqui... o que eu coloquei aqui, significa pra mim, liberdade, paz. Eu tive uma vida tumultuada demais desde criança. Agora que a minha vida tá indo, tá melhorando graças a Deus. Sou casada com uma pessoa com quem estou apaixonada, e então pra mim isso aí significa liberdade, poder andar livre comigo mesmo. Não se preocupar com a vida das outras pessoas, se preocupar com a minha e ter liberdade, pra mim é isso. Poder respirar ao ar livre, não ter ninguém te sufocando, é o que significa pra mim.”

(Beija-flor)

O **ter liberdade** traz consigo a reafirmação do respiradouro enquanto fazer o que se gosta para integrar o **sentir-se bem**, sublinhando o **estar bem consigo mesmo**.

“Também fazer coisas que você gosta: esporte, praia, surfar. No caso eu quando vou a praia eu gosto, eu estou bem, é algo que gosto de fazer. Quando você faz alguma coisa que gosta você está bem consigo mesmo.”

(João de Barro)

Entretanto, ao destacar o **estar bem consigo mesmo**, e trazendo à tona a individualidade, há uma relativização que lhe é inerente, ou seja, a relação com o outro torna-se fundamental para integrar este **sentir-se bem**, que dá forma ao ser família saudável.

“Outra coisa assim de se sentir bem, saudável e estar satisfeita e feliz... Se eu tô contribuindo pro outro ser que tá comigo, no caso, o meu marido, o meu companheiro, os meus filhos. A minha família que... que mais contribui com isso aí, com esse buquê de flores, esse vaso de flores que vem de mim, de eu, tendo essa relação com eles, de tá contribuindo com essas pessoas, com meu marido, os meus filhos,... de eles estarem crescendo comigo. Estar indo bem em todos os aspectos assim: no trabalho dele, em todos assim, no geral né? De eu tá contribuindo assim,... se eu tô como esposa, de repente as minhas ações, os meus atos, né?... O meu tudo assim,... que eu tô ali, eu como ser tô contribuindo para que ele cresça. Quando a gente se encontra marido e mulher, né? Tem um companheiro, nosso marido, nosso colega, a gente, é um pedaço da gente. Então eu me preocupo com ele. Assim né... Que ele esteja bem, com as roupas que eu gostaria de comprar para ele ficar mais bonito. Então, eu não tô preocupada comigo porque ele é minha metade. Então assim, a gente é uma metade, essa pessoa que a gente tá hoje né? Então assim, eu tô preocupada com ele, com ele, com a minha filha,... a gente pode ter outro filho. Então assim, não que eu não tenha preocupação comigo, com o meu estado, com o meu trabalho, sabe?... Com o meu interesse, com as minhas realizações também, como pessoa, como mulher, como tudo... Mas eu tô assim contribuindo para que ele também cresça no seu lado profissional, seu lado de amigos, do lazer, do esporte, dos seus outros bicos aí fora. Assim, nas relações com as pessoas que ele tem amizade. Que eu esteja contribuindo para que ele cresça também. Se eu tô bem ele também vai estar bem e eu tenho que tá contribuindo.”

(Esperança)

Desta maneira, o sentir-se bem traz consigo o **poder estar contribuindo com o outro**, remetendo-nos a noção de solidariedade orgânica que vimos manifesta ao longo desta construção e que faz a potência deste ser estar junto com. Além disto, de acordo com Maffesoli⁴⁵⁰, *“a ajuda mútua, sob suas diversas formas, é um dever, pedra de toque do código de honra, muitas vezes não dito, que rege o tribalismo”*. Dever que se relativiza pelo prazer...

“Se tu tem esperança, aí tu tem prazer no fazer. Tu não vem só por vir. Por isso que a gente tenta fazer do grupo, da unidade que as pessoas venham, não só porque tem que vir; que elas vão levar falta, que não vão receber, não! Elas vêm porque elas sabem que não é só para cuidar dos nossos meninos. É que por trás disso tudo tem o prazer de encontrar de novo o grupo, de querer bem as pessoas, de ajudar.”

(Violeta)

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa através de seu mundo imaginal pontuam, incessantemente, o movimento de **reversibilidade** que existe entre a **individualidade** e o **estar junto com**, entre o **estar bem consigo mesmo** e o **estar contribuindo com o outro**, ficando difícil fazer limitações. Nesta viagem, as fronteiras não são visíveis! Sente-se bem, quando se está contribuindo com o outro. Entretanto, este outro, também é parte de mim, então eu também contribuo comigo! O sentir-se bem se delineia na minha individualidade a partir do estar junto com, ao mesmo tempo delineando a individualidade do outro, num movimento de complementaridade infinito!

“Tu falasse em individualidade? Contribuir com a individualidade...”

“Para que ele se sinta um ser? Um ser homem, uma pessoa íntegra”

(Esperança)

É assim que o sentir-se bem integra: **um não ter com que se preocupar** (a não ser com o estar bem do outro que me é significativo e o meu, que se dá aqui e agora; preocupar-se é viajar para o futuro ocupando-se antes das coisas acontecerem); **um sentir-se livre** (poder falar; ter com quem falar; ter coragem de falar; pode conhecer para ter liberdade de falar); **um ter liberdade** (tendo paixão, e estando junto com se está apaixonado; andando livre consigo mesmo; não ser sufocado; ter sua vida fluindo); **contribuir com o outro que está consigo; fazer as coisas que gosta**, remetendo-nos ao prazer.

“Sempre falei em relação à saúde. Para se sentir bem tem que ter uma boa saúde, estar bem consigo mesmo, em relação à esposa, filhos, pais... A educação também; quanto mais, melhor para conseguir um bom emprego e poder manter a sua família.”

(Buriti)

⁴⁵⁰ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p. 197.

O sentir-se bem resgata elementos considerados como requisitos para ser família saudável por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, sendo que, neste momento, coloca-se o foco sobre o que parecia estranho até então estar excluído desta reflexão: a saúde.

Para aquecer a reflexão, podemos resgatar o conceito proposto na VIII Conferência Nacional de Saúde, ocorrida em 1986, tornando-se base ao sistema de saúde vigente: “ Em sentido mais abrangente, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso à posse de terra e acesso a serviços de saúde. E, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social de produção, as quais podem gerar desigualdades nos níveis de vida”⁴⁵¹

Percebe-se que a expressão do instituído nas imagens trazidas por Algumas Famílias das Tribos da Lagoa estariam na matriz onde sua vida acontece, no seu mundo imaginal, ambiente simbólico, lembrando também o arquétipo de Jung e a "bacia semântica", proposta por Durand. Ou seja, as condições que estas famílias nos apontaram para ser família saudável tem muita sintonia com o instituído pela Conferência Nacional de Saúde: o ter moradia, ter comida, ter educação, ter dinheiro, ter lazer, ter trabalho,... Entretanto, ilustrando que não existe determinismo, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa também trazem o seu vivido, os significados que foram construindo através de suas interações e, com o instituinte do seu mundo imaginal, colocam a própria saúde como um aspecto constitutivo do ser família saudável. Apresentam-nos, assim, **o ter saúde** como uma condição do ser família saudável.

Penna⁴⁵² levantou a discussão sobre os aspectos resultantes e resultados trazidos pela VIII Conferência Nacional de Saúde. Entretanto, se entendermos resultante, que emerge do verbo resultar⁴⁵³, como algo nascente, proeminente, original, tornar-se e, não como uma consequência lógica, penso que existe uma relação entre as condi-

⁴⁵¹ NASCIMENTO, Paulo César. Democracia e saúde: uma perspectiva arendtiana. In: FLEURY, Sônia. (org) Saúde coletiva para todos? questionando a onipotência do social,. Rio: Relume-Dumara p. 189.

⁴⁵² PENNA, C. M. M. O ser saudável no cotidiano das favelas. Florianópolis. UFSC. 1996. 151 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina. 1996. P. 56.

⁴⁵³ FERNANDES, Francisco. Dicionário brasileiro contemporâneo. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1967. P. 930.

ções para ser família saudável e as condições para ter saúde. Todavia, ser família saudável, exige algo mais: as nuances do **ser-estar junto com**. Talvez, por isto Algumas Famílias das Tribos da Lagoa colocam a saúde também como condição do ser família saudável.

Autorizando-me a ser porta-voz de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, ou melhor, "porta-imagens", concordo com Penna⁴⁵⁴ quando diz que "*saúde é do ter, saudável do ser*", mas as imagens mostram-nos que as famílias não vêm o ser saudável como qualidade de saúde, já que a colocam como componente do seu ser saudável. Assim, estão interrelacionadas.

As imagens das famílias nos fazem concordar com a autora, quando refere que "*para ter saúde é preciso adquirir; para ser saudável, é preciso sentir*"⁴⁵⁵. Mas a viagem junto ao mundo imaginal, indicou-nos que as famílias não separam estas dimensões, integram-nas, fazendo mais uma vez a conjunção. Para elas é preciso sentir-se bem, mas também ter...

" Eu acho que ali da vida saudável, eu acho que tudo faz parte, tudo vem da vida. Eu acho que enquanto tu tem vida, fé, esperança e saúde, tudo leva à crer que gera uma família saudável. Se tem esses requisitos aqui do lado... Também pra mim é família saudável, o gosto pelas coisas boas, as não boas (nem tudo é divino e maravilhoso), a segurança e a criatividade, como a gente falou ali no início, na hora que a gente tava dando entrada no grupo. "

(Violeta)

As imagens de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa indicam uma concordância com Meleis⁴⁵⁶ de que o ser saudável do ponto de vista do cliente é um modo de vida, como foi possível ver principalmente quando nos apresentam **uma maneira de ser família saudável**. Entretanto, levam a discordar desta autora, quando esta coloca que o ser saudável é parte da saúde. O mundo imaginal destas famílias nos aponta o contrário.

⁴⁵⁴ PENNA, C. M. M. O ser saudável no cotidiano das favelas. Florianópolis. UFSC. 1996. 151 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina. 1996. P 126

⁴⁵⁵ PENNA, C. M. M. O ser saudável no cotidiano das favelas. Florianópolis. UFSC. 1996. 151 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina. 1996. P 126

⁴⁵⁶ MELEIS, Afaf I. Ser e tornar-se saudável: o âmago do conhecimento de enfermagem. Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 1, n. 2, jul. / dez. p. 36-55. 1992.

Mas afinal qual a imagem de ser família saudável?

"Não se pode dizer de nenhuma imagem simbólica que ela tenha um significado universal e dogmático".

Carl G. Jung⁴⁵⁷

Nesta viagem eu havia dito, no "*descobrimo um mundo imaginal*", que desta vez seriam as famílias que dariam as respostas. Respostas estas que também se expressam nos cartazes apresentados nas Figuras 5 e 6. Com a palavra Algumas Famílias das Tribos da Lagoa...com suas imagens...

"Bem, o meu grupo definiu família saudável... a amizade, a compreensão... sem drogas, sem armas, ter liberdade, ouvir, ajudar, estar com Deus e ter muita fé, o amor pela vida, tudo é família saudável. Então aqui a gente tem, amizade familiar, os irmãos, amigos, o trabalho, a alimentação, a união-compreensão, o esporte, também, respeitar a terceira idade que hoje muita gente não respeita, né! Pensam, bem dizer, só na sua juventude, pensam ali os velhos vamos deixar num canto, não, vamos também ter respeito as pessoas de terceira idade. O lazer, o passeio com a família, e a natureza, um botão de rosas bem aberto. Eu acho que é isso".

(João de Barro)

"... seria uma família, né, unida, a união de uma família. Aqui, o sorriso, de um feto que gera uma compreensão, o respeito no caso, o carinho, o marido e a mulher a união dos dois. São duas figuras de dois fetos. E ali, uma companheira, caminhando, se divertindo... e aqui a, como posso dizer, a companheira... passeando, em cima da bicicleta".

(João de Barro)

"quem botou essa dali fui eu, quando bem eu achei que ela deveria estar bem com ela mesmo, satisfeita, por isso que eu botei ela ali. Tá feliz!".

(Violeta)

⁴⁵⁷ JUNG, Carl G.. O homem e seus símbolos. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. 316p.

"Pra mim uma família saudável, vem de um relacionamento, uma companheira, e o fruto da nossa amizade e do nosso relacionamento, que é um filho, né? Isso pra nós é muito importante, o filho da gente e acima de tudo a saúde e o respeito. "

(João de Barro)

"Família saudável, é como uma planta. Já que todo mundo falou que é uma coisa boa, quando a gente molha, rega, ela vai sempre para cima né, quando tem amor a gente tem que fazer sempre com que ela cresça, cresça, e nunca deixe ela murchar. "

(Gralha)

Meu nome é Turquesa e eu acho que família saudável é tudo de bom, um companheiro, um filho, a amizade.

(Turquesa)

"pra mim família saudável é o que ela falou, é tudo de bom, é tu ter amigos, é tu ter o que comer, é tu poder sair pra passear, é tu fazer as coisas que tu gosta e que te dá prazer, é tu ter saúde pra tu poder fazer tudo o que tu quiser. Então eu acho que família saudável é tudo de bom que pode acontecer.... "

(Mariposa)

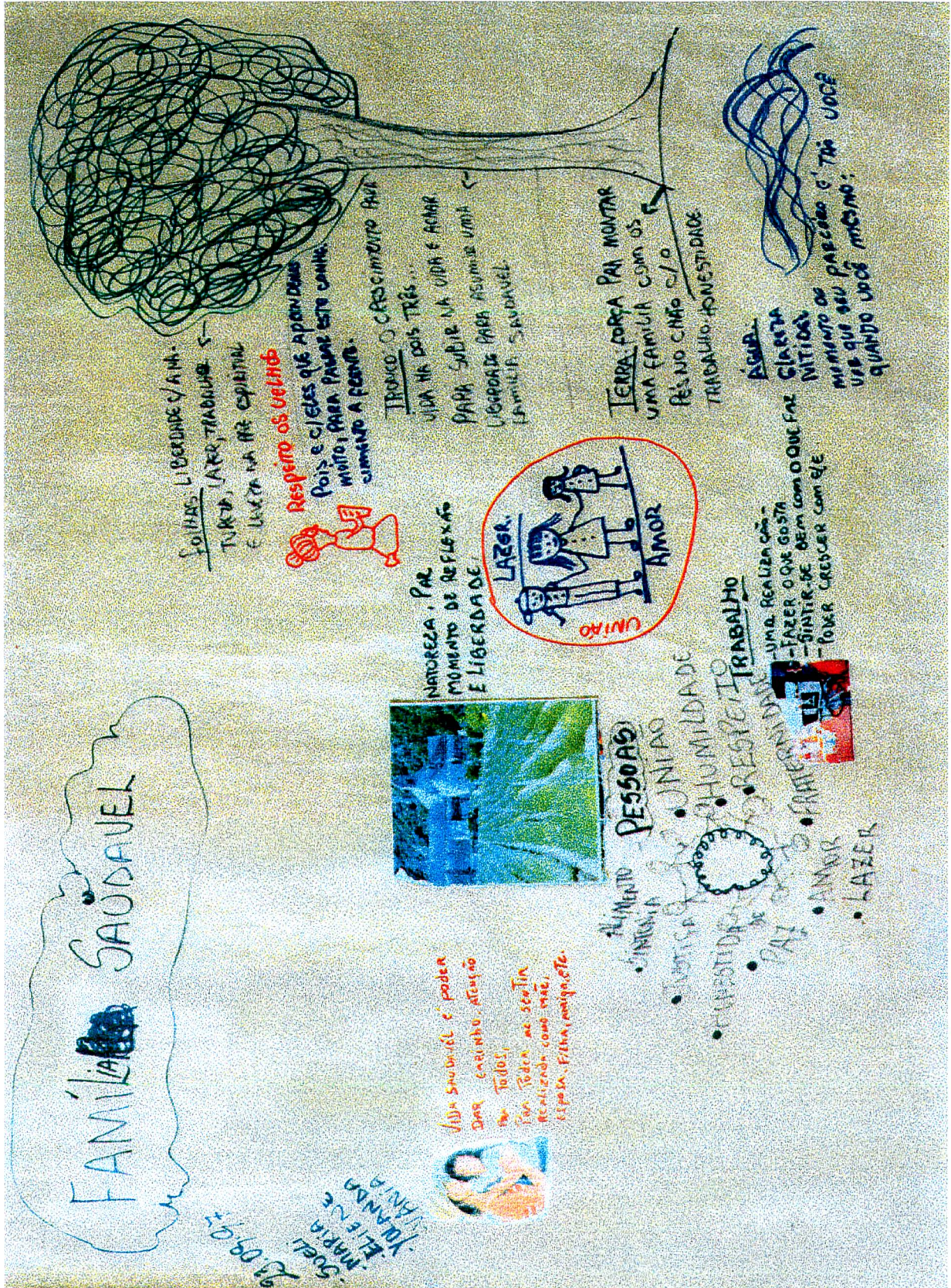
"família saudável pra mim, é estar com Deus, desfrutar das coisas boas da vida, comer bem sempre... quando eu saio minha família está sempre junto, tenho duas filhas uma de quatro e uma de 2 meses. Tenho horror a todas essas drogas que existem, isso acaba com as pessoas, qualquer uma, né? "

(Buriti)

"Família saudável pra mim é aquela que tem muito amor, mas não é tudo de bom como ela fala, tem aquelas briguinhas saudáveis, é a família que se trata com amor. "

(Cajuzinho)

Figura 6 – Outro cartaz da 3ª Oficina com Algumas Famílias das Tribos da Lagoa: “Qual a imagem de Ser Família Saudável?”



"Família saudável. Nós botamos assim começando pela terra,. Toda força, uma coisa vem de onde? Vem, brota do chão. Com os pés no chão tem trabalho, honestidade e a gente vai subindo. O tronco é o crescimento, que começa por 2, 3 e aí ele vai crescendo. Vai subindo e acha liberdade de assumir uma família. E as folhas: a liberdade, bate o vento né? Ter aquela liberdade, a natureza, então tudo isso é visto nas folhas. E a água né? A primeira vez que a gente bate assim, o que a gente pensa da água? É clareza, aquela nitidez, aquela calma, tranquilidade. Então tudo isso eu acho que a gente pode pensar em relação à água. Aqui eu botei o respeito aos velhos porque é deles que a gente aprende... Aqui foi visto a natureza no campo (eu não sei, não foi eu que coloquei, então eu não sei expressar muito). Aqui na hora do lazer, às vezes tu sai né? lá vai tu com um filho, com um pai debaixo do braço, vai beliscando um, vai... "

(Gralha)

"uma família saudável, eu penso assim que é tudo aquilo que tá ao nosso redor. Tudo que nos rodeia faz parte da nossa família... "

(Violeta)

"É o que nos faz sentir bem, uma coisa boa. Em busca de uma família saudável, a busca de uma coisa que nos faz sentir bem... Isso tudo vai nos fazer sentir bem enquanto pessoas. Então tudo isso, a gente busca todas as coisas para fazer bem às pessoas que nos cercam também"

(Esperança)

"Se não tem uma boa relação na redondeza, ali onde a gente vive, na própria comunidade, a gente não é muito feliz. E se a gente não é feliz, eu penso que a família não é saudável. Porque saudável eu acho que é a gente se sentir bem, poder ir lá caminhar, poder voltar para o teu trabalho, para tua casa, ter gosto de voltar para o trabalho no outro dia. Se a gente não tem bem claro, bem definido o que a gente quer, o gosto por aquilo que a gente faz. Às vezes a gente é um pouco doentio. Não ser perfeito porque ninguém é. E se alguém acha que tem que ser perfeito, eu acho que isso é uma questão de doença."

(Violeta)

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa trouxeram de seu mundo imaginal o sentir-se bem, o se sentir livre, feliz, na construção do seu ser família saudável. Não querem apenas sobreviver.

Querem respirar, fazer o que gostam, sentir prazer! E quem pensa que estão esperando para serem saudáveis, no futuro, mais tarde... ; enganou-se! Esse ser família saudável é para já!

"Uma coisa. Família saudável parte daqui. Eu nunca pensei em família saudável, eu pensei aqui. Levei para casa, com minha esposa, conversei com ela. Ela disse ah, legal! De lá pra cá que eu comecei a pensar em família saudável. Antes eu pensava no que eu quero ter mais tarde: um bom automóvel, uma boa condição para manter a minha filha, educação. Mais tarde. Eu tô trabalhando para isso. No caso, um plano de saúde para ela, um bom dentista, bom médico, botar ela numa aula de nataçao (minha filha de 4 anos) para ela aprender a nadar (vai ser um esporte bom para ela). Quero fazer tudo que eu gosto, entrar numa aula de musculação; capoeira eu gosto também. É mais isso que eu acho que é família saudável. Fazer o que tu gosta e sentir prazer. Não ter muito dinheiro. Ter muito

eu acho que dá mais ambição. Pra mim não valeria muito. Ter sim o suficiente para manter a família, um bom médico, bom dentista, mais ou menos isso. "

(Doce)

VI - UM SINAL DE ALERTA PARA QUEM CUIDA:

"Quando a gente gosta, é claro que a gente cuida!"

(Sezinho - Peninha)

Durante nossa viagem, chegamos neste momento, ao porto, nada seguro, do cuidar de famílias.

Se a pós-modernidade nos traz a socialidade, dando foco ao afetivo, como vimos anteriormente, não é à toa que o cuidado passa a resgatar a família. Sendo importante não esquecer que esta família tem se caracterizado justamente pelos "laços de afeto", como "arquitetura de paixões".

É deste modo que a família passa a ser o foco do cuidado na sua unicidade, isto é, desfoca-se do indivíduo, da individualidade, saindo-se da identidade e indo ao encontro da identificação, o que nos coloca em contato com o interacional, já que a identificação não existe fora do relacionar-se, do ser - estar junto com.

Mas cuidar da família é novidade? Claro que não! Assim como a pós-modernidade não elimina a modernidade, o indivíduo, ou mesmo a pré-modernidade, sendo integradora, assim também é o cuidado à família. É um resgate à contemporaneidade do ontem, como costume dizer, vivendo-se intensamente o hoje. É estar aberto às novidades, buscando outros caminhos, sem desvalorizar e esquecer os velhos. Enfim é viver a complementaridade.

Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, ao trazerem de seu mundo imaginal que **Família é quem cuida**, dão alguns sinais de alerta para os profissionais do cuidado. Primeiro, o cuidado que é essência da enfermagem também é elemento na constituição do ser família. Assim, é importante estar atento, pois em algum momento, podemos até fazer parte de algumas famílias com quem trabalhamos, pois as cuidamos. Segundo, a família é sujeito do cuidado de si, enquanto rede de interações, e de seus membros. Ou seja, o cuidado não é exclusividade da enfermagem, ou de outros profissionais. Deste modo, é preciso ter claro da relevância deste elemento no cotidiano da família, dando-lhe conteúdo. Isto também alerta o profissional da saú-

de para o fato de que os membros da família poderão se constituir nos mais tradicionais (pai, mãe, irmão...), passando pelos vizinhos,... até outros mais inusitados.

É dentro desta perspectiva, que conseguimos compreender que o trabalhar com famílias demanda uma atuação que é interdisciplinar, como já referido em Nitschke⁴⁵⁸, devido a complexidade que lhe é peculiar, não esquecendo que a família, com cada um dos seus membros, também podem ser entendida como uma "disciplina", mas nada disciplinada. Pode-se, talvez, ousar dizer que pressupõe um trabalho transdisciplinar, dentro da visão trazida por Patrício⁴⁵⁹, isto é, algo que vai além das disciplinas, sem desprezá-las ao mesmo tempo. Ao contrário, integrando-as e transcendendo-as.

Esta situação também tem feito surgir neste trabalho com famílias o *profissional híbrido*, o qual já discuti ao fazer **Um mergulho na pós-modernidade**.

Isto é, ele não abandona sua formação de base, mas vai, sucessivamente, integrando outros aspectos no seu conhecimento e no seu agir, os quais, num primeiro olhar, seriam caracterizados como de outras profissões. Invasão? Não! Integração. Complementaridade, pois o conhecimento é amplo e não consegue ser limitado a determinados compartimentos. Entretanto, ao olharmos mais atentamente, vê-se que o trabalho realizado não pode ser incorporado por este ou aquele domínio de conhecimento, mas sim pela complexidade do viver destes laços do afeto.

Mas além da inter-transdisciplinaridade, o que mais demanda cuidar destas famílias em tempos pós-modernos?

Parece-nos pertinente retornar ao que já havia destacado, quando referi que cuidar da família em síntese, entre outros aspectos, é: mergulhar no seu mundo, feito de imagens, imaginações, símbolos, imaginário; ver as interações familiares, sem perder de perspectiva cada membro da família; colocar-se como pessoa; exercitar o "assumir o papel do outro"; ser flexível.

Observando-se necessidade de mergulhar no mundo da família, fica fácil compreender o retorno do cuidado de saúde no domicílio, uma das práticas de saúde mais

⁴⁵⁸ NITSCHKE, Rosane Gonçalves. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. Florianópolis: UFSC, 1991, 313p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

⁴⁵⁹ PATRÍCIO, Zuleica Maria. A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. Florianópolis: UFSC, 1995, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

antigas, como uma das grandes tendências neste fim de século, reforçadas inclusive pelo aumento da população idosa, visto que houve um crescimento da longevidade.

Considerando-se as devidas questões éticas que discutem o público em relação ao privado, ou seja, a possibilidade de invasão e controle pelos profissionais dos serviços de saúde sobre as famílias em seu mundo, na sua morada, percebe-se que trabalhar com a família em seu próprio meio, permite-nos melhor compreendê-la nos seus significados, conseguindo compreender muito de sua singular e complexa harmonia conflitual.

Trabalhar com família significa não perdê-la do nosso foco, o que não quer dizer que devemos estar com todos os elementos da família ao mesmo tempo, mas é nunca perdê-la de vista enquanto rede de relações. Por outro lado, não significa que a individualidade seja esquecida, ao contrário, respeitá-la é condição *si ne qua non*.

Como a família tem se traduzido num verdadeiro mosaico, é interessante buscar quem realmente é a família com quem estamos trabalhando, quem são os *outros significativos* para estas pessoas com as quais interagimos, pois em algumas situações poderemos até nos surpreender ao descobrir que se refere a um animal de estimação. Em resumo, por mais paradoxal que possa parecer, *sempre* é preciso *relativizar*.

Ao referir que os profissionais devem estar atentos para quem é a família, ao buscarmos promover o seu ser saudável, quero destacar os animais de estimação, dentre outros elementos. A partir dos estudos de Rosenkoetter⁴⁶⁰, é possível perceber que desde a década de 60, vários trabalhos tem demonstrado a importância dos animais de estimação na vida das pessoas, tanto na prevenção e recuperação de doenças, como na promoção da saúde, “*embora as pesquisas científicas sejam ainda insuficientes*”.

Segundo a autora, ao se trabalhar com saúde da família, o enfermeiro precisa incluir o animal na história da família. A interação com o animal, de acordo com Rosenkoetter⁴⁶¹, pode nos dar indicações significativas sobre o seu cotidiano viver,

⁴⁶⁰ ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. Readings in family nursing. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 299-308.

⁴⁶¹ ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. Readings in family nursing. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 301-2.

sendo essencial para compreender o sistema familiar. Por exemplo, ao investigarmos os papéis, podemos identificar problemas de abuso ou negligência que não se referem apenas ao animal, mas que integra a paisagem de todas as relações intra-familiares.

Além disto, quando examinamos a interação de animais de estimação e os membros da família, seis áreas podem ser investigadas relativas a fatores de promoção da saúde: papéis, interações, auto-estima, uso do tempo, grupos de suporte e estrutura de vida.

Destacando a relevância dos animais, tanto na prevenção e recuperação de doenças, como na promoção da saúde, Rosenkoetter traz-nos várias experiências. Exemplificando, viu-se que, após um ano, o número de sobreviventes de distúrbios cardíacos coronarianos era bem maior no grupo daqueles pacientes que tinham algum bicho.

Observou-se que o animal de estimação “torna-se uma janela para entrar nos sentimentos e necessidades das pessoas, sendo que em épocas de *stress*, o animal e dono podem mesmo compartilhar comportamentos de ansiedade, mal-estar, e irritabilidade”. Os bichos de estimação podem trazer mudanças psicológicas e mesmo alterações na leitura de sinais vitais, tendo sido indicados como forma de psicoterapia, ou como facilitadores de terapias, demonstrando remarcáveis resultados em situações de pessoas com problemas criminais, mentais; alcoolistas; cardiopata; cegos; além idosos e crianças com distúrbios.

Lucidamente, Rosenkoetter declara que *“obviamente, nem todo mundo quer ou tem que ter um animal de estimação, e os animais não são a solução milagrosa para problemas de relação; entretanto, para muitas pessoas os animais de estimação se tornam o outro significativo mais importante de sua vida, sendo que, cuidados e atenção mútuos favorecem uma ligação saudável”*.

As imagens resgatadas de meu mundo imaginal fazem-me lembrar de seu Diamante que, tendo problemas por alcoolismo, ficou internado num hospital clínico para fazer a desintoxicação. Após tal, ele seria transferido para uma clínica especializada em dependências químicas. Seu Diamante só aceitou ser transferido se pudesse antes passar em sua casa para ver seus cães. Ele viu a sua família do coração e depois foi para outro hospital. Havia uma profissional sensível em seu caminho.

Por que não integrarmos os animais no nosso cuidar cotidiano? Já há algum tempo compartilho com meus alunos da pediatria e alguns colegas, inclusive da área hospitalar, a idéia de construir um espaço no hospital infantil, onde pudéssemos ter bichinhos, a fim de proporcionar este contato com as crianças, desenvolvendo seu afeto, sua auto-estima, o contato com a natureza e, possivelmente, uma recuperação mais rápida, tudo sob o acompanhamento de uma equipe interdisciplinar, incluindo um veterinário, e tendo, obviamente, todo o cuidado com o controle de infecção. Alguns me olharam com desconfiança, outros com um sorriso, outros disseram que podiam contar com eles. Para estes, digo que Algumas Famílias das Tribos da Lagoa, junto com autores como Rosenkoetter nos mostraram que é preciso e é possível. É só querermos.

"Com crianças doentes, os animais de estimação podem facilitar o processo terapêutico entre o paciente e o enfermeiro. O enfermeiro pode aprender muito sobre os medos, sonhos, e pensamentos da criança, escutando o que é dito para e sobre o bicho de estimação".

Rosenkoetter⁴⁶²

A socialidade que privilegia o afetivo, mostra-se a todo momento no trabalhar com famílias mergulhando no seu mundo, pois vê-se o profissional colocando-se mais como pessoa, inclusive exercitando o "assumir o papel do outro".

É o *profissional sensível* que é demandado a todo momento, lembrando a predominância da "ética da estética", já referida anteriormente como elemento da pós-modernidade. Este profissional é reforçado por Rezende e Cadete⁴⁶³ quando nos dizem "ou afinamos nossa sensibilidade para captar o compasso deste novo tempo ou corremos o risco de, enrijecidos em conceitos dogmáticos, nada compreendermos desta nova dinâmica social, que só parece assustadora porque diferente da modernidade. Compreender e não necessariamente explicar, este é o grande desafio que nos é imposto. "

⁴⁶² ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. Readings in family nursing. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 303.

⁴⁶³ REZENDE, A. L. M. & CADETE, M. M. M. Novos paradigmas da ciência e a melhoria da qualidade de vida. Florianópolis. 199. (mimeografado) p. 5.

Este *mostrar-se mais como pessoa* já pode ser nitidamente notado no filme produzido pelo Ministério da Saúde, quando apresenta o primeiro ano de vida do polêmico Programa de Saúde da Família (PSF), que surgiu no Brasil em 1994.

Críticas à parte, como a composição das equipes e o tipo de abordagem de assistência que, às vezes, não coloca em foco a rede de interações familiares, continuando a dirigir-se apenas a indivíduos que têm uma doença, ainda que no seu domicílio. É possível respirar com um certo alívio, quando vemos certos aspectos que aqui trouxemos sendo contemplados já como experiência. Vê-se profissionais da saúde, como médicos, por exemplo, descidos do seu *pedestal do saber em saúde para a terra firme do saber compartilhar*. Abandonam-se títulos, para resgatar seu nome comum simplesmente. Vê-se depoimentos permeados de sentimentos.

Trabalhar desta forma faz com que o profissional tire suas "courageiras", estando menos formal, mostrando-se mais como ser humano, sem perder, é claro sua competência técnica. Digamos que a demanda é para um *além da técnica, transpirando emoções*.

Assim como as famílias se caracterizam por sua diversidade, complexidade, e flexibilidade, "o trabalho com famílias torna-se imprevisível, o que demanda uma atitude mais aberta e flexível do profissional, na qual antes de qualquer coisa é preciso ser aceito pela família, aprender a discutir, compartilhar e a negociar com ela"⁴⁶⁴. Rezende ⁴⁶⁵ vem nos apoiar quando defende que "para compreender a fractalidade e fluidez deste social amorfo é preciso que empreguemos abordagens sensíveis e maleáveis e nem por isto menos científicas".

Estas reflexões alertam os profissionais da saúde para a **importância de alguns aspectos, que podem parecer sem importância**, como por exemplo, o comer junto, trazido pelas imagens de Algumas Famílias das Tribos da Lagoa.

Para ilustrar um pouco, podemos pegar a situação de um diabético: ele não é privado apenas de comer aquilo que lhe dá prazer, mas de comer com o outro, de

⁴⁶⁴NITSCHKE, Rosane Gonçalves. Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. Florianópolis: UFSC, 1991, 313p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.. p. 220.

⁴⁶⁵REZENDE, A. L. M. & CADETE, M. M. M. Novos paradigmas da ciência e a melhoria da qualidade de vida. Florianópolis. 199. (mimeografado) p. 5.

compartilhar o prazer do sabor estando junto com o outro, além disto, é um momento de mostrar-se vivo, de transgredir, como refere Santana⁴⁶⁶ em sua tese de doutorado.

Um indivíduo hospitalizado, não importa o motivo, exemplifica bem as constantes situações em que vemos os acompanhantes, podendo ser a família, burlando as normas, e trazendo comida de casa, ou mesmo comendo junto com o chamado paciente a comida do hospital (por pior que seja), quando isto lhe é proibido. Ai se manifesta a busca do prazer de comer; comer com alguém com quem possa compartilhar; comer o que vem daquele lugar que é seu. É claro que aqui estou partindo do pressuposto de que todas as pessoas têm sempre o que comer em sua casa, o que sabemos não ser, infelizmente, uma realidade no dia-a-dia de nosso país.

É interessante que os profissionais se sensibilizem para tal, criando possibilidades para que os indivíduos e famílias em situação de hospitalização tenham o direito de usufruir o direito de ter prazer, sendo que para tal é preciso apenas a flexibilidade de quem exercita a compreensão do outro.

Desta maneira, certamente, não se garantirá que a hospitalização seja de todo prazerosa, mas proporcionando a “vivificação dos pensamentos”, e, retomando também, o aspecto de afrontamento da morte⁴⁶⁷ que o comer também traz consigo, certamente esta passagem pelo hospital poderá ser pontuada por momentos de pequenos-grandes prazeres, sendo até pretensiosamente uma interação terapêutica.

Chama-se atenção, assim, para a necessidade do profissional do cuidado (enfermeiro) manter sua flexibilidade, a qual inclui planejar abordagens criativas para a promoção de famílias saudáveis.

Dentro desta perspectiva, as oficinas tem se tornado uma forma de trabalhar flexivelmente a criatividade, conforme já destacaram, Gauthier, Cabral ⁴⁶⁸ e colaboradores, além de contemplar aspectos como o estar junto, o assumir o papel do outro, enfim o afetivo, sendo até um exercício de ser família saudável, conforme as famílias mostraram.

⁴⁶⁶ SANTANA, Maria da da Glória. O corpo disbético; significados e subjetividade. Florianópolis: UFSC, 1998, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

⁴⁶⁷ MAFFESOLI, Michel. La table, lieu de communication. Societes: Revue des Sciences Humaines et Sociales. Paris, v. 2, n. 1, 7-8, nov. 1985.

⁴⁶⁸ GAUTHIER, Jacques Henri Maurice; CABRAL, Ivone Evangelista; SANTOS, Iraci dos e TAVARES, Cláudia Mara de Melo. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1998. 302p.

Hartman⁴⁶⁹, ao discutir o papel da enfermagem junto às famílias com um enfoque pós-moderno, baseia-se no trabalho de Guba e Lincoln, *papel de tomada de decisões*, no qual o profissional deixa de ser juiz para ser colaborador; *papel de mestre-aprendiz*, que enfatiza o estar aberto, *papel de escultor da realidade*, que pressupõe a possibilidade de reconstruir, modificar; *papel de mediador e agente de mudanças*, *papel de ativista político*, nos quais se trabalham questões de cidadania e *papel auto-reflexivo*.

Estes papéis, ou máscaras, reforçam a pertinência de trabalhos como as oficinas, já que possibilitam desenvolvê-los, pois ali histórias são construídas, reconstruídas e co-construídas no **ser-estar junto com**, apontando para um trabalho que considere a **potência** que as famílias têm sobre sua própria vida. Se houve uma experiência anterior que não foi positiva, sempre existe a possibilidade de contribuir para uma construção de algo que satisfaça.

O trabalho com oficinas também tem sido colocado como uma possibilidade de cuidar promovendo prazer. Talvez seja por isto que em várias situações Algumas Famílias das Tribos da Lagoa tenham considerado o grupo das oficinas como **família do coração**, afinal fazia com que se **sentissem bem**, dava-lhes **prazer**, o que é também reforçado por Patrício⁴⁷⁰ em sua longa e rica experiência anterior em "Oficinas de Saúde", quando destaca que "causam mútuo prazer".

Assim, o profissional da saúde, que pode ser considerado o dono do saber em saúde, tendo portanto o poder que lhe é conferido institucionalmente, precisa abandonar sua postura determinista e autoritária, abrindo-se para buscar a realidade daquelas famílias com que trabalha, sem julgamentos, sem querer enquadrá-las em normas (como quem é a sua família, o que é ser saudável), pois correrá o risco de jamais se aproximar de sua realidade, e sem também conseguir realmente cuidá-las.

Cabe destacar a relevância de valorizar o cotidiano das famílias, pois no que para nós se mostra como uma coisa simples e pequena, para elas pode ser importante, pode ser o seu prazer, o que lhe faz sentir bem. Assim o profissional pode contribuir

⁴⁶⁹ HARTMAN. S. Preparing modern nurse for postmodern families. *Holistic Nursing Practice*. vol. 9, n. 4, July 1995. p. 7.

⁴⁷⁰ PATRÍCIO, Zuleica Maria. A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. Florianópolis: UFSC, 1995, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1995. p92.

para que resgatem essas pequenas coisas ou não as deixem escapar, contribuindo assim no seu movimento de ser saudável.

"Aí eu voltei para casa, arrumei as verdurinhas, fiz um chimarrão (eu sou gaúcha, né?!), botei um chazinho, fiquei olhando pro matinho ali atrás de casa, fiquei vendo os beija-flor, os passarinhos cantarolando. Eu sei que é coisa pouca mas para mim isso tem grande importância. Tu perde, te escapa, aí não se valoriza mais."

(Esperança)

Se a música é condição e também maneira para ser família saudável, usá-la para trabalhar com as famílias pode contribuir para tal, como no caso das oficinas, lembrando-se assim do lúcido lúdico no cuidado⁴⁷¹.

Quando cuidamos de seres humanos é preciso integrar a família do coração no cuidado, pois é uma dimensão significativa do processo de viver e ser saudável das pessoas, sendo, portanto, elemento fundamental do ser família saudável.

O trabalho com Algumas Famílias das Tribos da Lagoa contribui para os profissionais da saúde no sentido de sublinhar a relevância que reside no cotidiano das interações familiares do seu viver, colaborando para o seu processo de ser família saudável. Confirma-se, portanto, a importância da valorização deste cotidiano, na sua simples complexidade, se há um compromisso para um viver mais saudável. Assim, quando fazemos os chamados "levantamento de dados", precisamos realmente elevar aquilo que as famílias têm nos dado sobre o seu vivido; a história que nos trazem, o seu mundo imaginal. Enfim, os "maiúsculos" minúsculos dizem muito sobre o seu viver e com certeza ajudarão para o seu ser família saudável.

"Como uma profissão de cuidado, a enfermagem tem sido historicamente comprometida em assistir famílias para se tornarem saudáveis e auto-suficientes. Nossa habilidade como enfermeiros realisticamente para oferecer promoção da saúde e cuidado para a família para as diversas constelações familiares de hoje é um dos nossos desafios quando o século 21 se aproxima. Questões econômicas, sociais, e de saúde continuam a estressar a família, como evidência nas patologias sociais que ocupam os enfermeiros numa base diária em cada especialidade clínica e prática local."

Hartmann

⁴⁷¹ NITSCHKE, Rosane Gonçalves, MARTINS, Cleusa Rios & VERDI, Marta. O lúcido lúdico. Florianópolis. UFSC. 1998. mimeo.

O desenvolvimento do trabalho com famílias, relacionado a temas pós-modernos, tem sido assinalado, segundo Hartman⁴⁷², num fim do puro reducionista sistema de pensamento e num reconhecimento do vasto contexto familiar; uma tendência em direção ao ecletismo das intervenções; um repensar no papel do profissional como neutro e autoritário expert; um maior interesse no significado, na narrativa e na história das estórias contadas pelas famílias; nos seus significados, seu imaginário, enfim seu mundo imaginal

As famílias estão aí traduzidas num colorido mosaico de interações, mostrando-se em diversas, flexíveis, heterogêneas formas e imagens. Alguns, como dizem O'Hara e Anderson⁴⁷³, parecem se agradar desta liberdade, expressa por uma união em pontilhados, e por este estar junto sem amarras, um plural mundo imaginal; outros tentam fugir!!! Resta perguntar-nos então: em que grupo estamos nós?

"o vitalismo que nunca deixará de nos surpreender, e que em todo caso é a condição de possibilidade para compreender a potência da vida comum, é o vitalismo que não podemos apreender se não abandonarmos a atitude julgadora (ou normativa) que caracteriza o detentor de saber e de poder".⁴⁷⁴

Michel Maffesoli

⁴⁷² HARTMAN, S. Preparing modern nurse for postmodern families. *Holistic Nursing Practice*. vol. 9, n. 4, July 1995. p. 7.

⁴⁷³ HARTMAN, S. Preparing modern nurse for postmodern families. *Holistic Nursing Practice*. vol. 9, n. 4, July 1995. p. 7.

⁴⁷⁴ MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 55

VII - EM DIREÇÃO AO INTERIOR... PREPARANDO PARA CONTINUAR A VIAGEM



"Eu sempre coloco em meus escritos toda a minha vida e toda a minha pessoa. "

Nietzsche

"Toda a obra científica 'acabada' não tem outro sentido que aquele de fazer nascer novas questões: ela pede então para ser "ultrapassada" e envelhecer. Aquela que quer servir à ciência deve resignar-se a esta sorte".

*Max Weber*⁴⁷⁵

Chegando neste ponto da viagem, fazemos uma pausa para os que embarcaram nela dêem suas contribuições que já flutuam imersas em seu mundo imaginal. A viagem continua com os que embarcarão para que possam continuar fazendo outros roteiros, traçando novas rotas.

É um ponto deste ciclo de pesquisa que, na sua incompletude, mostra uma parte da realidade, uma nuance de verdade num determinado momento.

"Certamente o ciclo nunca se fecha, pois toda pesquisa produz conhecimentos afirmativos e provoca mais questões para o aprofundamento posterior. "

*Minayo*⁴⁷⁶

⁴⁷⁵ MAFFESOLI, M. O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, s/d. p. 21.

⁴⁷⁶ MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. in: DESLANDES, S. F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). Petrópolis, R. J. Vozes, 1994. p.

Viajar junto com Algumas Famílias das Tribos da Lagoa trabalhando, neste processo de pesquisa, com a razão sensível, com a flexibilidade, trouxe uma experiência riquíssima para mim, um momento em que o "conhecimento comum" muito me ensinou na sincronicidade do viver.

Busquei, neste percurso, fazer uma apresentação e não uma representação do que as famílias traziam de seu simples e complexo mundo imaginal, daí a ênfase na descrição, embora por vezes possa ter tido umas recaídas ao me colocar como "porta-voz", ou melhor, "porta-imagens". Entretanto, não poderia me abstrair, pois faço parte daquilo que não só descrevi, mas vivi intensamente.

A conjunção entre vários olhares, tendo sustentação principalmente nas idéias de Michel Maffesoli e dos pressupostos do Interacionismo Simbólico, com suas diferenças harmônicas, possibilitou oferecer várias paisagens nesta viagem.

O exercício de encontrar as sintonias e diferenças entre os autores e atores, enriquece a reflexão e mostra a riqueza de diferentes perspectivas de uma situação. Relativizando-se, sentimo-nos mais próximos da realidade. Entretanto, isto exige muito mais de nós. Expõe-nos às incertezas da multiplicidade do ver o viver. A imagem é de a de "estar em cima do muro". Transfigurando-se esta idéia, como vem sido concebida. Para estar "em cima do muro" é preciso coragem, ao contrário do que poderiam alguns pensar. Pois ficar de um lado, ou de outro, é muito mais seguro. O próprio muro nos protege. Mas também não nos deixa ver o que está do outro lado, nem tampouco trocar. Quem está em cima do muro, têm uma visão ampliada, estando na linha de encontro entre os lados. Quer unir, respeitando as diferenças. Todavia quem ali está, vê mais de um lado, mas também está totalmente exposto; na sua pluralidade, mais vulnerável a ataques de uma visão unilateral. Talvez, um dia os muros caíam, as diferenças continuarão sim, felizmente. Porém as visões e paisagens se ampliarão!!!

O pressuposto da forma contribuiu, neste processo, como um apoio à liberdade do mundo imaginal tanto das famílias como do meu próprio, mostrando-se tanto na emergência do conteúdo (as formas de família trazidas por ela próprias), como também no método de coleta e análise dos dados, além de contribuir na construção do modo de apresentar este texto. As colagens, não só foram usadas como procedimento nas oficinas, como também foram adotadas na construção das classes ou categorias.

A reflexão, por sua vez, foi sendo construída “colando-se” imagens de vários atores, sendo tanto das famílias, como minhas e de outros autores.

Colocar-se, ao pesquisar, como estrategista, adotando o ouvir, o observar, o trabalhar com a imagem, o sentir, *sem pré-fabricações*, oferece liberdade, mas ao mesmo tempo, pode nos assustar.

As oficinas permitem a integração, a conjunção, de estratégias sensíveis no processo de pesquisar, possibilitando que o pesquisador se coloque como participante. Exercita-se assim, a empatia, possibilitando que, ao se trabalhar com famílias, exercite-se o ser família e ser família saudável, no dizer das próprias famílias, já que se trabalha com o estar junto com. Desenvolver oficinas, permite captar o mundo imaginal, mas tem o ônus de convivermos sempre com a “angústia do inusitado”.

Trabalhar o mundo imaginal através de imagens é uma ilustração do que é trabalhar com a riqueza e a complexidade do simples, permitindo uma aproximação do mundo imaginal das famílias. As imagens permitem uma circulação entre o interior e o exterior de cada um, além de possibilitar a ligação entre as pessoas para discuti-las.

Ao me tornar “porta-imagens” fazendo uma apresentação, entendo que isto permitiu contemplar o objetivo de **compreender o mundo imaginal de ser família saudável no cotidiano destes tempos pós-modernos**, pois compreender demanda uma atitude empática, um exercitar o “ver pelo olhar do outro”, retomando seu próprio olhar já embebido pelo do outro.

Algumas Tribos da Lagoa responderam à pergunta de pesquisa "*Qual é o mundo imaginal de ser família saudável no cotidiano dos tempos pós-modernos?* :

Nesta viagem, que começou com o início do existir do mundo,... saímos de um útero, andamos por infâncias, adolescências, "adultecemos", passando por famílias que se mostram o tempo todo na natureza.

Andamos por berçários, hospitais, saímos de paredes institucionais e caímos na estrada, em tempos e espaços plurais, flexíveis, heterogêneos...

Chegamos no Monte..., cruzamos oceanos...Subimos e descemos o morro... chegando nas margens da Lagoa onde, no seu cais, embarcamos na razão e no sensível...ouvindo, observando, construindo imagens, anotando, sentindo, pensando e... repensando!

Deste porto, de onde partimos e repartimos para outras águas... calmas... agitadas... turbulentas... tranqüilas... profundas na sua superfície,... águas de muitas

imagens...imagens de muitos mundos... mundos de muitas imagens... Mundo Imaginal.

Mundo de tribos... tribos em imagens...são as tribos do mundo... Mundo Imaginal... de tribos que trazem em suas imagens os laços que os unem... viscerais... legais... impostos... expostos... ao viver e ao con-viver... laços que tocam... que afetam... tribos - famílias... famílias em tribos...

Sábias **famílias** das tribos que se mostram em **imagens** para dizer **o que são...** e **quem são...**

Tribos que se mostram como **famílias** em muitas **formas...** mas que não admitem **fôrmas...** **tribos que arquitetam paixões para se mostrarem em famílias do coração...**

Não é à toa que trazem esta imagem...**coração...** é o centro da circulação... do viver e do conviver... o que pulsa... e impulsiona... sede de sensibilidade... que é afeição... com todas as suas nuances de amor e ódio... raiva e simpatia... que é sede e tem sede de prazer.

Tribos que também trazem seu mundo, **suas imagens de ser família saudável...** Mas atenção!!!... Para entrar neste mundo imaginal é preciso passaporte...

É preciso ter condições de viver... ter comida... ter casa... ter dinheiro... É preciso a natureza... a educação... o lazer...a música...o lúcido lúdico...

As famílias colocam o ser saudável na condicional: **é preciso sentir...** ter sentimentos... **fazer o que se gosta...**

Tribos que, em suas **imagens**, trazem não a maneira de ser família saudável... mas uma maneira: a sua...estando com o outro... comendo com o outro... mas também querendo estar sozinho...até para ver que quer estar junto...mudando de direção... na diversão... recreando-se e recriando-se... oxigenando o seu viver com prazer de fazer o que se gosta... descobrindo o prazer das pequenas coisas... fazendo parceria com a natureza... mostrando os animais como família nos seus arranjos de afeto... a casa do seu jeito... mas com jeito de casa... colocando o dinheiro na sua relativa exata medida: a que lhe possibilite o prazer de viver... e assim também o trabalho... mas este precisando ser aquele que realize,... que faz sentir-se bem...

Tribos que fazem **ascender mitos**, mas também os reservam a **queda...** Mas os mitos precisam existir...

Tribos que, em suas imagens, nos dizem que ter **problemas** não inviabiliza o **ser família saudável**.

Tribos que nos alertam que, na sua **maneira de ser família saudável**, o **perfeito** é de cada um,... mas que pode ser uma doença... e que administrar a falta pode ser um caminho.

Tribos que sinalizam que as **diferenças** habitam o seu viver e que a **família saudável pode ter conflitos também...**

Tribos cujas **imagens** nos mostram que **ser família saudável é a busca do que nos faz sentir bem, do sentir-se livre, feliz, do fazer o que se gosta, do sentir prazer... prazer de estar com o outro... contribuindo com o outro e consigo mesmo, que se relativizam no aqui e agora!**

Tribos que, com suas imagens, colocam que a **saúde é parte de ser saudável** e que esta é **uma maneira de viver... uma maneira de ser família saudável**.

Isto nos permite **afirmar ainda e sempre provisoriamente** que existe uma imagem de ser família saudável que as famílias constroem ao longo de todas as suas interações do seu processo de viver. Isto é, por seus significados, por suas crenças e seus valores, seus símbolos, suas imaginações, pela definição de situação que eles têm, pelo outro que lhe é significativo, pelo seu (s) grupo(s) de referência; por seus laços de afeto, enfim, pelo seu *mundo imaginal* no cotidiano destes tempos pós-modernos.

Isto é fortemente respaldado quando as famílias nos respondem "**De onde vem a imagem de ser família saudável?**", pois aí elas testemunham os elementos do mundo imaginal.

Em outro momento⁴⁷⁷, identificamos alguns compromissos éticos, já no projeto desta pesquisa, que agora trago para discutir este processo. O primeiro compromisso identificado é *o estar em sintonia com as necessidades e avanços, problemas, enfim a realidade das pessoas, dos grupos, da comunidade, da nação e do mundo*. O segundo compromisso destacado seria o de *buscar respostas aos problemas e desejos, ou seja, criar, desenvolver e organizar conhecimentos e tecnologias para promover a melhoria da qualidade de vida e saúde das pessoas, dos grupos, das instituições, da nação*

⁴⁷⁷ CAPONI, Sandra, ELSÉN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. Projetos de apoio à convivência familiar e comunitária: um compromisso ético da universidade. In: III Conferência Ibero-Americana sobre Família⁴⁷⁷, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (em fase de publicação)

e do mundo. Outro compromisso destacado é o de *oferecer oportunidades para o desenvolvimento integral do homem, comprometido consigo próprio e com a comunidade.*

Compreendo que ao buscar o mundo imaginal das famílias, no seu cotidiano, entendendo a ciência enquanto “razão sensível”, numa perspectiva interacionista, através de uma metodologia qualitativa, entra-se em sintonia com toda a sua realidade, por mais paradoxal que possa parecer. Adota-se o ponto de vista do outro, ou seja, das famílias, conhecendo-se sua rede de interações, suas necessidades, problemas, desejos, a partir de sua própria percepção, práticas e conhecimentos nas diferentes situações do seu processo de viver e ser saudável. Ao relevar a pós-modernidade, coloca-se esta sintonia numa perspectiva, sobretudo contextual.

Este “estar em sintonia” pressupõe um “inserir-se no próprio ambiente em que se desenrola a vida dos cidadãos e das famílias, pois o próprio ambiente da vida é o melhor “laboratório de ação e treinamento”. Uma população quase sempre traz consigo uma tradição e um modo de viver, sobreviver e atuar no ambiente em que ele vive” e, entrar em sintonia com isto tudo exercita o descobrimento do fato do que Cassimiro & Gonçalves⁴⁷⁸ chamam da “interdependência dos indivíduos entre si no jogo da vida em comunidade”.

Ao buscar o mundo imaginal de ser família saudável poderemos conhecer a sua visão não só do que é ser saudável, mas também o que é uma melhor qualidade de vida de acordo com seu próprio olhar e compreensão, possibilitando assim desenvolvermos conhecimento e tecnologias balizados pelos interesses, anseios e problemas das famílias no seu cotidiano nestes tempos pós-modernos.

Fazendo-se a ressalva de que a incompletude faz parte da essência da vida. Através do processo de pesquisa desenvolvido, foi possível *oferecer oportunidades para o desenvolvimento “integral” do ser humano, comprometido consigo próprio e com a comunidade.* Um exemplo disto, são as oficinas desenvolvidas, onde pode-se identificar a possibilidade de se colocar, de pensar sobre o seu viver, e o ser saudável.

⁴⁷⁸ Cassimiro & Gonçalves, apud CAPONI, Sandra, ELSÉN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. Projetos de apoio à convivência familiar e comunitária: um compromisso ético da universidade. In: III Conferência Ibero-Americana sobre Família⁴⁷⁸, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (em fase de publicação)

vel, onde se pode ouvir e ser ouvido, enfim onde se pode compartilhar o seu mundo imaginal com o dos outros.

Um último compromisso a ser trazido é *o socializar o saber, ou seja, compartilhar saberes com as pessoas, os grupos, a comunidade e a nação*. Sendo que este aspecto pode ser contemplado durante todo o processo de pesquisa, destacando-se o momento da divulgação não só às famílias como à comunidade na qual estou interagindo enquanto pesquisadora.

Nós, como profissionais de saúde, também temos a nossa compreensão de saúde, uma imagem de ser saudável que foi construída durante toda a nossa existência a partir de nosso interagir com o mundo. Chegamos até a desenvolver conceitos e noções de saúde que, muitas vezes, traduzem nosso ideal de viver, nosso imaginário, talvez uma vida até perfeita demais para alguém na condição de ser humano atingir,...frustando-nos a todo momento pois fica difícil encontrar este ser saudável,... que nós criamos através de imagens...

Além disto, não podemos esquecer que as interações na área da saúde são todo o tempo mediadas pelas nossas próprias imagens, ou seja, o profissional de saúde tem uma imagem para as outras pessoas e vice-versa, que nem sempre coincide com a imagem que temos de nós próprios...É o nosso mundo a todo momento entrando em conflito com outros mundos...Por isto, proponho compartilhar estes mundos, o meu ser saudável com o ser saudável do outro. Isto porque não podemos esquecer que não somos soberanos no cuidado de saúde. Cada família é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de seu próprio cuidado de saúde. Cuidado este que demanda o profissional híbrido, o inter-transdisciplinar, sendo as próprias famílias também disciplinas. Assim, somos co-atores e autores neste processo! Não quero com isto, fazer uma proposta de homogeneizar as coisas, mas de harmonizar as coisas...Quem sabe uma harmonia conflitual...

Quando propus buscar o mundo imaginal de ser família saudável, é preciso que fique bem claro que ao mostrar uma maneira de ser família saudável, não pretendia propor fórmulas ou medidas, como se isso pudesse ser controlado, ou até domesticado. Pensando bem, eu propus um caminho sim, o de dar voz ao mundo imaginal das famílias que nos disse a todo momento que um caminho de ser saudável é o caminho de buscar o seu prazer, aquilo que se gosta, arquitetar paixões, sendo e estan-

do com.. E isso não pode ser medido, nem controlado; está dentro de cada um, em cada rede de interações, mostrando-se de plurais formas, ordenadas na sua peculiar desordem. É a liberdade da singular complexidade que resiste, persiste, insiste, existe.

“é necessário, para que uma sociedade se reconheça como tal, que ela possa por em ação a desordem das paixões”

*Michel Maffesoli*⁴⁷⁹

Maffesoli⁴⁸⁰ defende que existe uma “*lógica passional, dando vida, ontem e sempre, ao corpo social*”, Algumas Famílias das Tribos da Lagoa confirmam isto ao mostrarem a construção da **família do coração**.

Fala-se muito em *Novas Famílias*. Livros são dedicados a elas, seja por organizações de interesse econômico, de ajuda a crianças e adolescentes⁴⁸¹, seja por grupos de interesse acadêmico⁴⁸². Revistas populares dedicam diversos artigos a elas, como “*Novas famílias: casais gays mostram seus filhos*”⁴⁸³. Pergunto se realmente são novas famílias, ou se sempre existiram, e o que mudou é que agora não se permitem mais reprimir o seu prazer, trazendo à luz a sua arquitetura de paixões. É bem verdade que hoje se vê um número maior, como também a população do planeta cresce a cada dia. O fato é que não se pode mais negar sua existência.

É possível que as “Gays-famílias”⁴⁸⁴, como foram chamadas, tenham se cansado de serem consideradas como “uma perda necessária a toda vida social”⁴⁸⁵, por não atenderem a determinadas convenções policiadoras e dominantes, que querem tipificar até o próprio sexo, e são temerosas da criatividade do ser humano em vi-

⁴⁷⁹ MAFFESOLI, M. A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal. 1985. p. 23.

⁴⁸⁰ MAFFESOLI, M. A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal. 1985. p. 15

⁴⁸¹ LANGOUËT, Gabriel. Les "nouvelles familles en France": l'état de l'enfance en France. Paris-França: Hachette, 1998. 224p

⁴⁸² LEMAIRE, Jacques; MOULIN, Madeleine e VAN de MEULEBROEKE, Marthe. Les nouvelles familles. Bruxelles-Bélgica: Editions de l'Université de Bruxelles, 1996. 178p.

⁴⁸³ ALBUQUERQUE, Lina e SILVA, Carlos Eduardo da. “Filhos de Quatro Patas”. Marie Claire, 68, nov 1996p. 107-112p.

⁴⁸⁴ ALBUQUERQUE, Lina e SILVA, Carlos Eduardo da. “Filhos de Quatro Patas”. Marie Claire, 68, nov 1996p. 107-112p.

ver, pois são tantas as possibilidades de arquitetar formas de viver que fica difícil controlá-las.

Pode-se concordar quando dizem que os homossexuais, junto com outras figuras como o celibatário, são consideradas “fermento de desordem no edifício familiar”, sendo, entretanto, com sua própria desordem relativa um fermento para edificar uma outra família, mas sendo sempre uma família, a sua, a que lhe dá prazer e afeto, e é assim que eles são sim, “alegres-famílias”.

Quando uma outra forma de ser família emerge é até possível que, ao denominá-la seja **colocada à margem, fora do centro do instituído**. Até como um desvio, como a *Excêntrica Família de Antônia*, o filme holandês, dirigido por Hans Broers, tendo Willeke Van Ammelrody como atriz principal, que ganhou o Oscar de 1996.

Entretanto, o premiado filme nos premia, ao mostrar, através de sua competente hiper-racionalidade, **o instituinte da harmonia conflitual daqueles que, não satisfeitos com o instituído, resistem e insistem, buscando o sentir-se bem, o fazer o que se gosta, arquitetando afetos, e assim construindo a família do coração**.

Se família tem recebido, com ênfase cada vez maior, a atribuição de suprir as necessidades relacionais de seus membros. Não é de se admirar que a família se **trans-forme**, ou seja, mude a forma a cada momento, podendo esta ser até a do coração. Todavia, uma coisa salta aos nossos olhos é a procura do se sentir bem e do prazer que dá os novos contornos às famílias. Talvez possamos até dizer que a sigla **TFP**, continue a mesma. Entretanto, a **Tradição, Família e Propriedade** agora assume novas formas, apresentada por **Tenha Família com Prazer**.

Se o prazer e o sentir-se bem foram apresentados por **Algumas Famílias das Tribos da Lagoa** como fundamentais na construção do seu ser família saudável, pode-se afirmar que os laços de afeto, a arquitetura das paixões, expressos na família do coração podem ser um caminho...Palavra de tribo!.. Ou melhor, imagens de Tribos!

⁴⁸⁵ MAFFESOLI, M. A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal. 1985. p. 40 e 70.

IX - A BAGAGEM REFERENCIADA

BIBLIOGRAFICAMENTE

- AKOUN, André. Modernité et pós-modernité. **Sociétés: revue des sciences humaines et sociales**. Montrouge Cedex, França), n. 48, p.147-149, 1995.
- ALBUQUERQUE, Lina e SILVA, Carlos Eduardo da. Filhos de Quatro Patas. **Marie Claire**, v. 68, p. 77-86, nov 1996.
- ARNT, Héris. Estilo estético, uma maneira de estar no mundo. **LOGOS: comunicação e universidade - homenagem à Michel Maffesoli**. Rio de Janeiro: UERJ (Faculdade de Comunicação), Ano 4, n. 6, p. 31, 1997.
- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964. 882 p.
- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1986, apud MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1992. 269 p. p.110.
- BARRETO, A. Família, loucura e cultura. **Revista Família**, Fortaleza, v. 2, n. 1. p. 61-70. 1987.
- BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1992. 207p.
- BERLINGUER, Giovanni. **Ética della salute**. Milano: EST, 1997.
- BOEHS, Astrid Eggert. **Prática do cuidado ao recém-nascido e sua família, baseado na teoria transcultural de Leininger e na teoria de desenvolvimento da família**. Florianópolis: UFSC, 1990. 188p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.
- BOFF, Leonardo. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998. 174 p.
- BOMAR, P.J. **Perspectives on family health promotion**. Family Community Health, v.12, n.4, p.1-11, 1990.
- BOWLBY, J. **Formação e comprimento dos laços afetivos**. São Paulo: M. Fontes, 1982. 165p. (Psicologia e pedagogia).
- CABRAL, Ivone E. e TIRREL, Maria Antonieta R. O objeto de estudo e a abordagem de pesquisa qualitativa na enfermagem. In GAUTHIER, Jacques Henri Maurice; CABRAL, Ivone Evangelista; SANTOS, Iraci dos e TAVARES, Cláudia Mara de Melo. **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1998. 302p. p. 19.
- CABRAL, Ivone E. O método criativo e sensível: alternativa de pesquisa em enfermagem. In GAUTHIER, Jacques Henri Maurice; CABRAL, Ivone Evangelista; SANTOS, Iraci dos e TAVARES, Cláudia Mara de Melo. **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1998. 302p. p.177-206..
- CALIGARIS, Contardo. Ter família é bem melhor do que casar. **Folha de São Paulo**. 20 de setembro, 1998. Especial A: família, p. 7.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996. 256p.

- CARTANA, Maria do Horto Fontoura. **Rede e suporte social das famílias**. Florianópolis: UFSC, 1988. 157p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade de Santa Catarina, 1988.
- CASSIMIRO & GONÇALVES, apud CAPONI, Sandra, ELSSEN, Ingrid & NITSCHKE, Rosane G. **Projetos de apoio à convivência familiar e comunitária: um compromisso ético da universidade**. In: III Conferência Ibero-Americana sobre Família, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (em fase de publicação)
- CATHUS, Olivier. Tribus rock: la communion. **Societes: Revue des Sciences Humaines et Sociales**. Paris, n. 22, 28-31, mars., 1989.
- CODO, Wanderley; SAMPAIO, José Jackson Coelho e HITOMI, Alberto Haruyoshi. **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1993. 280p.
- COELHO, Teixeira. **Moderno pós-moderno**. 2ªed. Porto Alegre: L & PM Editores, 1986. 175p.
- Combate À Fome e pela Vida. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. **Jornal da Ciência Hoje**. Rio de Janeiro. ano IX. n. 326. ago 95.
- CONY, Luis Heitor. O mundo entra em casa. **Folha de São Paulo**. 20 de setembro, 1998. Especial A: família, p. 12.
- CREMA, Roberto. **Saúde e plenitude: um caminho para o ser**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1995. 269p.
- . **Paradigmas do cuidar numa sociedade em transformação. 50º Congresso Brasileiro de Enfermagem**. Salvador. 1998. (informação verbal)
- CURRAN, D. Traits of a Healthy Family in Minneapolis. Winston Press. In: BOMAR, P.J. **Perspectives on family health promotion. Family e community Health**, v. 12, n. 4, p.1-11, 1990.
- CUSTÓDIO, Gleide, HENCKEMAIER, Luizita, CANALI, N. **Assistindo a mulher no ciclo grávido puerperal dentro de uma abordagem familiar**. Trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC (mimeografado), 1992.
- DELANEY, L. Assessment: data collection of the family client. In: GRIFFITH-KENNEY, J.W. e CRISTENSEN, P.J. **Nursing process: application of theories, frameworks and models**. St. Louis: C.V. Mosby, 1986. p.87-99.
- DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza(org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. 80p.
- DIGNAN, M.; BAHNSON, J.; SHARP, P.; BEAL, P.; SMITH, M; MICHIELUTTE, R. Implementation of mass media community health education. **Health Education Research**, v. 6, n. 3, p. 259-266. 1991
- DURAND, Gilbert. Les structures anthropologiques de l'imaginaire. Paris: Bordas, 1969. 550p.
- . **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988. 114p.
- . **L'imaginaire: essai sur les sciences et la philosophie de l'image**. Paris: Hatier, 1994. 80p.
- DUVALL, E.M. Family development. Philadelphia: Lippincott Company, 1957. In: NYE, F.I. e BERARDO, F.M. (ed.). **Emerging conceptual frameworks in family analyses**. New York: Praeger Publisher, 1981.

- ECKERT, Elisabeta Roseli; HENSE, Denise S. S. e PENNA, Cláudia Maria de Matos. **A família buscando saúde: um estudo sobre o conhecimento e utilização dos recursos existentes em sua comunidade**. Projeto de pesquisa. Florianópolis, UFSC / GAPEFAM, 1991 (mimeo.).
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ELSEN, Ingrid. **Concepts of health and illness and related behaviors among families living in a Brazilian fishing village**. San Francisco: University of California, 1984. Tese (Doutorado em Ciência da Enfermagem), University of California, 1984.
- . **Disciplina Métodos Qualitativos**. Curso de Mestrado em Enfermagem da UFSC, Florianópolis, 1988 (informação verbal).
- . **Pesquisa de Campo: aula da Disciplina Tópicos Especiais do Curso de Doutorado em Filosofia de Enfermagem**. Florianópolis.13/10/93. (informação verbal)
- ELSEN, Ingrid; HENSE, Denise S. S. e ECKERT, Elisabeta Roseli. Buscando uma compreensão do conceito de "criança saudável". In: **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 1, n. 2, jul./ dez. 1992, p. 20 - 36.
- ELSEN, Ingrid e NITSCHKE, Rosane G. Pós-graduação, pesquisa e ética: um tema acima de qualquer questionamento? **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p.7-19, jan./ jun. 1994.
- ERDMANN, Alacoque Lorenzini. **Sistema de cuidados de enfermagem**. Pelotas:Universitária/UFPel, 1996.
- FANAROFF, A. A. e MARTIN, R. J. Behrman **Enfermedades del feto y dell recién nacido**. 3.ed. Buenos Aires: Medica Panamericana, 1985.
- FERNANDES, Francisco. **Dicionário brasileiro contemporâneo**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1967. 1143p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 536p.
- FLEURY, Sônia.(org) **Saúde coletiva para todos? Questionando a onipotência do social**,. Rio: Relume- Dumara
- FRANZ, M. L. A ciência e o inconsciente. In: JUNG, Carl G.. **O homem e seus símbolos**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 308.
- GAUTHIER, Jacques Henri Maurice; CABRAL, Ivone Evangelista; SANTOS, Iraci dos e TAVARES, Cláudia Mara de Melo. **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1998. 302p.
- GELAIN, Ivo. **O significado do "ethos" e da consciência ética do enfermeiro em suas relações de trabalho**. São Paulo: USP. 1991. 147p. Tese (doutorado) Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 1991.
- GELLES, R.J e CORNELL, C.P. Intimate violence in families. Beverly Hills: Sage, 1985. 160p. p.119-125. (Family Studies text series; 2)
- GERSHWIN, Madeleine W. e NILSEN, Janet M. Healthy families. In: GILLIS, Catherine L.; HIGHLEY, Betty L.; ROBERTS, Brenda M.; MARTINSON, Ida M.. **Toward a science of family nursing**. California: Addison-Wesley, 1989. 501p. p.79
- GHIORZI, Angela R. **Projeto de assistência de enfermagem de saúde pública no processo saúde-doença na família**. Florianópolis: 1988. Projeto de dissertação de mestrado em enfermagem da UFSC.

- GILLIS, Catherine L. Why family health care? In: GILLIS, Catherine L.; HIGHLEY, Betty L.; ROBERTS, Brenda M.; MARTINSON, Ida M.. **Toward a science of family nursing**. California: Addison-Wesley, 1989. 501 p. p.3-7.
- GILLIS, Catherine L.; HIGHLEY, Betty L.; ROBERTS, Brenda M.; MARTINSON, Ida M.. **Toward a science of family nursing**. California: Addison-Wesley, 1989. 501p.
- GILLIS, Catherine L.; ROBERTS, Brenda M.; HIGHLEY, Betty L.; MARTINSON, Ida M.. What is family nursing? In: GILLIS, Catherine L. Why family health care? In: GILLIS, Catherine L.; HIGHLEY, Betty L.; ROBERTS, Brenda M.; MARTINSON, Ida M.. **Toward a science of family nursing**. California: Addison-Wesley, 1989. 501 p. p.64-63.
- GROTOVSKI, K. J. **Em busca de um teatro pobre**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1987. p.217.
- GULLO, Carla e BRISSAC, Chantal. Famílias coloridas. In: **Isto é**. São Paulo: Editora Três.. 21/08/96. p.52 - 54.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1987. 224p.
- HARE-MUSTING, R. T. Discourses in the mirrored room: a postmodern analysis of therapy. **Family process**, v. 33. Mar. p. 21. Projeto de pesquisa.
- HARRIS, M. B.; HARRIS, R. J.; DAVIS, S.M. Ethnic and gender differences in south western student's sources of information about health. **Health Education Research**, 6/1. 1991, p. 31-42.
- HARTMAN. S. Preparing modern nurse for postmodern families. **Holistic Nursing Practice**. vol. 9, n. 4, July 1995.
- HENCKMAIER, Luizita. **Cuidando da família hospitalizada: uma abordagem transcultural**. Florianópolis. UFSC. 1997 Relatório da prática assistencial. Curso de Mestrado em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da USFC. (mimeo).
- HENSE, Denise S. S., GONÇALVES, Francisca A., MARIOT, Gleide. **Compreendendo o conceito de saúde de crianças de comunidades marginalizadas**. Florianópolis. UFSC/GAPEFAM, 1992. (mimeo)
- HILL, R. e HANSEN, D. The identification of conceptual frameworks utilized in family study. **Marriage and Family Living**. v. 22, p. 299-316, nov 1960.
- III CONFERÊNCIA IBERO-AMERICANA SOBRE FAMÍLIA**, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p. (Programa)
- JUNG, Carl G.. **O homem e seus símbolos**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. 316p.
- KALOUSTIAN, Sílvio Manoug. **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo, Cortez; Brasília: UNICEF, 1994.
- KANT, Emmanuel. Antropologie, du point de vue pragmatique. **Societes: Revue des Sciences Humaines et Sociales**. Paris, v. 2, n. 1, 3-4, nov., 1985.
- KING, Imogenes. **A theory for nursing - systems, concepts, process**. New York: John Wiley e Sons, 1981. 161p.
- KLAUS, M.H. e KENNEL, J. Care of the parents. In: KLAUS, M.J. e FANAROFF, A.A. **Care of the high-risk neonate**. 2. ed. Philadelphia: W.B. Saunders, 1979. p.146-172.
- KLAUS, M.J. e FANAROFF, A.A. **Care of the high-risk neonate**. 2. ed. Philadelphia: W.B. Saunders, 1979.

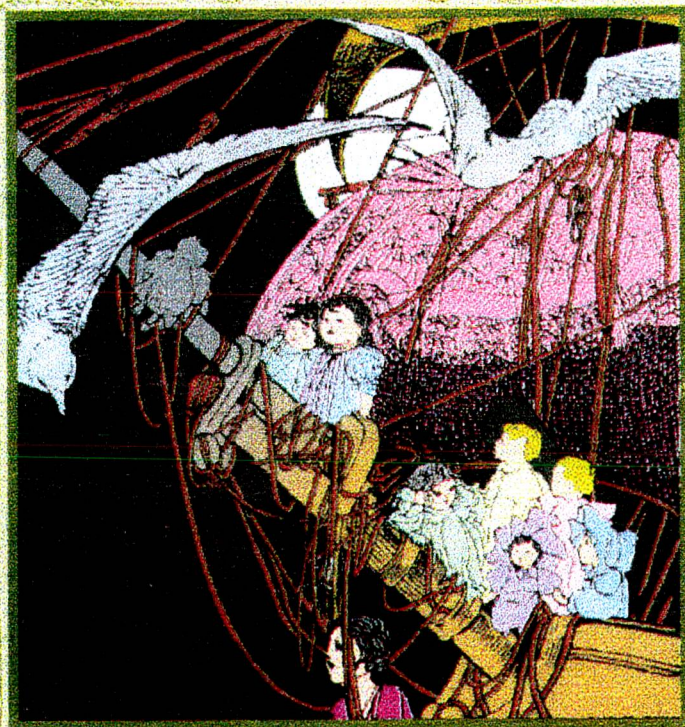
- LANGOUËT, Gabriel. **Les "nouvelles familles en France": l'état de l'enfance en France**. Paris-França: Hachette, 1998. 224p.
- LAROUSSE: **Dictionnaire français-portugais; portugês-francês**. Paris. Larousse. s/d.
- LEININGER, Madeleine M.. Teoria do cuidado transcultural: diversidade e universalidade. In: **Simpósio Brasileiro de Teorias de Enfermagem**, 1, 1985, Florianópolis. Anais... Florianópolis, UFSC, 1985.p. 255-276.
- . **Culture care diversity and universality: a theory of nursing**. New York: National League for Nursing Press, 1991. 432p.
- LEITE, Marcelo. Ter família é bem melhor do que casar. In: **Folha de São Paulo**. 20 de setembro, 1998. Especial A: família, p. 7.
- LEMAIRE, Jacques; MOULIN, Madeleine e VAN de MEULEBROEKE, Marthe. **Les nouvelles familles**. Bruxelles-Bélgica: Editions de l'Université de Bruxelles, 1996. 178p.
- LEONARD, B. Crescimento e desenvolvimento das famílias. In: ATKINSON, L.D. e MURRAY, M.E. **Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989. p.203-209.
- LINDSAY, Bruce. **The child and the family: contemporary nursing issues in child health and care**. London: Baillière Tindall, 1994.
- . Influencing development: the media. In: LINDSAY, Bruce. **The child and the family: contemporary nursing issues in child health and care**. London: Baillière Tindall, 1994. p.41-61
- LOWEN, Alexander. **Prazer: uma abordagem criativa da vida**. São Paulo: Summus, 1984., apud PATRÍCIO, Zuleica Maria. A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. Florianópolis: UFSC, 1995, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.
- LUDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- LYOTARD, Jean-François. **La condition postmoderne**. Paris: Les Editions de Minuit, 1979. 109 p.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- . **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Graal. 1985.
- . La table, lieu de communication. **Societes: Revue des Sciences Humaines et Sociales**. Paris, v. 2, n. 1, 7-8, nov., 1985.
- . A superação do indivíduo. **Revista da Faculdade de Educação**, 12 (1/2): 325-353, 1986.
- . **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- . **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- . **Aux creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique**. Paris, Plon, 1990.
- . **La contemplation du monde**. Paris: Grasset, 1993. 236p.
- . **Seminário Le Monde Imaginal**. SORBONNE. Paris V. Paris, nov. 94 a jun. 95. (Informação verbal)
- . **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

- . . Da razão abstrata à razão sensível. **Seminário do Curso Espaços Culturais e Formas de Comunicação**. Faculdade de Ciências Sociais - Université René Descartes - SORBONNE - Paris V - 17/01/95. (informação verbal).
- . . **A tecnosocialidade como fator de laço social**. Palestra no Curso de Pós-Graduação em Jornalismo da PUC- Porto Alegre -RS. em 16 de outubro de 1996. (informação verbal).
- . . **Le mystère de la conjonction**. Paris: Fata Mosgana, 1997. 140p.
- . . **O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão**. Lisboa: Vega, s/d. 198p.
- MANCIAUX, M. A saúde da família. A saúde do mundo: A Revista de Organização Mundial da Saúde, Genebra, p. 4-9, ago./set. 1975.
- MALINOWSKI, B. "Objeto, método e alcance desta pesquisa". Desvendando máscaras sociais". Rio de Janeiro: Ed. Livraria Francisco Alves, 1975, p.55, in: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1992. 269p. p.137.
- MALUF, Sônia. **Encontros noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. 187p.
- MARCON, Sonia Silva. **Criar os filhos: experiências de famílias de três gerações**. Florianópolis: UFSC, 1998. 283p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- MEAD, George. **Espíritu, persona y sociedad**. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Paidas, 1972. 393p.
- MELEIS, Afaf I. Ser e tornar-se saudável: o âmago do conhecimento de enfermagem. **Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis**, v. 1, n. 2, jul. / dez. p. 36-55. 1992.
- MERCER, Ramona T. Theoretical perspectives on the family. In: GILLIS, Catherine L.; HIGHLEY, Betty L.; ROBERTS, Brenda M.; MARTINSON, Ida M.. *Toward a science of family nursing*. California: Addison-Wesley, 1989. 501p. p.9-36.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1992. 269p.
- . . Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza(org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. 80p. p. 9-29.
- MONTICELLI, Marisa. **Nascimento como um rito de passagem: abordagem para o cuidado às mulheres e recém-nascidos**. São Paulo: Robe Editorial, 1997. 345p.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 741p.
- MORIN, Edgar. **O método: 4 - as idéias, habitat, vida, costumes, organização**. Porto alegre: Sulina, 1998. 288p.
- MOSCOVICI, Serge. **A máquina de fazer deuses**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990. 402p.
- MURPHY, M.N. e BRECHENRIOGE, M.E. **Crecimiento y desarrollo del niño**. 8. ed. Mexico: Interamericana, 1973. 502p.
- NASCIMENTO, Paulo César. Democracia e saúde: uma perspectiva arendtiana. In: FEURY, Sônia.(org) **Saúde coletiva para todos? questionando a onipotência do social**. Rio: Relume- Dumara p. 189.

- NASCIMENTO, E. S. **O cotidiano em saúde-doença de crianças escolares.** São Paulo. Faculdade de Educação da USP, 1993. 141p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da USP, 1993.
- NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza(org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994. 80p. p. 57.
- NIETZSCHE, Friedrich. Wilhelm. **A Gaia Ciência.** São Paulo: Ediouro: Grupo Coquetel. s./d.
- NITSCHKE, Rosane Gonçalves. **Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável.** Florianópolis: UFSC, 1991, 313p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.
- . (coord.) . **Projeto Ninho: criando um espaço para assistir transdisciplinarmente a família.** Florianópolis. 1996. Relatório anual de projeto de extensão. UFSC. (mimeo).
- NITSCHKE, Rosane Gonçalves, MORAIS, E. P. , PFEIFFER , S., e ELSSEN, Ingrid. Família saudável: um estudo sobre o conceito e sua aplicabilidade na assistência. **Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis**, v. 1, n. 2, jul./ dez. p. 152-166. 1992.
- NYE, F.I. e BERARDO, F.M. **Emerging conceptual frameworks in family analysis.** New York: Praeger, 1981. 332p.
- NORRIS, Catherine M. **Prazer primitivo como condição humana básica.** (S.l.), 1985.
- Oficina. **Seminários do Projeto Ninho.** Florianópolis. UFSC.1996 (mimeo.)
- PATRÍCIO, Zuleica Maria. **A prática do cuidar/cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfermagem de enfoque sócio-cultural.** Florianópolis: UFSC, 1990. 302p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1990
- . **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica.** Florianópolis: UFSC, 1995, 215 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.
- PENNA, Cláudia M. M. **Família saudável: uma análise conceitual.** In: **Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis**, v. 1, n. 2, jul./ dez. p. 89-99. 1992.
- . **Necessidades... uma discussão acerca de saúde e moradia.** **Cadernos de Enfermagem, PUC-MG, Belo Horizonte**, v.1, n.2, p.67-77, out. 1993
- . **O ser saudável no cotidiano das favelas.** Florianópolis. UFSC. 1996. 151 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina. 1996.
- PITTA, Áurea M. da Rocha. **Saúde & comunicação: visibilidades e silêncios.** São Paulo. HUCITEC-ABRASCO, 1995. 293p.
- PLURIMIDIA EM SAUDE** - Projeto da Pós-Graduação do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.
- POPPER, Karl et CONDRY, John. **La télévision: un danger pour la démocratie.** Paris, Anatolia, 1994. 95p.
- PRADO, Danda. **O que é família.** São Paulo: Brasiliense, 1985. 95p.

- PRATT, L. Family structure and effective health behavior. Boston: Houghton-Mifflin, 1976. In: GILLIS, Catherine L.; HIGHLEY, Betty L.; ROBERTS, Brenda M.; MARTINSON, Ida M. **Toward a science of family nursing**. California: Addison-Wesley, 1989. 501p.
- QUEIROZ, Jean Manuel e ZIOTKOVSKI, Marek. **L'interactionnisme symbolique**. Rennes (França): Presses Universitaires de Rennes, 1994. 140p.
- QUINTANA, Mário. **Prosa e verso**. 6. ed. São Paulo: Globo, 1989. 152p.
- . **Da preguiça como método de trabalho**. 3. ed. São Paulo: Globo, 1994. 162p.
- REZENDE, Ana Lúcia Magela **A sedução dos mitos de saúde/doença na telenovela**. São Paulo, Faculdade de Educação, USP, 1991. 289 p.(tese de doutorado)
- . Pós-modernidade: o vitalismo no "chaos". **Plural**, v. 3, n.4., jan-jul., p.10. Florianópolis. 1993.
- . **Aulas da disciplina QUOTIDIANO II**. do Curso de Doutorado em Filosofia de Enfermagem, do Departamento de Enfermagem de UFSC,1993.(informação verbal).
- RIBEIRO, Ivete. **A enfermagem assistindo à família mal-tratante através da interação**. Florianópolis: UFSC, 1990. 294p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.
- RISNER, P.B. Diagnostic Statements. In: GRIFFITH-KENNEY, J.W. e CRISTENSEN, P.J. **Nursing process: application of theories, frameworks and models**. St. Louis: C.V. Mosby, 1986. p. 151-166.
- RISNER, S. J. The era of the patient: using the experience of illness in shaping the mission of the health care. **JAMA**, v. 269 n. 8, Feb., p.1012, 1993.
- ROGERS, M.E. Science of unitary humans beings. A paradigm for nursing. New York: Wiley, 1983. In: GILLIS, C.L. et al. **Toward a science of family nursing**. California: Addison-Wesley, 1984. p.204.
- ROSE, A.M. A systematic summary of symbolic interaction theory. In: RIEHL, J.C. e ROY, C. (ed.). **Conceptual models for nursing practice**. 2. ed. New York: Appleton-Century-Crofts, 1980. p.38-50.
- ROSENKOETTER, Marlene M. Health promotion: the influence of pets on life patterns in the home. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. **Readings in family nursing**. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 300 e 304.
- ROUANET, Sérgio Paulo. e MAFFESOLI, Michel. **Moderno e Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural, 1994. 88p.
- ROWE, G.P. The developmental conceptual framework to the study of the family. In: NYE, F.I. e BERARDO, F.M. **Emerging conceptual frameworks in family analysis**. New York: Praeger, 1981. 332p. p.198-222.
- SANTANA, Judith Sena da S. **A creche sob a ótica da criança**. Feira de Santana: Egeba, 1998. 149 p.
- SANTANA, Maria da Glória. **O corpo dialético: significados e subjetividade**. Florianópolis: UFSC, 1998. Tese de Doutorado (Doutorado em Filosofia de Enfermagem), Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.
- SANTOS, Andréia, STUEPP, Mirtes Andreia & SAUCEDO, Tatiana. **Vivendo o processo do nascimento: cuidando do recém-nascido, puérpera e sua família inseridos num contexto cultural**. Florianópolis. UFSC. 1997. Trabalho (Conclusão do Curso de Graduação) Departamento de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina. 1997. (mimeo).

- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995. 348p.
- SANTOS, Iraci dos e CLOS, Araci Carmem. Pesquisa quantitativa e metodologia. In: GAUTHIER, Jacques Henri Maurice; CABRAL, Ivone Evangelista; SANTOS, Iraci dos e TAVARES, Cláudia Mara de Melo. **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro: Guanabara - Koogan, 1998. 302p. p.3.
- SATARIANO, Harry J. & BRIGGS, Nancy J. The good family syndrome. In: WEGNER, Gail D. & ALEXANDER, Rinda J. **Readings in family nursing**. Philadelphia: J, B, Lippincott Company. 1993. p. 288 - 290
- SAVATER, F. El contenido de la felicidad. Aguilar. Madrid, 1994, apud CAPONI, Sandra, ELSÉN, Ingrid e NITSCHKE, Rosane G. Projetos de apoio à convivência familiar e comunitária: um compromisso ético da universidade. In: **III Conferência Ibero-Americana sobre Família**, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, 24p.
- SCHATZMAN, Leonard e STRAUSS, Anselm. L. **Field research: strategies for a Natural Sociology**. New Jersey. Prentice-Hall, 1973.
- SCHVANEVELDT, J.D. The interactional framework in the study of the family. In: NYE, F.I. e BERARDO, F.M. **Emerging conceptual frameworks in family analysis**. New York: Praeger, 1981. 332p. p.97-129.
- SCWARTZ, M. & SCWARTZ, C. G. Problems in Participant Observation. **American Journal of Sociology**, v. 60 (January): 343-353. 1955
- SILVA, Juremir Machado da. **Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 1996. 302p.
- SOGGARD, A. J.; FONNEBO, V. Self-reported change in health behavior after a mass media-based health education campaign. **Journal's Psychologie**, v. 33, n. 2, p.125-134, 1992.
- SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais**. São Paulo: M. Fontes, 1979. 345p. (Psicologia e pedagogia)
- SPREY, J. Conflict theory and study of marriage and the family. In: **Contemporary theories about the family**. New York: The Free Press, 1979.
- TEIXEIRA, M.C.S. **Antropologia, cotidiano e educação**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- TOLEDO, José Roberto de. **Família tradicional perde espaço**. In: Folha de São Paulo. 20 de setembro, 1998. Especial A: família, p. 3..
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa nas ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. 175p.
- VAISTMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 203p.
- VATTIMO, Gianni. **La fin de la modernité: nihilisme et herméneutique dans la culture post-moderne**. Paris: Éditions du Seuil, 1985. 189p.
- WARAT, Luis Alberto. **Seminário sobre pós-modernidade**. Florianópolis. UFSC. 1997 (informação verbal)
- WATIER, Patrick. Réflexivité institutionnelle, modes de vie et modernité. **Sociétés: revue des sciences humaines et sociales**. Dunod Ed. Paris - Montrouge Cedex. n. 48. p. 133 - 145. 1995.



X - ANEXOS

"A TRIBO é um grupo de pessoas enlaçadas pelo amor. Dessa forma encontram formas de sobreviver, e dessa maneira a tribo exerce uma fascinação especial em uma sociedade carente de amor. A sociedade tolera as comunidades experimentais na medida em que pensa que elas somente dedicam-se a achar soluções para os problemas que nos colocam as proposições utópicas impraticáveis. Se não encontram as soluções práticas e concretas, terminarão por si mesmas. Se encontram as soluções, a sociedade tenta apoderar-se delas para as neutralizar.

A palavra tribo é aqui utilizada para descrever grupos de pessoas que se acham próximos aos grupos étnicos, que não chegaram a perder nunca sua relação com a terra, o sol, a lua, o vento, a água, o fogo, com o toque, a alegria, o prazer de conviver, de trocar as coisas primárias... Grupos cuja existência é o testamento de um certo tipo de natureza não artificial, que lida com a vida sem arrasá-la, buscando harmonia com a natureza das coisas. A tribo é um modo de fazer coisas divertidas e inteligentes juntos. Cada membro pretende o benefício e o bem estar de todos os membros. Uma comunidade onde os indivíduos não estão alienados uns dos outros. Movendo-se numa sociedade que morre de solidão e de seus terríveis efeitos - o amor artificial, a morte prematura por rivalidade ou inimizade, a morte por dinheiro, a morte por envenenamento do gás das indústrias e de nossas instituições e moralismos caducos - a tribo tem sobrevivido às forças opostas dos tempos graças à ajuda mútua. (...)

A influência da estrutura é forte e nós somos fracos. Mas nessa batalha vence o frágil, porque o forte está rígido e podre, mas os frágeis são flexíveis e estão vivos!!!"

do livro "The life of the theater" de Julian Beck

Anexo I – A Construção societal da realidade

I Encontro (1ª Oficina com famílias)

Resumo I

Ao chegar na creche, logo bateu um receio de que ninguém apareceria. O tempo estava um pouco assustador, raios e trovoadas e um vento que indicava chuva. Descemos do carro e logo apareceu o vigia, que abriu a porta para entrarmos. Logo depois chegou a “Violeta”, nos deu boas vindas e se mostrou preocupada, achando que não apareceria ninguém. Logo depois chegaram um pai e mais outra mãe.

Nós, estávamos montando os equipamentos e nos apresentando aos poucos às pessoas presentes. Depois de um tempo, chegaram mais duas jovens, mães. Quando a Rosane começou a apresentar, ou um pouco antes, chegou a Feiticeira para assistir a reunião. No início, Rosane conversou um pouco com o pessoal, expondo o que seria feito naquela noite, e explicou um pouco das atividades do projeto. As pessoas mostraram-se um pouco preocupadas com as visitas domiciliares, mas com o esclarecimento da Rosane, de que as visitas só seriam realizadas com a vontade deles, eles mostraram-se despreocupados.

O pessoal autorizou a gravação. Houve a apresentação das pessoas que estavam presentes.

As pessoas são gentis e o clima estava bem descontraído.

Rosane referiu: “Estamos aprendendo sobre a vida”. O que é para vocês família saudável? O mundo imaginal é tudo o que está dentro da gente. Qual a imagem de ser família saudável? Como trabalhar essa questão: oficinas, reuniões, visitas domiciliares. As pessoas terão direito de acesso sobre os registros. Rosane se comprometeu em trazer o retorno do projeto (resultados).

Todas as pessoas aceitaram a realização do projeto

“ – Eu acho ótimo! ”- referiu uma das participantes sentada na ponta. (Búzio).

“Para o próximo encontro, cada pessoa que está aqui traz um acompanhante!” sugeriu Violeta.

Rosane afirma que: O trabalho será desenvolvido, mesmo que seja com um grupo de pessoas pequeno.

Foi discutido a disponibilidade do grupo, ficou decidido que as reuniões seriam realizadas de 15 em 15 dias.

A oficina foi realizada e o tempo foi excedido.

O primeiro grupo se apresentou. Montou um painel com figuras e um pequeno texto. Fez uma ótima apresentação “Como ser uma família saudável? Ter boa alimentação, não ter problemas psicológicos. Diversão. Convívio familiar no dia-a-dia de nossa vida”. (Búzio, Pitanga e João de Barro)

Grupo II

QUAL A IMAGEM DE SER FAMÍLIA SAUDÁVEL?

“O fato de ser amado, ter capacidade amar, cuidar da mente e corpo com atos e pensamentos o mais positivo possível, saber ouvir, compreender, tolerar, e tendo pelo menos a maioria das condições de vida que aqui apresentamos nos faz crer que isto é ser uma família saudável” (Água-marinha, Azedo e Violeta)

A avaliação foi positiva e os participantes colocaram que a reunião foi muito interessante e útil.

Uma mãe sugeriu que as pessoas discutissem em casa, com suas famílias, a questão.

Uma das bolsistas referiu: “A minha avaliação foi muito positiva, fiquei surpresa com o conhecimento daquelas pessoas. Isso derruba a visão de que o profissional é o “dono do saber”. ”

Ao terminar a oficina, o Sr. Azedo acompanhou-me até o carro, retomando a discussão, dizendo que “a comida é muito importante, para a saúde, tem que ter comida”.

Coloquei-lhe que ele poderia continuar participando conosco das oficinas, pois seria importante e que, se ele quisesse e gostasse, poderia fazer uma visita domiciliar à sua família.

Resumo II

4-9-97

A oficina tem como início a coleta de dados de identificação. Professora inicia perguntando quem é a família da pessoa.

Água-marinha diz que sua família são todos: marido, filho, pais, cunhados....

João de Barro mostrou-se tímido frente às perguntas. Banana é bem simpática e receptiva.

Feita apresentação de todos os participantes.

Diretora ficou um pouco chateada com a pouca participação (afirma que gosta de todas as crianças, como se todos fossem seus filhos).

João de Barro agradeceu a apresentação do projeto.

Búzio veio especialmente para conhecer o projeto.

Água-marinha relatou que está bem ansiosa para conhecer o projeto, pois isso é indispensável ao projeto. Se interessa por tudo.

Exposição da Rosane iniciou às 19:35, colocando a proposta de estar junto, de compartilhar. Trabalhar junto para atingir qualidade de vida. Viu-se que faltava espaço para família, principalmente no hospital. Esse espaço, para discutir sobre sua vida. Daí o Projeto Ninho, espaço alternativo para aproveitar e discutir a partir da interação: oficina, reuniões para aprender, pensar, discutir, aprender sobre a vida.

No último trabalho na creche foram discutidas as relações humanas.

No momento, pretende-se conhecer as opiniões das pessoas para saber o que é família saudável (através do Projeto Ninho). Apresenta-se, então, a pergunta de pesquisa: *“Qual é o mundo imaginal de ser família saudável em tempo pós-modernos?”*

Rosane enfatiza que a família cuida de seus próprios membros, de sua família com base no que ela entende que é família ou saúde.

Participantes mostram expressão de curiosidade a respeito do projeto (Água-marinha pareceu estar mais atenta).

Explicado que se pode fazer visita domiciliar para as pessoas que quiserem.

João de Barro interrogou sobre quando poderiam ser feitas as visitas domiciliares (VD). Explicado que poderia ser feita quando a família quisesse. Parece interessado na VD, mas solicitando que fosse feita num sábado.

Rosane diz que a proposta pretende que as pessoas se sintam à vontade. Esclarece que o projeto poderá ser trazido de volta, rerepresentado e explicado, quando preciso.

Rosane destaca que, enquanto pesquisador, se deve ter um compromisso ético: pedir autorização, buscar conceitos de saúde, de desenvolvimento integral do ser humano, o que as pessoas querem buscar para melhorar qualidade de vida.

Mostra da poesia de Mário Quintana (despertar o mundo que está dentro de cada um).

Rosane colocou que se as pessoas aceitarem, iniciaria com a proposta de oficina.

Água-marinha achou ótimo.

Pitanga disse que precisa consultar seu marido (aceitou o trabalho hoje).

Rosane colocou que a visita será feita para quem quiser e que a visita não é pré-requisito para o trabalho, podendo só participar do grupo.

Os demais aceitaram.

Diretora sugeriu que na próxima oficina cada pessoa trouxesse um acompanhante e que estimulassem os outros a participar. Afirma que “quantidade não é qualidade”. Diretora está indignada com a pouca participação, diz que tem vergonha e está preocupada. Achava que pelo número reduzido, não continuaríamos o trabalho. Rosane explicou que com esta situação já era possível trabalhar.

Água-marinha demonstrou preocupação com exposição de fitas, filmes, máquina...

Rosane esclareceu que isto era para enriquecer a coleta de dados e que sigilo e anonimato seriam respeitados. Alertou que o material ficaria com ela mesma e, quando quisessem, teriam acesso. Rosane colocou a possibilidade de reuniões semanais/quinzenais. Explicou que cada reunião daria a direção ao próximo passo. Falou também que o trabalho iria até o final de novembro. As famílias aceitaram participar, havendo a sugestão de reuniões de 15 em 15 dias, às 19 horas, na terça ou quinta.

Iniciou-se a oficina propriamente dita às 20:00 horas. Demonstraram interesse.

Rosane explicou a estratégia. Formaram-se dois grupos: 1 grupo de 3 e outro de 2. Banana então propôs convidar o segurança para que os dois grupos tivessem 3 membros. Rosane concordou. Banana foi chamar o segurança, o senhor Azedo.

Parece que cada pessoa recortava a sua imagem de ser saudável. Não há muita discussão. Com o passar do tempo, o grupo foi se entrosando e discutindo mais a questão de ser saudável.

Pessoas pareciam se sentir à vontade; comeram chocolate, conversaram sobre vários assuntos (além daqueles relacionados com a atividade).

O segurança, também participou da reunião.

Iniciou-se a apresentação dos trabalhos de grupo.

Título 1: Como ser família saudável?

Passeio no parque com cachorro; diversão com amigos; junto com família e animais, alimentação; sozinho (pensando); tomando chope (distração). Alimentação farta; carro para passeio; criança (afeto da família, estaria em primeiro lugar); boa higiene.

Título 2:

Síntese das coisas que consideram básicas (alimentação, moradia... mais sentimentos); condições de fazer esporte para se sentir bem fisicamente; amar as pessoas que vivem a nosso redor e ser amado; manter pensamentos e atos mais dentro da comunidade (que é uma família); saber ouvir, tolerar, refletir, repartir; relacionamento com meio ambiente.

Iniciou-se a avaliação :

“Acho que foi pouco tempo para ver tudo. Retornar mais a essa questão: Alimentação da criança, amamentação”. (Búzio).

“Cada pessoa tem sua vida, seus pensamentos e cada um tem seu jeito de ter saúde” (Violeta).

Água-marinha contou uma história de uma criança doente.

Violeta mostra-se emocionada com situação das pessoas mais carentes. Indaga: “Que vida é essa? ”

Avaliação: interessante; divertido; gostaria de continuar; interessante; tempo curto; gostaram do tema; acreditam no trabalho; bom para expor; sentimentos e pensamento; troca de conhecimentos; importante ter grupo para doar e ganhar (informações, amizades...); ótimo o momento.

Azedo diz que não continuará o trabalho porque mora muito longe.

Agradecimento da presença.

Término: 20: 45 horas.

Nota: Ninguém consultou o relógio, mesmo tendo horário para pegar ônibus. Búzio sugeriu conversar com sua família sobre o que é ser saudável. Fazer encontro entre as famílias para discutir essas questões.

Notas Metodológicas (1)

É a primeira vez que trabalho em conjunto com outras pessoas para coletar e registrar dados de uma pesquisa. Anteriormente, o trabalho em conjunto ocorria em outras etapas como a análise.

Houve o problema do gravador não ter funcionado, o que indica necessidade de uma melhor “checagem” antes e durante os encontros.

Percebi algumas diferenças entre os registros, sendo agora importante integrá-los e “checá-los” em grupo.

Percebo que existe necessidade de maiores detalhes nos registros. Referindo quem diz o que.

Orientarei para que não escrevam na parte posterior da folha.

Revedo o que propus no projeto, penso que estou contemplando a proposta. Trabalhar com oficinas enquanto técnica de coleta de dados é algo novo para mim. É uma entrevista grupal, necessitando “ligar mais ainda os sentidos”, pois são vários ao mesmo tempo.

Penso para o próximo encontro partir do que foi colocado na avaliação “acho que foi pouco tempo para ver tudo. Retomar mais esta questão”.

Notas Metodológicas (2)

Assim na próxima oficina:

Partir dos cartazes e, se possível, avançar para o tema “o que interage, se relaciona com esta imagem de ser família saudável?” De onde vem esta idéia?

Propor reuniões semanais às 3ª feiras.

Notas Teóricas

04/09/97 – 19 às 20: 45 – Creche Oficina

Ao reler o trecho “Um ouvir...” quando se refere as “conversas informais dentro ou fora de cena e as entrevistas, o pesquisador deverá ouvir tudo”, lembrei-me

do momento em que o Azedo foi até o carro comigo falando que “a comida é muito importante para a saúde, tem que ter comida”. Percebo que este foi um momento informal “fora de cena”.

Revendo sobre o silêncio. Perguntei-me sobre o silêncio de João de Barro. Seria uma forma de resistência? Ao que? Ou somente inibição, pois depois foi ele que apresentou as idéias de seu grupo. Penso em conversar isto com ele? E os animais que aparecem na exposição do 1º grupo? Qual sua relação com família saudável? E o estar sozinho? Penso em perguntar à comunidade (que é uma família).

Notas do Pesquisador

Estava bastante ansiosa ao retomar as oficinas. Porque era ao mesmo tempo uma continuação e um começo. Temia que talvez pudessem não aceitar participar da pesquisa.

O número de presentes era uma incógnita, mas para isto eu já havia me preparado.

Fiquei satisfeita com a participação e receptividade dos pais. Respirei aliviada por ter sido um momento agradável e ver também a satisfação dos outros.

Encontrei com João de Barro duas vezes no caminho de minha casa pois ele trabalha na mesma rua. Na primeira vez, só nos cumprimentamos; eu passava de carro e ele estava a pé. Na segunda vez, eu havia parado, e confirmei com ele. Amanhã, tudo certo para lá? Perguntei. Ele me respondeu: Tudo certo! Achei que seria de 15/15 dias, no dia 19? Expliquei que havia mudado a data também pela colocação de que eles teriam atividade sexta à noite, ao assistir a apresentação dos “Manezinhos”. Ele sorriu, ‘Ah! É!’ Despedimo-nos.

Isto me fez pensar duas coisas: 1º) não é bom mudar combinações; 2º) ele estava ligado no trabalho, e isto era muito positivo. Chamou-me atenção que a pergunta colocada ao grupo foi: “Qual a imagem de ser família saudável?” e um dos dois grupos trabalhou espontaneamente a questão “Como ser família saudável?”

Observando o cartaz desenvolvido pelo grupo que trabalhou o “Como ser família saudável?”. Percebi que das 16 figuras selecionadas, 6 eram relativas à alimentação, o que pode ser reforçado pelo relato duplo de alimentação sendo, o segundo, alimentação farta.

Outro aspecto importante, refere-se ao fato de haver casualmente revistas francesas junto com aquelas disponíveis para serem usadas nas colagens; só percebi isto depois, quando vi que dentre as imagens selecionadas 4 delas eram possíveis de serem identificadas como destas revistas estrangeiras, o que me fez pensar sobre a força da imagem (através de figuras) que chegam aos nossos olhos, extrapolando qualquer linguagem escrita e, mesmo assim, comunicando algo, sem dúvida.

Aqui já é interessante observar a presença de animais sendo apontada quando se faz relações com “Como ser família saudável?”.

Chama atenção aparecer o CARRO.

II Encontro (1ª Reunião Professores)

“Acho que daqui todo mundo já se conhece. Essa é a Rosane, ela já trabalhou um tempo com a gente e deu uma parada. Agora ela começa de novo para reativar o trabalho. Então vou deixar para ela que ela sabe explicar bem direitinho” (diretora).

Pois é, junto comigo estão agora a Cajuzinho e a Mariposa que são estudantes da sexta fase de enfermagem. Bom pessoal, eu pensei em fazer três momentos um é fazer um resgate do projeto Ninho pra ver até que ponto a gente trabalhou o ano passado. O outro é dividir, compartilhar com vocês aquilo que eu tô pensando, porque a partir do projeto Ninho eu resolvi desenvolver a minha tese de doutorado, que eu já tô fazendo desde 93 e agora chegou o momento então de centrar o objeto da minha pesquisa e aí eu perguntei: “Porque não a partir da própria prática para desenvolver o trabalho de pesquisa?!?” E então hoje eu pensei em dois momentos: dar o retorno pra você de onde paramos no Ninho, o como eu tô pensando o meu tema de pesquisa e como que eu penso em coletar esses dados junto à vocês, tá bom?

Bom, o Projeto Ninho tinha esse nome criando um espaço para assistir transdisciplinarmente a família. No ano passado nós tínhamos uma parceria com GAPEFAM (que é um grupo que trabalha com assistência à família) e o nosso objetivo geral então é cuidar transdisciplinarmente da família. Porque é transdisciplinar? A gente tá querendo sair das disciplinas, essas especialidades que a gente tem, né? Então, eu que sou da saúde, estar junto com quem é dá educação, com o conhecimento de cada um, de cada ser humano, junto com a família porque eles também vem junto trabalhar, numa co-participação, num compartilhar. Essa é a proposta.

E a partir das experiências anteriores a gente observou que as famílias precisavam de um espaço alternativo para trabalhar as suas questões de viver e ser saudável, de refletir. Então foi aí que surgiu o projeto e também a gente acreditava que assim nós estaríamos possibilitando também um espaço de ensino-aprendizagem; tanto pra nós (porque a gente tá sempre aprendendo) quanto para as famílias certo?

Bom, e qual é a finalidade de tudo isso? Era, e é, subsidiar as famílias através dessa assistência a atingir uma melhor qualidade de vida. Só que dessa vez não é uma melhor qualidade de vida tirada dos livros, imposta a partir de certas instituições, não. Isso a gente não pode negar que existe, mas é tirar das próprias famílias e de nós mesmos o que é melhor qualidade de vida para todos nós. Que é diferente a qualidade de vida para quem vive aqui na Lagoa como para quem vive no outro lado do mundo. Tem coisas que são iguais, mas tem coisas que são diferentes. Então é descobrir isto entre nós mesmos para o profissional de saúde não chegar com coisas prontas, né?

Bom, então o grupo de trabalho ele foi formado nessa proposta de parceria que eu falei com vocês por: todo mundo que participa aqui da creche (funcionários e famílias), os estudantes universitários, o GAPEFAM, os profissionais de diferentes áreas, a enfermagem, pedagogia, psicologia, serviço social. Eram esses os elementos que estavam envolvidos nesse trabalho.

Nós temos um marco de referência que é o interacionismo simbólico, onde a gente tem uma postura interacionista.

E a nossa forma de trabalhar foi e está sendo, partindo dessa interação, uma proposta de oficina, reunião, né? colocar alguma coisa lúdica no nosso dia-a-dia de trabalho. É algo caracterizando sempre algo; fazer-aprender, fazer com uma reflexão permeando tudo isso.

Bom, no ano passado o que nós trabalhamos basicamente foram as interações humanas. Nós fizemos uma oficina, foram três, mas o resultado final (a gente pode colocar como temporário porque os resultados nunca são estanques). Foram trabalhados as questões intra-familiares, famílias-escola, família-comunidade.

Nas relações intra-familiares o que foi discutido foi que existe momentos comuns da família rural e da família urbana (as próprias famílias daqui), o pouco lazer, a problemática da mãe que trabalha fora (com a questão da dupla jornada de trabalho), as mudanças de comportamento familiar (por exemplo: um casamento entre dois homens, que é uma coisa discutida, que permeia novas formas de família), o tabu, a questão do homem como ser superior à mulher. Isso tudo foi do trabalho que emergiu dessas famílias, colocado por elas próprias (quem participou aqui acho que se lembra, né?).

Nas relações família-escola apareceu as questões: os pais participando das reuniões (eles trouxeram isso, essa questão da participação), a questão do racismo foi pontuada (não discutida, nem esgotada), como a necessidade de discuti-la com os alunos, o exemplo também é dos pais e não só da escola (aquela questão de compartilhar papéis, competências, né?) e a questão de classes sociais.

Nas relações família-comunidade foi pontuado pelas famílias que aqui estiveram trabalhando conosco nas nossas oficinas, os pontos positivos (que é a participação, comunicação, lazer, a família, escola, levar a criança a refletir sobre ela própria e a comunidade, a relação com a natureza) e como ponto negativo (a violência, a falta de união, a questão de higiene que tá nas nossas ruas e as doenças, destacando-se a AIDS, uma problemática que preocupa a todos).

Depoimento: "A meningite, sarampo –".

É, o que eles deram destaque foi a AIDS, né?

"É, mas hoje a gente tem meningite, sarampo –". É, bem lembrado!

"Nos temos tuberculose, sarampo na comunidade não tem. Tem hepatite. Tudo por uma questão urbana, né? O lixo, sujeira urbana, né? O esgoto rola aí a céu aberto".

Então esse é um dado muito importante pra gente incorporar, né? Nesse momento que a gente retoma isso, o que tu estás trazendo pra nós?

"Parece mentira, mas os maiores casos de hepatite são por causa da alimentação, do vegetal mal lavado ou lavado com água contaminada."

A água que deveria limpar, contamina mais ainda, né?

Junto com todos vocês, não sei se todos estão lembrados, foi feito também oficina aonde se trabalhou a questão do saber e do poder. Foram levantadas várias questões mas que basicamente permearam esse tema central.

Bom, a avaliação a gente fez se vocês estão lembrados de uma forma constante, ao término de cada oficina a gente fazia essa avaliação e fizemos uma formal, no final do ano (tanto participando os funcionários daqui; as famílias foram só no final das oficinas e os estudantes que estavam trabalhando junto conosco). Como reflexão, em termos de resultado, a gente colocou que nós realmente iniciamos o processo de cuidar da saúde com essa nova forma de trabalhar a saúde através das oficinas e reuniões onde a gente fez um levantamento da situação biopsicossocial-espiritual de algumas famílias, não se pode trabalhar sem conhecer a realidade. E também se criou um espaço alternativo para se discutir essas questões de viver e ser saudável, interagir com o mundo e exercer a cidadania buscando caminhos para uma melhor qualidade de vida. Mas, por que alternativo? Por que a gente tá colocando como essa forma de alternativo? Porque tá se trabalhando saúde fora das instituições tradicionais, lembrando o hospital, posto de saúde; trazendo pra cá, pra um lugar que a princípio tem o compromisso e o papel de trabalhar com educação, obviamente que não se pode separar uma coisa da outra. Mas, institucionalmente falando, amplia-se a concepção de saúde extrapolando um modelo apenas biológico ligado à doença, isso a gente conseguiu ver com vocês desde a primeira reunião ali naquela sala, que nós compartilhávamos. Vocês também tinham a mesma concepção que nós, que saúde não é só ligado a problema biológico e físico: é social, é espiritual, é psicológico. Então é uma coisa que nós compartilhamos.

"Hoje mais do que nunca, né?"

Não é essa visão limitada, né? A gente trouxe aqui o sarampo, que é um modelo conhecido, mas a gente sabe que tem outras coisas. E vocês também que trabalham o tempo todo junto conosco, né? Então houve essa integração neste sentido.

Utiliza-se outras técnicas do que as convencionais, buscando formas mais lúdicas, interativas. Por isso que a gente utilizou oficinas, fez a teia de aranha, os cartazes, a alfândega, né? E o espaço físico então que já era familiar a essas famílias, agora nem mudava, passava a ser um espaço aonde era compartilhado a sua experiência com outro que ele conhecia, alguma outra pessoa que não tinha conhecimento daquela nuança, daquele aspecto: sempre veio até aqui só para pegar filho, conhece um pouco mais daqueles pais ou de uma outra criança, que também está nessa creche. Então, outros vínculos podem ser formados, né? Até foi um próprio relato aqui: "a gente se cruzava todo dia, mas não conhecia esse outro lado". Então, eles colocaram como ponto positivo a possibilidade de se conhecerem mais e até de ver certos amparos, apoios de outros que tem o mesmo tipo de problemas, a questão do compartilhar mesmo.

Como facilidade desse projeto até então nós tivemos o voto de confiança da enfermeira Débora que fez o trabalho anterior, em uma outra linha que ela trabalha, e deu a oportunidade para nós continuarmos o

trabalho com família. Ela também trabalhava com família, na questão da agressividade. Abriu o caminho para nós. Ela foi buscar o apoio do GAPEFAM e pra nós foi muito bom ter vindo fazer esse trabalho aqui. O apoio científico e de material, assim como de recursos humanos, foi do GAPEFAM. Aprendizagem, o exercício do trabalho interdisciplinar porque isso é uma coisa que a gente aprende: trabalhar interdisciplinarmente é o tempo todo estar aprendendo a trabalhar com o outro, lidar com o limite. A primeira coisa que acontece é que cada um quer delimitar o seu território, depois disso tem que limpar essa linha divisória de um com outro para poder todo mundo transitar.

“Mas é muito gozado, a gente vem com a proposta interdisciplinar, o nosso grupo até quando a gente ia se formar, a gente viu isso: todo mundo tá ali, então vamos, mas depois logo, cada com a sala é minha e depois passou pro outro estágio.”

A receptividade de vocês aqui foi uma coisa muito boa para nós, sem isso não daria para fazer o trabalho, né? Não é só permitir oficialmente, é o envolvimento e isso eu queria agradecer para vocês. O crescente número de pais participantes, teve uma que teve 3, 6 e depois trinta e poucos. Acho que vocês ajudaram na estratégia. A gente aprendeu que existe essa flutuação, as meninas também tiveram experiência em outra comunidade e elas montaram toda uma peça, fizeram uma dramatização e vieram dois pais e elas apresentaram para eles. É isso, né? Trabalhar é dessa forma mesmo. As avaliações verbais/orais incentivadoras tanto das famílias quanto de vocês e a solicitação para continuidade do projeto também foi um reforço pra nós.

Eu já pontuei um aspecto que foi compartilhado. Que foi a concepção de saúde. Outra coisa que a gente percebeu e que agora vocês vão ver no meu trabalho de doutorado é uma concepção diferente do que é família. Isso a gente já tinha como pressuposto e a gente viu que as famílias se vêem dessa forma. Existem novos elementos na família contemporânea. Os laços de afeto são o que caracterizam a família de hoje, não apenas os laços sanguíneos, os laços biológicos. E a importância de participar com a interação quando se pensa em promover a saúde da família buscando essa melhor qualidade de vida. A proposta de trabalhar através da interação foi reforçada. Enquanto profissional da saúde e do ensino a gente entende que tinha esse compromisso ético de dar o retorno pra vocês, até que ponto esse trabalho desenvolveu. É isso que eu tentei caracterizar nesse momento. Dando um retorno, isso tá no relatório que eu entreguei pra Violeta e se houver alguma dúvida ou alguma discordância, a palavra está aberta para vocês, né?

Um outro momento que eu vou fazer é em relação à tese que partiu desse trabalho anterior. Alguém tem alguma pergunta? Alguma observação, vê diferente. Essa é a nossa percepção da coisa.

“O nosso público a atingir são os pais?” O público que a gente tá trabalhando?

“A clientela que nós queremos atingir...”

Família. A porta de entrada no caso para chegar a essas famílias é a partir do trabalho da creche, né? A própria creche seria a porta de entrada. Porque quando a gente trabalha com família sempre tem uma porta de entrada: hospital. Nas experiências anteriores foi a criança ou o próprio paciente adulto internado, ou a gestante. Então a partir disso a gente entrava na família porque não adianta trabalhar só o individual porque ele é um reflexo de todas as relações que ele tem, principalmente da família, né? Deu? Posso ir adiante? Então tá.

Bom, eu tenho falado então do compromisso social, profissional e científico. Quando eu me volto para a questão científica existe uma colocação que o pesquisador está preocupado com a melhoria da qualidade de vida da população. E foi com esse objetivo então que eu resolvi desenvolver a tese que tem esse projeto e que se chama: “Imagem, imaginário, imaginal... uma viagem pelo mundo imaginal do que é ser família saudável em tempos pós-modernos”.

O que que é um mundo imaginal?

Pronto, agora a Rosane enlouqueceu de vez, né? O que que é um mundo imaginal? É todo esse conjunto feito de imagens, símbolos, significados que permeiam a vida da gente e que moldam a vida da gente. A vida social, ela é toda moldada nas concepções que nós temos lá dentro de nós. E o que para mim representa, por exemplo, o que para cada um de vocês representa essa creche pode ser individual, mas também alguma coisa que liga vocês, alguma coisa que é compartilhada. E é assim que se forma a cultura também. É em cima dos símbolos, dos significados, que cada um dá para as coisas da sua vida. Então, isso é o mundo imaginal. Por que e como é que eu cheguei até aqui? Desde o início da minha vida, aí vocês tem que me conhecer um pouquinho. Na minha vida profissional, lá em 81, quando eu terminei a graduação, a família sempre me chamou a atenção, eu trabalhava com crianças RN, mas eu via que eu não podia trabalhar com eles sem envolver a família, obviamente. E também sabia que o que acontecesse nesse momento inicial da vida e até em

todas as etapas subseqüentes da vida dessas pessoas, dessas famílias e dessa criança era essencial. Foi assim que eu comecei a me apaixonar pelo tema família e cheguei até esse momento onde eu começo a ver que a família também não é só a soma de seus elementos, ela é algo mais que isso e tem características especiais e que, com um influencia o outro, que com um pé si só também é um sistema, que junto com qualquer mudança que ocorre numa família, afeta os outros, certo? É por isso então que eu trabalho uma rede de interações. Como eu já falei para vocês eu trabalho com interacionismo simbólico fazendo uma diferença de interação e integração. Interação é tudo que ocorre entre os seres humanos, enquanto que integração é o ato de completar-se. Nem sempre há integração, né? Mas a interação não tem como fugir dela.

Bom, os pressupostos dessa teoria é que o ser humano vive num ambiente simbólico assim como num ambiente físico. Se eu for trabalhar com alguém e esse alguém me disser: eu tô muito deprimido hoje, eu não vou conseguir dar conta disso, essa é a realidade dele e eu tenho que respeitar isso.

O dia não tá bom, pode tá o maior dia de sol, mas pra ele é assim que ele tá representando. E é isso que vale. Essa é a realidade da pessoa. Ele age com relação às coisas na base do sentido que essas coisas tem e é estimulado em situações especiais. Talvez o que aconteceu com essa pessoa na parte da manhã, mesmo quando ela acordou na segunda-feira e tinha um lindo dia de sol, mas o que aconteceu nas suas relações, fez aquele dia ficar uma droga. Então, o dia tava uma droga para ela. E é através da comunicação simbólica e da interação com outras pessoas que o ser humano tem capacidade de aprender diversos significados e os símbolos então são pensados como valores compartilhados. Antes eu dava um exemplo de um fusquinha branco. Um fusca branco, para alguém, pode ser o carro, aquela coisa, aquele objeto que me dá prazer, que me leva para passear com toda minha família. Para o outro, lembra de um acidente que a família sofreu. Então pra vocês verem, o mesmo objeto. Mas ele nunca é o mesmo porque o significado é diferente. E assim é na saúde é a mesma coisa, no nosso dia-a-dia é a mesma coisa.

Bom, foi então a partir das famílias que nós trabalhamos lá no Monte Cristo que a gente começou a ver que tinha um mundo completamente diferente daquele que a gente tava acostumado quando estava lá na redoma de vidro do hospital. A gente brinca que há um outro mundo, que na verdade sempre fez parte do nosso mundo geral mas, que tava ali do lado, mas não integrado. Então, nós começamos a trabalhar lá no Monte Cristo e a gente entrou numa realidade onde tinha esgoto a céu aberto, aonde tinha muito desemprego, aonde a droga rolava e circulava mais que os meios de transporte, né? Os meios de transporte não existem mas a droga circulava muito. Os bebês morriam por abuso sexual do próprio pai e uma série de coisas que nos fez entrar em contato com esse outro mundo e perguntar, e também vimos que as famílias se formavam da forma mais diferente possível. E aí por isso que a gente perguntava: "O que que tava acontecendo com esse mundo?" Dessas famílias... Foi aí que a gente começou a ver e isso aqui eu coloquei quinta-feira para os pais que vieram trabalhar conosco uma poesia do Quintana, eu acho que a poesia é muito sábia, né? (Poesia)

E aí a gente começou a se perguntar: "Que mundo é esse dessas famílias. Que que é ser saudável para essa família? Qual é o mundo de ser saudável dessas famílias? Porque o meu, enquanto profissional da saúde, pode ser diferente do que eu vejo pra eles. E chega de ficar lá no pedestal, impondo normas e regras, tem que descer desse pedestal. Descer e estar junto e ver o que é ser saudável para eles.

"Abrir os olhos da ignorância".

Isso! Então, volta o compromisso ético. Ter compromisso ético é tá ligado, é tá sincronizado com a realidade das pessoas. É buscar respostas, eu volto de novo na questão da qualidade de vida. E é trabalhar com desenvolvimento integral do homem e compartilhar saberes. O tempo todo a gente tá aqui partilhando saberes, o que a gente tá fazendo aqui e tem feito também com as famílias. A gente pergunta pra elas o que é ser saudável? Talvez eles nunca tenham parado. E quando eles param pra ver o que é ser saudável, o que eu tô fazendo pra isso. Eu tô tendo isso? Porque eu não tô tendo isso? Então esse é o primeiro passo.

E aí por mais louco que seja, eu tô falando em realidade. A Rosane fala em realidade, mas o que ela quer buscar é o mundo imaginal. É que para conhecer a realidade, a integridade de mundo, é preciso conhecer o imaginário. Porque cada um de nós tem um imaginário e o real de cada um de nós é também o nosso imaginário. Ele é parte integrante de nossa vida. Quem aqui não tem imaginário?

"Eu sonho!"

Tem um imaginário, né? Tu tem imagens, concepções sobre a vida!? - "Tem que ter, é claro! Ilusões existem, tem que ter. Só que as ilusões são maiores, né? Existe muito mais desilusão do que consagrações na vida da gente. Porque o que a gente imagina sempre é o melhor pra gente. Só que nem sempre o melhor vêm só

pra gente, né? ” É, nem sempre essa imaginação são só sonhos, né? A gente também pensa o nosso dia a dia e faz isso usando o imaginário também. Na nossa conversa conosco mesmo, né?

“Se o meu imaginário não se conclui eu tenho que me comunicar com ele para poder resolvê-lo, né? Mas, pra não perder a imagem... A emoção, né? Não podemos perder a emoção...”

Que bom! Vamos guardar isso que tu tá falando da emoção porque justamente essa emoção é que tá permeando a nossa sociedade de hoje. Nós estamos bem sintonizados. Se vocês discutirem isso hoje é bem por aí mesmo. Quando a gente começa a entrar nessa história dos símbolos, dos imaginário, não adianta ir trabalhar saúde com alguém se eu acho que saúde é uma coisa e a pessoa da qual a gente tá cuidando, ou a família, ou a comunidade da qual a gente tá cuidando, trabalhando junto, acha outra. A gente tem uma outra concepção, não é? E aí eu comecei a perceber e nisso então a gente começou a trabalhar num outro grupo de pesquisa que é o NUPEQS, o qual eu estou coordenando atualmente. Também quando a gente fez uma parte do doutorado sanduíche na França, a gente começou a ver o que era, o que estava acontecendo nesse momento que tu fala da emoção, essa questão do imaginário está muito forte. A imagem, gente, a nossa sociedade é a sociedade da imagem. E foi aí que a gente caiu no pós-modernidade.

“O John Lennon tava errado, né? Ele diz que o sonho acabou, né? O sonho não acabou, não!”

O sonho não acabou. Enquanto houver homem na face da terra, haverá sonho. Eu tô rindo tu vai ver porque. Tu falou do John Lennon e daqui a pouco nós vamos ver alguma coisa.

Bom, e mergulhar nessa pós-modernidade é justamente mergulhar num mundo de controvérsias. Não importa o nome que se dê; nós estamos chamando de pós-modernidade. E não é uma coisa que vem depois da modernidade, tá aí. Quer dizer que a gente já tá vivendo num outro tempo que tem uma série de características. Na verdade, a gente pode representar por essa figura, que é a pré-modernidade. Ela é caracterizada por um sistema de parentesco, por uma religiosidade muito forte, por uma tradição, era época da intuição, né? Da magia, do saber, do mago. Depois a gente passa para a modernidade. A ciência soberana, fria, emoção fica a parte. Aí vem o capitalismo, industrialismo, a vigilância. O Foucault trabalhou muito bem isso. A globalização, homogeneização, os discursos tentando colocar que todo mundo tem que ser igual. Será que é possível?

“Neoliberalismo, né?”

É, todo mundo tem que ser igual, será que isso é possível, essa radicalidade? Acho que não tem soberania. A outra questão é um dever ser. A gente, a modernidade começou a entrar numa proposta que tudo o que a gente faz é pro futuro. E, se não der certo no futuro, pelo menos quando eu morrer, no céu, pode ser então que eu vá para os anjos que também é o futuro. Não é assim? E eu vou indo. Se não der certo, eu morro, pode ser que eu tenha no céu. A nossa própria bandeira o que ela diz? Ordem e progresso. Mas o aqui e o agora? Será que nós estamos vivendo o progresso ou a nossa sociedade não está vivendo o aqui, o agora? Então a gente começa a ver um outro movimento e é aí que entramos na pós-modernidade, no meio disso tudo. Ela resgata a pré-modernidade e a modernidade. Ela casa os dois e esse autor aqui, ele muito bem fala que toda sociedade se ampara num contrato, espécie de contrato entre os vivos, os mortos e os que virão.

“É um sociólogo ele, né? Perguntou um dos professores.”

O “paião” da sociologia francesa, respondi. E eu acho que a modernidade tem muito a ver com isso daí, a gente não pode esquecer o passado, mas a gente não vive só no futuro, porque ele ainda não chegou. E a gente tem o presente no meio disso tudo. E aí? O que é essa tal de pós-modernidade? É uma coisa que propõe uma relatividade. É a presença de todos os lados que houverem. Permite dualidade das coisas. A coexistência das coisas. Tem uma diversidade, e ela é toda permeada pela conquista do presente. O homem, no sentido de ser humano, ele quer conquistar e viver o seu próprio presente. Eu quero ser feliz aqui e agora. É isso que a gente tem sentido permear essa nossa sociedade. E aí se contrapondo eu acho que John Lennon ilustra muito bem o que ele coloca no filme MEU ADORÁVEL PROFESSOR, naquela música “Beautiful Boy”. Muito bonito, “A vida é o que te acontece enquanto você está ocupado com outras coisas”. Então isso aí eu acho que serve pra gente pensar bastante. Isso aí, né? O que que a gente tá fazendo com essa vida de agora. Aí como vocês mesmos já falaram, tem autores que colocam que o Brasil é, quando a gente diz que a pós-modernidade é tudo isso. Essa união de contrastes a gente vê autores como Michel Mafesolli que dizem que o Brasil é o “laboratório da pós-modernidade”. Mas não vão vir aqui fazer experiências conosco, não. Se você quer encontrar uma característica num lugar pós-moderno, vá ao Brasil. Lá tem de tudo. Tem o arcaico, tem o esgoto a céu aberto aqui na nossa cara, e a alta tecnologia. Nós convivemos com esgoto a céu aberto e com computador...

“O cara tem computador em casa e joga merda no chão!”

Exatamente! Se a gente tá numa favela, o pessoal tá pulando por cima do esgoto a céu aberto e tá com um carabina de última tecnologia que nem a polícia sabe que já existe aquele avanço tecnológico. Nós da área da saúde convivemos com doenças que, a princípio, vêm desde o início da humanidade que poderiam ser erradicadas, e também tem essas novas doenças que surgiram como a AIDS. Então a gente vê a pobreza e a opulência e mais ainda todo nosso colorido étnico. Nós somos brancos, pretos, amarelos. Temos todas as culturas aqui conosco. Então é por isso que dizem que o Brasil é pós-moderno, porque aqui tem o casamento dos inconciliáveis. E aí a gente chega nas famílias. Como é que estão essas famílias na pós-modernidade? Então nós estamos vendo que a família ideal (tem até um coraçãozinho aqui) da modernidade, ela passa a conviver, eu não digo que ela sumiu, ela convive, né? A gente tem essa família, só que outros tipos de família, que já vinham ao longo da história convivendo, agora estão muito claros. Por isso que a gente diz que as famílias vivem na pós-modernidade. Então essa família começa a ver...

“Os seres humanos vivem na pós-modernidade já, né? Só as culturas conservadoras ainda têm. Nós temos inúmeros casos aqui de crianças que nascem sem família, e cada vez mais....”. refletiu um professor.

A família biológica, né? perguntei-lhe.

“Aquela construção de família, aquela coisa estanque, família, o pai, a mãe...”, complementou o professor.

Isso ainda tem. Mas aparece muitas outras coisas e em alguns lugares até tem menos, continuei.

“Tem menos”. Isso é, nesse sentido a tendência é diminuir. Não quero ser Nostradamus, mas pelo que eu vejo o avanço da liberdade de expressão dessa juventude que está aí descompromissada”... falou.

É isso aí. Outros conteúdos de família estão aparecendo..., prossegui.

“Por isso que eu ainda nem casei e nem pretendo. Eu acho que há uma outra maneira de construir o ser humano independentemente da família. Desse chavão família”, exclamou.

Agora quando a gente entra numa outra concepção que eu já vou falar, aí eu garanto que tu tem uma família grande talvez, né? Esse é um outro tipo de família. Isso aí é um outro tipo de família. É interessante que a gente não fala mais em família brasileira agora se fala de “famílias brasileiras”. Não fui eu quem disse isso não, foi o Kalustian quando escreveu aquele trabalho pra UNICEF. E é verdade porque são arranjos. A família brasileira virou “n” tipos de arranjos, né? Então, esses arranjos, pra quem trabalha com família, eles são família. E não só pela nossa matriz única-cultural (que, se a gente lembrar, né, inclui o negro, o índio, o branco; além de tudo, se a gente pegar só o negro, o escravo,... na época da escravidão veio gente de uma série de locais da África e, então, tinha também o fato dos próprios negros virem de diferentes culturas dentro da África). Então imagina.... misturou tudo isso! Há mais a nossa nuance econômica! Aqui nós temos todas as nossas liberações e muito desnível. Então, nesse contexto todo, a família tradicional que eu tava falando começa a dar lugar a outras modalidades. Começa a compartilhar com a família que fala dos meus, dos seus, dos nossos, são os casais que se separam, que formam outra família que convivem.

“As entidades que criam as crianças”, completou um professor.

Também, e essas crianças também tem uma família, só que é uma outra família, a mulher que saiu para a força de trabalho, sofreu influência da família tradicional. Os casais de homossexuais que brigam agora, no senado, para que na constituição, eles tenham os mesmos direitos que outros tipos de casais, inclusive de adotar crianças. Então eles estão formando uma nova família.

É uma luta muito grande mundialmente, homens que querem educar crianças, independente da situação de opção sexual. Nós temos as chamadas produções independentes que, muitas vezes, são por opção. Eu quero....

“Essas mulheres, que coisa”... comentou alguém.

Como são donas de si! É interessante que essa produção independente, pode ser por opção, mas muitas vezes, por uma contingência. Não teve orientação. Tem os dois casos. Não sabia e..., aconteceu, mas também é uma família. Nós temos os novos,... que não são tão novos assim, mas agora tá muito gritante essa realidade dos novos provedores da família, as crianças humildes de rua...

“Aparece as mães com as crianças, mas os pais solteiros também, né? ”, perguntou um dos participantes.

Tu viste ali, né? Mas tu viu que eles estavam presentes, reforcei.

“Essas mães solteiras, geralmente, os pais não estão”, referiu outro integrante.

“Aí são as produções independentes! Às vezes eles nem ficam sabendo.”, coloquei.

“Mas como é que fica, a criança sem uma postura masculina...? Se é um meio que tu é uma mulher independente, faz uma produção independente. A nível social, não vai ter problema, porque tá muito mais do que testado que a classe média aceita ela se... os ricos, né? Ela se, eles aceitam muito mais. Digamos, essa questão é mais do rico do que do pobre..... argumentou o funcionário.

“Não sei não”... pensou outro.

“O pobre passa, ele dá o que passa. Aqui no sul é mais difícil, o machismo é muito forte. Pode ser, quando uma mulher é pobre, é diferente. É claro, isso. Quem tem dinheiro sobrevive meu velho, não tem essa. Quem tem dinheiro sobrevive”, colocou outro participante.

“Mas isso é em qualquer situação. O pobre é sempre desfavorecido”, acrescentou um colega.

“O pobre sofre em tudo”, contribuiu outro.

“A minha mãe na época... eu sou fruto disso. A minha mãe era chamada mãe-solteira. Hoje em dia é difícil a gente se falar, mesmo sendo como você falou, não se chama mais mãe-solteira, havia discriminação, se chama produção independente”, contribuiu outra pessoa.

“Até porque, muitas vezes, quando o companheiro ficou junto, em termos de estado civil, eles preferiram ficar solteiros. E por isso caiu também, né? Algum deles ficou compartilhando, que é uma outra situação, então isso também ajudou a cair esse estigma que havia”, coloquei.

“Mas a aristocracia, de uma forma geral, ... eu não defendo a aristocracia de forma nenhuma... A aristocracia, não defendo, essa questão, mas eu acho que dinheiro sempre banca o mundo com mais facilidade”, defendeu o professor muito participativo.

“Por causa da nossa cultura, da nossa sociedade... agora tirando a questão da subsistência... é possível, existe a possibilidade de que uma mãe que mora num bairro menos favorecido necessariamente não vai ser mais infeliz que outra, né? ”, refleti.

“Visto desse ângulo...”, pensou alguém.

“Não, não, eu estou falando de outra questão”, continuei.

“Eles estão lutando para que haja o aborto, um aborto que é por uma questão de saúde, e por uma questão ética, coisa que a igreja nunca permitiu. Que esses nossos políticos arcaicos, que defendem a igreja, bancam a igreja e lutam pela moral, e tudo porque são uns ignorantes, não tem cultura, não saíram do seu mundinho. Eles vivem... Eles não tem uma visão do mundo, uma coisa do ser humano superior, dos problemas do ser humano...”, desabafou o professor.

“O que tu trazés é uma questão sobre a influência de como a sociedade tá configurada, é ela quem determina esses comportamentos de família”, declarei.

“A sexualidade, ela era muito bem resolvida antes de Cristo, o sexo foi um problema pós-Cristo, queira ou não. Pós-Cristo, começaram os problemas da sexualidade. Antes disso não existia. Existia uma liberdade muito maior de expressão. O ser humano era muito mais livre...”

“Na Grécia, a gente podia ver isso tranquilamente”, completei.

“E no Egito. Existiam leis no caso de homossexuais, 1.500 anos antes de Cristo. A homossexualidade era livre e hoje tá virando um caos”, destacou um professor.

Mas aí é que tá, e aí que algumas coisas começam a ser resgatadas. Isso é a pós-modernidade, falei.

“Que a Europa, né, e a América desenvolvida. A própria Europa sofreu todas as guerras, todas as transformações, e que é o berço das culturas, né? Existem países conservadores, regiões também conservadoras. É um povo com excelência extremamente conservadora. Eles são quase um Hitler, mulher é na faxina e na cama”, falou outro.

“Pessoal, continuando aqui, para eu não entrar demais na outra programação. Outros membros da família que começam a nascer: são também os animais de estimação. Por incrível que pareça, a gente que trabalha na área da saúde, está vendo isso muito tranquilamente, chegando até a ser utilizado como forma terapêutica. Tal importância que eles estão tomando. Nós tivemos um exemplo. Tinha um paciente internado, desculpe o termo paciente, é cliente, né? Paciente ninguém deve ser. Ele tinha se internado pra tratar do alcoolismo, pra fazer desintoxicação, mas depois de fazer a desintoxicação no hospital, ele deveria ir só tratar o alcoolismo. A parte orgânica, no início, da desintoxicação. No início do tratamento do alcoolismo a gente faz

uma desintoxicação que tem uma repercussão física muito grande. Então tem que ficar muito bem monitorizado. Depois disso, vai tratando o aspecto psicológico. Quando acabou o tratamento dessa parte de mais risco de vida, em termos biológicos e físicos, ele precisava seguir para um outro hospital para fazer tratamento psicológico. Ele só aceitou ir para o outro hospital se ele passasse em casa para ver os cachorros dele. Aí a médica foi uma pessoa muito sensível, tinha uma outra forma de ver família e ela entendeu que eles (esses cachorros) também eram importantes e significativos para ele. E ela foi junto. Ele passou em casa, viu, deu comida e aí foi para o outro hospital e ficou mais 30 dias. Então esse é um pequeno exemplo para nos ilustrar como isso está acontecendo. A gente começa a ver família de outra forma. Nós temos no nosso país a família que passa fome (bem ilustrada por esta foto); a família abastada,... a família colorida”, complementei.

“É o Pelé, né? ”, perguntou alguém, comentando a transparência que estava sendo apresentada.

“Beijando a loura! ”, observou outro.

“Na verdade o que a gente vê aqui é que não existe mais um modelo dominante. O que existe hoje é que nós temos também o tele-amigo, o tele-sexo, o colega de trabalho (que também faz parte da minha família). Isso são depoimentos que nos levaram a colocar isso. Amigos da pensão, a tia, o disque-amante. Tudo isso fazendo parte desse outro espaço familiar. Porque a gente vê que quem é da família é aquele que é ‘importante para mim’. E assim está tendo que se fazer uma mudança na postura dos profissionais da saúde...

Até quando vão fazer uma visita no hospital. Quem é a família não é só mais o tio, a tia... Tem outras pessoas que aquele paciente que está internado quer ver. Que é o outro que é importante... o vizinho, por exemplo”, continuei.

“Tem amigo que é mais importante que o irmão! ”, exclamou alguém.

“Na verdade, o que caracteriza a família hoje são os laços de afeto. É assim que nós estamos entendendo. Essa é a minha proposta: a família é aquela que é ligada por laços de afeto. Mas esses laços de afeto são sem amarras. Eles permitem a pessoa de estar livre, trocando o tempo todo. É dessa forma que a gente está vendo. A gente diz que é uma união em pontilhado; não é aquela coisa estanque...

... E essa família tá convivendo num mundo que agora a gente diz que é o tempo das tribos. Por isso que eu chamo carinhosamente de: As Famílias das Tribos da Lagoa. Tribos que estão pelo mundo inteiro, que tem na verdade uma rede de comunicação, tem necessidades, tem totem. Que é aquela coisa que liga. Se pegarmos um grupo de jovem tem alguma coisa que os liga, que é ‘o que é importante para ti’”, falei.

“Os titãs”... pensou alto um professor.

“É, isso é um bom exemplo. Então, quantas tribos a gente tem aqui na nossa comunidade da Lagoa, não é verdade? A tribo do surfe (se a gente pegar o exemplo dos adolescentes). Tem a tribo dos jiu-jítsú; a tribo da capoeira,... dos skatistas e... todas essas tribos têm também a sua família. Então, por isso, a gente vê dessa forma. Não estou dizendo que vocês têm que ver, nós estamos vendo por esse prisma. E todos esses laços de afeto, sem amarras, na verdade, eles estão colocando uma proposta de que existe uma ética da estética. Que é justamente o que ele falou. A gente tá vendo que o emocional é que está fazendo essa forma de organização diferente. São os laços de afeto. E o afeto não é só o amor; o ódio também é. A gente vê que a família se faz, se desfaz e se refaz ou é por amor ou é por ódio. Não é mais simplesmente casar por ter que casar. Ninguém mais se submete a isso. Por isso existe o borboleteamento. A gente vê na família, mas isso é uma característica do mundo atualmente. As pessoas transitam por diversas tribos, isso é uma coisa também da família. Ela faz e se refaz, porque cada membro da família tem contato com “n” tribos, e daí influencia, tem troca. É esse ir e vir. Então é o emocional que tá ditando agora. E falando em modernidade é que eu cheguei a uma definição. Eu adotei um autor que diz: “A pós-modernidade é a sociedade da imagem”. Por isso então que eu busco o que é ser saudável, qual a imagem de ser saudável. ... E entro nesse mundo imaginal, feito das relações que a gente tem, dos significados, da imaginação, da imagem, do imaginário, do imaginal que, se vocês verem aqui, é um seio. Isso quer dizer que tá sempre se nutrindo e sendo nutrido, ele está sempre diferente. É com esse sentido”, falei mostrando uma figura de seios, estilizada, na transparência.

“Eles são diferentes, né? ”, perguntou alguém.

Eles são diferentes.. quem? indaguei.

“Os seios... ”, falou a pessoa.

“ Os seios.. ”, continuei.

“Eles são diferentes”, disse.

“Esses aqui?!?”, perguntei.

“Todos!”, afirmou.

“Não, aqui é a analogia deles! Do nutrir. Quando nutre; existe uma modificação com essa analogia. E o que tu fala também é verdade”, prossegui.

“Eles tem a mesma produção mas são diferentes”, continuava a refletir olhando a figura.

“É, mas isso é um bom exemplo para mostrar o que é parecido no homem, que ele é igual e diferente o tempo todo. Então, se o viver se molda nesse mundo imaginal, o ser saudável também, fazendo com que as pessoas tenham comportamentos de saúde diferentes de acordo com seu imaginário. Ele, o ser humano, vai agir de acordo com a imagem que ele tem de ser saudável. Vai ser diferente para ela, para ele... Num trabalho inicial que nós fizemos em relação à imagem de ser saudável... Já tá na hora de eu acabar, né? Já falei demais! Nós vimos com crianças de uma escola lá do Monte Cristo... nós vimos que apareceu que ser saudável é: ter pele rosada, ter bom relacionamento, é não estar doente, é dormir bem, é bem viver, é sentir-se bem, é bem-estar, é sentir-se feliz.....

Esse bem viver e bem estar ele mostra que é preciso; existe algo que é subjetivo, que é imaginário. O que é sentir-se bem para ele? Pode ser diferente do que é para o outro. Então é por isso que eu preciso saber se saúde e ser saudável é sentir-se bem. Eu tenho que saber o que é sentir-se bem contigo, não é verdade? Então até tem o depoimento de uma criança: ‘Quando eu estou com saúde eu me sinto feliz’. Até mostrei como ele colocou. E esse ser feliz é diferente para cada um de nós, por isso eu preciso buscar esse imaginário. Outra coisa que eu vi... me lembrando do trabalho do Monte Cristo, é que por mais pobres que fossem naquela realidade, naquela situação, aquelas vivências, sempre eu via que as antenas delineavam a paisagem, ou seja, quando eu pensava na imagem de ser saudável, logo me vinha a questão da televisão, porque é o maior veículo da imagem. As imagens que passavam na televisão muitas vezes eram o ‘meu’ sonho, o ‘meu’ desejo e, ao mesmo tempo, podia ser a minha própria morte. Então aqui o exemplo a bebida, duas pessoas bonitas, saudáveis, a princípio, com algumas concepções de saúde, mas ao mesmo tempo a bebida, que pode ser minha morte. Se eu me drogar, se eu for um alcoolista, eu posso morrer. Então tudo isso fazia eu pensar na questão da imagem, essa imagem que é passada... como é que fica dentro de cada um? Porque aqui está repassada a imagem”, explicitarei.

“É, eles colocam duas pessoas bonitas e a morte”, falou alguém olhando a figura.

“E aí não tinha essa de dizer não Rosane, mas se tu vai trabalhar a comunidade de baixa renda, não tem o problema da imagem da televisão. Não, não é assim...”

“Aí é que tem, é só o meio que ele se alimenta intelectualmente”, completou outro professor.

Comentário de participante: “Harmonia conflitual: amar e odiar a família ao mesmo tempo”.

Buscar conhecimentos através da razão sensível: buscar estar no lugar do outro para compreender suas vivências.

Realizar pesquisa de campo.

“Coleta de dados através de oficinas com família, professoras e com quem quiser participar.

Visita domiciliar para quem quiser ou sentir necessidade.

Registros constantes por: entrevistas, filmagens, gravações, fotos...

Isso através de consentimentos dos participantes.

Realizar análise de dados.

Finalização: até que ponto se trabalhou e apresentação dos resultados (como foi feito no início).

Definição do sujeito da pesquisa: “tribos da lagoa” (através da creche).

Dilema ético: público x privado.

Fim do 2o momento: 24: 45 horas

Comentário de participante: “Ser saudável é só trabalhar com o imaginário?!? E como ser saudável passando fome?!?”

Imaginário não é só sonho, é tudo o que está dentro de nós.

Resumo I

Essas oficinas, reuniões... eram feitas com intenção de levantar situação biopsicossocial-espiritual de algumas famílias.

Buscar espaço alternativo fora das instituições tradicionais. Trabalhar saúde-educação.

Espaço para compartilhar conhecimentos, interações (vínculos) entre família, país, creche, funcionários...

Houve muitos fatores que facilitaram trabalho (creche, número crescente de pais...).

Há vários aspectos compartilhados.

Fim do 1o momento: 13: 50 horas

Pergunta lançada por Rosane: “Qual clientela? ” É a família porque tudo parte dela.

Início 2o momento

De nossa parte: compromisso social, profissional e científico para melhorar qualidade de vida da população.

Exposição do mundo imaginal.

Rosane: “minha vida começou cuidando de RN e comecei a me integrar na família”. Assim, família não é só a soma de seus elementos. É uma rede de interações (interacionismo simbólico). É tudo que integra o ser humano.

Símbolos são valores compartilhados.

Iniciou-se o trabalho no Monte Cristo, onde se observou: drogas, esgotos a céu aberto, desemprego. Isso fez explorar um novo mundo e ver que as famílias se formam de várias formas.

Perguntas lançadas por Rosane: “O que é esse mundo para as famílias? ” “O que é ser saudável para essas famílias? ”

Comentário de participante: “Abrir os olhos da ignorância”.

Ter compromisso ético: trabalhar com pessoas, compartilhar conhecimentos...

O real de cada um é o imaginário. “Quem não tem imaginário? ”

Comentário de participante: “Todos têm ilusões”.

Pós-modernidade: resgata a pré-modernidade e a modernidade. Tem como características: relatividade, pluralidade das coisas, diversidade, conquista do presente.

O Brasil é tido como: “laboratório da pós-modernidade” (porque aqui tem de tudo).

A família ideal não sumiu.

Comentário de participante: “Mas pode sumir devido aos avanços (excesso de liberdade)”.

Gerou polêmica, assim como os assuntos: homossexuais, produção independente, separações... também são considerados famílias.

Comentário de participante: “Antes se chamava mãe solteira, havia discriminação. Hoje se chama produção independente”.

Surgem assim, várias concepções de família: animais domésticos, filhos adotivos, família que passa fome, família colorida.

Não existe mais um modelo dominante de família. Agora: tele-sexo, tele-amigo, colegas de trabalho, vizinhos... □ tudo isso é família. Família abrange o todo que é importante para mim.

Laços de afeto: é o que caracteriza família, sem amarras, permite a pessoa estar livre.

Famílias são chamadas carinhosamente de tribos (que estão pelo mundo inteiro). Há algo, alguma afinidade que os liga os une).

“Quantas tribos tem na Lagoa?” E todas essas tribos têm suas famílias.

Proposta: ética da estética, é o emocional que está organizando tudo. Os laços de afeto abrangem também amor, ódio, vergonha, raiva... (pessoas demonstram uma certa ‘surpresa’).

A pós-modernidade é a sociedade da imagem.

O mundo imaginal são: significados, interações, imagem, imaginário...

Comentário de participante: “Harmonia conflitual: amar e odiar a família ao mesmo tempo”.

Buscar conhecimentos através da razão sensível: buscar estar no lugar do outro para compreender suas vivências.

Realizar pesquisa de campo.

“Coleta de dados através de oficinas com família, professores e com quem quiser participar.

Visita domiciliar para quem quiser ou sentir necessidade.

Registros constantes por: entrevistas, filmagens, gravações, fotos...

Isso através de consentimentos dos participantes.

Realizar análise de dados.

Finalização: até que ponto se trabalhou e apresentação dos resultados (como foi feito no início).

Definição do sujeito da pesquisa: “tribos da lagoa” (através da creche).

Dilema ético: público x privado.

Fim do 2o momento: 4: 45 horas

Comentário de participante: “Ser saudável é só trabalhar com o imaginário?!?”

E como ser saudável passando fome?!?”

Imaginário não é só sonho, é tudo o que está dentro de nós.

Resumo II

Reunião com os professores (08/09/97)

Alguém falou que uma componente não pode vir, porque o pai caiu e quebrou a bacia.

Violeta apresentou os professores à Rosane e a nós, havia um grande número de professores. Após a apresentação, Violeta passou a palavra à Rosane, que começou a apresentar o projeto, que será em dois momentos:

1. Retorno - resultados do projeto desenvolvido no ano passado.
2. Como coletar os dados juntamente com os professores.

Após isso, seguiu a seqüência do projeto.

Objetivo geral

Objetivos específicos

Finalidade

Um professor pediu à Rosane que deixasse a transparência um pouco mais que ele estava fazendo a cópia.

Grupo de trabalho

Marco conceitual

Forma do grupo trabalhar

Interações humanas:

- . Relações intra-familiares
- . Relações família-escola
- . Relações família-comunidade

Depoimento de um professor sobre os problemas para sua comunidade:

Professor - “Aqui nós temos meningite, sarampo, tuberculose. Isso tudo por uma questão urbana, o lixo, esgoto. A hepatite acontece pelo vegetal mal lavado”.

Funcionários - foi realizado uma oficina do saber e do poder.

- . Avaliação
- . Resultados

Oficinas - novas formas de cuidar a saúde.

Espaço alternativo - de discutir o ser saudável.

Houve uma integração para discussão.

Ponto positivo - a possibilidade de maior conhecimento dos pais e professores.

Facilidades

- . Boa receptividade dos professores e participação.

Aspectos compartilhados

- . Uma concepção diferente do que é família.
- . Trabalhar com a interação
- . Compromisso ético de dar o retorno.

O espaço foi aberto para os professores colocarem observações.

Professor - “O foco do trabalho é os pais. ”

Rosane - A porta de entrada para se trabalhar com os pais (FAMÍLIA) são as crianças.

Compromisso do pesquisador.

Tese

O que é o “MUNDO IMAGINAL? ”

Rosane - “As letras”.

Rosane - Desde o início da vida profissional, estou ligada ao estudo com famílias.

Rosane - Família não é só a soma de seus elementos.

Rosane - Trabalho é a rede de interações.

Professor - “Nem todos somos íntegros”.

Pressupostos

Rosane - O trabalho teve início no Monte Cristo com o GAPEFAM.

Professor - “Somos diferentes!” Colocação de um professor após ser colocada a transparência com a poesia de Mário Quintana.

Compromisso ético

Quem daqui não tem imaginário?

Professor - “Eu sonho!”

A emoção está permeando a sociedade de hoje. Nossa sociedade, é a sociedade da imagem.

Diferença entre pré, pós e modernidade.

Os arranjos são famílias.

Iniciou-se uma discussão sobre produções independentes, machismo, mães-solteiras, questão econômica, diferenças de classes e homossexualismo.

Inexistência de modelo dominante.

Quem é da família, é aquele importante para mim.

O que caracteriza a família hoje, é aquela ligada por laços de afetos sem amarras.

A pós-modernidade, é a sociedade da imagem.

A televisão é o maior veículo da imagem.

A proposta é dar voz às famílias e compartilhar.

A coleta de dados está sendo feita através de oficinas, reuniões, visitas domiciliares, observação participante, gravação, filmagem.

A comunicação é dada, para transmitir o retorno.

Dilemas éticos. Público x Privado. Intromissão/Demissão.

O mundo imaginal é a maior capacidade que temos de sermos livres.

Professor - “O trabalho será efetivo ou temporário?”

Houve a participação de alguns professores numa discussão sobre o mundo imaginal x a realidade, o materialismo.

Na avaliação, os professores elogiaram o trabalho.

Notas do Pesquisador

Reunião com funcionários dia 08/09/97.

Falar em imaginário desperta colocações como: “Eu sonho “; “Todos têm ilusões”.

Ao falar de doença, eles logo associaram às questões “urbanas”, que eu diria “ambientais”, que é uma preocupação da comunidade (lixo, esgoto, água,...)

“O cara tem computador em casa e joga merda no chão! ”

“Nos temos tuberculose, sarampo na comunidade não tem. Tem hepatite. Tudo por uma questão urbana, né? O lixo, sujeira urbana, né? O esgoto rola aí a céu aberto”.

“Parece mentira; mas os maiores casos de hepatite é por causa da alimentação. Do vegetal mal lavado ou lavado com água contaminada. ”

A água que deveria limpar, contamina mais ainda, né?

Trabalhar a cidadania, segundo Warat

Aqui já começa a aparecer a questão do rico e do pobre e do dinheiro.

III Encontro (2ª Oficina com famílias)

(23/09)

“Vamos, em círculo, nos dar as mãos, quem quiser tirar o sapato pode. Bom, todo mundo deve ter tido um dia de trabalho, ou fora ou na sua casa, então é bom que a gente dê uma relaxada, né? Vamos fechar um pouquinho os olhos e, aos pouquinhos, ir entrando aqui nesse momento, junto com essas pessoas que vieram mostrar alguma coisa em comum... Com certeza alguma coisa para uma vida melhor. Vamos trabalhar esse coração, vamos tentar colocar para fora na nossa expiração, toda energia que não seja muito boa, negativa, que esteja nos prendendo e quando a gente respirar e colocar pra dentro todo esse ar, que esse ar venha cheio de coisas boas, cheio de forças, energia, que isso tranquilize, que nos aproxime...”

... Agora que a gente deu uma relaxada, vamos se soltar. Agora a gente vai se conhecer ou se reconhecer. Todo dia a gente faz uma coisinha diferente de cada um que a gente vê todo dia, nunca se conhece todo mundo, né? Pra quem tá chegando agora, meu nome é Rosane, eu sou da universidade e estou fazendo um trabalho aqui. Então, hoje eu vou passar essa bolinha para cada um e aí vocês vão dizer como é o nome, porque que estão aqui. Agora eu estou muito bem, e estou aqui para fazer esse trabalho e ver o que é ser família saudável com vocês... comecei.

“- Meu nome é João de Barro, vim para conhecer o trabalho e espero dar certo isso, aí...”

“- Meu nome é Cajuzinho, sou estudante de enfermagem, estou aqui trabalhando no projeto, mas também para aprender com esse trabalho”.

“- Meu nome é Topázio, vim pra conhecer esse trabalho de vocês. Quero conhecer”.

“- Meu nome é Gralha, eu tô aqui pra aprender porque eu acho que a gente nunca sabe tudo”.

“- Meu nome é Violeta e eu tô aqui como diretora, como profissional, como mãe e acho que isso é bom pra gente ter uma oportunidade de conversar sobre família, sobre pessoas, isso é muito importante, né?”

“- Meu nome é Buriti, estou aqui pra trabalhar”.

“- Meu nome é Beija-flor, sou mãe de um dos alunos daqui, tenho dificuldades com ele e gostaria de aprender porque eu acho muito importante estar aqui, alguma coisa boa eu vou tirar daqui”.

“- Eu sou Esperança, estou aqui para aprender também sou professora, acompanho o trabalho do Projeto desde o ano passado com as outras meninas, É um trabalho assim, nossa, com mil estrelinhas só estou aqui porque sei que vai me acrescentar coisa boa para eu passar para outras pessoas. Eu acho um trabalho muito, muito lindo, muito lindo mesmo”.

“- Meu nome é Turquesa, e tô aqui para aprender”.

“- Meu nome é Nabo, tô aqui para aprender”.

“- Meu nome é..... tô aqui pra aprender e pra conhecer vocês da universidade”.

“- Meu nome é Mariposa também sou estudante da sexta fase de enfermagem, também tô aqui trabalhando mas aprendo com todo mundo o que é ser uma família saudável hoje em dia.

Rosane.

“Eu queria dizer pra vocês que nesse projeto a gente veio aprender, também, por isso que a gente tá aqui. Eu acho que a gente poderia fazer dois momentos, um agora que a gente está aqui junto, cada um falar sobre o que é ser família saudável; qual a imagem da família saudável?... e depois a gente faz um grupo...”

... Vamos dançar um pouquinho, deixar a música nos levar, o que vier na cabeça. Fechar o olho, deixar a música te levar...

Acho que deu pra gente dar uma relaxada. Vamos falar um pouquinho sobre o que é ser família saudável.

Beija-flor.

“- Olha eu tenho pouco tempo de casada, já passei dificuldades com meu marido... eu não tive ainda como saber isso. Desde pequena a minha família sempre esteve muito separada, por isso eu não sei dizer o que é ser uma família saudável.”

Esperança:

“ Família saudável em primeiro lugar eu acho que tem que ser uma coisa muito forte.. uma coisa muito transparente nessa união, uma consciência real das coisas, a nossa consciência que fala, estar bem tranqüila... buscar um equilíbrio emocional... ”

A minha família nós somos em nove irmãos, a gente se dá muito bem e a família eu acho que é isso...

Rosane:

Pessoal nós estamos recebendo mais uma pessoa. Meu nome é Rosane eu tô aqui junto com a Mariposa e com a Cajuzinho, fazendo um trabalho sobre família saudável, seja bem vinda.

Meu nome é Bergamota, sou mãe da Jabuticaba, acabei de chegar, sei que é sobre família saudável, mais eu posso ouvir mais um pouco?

Rosane:

A gente tá começando o trabalho, conversando, nos apresentando, o nome de cada um, e agora, a gente tá falando sobre o que é ser família saudável para cada um. Quem pegar a bolinha, fale por favor o seu nome para a Bergamota.

Violeta.

“ Família eu acho que não se restringe só a mulher, esposo e o filho. Eu acho que tudo, irmão, e as pessoas que convivem ao lado da gente, né? As vezes é uma pessoa tão distante e, às vezes, tá tão próximo da gente... se torna tão companheiro da gente, que faz parte da família, não precisa ter laço de sangue aquela coisa, toda... a gente ter perto da gente um filho, marido, ou seja, nem todo mundo tem mãe e pai, um companheiro... eu acho que acima de tudo, o respeito que existe no meio. O lar onde existe respeito, eu acho que isso é uma família. ”

“ Eu moro sozinha com a minha filha, eu tenho irmão também, só que a gente não se dá muito bem. ”

“ Meu nome é João de Barro, pra mim uma família saudável, vem de um relacionamento, uma companheira, e o fruto da nossa amizade e do nosso relacionamento, que é um filho, né? Isso pra nós é muito importante, o filho da gente e acima de tudo a saúde e o respeito. ”

Grálba: “Família saudável, é como uma planta. Já que todo mundo falou que é uma coisa boa, quando a gente molha, rega, ela vai sempre para cima, né, quando tem amor a gente tem que fazer sempre com que ela cresça, cresça, e nunca deixe ela murchar. Eu acho que família é sogra, sogro, cunhado, não só os entes, porque senão tu não te dá bem às vezes com a mãe do teu companheiro aí já tem briga com ele, com filho... com os professores do colégio, porque a partir do momento que ela cuida do meu filho, ela é também da família, porque ela cuida dele para mim. Até a gente que tá formando esse grupo também é uma família agora, a gente vai se conhecer. ”

“Meu nome é Turquesa e eu acho que família saudável é tudo de bom, um companheiro, um filho, a amizade. ”

“Meu nome é Mariposa, pra mim família saudável é o que ela falou, é tudo de bom, é tu ter amigos, é tu ter o que comer, é tu poder sair pra passear, é tu fazer as coisas que tu gosta e que te dá prazer, é tu ter saúde pra tu poder fazer tudo o que tu quiser. Então eu acho que família saudável é tudo de bom que pode acontecer.... ”

Bergamota: “ eu tenho uma filha de treze e uma de seis, agora vocês imaginem não é fácil, então eu sei lá, aos poucos eu queria saber o que é família saudável. ”

“Meu nome é Buriti, família saudável pra mim, é estar com Deus, desfrutar das coisas boas da vida, comer bem sempre... quando eu saio minha família está sempre junto, tenho duas filhas uma de quatro e uma de 2 meses. Tenho horror a todas essas drogas que existem, isso acaba com as pessoas, qualquer uma, né? ”

Cajuzinho

“ A gente sempre trabalha com essa pergunta, mas nunca tinha parado pra pensar. Família saudável pra mim é aquela que tem muito amor, mas não é tudo de bom como ela fala, tem aquelas briguinhas saudáveis, é a família que se trata com amor. ”

Rosane

Pra mim família saudável, é aquela que permite aos seus membros que eles cresçam e se desenvolvam, não pode sufocar, é aquela que dá apoio aos seus membros e faz quando existem dificuldades, conseguem pedir ajuda, porque todo mundo passa por dificuldades, que crie as condições básicas para sobreviver. Alguém mais quer falar? Bom, a gente fez esse momento,... agora vamos passar para ao segundo momento que é o trabalho em conjunto. A gente vai se distribuir em dois grupos e nós vamos trabalhar qual a imagem de ser saudável para vocês. Vocês podem escolher, se vocês quiserem só falar (a gente vai fazer um momento onde esses dois grupos vão trazer para todo mundo). Vocês podem escrever, podem desenhar, podem fazer colagens, se quiser dramatizar uma encenação, vocês têm 10 minutos para isso, depois a gente vai fazer um grande grupo, discutir, pode ser? Então, tá.

"Um energizante, porque essa hora, né, bate.. ", disse eu distribuindo chocolates.

Violeta

"Pega uma revistinha mulher, e tira o que tu acha que é uma família saudável. "

Rosane

"Não resistiram às revistas, hein? "

"Melhoraste da dor de cabeça? ", perguntei á uma das mães ali presente.

"Gostaria que eu fizesse uma massagem? ", questioneei.

Nabo

"Não, é de família mesmo".

Os participantes iniciaram o preparo dos cartazes.

Beija-flor perguntou se podia usar uma figura de uma paisagem de uma revista. Respondi:

"Se é o que tem dentro de ti, podes colocar".

"Mas ele te persegue, né? " Falaram para a Violeta mostrando a foto do ator.

Rosane

"Tem só mais cinco minutinhos".

Mariposa perguntou o nome de duas mães para fixar:

"Qual é o nome da senhora? "

"Turquesa; Nabo. "

Violeta

" Vamos botar num cantinho assim, tudo que a gente acha que é... respeito, fidelidade, dignidade... não sei se vocês tem outra idéia, aí. O que vocês acham? "

Nabo

"Até que horas que vai essa reunião? "

Mariposa

8: 30 horas.

Rosane

Tá pronto esse daqui?

João de Barro

"Tá. "

Rosane

E aí, estão prontos?

"Tá, respondeu alguém."

Rosane

Então vamos passar todo mundo pra cá?!..

... Bom pessoal... terminaram?...

... Bom, eu queria ver, quem de cada grupo quer falar sobre o que que o grupo colocou sobre o que é ser família saudável...

... Quem é que quer começar?...

... Pode ser esse grupo aqui?...

... Quem vai falar aqui?

João de Barro se pronunciou.

"É, você? Tu quer que a gente segure ali... ? perguntei."

João de Barro

"Bem, o meu grupo definiu família saudável... a amizade, a compreensão... sem drogas, sem armas, ter liberdade, ouvir, ajudar, estar com Deus e ter muita fé, o amor pela vida, tudo é família saudável. Então aqui a gente tem, amizade familiar, os irmãos, amigos, o trabalho, a alimentação, a união-compreensão, o esporte, também, respeitar a terceira idade que hoje muita gente não respeita, né! Pensam, bem dizer, só na sua juventude, pensam ali os velhos vamos deixar num canto, não, vamos também ter respeito as pessoas de terceira idade. O lazer, o passeio com a família, e a natureza, um botão de rosas bem aberto. Eu acho que é isso."

Rosane

Nem só a Pitanga, mas aquelas outras... que vocês formaram, as outras imagens.

João de Barro

"... seria uma família, né, unida, a união de uma família. Aqui, o sorriso, de um feto que gera uma compreensão, o respeito no caso, o carinho, o marido e a mulher a união dos dois. São duas figuras de dois fetos. E ali, uma companheira, caminhando, se divertindo... e aqui a, como posso dizer, a companheira... passeando, em cima da bicicleta."

Violeta

"João de Barro, quem botou essa dali fui eu, quando bem eu achei que ela deveria estar bem com ela mesmo, satisfeita, por isso que eu botei ela ali."

Rosane

Estar bem consigo mesmo.

Esperança

"Liberdade de expressão!"

Rosane

Solidariedade, né? A solidariedade apareceu por aí também, né? Parecida, a fraternidade, né?

O João de Barro ia falar quando a gente perguntou a questão dos idosos, né?

Tu querias colocar alguma coisa.

João de Barro

"É, o que a gente colocou aqui, né! é a respeito da terceira idade, que hoje em dia muitos não valorizam. Você vê, a mãe tá velha, o pai tá velho, deixa a mãe num canto, o pai num canto, não vão levar mais as coisas pra eles, não vão mais visitar, mas quando morre, ah meu pai morreu, eu acho que aí, né, dá o carinho que quer, né. Quando estavam vivos, não vieram conversar, só vão ver quando é o dia da mãe, o dia do pai, vamos lá, eu acho que todo dia..."

Rosane

Vamos aproveitar pra fazer um intervalo eu queria saber se existe a possibilidade de fazer um encontro semanal, se tem dificuldade, se vocês tem uma outra proposta, que semana passada, 15 dias atrás foi colocado ou semanal ou a cada 15 dias. Ai se optou por 15 dias, mas eu achei que simplificou. Se tem disponibilidade, se dá pra tentar a gente fazer semanal, eu queria ver como fica melhor na situação de vocês, porque está sendo bem novo isso aqui, né? esse momento, será, é possui, dá pra gente tentar fazer semanal?

“Dependendo dos compromissos,... hoje o meu marido ficou, alguém tem que ficar com as crianças pra mim pode vim um pouquinho, porque todo mundo gosta, eu acho que, né? Dependendo como ficar, eu acho que vem mais gente com o tempo.”

Rosane

Alguém tem alguma dificuldade de fazer o encontro semanal? Não?

Nabo

“Depende! Vai depender do horário e do dia da semana. Hoje eu vim porque eu tô num dia que eu não trabalhei, ontem e hoje, mas amanhã eu trabalho.”

Beija-flor

“... a primeira vez que eu vim... a gente sempre tem os motivos da gente, né? Não é aquele negócio de ah eu não vim porque... A gente vem... motivos.”

Rosane

E pode ser as terças-feiras?

Gralha

“As terças pra mim está ótimo.”

Rosane

Alguém tem uma outra proposta?

Nabo

“Pra mim eu não sei se vai dar terça. Porque hoje eu tô aqui porque eu não fui trabalhar, porque minha patroa tá viajando. Agora, não sei outro dia também, porque tenho outro compromisso também.”

Rosane

Tem outro dia que a senhora gostaria...

Nabo

“O dia que eu posso mesmo é quinta-feira? Quarta ou quinta. Tem dois dias da semana que eu...”

Rosane

Mas às vezes a senhora pode vir na terça?

Nabo

“Nas terças-feiras, hoje eu tô, porque eu não fui trabalhar.”

Rosane

E obrigado por ter vindo. E quinta também todo mundo pode? Se não puder fazer terça.

Bergamota

“E vai ser sempre às 6:30 horas?”

Rosane

Às 7:00. A proposta é ser às 7 horas. A gente marcou às 18:30 horas pra o pessoal chegar antes, mas seria 7 horas o início.

Nabo

“É porque eu acho que esse horário das seis e meia é muito cedo pá gente.

Rosane

Mas aí acaba cedo também.

Nabo

“Porque aí a gente vem aqui no colégio, pega as criancinhas da gente, leva pra casa, arruma alguma coisa, recolhe as roupas que a gente tinha lavado. Lava um, lava ou outro, não dá tempo, né? Hoje nem deu tempo de dar o lanche pra ela, já vim correndo, é muito cedo. Então às sete horas marcado, como a Violeta mandou um bilhete pra gente, então manda, fala assim que o começo é as sete horas, mas o pessoal chega aqui 15 ou 20 pras sete, no máximo tem que estar aqui, pras sete a gente já começar. Agora, manda no bilhete pra começar 18:30 aí, a maioria não vem.

Rosane

Na próxima vez a senhora não pode vir?

Nabo

“Eu não vou garantir nada, que eu possa vir ou que eu não possa. Porque eu ia trabalhar hoje, lá nas Canasvieiras na casa da filha da minha patroa. Ela foi operada, né? Fez cirurgia e eu ia lá fazer a faxina na casa dela. Eu trabalho de doméstica, né?

Rosane

Na próxima quinta, você poderia na próxima quinta?

Mariposa

“Quinta-feira que vem?

Nabo

“É.

Mariposa

“Não sei, né?

Rosane

Então a gente vai pensar e comunica pela Violeta. Todo mundo pode terça, quanto quinta?

Nabo

“Terça, já é meio difícil pra mim.

Buriti

“No caso eu, terça eu folgo no meu trabalho, aí varia... no caso 5 vezes no mês,...

Rosane

Então a outra foi seu Azedo que participou.

Buriti

“Isso. Aí sempre vai ser ou eu ou ele.

Rosane

Tá muito bom. Então, tá. A gente marca ou terça ou quinta, tá bom?! Então podemos tentar semanal.

Turquesa

“É mas só que eu acho assim, ó: marca às sete, né. Marca pra sete, mas nem todo mundo vai estar aqui até as sete,. Aí sete horas, sete e meia chegando lá tá bom. Então eu acho que mandando um bilhete seis

e meia tá bom, porque até às sete o pessoal chega aqui. Porque marca às sete, ah sete horas, ah até sete quinze, sete meia chegando lá, tá bom.

Nabo

“Mas a Violeta mandou bilhete, muita gente lá perto de casa, não deu pra vir. Eles tavam vindo do serviço, a hora que eu estava saindo. Eu cheguei atrasada porque chegou visita aí não deu pra vim cedo.

Rosane

Eu acho que isso que a Turquesa coloca acontece, a gente podia se exercitar de repente e começar às sete horas, acontece. Mas eu acho que tem gente que não pode chegar as seis e meia, então a gente marca para sete, mas pra começar às sete. É isso, né? Tu gostarias de começar na hora marcada, né?

Turquesa

“Sim no horário que é marcado. Aí marca pras sete, aí chega aqui, ah o pessoal não chegou ainda, vamos esperar até as sete e meia. Aí quanto mais tarde começa, mais tarde termina. Quanto mais cedo a gente começa, mais cedo a gente termina.

Rosane

Vamos combinar de que o mais tarde que começar é às sete horas.

Turquesa

“É, tem que ser no horário.

Rosane

O primeiro começou as sete e meia, se atrasarmos. Vamos marcar pra que não passe das sete horas pra começar...

... A gente tava falando de como é que... tudo o que eu estou passando. Alguém tem ônibus vinte pras nove, né? Agora já são oito e meia, né? Tá na hora de fechar. Então, eu queria dizer pra vocês, que foi um momento muito gostoso... eu gostei muito. A gente continuaria trabalhando com vocês também, então a gente vai voltar lá pro centro pra cada um dizer como está-se sentindo, né... Nós não vamos dançar? Dançar faz bem pra dor de cabeça. Vamos fazer um círculo. Vamos fazer um pouquinho mais daquela respiração. A gente trabalhou... tá discutindo hoje aqui, o que representa para o nosso dia-a-dia. Não é uma coisa fora. Não, faz parte da gente. O que tem levado a gente a ter essa família saudável o que tem feito pra isso, essas coisas que a gente discutiu hoje, como é que é isso,... E afasta esses pensamentos que vem dificultar essa família saudável. Por que é que às vezes ela não está desse jeito? Por que é que às vezes eu não estou me sentindo bem e, o que é que eu posso fazer por isso? Vamos nos concentrar. Vamos imaginar uma luz azul no nosso umbigo: é que essa luz azul vai tomar conta de todo o nosso corpo, como se fosse um carinho, que nos faça sentir melhor que nos dá estabilidade. Vamos fazer aquele barrigão na hora em que o ar entra, e grudar a barriga lá nas costas expulsando o ar. Vamos soltar. Eu queria pedir agora, pra cada um de vocês, dizer como está se sentindo, e o que foi esse momento aqui pra nós. Pode ser até uma palavra, o que for hoje, estar aqui.

Bergamota

Eu achei ótimo, não participei do trabalho, porque eu ainda estou me sentindo assim, sei lá,... da maneira de vocês pensarem... em família, coisas bonitinhas, porque eu estou me sentindo meio vazia ainda, não consegui-me estabilizar ainda e não sei quando vou conseguir. Mas, eu...

Rosane

... Você acabou de se expressar, né? Coisa boa. Quem mais? Se não quer falar muito, pode ser com uma palavra.

Beija-flor

Foi maravilhoso participar, pra poder desabafar um pouco...

Gralha -...

João de Barro

É minha segunda vez...

Rosane

Eu queria dizer que eu fiquei muito contente da família ter crescido aqui, hoje veio a família inteira, isso foi bom. É bom pra nós se vem um elemento, e também é muito bom se cada vez, vem mais gente, né...

Esperança

O papel da gente é repassar esse bom, gostoso valem, passar pra nosso outro colega, né? Muito gostoso, muito bom.

Buriti

Pra mim foi um... Além de eu estar trabalhando, ficar no silêncio agora...

Rosane

Vai trabalhar com prazer agora!

Nabo: "...

Cajuzinho: "...

Rosane

A Cajuzinho, hoje ela tá doente, tava se sentindo mal, tava com febre, e veio e está aqui com a gente trabalhando.

Mariposa

"... conhece um monte de gente, ... aprende.

Rosane

Eu estou muito feliz, muito satisfeita. É tão bom ver aquela família que a gente fala, e a gente trabalhava, a gente viver isso aqui. Isso pra mim foi muito bom. Eu sempre, enquanto ideal de pessoa e de profissional, eu sempre pensei em me reunir com as famílias e discutir sobre o que é ser saudável, o que está fazendo pra isso, o que pode fazer... Agora vamos baixar a cabeça e quando a gente levanta, a gente vai dizer OBA! Obrigada gente! Espero que eu não tenha feito ninguém perder o ônibus.

Resumo I - 2ª Oficina - 23/9/97

Início dos trabalhos às 18: 55. Estavam presentes as pessoas.

O primeiro momento foi o de apresentação do trabalho e solicitação de permissão (permissão para filmar, gravar, fotografar...).

A seguir, feito momento de descontração. As pessoas apresentavam-se, falavam o porquê de suas presenças e o que esperavam do encontro.

Obs. : Antes disso, foi feito um momento de relaxamento com estimulação da respiração.

As pessoas se soltaram e permaneceram com os olhos fechados durante todo tempo.

Após foi feita a apresentação com a técnica da bola (uma pessoa jogava a bola para outra).

A seguir, com a mesma técnica, perguntou-se o que é ser família saudável?

Nota: A maioria das pessoas associaram isso ao relacionamento entre marido-mulher afirmaram que ser saudável é ter carinho, amizade, compreensão e união. Mas o enfoque foi em cima da relação marido-mulher.

19: 20 horas - Divisão dos grupos e distribuição de material. Solicitados para fazerem o que quisessem (colagens, desenhos, dramatização...) respondendo “o que é ser família saudável nos dias de hoje”.

Grupo 1 - Violeta, João de Barro, vigia (Buriti), Turquesa, D. Nuvem, D. Nabo. D. Nabo: não contribuiu para o trabalho. Permaneceu meio que isolada, só vendo as revistas (afirmou estar com intensa dor de cabeça).

Grupo 2 - Gralha, Beija-flor, Esperança, Esperança (Professora), Bergamota. Bergamota ficou isolada, não contribuiu para trabalho (parecia estar' viajando!). Esperança (que não é professora) participou, mas demonstrando uma certa resistência????

No grupo 1, todos participaram ativamente: dando idéias, escolhendo fotos (exceto D. Nabo).

Nota: As crianças devoraram o chocolate e falaram bastante alto (esse barulho atrapalhou um pouco a primeira parte da apresentação).

D. Nabo me perguntou o horário de término da oficina. Quando eu falei que era 20: 30 horas, fez careta feia. Perguntou: “Quando termina essa coisa?!?”

19: 45 horas - Término do preparo dos cartazes. Início da apresentação (exposição).

Grupo 1 - João de Barro foi expositor

Amizade familiar (união)

Trabalho

Esporte

Respeitar terceira idade

Lazer: passeio com família

Natureza: botão de rosas bem abertas

Família unida (união)

Sorriso, afeto (que gera compreensão e carinho entre homem e mulher)

Dançando, divertindo

Não ter armas

Estar de bem consigo mesmo

Carinho, respeito, dignidade, paz

Ouvir, ajudar

Sem drogas

Grupo 2

Árvore que mostra toda força

Tronco: crescimento da vida, achar liberdade, assumir uma família

Folhas: bate vento, liberdade

Água: clareza, nitidez, calma

Raiz: tudo que brota, cresce

Respeito aos velhos porque é deles que a gente aprende, que a gente veio, que é nossa família

Natureza do campo

Lazer, passeio

União, amor

Dia de beleza, tranquilidade

Justiça

Paz, amor, fraternidade

União na escola entre pais e professores

Carinho entre pais x filhos

Término da apresentação: 19: 53 horas

19: 53 horas - O que levou à escolha das figuras? O que nos faz ter idéia dessa família saudável?

É a busca de uma coisa boa. Tudo que nos faz sentir bem e fazer bem às pessoas do nosso lado (Esperança Professora). As pessoas que são amigas, que não tem elo de sangue. Minha família mora longe, mas meus colegas de trabalho, colegas do meu marido, da minha família, etc. Tudo que faz bem às pessoas que eu gosto é considerado família saudável.

Mesmo não desenhando uma árvore, eu associei o que nós escolhemos (as figuras) com a árvore que elas desenharam. Eu acho que se a gente tá bem no serviço, com os amigos, com a família (lá em casa) nós temos família saudável. Porque se um lado, uma dessas partes está mal, as outras também estarão afetadas (Violeta).

Rosane - Tudo que vocês estão colocando me parece que ser saudável é sentir-se bem.

Gralha: "Aqui a gente tem liberdade de falar o que é ser família com saúde.

Buriti: "Família saudável é se fazer o que se gosta.

Esperança (Professora): "Às vezes, as pessoas não entendem que ir à feira e comprar um espinafre e fazer uma comida boa para meu marido me dá prazer. As pessoas não entendem e não conseguem ver prazer nas pequenas coisas. Eu fico indignada com isso!

Esperança (professora): "Essas pequenas coisas me satisfazem, me dão muito prazer. Eu fico feliz da vida. Essas pequenas coisas não dão mais prazer às pessoas. E são coisas tão boas.

Gralha: "Meu marido relaxa quando vai pescar, o meu marido esquece das contas, das coisas ruim quando vai pescar.

Rosane - Aparecem coisas significativas quando discutimos sobre família saudável. Será que sabemos o que nos dá prazer, o que nos faz feliz?

Esperança (Professora): "Será que a gente se conhece o suficiente para saber do que a gente gosta?

Gralha: “A gente não pára para refletir sobre isso? A gente tem tanta coisa para pensar: colégios, filhos... que a gente esquece de pensar. Não dá tempo!

Rosane - No outro trabalho apareceu que ser saudável era ficar sozinho. Isso me chamou atenção agora. Estamos fazendo um gancho com o que ela falou e o estar sozinho. João de Barro, tu gostaria de falar sobre isso?!?

Gralha: “Estando sozinho é o tempo que a gente pensa. A gente fala tanto em família, família... Esposo, filho é muito bom, mas temos que ter um tempo sozinho? É até um momento de ver que a gente precisa de uma família!

Rosane - Uma outra coisa que apareceu nos dois grupos e chama atenção é a questão da terceira idade. Alguém quer falar sobre isso?

Gralha: “A gente esqueceu de pôr o respeito aos doentes também. A pessoa se sente só, discriminado, são abandonados! A pessoa não pode sair da sociedade por isso.

Esperança (professora): “Até os excepcionais são discriminados.

Beija-flor: “Na cidade onde eu morava, num colégio famoso, importante; discriminaram uma menina excepcional. Mas todos a apoiaram.

João de Barro: “Respeito à terceira idade que não vimos hoje em dia. Não dá bola quando tá vivo, mas quando morre, fica chorando. Só dão bola para dia dos pais, dia da mães. Mas na verdade, o dia deles é todo dia.

Finalização: 20: 30 horas

Círculo para com um dizer como se sente agora.

23/09/97 - Oficina com os pais - 2a

Membros:

- 1) Esperança (de vermelho)
- 2) Nuvem
- 3) Gralha (de preto)
- 4) Beija-flor (soft)
- 5) João de Barro e esposa (Turquesa)
- 6) Violeta
- 7) Nabo
- 8) Esperança
- 9) Buriti
- 10) Bergamota

Alguns pais trouxeram seus filhos e filhas

18: 55 horas - Apresentação.

Rosane iniciou se apresentando e, a nós, dizendo onde ela mora (aqui na Lagoa) e sobre seu trabalho.

Pedi permissão para ser gravado, e afirmou que isso ficará em sigilo. E se comprometeu em trazer o retorno.

Todos estavam prestando atenção à ela.

Gralha balançava a cabeça concordando, com que a Rosane colocava sobre a importância do trabalho. Todos levantaram.

Em seguida, foi realizada a técnica de relaxamento e respiração. Todos se deram as mãos, fecharam os olhos e realizaram as técnicas de respiração (Dança). Em seguida, com a técnica da bolinha, foi feita a apresentação de todos: NOME E PORQUÊ VEIO. Chegaram mais dois pais, o vigia e uma mãe.

Depois Rosane lançou a pergunta: “O que é ser família saudável” e, com a técnica da bolinha, cada um respondeu.

Próximo passo foi a oficina. Houve a divisão dos grupos. No momento da oficina, alguns se mostravam interessados e participando, outros estavam simplesmente, folheando as revistas.

Os grupos se dividiram:

- 1) Violeta, João de Barro, Buriti, Nabo, Turquesa, Nuvem.
- 2) Gralha, Beija-flor, Esperança, Esperança, Bergamota.

Obs. : Nabo parecia estar com algum problema, referiu estar com dor de cabeça, e não participou, só ficou sentada junto ao grupo. Bergamota também ficou um pouco isolada.

Apresentação

João de Barro falou sobre o que seu grupo colocou:

Carinho, respeito, dignidade, liberdade, ouvir, ajudar, sem drogas, sem armas,... resumindo tudo é o amor pela vida que a gente tem,... lazer, natureza (botão de rosa)... união do marido e da mulher,...

Violeta (sobre a foto da mulher andando de bicicleta): “Bem com ela mesma, estar feliz.

Gralha apresentou o outro trabalho. Perdi o início, porque fui bater a foto.

Natureza,... na hora do lazer, tem que ter união, tem que ter amor, união na escola, paz, amor, fraternidade,... carinho entre pais e filhos.

Discussão

Rosane - O que vocês viram que está igual nos trabalhos, o que tem levado a gente a ter essa idéia de ser saudável?

Esperança: “O que faz sentir bem, a busca para que nosso eu se sinta bem, como ser humano. As pessoas que me fazem bem.

Rosane - Tudo o que vocês estão colocando me parece que ser saudável é sentir-se bem.

Gralha: “Meu marido, depois que ele vai pescar ele volta bem, porque ele não pensa em nada, só em pegar o peixe. E se ele volta pra casa com a cabeça cheia, ele fica, mal-humorado.

Rosane - Aparecem coisas significativas quando discutimos sobre família saudável. Será que sabemos o que nos dá prazer, que nos faz feliz?

Esperança e Gralha falaram.

Rosane voltou ao trabalho da oficina e perguntou ao João de Barro sobre o que significava a figura do estar sozinho, ser saudável, é estar sozinho.

Gralha: “Eu acho que é isso que estamos falando, do momento que precisamos pra nós, do conhecer-nos.

Rosane - O que apareceu nesse trabalho também, foi a questão da terceira idade, o que na outra oficina não apareceu.

Gralha: “Outra questão que não colocamos, mas que agora nós, debatendo, me lembrei, foi a questão da saúde, da AIDS, hoje em dia as pessoas com isso, ficam muito sozinhas, porque as pessoas se distanciam dela. (aí, as crianças estão fazendo muito barulho, tá difícil de entender!)

Rosane - Fazendo um intervalo. Eu queria saber se tem possibilidade de fazer um encontro semanal.

D. Nabo: “Depende do dia.

Gralha: “As terças-feiras pra mim são ótimas.

D. Nabo: “Pra mim nas terças-feiras fica difícil. Seria melhor nas quintas.

Rosane - foi um momento muito

gostoso esse aqui com vocês, e agora vamos fazer um outro momento para dizermos como estamos nos sentindo.

Notas Metodológicas

Questiono-me se devo dirigir a pergunta a uma determinada pessoa, como fiz em relação ao João de Barro, para ver a questão do estar sozinho.

Mas logo depois abri quando perguntei sobre a terceira idade.

Iniciei a oficina dizendo todo mundo deve ter tido um dia de trabalho. Devo cuidar, pois e se houver um desempregado.

2a Oficina - Creche - 23/09/97

Notas Teóricas

No debate apareceram alguns aspectos que já temos discutido como:

família não é só laços de sangue;

ser saudável: é sentir-se bem; é fazer o que gosta;

é ter prazer; é recuperar o prazer das coisas simples; e ter um tempo para si, para se energizar; e até para ver que queremos (?) uma família; precisamos de tempo para refletirmos.

Chamou-me atenção aparecer o aspecto “respeito à terceira idade; ao idoso” nos dois grupos mesmo sem terem se comunicado.

A gente vê que a família se faz, se desfaz e se refaz ou é por amor ou é por ódio.

2a Oficina - Creche - 23/09/97

Notas do Pesquisador

Hoje senti-me muito bem ao desenvolver o trabalho. Foi muito gratificante ver aqueles pais discutindo sobre o seu processo de viver e ser saudável, colocando da importância de terem aquele espaço para se expressar. Isto reforçou minha crença que justificava o projeto Ninho quando diz que as famílias precisam de um espaço alternativo para discutirem suas questões de viver e ser saudáveis.

Outro momento de satisfação foi ver um dos membros, o João de Barro, que estava no primeiro encontro retornando e com sua família (esposa e filhos).

Hoje muitas vezes quando os pais falavam determinados aspectos como ter um tempo para si; para parar, fazer o que se gosta... Parecia que eles estavam sendo porta-voz de mim mesmo.

2a Oficina - Creche - 23/09/97

Notas do Pesquisador

Isto me faz pensar como está o movimento do mundo. As pessoas mesmo vivendo em contextos diferentes apresentam necessidades e questionamentos muito sintonizados.

Existe uma relatividade os mundos são diferentes e iguais ao mesmo tempo.

Quando surgiu o tema “ter um tempo para si”, considerei importante resgatar o que tinha sido discutido semana passada “estar só”.

Lendo a transcrição da fita, chamou-me atenção que Beija-flor disse ter dificuldades com o filho. Isso me fez ver sua ficha para ver a idade da criança. Aí surpreendi-me, pois é justamente a ficha que eu já havia destacado para revisar com bolsistas pois não aparecia o filho, só outros membros. Já havia chamado-me atenção esta falta. Será que neste momento ela não o considera da família? Ela diz: “Sou mãe de um dos alunos daqui”.

Será que a gente se conhece o suficiente para saber do que a gente gosta? A gente não pára para refletir sobre isso? A gente tem tanta coisa para pensar: colégios, filhos... que a gente esquece de pensar. Não dá tempo!

O homem está se alienando dele mesmo

A gente esqueceu de pôr o respeito aos doentes também. A pessoa se sente só, discriminado, são abandonados! A pessoa não pode sair da sociedade por isso. Lembrar da questão de ser força de trabalho; recordar da minha experiência profissional/pessoal.

IV Encontro (3ª Oficina com famílias)

02/10

Rosane

“Isso pra nós é muito bom, ele vem?”

Esperança

“O seu Azedo!”

Azedo

“Já vai!”

Beija-flor

“Essa salinha agora ficou só pra vocês.”

Esperança

“Essa é a sala de vídeo, nossa”. Lá a gente vai contribuir... todo aquele espaço pra escola, vai ampliar e ver o que dá pra ser feito, sala de aulas...

Rosane

“É a segunda, a primeira é a segunda e a segunda é a primeira”.

Beija-flor

“Vai ser bom Esperança, porque daí no ano que vem dá pra aumentar mais as salas.”

Esperança

É isso que eles estão vendo e pretendendo; a turma que tem mais necessidade, que tem mais pedido, que tem mais gente na lista, aí a gente vai colocar aí.

Azedo

Já é a segunda vez que eu estou aqui.

Rosane

Vamos tentar deixar que essa música entre dentro de nós. Vamos trabalhar com a nossa respiração. Se a gente teve um dia muito agitado, tentar relaxar um pouquinho. Se o dia foi bom, tentar manter as coisas boas quando o ar entra, faz um barrigão, pra botar pra fora gruda a barriga lá nas costas. E assim, vamos botando dentro de nós, muita energia boa, muita coisa boa. Quando a gente coloca o ar pra fora, as tensões também tem que sair. Essa música é uma canção indígena e ela é a canção do berço. Eu coloquei hoje aqui pra nós. Aqui como berço... todas as coisas boas que estão começando... o nascimento. Aqui a gente tá começando alguma coisa, a gente tá fazendo nascer alguma coisa. Eu vou fazer essa técnica aqui com a gente, pra gente brincar um pouquinho, descontraír.

Eu Rosane, tô me sentindo... agora que eu cheguei aqui, muito bem; estou contente de estar aqui com vocês. E espero que a gente tenha um trabalho bem gostoso hoje, com coisas muito boas pra nós. O senhor fala como o senhor está e o que espera do dia de hoje. E aí passa para o outro e segura a pontinha da corda.

Azedo

Eu tô passando bem. Gostando mais uma vez de ter a oportunidade. Espero que as outras vezes eu possa. Quando eu voltar de férias talvez eu venha participar mais algumas vezes.

Rosane

Que bom!

Esperança

Ah, eu também, assim, fiz assim, né,.. do outro encontro foi muito bacana. Estou me sentindo muito bem e realmente queria estar aqui, sentindo a mesma sensação... a mesma emoção e realmente estou de bem.

Beija-flor

Eu estou me sentindo bem. Tive mil motivos pra não estar aqui hoje, mas mesmo assim eu vim e não vou me arrepender disso.

Cajuzinho

Eu também estou gostando muito de estar aqui com vocês. Está sendo uma experiência muito boa, tá me fazendo muito bem.

Mariposa

Eu também, estou muito feliz em estar aqui... estar conhecendo mais pessoas, né, e estar fortalecendo esses laços que estão nascendo.

Rosane

A Mariposa falou em laços, e essa teia mostra isso, que nós temos esses laços, essas ligações, as coisas que fazemos no universo, elas estão inter-relacionadas. Existe uma sincronicidade,... existe uma interligação, uma interação e, certamente, não é por acaso que nós estamos aqui hoje. E saber, que as pessoas saem das suas casas, com chuva, buscam com quem deixar seu filho, ou trazem seu filho,... lutam por uma série de coisas pra poder estar aqui. Isto é muito gratificante e mostra que vale a pena! A crença que se tem de que existe a necessidade de ter um espaço para que a gente possa falar sobre a nossa vida, sobre o nosso viver, sobre o que é ser saudável, sobre o que é ter saúde, até para que a gente possa buscar isso. Agora, nessa volta, a gente olha para o rostinho de quem a gente vai passar a linha de volta... e diz uma palavra. A gente vai ter que desfazer essa teia. Essa teia só se desfaz mecanicamente e materialmente, certamente já tem um outro laço aqui.

Rosane

Alegria.

Mariposa

Amizade.

Cajuzinho

Paz.

Beija-flor

Carinho.

Esperança

Paz, amor e muitas coisas boas.

Azedo

Juventude.

Rosane

Eu tenho uma proposta pra nós, hoje, todo mundo já teve um momento, aqui, todos nós já estivemos juntos, e nós desenvolvemos aqueles trabalhos que eu trouxe hoje de novo, pra que vocês conversem, aqui, pra gente dar continuidade.

Então, a partir daqueles cartazes, aqueles trabalhos, nós vamos continuar discutindo sobre família, sobre família saudável. E aí, vocês podem criar alguma coisa nova, mais em cima disso, podem dizer, por exemplo: 'ah, eu gostaria de falar mais sobre isso... Ou,... tô achando que isso daqui não está bem,... queria diferente'. A gente teria uns dez a quinze minutos para vocês fazerem isso, e aí depois vocês vão fazer uma

apresentação do que discutiram. A partir disso, dessa apresentação, se vocês quiserem fazer até uma dramatização, se quiserem complementar escrevendo em algum lugar, aí fica ao critério de vocês... aquela liberdade.

Beija-flor

Eu só queria dizer uma coisa, eu já vim pensando em dizer isso desde quando eu saí de casa. Mas cada um de vocês que estão aqui e os que não compareceram tão fazendo parte da minha vida, tá me levando pra frente. E eu pensei em todos vocês a semana inteira, e eu não via a hora de chegar esse dia pra mim poder estar aqui com vocês.

Rosane

Que bom! Isso vale a pena, né? Então, vamos fazer? Eu acho que a gente tá tão assim... que a gente pode fazer isso aqui pra vocês ficarem à vontade. A Esperança fez o que eu tô com vontade de fazer desde que eu cheguei. (tirar os sapatos)

Esperança

Eu não tive condições, nem de achar uma meia mais bonita, (disse após tirar os sapatos).

Rosane

Vocês preferem sentar em cadeira?

Esperança

Aqui tá bom.

Rosane

Aliás a gente pode até também botar (os cartazes)... ou como vocês preferem? A gente põe tudo aqui e vocês vão olhando. A gente abre aqui e aí eu acho que eles vão olhando, né? Como é que vocês preferem?

Esperança

Vamos aqui seu Azedo, então, vê o que tem aqui. Ai, olha o macaquinho, esses animais, tão lindo, né?

Beija-flor

Esse verde aqui (mostrando a foto da revista de uma paisagem campestre que havia selecionado na reunião anterior para expressar a Imagem de ser família saudável)... o que eu coloquei aqui, significa pra mim, liberdade, paz. Eu tive uma vida tumultuada demais desde criança. Agora que a minha vida tá indo, tá melhorando graças a Deus. Sou casada com uma pessoa com quem estou apaixonada, e então pra mim isso aí significa liberdade, poder andar livre comigo mesmo. Não se preocupar com a vida das outras pessoas, se preocupar com a minha e ter liberdade, pra mim é isso. Poder respirar ao ar livre, não ter ninguém te sufocando, é o que significa pra mim.

Esperança

(mostrando a figura de uma menina em frente à câmera de TV, lembrando uma apresentadora ou garota propaganda...)

E aqui tem a figura do... querendo falar do trabalho, destacando... a menina... ali, é poder ter um trabalho onde eu me realizo. Eu acho que falta, a gente encontra muitas colegas, amigos mesmos que são colegas do trabalho, não satisfeitos com o seu trabalho. E até conformadas, não se sentindo realmente feliz com o que fazem e poder ter um trabalho também hoje em dia e principalmente, né, claro que se puder ter melhores, mas dependendo da remuneração, se sentir feliz, bem com que está fazendo, independente de estar fazendo faxina, e estar fazendo não sei o que lá,... de tu se sentir bem, quer dizer então se tu trabalha e se sente bem e a tua vida lá na tua família e acho que tudo assim, a tua vida toda caminha mais, porque é a tua vida, o teu trabalho, tua vida, tua relação com parte dela, se tu também tá num trabalho tantas horas, aí tu vai ter a relação com teus colegas e não vai ser boa também. Se tá passando essa angústia, essa insatisfação lá pros teus colegas lá pra tua família, pros teus amigos, na roda em que tá a tua turma... tu ganha pouco, tu ganha mais, não sei o quê, e tu não vê, tu não descobrisse que aquilo tá te fazendo bem, eu tô numa fase da vida assim, e

conhecendo,... esses momentos de encontro, de curso, de palestra, sempre junto indo embora, né, uns quantos anos assim, esses últimos anos e procurar assim, tá se descobrindo, procurar fortalecer a família amanhã, ou como pessoa, crescer, a gente como ser humano passa por estágios, né. E isso tá me melhorando, me avaliando todo tempo, tá procurando melhorar como pessoas, pode transmitir isso pras pessoas, ver o outro lado das coisas. Muito difícil, porque tem gente que não vê, e a gente acha como que a pessoa não vê, e não vê mesmo, não tem sensibilidade, cada um cada um, então não tem sensibilidade suficiente de perceber o outro, o momento do outro, não vê muita coisa. Eu tendo um trabalho, por eu estar feliz com ele, eu me sinto muito feliz com meu trabalho. Tem “n” coisas que tu queria que fosse assim, fosse assado, apesar de tantos, né, que a gente também tem certos momentos que está insatisfeito, mas assim lá, se for avaliando tudo, tudo, realmente, muito feliz com meu trabalho. É um pedaço, eu sinto é um pedaço mesmo, de coração assim. E desde eu pequena, desde 7 anos, eu sempre fui babá. Desde 7 anos, a minha mãe, a minha tia casou e eu fui com ela, na mudança dela para cuidar da filhinha. Eu tava como babá assim. Todos esses anos eu fui indo: babá, professorinha e tal e tal, até hoje eu estar aqui com as minhas crianças. Então é uma satisfação... eu queria contribuir um pouquinho com essas crianças. Dar um pouco daquele carinho que a gente teve e respeito com o coleguinha, que já parte desde pequeno, né? O respeito com o outro, tem que ter para a vida futura. Então, alguma coisa eles tão pegando. Eu tô contribuindo para a educação deles. Da formação deles como pessoas, como seres humanos. Então é... eu lembrei como é bom a pessoa poder ter um trabalho que realmente realize, com a escolha do trabalho da gente. O que eu vejo assim pelo trabalho de vocês, que você com seu trabalho também, é simples, né! Eu posso dizer que você tem uma realização com esse trabalho, trabalho que você tá fazendo, porque você demonstra isso, dá pra sentir, é uma coisa que a gente sente, né?

Beija-flor

É o prazer de estar aqui, é uma satisfação de estar aqui, como a Esperança disse aí, ela gosta do trabalho dela; eu trabalho em duas casas. De manhã na casa de uma mulher, ajudo na lavanderia, ganho 1 salário e trabalho na casa da outra e não chego a ganhar 1 salário. Mas eu levanto de manhã com aquela felicidade tão grande, eu vou trabalhar, não reclamo, não fico, ah, amanhã eu tenho que fazer isso. E lá na casa da outra eu vou fazer aquilo. Até a mulher que eu trabalho com ela diz: “- Beija-flor, você está contente aqui?” Eu falei: “- Eu quero saber se você tá contente, eu tou é preocupada com isso”. Ela disse “- Olha, eu estou muito satisfeita com o teu trabalho”. Então eu tô muito bem, depois que eu comecei a trabalhar, minha vida melhorou 100%.

Rosane

Tu começasse a trabalhar quando Beija-flor?

Beija-flor

Eu comecei a trabalhar depois que eu botei o Luiz Gustavo na escolinha. Eu fiquei uns dois meses parada, eu tava fazendo tapete de barbante pra vender e isso me deixou estressada. Me deixou com problema de vista, tenho tendência de um dia ficar cega, isso já vem de família,... é pai, é avó, é bisavó. Eu já fui no médico e ele disse pra mim que isso é assim. O meu problema é assim. Eu tenho astigmatismo nos olhos. Eu tenho dificuldade para ler tanto de perto como de longe, só que enxergo bem. Leio tudo numa boa.

Mariposa

Tu usa óculos?

Beija-flor

Eu já fiz o exame. Tem que esperar o dinheiro pra comprar. De uma maneira ou de outra o dinheiro que tá entrando, eu faço faxina no sábado, então quer dizer, eu não paro. E, tô com as minhas mãos todinhas arreventadas, mas eu tô contente assim. Pra mim tá sendo melhor, porque eu fazia tapete de barbante, eu ficava... ah, de manhã, eu não via a tarde, eu não via nada. Eu ficava ali no sofá direto. Então aquilo forçou a minha vista, aí eu resolvi parar porque eu tava tendo alergia do barbante. Eu tive até conjuntivite. Aí eu parei e resolvi procurar um emprego. Tô bem, tô feliz, pra mim tá sendo muito bom.

Rosane

O senhor queria falar alguma coisa?

Azedo

Eu queria afirmar o que ela falou. Se não é o trabalho você não é nada, né? Principalmente pessoas que já tem a família, casa, esposa, filhos. Se não tiver o dinheiro, não tem juventude, a pessoa não pode fazer nada.

Rosane

O senhor acha que quem não tem dinheiro, não tem juventude?

Azedo

Não tem juventude, porque a pessoa vai ter que trabalhar direto pra ganhar, né? Até os 14 anos as crianças devem ficar na escola, mas a maioria das crianças que a gente vê aí fora, até no Brasil, eles tãõ no trabalho desde pequeno, com 8 ou 9 anos, principalmente na Bahia, né? Aqui em Florianópolis também é assim se procurar. Crianças trabalhando na rua pra sustentar os pais em casa muitas vezes.

Rosane

Aí a juventude, a infância...

Azedo

Acabou, né? Porque a pessoa começa a trabalhar desde cedo.

Esperança

Já eu desde os sete anos, eu fui empregada doméstica, dessa minha tia. Eu não senti que eu perdi minha juventude. Esses dias eu tava recordando, a minha infância foi riquíssima. Claro que a gente sabe da realidade do país, dessas crianças que pelo amor de Deus, né? Não existe. Essas crianças trabalhando é realmente uma coisa muito louca, muito triste sabe? Mas independente disso, nem por isso de eu tá batalhando eu não deixei de ter uma juventude. Eu não tinha dinheiro, mas sim, encontrar as coisas que me davam prazer ao mesmo tempo do trabalho, né? Então claro, de repente, a forma como o senhor tá colocando, o senhor realmente retrata essa nossa realidade. Mas assim, a relação que eu digo de juventude cada coisa realmente as crianças começam a trabalhar mais cedo; estudam até o 2º grau...

Azedo

Muitos nem estudam, né?

Esperança

Sem estudo cai na coisa mesmo! Mas, de repente, o próprio trabalho, eu vejo assim, se a pessoa realmente conseguiu se encontrar naquele trabalho, no que tá fazendo, ela vai conseguir também ter o lado da juventude dela, o lado de lazer assim. Agora no momento que ela não tá, tudo desequilibra dentro dela mesmo. Se não tá realizado com o que tá fazendo, e o trabalho é uma coisa muito importante na pessoa. Ela conserta, talvez a palavra não seria essa, mas ela assim dá uma engrenada num monte de coisa no indivíduo, assim, fico atendida para um monte de coisa que eu vejo de adolescentes, complicações na família... Acompanhar para ver como eles passam essa adolescência, essa juventude. Eu tô de longe observando isso: eu tô de cá, tô de lá, de curiosa, não sei! Mas para ver como assim, eles vão caminhando. Os que foram para o trabalho mesmo,... até no meu prédio tem uma menina que trabalha, tem os pais separados, tem "n" complicações no meio, mas foram assim, o menino que a mãe tá protegendo... É um lado absurdo. A gente tem um carinho por eles, uma relação, que até hoje se eu não vou lá e vejo. Mas eu fico sabendo dele, ao menos não sabendo de tudo, mas sei. Então assim as crianças que foram, esses adolescentes se encaminharam; conseguiram se encontrar. Eles encontraram equilíbrio, conseguiram superar esses traumas todos, as coisas mais negativas na família ou o que houve, o que teve. Eles conseguem lidar com essas coisas, se sentem valorizados, se sentem... entra em contrato com outras pessoas e sempre alguém dá uma luz a mais, sempre vem alguma energia de algum lado, uma sintonia com alguém, o próprio cliente que vem, o público. Essa pessoa se ajeita melhor, se "endireita". Eu acho que essa não seria bem a palavra, mas consegue assim, encaminhar a vida melhor, para ir pra frente, nem por isso deixa de se divertir, de se curtir a juventude. É claro que se ela tivesse uma boa grana aí, tudo seria mais fácil, mas o sufoco, de tu ter que encarar uma vida, dar conta do que tu ganha, juntar teu dinheirinho pra comprar sapato, pra ter tuas coisas, isso assim, por ser uma professora, não sei se é experiência minha, mas eu vejo de longe esses outros casos, que as coisas funcionam assim. Aqueles que ficam assim...

com a proteção da mãe, por isso, por aquilo, por outros fatores e tal, vê que tá mais assim, largado, perdido na vida. Não se encontrando nenhum trabalho, depois começa assim, e já nem estuda, nem trabalha, não vive legal em casa, nem com o pai, nem com a mãe, nem com a irmã.

Azedo

É, não querem estudar, não querem mais nada!

Esperança

Não querem mais nada com a vida. Então eu vejo assim.

Beija-flor

Pode até ser engraçado, mas eu tenho uma coisa para citar. Eu falando de novo da minha vida, mas isso aconteceu comigo. O meu pai saiu de casa, eu tinha 7 anos, a minha mãe tinha epilepsia, desmaiava em qualquer lugar até a última coisa que aconteceu com ela, queimou o corpo inteirinho. E o meu irmão de 17 anos, ele ficou com a casa, tomou a responsabilidade do pai e ficou com a casa, ele disse – não, agora eu vou assumir, era o único que trabalhava. Ele tinha que pôr comida dentro de casa, pagar água, pagar luz. A casa era nossa; eu tenho duas casas em Londrina. Ai quando eu fiz 17 anos, minha mãe faleceu. Ai ficamos nós 4 morando sozinho, ninguém virou bandido, ninguém virou vagabunda, porque não era pra ser mesmo. Todo mundo trabalhou. A minha irmã é mãe solteira, graças a Deus não aconteceu... é uma fatalidade da família, mas isso é normal, acontece com qualquer família. Então tá todo mundo trabalhando, todo mundo tem a sua família. O meu pai hoje tem orgulho. Ele casou de novo, eu adoro a mulher dele, porque eu acho se não der certo um casal, tem que tentar com outra pessoa. Eu até digo isso pro meu marido, ele tem 25 anos: “Mauro, se um dia você ver que não dá certo, fala comigo diz: ” Não dá mais!. Tá acontecendo isso e não dá mais. ” Vai procurar teu caminho, só quero que você ajude a cuidar do meu filho. Se não quiser também seja feliz, você prum lado e que eu vou tentar meu caminho por outro”. Eu dizia pra minha mãe doente... a minha mãe desmaiava muito, ia pro hospital e ela dizia pra mim: “Quando teu pai chegar, diz que eu tô doente”. Aquilo parecia um negócio que ela já tinha na mente. Quando teu pai chegar eu fico doente. Ai eu falava: “Pai, a mãe quer que o senhor volte, eu sei que o senhor não tem, não é obrigado a voltar”. Nós éramos em quatro. O meu irmão, ofereceram droga pra ele, não dele, ele pegou. Só que quando ele estava acendendo a droga, o pessoal do grupo de jovens disse: “- Ó Edilson, vem aqui”. Ele foi, começou a participar do grupo de jovens, ele só pegou a droga na mão, não chegou a experimentar. Tiraram ele na hora daquilo ali. O meu pai hoje diz: “Eu tenho orgulho dos meus filhos”. Nós somos em quatro no Paraná e 4 lá no MT, onde ele mora, ele diz: “- Eu tenho orgulho dos meus filhos do Paraná, porque ninguém virou bandido, porque não quiseram. Ficou todo mundo largado ali, andando na linha, certinho”. Eu acho assim, é aquele ditado: “O trabalho dignifica o homem”. Se você quer fazer a coisa errada, você faz porque ninguém te leva para o mau caminho. Você só faz se tiver a mentalidade muito fraca e quiser experimentar. E se experimentou, é difícil pra sair. Agora se você nunca entrou na maldade, não é difícil. Só que a maldade está em 4 cantos, em qualquer lugar que você estiver. É muito difícil escapar disso. Eu sei disso porque eu tenho experiência na minha família, por parte do meu marido. O meu cunhado veio pra cá, pra morar comigo e usava drogas dentro da minha casa quando eu saía, ele dizia que não que nunca tinha feito isso...

Esperança

Como ela é complicada, ela é ao mesmo tempo descomplicada. Parte dali assim, a gente é responsável pela família. Quando casa, quando forma, falando de uma família pequena, quatro. Não no geral família: escola, trabalho.

Rosane

O que é geral Esperança? Tem uma família que é geral pra ti?

Esperança

... Eu considero ele e sempre que eu vou lá, seja 3-4 palavras, ele troca carinho comigo. Ele sabe que eu mesmo de longe gosto dele. Sempre que eu puder eu passo uma palavra de carinho, de consolo, se ele conseguir aproveitar. É acompanhando ele agora ele conseguiu. É uma criança cheia de “n” coisas, mas com um coração muito levado, o guri. A Aninha brincava com ele desde pequeninha. Ele brincava com ela. A vó dele é vizinha da minha mãe lá em Erechim (RS). Então isso é ajudar a família geral. É uma família essas parte-

zinhas. Junta tudo é uma família. Porque a minha família é eu, meu marido e minha filha, depois se estende aos meus familiares (pai, mãe, irmãos) e pessoas do trabalho, os amigos. E essas partes assim que eu digo que são do coração. Não pode dizer que são só amigos, porque é mais que amizade. Não sei como eu classifico essas pessoas em minha vida, elas fazem parte. Então elas são do coração mesmo. Tem outra senhora também, tem uma que tá aqui, outra que tá lá. Tem uma senhora, uma velhinha lá do Rio de Janeiro que é uma paixão, uma vovó, uma escrava mineira. Que tem uma sabedoria, uma força, uma energia, uma coisa tão linda que ela te passa que até por telefone ela passa. Mas de paixão! Essas pessoas são assim o teu geral, elas são da família do coração. Então uma cá, outra lá, outra aqui. Às vezes elas nem sabem o tanto de bom que elas fazem, o pouco que a gente troca cá e lá.

Rosane

Tem a família então que é do coração?

Esperança

Eu acho que a gente gosta assim mesmo. Sempre que eu oro eu lembro delas, né? Sempre que eu faço oração lembro delas. Às vezes, sou da religião católica não tão ali na risca, praticante mas eu respeito, frequente a Igreja também (no Itacorubi a gente vai na missa de sábado à noite). Vou em outra Igreja, acendo a velinha e lembro dessas pessoas. Então elas são assim, do coração e fazem bem. Chega um momento que elas trazem alguma coisa para a gente. Às vezes, uma palavrinha, um sorriso elas conseguiam enquanto a gente estava num emaranhado, não encontrava solução para nada davam uma luz, de repente num telefonema, numa palavrinha, num sorriso, um oi, uma boa noite, um até logo te deu uma força assim. Obrigado, adorei aquilo assim. Esses dias ela me mandou 3 bolinhos de arroz e a pessoa agradeceu aqueles bolinhos. Então essas coisas tão pequenas, como a gente discutiu da outra vez se a gente não valorizar. Essas são as pessoas da família do coração. É aquelas que fazem bem.

Rosane

Alguém quer falar sobre essa família do coração? Sobre o que a Esperança falou para nós?

Azedo

É bacana, gostei do que ela falou. A gente vai aprendendo, somos jovens ainda, né?

Rosane

Como é que o senhor vê essa família do coração? O senhor vê assim ou um pouquinho diferente?

Azedo

Eu concordo com ela. A gente faz amizades justamente por um sorriso, né? Por uma boa tarde, boa noite, nunca de cara amarrada, sempre de cara aberta. As pessoas sentem mais alegria até no próprio coração.

Rosane

E o senhor acha que isso tem a ver com a família?

Azedo

Tem. Isso faz parte da família.

Beija-flor

Para mim família do coração é como eles falaram, é você se sentir bem ao lado das pessoas, ter prazer. Ah! Amanhã eu vou almoçar com aquele pessoa, vamos dar uma volta no jardim. A gente vai estar junto com aquele pessoal e se sentir bem. Eu tenho os padrinhos do Luís Gustavo; eu tenho o maior prazer de dizer: olha vão almoçar lá em casa, vão jantar lá em casa, passar um domingo juntos. Quando chega na hora de ir embora, eles moram lá na rua geral da Joaquina e vêm até em casa trazer a gente. Quando chega aqui a gente quer ficar junto. Quer levar. Quando ele foi dormir lá, foi a primeira vez que ele dormiu fora e a madrinha não queria deixar ele vir embora. Ela foi para Porto Alegre e disse que quando chegar a primeira coisa que ela vai fazer vai ser passar e pegar ele. A gente se sente muito bem junto. Eu tenho segredos da vida dela que ninguém da família dela tem. A gente senta junto os quatro quando tem que dar bronca no marido dela e nela vai eu e o Mauro, quando tem que dar bronca em nós dois eles dão. E a gente respeita, a gente tem prazer de estar junto. Isso aí para mim já é um motivo de ter prazer, de ser uma família do coração. São as pessoas que

a gente nunca esquece. Eu posso viajar para o Paraná, ela pode ir para Porto Alegre. É ter prazer de falar. Na terça-feira passada eu fiquei dois dias com ela falando de vocês. Eu não lembrava o nome de ninguém mas eu falei. Quer dizer é uma satisfação estar aqui com vocês. Fazem parte da vida da gente. É um compromisso que a gente tem, toda terça-feira estar aqui. E aí a gente fica querendo que aconteça logo porque a gente se sente bem. A gente vai embora fica lembrando, ah eu fiz isso hoje... Será que na outra terça-feira vai ser assim? Será que vai ser melhor? Faz bem para a gente. Isso que eu acho.

Rosane

Agora, a gente viu aqui que S. Azedo falou a questão da juventude, né? A gente começou falando sobre trabalho e deu para ver assim que, na verdade, duas idéias que existem na nossa realidade, né? Tem a questão do trabalho na infância ou na adolescência, que ajuda a construir e a fazer a evolução do homem, da mulher enquanto ser humano como a gente viu nessas experiências aqui. Ajuda no seu desenvolvimento e o S. Azedo... Isso foi trazido até pela Esperança como experiência, né?... Enquanto trabalho contribuindo para o crescimento e desenvolvimento, falado pela Beija-flor. E o S. Azedo trouxe uma outra realidade que a gente vive aí que é quando o trabalho impede que a criança, o adolescente possam ser criança e adolescente... tenham uma realidade, né? Isso não é o que eu tô dizendo, é o que vocês trouxeram, eu só tô fazendo uma síntese, né? Tem muitas vezes que existe o trabalho e ao mesmo tempo é permitido ser criança e ser adolescente também mesmo que esteja levando esse trabalho. E outro momento, que eu penso que é aquele que o senhor trouxe para nós que é aquele que impede, que sufoca,... não têm direito de brincar, né? O senhor falou dos direitos...

Azedo

Principalmente a pessoa que trabalha na lavoura, né? Geralmente nem estudam lá ficam trancados na lavoura direto, almoça na lavoura, não têm nem tempo de brincar, com a enxada na mão (como várias pessoas, né?). Não brinca e não estuda porque têm que ficar na lavoura dia e noite muitas vezes, né? Isso é uma coisa que acontece. Inclusive eu morei lá em Videira, morei em Lages também, encontrei muito.

Rosane

Então isso é bem quando a gente trabalha...

Azedo

E a escola muitas vezes assim, vamos supor, uma fazenda da outra. No meio da fazenda sempre tinha uma escolinha, mas eles não iam para a escola, entendesse? Eles nem conseguiam sair de casa para ir para a escola. Eles ficavam tão atarefados com o trabalho lá fora, no meio do mato... Se matriculavam, mas à aula não iam. Lá uma vez ou outra quando dava na telha eles iam à escola e voltavam. E muitas vezes chegavam na frente da escola e voltavam para casa.

Rosane

Esses são seus conhecidos?

Azedo

São meus conhecidos!

Rosane

O senhor viveu alguma coisa parecida com essa?

Azedo

Não, graças a Deus. Sempre estudei, meu pai era assim.

Esperança

Vai da família também; da comunidade, ou alguém que perceba. Eu acredito que o senhor... Uma coisa depende da outra: se eu por exemplo, como lá na minha região... Na época também... de colheita,... eu fui criada na colônia lá... A gente trabalhava na roça também. Eram todos colegas de 1º à 4º. Na época de colheita, havia recesso na escola. Todos tinham que ir para a roça estudar, qualquer idade (7, 8, 9, 10 anos...). Todo mundo! Fechava até a escola porque ninguém ia, só a filha da professora. Era uma vila, região pequena, município e que realmente acontecia isso mesmo. E hoje eu vejo não tá acontecendo isso em função de pessoas da comunidade perceberem que isso não pode estar acontecendo: ter que fechar a escola e as crianças falta-

rem. Também acontecia de crianças,... pais que achavam que até a 3ª série estava ótimo, ou 2ª. Aprendeu bem a ler, deu; isso acontece também em algumas regiões. Pelo menos lá por perto, até procuro saber, né? Eles, pessoas da comunidade, estão vendo que isso não pode estar acontecendo e começaram a se mexer, fazer alguma coisa: falando com a família, com a escola, com a comunidade,... interação social para que isso não aconteça. Tem regiões de lá que são não tão pobres, mas com poucas condições, que estão passando, buscando as crianças em casa, eles têm transporte escolar no município. Pessoas da colônia. O município tem 10-12km e há o transporte desse pessoal todo. Nossa, como melhorou bastante esse lado! Então, mas isso vai de região, até em televisão a gente vê isso. Tem regiões que aconteceram isso também. Agora tem outro lado: deu na televisão que pais foram presos, porque os filhos não freqüentavam a escola. Aí não sei até que ponto chegou a ser preso, se teve penitência, se teve um trabalho todo feito antes... Não sei porque a televisão não passa isso, né? Daí a mãe deu um depoimento que não ia mais deixar de levar os filhos para a escola, né? Hoje, né? Nós todos temos o papel, né? Se a criança não tá na escola... de ir buscar, de ver, tentar conversar, ver o que tá se passando para que a criança tenha... Realmente, mas acontece muito. A pouco tempo, apareceu na TV crianças colhendo laranja em São Paulo,... não sei aonde que foi. Mas menina, com a unha pintada assim, bem vaidosinha, uma menina de 8 ou 9 anos. Foi numa reportagem que os catadores de laranja, o pessoal que contratava a família inteira e ninguém sabia quem pagava, não sabiam nada. Só sabiam pegar o saco de laranja e mais nada. Nunca viram ninguém. Então isso é uma realidade muito dura, que eu acho que parte de movimentos de pequenos lugares... De fazer trabalho de conversar, de levar, de ver o que pode acontecer, tentar mexer... É uma coisa muito complicada. É uma questão social do Brasil, né? No Nordeste então, nem se fala! Aqui, na região sul, a gente têm privilégios e mesmo assim falta muito.

Azedo

Tem muitas crianças que não aproveitam, que não vão à escola. Ou se vão, vão para gasear aula.

Rosane

A gente colocou essa questão do trabalho, desde o início conversando com a Esperança, com o que o S. Azedo falou e eu perguntaria assim para fazer uma síntese: A relação de trabalho e família saudável, o que que tem a ver... trabalho e família saudável. Porque a gente começou aqui falando a partir de família e o que que vêm para vocês quando eu faço essa pergunta: trabalho e família saudável?

Beija-flor

Eu acho que é você poder se sentir bem nos dois lados. Se sentir bem no local de trabalho e quando você chegar em casa ser bem recebida, de portas abertas e poder se sentir bem dentro de casa. Se sentir bem nos dois lugares: estar no seu serviço e se sentir bem e estar em casa e se sentir bem. Isso é o que significa para mim, né?

Azedo

Eu concordo com ela, porque são os dois lados, trabalho e residência. Tem que ter harmonia dos dois lados, no trabalho porque aí é uma casa, é a minha casa, a mesma coisa. Eu trabalho aqui, né? Aqui é minha casa. Eu pego às sete horas, eu chego aqui às seis e meia, porque eu gosto de trabalhar aqui, se eu não gostasse eu não vinha trabalhar. Eu gosto de trabalhar, e eu trabalho aqui e em casa também. Quando chego em casa sou bem recebido também. A mulher diz "Ah Azedo, tu já vai?" Já, já, tem que ir, né? O trabalho tem haver com família saudável.

Esperança

Eu imagino assim: como eu passo bastante tempo e o meu trabalho é reduzido em horas, menos tempo e menos tempo já, menos coisa acontece. Você permanece no seu trabalho a maior parte, mas n coisas, vão acontecer e você tá no meio e tá participando de mais coisas, tanto boas como conflitos, como tudo. Então se carrega uma bagagem maior, pra lá, pra tua casa também, a gente consegue, eu consigo fechar a porta daqui, mas de repente eu não consigo fechar a porta das emoções. Aí eu chego bem ou estourada. Cansaço é uma coisa, é um cansaço bom. Esses dias eu disse que tinha ido para feira muito feliz, e dizem que é um cansaço. Mas eu gosto desse cansaço. Aí as pessoas dizem que não dá pra entender. Dizem que é um cansaço gostoso, aproveitar e estar feliz, assim é difícil. As pessoas não entendem não. Não me entendem se você tem um trabalho onde N coisas impedem e você não consegue fazer, difícil. Aí se carrega mais coisa lá pra casa e aí, aquele teu ambiente familiar não vai estar saudável, porque você passou mais tempo lá das sete da manhã, vai

em casa almoçar e já volta, você já tá na vida lá fora. E fica x horas lá em casa, e tem x horas de relação, é claro que é uma coisa individual. Você está tendo uma interação, um repouso, que no caso é individual. Não sei se dá pra entender o que eu quero colocar. São poucos momentos e se eu não tenho esse trabalho, que me satisfaça, eu vou tar carregando um monte, um peso lá pra casa. Eu vou estourar no meu marido, na minha filha, na minha mãe também, porque eu passo muito tempo lá nesse trabalho. Se ele está ótimo maravilhoso eu vou levar isso também. Então eu vou regando as flores e estou indo para casa com um buquê, e vou botar na minha sala que eu acho linda a minha mesa, em cima de um guardanapinho que eu tenho lá bonito, e vou botar aquelas flores no meu vaso. Mesmo que eu não vou chegar em casa e dizer assim: "Ah, teve aquela encresca lá. Fulano xingou fulano". Eu não tou dizendo que não tenha, que seja tudo tão harmônico assim, mas que consegue, isso tudo ser tão pouquinho, porque eu acho que em cima desses conflitos, dessas coisinhas, a gente cresce muito, amadurece, consegue trabalhar, né?

Rosane

O saudável pode ter conflito?

Esperança

Eu acho que pode ter. No outro encontro alguém levantou alguma coisa assim. O saudável pode ter momentos de conflito, de diferenças, talvez nem seja conflito, porque a gente tem uma idéia, a outra pessoa tem outra idéia e no momento que elas são opostas há diferenças, eu posso colocar a minha opinião e ter respeito, no meu trabalho, ou lá em casa, ou mesmo no momento de eu achar que a minha filha é assim, e ela não deve ser assim. É um momento de diferenças do meu pensar e do meu companheiro, a respeito de uma única coisa. A mesma coisa no trabalho eu vou procurar tudo mais colorido, tudo mais florido, o outro lado tá muito mais satisfeito e se eu conseguir lidar com essa coisa assim, se eu vou conseguir achar caminhos, formas, atitudes, ações, pra lidar com essa coisa muito mais tranqüila, não que eu deixe de ter esses momentos isso engrandece muita gente. A vida saudável, a família, tem momentos de divergências, de conflitos.

Rosane

O que o senhor pensa sobre isso?

Azedo

Eu gostei do que ela falou.

Rosane

O ser saudável e o conflito.

Azedo

Pode haver divergências, em casa também há, é obrigada. Porque se você sair de casa mal-humorado, você chega também no serviço mal-humorado. Se vai pra casa mal-humorado, em casa também vai estar assim. É bom evitar, se chegar em casa e ver que vai ficar de um jeito meio ruim, eu saio, né? Pego o carro e saio, vou falando sozinho, não dou nem bola. Daqui a pouco eu venho almoçar e olho, a minha esposa, ah peguei o carro e fui dar uma volta, porque às vezes tem até entrega porque a gente faz salgadinho pra fora. Eu tenho que fazer entrega de salgadinho onze horas, onze e meia. Final de semana que eu tô em casa, a mulher também é chata, aí eu pego o carro e saio. Fico marcando o horário. Quando faltar quinze minutos para aquele horário eu chego e digo: "Mulher tá pronto?". Se tá, coloca no carro e vamos embora.

Rosane

Uma boa hora para fazer entrega dos salgadinhos.

Beija-flor

Eu já disse tudo o que eu tinha para dizer, agora eu não falo mais nada.

Rosane

É mesmo, tu não vai mais falar nada?

Beija-flor

Eu já falei demais.

Rosane

O que tu pensa de família saudável e conflito?

Beija-flor

É difícil para nós separar as duas coisas. Se você briga na tua casa, você vai para casa mal-humorada; se você briga no trabalho e nem sempre no trabalho você pode debater: " porque tá acontecendo isso? Por que é assim desse jeito? " Gera mais conflito ainda. Você engole e leva aquilo para casa, e às vezes a pessoa chega com carinho. "E fulano! " Faz uma brincadeirinha de mau gosto, a gente solta tudo em cima de uma pessoa que não tem nada a ver. É difícil para a gente separar as coisas. Eu acho muito difícil achar uma pessoa que diga: "Olha eu briguei na minha casa, e fui para o trabalho bem-humorada ou briguei no trabalho e não vou brigar com meu marido, com minha esposa. Não sei se o senhor vai concordar comigo, normalmente hoje são os homens que trabalham mais, as mulheres ficam em casa. Então eles chegam nervosos e descontam nas mulheres. Isso já aconteceu comigo. Descontam e a gente tá ali e não sabe o que tá acontecendo. O que que foi, o que eu fiz? Eu não fiz nada! "E, mas não é assim, eu tô nervoso, me deixa eu não quero conversar, eu não quero dialogar". Aquilo ali fica aí no outro dia que vamos sentar e conversar porque você fez isso? Ah! Eu tava nervoso porque aconteceu isso no serviço. Eu acho assim o dinheiro mexe muito com a vida do casal. Porque se tem dinheiro o casal tá abraço, beijinho. Sempre tem harmonia. Agora se não têm dinheiro, tá faltando dinheiro, a conta vai vencer e eu não tenho dinheiro para pagar, não tenho nada para comer, o que eu vou fazer? Começa a briga. Isso acontece com todo mundo crise financeira. Normalmente no final do mês. Meu marido de bico para um lado eu para o outro, ninguém fala com ninguém. Recebeu o dinheiro é amorzinho, queridinho. Eu não tô dizendo que isso acontece comigo, mas é normal isso! E fica tudo assim, tudo numa boa. Faltou dinheiro, começa tudo de novo.

Azedo

Eu quando falta dinheiro lá em casa é diferente, vou na casa da minha mãe. Ela tem. Quer ver quando vai entrar cheque que a gente fica preocupado, eu chego e corro lá na casa da mãe: mãe eu preciso de tanto. Agora não tem, porque eu preciso ir no banco à tarde. Tá tudo bem. Quando a senhora vai liga lá para casa que eu vou buscar. É assim... Porque se eu deixar, vamos supor, depositar o dinheiro amanhã e a mãe tem dinheiro com ela e eu não tenho para cobrir. Eu fico apavorado dentro de casa, aí não sei fazer mais nada. Incrível! Aí vai sempre nas costas da mãe, ela é que me arruma! Desde novo foi assim, toda vida. A mãe quebrando meus galhos.

Rosane

Então eu vejo assim que a família saudável pode ter conflito. Vocês me corrijam como eu tô entendendo.

Esperança

Eu que coloquei. Eu acredito que haja.

Beija-flor

É, um têm que dar o braço a torcer.

Azedo

É obrigado a ter porque se fosse às mil maravilhas toda vida não têm como. Às mil maravilhas ninguém mais... Nem um milionário! Porque se ele ficar preocupado com o dinheiro que ele tem demais, ele vai brigar com a mulher em casa.

Rosane

Eu ia lhe fazer essa pergunta, né? Para todos nós. Sem dinheiro tem conflito e com dinheiro?

Azedo

O conflito é maior ainda.

Beija-flor

É maior porque eu acho assim. A pessoa que tem muita grana, milionário, rico, nem consegue dormir direito, encostar a cabeça no travesseiro porque ele pensa no medo de ser assaltado. Tem mais medo do que o pobre de ser assaltado. Porque o pobre se o ladrão entra em casa o que ele vai ver primeiro na frente: um rádio? Qualquer coisinha ele leva. Agora no rico não, eles já vão ver dinheiro; fazem seqüestro. Quer dizer: o rico eles tem como, ele já não dorme direito por causa disso. Ele tem muita grana, "meu filho na escola, eu tô preocupado que meu filho vai para a escola sozinho. Se alguém pega ele, não sei o quê". Eu acho que o rico dormir direito não dorme. O pobre já vai conseguir dormir. "Tenho conta para pagar, não tenho dinheiro, fazer o quê? Roubar é que eu não vou." O pobre fica devendo fica nervoso, tá atrasado as contas fica nervoso, "não posso fazer nada! Uma hora vou lá e arrumo um emprego, alguma coisa, vou lá e pago! O jeito é dormir." Normalmente é isso mesmo que acontece. Porque é assim, se o rico rouba é difícil ele ir para a cadeia, mas o pobre se rouba uma bala no supermercado, vai preso é mais fácil! É aí que tá: o rico não dorme por causa do dinheiro e o pobre se roubar vai preso. Dos dois lados sempre tem alguma coisa!

Esperança

Aí dá para ver como nos dois lados, tendo ou não tendo, há um conflito. Essa coisa, o dinheiro que temos no nosso mundo... Porque é realmente ó. Uma coisa que não pode, né? Ter ou não ter é uma questão terrível. Mas não de repente super valorizar o ter dinheiro e nem assim, não sei...

Beija-flor

Mas ter dinheiro também não é tudo, né, Esperança? Se tem gente rica que vai no hospital e o dinheiro não consegue salvar a vida daquela pessoa. O pobre já é mais humilde, uma oração, ele se entrega a Deus, às vezes têm salvação. O rico não. Ah! tenho dinheiro, vou pagar uma cirurgia! Não se salva! Esperança: "Mas o que as pessoas não valorizam mais essa coisa de ser sem dinheiro. E sem ser essa coisa de consumismo e tendo o dinheiro que compra, que comanda o hospital. Porque tem que ser aquela coisa assim... é uma coisa sociedade, do mundo que tá aí. Mas eu digo assim, as pequenas coisas, que movem este outro lado, que faz tu ser feliz, ter uma vida saudável sem ter um monte de dinheiro! Claro que tu tem que ter o necessário porque hoje em dia... ninguém, né? Que nem os índios lá no meio do mato. A gente não teria condições até pela história do nosso mundo. Os seres humanos... mas assim de estar valorizando essas pequenas coisas e ser saudável. Família saudável pode ter pouco dinheiro também.

Beija-flor

Hoje eu sou feliz, eu posso dizer que sou feliz. Sou casada, tenho a minha família, tenho amigos maravilhosos, ganhei mais entendeu? Então é assim: eu sou feliz, tendo ou não tendo dinheiro, tendo conta para pagar, o que tiver, eu sou feliz. Porque eu acho que tendo saúde, tendo pelo menos a minha família... para mim é o meu filho e o meu marido tá? A minha família. O pai é pai, é meu pai já fala, né? Irmãos são os meus irmãos. Então tem aquele negócio: eu tô construindo a minha família agora. É o meu mundinho, eu tô vivendo para ele e o pro Mauro, então são eles a minha família. Os meus amigos são família do coração, como a Esperança disse. Porque com pessoa que entra na vida da gente, não entra por acaso, tem um propósito, aquilo ali tem um propósito de vida. Você veio para cá para fazer esse tipo de trabalho que você tá fazendo não foi por acaso. Ah! Já tava aquilo ali, você ia passar por isso, tudo tem um propósito. A gente nunca faz nada sem um propósito na vida.

Esperança

Outra coisa assim de se sentir bem, saudável e estar satisfeita e feliz... Se eu tô contribuindo pro outro ser que tá comigo, no caso, o meu marido, o meu companheiro, os meus filhos. A minha família que... que mais contribui com isso aí, com esse buquê de flores, esse vaso de flores que vem de mim, de eu, tendo essa relação com eles, de tá contribuindo com essas pessoas, com meu marido, os meus filhos,... de eles estarem crescendo comigo. Estar indo bem em todos os aspectos assim: no trabalho dele, em todos assim, no geral, né? De eu tá contribuindo assim,... se eu tô como esposa, de repente as minhas ações, os meus atos, né?... O meu tudo assim,... que eu tô ali, eu como ser tô contribuindo para que ele cresça. Quando a gente se encontra marido e mulher, né? Tem um companheiro, nosso marido, nosso colega, a gente, é um pedaço da gente. Então eu me preocupo com ele. Assim, né... Que ele esteja bem, com as roupas que eu gostaria de comprar para ele ficar mais bonito. Então, eu não tô preocupada comigo porque ele é minha metade. Então assim, a gente é uma metade, essa pessoa que a gente tá hoje, né? Então assim, eu tô preocupada com ele, com ele, com a minha

filha,... a gente pode ter outro filho. Então assim, não que eu não tenha preocupação comigo, com o meu estado, com o meu trabalho, sabe?... Com o meu interesse, com as minhas realizações também, como pessoa, como mulher, como tudo... Mas eu tô assim contribuindo para que ele também cresça no seu lado profissional, seu lado de amigos, do lazer, do esporte, dos seus outros bicos aí fora. Assim, nas relações com as pessoas que ele tem amizade. Que eu esteja contribuindo para que ele cresça também. Se eu tô bem ele também vai estar bem e eu tenho que tá contribuindo.

Rosane

Tu falasse em individualidade, né? Contribuir com a individualidade...

Esperança

Para que ele se sinta um ser, né? Um ser homem, uma pessoa íntegra, boa, principalmente se ele já tá tendo boas atitudes, boas ações. Que vão fazer bem para ele, que eu sei. Então, se eu tenho isso eu vou estar... a gente tá sempre ensinando. Aprendendo e ensinando. Meu marido ele é adotivo e tem uma história assim bem... Nossa Senhora, né? Eles são muito só: ele e a televisão. Relações de grupo e de pessoas e...

Rosane

Tu disse só? Ele e...

Esperança

... Ele e a televisão. Ele é vidrado assim. Então assim, desde que a gente se conheceu, já estamos fazendo uns 13 anos quase juntos, mas assim... uma coisa assim, que me faz sentir bem é de tá contribuindo com ele... E se fechou muito o mundo dele, como ser humano, como pessoa e contribuir para que ele vá buscar também, assim como eu venho buscar aqui coisas boas, ele tem também momentos de buscar coisas boas para trazer para nossa família. De repente, ele não via isso antes. Então começa uma preocupação e tu podes desencadear no outro. De repente o outro lá nunca... A gente pode num momento sensibilizar essa pessoa, que ela desperte para a coisa. Pode muitas vezes demorar muito. Precisa lapidar muito, muito. Mas eu acredito que terá um momento que a pessoa desperte. Que alguma coisa vá...

Beija-flor

Depois que eu comecei a trabalhar. A gente brigava muito, eu e o Mauro, antes de eu trabalhar...

Rosane

O meu relógio já tá adiantado, como é que a gente tá? Podemos ficar aqui até que horas?

Azedo

Para mim pode ficar aqui até amanhã de manhã. É bom, né?

Beija-flor

Esses dias eu perguntei para ele: "Mauro como é que você tá se sentindo?" Ele disse: "Olha, eu tô muito bem. A gente não briga mais, não dá tempo nem de a gente se olhar direito, porque quando um chega o outro sai". Agora não, ele fica com o Luís para mim trabalhar à tarde, ele vai no meu serviço, a gente fica bastante tempo juntos. Aí eu disse para ele: E você? A vida? A nossa vida amorosa, a nossa vida a dois, como é que tá? Ele disse: "Depois que você começou a trabalhar, a gente tá bem mais calmo um com o outro, a gente tá bem legal". A gente batalha junto. Se ele compra um guarda-roupa, a gente paga junto. Aí ele chega assim: "Olha, chegou sexta-feira, amanhã você não trabalha!" Eu chego bem perto dele e digo: "Quem não vai trabalhar? Eu? Eu me ofereci para trabalhar". Aí ao sábado eu vou na lavanderia. Eu trabalho na lavadeira. Aí ele diz: "Você não vai descansar?" Eu digo para ele: "eu descanso no Domingo". Eu me ofereço para trabalhar. A minha patroa até fica meio assim... Hoje a gente tava conversando sobre isso e ela disse assim: "Sábado tu tá proibida de pôr os pés aqui dentro." Aí eu disse: "por quê?" Ela disse: "não quero briga de casal nenhum, porque tu trabalha a semana inteira em duas casas e ainda vem trabalhar no sábado até as 3 horas!". Aí eu digo que sou eu que quero. Aí ela diz: "Mas eu vou ter que te pagar e pagar a menina". Aí eu disse não, pra isso não precisa pagar. Eu vou ajudar de coração, não quero dinheiro. O dinheiro que eu quero é aquele que eu trabalho durante a semana, no sábado não. Eu sinto falta. Eu trabalho de manhã em casa. Eu levanto todo dia 5: 30-6 horas. Até sábado e domingo, 5: 30-6 horas, eu tô de pé. O Mauro diz: "vem deitar". Eu digo: "que nada, eu quero é trabalhar, vo inventar alguma coisa para fazer,

porque eu não consigo ficar parada. Ele acha incrível,... porque ele tem 2 anos e 4 meses. Eu sofri nesses 2 anos e 4 meses, querendo trabalhar e não podendo. Eu sempre trabalhei. Trabalhei desde os 14 anos... eu trabalho. Até quando a minha mãe faleceu eu trabalhava numa fábrica de moletom na esquina da minha casa. Eu trabalhava direto, daí eu tive que parar depois que eu ganhei ele. Daí não dava mais.

Esperança

Daí leva, reforça ainda mais como o trabalho... Eu vejo,... não sei,... te fez bem. Que como o trabalho mais uma vez, voltando ao meu pensamento aqui,... tá fazendo uma coisa que gosta, né? Porque quando não tá satisfazendo,... o nosso emocional, o nosso eu, o que que acaba dando? O nosso corpo, a nossa carne, a nossa matéria, vai estourar na nossa carne, na nossa matéria. Vai estourar o quê? Uma dor muscular, uma depressão, no olho. Então assim, essa coisa vem botar para fora,... vai estourar de que forma? O organismo é que vai pagar, nossa matéria acaba pagando.

Rosane

Quer dizer que tem... É,... o trabalho faz parte dessa vida de família, da vida, né? : E vocês tem que me corrigir porque eu tô aqui tentando ser um porta-voz do que vocês estão falando. Mas... tem 2 tipos de trabalho, que eu tô vendo que apareceram aqui. Um trabalho que pode fazer mal para nós, que a Beija-flor falou em outro momento, né? Tu falasse agora também. E o trabalho, que o senhor também falou, na questão da comunidade rural, da juventude, né? E tem um trabalho que faz bem. E esse trabalho que faz bem... é aquele que se começou a falar a partir do que é família saudável, é isso? Esse trabalho que satisfaz o emocional... Então, esse trabalho que satisfaz o emocional, faz sentir-se bem, é um trabalho que tem a ver com a família saudável? É isso? Uma coisa que eu percebo e que sempre aparece, todos vocês falaram em algum momento: sentir-se bem, sentir saudável, estar feliz. O tempo todo aparece essa relação. Vocês vêm dessa forma?

Azedo

No meu caso eu vejo. Desde o primeiro dia que eu comecei a trabalhar no caso, que eu fui escolhido para trabalhar aqui na creche. Até hoje, quando eu saio de casa eu saio contente, toda vida. Quando eu saltei de ônibus, o que tem de ruim fica lá dentro do ônibus. É incrível! Se tiver alguma coisa que eu aprontei em casa, assim, que vem junto comigo... eu digo: "fica aí, que daqui eu vou sozinho". Sempre faço isso!

Esperança

Talvez a gente precisa, realmente, inclusive trabalhar; a gente não consegue separar as diferenças lá e cá e tal. Fora também... a gente também... Mas assim, a gente consegue com o tempo evoluir, crescer e trabalhar essas coisas e a gente conseguir deixar lá fora. É incrível, mas eu venho para cá, vou para minha sala, eu desligo de tudo. Parece que tu aterriza aqui. Sabe?!? Não que eu tenha assim só experiências boas lá fora, elas estão comigo nessa hora aqui. No meu trabalho que eu vou passar, vou usar, vou preferir. Mas assim, não outro lado assim, lado complicado, não vem junto. É trabalhando, descobrindo, buscando, né? Em participar de um momento desse, de estar participando, dando prioridade para esses momentos, essa coisa de poder se sentir bem. Usar isso na tua vida e na tua família.

Rosane

E essa pesquisa, é uma pesquisa que é dentro da gente, né? Como vocês são conhecedores! Como cada um tem um conhecimento... tem o conhecimento que é importante compartilhar... É importante a gente trocar, né? Então, eu acho que a gente pode ir encerrando por hoje, esse momento.

Beija-flor

É porque se deixar a gente fica aqui até amanhã.

Esperança

Eu também acho.

Azedo

É, tá tão gostoso, né?

Rosane

Vem menos gente sobra mais para vocês falarem, né? E a gente pode então continuar na quinta-feira que vem. Tá bom para todo mundo assim?

Esperança

Tá ótimo.

Azedo

Eu viajo.

Rosane

Então pessoal, esse aqui é um ponto de partida que a gente teve. Vocês viram que só de 2 figuras quanta coisa deu para falar. Vamos levantar então.

Azedo

Não vou nem levantar, tá tão gostoso aqui.

Rosane

Vamos imaginar uma luz azul bem no nosso umbigo. E essa luz vai se expandindo por todo nosso corpo. Essa luz vai espalhando todas essas coisas boas que a gente usou aqui, que a gente trocou. A gente cresceu, a gente ainda vai continuar construindo. Essa música também é indígena e o nome dessa música é: desejo de felicidade. É isso que ela passa, é isso que a gente quer trazer aqui. Queria pedir para cada um dizer está agora e o que foi estar aqui hoje.

Azedo

(Não deu para ouvir o relato)

Rosane

Tá todo mundo aqui pela segunda vez, né?

Esperança

Estou me sentindo muito bem, essa sensação gostosa. Ter oportunidade, de falar, de trocar, de uma coisa muito boa. De sentir sintonia, sentir calor das pessoas, de sentir uma coisa bem gostosa. De poder passar isso; já passei isso para outras pessoas. Aquela coisa assim de poder sensibilizar as pessoas. Porque eu tô percebendo que a pessoa gostaria, que iria fazer bem. De poder passar isso para as pessoas, o quanto é bom, quanto é gostoso, o quanto leve eu me sinto. Me sinto feliz.

Cajuzinho

Pra mim também foi muito bom. A gente chega aqui, é uma experiência que vocês passam para gente que é muito bom mesmo. Assim, experiência de vida. Até o relacionamento da gente tá se fortalecendo mais. Isso dá mais força para a gente.

Mariposa

É tudo isso que a Cajuzinho falou, né? Como eu já disse no começo, laços vão sendo criados. A gente vai passando os dias vai sentindo saudades das pessoas... Quer saber como elas estão, se elas vão vir na próxima oficina!

Rosane

Eu tô muito feliz. O meu dia tinha sido bem atribulado. Chegar aqui, tantas coisas boas, tanto afeto. Eu queria agradecer a sabedoria de vocês. Vocês nem sabem... Eu falo não só como profissional, não é a professora Rosane falando, mas a Rosane pessoa. Vocês mostram a sincronicidade da vida... Obrigada por tudo.

Beija-flor

Rosane, eu queria pedir um minuto só. Eu gostaria que vocês fechassem os olhos. Eu gostaria de pedir que Jesus abençoasse cada um de vocês e iluminasse; desse muita paz para vocês. Amém.

Rosane

Vamos chegar aqui no centro e gritar: OBA!

Resumo I

3a Oficina: dia 2-10-97

7: 10 – Início da apresentação e relaxamento técnica da teia de aranha e depois, quando se desmanchou essa teia, cada um falou uma palavra que estava em seu coração.

7: 25 – Mostra dos 4 cartazes já construídos e avaliações (contribuições) para os mesmos.

Esperança – Diz que está muito feliz com seu trabalho e acredita que isso é a base de muitas coisas, inclusive para a sua satisfação no próprio lar.

Beija-flor – Refere que está muito satisfeita em estar aqui. Que pensou em nós a semana inteira e torcendo para que a oficina chegasse logo para nos encontrar. Afirma que encontrou motivação em nós.

Azedo – Afirma que a pessoa só tem juventude se tiver dinheiro, caso contrário, não terá juventude porque terá que começar muito cedo.

Esperança – Refere que a satisfação com seu trabalho, ou seja, com o trabalho que a gente faz, é essencial. Isso porque devemos estar felizes com o que fazemos. Disse que sente que gostamos do que fizemos (do nosso trabalho), que isso é muito importante.

Beija-flor – Diz que acha que está falando demais sobre sua vida. Diz que todo mundo sempre trabalhou em sua casa e acredita que isso influenciou a personalidade que hoje eles tem. Devido a problemas familiares. Acredita que o trabalho “salvou” seus irmãos. Disse: “O trabalho dignifica o homem”.

Esperança – O trabalho deixa a pessoa se sentir útil, não sentir um vazio dentro de si. Acredita que tem uma família geral (trabalho, escola, amigos...) e uma família menor: ela, o marido e seus dois filhos.

É como se a família básica fosse seu marido e filhos e depois se estende aos outros familiares (sogra, mãe, pai, cunhada...).

Diz que tem a família do coração, que são as pessoas que ela gosta é sempre que faz suas orações pensa nestas pessoas.

Às vezes só com uma palavra, um sorriso, um olhar de uma pessoa dessas “família do coração” já levanta o astral da gente.

Azedo – Concordo com ela no que falou sobre a família do coração. Acha que essas relações fazem bem ao coração.

Beija-Flor – Acha que as famílias do coração são aquelas pessoas que a gente se sente bem ao lado delas, que a gente gosta de estar juntos. É compartilhar segredos, é respeito. É ter prazer de estar com elas. São pessoas que a gente nunca esquece. Acredita que nós já fizemos parte da vida dela

Esperança – Na colônia, em época de colheita, (em sua infância) as crianças todas trabalhavam e não iam à aula. Hoje em dia, acredita que isso não mais acontece devido às pessoas da comunidade que trabalham para evitar isso. Antigamente também diz que as crianças só estudavam até aprender a ler e escrever (até a 2a, 3a série) e depois não iam mais à escola. “O estudo é uma questão social no Brasil, mas a região sul é privilegiada”.

Rosane – Qual relação de trabalho e família saudável?

Beija-flor – É poder se sentir bem nos 2 locais: trabalhar num local que se sinta bem e estar de bem com sua família, com seu lar, ser bem recebido em casa.

Azedo – O meu trabalho é minha casa, meu lar, minha família.

Esperança – Não consegue separar os sentimentos da casa, do sentimento do trabalho. Há um “cansaço gostoso” quando se gosta do seu trabalho. Mas há um trabalho cansativo quando não se gosta de seu trabalho. Se não gostar do trabalho acabo estourando com meu marido, com minha mãe, com minha família.

Rosane – O saudável pode ter conflitos?

Esperança: “Pode. De conflitos, de diferenças. Isso tanto em casa como no trabalho.

Beija-flor – É difícil separar o trabalho do conflito. Se você se irrita no trabalho, leva isso para casa e vice-versa.

S. Azedo concordou com isso. Nota: Beija-flor refere que hoje em dia os homens trabalham mais fora do que a mulher. Diz que o dinheiro influencia diretamente na relação do casal. Faltou dinheiro em casa começam as brigas. S. Azedo novamente concorda com Beija-flor.

S. Azedo – Diz que sua mãe sempre está “quebrando” seus galhos. Diz que não se vive nas “mil maravilhas” que numa família há sempre conflitos.

Beija-flor – Acha que o rico sofre mais que o pobre. Os ricos têm mais risco de assalto, mortes, seqüestros e mais medo disso tudo. “Sempre tem uma diferença!”

Esperança – Daí dá para ver que nos 2 lados, ter ou não ter dinheiro há conflitos. Ter ou não ter é ruim em determinados lados.

Beija-flor – Ter dinheiro não é tudo. Dinheiro não paga saúde.

Esperança: “As pessoas não valorizam mais quem não tem dinheiro, não acreditam mais nas pequenas coisas. Para ser família saudável com pouco dá, não precisa se ter muito dinheiro para ser saudável. Claro que não dá para não ter nenhum, precisa de um mínimo básico para se viver.

Beija-flor – Para mim, a família é eu, meu filho e meu marido. E tem a família do coração que são as pessoas que entram na nossa vida, porque ninguém entra na nossa vida à toa. A minha mãe, o meu pai, os meus irmãos são o que são, mas eu tô construindo a minha família, eu vivo para meu marido e meu filho.

Esperança – Meu marido é minha metade, então eu tô preocupada com ele (que ele cresça no seu lado profissional, nas suas amizades, no seu lazer, no seu esporte...).

Rosane – Contribuir na individualidade...

Esperança – Para que ele cresça como homem, como ser humano. Porque ele era adotivo: cresceu só ele e a televisão. Se fechou em seu mundo, não criou muitos laços de amizade. Quero que ele busque coisas boas, novas amizades, como eu estou fazendo aqui.

Beija-flor – Diz que depois que começou a trabalhar seu relacionamento melhorou 100%. Estão mais calmos, mais felizes. Diz que se oferece para trabalhar, que quer ajudar de coração. Sente falta de trabalhar, não consegue ficar parada.

Esperança – Isso me reforça como o trabalho, faz bem quando se faz uma coisa que se gosta, que satisfaça nosso emocional, nosso eu. Quando não estamos bem nisso (no trabalho) aparece fisicamente, na matéria.

Rosane – Tem um trabalho que faz bem e outro que faz mal. O trabalho que faz bem, que satisfaz o emocional é o trabalho bom?!? Todos concordam.

S. Azedo – Desde que eu comecei a trabalhar aqui, eu sempre venho feliz. Deixo tudo de ruim em casa.

Esperança: “Traz tudo de bom para seu trabalho e leva tudo de bom para sua casa. Dando prioridade para se sentir bem, para ser família saudável.

Beija-flor – Se não terminar nós ficamos aqui até amanhã.

Término: 8: 30 horas

S. Azedo – Que pena que vai acabar, está tão gostoso! ”

Resumo II

3a Oficina COM FAMÍLIAS – 02/10

Feito relaxamento e após foi comentado sobre os cartazes.

Beija-flor – Em relação a uma figura no cartaz:

O verde significa paz, liberdade. Eu tive uma vida difícil e, agora, graças a Deus estou bem. Sou casada com uma pessoa que eu sou apaixonada...

Esperança

☐ ... Eu gosto muito do meu trabalho. Comentou sobre a satisfação da sua profissão e de estar aqui.

Beija-flor

É uma satisfação em estar aqui. Eu trabalho em dois lugares... Depois que eu comecei a trabalhar eu estou me sentindo muito bem.

Vigia

Sem o trabalho ninguém é nada... Se não tiver dinheiro não tem juventude. Comentou ainda que se não tem dinheiro, a pessoa começa muito cedo a trabalhar e perde a infância e a juventude. Esperança falou que trabalhou desde os sete anos e teve uma infância riquíssima. Se a pessoa se encontrar no trabalho, ela vai ter uma boa juventude. Comentou que gosta de observar de longe as experiências das pessoas, as que têm problemas em casas e como passa por isso. Beija-flor comentou sobre sua família e que fala para o marido que se não der mais certo é pra ele falar, é pra ele seguir o caminho dele. Comentou que o irmão dela chegou a pegar a droga na mão e não usou, porque as pessoas do grupo de jovens conversaram com ele e, ele desistiu. Esperança comentou que tem uma família que é geral, que engloba os amigos de infância, colega de trabalhos, ...

... Essas pessoas são do meu coração.

Rosane

Tem a família então que é do coração? Esperança comentou que vai na igreja, que é católica.

Vigia

Faz amizade com uma boa tarde, boa noite, mas nunca de cara amarrada.

Beija-flor

Eu acho que família do coração é quando a gente se sente bem com as pessoas. É compartilhar segredos, são pessoas que a gente nunca esquece. A outra vez que eu vim na oficina, passou dois dias falando das pessoas que estavam na oficina. Sente satisfação em estar junto. Não vê a hora de chegar o próximo encontro. Vigia comentou que as crianças que trabalham na lavoura não brincam e não estudam. Só ficam na roça, dia e noite. Esperança trabalhou na roça, e no tempo de colheita a escola fecha para as crianças trabalharem. Rosane pediu pra fazer uma relação de trabalho e família saudável.

Beija-flor

Eu acho que é você sentir bem dos dois lados. No trabalho e chegar em casa e ser recebido bem. Vigia concordou e falou que é o trabalho e a residência são os dois lados.

Esperança

Não consegue separar o trabalho da vida em casa, cansaço, irritações... Se está saudável no trabalho, está saudável em casa. Se no trabalho não está bem, em casa não vai ser uma família saudável. Leva os problemas pra casa porque passa muito tempo no trabalho. Tem de estar feliz em ambos locais (casa e trabalho).

Rosane

O saudável pode ter conflito? Esperança acha que sim. Que no outro encontro já foi falado disso. Se em casa está feliz, saudável, vou saber lidar com as dificuldades no trabalho. Família saudável é ter conflitos também.

Vigia

Quando a mulher tá chata eu pego o carro e saio!

Beija-flor sobre família saudável e conflito.

Se briga em casa, briga no trabalho, se briga no trabalho engole e leva pra casa. É difícil separar as coisas. Hoje em dia são os homens que trabalham mais, aí chegam em casa nervoso e estouram com a gente. Isso já aconteceu comigo quando falta dinheiro gera briga. Quando tem dinheiro está tudo bem.

Vigia

Quando falta dinheiro vai na casa da mãe. Desde novo é a mãe quebrando o “galho”.

Nunca é as mil maravilhas, mesmo o milionário chega em casa e briga com a mulher.

Beija-flor diz que o milionário fica mais preocupado que o pobre. É menos feliz que o pobre. Tem muito dinheiro e o medo de ser assaltado.

Esperança

Na pobreza ou na riqueza o dinheiro gera conflito.

Beija-flor

Esperança, o dinheiro não é tudo.

Esperança

É possível ser família saudável mesmo tendo pouco dinheiro.

Beija-flor

Família para mim é meu filho e meu marido.

Amigos, pai e mãe são “família do coração”.

Esperança

O marido, companheiro, esposo, é um pedaço da gente, é a outra metade. Eu me preocupo com ele e ele comigo. Se eu estou bem, ele também vai estar bem. A gente sempre está aprendendo e ensinando. Meu marido é adotivo e tem uma história de vida bem difícil.

Beija-flor

No início a gente brigava muito. Depois que comecei a trabalhar a gente está se dando bem melhor.

Esperança para Beija-flor

Como o trabalho te fez bem!

Beija-flor

Eu já estava entrando em depressão.

Rosane fez uma síntese. Todos em algum momento colocaram: sentir-se bem, sentir saudável, ser feliz. Encerramento.

Obs. : Parece que a creche tem uma energia muito positiva.

Notas Metodológicas

3a Oficina

Perguntar a Esperança sobre:

“não valorizam mais essa coisa de ser sem dinheiro”.

“dinheiro que compra, que comanda o hospital”.

“as pequenas coisas que movem este outro lado? ”

“o que é este outro lado? ”.

rever p. 2 [eu e outro] “se sentir bem, saudável, estar satisfeita, feliz, se eu tô contribuindo com o outro”.

contribuir é ensinar e aprender?

Perguntar a Beija-flor:

O que é “ter saúde”?

ver relação trabalho/briga/fuga.

ver significado do filho.

Notas do Pesquisador

Chovia...

Quando cheguei na escola e só havia a diretora, a professora e o vigia, e passou por minha cabeça que talvez a oficina fosse suspensa. Até tentei ver como seria. Eu pensei que poderia fazer com estes 3, pois afinal são pais que já participaram. Mas se não fosse possível, pensei que poderia respirar um pouco, pois minha semana havia sido cansativa e principalmente este dia; havia saído de uma reunião onde havia ocorrido um desgaste emocional muito grande. Estava neste pensamento quando vi uma mãe aparecer no escuro com seu filho no colo, na chuva e no barro. Fiquei emocionada. Não importava a chuva...

Ela chegou dizendo que deixou tudo para vir. A professora também disse que não deixaria de vir e que como não conseguiu deixar sua filha com ninguém, trouxe-a, mesmo com chuva. Isto tudo deu-me, já de início, um feed-back muito positivo. Energizei-me!!!

O discurso de Esperança “estourou na carne”, “no olho”, para Beija-flor tem a ver com suas dificuldades de visão de trabalhar fora. Trabalhar fora - satisfaz seu emocional, seu eu, briga menos ou não briga, é fuga? (dar brigas).

V Encontro (4ª Oficina com famílias)

4a Oficina - Na Creche com os pais (14/10/97)

Rosane

A gente já vem fazendo essa reunião (para quem vem a primeira vez) do Projeto Ninho. Então a gente trabalha discutindo o que é ser saudável e também vamos ver o que se quer para se atingir uma melhor qualidade de vida. A gente conversa sobre essas coisas. E também, ao mesmo tempo, a gente trabalha isso fazendo uma pesquisa. E que, já desde a primeira reunião, a gente vem gravando e vem filmando para que a gente possa realmente ter os relatos bem fidedignos. Esses relatos são sigilosos, né? Quando se fala, se coloca codinome, apelidos, outro nome que não identifique. Esses dados ficam comigo. Alguém tem alguma coisa para colocar em relação a isso?

A gente pode continuar filmando e gravando? Podemos começar então?

Vamos levantar, dar uma relaxadinha. Vamos soltar o corpo. Vamos trabalhar inicialmente com a respiração. Se a gente teve um dia bom: que essas coisas boas permaneçam conosco. Se foi um dia um "um pouco atribulado", um dia um pouco pesado... então quando a gente for respirar vamos jogar para fora essa energia mais pesada, mais tensa, né? Aquilo que nos deixa um pouco cansados. E quando a gente inspirar vamos tirar uma coisa bem boa desse universo que está aí e botar para dentro de nós: paz, tranquilidade. Tudo isso a gente vai trabalhar com a respiração. Quando a gente botar o ar para dentro, a gente faz um "barrigão". Quando for botar para fora, encosta lá na costela a barriga... tá? Tem uma pessoa chegando, continua para mim.

Ai, tudo bem? O senhor veio participar de nossa oficina? Eu sou Rosane, seja bem vindo. Vamos ficar aqui com a gente? Nós estamos começando agora.

Pô! Só eu de homem?! disse o senhor que acabara de chegar.

Rosane

Sempre tem um para representar. Um dia o senhor Azedo, no outro dia teve o João de Barro... Nós estamos fazendo um trabalho de respiração para relaxar um pouquinho. Quando inspira põe o barrigão para fora; quando expira, quando põe o ar para fora, encosta a barriga lá na costela. Quando a gente inspira, coloca bastante coisa boa para dentro; quando expira, coloca para fora o stress, né?

Coisa boa era um chopp agora! refere o senhor.

Rosane

Quem sabe depois, né? É bom, faz parte da vida esse chopp, né? Essa música, para quem não conhece ainda, é uma música indígena que quer dizer a "Canção do Berço". Berço são as coisas que estão nascendo. Cada vez que a gente vem aqui, faz nascer alguma coisa. Mesmo revendo a nossa vida, a gente faz alguma coisa. A gente tá criando uma coisa nova, fazendo uma coisa nova. Cajuzinho, queres trabalhar o exercício para relaxar?

Cajuzinho

"Então tá! Eu vou ensinar vocês a fazer um exercício que deixa a gente bem relaxada assim... Coloca a perna meio afastada, joelho um pouquinho flexionado. Aí faz assim, eu vou fazer primeiro para vocês verem tá! A gente inspira, deixa aqui reto. Vem para trás, puxa e solta tudo. Puxa, comprime assim. Ah! É tão bom, né? Mais uma vez... Dói tudo aqui, né? A gente fica muito tensa daí a gente faz assim e relaxa.

Rosane

Vamos soltar o pé também.

Pitanga

"Parece que a gente tá numa academia. Vamos sair daqui já em forma.

Rosane

Então: a gente trabalha com o corpo, a cabeça e o coração! Bom, agora a gente vai dar uns dois minutinhos e falar para quem tá no lado da gente: o nosso nome e o que a gente espera daqui, como a gente está. Três coisas, então: o nome, como está se sentindo e o que espera desse momento.

Do encontro de hoje? pergunta o senhor.

Rosane

É do encontro de hoje. A gente sempre tá nascendo e recomeçando. Então, como é que a gente pode fazer?!?

Pitanga

“Aí um apresenta o outro?!?”

Cajuzinho

“É, um apresenta o outro... Por exemplo, eu vou falar: essa é minha amiga Laranja, ela tá assim e assim e gosta disso. Daí ela também fala de mim, tá?”

Rosane

Acho que a gente pode sentar, né? Bom, quem é que começa?

Mariposa

“O bem aventurado entre as mulheres...”

Falar sobre.... a Solidária, que é uma pessoa muito boa! disse o senhor.

Rosane

Hoje ela está muito cansada. Fez um esforço grande em estar aqui. Ela está envolvida com a primeira comunhão do filho. Então correu bastante, mas veio para estar aqui. Ela não sabia muito bem, só sabia que era o Projeto Ninho, né? E hoje ela conheceu o Projeto Ninho, eu expliquei um pouco para ela. E ela está interessada, quando se fala em ser saudável, em se informar, em saber a questão dentária do filho, que talvez precise botar aparelho. E aí eu conversei e já falei que lá no CCS tem um serviço de odontologia. Esqueci alguma coisa?!

Em

“Não; tá tudo bem, é isso aí mesmo. Essa aqui todos já sabem, é a Rosane, professora da universidade e do Projeto Ninho. Mais ou menos eu não a conheço bem como todos que estão aqui. Então eu pedi para ela sobre esse assunto do dente para mim...”

Ananás

“Essa aqui é minha amiga Cajuzinho, tá um pouco cansada, mas tá descontraindo nesse encontro.”

Cajuzinho

“Essa é minha amiga Ananás. Ela falou que tá bem, tá cansada também, mas espera que o encontro seja muito bom.”

Pitanga

“Tá, eu esqueci o nome dela... Mariposa, é solteira, tem 21 anos. Decorei até aqui, né amiga? (Risos). Tá na sexta fase de enfermagem e tá cansada também. Só isso amiga, não pede mais nada (risos).”

Mariposa

“Essa é minha amiga Pitanga, eu sei tudo de ti. Tem 29 anos, é casada, têm 3 filhos, trabalha em casa. Hoje ela tá se sentindo bem e espera que daqui para frente seja bem legal, que mais pessoas venham participar também.”

Beija-flor

“Essa é minha amiga Solidária. Ela, a filha dela... não veio junto. Ela tá passando por uma crise também. Financeiramente, acho que todos estamos não é? Mas a gente tá aqui, gostei muito de ti, Solidária. A gente tá aqui para ver se a gente consegue sair, um pouco mais.... puf!

Solidária

“Essa é minha amiga Esmeralda. Ela está com problemas financeiros na sua casa, com o esposo dela. Ela está super carregada, como ela disse. A crise não tá fácil. Tem um filho em casa, super doentinho também, tá com bronquite. Tá uma barra, não tá fácil. A gente também pode aproveitar não só para aprender. Mas, fora daqui, tentar ajudar ela e o esposo. Através, com amigos, conhecidos... Ela disse que ele faz de tudo, desde varrer, cozinhar, limpar... Aprender coisas boas, e não só nós, mas ajudar também quem está fora, através do Projeto Ninho. É isso.

Solidária

“Esse é nosso amigo Mãe. Não é a primeira reunião que eu participo com ele. Todas as reuniões que tem com os pais, ele sempre vem. A vida dele é 1000 sobre 1000. Ele disse que tem uma esposa, companheira, super nota 10. Duas filhas lindas, maravilhosas, com a graça de Deus. Financeiramente, ele está numa situação boa, não tá 10; mas dá para manter, né? E é isso aí...

Mãe

“Essa é a Violeta companheira nossa, guerreira. Ela não merece ser chamada de guerreira e sim de uma Pitanga.

Pitanga

“A segunda mãe dos nossos filhos, aqui na escola.

Mãe

“Segunda não, é a primeira. É nativa! Ela para nós é tudo, aqui na nossa comunidade.

(Palmas).

Mãe

“Tá vendo que não é história minha. Se todo mundo aplaudiu é porque é verdade.

Rosane

A gente já vêm trabalhando, é o quarto encontro sobre então o que é ser família saudável. A gente já desenvolveu alguns trabalhos, cartazes. Então para vocês se sintonizarem, na última reunião a gente falou sobre (continuando sobre o que é ser família saudável): a questão da liberdade, a questão do trabalho (que realiza); se discutiu a questão do trabalho infantil, do trabalho na adolescência; a questão do conflito e da família saudável (que a família saudável têm conflito)... O se sentir bem, se sentir saudável. Satisfeita, ser feliz. O pessoal colocou que ser saudável é se sentir bem. Ser saudável é ser feliz. Eu e o outro, o que eu posso fazer em relação ao outro, como contribuir com o outro. Apareceu a questão da TV. Apareceram os tipos de família, o que quer o pessoal que esteve aqui trabalhar: que existe uma família pequena (nossa), existe a família do coração e uma geral (aonde tá a escola, o trabalho). Então, só para fazer uma síntese, um resuminho. Além disso, na relação de trabalho com família saudável, quando se fala em trabalho a gente discutiu, então apareceu a questão do humor no trabalho e em casa. Isso para lá e para cá. A questão do dinheiro: ter e não ter dinheiro. Ser e não ser saudável. Como é que é isso, se não tem dinheiro a gente não pode ser saudável, né? E o que é pobre o que é rico. Foram essas coisas, né? Não sei se a Beija-flor lembra mais de alguma coisa. Isso é uma síntese, né? Foi colocado que é possível ter pouco dinheiro e ser saudável, mas tem que ter um básico necessário. Essas foram as coisas discutidas aqui, quem estava aqui. Eu trouxe de forma resumida.

A proposta de hoje é continuar aprofundando nisso. Então existe esses cartazes que foram feitos, que a gente vai se dividindo em dois grupos e vocês vão trabalhar em cima desses cartazes, ver o que está ali, se toca em vocês, o que não toca. Se não tem nada a ver, se vocês querem construir outra coisa. Pode ser? Aí a gente tem um tempinho, aí a gente retoma e faz discussão em grupo. O que vocês acham? Pode ser? Vamos nos dividir em dois grupos?

Estamos em sete, então pode ficar três num grupo e quatro no outro. Acho que tá bom assim! Um grupo pode ficar aqui; o outro, na outra mesa. Ver a partir desses cartazes, teria 10 minutos no mínimo, 15 minutos no máximo para vocês discutirem. Sobre o que está aqui, pois isso já vêm sendo discutido. Vocês depois, se quiserem, podem falar sobre o que querem e depois o outro grupo complementar, deu?

Violeta

“Ser família saudável: ter boa alimentação, não ter problemas psicológicos. Se fosse hoje, eu acho que a gente não colocaria o pedacinho dessa frase aqui: esse não ter problemas psicológicos, porque eu acho que nenhuma família que a gente considera saudável ou perfeita, que não tenha problema. Por pequeno que ele seja, ele sempre existe. Quando a gente falou ali em questão de dinheiro; que o dinheiro não é tudo, mas que realmente ele contribui bastante na vida. Um exemplo, de uma pessoa que trabalha aqui na comunidade. O seu Arapuá, ele mora sozinho, deixou os pais lá longe, veio para cá e que não tem um espaço só dele, vive de aluguel. Então eu tava pensando assim, ele ainda deu sorte, veio para cá, conseguiu trabalho, se organizou... O geral aqui do nosso grupo, exceto aquela menina que foi embora, eu não sei se a moradia dela... A gente vê que a maioria das pessoas que trabalham não tem uma casa própria. O pouco que ganha, tem que pagar para poder ter um teto. É tão confuso assim, né? Para a família, para gente considerar a família saudável, a gente tem que passar por todas essas dificuldades, problemas e que o que a gente nunca pode perder é a fé. Por mais difícil que a gente veja que tá a situação, com o filho, o vizinho, na escola, com o professor, a gente com o amigo, mulher e esposo... Se a gente perder as esperanças, aí sim que a gente tá perdido. E sempre acreditar-se vai ser um crente, um católico, um jeová, existe um mundo... O importante para a gente viver bem é acreditar em alguma coisa e sempre ter a idéia, acreditar em alguma coisa boa. Eu acho que é isso, no momento, em que a gente trabalhou; foi isso mesmo que se pensou. Aqui tem, eles desenharam a árvore, falaram das folhas, do tronco (que é o crescimento da gente)... E a terra que é o que sustenta, nos dá força. A terra que sustenta a água. Água para nós aqui é a esperança, a fé em alguma coisa.

Rosane

A água daqui vocês consideram que seja a fé e a esperança.

Violeta

“É isso que a gente traduz... Colocar uma sementinha e a gente nunca abandonar, por menor que seja. Se a gente esquecer, deixar assim... não acreditar pelas dificuldades,... aí sim a gente tá perdido mesmo! Se a gente deixar de acreditar... no nosso companheiro, em nós como seres humanos. É isso que a gente queria falar.

Mãe

“Pode começar??? Eu acho que nós temos que fazer um trabalho muito sério sobre as crianças de hoje, pais, mães e professoras. Mas, porque o seguinte. Nós já destruímos o suficiente o planeta Terra e tudo: água, natureza e a si próprio mesmo; os produtos que a gente tá comendo, enlatados. E cada vez que inventam uma coisa, é o nosso corpo que vai sofrer futuramente. Nós podemos chegar a 70 anos e nós não vamos mais poder chegar a isso. Por quê? Por causa desse espaço que nós tamos cedendo para tudo isso aí, esses enlatados... Pelo amor de Deus, né? Um pé de alface: há anos atrás, a gente plantava ele e... 15, 20 dias para a gente poder comer ele, né? Hoje, em questão de 3 dias, ele já tá pronto para ser consumido. Eu acho que tem muita vitamina nesse pé de alface?! Eu acredito que não. A melancia era a mesma coisa. O frango hoje: era 6 meses, em questão de 20 dias, já tá pronto para o abate; alguns nem chega a 20 dias. Por isso que a carne dele se torna macio e o dentista pede para a gente mastigar bastante para gente poder trabalhar com.... Então tem que ser um trabalho muito sério na nova geração que se está vindo. Porque se nós não fizemos isso, nossos filhos não vão agüentar nem até 40 anos. Em respeito à própria natureza, a si próprio mesmo. Hoje a gente vê situações dramáticas como tava essa mãe aqui até agora, há pouco tempo: desesperada porque paga aluguel, porque tá sem emprego (o companheiro), desesperada porque tinha dois empregos, perdeu um, ganhando R\$ 100,00 por mês. Aí eu pergunto: dá para viver? Não dá! Hoje se nós fomos reivindicar com um ordenado justo para cada um dos pais ganhar, seria R\$ 3. 600,00. Uma quantia que jamais alguém aqui vai enxergar. O máximo que enxerga é 200, 300 até no máximo R\$ 600,00. Mesmo assim tem que suar bastante para alcançar isso aí. Então fica uma pergunta: “O dinheiro é a solução de tudo? ” Eu acho que não; não é a solução de tudo. O dinheiro foi criado para destruir o homem, a família. Porque através do dinheiro, vêm tudo atrás; vem a ganância; o roubo, vêm tudo, a destruição. Então, eu acredito que, hoje, para nós a solução que

nós temos é que tem que retornar o troca-troca. Seria como? Troca-troca é como existia há anos atrás, existia o dinheiro, mas era raro as pessoas que tinham. Eu plantava o milho, você plantava a cenoura. Outro criava frango e trocava por peixe tirado do mar. Nós temos que voltar a isso. Isso no Japão é o que mais ataca nosso oceano brasileiro, acaba com toda produção do pescador. Leva rios de dinheiro e os pescadores ficam chupando o dedo nisso. Agora, nós aqui nativos ficamos chupando o dedo! Então, fica, eu acho para mim, quando eu quero conseguir alguma coisa, eu não espero, eu vou através, não contando tanto com o dinheiro. Eu deixo ele vim, para depois eu planejar. É a mesma coisa com um filho. Você não faz idéia. Você vai lá com teu companheiro... não tá esperando esse filho... mas tu faz uma transa tal e acontece. Se esse filho tiver que vim, pode ser com camisinha, com comprimido; porque aconteceu comigo. E vem mesmo. É o destino. Então eu no caso não fico desesperado por dinheiro; eu brinco muito, descarrego na brincadeira, na alegria, em alguma coisa. Tem outro que já é no esporte; outro vai na bebida, não é a solução. A solução é que ele tem uma família, antes de fazer esse ato de beber ou de descarregar sobre a companheira, ele tem que entender que tem uma família. Se ele tem uma família e é bem visto nela, criou essa imagem dentro da família, então ele vai ser bem recebido. A família vai ajudar. Tem que ajudar. Não vai ajudar com coisas materiais: dá uma TV, dar uma casa; mas vai ajudar a achar um emprego, em termos de alimentação e ele tem que parar de fazer dívida e ele batalhar... Que entre pelo menos... nem que seja 100 ou 50 reais para pagar energia elétrica, manter. E... aí, me perdi. Tem tanta coisa na minha cabeça, me perdi.

Rosane

Vocês podem ajudar.

Pitanga

“Ah, a gente tava falando sobre a natureza, né?”

Mãe

“A natureza, o espaço político também. Eu acho um absurdo o que acontece hoje; o esporte. Num país de terceiro mundo, no quarto, sei lá... Já nem sei mais em que mundo nós estamos. Que investe tanto no esporte, tanto em carnaval. Por que isso? Por que não investe na educação, na área da saúde? Que é precária, que hoje, pô é brincadeira. E outra pergunta fica no ar. Quando Jesus morreu para salvar nossa alma, o que Ele recebeu? Uma coroa de espinho, né? Por salvar nossa... E o papa? Veio ao Brasil e recebeu o quê? Cama de ouro, aviões à disposição, carro, alimentação suficiente. Uma mãe agora sai desesperada porque não tem o que comer. Não quero ofender, mas será que o papa não podia ter vindo um pouquinho mais decente, com um pouquinho de dinheiro e distribuir para uma entidade, que desse para construir casa, que desse para investir um pouco na área de saúde. Porque que o esporte brasileiro, já que investem tanto nele, igual o Pelé, o Zico ou outros jogadores que nunca fizeram pela educação, para a área da saúde? Nunca fizeram o esporte, ocuparam o campo do Figueirense ou do Avaí para fazer uma promoção de graça para essas entidades? Nunca fizeram nada. Vê falar no jornal, mas e daí? Nunca vieram aqui na Lagoa fazer alguma coisa, nunca vieram aqui em Santa Catarina fazer alguma coisa por nós. Então, fica muita coisa assim. Os políticos mesmo é demais. Então eu acho que tá certo isso tudo correndo ao teu redor assim? tá certo? Não tá! Se a fulana tem direito a uma melancia, eu também. Se não der para dar um inteiro então vamos repartir... Então tem hora que a gente mesmo, o desespero que a gente vê muita gente. Sabe quantos, eu trabalho aqui no Itacorubi. Você não imagina o que eles fazem. Carne que vem que eles jogam em cima, por exemplo, óleo! porque isso? Leite que é jogado...”

Rosane

Onde tu vês isso?

Mãe

“Ali no Itacorubi. É jogado direto no caçambão, daí é jogado em cima para ninguém poder se aproximar. Tantos, agora, há pouco tempo, foi mostrado uma imagem na TV, as crianças bem simples.... Pô, manda essa carne, ou leite, o que vim, sei lá, bolacha... Não deixa estragar ou vencer. Vê que não tem tempo de vender isso aí, pelo menos tem que existir uma legislação para isso. Sei lá, eu acho um absurdo isso aí. É muita coisa mesmo. E muita gente sem nada. Aí uma andorinha só não faz verão, porque se eu for abrir a boca, você é caçado. Que democracia é essa? Que hino é esse que nós “cantemos”? Não funciona. Só funciona para rico.

Rosane

Ele falou que uma andorinha só não faz verão... Alguém quer falar alguma coisa em relação a isso?

Mãe

Desculpe se eu falei demais.

Rosane

Não, o que é isso! Pena que a gente começou mais tarde, porque tá tão rico, né?

Violeta

Quando ele diz que uma andorinha só não faz verão, e acho que faz. Porque eu acho que se a gente quiser mudança, tem que começar por mim mesmo.

Mãe

Mas eu coloquei essa palavra para mais gente.

Violeta

Não, eu entendo a tua colocação.

Mãe

Não adianta eu dizer que tá tudo bem comigo, se dentro de mim não tá tudo bem. Eu tô bem, não tô rico, mas eu tenho o suficiente para manter a minha família. Mas o que me dói lá dentro do coração é que eu não posso fazer muita coisa para aquela pessoa que tá necessitada. Eu fico pô, eu sofro com isso!

Violeta

Mas, se a gente mudar um pouquinho a nossa mentalidade. Não que eu tenha falado que... Não é isso que tu queres falar. Mas um monte de pessoas que a gente conhece, eu acho que a maior fuga do não fazer é dizer que a própria criatura lá não pode fazer aquilo sozinho, porque não vai dar conta de mudar o mundo, de mudar um monte de situação. Eu acho que com um se der conta do compromisso, da gente enquanto cidadão, da gente, enquanto ser humano. Parece que com um, pra quem acredita, eu acho que a gente recebe uma missão. Uns mais leve, uns mais pesados. Às vezes, a gente tem que passar por tanta situação, né? E, às vezes, fulano tem empregada, a casa tá pronta, os filhos estão de banho tomado, a comida tá pronta e nunca tá bom??? Tá sempre faltando alguma coisa, né? Eu acho que quando eu me der conta, se eu quero mudança, a gente tem que se doar um tantinho. Dá oportunidade de escutar, de falar. Que eu acho que quando ele fala desse mundo conturbado, com tanta dificuldade, ele tá mesmo aí, né? Ele tá presente na gente. no dia-a-dia, nas pessoas que estão pertinho da gente, e, às vezes, até na gente mesmo, né? Mas eu acho que, às vezes, a gente foge muito, né? Porque questionar, perguntar, correr, para resolver, realmente é mais difícil; é, cansa mais da gente procurar essa solução. Então, às vezes, é mais cômodo para as pessoas, a gente mesmo fechar: porque assim tá bom mesmo, não vai mudar nada mesmo, não adianta eu fazer nada. Por isso que hoje a gente está vivendo essa situação. Que, às vezes, a gente pode ajudar, nem com dinheiro não. Outro dia, a gente fez uma reunião na escola e a gente viu que a gente passa a maior parte do tempo dentro desta unidade, que ela vira nossa casa. Então se a gente não se der bem, não se respeitar, não se gostar, a gente tá perdido, né? E, às vezes, a gente tem tudo isso para fazer e a gente não faz. Tem outra questão: às vezes, a gente sai arre-negada... Não sei se isso já aconteceu com vocês? Comigo já... de saco tão cheio. Às vezes, tu vê uma pessoa que tu nunca viu. Aquela pessoa te olha, te dá um sorriso, uma boa tarde, te dá uma coisa tão boa que tu fica diferente, né? Então, às vezes, tu não pode fazer isso com alguém também? Será que a gente só tem que cobrar, cobrar... querer, querer... Será que não tá na hora de a gente começar a doar, né? Por mais sacrifício que seja. Às vezes, as pessoas dizem: "Ah! Violeta como que tu consegue fazer tudo isso?". A Rosana, nossa colega, a empregada dela foi embora, ela chegou aqui num choro, que não conseguia mais dar conta e perguntou: "Como é que tu faz?". Eu disse: "eu levei tempo para aprender". Não sei se foi muito tempo... Hoje eu não aprendi tudo, mas já aprendi. O que é mais necessário tu fazer? Tu vai fazendo, aquilo que tu acha que tu tem que dar conta. Tu acha que não consegue fazer agora, tu tens que escolher. É aqui ou é aqui? Tu vai dar banho nos teus filhos e fazer comida, ou tu vai deixar teu banheiro encerado e lindão. Tu tem que optar, né? A gente sabe que é difícil, complicado. A gente leva tempo, uns levam mais, outros menos; mas se a

gente tiver essa clareza... A gente passa por dificuldades? Passa. Às vezes a gente chega: "ó, tô forte"; mas por dentro... tá forte nada, tá quebrada. "E aí fulana tá tudo certo? Tá. Tá nada!

Violeta

"Olha, hoje é a reunião, e aí? Vocês vão vim? "Ah, pode dizer pra ela, que hoje eu tô tão ruim, tão doente..." Vai fazer o que, né?... Dizer um monte de coisa que não é o que tá sentindo, mas que tu acha que com aquilo ali tu vai se sentir melhor. Dá assim? Um não chega, né. Eu acho assim, eu acho que as pessoas não se doam tanto. Existe um egoísmo muito grande. As pessoas são, como o pai ali colocou, as pessoas só querem esquecer; o que a gente faz também. A gente faz, não vamos só falar das pessoas, a gente também faz. Falando com as meninas daqui, que a vida nossa enquanto família tá tão ruim, a gente esquece de olhar lá para o nosso vizinho, e se a gente acha que a gente tá ruim e o nosso ali?

Mãe

A gente dá muito valor para as coisas materiais, se mata construindo, esquece. Até Florianópolis a gente não conhece. Tanto lugarzinho gostoso que a gente tem e a gente não conhece. Por quê? Você fica em cima de um livro estudando, você arruma emprego, você se casa, pronto destruiu. Mas na verdade não é isso, é que a gente.

Rosane

Ele falou na nossa realidade, né? Tá certo!

Mãe

Então é a gente mesmo que tá plantando essas coisas e dificultando pra nós mesmo. Então por que que a gente não pode arriá essas coisas materiais um pouco? A televisão, ou o espaço mesmo, poder. Que é que é esse poder? Que poder é esse que a gente tem? O poder de destruir o vizinho? O poder... sei lá, o que que ganha com isso? Se a gente pode fazer o contrário, né, disso.

Rosane

Pois é, a gente começou falando de ser família saudável.

Mãe

E acabamos com uma bomba na mão.

Rosane

E aí apareceu alguns pontos que foram, vocês me corrijam, se a gente captou, porque a gente tá tentando fazer um resumo e tentar fazer um fechamento, né? Que se pode, nessa família saudável, ter problemas psicológicos, é isso? Que se tem dificuldades, eu tô tentando fazer uma retomada, que se tem dificuldades. A família saudável, ela tem dificuldades?

Violeta

Sim!

Mãe

Tem!

Rosane

E que pensando na família saudável, é preciso que nós façamos uma reflexão, um pensamento em cima das crianças que estão aí, e que nós somos responsáveis por isso. Pensando em família saudável, nós pensamos o que nós estamos fazendo com a natureza, com nosso meio ambiente. Me corrijam! Pensando nessa família saudável, a gente vê que tá... perdendo o simples da coisa. A questão de ver até onde que a gente tá morando, de ver os lugares onde a gente mora, que se envolve numa questão de querer, de adquirir, e o poder, e esquece o natural,...

Mãe

Que é nossa alma, mesmo.

Rosane

Esquece o que é da alma, o olhar para o outro.

Mãe

O próximo. Que a gente só consegue isso, abandonando tudo isso, ó: moto, televisão, isso aí a gente só consegue quando tem dinheiro, mas para você chegar ao dinheiro você quer, a gente passa por cima de pessoas, por cima de vizinhos, por cima de tudo, pra poder chegar a esse dinheiro, o estudo, tudo isso, e vai, né? Ele vai se destruindo a si próprio mesmo. Depois de conseguir isso aí, o que é que ele vai querer conseguir mais? Destruir os outros, porque ele nem pensa em ajudar o próximo, porque não tá se ajudando a si próprio. Porque se ele se ajudar a si próprio, te garanto que ele vai conseguir mais energia positiva, não negativa. Porque a negativa vem em relação a: "pô tem que comprar, tem que compra"; e ele se arreventa todo pra conseguir aquilo, e consegue. Será que não dá pra ele parar um pouquinho e analisar, que tem uma família, que tudo não é feito de isopor, que a gente cai e se levanta e tá tudo bem. A vida é dura.

Rosane

E esse ser saudável, ele passa por ver o outro, da gente colocar as coisas, pensar que uma andorinha só não faz verão, mas ao mesmo tempo lembra que a gente tem um compromisso, eu tô ligando as salas de vocês, e esse compromisso é de ajudar a si mesmo e também ajudar o outro. A gente falou tanto em ajuda aqui, já desde o início, né Solidária? Tu falasse em ajuda. O que é que mexeu tanto conosco gente, que a gente falou em ajuda aqui?

Mãe

Um foi em respeito da menina aqui que estava com problema, em respeito, que a gente, quando trabalha com comunidade, como a Violeta, a gente ajuda em termos de.... É que a gente vê certas situações que são simples, que a gente mesmo cria; de repente ela criou essa situação pra ela mesma; que tem certa situação que a gente, pô, você tá querendo uma casa, você vai lá, faz um empréstimo, aí pela coincidência você vai pra rua da sua empresa, ou dá uma queda do ordenado na sua empresa e o que acontece? Você vai ter que disputar ou vender alguma coisa, ou sei lá, vai ter que se virar pra arrumar essa grana. Pra esse mês você arruma, mas pro próximo mês você não arruma, e aí você entra em quê? Em depressão e vai indo e esquece as coisas boas, e se preocupa só em quê? No dinheiro. E pronto, já está feita a desgraça. Porque você não vai mais ter dinheiro pra manter esse pique. Então antes de uma pessoa alugar uma casa, eu acho que tem que pensar em termo em geral. Você vai daqui para o Rio, mas se você não tiver já uma estrutura no Rio, o que acontece? Você vai com uma coisa na mente, mas na realidade, lá é outra. Aí você não consegue, e daí? Aí você cometeu um engano, aí aquele dinheiro você não consegue arrumar e daí, como é que fica a situação, fica precária. Então eu acho que hoje, a culpa é nossa mesmo. Porque antes da gente se mudar pra outra região, a gente já tem que ir com uma estrutura, um terreninho e com uma estrutura já feita. Nem que seja uma casinha de cinco por seis, mas tem que ir com a estrutura...

Rosane

Você está falando que a gente tem que... ter que é horrível a gente estar falando, né? Mas, a gente responde pelos nossos próprios atos.

Mãe

Pelos nossos atos. A gente tem horas que...

Rosane

E isso tem uma ligação com ser saudável? Esse responder?

Mãe

Tem, tem, porque se você entrar em depressão, por causa do dinheiro, e se você entrar nesse buraco, você não vai mais ser saudável. Porque a alimentação que entrar pra você, ela não vai entrar com sabor, vai entrar com um amargo, você vai estar comendo, mas vai estar lembrando onde vai arrumar esse dinheiro. Aí você vai ficar mais velha, você vai brigar até com a sua sogra. Você perde a amizade, tão tudo roubando você,

porque você não soube plantar, você não soube colher. E aí a gente planta o que colhe. Se você fizer uma boa estrutura, você vai recolher uma boa coisa, se você vai fazer uma mau estrutura, a casa vai cair sobre você.

Rosane

Alguém quer falar alguma coisa em relação a isso? Responder pelas suas opções. Ele tá colocando que cada um deve responder por suas opções.

Mãe

Porque tem outra maneira de a gente conseguir isso. É simples, né? Vamos supor, eu quero ir pra São Mãe, tá tudo bem, eu vou pra São Mãe. Mas o seguinte, eu me apresento pra Prefeitura de São Mãe, a Prefeitura de São Mãe entra em contato com a nossa Prefeitura daqui, as duas fazem uma aliança, eles arrumam uma estrutura pra mim, eu arrumo emprego e passo a pagar isso por mês. Conforme eu ganho, lá na cidade de São Mãe. É a maneira mais fácil que tem. Só que, infelizmente, nos espaços políticos, só pensam neles.

Rosane

Tu tá colocando alguma alternativa, né?

Mãe

É, é uma alternativa que eu tô colocando. Não é que eu queira... Eu já tô falando tanta coisa aqui que daqui a pouco eu vou me candidatar a prefeito.

Rosane

E essa é uma idéia, né? Que a gente consegue ligar...

Mãe

A solução tá fácil, tá na nossa frente, é só a gente... fica bem fácil.

Rosane

Aí as coisas se unem, né? Quando você faz essa colocação, dá pra falar na questão de ter um compromisso e quando a gente se expõe, tá conversando aqui, a gente vai achando outros companheiros, outras pessoas, né, que vivem problemas semelhantes, e a gente pode se organizar, pra tentar resolver esses problemas, trazendo sugestões e soluções. Aqui a gente se organizou por alguma, estar junto, por algum motivo. A gente veio discutir ser família saudável, mas aparecem outros questões que estão relacionadas com isso, com ser família saudável. A própria questão da natureza, que foi colocada no início... nós que moramos aqui na Lagoa. Há pouco tempo, foi feito um seminário onde a gente discutiu o que é que dá pra fazer pra preservar. Aquela primeira preocupação que vocês colocaram, a natureza, aqui; pra que os nossos filhos não venham a ter problemas depois do que nós fizemos. Então, vocês vejam que as coisas, elas estão inter-relacionadas. Então, não perder essa andorinha, que muitas vezes se sente sozinha, quando ela coloca pra fora, ela vê que também tem outras pessoas que concordam, e aí vão se organizando e pode fazer um verão.

Mãe

“Eu posso sacudir uma coisa, né? Eu pergunto pra todos que estão aqui presentes, quem é que foi da câmara de vereadores? Quem é que vai na câmara de vereadores? Ninguém, correto? Então de vez em quando eu tô indo. Eu vejo coisas absurdas. Eles aprovam lei que nem eu sei, ninguém sabe. Eles chegam lá, com aquela paletozinho deles, saem numa boa, só ficam dois ou três, aprovam emendas que ninguém... interesse deles empresários, que o próprio político, já é um empresário. Então quer dizer, então é por isso que eu coloquei que uma andorinha só não faz verão, porque se todos nós, perdesse pelo menos um dia, pra ir na câmara de vereadores, já ajudava muito. Ajudava a acabar com a corrupção que existe. Porque aí, a gente sabia em quem votar nas próximas eleições, no novo prefeito, no novo deputado, e aí vai, né? Então quer dizer, a gente tem horas que participa de reuniões, faz projeto direitinho, mas a gente esquece um objetivo importante, é ir na câmara de vereadores. Que a gente fica conhecendo quem é quem. E pára para conversar com eles, como a gente tá conversando aqui. E o assunto deles, eles têm interesse em ajudar. Muitos estão lá dentro e têm interesse em ajudar. Mas só que não se apresenta ninguém pra levantar o dedo. Não, você aprovou naquela emenda, mas eu sou contra. Aí o povo sentar, se reunir e conversar, mas não se apresenta ninguém pra protestar, gritar. Tá

errado! É povo que está sendo emprensado de vez aí, então quer dizer é uma pena. Então, por isso, tem hora que eu falo que uma andorinha só não faz verão é porque, daqui quem que...

Rosane

Tá fazendo uma proposta, uma sugestão pra que a gente possa melhorar essa realidade?

Mãe

“Tem que se mexer, tem que... Então, é coisas que, simples, fácil e a gente, pelos votos do cidadão, deixa eles tomar decisão da nossa vida. É errado isso.

Rosane

Me parece, esse ser saudável, ser família saudável passa, vocês vão me corrigindo, por uma questão de se comprometer politicamente, de exercer os seus direitos, de ter uma participação e voz ativa, de buscar, de ver o que que tão decidindo por nós. Isso passa por família saudável. Como é que se chama essa questão de direitos e deveres que a gente tem?

Mãe

“Eu vou entregar o voto para o cidadão. Ele vai tomar emendas não só pra mim, ele vai prejudicar a minha família futuramente. Vamos supor, a Lagoa já podia ter sido drenada há tempos. Mas por que que não foi feito? Por força política, correto? Brigaram um com o outro e sofreu pra quem? Mais tarde pros nossos filhos. Nós ainda vamos ver a Lagoa, mas daqui há uns cinco anos, será que eu vou estar aqui na terra pra ver essa Lagoa, e meus filhos será que vão ver? Vão ver ela poluída, vão ver ela arrasada, mais nada. E alguém vai resolver? Então quer dizer... Peixe ninguém tá vendo mais. Então quer dizer... a gente vota nesse cidadão, a gente tem que ir lá brigar sim. Não, a Lagoa lá ó, tá sumindo, vocês agora vão ter que tomar...

Rosane

Então tem um movimento que é nosso, é de cada um de nós, que é individual. Mas esse individual, ele pode ser compartilhado. Nós podemos buscar outros, conhecidos, amigos, companheiros, colegas que pensam e acreditam dessa forma e fazer garantir esses direitos, que já apareceram aqui, me parece que está vindo o tema da questão da cidadania. Ser família saudável tem haver com cidadania?

Violeta

“É que eu acho o seguinte, as pessoas não têm muito claro quais são assim ó... as pessoas querem saber assim ó.. : o que que é de direito? O que tu queres direito e se esquecem do dever.

Rosane

Cidadania, o que que é cidadania? Alguém sabe? Eu tenho um vídeo que a gente pode trazer um dia pra gente discutir isso, se vocês quiserem e tiverem interesse.

Mãe

“Eu acho importante. Que bem poucos, olha... Muitos dizem assim: “Pô, a prefeitura que se dane, ela é que tem que arrumar a minha rua”. Eu acho que não é assim. Tô dando um exemplo, né? A prefeitura que se dane, tem que trazer alimentação pro colégio. Eu acho que não é assim. Eu acho gente, o culpado desses passos tudo, não é a prefeitura, somos nós. Nós que votamos nessas pessoas, voto novamente e que não vamos acompanhar se vendemos nosso voto completamente. Se nós vendemos nosso voto, se ela votou certo ela vai pagar o pato por todos nós. Então eu acho que... voto,.. como eu votei? ; votei como? O futuro... Então só tem uma solução daqui pra frente, é botar a criança no colégio. Fazer como? Acompanhar a professora; o pai e a mãe acompanhar a professora; acompanhar o aluno; dar disciplina pra eles, pro futuro; defender mais a causa da natureza; defender a natureza, porque se nós não fizermos alguma coisa para os nossos filhos, não adianta. E pelo que eu tô vendo, e pelo que todo mundo tá vendo, tá feio o negócio... E que nós somos errados por isso. Esse espaço que eles têm hoje. Tá complicado o negócio, e eu acho que seria uma solução ter a ditadura de novo e voltar o militar pra rua, eu acredito que já morreu tanta gente pra ter essa liberdade que nós temos hoje e nós não estamos sabendo aproveitar. Infelizmente, tanta gente que morreu...

Rosane

Essa questão que tu estás trazendo, ela é muito importante e a gente pode continuar a discutir, eu gostaria de convidar vocês na próxima semana pra gente continuar esse trabalho. A gente combinou um horário pra terminar e se eu não respeito, ninguém mais vai confiar em mim.

Mãe

“É, porque se eu começo a falar, eu vou te dizer uma coisa... Eu só peço desculpas de chegar tarde, porque eu cheguei em casa cansado do meu trabalho, fui tomar um cafezinho...”

Rosane

A gente gostaria que vocês todos voltassem a participar, nós começamos pela questão do ser saudável passando que, família saudável pode ter problemas psicológicos, tem que se preocupar com essa criança de hoje, o dinheiro ele, volta, já apareceu na última reunião, ele volta, nessa questão de família saudável, a gente precisa desse dinheiro, mas esse dinheiro não é tudo. Tem a questão da alma que foi colocado aqui, e...

Mãe

“Desculpe interromper, você já leu a Bíblia, por um acaso? Se todo mundo leu, tem um pedacinho que diz a vespa. A vespa sabe o que que é, eu cheguei lá uma conclusão, é o dinheiro. Vocês pensam direitinho, vê se não é o dinheiro.”

Rosane

A gente pode ficar pensando isso para a próxima semana.

Mãe: “Porque ele faz muita gente roubar, desesperar e se matar. Então a solução, eu acho difícil, era acabar com o dinheiro, ter o troca-troca, voltar a 50 anos atrás. Eu acho que seria a solução para o mundo atual. Porque se você roubar, você vai roubar o quê? Melancia, abóbora, milho... Aí você iria fazer o cidadão trazer aquela varra de fumo, botar no pé dele e fazer ele plantar.”

Rosane

Falou em cidadão, né? Me parece assim, que pra gente fechar esse momento...

Mãe

“Nós temos terra suficiente. E hoje nós temos que pensar um pouco na família também, na mulher. Vamos controlar um pouquinho os filhos; casou: ter um filho ou dois. Então eu acho que tem que pensar um pouco nisso também. O casal, ter um filho ou dois, no máximo. Eu vejo aí gente com... Teve um outro dia que eu estava numa loja chegou uma moça e um rapaz, quantos filhos? Nove. Eu sai meio de lado, né? Porra, e ainda tava com um no colo e outro na barriga. Todo mundo gosta de criança, mas eu acho que tem um limite também, né? Já está difícil. Então quer dizer, cada cidadão, nasce mais um cidadão, então você vai ter que ter mais uma terra pra ele e mais uma casa e mais uma alimentação. E daí? Do jeito como tá acontecendo a situação, é mais água vai ser poluída, né?”

Rosane

Uma coisa importante que apareceu aqui hoje, para gente fechar, é a questão de que pensando em família saudável, também aparece a questão da cidadania, que você trouxe, o pessoal colocou, a Violeta também falou, a questão do direito e do dever. Quando se fala em direito e dever, isso é a cidadania. Ser família saudável tem haver com cidadania, exercer cidadania, é isso?

Mãe

“Correto!”

Rosane

Acho que, vamos fechar, né? Tem gente que precisa ir... Nós gostaríamos que vocês voltassem. Vamos fazer um fechamento.

Mãe

“Eu peço desculpas se eu ofendi alguém...”

Rosane

Essa música, é uma música indígena que quer dizer: desejos de felicidade... eu acho que é uma energia muito boa... Queria que cada um falasse o que é que foi estar aqui, do fundo do coração, como é que está se sentindo, para gente poder se despedir.

Walnida

“É, eu gostei de ter vindo hoje aqui, apesar de estar cansada, pra mim foi ótimo, conversei sobre assuntos, do dentista, quero levar o João de Barro.

“Eu acho que foi bom, né, a amizade de todo mundo, a gente descontraíu um pouco, relaxou também, né.

“... espero voltar na próxima se tudo correr bem... a Violeta me convenceu, eu acho que na próxima eu venho, nem que seja meia hora...

Rosane

Vocês acham que uma vez por semana, cada semana, tá bom? Ou vocês acham melhor fazer de quinze em quinze dias?

Pitanga

“Pode até ser, desde que seja segunda, terça ou quarta...

Rosane

Terça é um dia bom?

“É.

“Eu também gostei do encontro de hoje, foi muito gostoso. E todos nós temos problemas na vida, quem não tem? Só que a gente tenta vencer eles, e passar coisas boas pra outras pessoas e, ajudar as pessoas.

“Não pensar só em nós, pensar em outras pessoas também. Mas se eu pensar só assim, ah, será que é só eu que tenho problemas, será que a outra pessoa também não tem? Será que as outras pessoas não estão passando o mesmo que eu tô passando.

? : “se a gente pensar só na gente, não olhar pra trás, é isso aí...

Violeta

“Eu acho bom a gente se encontrar... a gente tenta convencer as pessoas, o que tão perdendo, que é bom. Eu acho que ela eu convenci. Às vezes, as pessoas não vêm porque não depende exclusivo da gente. Mas eu acho que o pouco tempo... é muito bom, muito gratificante, eu acho que vai continuar bom, mesmo sendo de quinze em quinze dias, ou de semana em semana, vai ser sempre o mesmo corre-corre. Parece que se ficar de quinze em quinze, esfria um pouquinho, eu acho que o bom mesmo é toda semana. Só em a gente conversar, até escutar, já é muito bom.

Mãe

“Eu sinto pena de uma coisa. De eu ter perdido as outras reuniões, mas eu não vim por causa do meu trabalho. É bem gostoso, gostei. Eu sinto outra pena que o grupo deveria ser maior. Tem que ser mais pais, mais mães, porque os pais só sabem colocar os filhos no mundo. Na hora que é para ir junto abandona a mulher e o filho e vai para o boteco conversar com os amigos. É bom saber que tem um grupo de braços abertos para ajudar.

Cajuzinho

“Para nós também é muito bom estar aqui com vocês. Em cada oficina eu fico pensando o que foi colocado, que a gente sempre dá mais valor para o que acontece de mau com a gente...

Resumo I

4a Oficina - 14/10/97

Apresentação de como se têm trabalhado (a oficina). Início: 19: 20 horas.

Cada pessoa apresentará o seu companheiro. Estavam presentes 7 pessoas (repetidas: Violeta, Beija-flor).

19: 40 horas - Fim das apresentações.

Apresentação dos temas que foram estudados e apresentados até agora.

Nota - Beija-flor permaneceu calada e “viajando”. Está com problemas financeiros e com o marido desempregado.

Separação em dois grandes grupos para discussão e aprofundamento nos cartazes já construídos.

Nota

O marido de Beija-flor veio buscá-la, mas esta permaneceu na oficina.

Ficaram nos grupos:

1) Violeta, Pitanga e Ivanilda. Pareceu ser um grupo mais “sério”, discutindo os cartazes com seriedade.

2) Beija-flor, Solidária, Mãe e Ananás. Pareceu ser um grupo que levou mais na brincadeira. Mãe ficou um certo tempo discutindo os problemas do seu bairro e não o que havia nos cartazes.

Nota – Beija-flor teve que ir embora porque o marido está zangado. Veio buscá-la com o filho doente.

20: 00 horas – Fim da discussão em pequeno grupo e início da discussão em grande grupo.

Mãe

Diz que só falaram de problemas.

Violeta (1o grupo)

Ter boa alimentação, não ter problemas psicológicos (mas que isso hoje em dia é impossível: um conflito sempre existe). Ter moradia (casa própria). Pra gente considerar família saudável se tem que passar por dificuldades, problemas. Diz que a gente não pode perder as esperanças, acreditar em alguma coisa para viver bem, para ser saudável. Acredita que devemos nos agarrar em coisas boas para viver, ter fé.

Falou que o cartaz representa o que elas realmente acreditam neste momento. Falou sobre a árvore (que a água representa a fé).

Mãe (2o grupo)

Acha que se tem que fazer um trabalho especial com as crianças de hoje. Acredita que a alimentação está sofrendo grandes influências negativas (uso de muito agrotóxicos, por exemplo). Trabalhar com essa nova geração, porque senão eles não vão agüentar as conseqüências de tudo o que se está fazendo hoje. Acredita que o dinheiro não é tudo porque atrás dele vêm a destruição, a ganância, o poder. Acha que tem que voltar o “troca-troca” (não o comércio que está hoje, só visando lucros). “Acredito muito no destino, por isso que eu não vou tanto atrás do dinheiro, não fico desesperado por dinheiro, eu espero que ele venha atrás de mim. Antes de fazer besteiras, eu tenho que pensar na família que eu construí. Porque a família sempre vai me apoiar se eu não fizer besteiras”. Diz que temos que respeitar mais a natureza, dar espaço político para as pessoas. Investir tanto em carnaval, por quê? Porque não investir em saúde e educação? Acha que deram muitas regalias para o papa (avião, por exemplo) Quando este veio visitar o Brasil. Porque não pegaram esse dinheiro e distribuíram para uma instituição de caridade?

Acredita que todos tem direitos iguais. Porquê há tantas diferenças?!?

Tanta comida jogada fora e isso poderia sustentar tanta gente...

Há muitas injustiças que eu não admito!

Uma andorinha só não faz verão...

Violeta

Eu acho que uma andorinha só também pode fazer muitas coisas. Acredita que se cada um fizer sua parte. Não acredita na história de que uma pessoa só não pode mudar o mundo. Pra quem acredita, cada um tem uma missão. Se eu quero mudanças, a gente tem que mudar e lutar para isso. Eu acho que às vezes a gente foge muito... A gente não precisa ajudar só com dinheiro. A gente passa mais tempo aqui na escola do que na nossa própria casa, por isso a gente tem que se gostar, se respeitar...

Acha que devemos dar prioridades para as coisas em nossa vida para que possamos nos adaptar.

Existe um egoísmo muito grande.

Mãe: “A gente se mata tanto de trabalhar só para adquirir coisas materiais e não aproveita as coisas boas da vida. Que poder é esse que a gente tem? Será que a gente não pode arriar um pouco essas coisas materiais?”

Esquecemos o que é da alma, de olhar para o outro. Com dinheiro passamos por cima de pessoas e com isso vamos nos destruindo a nós mesmos.

Há certas situações que nós mesmos criamos e nos damos mal depois.

Quando nos preocupamos só com dinheiro, já está feita a besteira...

Você pode entrar em depressão por causa de dificuldades, por falta de dinheiro, aí você não vai mais estar sendo saudável. Você vai ficar triste, brigar com os amigos...

Cada um deve responder por suas opções!

Mãe

Acha importante discutir sobre cidadania. O culpado de tudo não é da prefeitura, é de nós porque nós vendemos o nosso voto.

20: 40 horas – Fechamento com término da discussão em grande grupo.

Fim – 21: 00 horas

Resumo II

Rosane – Começou a apresentar o projeto aos novos membros. Explicou e pediu permissão sobre as filmagens e gravações. A seguir passou para o relaxamento.

Após foi feito a apresentação, o colega apresentou o outro.

Rosane falou algo sobre a última reunião, que apareceu a liberdade, o trabalho, trabalho infantil, conflito, o eu e o outro, a questão da TV, os tipos de família, ...

Obs. – Apareceu mais um membro, Mãe, com ele são 7 pais.

Divisão em dois grupos.

Num grupo ficou: Violeta, Pitanga e Ema.

No outro: Solidária, Mãe, Beija-flor, Negilde.

A discussão está concentrada na Violeta que fala mais e no outro grupo, entre Mãe, Beija-flor, Solidária; Mãe é o que mais fala.

Obs. – O marido da Beija-flor apareceu, conversou com ela e foi embora, não quis ficar. O filho deles está doente, e ficou na casa de um amigo aqui perto.

Obs. – O marido voltou com o filho, e ela foi embora. Segundo ela, o marido está furioso com ela.

Rosane perguntou sobre o que eles conversaram.

Mãe – Problemas e problema...

Violeta começou a apresentar.

... a gente nunca deve perder a fé... Sua apresentação foi mais em relação aos problemas, às dificuldades, de hoje, o sentir-se bem. Comentou sobre a árvore do cartaz. Sobre não deixar de acreditar em si mesmo.

Mãe – Comentou sobre fazer um trabalho com as crianças de hoje, porque o planeta Terra está sendo destruído e daqui alguns anos, como será? Tudo está andando muito rápido. Se não fizer nada, nossos filhos não vão agüentar. Comentou sobre a situação de Beija-flor, que o marido está desempregado e que ela ganha só R\$ 100,00. Dinheiro não é solução de tudo. Junto com dinheiro, vem a ganância, brigas, coisas ruins. O bom seria o sistema de trocas, como antigamente. Comentou sobre o destino. O que tiver que vir virá. Não se desespera. Não se deve brigar com a família; deve trabalhar para sustentar a família. O espaço político, esporte, porque que ao invés de investir no carnaval, não investe na educação. Comentou sobre as regalias da visita do Papa. Os políticos são tudo imagem. Tem muita gente sem nada e muita coisa sendo desperdiçada. Uma andorinha só não faz verão.

Violeta – Eu acho que faz. Se mudar a mentalidade, e as pessoas começarem a fazer algo, a darem mais valor, já é um bom começo. As pessoas têm que se doar. Há muita fuga. É mais cômodo para as pessoas se fecharem, dizer que ninguém está fazendo nada; medo. Comentou que ficam mais tempo na escola do que em casa. Se a gente tá mau, tá triste, e alguém que você nem conhece lhe dá um sorriso, como melhora. Será que não é hora de a gente se doar um pouco?! Existe muito egoísmo, por parte de todos. Tem vezes que a gente está tão ruim, que não dá valor aos outros.

Mãe falou sobre nossa realidade, em não dar valor às pequenas coisas, por estar preocupado com o material, com o poder, o adquirir. Esquece de olhar para o próximo, as coisas da alma. Tem vezes que para a gente conseguir o que deseja, passa por cima de tudo e de todos.

Tem vezes que a gente cria as situações pra nós mesmos. Comentou que a Beija-flor preparou essa situação para ela mesmo.

Se você entrar em depressão por causa do dinheiro, você não vai mais ser saudável... Você planta o que colhe. Mãe começou a discutir até sobre política, câmara de vereadores.

Rosane perguntou se ser família saudável está relacionado com seus direitos e deveres.

Comentou-se sobre cidadania. Mãe novamente voltou a falar em política, votos, ...

Rosane deu início ao fechamento.

Mãe continua falando sobre o dinheiro, o troca-troca, ...

Rosane fechou, com o relaxamento.

Notas Metodológicas

Perguntas à Violeta:

Nenhuma família que a gente considera saudável ou perfeita que não tenha problema.

Família saudável/família perfeita? Fale sobre isto....

Fé/Esperança/Acreditar!

Perguntas ao Mãe:

Que imagem? foi criada na família? Porque?

Rosane:

Não explorou bem:

Pois é, a gente começou falando de ser família saudável... e acabamos com uma bomba na mão!...

VI Encontro (5ª Oficina com famílias)

Rosane

Vamos vir aqui no centro. Vamos trabalhar com a nossa respiração, soltar o braço, a perna. Vamos inspirar alguma coisa muito boa, muito positiva que esteja aqui dentro, conosco, o fato da gente estar juntos. Vamos botar para fora todas essas tensões, não é Cajuzinho? Esse dia-a-dia que, às vezes, está um pouco atribulado. Se alguém teve um dia bom, tenta pegar essa energia e manter dentro de si. Vamos deixar essa música vir, entrar. Vamos andar para o lado no ritmo da música. Essa forma circular ela pode gerar uma energia que é muito positiva. Vamos para o outro lado, assim a gente vai relaxando... Se alguém quiser inventar algum movimento, invente... O que a música está fazendo com você. Quem é que quer tentar para relaxar um pouquinho? (usar um bambolê). Aqui também tem que rebolar!

Cajuzinho

Vou fazer no pescoço, aqui eu consigo!

Rosane

Eu estou me sentindo hoje um pouco abatida por causa dessa gripe que me pegou de surpresa. Mas, ao mesmo tempo, eu estou muito contente de estar aqui com vocês e contente pois vocês vieram mesmo com chuva, com filho doente, né? ;.. em recuperação. Estão aqui de novo com a gente, voltando mais uma vez... É assim que eu estou hoje!

Ema

Quando eu vim à escola eu perguntei: Violeta vai ter? Ela disse vai ter sim; elas vão vir. Aí eu disse que ia fazer uma empanadinha. Eu trouxe, a hora que vocês quiserem experimentar... É de queijo, a integral e tem frango também, massa branca. Eu ia trazer um pouco de cada, mas não deu. A gente faz muita empanada, né? Depois dá muita louça, muitas coisas para fazer. Daí eu só fiz os dois, se aprovar na próxima eu trago outros. Tá ali, a hora que vocês quiserem.

Rosane

Hoje tá boa a coisa! Tem empanada para gente comer. Quer colocar como tu estás hoje?

Buriti

Tô bem! A minha filha tá com bronquite, pouquinho coisa... Fora isso, tudo bom.

Rosane

Todo mundo... ; tem um surto, entre aspas, né? Bastante problema respiratório por causa dessa umidade, do tempo chuvoso que tá aí.

Cajuzinho

Bom, hoje se eu disser que estou me sentindo muito bem, eu vou estar mentindo, né? Eu tô meio triste por vários motivos, né? Tudo se associa, tudo parece que dá errado, mas com um pouquinho de força a gente consegue mudar as coisas.

Esperança

Eu também assim,... triste não tô; mas eu chego em casa, aí a minha menina tava dormindo no carro. Desceu o morro, ela dormiu. Aí chegou em casa, elas deixaram um pouquinho de deveres para fazer comigo. Porque ela queria fazer com a mãe. A minha maior que acabou de sair de uma febre tremenda, uma semana resfriada e caxumba tudo. Aí queria a mãe, né? Queria que eu ficasse. Aí eu tava na aflição: uns 20 minutos eu fiquei. Eu queria vim e ela queria que eu ficasse, né? Aí meu marido disse: "Acho melhor então tu ficar". Aí a gente foi, tomou banho, deu tempo de lavar cabelinho dela. Ela se acalmou um pouco, eu fritei umas coxinhas. Aí eu disse: "a mãe tem reunião lá na creche, com aquelas meninas". Aí ela disse: "Eu quero ir

junto". Eu disse: "Filha, fica com o pai que a mãe já volta para casa". Ai depois do banho ela tava mais animadinha, ai eu não me senti tão assim... né? Eles querem a gente e a gente também tem compromissos. Então fiquei uns 20 minutos assim numa ansiedade, né? Aquilo me deixou meio amarrada hoje, mas já passou...

Mariposa

Ah! Eu também tô bem, tirando o que não presta fica bom.

Violeta

Eu acho que diante de tantos trabalhos, eu tô meia pesada. Às vezes parece que a gente não vai dar conta de tudo que a gente tem para fazer, né? E hoje quando a gente foi tentar tirar um pouco de água aqui da escola, fui lá pedir apoio do Feliz (um menino que trabalha na escola básica). Não sei se é porque a gente é diferente, a gente tenta a gente mesmo resolver para não passar a carga tão pesada para o vizinho, né? Eu acho que existe ainda um pouco de compreensão do pessoal, vamos falar aqui do meu, né? Achando que tu pega muita coisa pra ti mesmo, né? E a colaboração não vem muito. Ai liguei para ele, ele tava na cadeira do dentista, ai eu perguntei se ele podia falar... Ah! Meu Deus!... Porque a gente depende para a gente poder dar conta da situação, a gente precisa de apoio. E nem toda hora parece que o apoio vem. Como eu disse da outra vez, a gente acha assim: "ah, ela é forte, ela agüenta; como é que ela agüenta tanta coisa?". Eu já não tô dando mais conta, porque eu tô me sentindo assim meio frágil, meia fraca mesmo. E, às vezes, a gente quer chegar no horário, quer pegar aqui bem direitinho, mas simplesmente não dá. É os 3 pequenos lá e aí uma guerra muito grande. Quando eu cheguei aqui eu já tinha dado um safanão neles, um grudão lá. Parece que quanto mais eles crescem, mais eles tentam te afrontar, os deboches tá meio grande e aí a gente nem têm tanta paciência, dá um "boléus" lá mesmo. Ai porque isso é fase. Ah, meu Deus, tem fase dos 7, fase dos 8, 9. O Mateus tá chegando nos 12, será que essa fase não vai acabar não? Então é isso tudo...

Mãe

Ainda bem que apareceu outro homem porque semana passada eu tomei uma coça.

Rosane

A gente tá colocando como tá se sentindo para chegar aqui hoje no nosso encontro.

Mãe

Ansioso com o que nós temos para conversar hoje. Eu tenho bastante coisa, se vocês tiverem a fim de ficar até meia-noite... Essas moças aqui disseram não. Eu vou ficar sozinho. Mas tá bom. Tem horas que é bom a gente ficar sozinho conversando com a gente mesmo. Às vezes isso ajuda ou faz se matar também, dentro de 4 paredes.

Rosane

Mas juntos aqui nós combinamos, né? A Ema perguntou até que horas nós ficaríamos. Ai se propôs 8: 30-8: 40, aí a Ema falou que 8: 30 seria bom. Então ficaríamos até 8: 30, tá bom?

Todos

Tá bom.

Mãe

Eu estou disposto a conversar. Para mim, passando de 8: 30, 9: 00, 10: 00, tá bom. Bom o que nós vamos dizer é como estamos nos sentindo hoje, né? Agora passa a bola?

Ema

Eu quero comentar uma coisa, como a gente está entre amigos, roupa suja se lava em casa, né? Eu vou falar do Platina. Sabe o que que é? É que eu tô um pouquinho triste porque ontem eu fui numa reunião no colégio e ele tá meio ruinzinho. Vai ficar em recuperação em história, português e ciências. Vai ter que ficar e final de ano tá aí, né? Eu queria que ele passasse direto, mas tá difícil. E também queria agradecer a Violeta, catequista do Platina. Adorei, ele gostou mais ainda. E, apesar de fazer comunhão domingo, aí o padre falou ali que os meninos começam a mudar, criar espinha. O Platina tá ficando beifudo. Tá ficando mocinho, aí ele diz "O mãe, já tô com espinha". Tadinho. Era só isso.

Rosane

Pois é. A gente tava falando na temática, né? Nós temos aqui, a temática da imagem de ser família saudável, né? É isso que a gente vem trabalhando e em cada encontro a gente tem colocado um aspecto a mais. No último encontro, nós tentamos fazer algumas coisas, se a minha memória não falha, né? A questão de mudança, de cidadania, de doar, de ajuda, doação, ajuda, o dar e basicamente, assim de uma forma mais sucinta, teria mais algum detalhe aqui que eu separei para vocês. Outra coisa foi o espaço. Quando a gente falou em família saudável veio a questão do espaço, seja ele a natureza, a casa da gente... mas nos levou à falar do espaço.

A outra questão é que família saudável têm boa alimentação, mas tem problemas também. Foi uma idéia que foi revista, que foi trazida num dos primeiros cartazes que foi construído que é não ter problemas pedagógicos. Aí o grupo tava discutindo que a família saudável pode ter problemas psicológicos, pode ter problemas, por menores que sejam. A questão de ser família saudável e acreditar. A crença, a fé né? Isso tem a ver com família saudável. Buscar soluções. Se tem problemas, também buscar soluções. Foi sugerido, quando a gente colocou toda a problemática do dinheiro, do troca-troca, soluções de brincar, colocar humor na nossa vida. A questão de descarregar quando a gente tá carregado. Como hoje, né? Perguntar, procurar, isso tudo seria relacionado com as soluções que daí a gente acaba buscando quando trabalha com família saudável, quando a gente pensa na imagem de ser família saudável. Energia mais e menos, também apareceu isso. A energia mais quando a gente se ajuda! Esse é todo um conhecimento de vocês, vocês que trouxeram isto, né? Então quando a gente se ajuda, a gente consegue ter energia mais.

E a questão da depressão quando tá ligado ao dinheiro. O que que pode levar a questão do dinheiro. Foi muito discutido na reunião retrasada, nessa última reunião... Vários aspectos do trabalho. Então que vem permeando. E junto com essa questão da depressão, dá as soluções que a gente pode ter para que não se entre nessas depressões, né? Apareceu uma fala de família saudável com família perfeita. Como é isso? Essa pergunta eu deixo no ar: A família saudável é a família perfeita? Como é que é isso? E um outro aspecto que tem aparecido volta e meia é a questão da televisão. Então são algumas temáticas que vocês mesmos estão trazendo, né? E que eu estou aqui apenas fazendo um resumo, sendo porta-voz para gente poder continuar essa discussão. Se vocês não estão cansados daquela metodologia, porque a proposta é aprofundar, nós retomáramos os cartazes. E vocês sempre tem a liberdade de reconstruir e se achar que aquilo ali não tem mais nada a ver, reconstruir. Ou pegar um ponto dali e discutir. Vocês gostariam de se dividir em dois grupos como a gente fez da outra vez? Daí depois fazer uma discussão em conjunto? Ou já querem todos olhar e já partir?

Buriti

Todos juntos, né?

Todos

É, somos em poucos.

Rosane

Então podemos começar a trabalhar em cima dos cartazes, ou vocês tem uma outra proposta?

Mãe

Cartazes. Eu acho melhor, é um ponto de partida.

Violeta

Eu só vou um pouquinho na sala da Bergamota. Que é reunião do 2o período e a minha Diamante tá lá. Então é só um pouquinho e eu já volto, porque eu sou mãe e se não for vai ficar feio, né? Só um minutinho. Eu já sei, ela quer apresentar como é o trabalho, ela é professora nova, a gente já tá meio por dentro do assunto, mas fica feio, né?

Rosane

Uma proposta que também tem a partir desses cartazes seria de vocês montarem um teatro se quiserem. Tipo fazer uma dramatização a partir do que vocês acharam importante. Ah! Eu acho que desse cartaz a gente podia trabalhar tal coisa. Aí vocês montam uma dramatização, o que vocês acham? Qual a imagem de ser família saudável?

Mãe

Na verdade, nós somos artistas, né? Pelo o que a gente ganha...

Rosane

Então tá. Nós vamos botar os cartazes aqui.

Mãe

E aquela moça não vem?

Rosane

Quem? A Beija-flor. Não, eu falei com a Violeta.

Esperança

Não falasse com ela?

Rosane

Não, só na semana passada.

Esperança

Eu não vi mais ela.

Rosane

Semana passada o marido dela veio buscá-la no meio da reunião.

Mãe

Eu não acredito que ela venha mais. Ele deve ter dado uma dura nela. Eu queria falar com ele; mas eu não conheço e não quero ficar ouvindo desaforo à toa.

Rosane

Eu conversei com ele, convidei para participar, mas ele não quis.

Esperança

O filho dela tem medo de água, não quer dividir as coisas para os amiguinhos. Não consigo entender.

Mãe

Essa criança vai ficar com problemas.

Esperança

Com ela dá para conversar bastante, consegui trazer algumas coisas. Mas, acredito que ele tenha conseguido, veio buscar. Ela tava conseguindo vir, mesmo com dificuldades, mas tava conseguindo.

Rosane

É semana passada ela já estava com o filho doente. Deixou mais veio, foi a primeira a chegar.

Esperança

Então ela tá querendo vir, tá precisando e tá fazendo bem. E de repente, ela não tá querendo isso.

Rosane

A Ema trouxe empanadas, quem quiser. Parabéns, tá uma delícia. A temática maior é qual a imagem de ser família saudável. Ai vocês se reúnem e discutam.

Cajuzinho

Eles podiam se reunir e apresentar um trabalhinho em cima disso, né? Digo, um teatrinho.

Rosane

É, mais foi essa a proposta.

Mãe

Será que eu vou chegar a essa idade, de prancha? - falou olhando a figura de um casal de idade avançada, com cabelos brancos, em trajes de banho, carregando cada um uma prancha de surfe, na beira da praia.

Buriti

Ali diz: ser família saudável é ter uma boa alimentação e não ter problemas psicológicos. Mas uma família saudável pode ter problemas psicológicos, não pode?

Rosane

Tu acha que pode?

Esperança

Depende do problema psicológico. Uma depressão eu acho que é um problema psicológico. Pode estar com estafa, estresse ou alguma coisa assim, já seria um problema psicológico mais leve. Uma depressão...

Mãe

A família saudável eu já penso diferente. Eu sou sempre diferente de tudo, né? Pra mim vem já desde o começo do casamento. Ou ele escolhe uma companheira certa para ele ou vice-versa. À começar daí. E não vir um filho sem... O certo seria, fazer uma casinha, nem com sogra, nem com sogro, tia, prima, nada. E ter um salário legal para ele e depois se pensar em um filho ou dois. O máximo seria dois, passou disso aí já começa a pesar.

Esperança

Concordo plenamente.

Mãe

Já começa tudo daí, né? Aí começa a vir a complicação. Aí vem o estudo, a educação. É por isso que hoje nós estamos passando por uma fase.. Tem casal aí que tem 4, 5 filhos e começa a subir o sufoco. Aí vem educação, não tem como botar uma boa educação. Poder, pode. Mas aí acontece igual ao coleginho aqui, eles fazem um depósito de filhos. O que eu acho um absurdo. Hoje, podia vir a metade dos pais e das mães, não vem. Tá certo, hoje todos tem compromisso. Aí jogam as professoras, elas que se virem. Querem que os filhos passem de ano.

Em

Comigo não é isso. Eu quero que meu filho passe de ano, mas eu participo de todas. Trabalho, deixei tudo. Agora vocês podem ir na minha casa: tem palmito, tá lá na panela. A cebola, o alho, tá lá. Deixei e vim pra cá. Eu não vou dormir sem fazer os recheios e ralar queijo, daqueles grandão. Eu não vou dormir sem fazer isso.

Mãe

Você vem. Você...

Em

Não vou ficar até às 10 horas aqui, não posso. Mas eu venho.

Rosane

Eu queria fazer uma pergunta: esse é o aquecimento e depois vocês vão apresentar. Vocês vão topar fazer o teatrinho a partir do que vocês levantaram? Ou vocês já querem partir logo para apresentação?

Esperança

A gente tem que partir de um lance só para o teatrinho, né?

Buriti

Teatro não sou muito chegado não.

Rosane

Apareceu a questão da educação, dos pais se envolverem. Ele deu um exemplo e outro que são as duas coisas que existem. Quem faz todo um esforço para poder participar. A questão de que família saudável pode ter problema psicológico. Então tem uma série de coisas... Então eu queria ver se vocês vão topar fazer a dramatização ou querem partir para a discussão?

Buriti

Partir para discussão. Em teatro não sou muito chegado não.

Mãe

Então vamos partir para discussão. Como ele tá colocando da família saudável.

Rosane

E a Ema e a Esperança?

Esperança

Para mim é indiferente.

Ema

Vamos discutir o assunto.

Rosane

Pois é. Então, você colocou. Isso tem chamado bastante atenção, né? Na outra reunião apareceu também que a família saudável pode ter problemas psicológicos. De onde vem a nossa imagem de família saudável? A gente tem uma imagem de família saudável, você colocou um pouco. A gente colocou aqui quando vocês fixaram esses cartazes... E de onde que a gente constrói isso, de onde que a gente aprende essa imagem, de onde que a gente forma essa imagem? O que nos leva a ter essa imagem de família saudável?

Mãe

Desde o começo do mundo. Os próprios pais passam para os filhos. Só que hoje esse espaço foi tomado pelo poder das coisas, de ganância, o próprio espaço político que forçaram a deixar de lado uma parte pobre, uma parte rica. Aí fez uma família saudável ser só através do dinheiro e a outra completamente ficar do lado da pobreza. Sem médico, sem educação, sem saúde, sem nada. A gente toca o barco conforme o vento. Aí que surgiu: fissurando nós nesse poder de coisas materiais. E aquela parte bonita, que tinha há uns 10 anos atrás, os pais passar pelo menos isso, mas acabou. Existe mais no interior, aqui na cidade terminou.

Esperança

Eu acho que acabou não. Tudo isso tá crescendo, esse lado que tu diz da ganância, do poder, mas não que acabou. Eu acho que ainda tem focos dessa coisa assim, dos nossos pais que tentam fazer esse trabalho de resgatar esse pouco, que acredita nessas coisas boas, sem ser a ganância, o dinheiro. Eu acho que ainda tem um pouco, que tenta fazer essas coisas boas como era a uns 10 anos atrás.

Mãe

Essa parte pobre tem, mas essa parte rica tá tentando fazer isso.

Esperança

Não, mas eu imagino que eles vivem numa ilusão de certa forma.

Mãe

Essa parte vive na ilusão, sempre vivem. O casamento é comprado, o amor é comprado, tudo é comprado, na base do dinheiro. Eles não sabem o que é o amor.

Rosane

Tu falou da imagem de ser saudável dos nossos pais, aquela coisa antiga né? Que coisa é essa?

Mãe

É o respeito que se tinha pelos pais. O que eles falavam a gente seguia. Os valores. Antes os pais falavam tal coisa para nós, a gente tinha que respeitar e fazer aquilo aí. Estudar. Vamos supor, vou para um baile e ele diz que tem que estar em casa às 5 da tarde. Você tem que estar em casa às 5 da tarde. Você tem que respeitar. Hoje não, você tem liberdade. Os pais hoje não dão mais aquela parte antiga, acabou.

Rosane

Então, a imagem de ser saudável, quando eu pergunto para vocês de onde vem, vocês dizem desde sempre?! O que é esse desde sempre.

Esperança

A imagem de ser família saudável, não sei se eu sei explicar. Hoje, eu comecei minha estrutura familiar, falando de uma família, casal, filho... né? Não acho que é só isso, acho que é um todo. Mas, assim, deu, imagem de ser família saudável... eu faço uma avaliação de um todo ao meu redor ao longo da minha vida. Eu tenho uma bagagem desde que eu nasci, que me acompanha. Eu fui criada desde os 7 anos fora de casa. Ano em ano com famílias diferentes, então eu passava muito tempo com o pai e mãe. Só que eu lembro muito das coisas do meu pai, o que passamos. Valores, respeito, uma coisa muito forte. Mas eu fui criada pelas famílias do mundo. Então eu acho que me valeram todas as experiências de vida e absorver, guardar, analisar, avaliar e ver o que era bom pra mim de uma imagem, uma vida saudável.... hoje que eu construí a minha família, com as pessoas que eu tenho relação, essa experiência toda de vida desde que eu nasci. Mesmo com as coisas boas, as coisas ruins que também acontecem, eu acho que a gente vai ao longo da vida avaliando, evoluindo, analisando e vendo o que é de bom para gente. É isso que a gente vai formando, como ser humano. E vou trazendo isso, o ser saudável, para a sua família. Também pesa toda uma coisa de formação da família, os conceitos, os valores, prioridades, valores morais (que estão muito confundidos hoje em dia), que se perderam. Eu acho que independente de você, tem mais liberdade hoje e não dizer amém para tudo, mais que a gente possa não deixar perder essa coisa de respeito. A imagem de ser saudável, aonde a gente tá buscando? Eu vejo assim, indo, eu tô tentando perceber de onde surgiu isso tudo? Hoje tentar buscar a prioridade de ir a esse encontro. É um momento que faz parte da minha vida de ser família saudável. E toda experiência da gente, que eu vou selecionando o que é bom para mim para minha família, para eu manter e crescer a minha família saudável. Eu tô tentando ver. Sempre mantendo os ensinamentos e pensamentos dos mais antigos. Para mim eu vejo assim, a gente traz experiências de vida, troca com as pessoas experiências boas, experiências negativas, em cima dela você faz os seus acertos. Você vai fazendo um balanço de tudo, uma avaliação e vai peneirando, selecionando o que é bom, o que te faz bem. Eu vejo por aí. Depende da minha formação, da educação... Desde 7 anos eu fui criada por famílias, por educação, valores diferentes. Com vós, tios, parentes estranhos... A gente vai amadurecendo e vendo.

Rosane

Violeta nós começamos a discussão. Iniciou novamente, isso é uma coisa que o grupo vem repensando: que família saudável não tem problemas psicológicos. Como a gente começou na outra. Família saudável tem problemas psicológicos. E como foi colocado na outra reunião. Depois foi colocado a questão da educação, do envolvimento, compromisso dos pais, os que tem compromisso, se organizam, os que não tem compromisso. E eu fiz uma pergunta: De onde veio, de onde surgiu essa imagem de ser família saudável que a gente tem? Da onde a gente tirou isso? Aí foi colocado que ela vem desde o início, de sempre. Do respeito, da educação que é passada, da experiência de vida, os ensinamentos conforme se tem em casa, da formação, das famílias do mundo. O que mais? De onde vem essa imagem que a gente tem de família saudável? Da onde a gente tirou isso, da onde surgiu?

Buriti

Uma coisa. Família saudável parte daqui. Eu nunca pensei em família saudável, eu pensei aqui. Levei para casa, com minha esposa, conversei com ela. Ela disse ah, legal! De lá pra cá que eu comecei a pensar em família saudável. Antes eu pensava no que eu quero ter mais tarde: um bom automóvel, uma boa condição para manter a minha filha, educação. Mais tarde. Eu tô trabalhando para isso. No caso, um plano de saúde para ela, um bom dentista, bom médico, botar ela numa aula de natação (minha filha de 4 anos) para ela aprender a nadar (vai ser um esporte bom para ela). Quero fazer tudo que eu gosto, entrar numa aula de musculação; capoeira eu gosto também. É mais isso que eu acho que é família saudável. Fazer o que tu gosta e

sentir prazer. Não ter muito dinheiro. Ter muito eu acho que dá mais ambição. Pra mim não valeria muito. Ter sim o suficiente para manter a família, um bom médico, bom dentista, mais ou menos isso. Eu sempre batalhei por tudo que eu tenho hoje em dia. No início, não foi planejado. Quando a gente namorava, em um ano ela ficou grávida. Eu não tinha nada. O que vamos fazer? Vou batalhar. Fui para casa dos meus pais, ficamos lá 6 meses, trabalhando. Depois, aluguei uma casa. Em um ano consegui uma moto, aí eu vendi e comprei uma casa. Batalhei de novo, comprei uma moto. Batalhei mais, comprei um carro. Hoje eu tenho uma moto, um carro, uma casa, tudo batalhando. Eu e minha esposa. Família saudável é isso: batalhando, conseguindo tuas coisas... Tem pessoas que não tem sorte; eu, graças à Deus dei sorte, tenho uma boa esposa, amigos maravilhosos, um emprego. Até antes de trabalhar aqui, eu entregava lanches, ganhava mais ou menos bem. Aí pintou essa vaga de vigia. No mesmo mês, desde 18 anos eu tava tentando entrar e agora eu consegui. Fiquei em dúvida. Daí eu vim em relação ao salário. Eles tavam pagando R\$ 350,00, foi para R\$ 600,00. Pensei mais na minha família porque se fosse para mim mesmo, eu tinha ido para a polícia militar. Mas eu pensei na minha família, na educação que tenho que dar para meus filhos. Hoje eu tô bem feliz.

Violeta

Eu não tô muito inspirada não. Eu acho que família saudável é como o Buriti falou, né? A questão de tentar batalhar mesmo, que a gente sabe que é difícil. Mas, eu penso também que na família saudável, a gente fala tanto de dinheiro, né? Mas, se a gente não tem uma boa relação, podes ter um monte de dinheiro. Se não tiver uma boa relação com as pessoas que tu convive, o dinheiro não é muito eficiente, não tem muita serventia. Tem situação que ele falta, tem situação que ele sobra e as pessoas não sabem como distribuir e aí, às vezes, as pessoas extrapolam, né? Acha que por ter dinheiro pode pisar num monte de pessoas, né? E não sabe distribuir, às vezes, como ele tava falando ali, das pessoas que estão precisando, né? E até mesmo a questão de saúde. Acho também que a questão do bom atendimento naquele grupo, independente de mulher e marido, filho, aquele grupo que a gente vive. Se não tem uma boa relação na redondeza, ali onde a gente vive, na própria comunidade, a gente não é muito feliz. E se a gente não é feliz, eu penso que a família não é saudável. Porque saudável eu acho que é a gente se sentir bem, poder ir lá caminhar, poder voltar para o teu trabalho, para tua casa, ter gosto de voltar para o trabalho no outro dia. Se a gente não tem bem claro, bem definido o que a gente quer, o gosto por aquilo que a gente faz. Às vezes a gente é um pouco doentio. Não ser perfeito porque ninguém é. E se alguém acha que tem que ser perfeito, eu acho que isso é uma questão de doença. E a gente por levar muito a sério, às vezes a gente esquece da gente mesmo. Tentar querer dar conta daquilo ali, porque a gente acha que é responsável. Tu tem que dar conta e às vezes tu não consegue. A gente fica até meio de coração apertado. Puxa vida, hoje eu não dei conta daquilo ali! Aí vem a cobrança do outro dia. Aí fica meio confuso assim, mas eu acho que família saudável é isso mesmo, a gente poder olhar para o vizinho, poder é... É que hoje eu não tô muito inspirada, não quero falar, não tô muito boa, vou parar por aqui!

Rosane

Nós podemos te ajudar Violeta?

Violeta

Acho que não. Sabe aquele dia que a gente não tá muito boa. Hoje é o meu.

Mãe

Cansaço.

Rosane

A Violeta falou na questão do perfeito. Família saudável, família perfeita, alguém quer falar alguma coisa sobre isso?

Esperança

Perfeito; não tem. O que é perfeito? O conceito da palavra? Existe perfeição?

Buriti

Não existe ninguém perfeito.

Violeta

Depende do perfeito. Exemplo: eu posso achar que tu é perfeita em todas as qualidades. Mas de repente, outra pessoa acha que não. Encontra uma falha que não é perfeito para ele. Ninguém nunca é perfeito para ninguém.

Esperança

Todo mundo tá sempre em busca dessa perfeição. Em busca de perfeição, mas perfeito... será que têm? Perfeito é o que vai se sair bem num todo. Mas aí daria o nome de perfeição?

A minha família num todo, eu tô satisfeita com ela. Tá bem, tá boa, tá bom como tá, mas a gente não se acomoda, né? Sempre tem alguma coisa que a gente tá em busca para melhorar, mesmo que no todo esteja bom. Alguma coisa tu vai em busca, porque tu vê que aquele bom não te satisfaz mais. Porque mesmo em termos de relação, de bens, de alguma coisa... tu já vai querer buscar um pouco mais para que tu chegue nessa coisa de perfeição. Isso será que tem, que não tem? Sei lá... Será que o ser humano, a família chega num total de perfeição. Não sei se tem. A gente procura caminhar, uma família saudável, cada vez melhor. Mas na própria relação da família temos emaranhados, o mundo lá fora, os filhos... É uma relação muito complexa. Onde surge "n" fatores que intervêm na relação toda, por isso tu precisa sempre buscar melhor. Mas será que tu vai chegar a uma total perfeição?

Mãe

Eu posso falar? Você está disposto a largar sua moto, seu carro?

Buriti

Não.

Mãe

Pois é, então nunca vai existir uma pessoa perfeita correto? Mas se todos abandonarem isso, deixar de lado, eu acredito que vai existir.

Todos

Não.

Violeta

Pergunta para ele então quantos anos ele batalhou para adquirir tudo que era sonho dele.

Mãe

Mas o mundo que tá seguindo hoje é isso. Todo mundo ter carro, ter essa estrutura. E a vida é tão curta...

Esperança

É a evolução da humanidade.

Buriti

É necessário Ema.

Ema

Todo mundo tem filho, quer melhorar... todo mundo quer mais, dar o melhor para o filho.

Mãe

Será que isso é a solução de nós?

Violeta

É até questão de sobrevivência até!

Esperança

Isso é uma estrutura de bem estar. Tu não esquece de duas coisas: na vida a gente tem que se satisfazer, alimentar nosso espiritual, o nosso físico...

Emma

O meu marido hoje eu tô aqui com o Lucas. Nós estamos batalhando, nada cai do céu. Estamos suando ali para ganhar. Hoje ele foi ver um carrinho. Ele tinha um gol; vendeu para comprar um monxa. Hoje ele foi ver para que? A gente é pobre, tá acostumado. Mas a gente não sai de casa. Vou falar a verdade, não vou mentir. Eu ia passear com os guri dia 12/10, não tive coragem de pegar o ônibus da Barra. Não quero dar uma de gostosona, sou pobre. Mas fiquei dentro de casa. Disse: "Ah, não Mário. Quando tu comprar a gente dá uma voltinha". Ele vai comprar hoje, final-de-semana, não quero ficar em casa, vou me mandar. Eu não sou rica, mas a gente quer melhorar um pouquinho, né? Acho que isso não tem nada a ver. Vender o que a gente tem.

Esperança

Eu vejo, eu tô entendendo que tu tá colocando duas coisas: o ser humano como pessoa e a gente como ser humano no lado que tu depende de coisas materiais. Um carro é toda uma evolução da humanidade que tá aí posta para nós. Entramos no carro no dia que nós precisamos dele para isso ou para aquilo. Nós dependemos de um monte de coisa. Então, a gente também quer esse conforto. Batalhar para ter.

Mãe

Mas na outra reunião foi colocado a respeito da natureza, a água, as árvores, tudo. Se todo cidadão tiver um carro, um aviãozinho, uma lanchinha. Aí eu pergunto para vocês: Vai existir mundo para nós?

Esperança

Mas ele pode ter e saber cuidar da natureza. O que falta é a educação.

Mãe

Hoje... aquele esgoto que foi colocado na baía. Então eu pergunto: para limpar aquilo ali vai demorar, vai levar anos, certo? Para gente tomar banho. Quantos dinheiros tá saindo do nosso bolso para aquilo ali? Por causa do nosso luxo. E o ar, como está ficando?

Esperança

Aí vai a questão, volta lá à educação da família, das crianças.

Mãe

Porque não investir numa gasolina mais pura?

Esperança

Se você educa seu filho...

Mãe

Eu acho que nós estamos destruindo, que o caminho nosso tá bem curto. Continuando no mesmo ritmo que está indo. Porque os empresários... o interesse deles é vender mais correto? Eles não dão valor para natureza, não querem nem saber. Estão interessados em coisas mais... em botar o carro à correr à 300 km/h, à 80... Então, da maneira como tá indo, eu não sei... Alguma coisa vai acontecer. Porque São Paulo, todo mundo pode ir hoje, ninguém consegue enxergar daqui até ali. E só ver pela TV, aparece todo dia. Eu acho que se nós abrir mão disso aí um pouquinho, eu acredito que nós vamos viver mais tempo. Porque hoje ninguém deixa para ir de pé ou de bicicleta até ali na Lagoa, tira o seu carro da garagem... É o conforto, mas isso custa caro.

Esperança

Eu vejo por outro lado a educação.

Mãe

Mas não existe educação para isso aí. A educação existe em cima dos empresários.

Buriti

Só um pouco, com relação ao automóvel, lá onde eu moro é Caminho Novo. De lá até o centro leva quase 1 hora. Se eu sair daqui do serviço, chego em casa umas 7:30, de carro. Mal cheguei em casa, o meu vizinho: "Ab Batista, leva meu filho no hospital?". Recém-nascido, 6 meses, tava mal mesmo. Eu disse: "Não, vamos lá rapidinho!". Se eu não tivesse carro, o que ele iria fazer? Se eu não tivesse o carro, a quem ele ia recorrer? Pegar ônibus, que leva quase 1 hora? Coitado! Chegava lá, a criança falecia.

Mãe

Mas aí tem um ponto. Eu acredito que se nós partisse para cima das grandes lideranças, que são os governos,

para eles botar um posto de saúde assim como nós temos esse na Lagoa, à nossa disposição para a comunidade, certo? Evitava de você usar o seu carro e no caso, ocupava ali naquela região. Não era mais fácil? Aí defendia mais o quê? A natureza. Se você hoje... a idéia da Doninha, eu acho que foi a melhor coisa que ela fez até agora... Só penso que ela errou numa coisa: o preço, que tá caro ainda. Isso que ela botou nessa região, o Executivo. Excelente idéia que ela colocou certo. Porque aí se eu quero ir de carro para o centro... Vamos supor que a Violeta seja minha companheira: nós temos dois carros. Ela vai para um trabalho, eu vou para o outro. Ela liga o carro dela, eu ligo o meu e vamos para o centro. Ao invés disso a gente deixar dois carros na garagem e vai com esse....

Violeta

Quando vem o progresso, não adianta que a gente não vai retardar. O progresso tá aí e a gente não tem mais o que fazer. Tem que fazer, como a Esperança colocou pai, é a questão de educação. A gente acha que não adianta, que não vai mais ter solução. Tem! De repente, não vai ter solução para essa geração. Mas quem sabe se a gente tentar colocar na cabeça desses meninos que estão aí, dos pequenininhos. Talvez, quem sabe, a geração que a gente nem vai vê, penso eu; ou, não sei, de repente, a gente vai ser uma estrelinha que, lá de cima, a gente vai espionar. Mas, se a gente tentar preparar as nossas crianças para ser diferente do que nós somos hoje, a mudança vai estar aí. O que a gente não pode fazer é ir contra o progresso, a gente não vai conseguir colocar. O que a gente pode fazer, como bem a Esperança colocou, é a questão da educação. É tentar mostrar para os nossos pequenininhos aí que esse mundo pode ser diferente do que a gente tá fazendo com ele. Porque pode ser diferente. Nós somos culpados disso...

Voltar pra casa com o lixo, esperar o caminhão do lixo passar pra botar o lixo. Aí a criança da creche, desenham, né Esperança? Fizaram desenho, fizeram dobradura, e aí a gente foi colocar lá na nossa rua. Os meninos só terminaram de colar, lá vem um menino, lá do outro lado da rua, que até hoje a gente não esquece do fato. A gente só botou os cartazes, viramos e o rapaz "bluuf" o cartaz. Mas me deu um quenturão, como diz a Esperança: "Má como criatura". "Mas não fui eu Tia Violeta". Ele me chama de Tia Violeta. "Foi criatura, fala a verdade que eu vou ficar menos triste. Leia, leia o que tá aqui. Veja quem foi que fez. Foi teu sobrinho, foi teu primo, foi teu vizinho. Ele assim, pois é, mas não é que é mesmo? Sabes pra que que é que a gente tá pedindo? Tá vendo lixo aqui no chão? Tu acha que é correto, a estrada aqui do lado, tu passar, tu tens que dar pulo, tu tens que passar lá pelo outro lado pelo lixo. Então é isso que eu digo assim, a mudança, não vai ser agora mesmo; mas se a gente conseguir fazer com que esses cristãos vejam as coisas diferente, o nosso mundo vais ser diferente.

Ema

... começar a aprender a comer uma fruta, descascar e jogar no lixo. Eu acho que começa de casa também.

Mãe

Essa... vai mudar alguma coisa. Eu acredito que sim. Jogar lixinho pela janela, porque vai forçar o bolso...

Esperança

Mas aí é que tá o papel nosso: chamar.

Violeta

... a gente pode trabalhar diferente, que os resultados, eu penso que a gente não vai ver, quem vai ver são os nossos pequenos aí, os nossos netos,... que pode ser diferente sim, mas quando é progresso, eu acho que tá por aí...

Buriti

Eu tenho um exemplo, eu tenho carro, moto, só que eu não venho pra cá de carro, moto,... Se eu viesse de carro, eu iria levar meia hora no máximo; de ônibus, eu levo quase 2 horas. Eu saio de casa cinco e pouco pra chegar aqui sete horas. A consciência é minha, eu não preciso vir todo dia de carro. Eu venho no sábado ou Domingo; eu trago minha esposa, daí eu venho de carro. Meus colegas: “- Pô, mas tem carro, não vai de carro para o serviço? Não, não precisa. Eu tenho tempo. Saio de casa mais cedo, chego no horário, não preciso de ir de carro. Além de poluir mais ainda esse nosso ambiente como tá, gasta mais gasolina também”. É uma consciência minha, eu sei disso. Não preciso ir.

Esperança

Falando de... tinha gente... e fazer com que as crianças se conscientizem, eu acredito que um pouco nós todos temos essa parcela de contribuir e botar um pouquinho em cada. As pessoas que estão ao nosso redor. Domingo de manhã, dando um exemplo, falando da natureza. Eu sou assim: até chata se torna... até chata, às vezes. Contribuo, e lá no meu condomínio no térreo ali, até a Cajuzinho pode espiar. Eu tenho... plantei, quando fui morar lá,... plantei várias plantas, umas frutíferas e outras não. E na janela do pé, na janela do quarto da Aninha e da área de serviço, plantei um pé de maracujá já faz um tempão. E lá tá, ele fechou a janela toda, tô sem muita claridade, muito sol,... pelos maracujás e pela criação de lagartas e borboletas que lá se criam. E eu, na janela, domingo de manhã, e no pé... no pé de maracujá. Já deu dois ninhos de “biquinho de lacre. Eu fico cuidando dos bichinhos ali; que às vezes a criançada esfaçalham tudo, e destroem. Aí domingo de manhã, três meninas do condomínio... nove, dez, doze anos,... Conhecidas da gente. As meninas... (até que a gente sabe que tem boa educação, assim aparentemente)... as meninas bem molequinhas do condomínio, as crianças mais sapecas que tem por aí e os mais comportadinhos. As três passaram; eu tava na janela da área de serviço que dá de frente para o limoeiro. As meninas passaram, olharam; passaram por baixo. Tá cheio de limãozinho pequenininho já. Passaram, olharam e já viram uma coisa estranha que era o ninho da pombinha-rolinha que tem lá. Elas passaram, até o cantinho. Elas desapareceram. Minutos depois, elas vinham voltando. Do lado do pé de limão, tem um pé de fruta-do-conde, cheio de florzinha, cheio de coisa. O de maracujá também tá com florzinha, quebraram um baita... de um galho do pé da fruta-do-conde que eu plantei, já há uns nove, oito anos atrás. tá lá já quase todo ano dando fruto, quebraram um baita galho desse, e foram lá nos passarinhos e filhotinhos. Dois; a gente vai acompanhando, até que... Eu tenho minha filha: eu gosto,... mostrando o ninho, a pombinha lá chocando os dois ovinhos. Acompanhando e cuidando, pois elas começaram a cutucar. Me deu um calor, um calor; fiquei com raiva, um nervoso. Começaram a cutucar, eu só espiei,... Elas olharam pra trás, pro lado, e elas continuaram; de repente, eu escutei um “vloft” no chão, dali na janela que não era muito longe. Daqui mais ali, escutei um “vloft” no chão, caiu uma coisa lá de cima. “Eu não acredito, que vocês tão destruindo o ninho do passarinho”, eu disse pras três meninas. Elas olharam pra janela, elas escutaram minha voz. Os olhos assim. As três, né. As três conhecidas; conhecem, brincam até com a Aninha. Ah, saí porta afora. Eu disse: “Caiu o passarinho pra baixo? Caiu no chão”. Saí pra fora, peguei um banquinho que eu tinha...” Esperam aí! ”. Saí pra fora. Ah! Eu dei uma lição de moral; ficou até chato. Mas eu disse pra aquelas meninas, que jamais elas vão esquecer na vida delas. Jamais elas vão deixar alguém estragar alguma coisa da natureza. Por desaforo... vocês sabiam que isso é crime? Um adulto pode ser preso. Cutucaram, esfarelaram o ninho. Caiu as duas pombinhas pra baixo. Juntei os esfarelado, montei o ninho de novo, mostrei pra elas. A mãe e o papai, estavam os dois cantarolando em volta, que já estavam ali. Eu disse pra elas: “ eu não acredito que vocês tiveram coragem de fazer isso. A professora nunca falou pra você? ”. Eu disse pra elas da natureza, das árvores, das plantas. “ Vocês quebravam um galho... ”. Peguei o galho e mostrei: “ Tá cheio de flor; oito flores”. Contei com elas oito flores aqui. “ Quem é que vem cheirar as flores? Quem é que vem tirar o néctar? A borboleta, a abelha. Aqui tem três beija-flores; dois que vem com frequência e um que vem assim... mais coisa, que vem cheirar aqui as flores, as coisas das plantas. E vocês quebraram... Além disso, que dá fruto, que a gente pode se alimentar. Eu não tô acreditando. O tamanho de

vocês e coisa. Se fosse fulano ou fulano até não me admiro”, eu disse pras meninas. Independente de ser menino ou menina, eu acho que todo mundo pode. Mas fiquei. Eu falei; falei com elas. Foi meio assim, né? Um sermão. Por outro lado, mas eu tenho certeza, elas ficaram... elas se surpreenderam com o que elas fizeram... Um minuto que elas cutucaram. Eu acho que foi curiosidade ou coisa assim... O filhinho vai ter que crescer, a pena dele tá,... as peninhas pequeninhas; vai ter que crescer aquelas penas todas pra ele poder voar em seguida. Coloquei, arrumei o ninho,... “Vocês, daqui um ano, não vão mais ter natureza! Vocês sabem o que acontece com as plantas, com a fotossíntese”, perguntei pra elas. “É o pulmão da natureza, do mundo e vocês tão crescendo agora. Que mundo que vai ter? Vocês quebra aqui, ali... como é que vai ser?... Os animais da natureza”. O que a gente pode contribuir é assim: nessa educação. Eu acredito que eu coloquei ali... é só pra vocês pensarem um pouquinho. Vocês até tem maturidade pra tá pensando e refletindo um pouquinho, a respeito disso. “Vocês acharam bom? “, eu disse pra elas. “Destruíram o ninho, os filhotinhos caíram no chão e vocês iam embora. E se eu não estava cuidando, eu não ia lá juntar e colocar de volta, vocês iam se embora e os filhotes iam ficar. O que é que ia acontecer? Já ser bom? Se quando vocês nascessem, a mãe colocasse vocês num cesto lá pelo outro lado da rua”. Ah! Elas ficaram com os olhos...

Violeta

Ab, eu acho que a ajuda que a gente pode dar é a parte do conhecimento mesmo. Colocar pras pessoas que não é assim. Recentemente, quando... (já faz até um tatinho de tempo já), quando foi feito o posto novo ali; que a nossa briga, não é que a gente não queria o posto. A gente queria o posto na localidade, mas em outro local. Que não tem muito sentido o posto bem diante da escola, né? E a gente fez um trabalho também com a nossa criançada da escola. E a gente foi expor pra comunidade que lugar de lixo era no lixo, não era no meio da estrada. Que as pessoas vinham lá do outro lado do mundo, paravam com o carro ali, e os sacos de lixo eram depositados no meio da rua. E a gente tentou fazer um trabalho de conscientização com os nossos meninos aqui, que quando eles vissem alguém da rua deles, pra que eles fossem os nossos vigias. Que: botou o lixo no chão, pode tocar-lhe a língua, a atenção na hora. Eu já chamei.

Emma

Ab! Mas se eu chamar o que é que eles vão dizer? Eu tenho vergonha. Não eu não tô consentindo que eles façam isso, eu tenho vergonha.

Esperança

Mas não é vergonhoso.

Mãe

Eu chamei a atenção de duas moças, só falei apanhar. Porque,... só falei apanhar né? E ainda, plena cagada, o pai dela tava na frente, ainda, e só faltou me pegar pelo 'garguminho' e me jogar. Então quer dizer, eu acho difícil gente... Tá difícil de lidar com a população hoje...

Violeta

A gente erra mais em não falar.

Emma

Mas aí tu ensina, eu já não ensino, aquela ensina, o outro não ensina e assim vai. Por isso que ninguém é igual, né?

Mãe

Então quer dizer, a instrução que eu passo para os filhos dentro de casa, é a mesma coisa que o outro passa, que todos aqui passam. Mas só que, são cinquenta lá fora fazendo isso e... até minha filha um dia no colégio, ganhou um tapa no rosto de outro aluno... Mas aí, envolve pai, envolve professor, envolve diretor, vai fazer o quê? Expulsar o aluno. Vai fazer o que em relação à isso? Eu acho que não tem como fazer. O que fazer hoje é nós, mesmo adulto, adulto corrigir o próprio adulto, para ele chegar em casa corrigindo a criança.

Esperança

Mas o teu filho já é um transmissor desse teu conhecimento, por causa da tua educação em casa... Mas eu já percebi isso no teatro, meninas na frente, com o lixo, pronto pra jogar, a menininha do lado, só

tava as duas, não tinha nenhum naquela fileirinha, a outra jogou no chão, coleguinhas, a amiguinha mandou que ela juntasse. E ela juntou. Então ali tu vê, como tu tens que falar pra reforçar isso, que ela vai ser minha filha lá fora também... ela já chama atenção, ela acaba corrigindo a gente em alguns momentos que a gente se excede um pouco, uma coisa que já passamos pra ela, que você já passou, ela vai te cobrar, se você não fazer o que você já fez... eu saí feliz da vida do teatro, de ver as menininhas... então nem tudo tá perdido

Mãe

Duas das partes mais fácil que tem, e acredito, como esse grupo que está aqui hoje, é formar mais grupos. É difícil, mas infelizmente tem que partir pra casa, o corpo a corpo em casa mesmo, porque é uma solução que nós temos, porque aproveita o pai, a mãe e a criança que já tá junto. E não fazer isso, só... fazer diário, né? Duas vezes na semana, é um cansaço físico grande; porque não deixar só por interesse. Vamos supor, eu que achei interessado, vim, não é assim? Tem que realmente correr atrás dessas pessoas infelizmente, porque é uma solução que tem, porque se a gente fosse esperar que eles venham num encontro desse aqui. Olha só, o grupo é pequeno, se torna pequeno. E a gente tenta passar, e vai indo, vai indo, continua sendo pequeno ainda. Eu acho que hoje, isso aqui tem mais um mês, né?

Rosane

Até final de novembro.

Mãe

Eu acho que tem que insistir. Também encontro de casais. Tem que insistir também, casamento, e mais algumas coisas e vão,... sobre filho... Aproveitar essas oportunidades assim, é uma maneira também, né?

Rosane

Com essa proposta, ele (o Projeto Ninho) vai assim, nesse momento, até final de novembro. Mas a gente tem a disponibilidade, e eu tenho um compromisso com vocês, que eu vou ficar disponível. Em dezembro pára, nós fazemos o relatório. Entra-se em férias, e fico disponível a retornar no próximo ano letivo. Fico à disposição, se esse tipo de trabalho interessar vocês. A gente tem uma proposta de que ele seja um trabalho constante. E o grupo também vai dando o tom do trabalho: o que se quer trabalhar, o que se quer buscar. Vocês,... Acho que tá dando pra perceber que vocês é que vão dando a condução. A gente tem uma temática, que é a família saudável. Essa família saudável vocês é que vem trabalhando. Porque quando a gente tá trabalhando com isso, a gente tá trabalhando com a vida. Então, eu me coloco com essa disposição de continuar esse trabalho com vocês, mesmo depois de novembro. Ele interrompe temporariamente enquanto pesquisa...

Violeta

Fecha uma etapa, mas pode ser continuado.

Rosane

Isso. Como foi o ano passado, né?

Mãe

... a entrada que eu coloquei, que as mães, os pais, não todos né, alguns, fazem como desses coleginhos comuns, coleginho do lado, depósito de criança, eu gostaria de voltar novamente. Eu falei pelo seguinte, porque, veio poucos pais na reunião, poucos pais participam, só chegam colocam a criança e pronto, e as professoras jogam tudo... Eu acho errado, essa semana eu levei um par de desaforos de uma mãe, aqui na frente. Ela pegou a criança, largou ali na frente, e a criança veio chorando, dali até aqui. Então quer, dizer, essa criança vem pra escola com uma estrutura totalmente estorada. Aí a professora vai ter que começar novamente o trabalho pra poder conquistar essa criança, meio forçado. Então eu acho, eu tava explicando pra mãe que não podia fazer isso. Tem que chegar e entregar diretamente pra professora, ficava mais fácil. Não deixar essa criança com trauma, né? Futuramente, essa mãe, só faltava me pegar e me jogar. Então é... é coisa que tem. Tem que mudar isso, nós tinha que fazer alguma coisa, porque se nós não fizermos, olha... em geral, isso não é só aqui não, é em geral, tudo, é dentro de um ônibus, é num supermercado, é em tudo. Hoje, eu tava no supermercado Angeloni, uma criança pegou uma latinha lá embaixo, o que é que aconteceu? Mas veio tudo em cima dela. Aí levou, corte aqui, levou corte aqui. A mãe deixou à vontade no supermercado, fez duma baita de uma... É coisas que...

Rosane

Infelizmente hoje nós estamos chegando... Isso nos deixa aquecidos pra próxima semana. Hoje, é interessante, o grupo tem uma dinâmica que ele inicia, vai, vai por vários caminhos e ele volta naquele ponto. É muito bom isso. Nós começamos a questão da educação, ela veio logo no início, hoje, essa foi a temática. A questão da preocupação com a natureza, a questão do progresso, a preocupação com a natureza em relação com o progresso, esse progresso satisfazendo as pessoas e dando prazer, ao mesmo tempo, a necessidade de uma educação, pra que se consiga, administrar bem esse progresso, para que ele não prejudique a natureza que nos preocupa, o progresso vindo ao encontro das nossas necessidades, vindo ao encontro do nosso prazer, da nossa satisfação, que quando eu busco esse prazer, essa satisfação, eu busco ser saudável. Então eu acho que mais ou menos isso, a educação permeou por todo... tá na escola, ela começa em casa, ela tá em todo o lugar que a gente vá, é através dela, pelo que vocês colocaram, que a gente também aprendeu o que que é ser saudável, e que o filho também é transmissor de conhecimento. Então é uma cadeia, né? Acho que a gente pode ir encerrando por aqui, fica aquecido para a semana que vem. Semana que vem, terça-feira é dia do funcionário público, dia 28, vocês não tem aula, né? Então nos faríamos na quinta, tá bom assim? Vamos levantar.

Mãe

Só espero que a gente não fique escravo desse negócio de carro e moto. Eu agora que eu já falei bastante,...

Rosane

Vamos trabalhar nossa respiração para que a gente tire daqui, desse encontro, desse momento que é tão bom, coisas que nos fortaleçam. Que às vezes durante o dia, hoje foi um dia que a gente chegou aqui, né, e todo mundo tava com alguma coisa. Espero que o fato de nós termos estado juntos aqui, tenha trazido um reforço, algum alimento, uma energia positiva, como vocês falaram na semana passada. Já que a gente tá buscando ajudar, são palavras de vocês, quando a gente ajuda a si mesmo, a gente tem energia positiva. E quando a gente está aqui pensando na nossa vida, a gente tá na verdade buscando ajudar a si mesmo, ajudar o outro. No início tem uma pessoa que não está presente aqui, mas ela esteve pelas preocupações de todos nós, que é a Beija-flor. O nosso amigo, se colocou à disposição pra dar uma ajuda. Esperança também trouxe uma situação, como é que tá, eu também já me coloquei à disposição, já falei pra própria Beija-flor, e se a Esperança souber de mais alguma coisa que aconteceu, uma outra intercorrência, tem o meu telefone, pega meu celular, tu pode entrar em contato, e até avisar pra Beija-flor, que o Mãe tem uma possibilidade pra ajudar no caso dela.

Cajuzinho

A Violeta trouxe uma mensagem, hoje, né?

Rosane

Isso. Nós tínhamos pedido que as pessoas trouxessem alguma coisa pra nós, né? A Violeta trouxe, a Ema trouxe uma empanada, a Violeta trouxe palavras...

Violeta

O que tinha ficado era para se achar uma frase, não foi isso. Ai eu fui comprar os cartazinhos para os meus meninos que fizeram primeira comunhão, e eu achei isso aqui meio parecido com a gente. Esse aqui ó: "Quem gasta tempo, contemplando flores aprende a sabedoria da vida". E esse aqui ó, esse parece mais com nós assim: "Um gesto de carinho, vale mais que mil palavras bem preparadas".

Rosane

Isso pode ficar conosco? É do grupo? Nós vamos colocar no cartaz? Qual é a tua proposta?

Violeta

Pode ficar. É, eu não escrevi nada, porque eu não sabia se eu ia mostrar, o que que eu ia fazer.

Rosane

Isso aqui é para todos nós. O Ninho, né; tem a ver.

Mãe

Só que esse pintinho, já foi devorado.

Esperança

"Quem gasta tempo contemplando flores, aprende a sabedoria da vida". Lindo.

Rosane

Alguém quer falar alguma sobre o que a ela trouxe pra nós?

Violeta

É quando... Diz o Mateus, mas tu mexe, mexe nesse teu jardim aí. O que eu gosto mesmo é de mexer na terra, cavar, mexer lá e tirar as gramas, tanto que afogo lá as minhas margaridas, né? Mas, e acho que quando a gente tá ali mexendo na planta, parece que é uma terapia, né?... Com a vida, meio que apertando, mas quando tu começa a mexer ali, plantando,... na casa da minha mãe, esmagar os balãozinho da maria-sem-vergonha, né? E aí cai sementinha pra tudo quanto é lado, ou até mesmo quando tu pega um trabalho manual, quando tu senta, fica lá bordando, faz bem assim, pra alma da gente, né? Alivia, por isso eu penso assim, me vejo assim na figura dos passarinhos, das plantas, nas flores, né? Admiro assim, muito, a beleza da natureza. Eu sou assim, uma eterna admiradora, protetora, mesmo sem poder fazer muita coisa, mas o amor à natureza, por isso que a gente tá aqui, né?

Rosane

Vou passar para cada um sentir isso em sua mão, se quiser falar alguma coisa (disse, mostrando o cartão que a Teca havia trazido para o grupo).

Esperança

Esse do pintinho, me passa assim que... um calor, né. A gente aqui, uma coisa assim, aconchegada, tô relacionando isso com sentimento; o grupo assim, de ser uma coisa calorosa, né?...

Violeta

... nas Edições Paulinas né, que tu te perde no meio daquilo tudo né, no meio de tanta coisa bonita, e aí, eu peguei um devolvi, peguei outro devolvi, não eu acho que esse aqui tem a nossa cara, né?

Mariposa

eu acho que esse aqui ó, fala bem do grupo: "Quem gasta tempo contemplando flores, aprende a sabedoria a vida". É que assim, em cada encontro, a gente vai vendo a sabedoria da vida, né? Cada um põe a coisa que é bem a realidade. Tem pessoas que pensam que a gente vem pra cá perder tempo, mas na realidade, não, a gente tá aprendendo a sabedoria da vida.

Ema

Cada terça-feira a gente aprende um pouquinho. Eu também gostei muito da flor, que eu também gosto bastante de mexer com terra, planta, tenho bastante plantas, tão morrendo, não sei porque.

Rosane

Muita chuva.

Mãe

Eu, continuo insistindo numa coisa. Pra nós ter isso aqui no futuro, vamos deixar as coisinhas materiais de lado.

Rosane

Alguém quer colocar o que foi estar aqui hoje? Passar uma rodada rápida.

Esperança

Foi comer empanada.

Violeta

Eu acho que é muito importante, esses encontros assim, porque se não fosse a gente não faria tanto sacrifício, né? Porque na verdade, querendo ou não, é assim, uma paixão, como eu disse pra ti, né? Os encontros, de vez em quando eu sento aqui com a Esperança, né? Ah, porque que esse povo não pensa como a gente, né? ... Tá estampado na cara da gente, sabe que difícil que é, né? Mas mesmo assim, eu acho que os desafios é acho que vale mais, não? Vou mesmo porque vai ser bom. Na verdade, cada dia que a gente fecha o trabalho e abre dez portas, né? Parece que a gente fecha uma e tem mais um monte de assunto pra gente dar conta, é muito bom assim, né? Eu queria assim que as pessoas se tocassem um tantinho, e que participassem mais, né? Que cresce, como essa mãe aqui corajosa, né? Mesmo a gente sabe, não é fácil assim, né? A gente deixar os três filhos bem trancado, né? A gente sabe que não pode fazer isso, mas aí..., mas é importante, né? Eu acho que cada dia que passa a gente vai se conhecendo mais, vai se apaixonando mais um pelo outro, e isso é muito importante a gente querer bem, né. Ter vontade, tá chegando terça-feira. Ter gosto que ela chegue, que é mais um compromisso que a gente tem e é muito bom. Queria que as pessoas pudessem sentir o que a gente tá sentindo, que elas pudessem... Um pouquinho mais pra fora. Mas eu acredito assim, que vai ter mais momentos, até quem sabe se não for esse ano aí, tem o próximo, mais alguém que seja, que faça parte, que possa levar, né?

Emma

Bom, pra mim também foi bom participar dessa reunião,... tô conhecendo vocês, né? Já conhecia a Esperança que foi professora do Platina, pode ser que vai ser do Lucas que está no maternal II, eu não sei. A Violeta que eu já conheço faz tempo, desde quando eu vim pra Lagoa, e também... tá na ponta da língua e agora e não me lembro se eu lembrar eu falo pra vocês.

Mãe

Isso é importante pra fazer todo dia.

Emma

Sabe o que que é, é que é toda terça-feira, né? Pra mim terça-feira eu posso. Segunda-feira eu tenho escolinha dominical; quarta-feira eu tenho culto, que eu mudei de religião. Segunda e sábado tem a religião. Aqui na Lagoa não tem a minha igreja. O Platina fez a comunhão no domingo até eu fui, né? E o Mário. Eu tenho fé em Deus que ele ainda vai se converter. Se Deus quiser. E, toda a segunda-feira eu não posso participar, segunda tem escolinha e quarta eu tenho o culto.

Rosane

A próxima vai ser na quinta que vem. Dia 30.

Emma

Pra mim tá ótimo. A gente podia também discutir um pouquinho de religião, é tão bom, né. Falar de Deus.

Mãe

Religião é importante mesmo. Toda família tem que ter uma religião.

Emma

... gosto de todos os salmos. Salmo 91, 55 e 25, são os que eu mais odoro. E aí me aliviou, me encontrei, eu acho que encontrei Jesus, eu não sei por quê. Eu era católica, mas não era praticante; eu não ia, só quando tinha festa, ou morria alguém, na missa de sétimo dia... Agora eu vou em tudo. Não perco um culto. É isso aí. A Violeta fica assim, ela foi catequista do meu filho.

Violeta

Meia triste, mas vamos fazer o quê? Vamos em frente.

Mãe

Só que eu acho que devia se tomar mais dias. Tão gostoso. Se desse pra nós todos fazer isso. Não tem como?

Esperança

É o compromisso que todo dia a gente tem. A gente tem “n” compromissos e assumir mais um...

Rosane

... e fico sentida de não poder atender, assim de estar todo dia. A gente tá envolvida nos outros dias, né? Talvez no ano que vem, mas esse ano assim, só consigo vir uma vez por semana. Eu acho que as meninas também, né?

Violeta

A gente podia até pensar assim, que seria bom, mas não, não tem como.

Esperança

... um dia após o outro... até precisa um certo tempo para refletir, viver umas experiências e voltar buscar o que se ouve aqui, as coisas que aconteceu no trabalho, cá, aqui e acolá. Puxa pelo que aconteceu ali, né? Situações, fala das pessoas que normalmente já aplica, né?

Mãe

Mas se você fizer todo dia, você vai sempre ter...

Esperança

De repente você até atropela algumas coisas, eu penso...

Buriti

É uma casa também que, tem pouca gente, que não conhece, se me convidasse eu não viria, eu não teria interesse. Mas como eu conheço, com certeza sempre estarei aqui.

Esperança

Realmente é uma coisa muito boa que, a gente sente necessidade de estar aqui, desse encontro. Eu e a Violeta conversamos. Eu e a Violeta temos uma coisa assim muita afinidade. Mãe e filhinha umas coisas que a gente pensa da mesma forma e aquela pena de não conseguir atingir a todos. Fazer com que se conscientizem, mesmo sabendo que é um processo lento de conscientização, da importância desse tipo de trabalho, de garantir uma família saudável, ser saudável. Esse é outro lado. Dar prioridade de garantir esse encontro, de gastar esse tempo, ganhar... de garantir esse tempo. É complicado também. Hoje eu vim bem assim, os dois lá me queriam, e assim, os dois lá me queriam, e assim sabendo que agora eu tô indo assim pra lá, eu sei que posso dar atenção a ele, então eu tentei dividir assim. Os dois estavam meio me querendo lá, eu também querendo vir buscar aqui, então é complicado. A gente tenta conscientizar as pessoas, passar, que faz bem que quanto mais pessoas, mais coisas vão mudando. E melhor vai ficando, as pessoas, a comunidade, o bairro e o mundo.

Violeta

E assim que eu esqueci também. O importante eu acho que é a dedicação assim de vocês. Que na escola sempre vieram essas pessoas pra trabalhar, mas pessoas assim muito restrita, assim, no trabalho. Não tentando dá um retorno pra comunidade. E, foi até meio engraçado, porque às vezes a gente demora, mas até aprende pelo tanto profissional mesmo. Deixar um pouquinho de ser mãe e ir lá pelo lado profissional. Foi sexta-feira: vieram as meninas da Universidade, não sei qual a fase de pedagogia, pedindo que precisavam da direção para fazer um relatório, da organização da unidade, e fazer umas observações. Eu participei de uma reunião de diretor, onde a própria secretária dizia que o ano passado o pessoal da Nutrição fizeram um trabalho na creche e quando faz um trabalho, é interessante que tenhas a resposta. Porque tu vem aqui, vai colher dados, mas depois tu vai dizer, foi colhido tal, tal é o resultado é esse. Não sei lá quem foi que se negou em trazer a informação. Colheram tudo o que queriam na unidade, agora o retorno foi fechado, não foi devolvido para a unidade. Isso é muito triste, a gente servindo tanto de cobaia, e na hora que tu precisa, para saber a soma... Ai as meninas chegaram e eu morri de pena. Porque eu não vou poder, porque a informação que a gente tinha é que se chegasse alguém da Universidade a gente não pode mais atender, tem que passar primeiro pela educação e depois vai pra creche. Elas disseram pra mim: “Ah, mas tem outras escolas que as minhas colegas foram, elas conseguiram pegar o questionário. Eu disse: “pois é, se elas fizeram elas erraram, porque as informações de como o processo é, não é mais assim”. O que eu vejo do nosso trabalho, é uma coisa diferen-

te, porque a gente viu o retorno. Eu acho que a escola é bastante solidária com qualquer trabalho que viu no encontro, a gente vai estar sempre com as portas abertas, para o trabalho controlar. Eu sempre digo que eu sou apaixonada pelos pescadores, lá. É o projeto dos meninos açorianos. Tem um mesmo que tá lá no coração. A paixão que eles sentem pelo trabalho, é igual ao da gente. É por isso que a gente deixa um montão de coisa, uma briga desgraçada, mesmo que seja com o marido que não quer ficar, mas a gente sempre acha um jeito de descer e de vim. Eu acho que esse tempo é importante e bem vindo, os resultados é dez, e não tem mais o que dizer porque é muito bom.

Esperança

Eu vejo qualidade, eficiência de vocês, uma responsabilidade, um compromisso, uma seriedade que, como o Mãe disse, precisamos ter grupos, precisamos ter pessoas como vocês, empenhadas com seriedade, com paixão no trabalho, o que não se vê. A gente vê psicólogos da prefeitura que vai aqui e ali, abre-se as portas, as coisas esvaziam-se assim, não tem compromisso, responsabilidade. Não tem retorno, não vê trabalho, não dão satisfação... Se abre o teu coração, as portas da oportunidade e a coisa não é levada a sério, não funciona e tal, tal. Então a seriedade foi uma coisa que me chamou muito a atenção. Eu coloquei para as pessoas. O Milton diz: "Ai que pena, não posso ir" Ele trabalha.

Mãe

Mas porque aparece essas coisas boas aqui? Porque tem uma moça que tá segurando a minha mão com uma carga positiva com ela. Tem 2 moças né? Mas essa moça puxa, aí vem outra. É de onde surgem coisas boas.

Esperança

A Beija-flor falou, no outro encontro, que não era à toa que vocês estavam aqui fazendo esse trabalho. Alguma coisa puxa. Alguma sintonia o ser humano tem. Umas coisas misteriosas.

Mãe

Passo por cima das palavras de todos. Esse é o coleginho mais organizado que tem. Falo de boca cheia.

Rosane

Eu só queria dizer que eu estou muito feliz e agradecer, porque vocês estão aqui e ser o que são. Obrigado por tudo.

Resumo I

5a Oficina – 21/10/97

Início 7: 25 horas com técnica de relaxamento. Estavam presentes: Ema, Esperança, Buriti, Violeta e Mãe. A seguir, cada um falou como estava se sentindo hoje.

Ema trouxe empanadas deliciosas! No início, na sua primeira participação Ema mostrou-se calada e meio que desinteressada. Agora, nessa reunião parece mais desinibida e à vontade.

Esperança e Mãe estão preocupados com Beija-flor. Gostariam que ela continuasse à participar.

Em cima dos cartazes, já construídos, seria escolhido um tema para fazer dramatização ou discussão em grande grupo.

O grupo permaneceu meio que calado. Só Mãe e Esperança analisaram os cartazes. Mãe acredita que a família saudável já vem do casamento, desde a escolha da companheira. Acha também que não se deve ter muitos filhos, porque isso traz muitos gastos e aí começam os problemas. Acha que os pais fazem da escola e da creche um depósito de filhos e jogam a educação para cima dos professores.

Buriti levantou a temática de que família saudável têm problemas psicológicos. Disse também que não gosta de dramatização.

Assim ficou decidido que não haveria dramatização e sim discussão geral.

Rosane: “Da onde vem a imagem de ser família saudável”.

Mãe diz que veio desde o começo do mundo, herdado pelos nossos pais. Mas que hoje isso está diferente devido ao jogo do poder, da ganância. Acredita que a educação que os pais passavam para os filhos já não é mais a mesma (o casamento, o amor é comprado).

Esperança afirma que ainda hoje há pessoas que valorizam as coisas boas, pequenas, sem dar tanta importância para ganância.

Mãe diz que antes havia mais respeito do que hoje em dia. Hoje tem mais liberdade em tudo e por isso até que muitos casamentos não dão certo. Ela permaneceu calada, mas atenta à discussão. Buriti está calado, mas pensativo.

Esperança diz que foi criada pelas famílias do mundo, não pela sua própria família. Teve poucos momentos junto à sua família. Afirma que, com o passar do tempo, vai sendo selecionado o que é bom para sua família. Em cima de experiências boas, vai sendo avaliado o que é bom para o bem viver de sua família.

Neste momento, Violeta entrou na sala novamente e Rosane explicou para ela o que estava ocorrendo.

Buriti diz que nunca havia pensado em o que é ser família saudável. À partir de nossas oficinas, começou a pensar e a discutir com sua esposa sobre isso. Diz que para ser família saudável não quer dizer ter dinheiro, porque isso gera mais ganância. Hoje luta e continua lutando por tudo que quer e consegue as coisas através de sua batalha e de sua esposa. Almeja várias coisas: fazer plano de saúde para sua filha, colocá-la na natação, fazer musculação ou capoeira, enfim... para ser família saudável é necessário lutar para conseguir as coisas, o que se deseja.

Violeta permanece calada (como não é o de costume). Disse que hoje não está muito inspirada. Acha que para ser família saudável deve se dar bem com as pessoas

que se convive e não só ter dinheiro (porque só isso não basta). O que importa é ter boas relações no ambiente em que se vive. Ser saudável é sentir-se bem, poder caminhar pela comunidade, estar bem com as pessoas. Fala que há muitas cobranças em cima das coisas que não damos conta de fazer. Violeta está bem triste, parece que está com vontade de chorar... Voltou a afirmar que não está muito bem e por isso não quer falar mais.

Surge a discussão sobre perfeição, ser perfeito. Ambos concordam que não existe nada e ninguém perfeito.

Emma fica calada. Não falou nada desde o início da discussão.

Esperança enrola muito seus comentários. Fala frases sem conexão (que coisa estranha!). Fala de um assunto e já puxa outro que não têm nada a ver.

Mãe acredita que renunciando as coisas materiais, chegaremos a ser perfeitos.

Emma acordou. “A gente quer crescer para dar o melhor para nossos filhos. A gente quer melhorar, quer crescer... Mas não por isso que a gente precisa abandonar tudo que a gente sempre lutou para conseguir...” (expressão de indignação!)

Mãe se preocupa com o esgoto, com ar, com a natureza... “O nosso caminho está muito curto, estamos nos destruindo. Da maneira que isso está, algo vai acontecer...” Diz que o conforto custa caro.

Esperança diz que aí entra a educação que os pais dão para os filhos.

Violeta diz que o progresso está aí e que nós não podemos impedir ou regredir isso. O que cabe é a educação dessa nova geração para que mudanças possam surgir. Mostrar a eles que esse mundo pode ser melhor e que isso só depende da luta deles; mostrar a esse mundo não tá bom, que é preciso melhorá-lo (Violeta parece alterada, meio que indignada com a situação).

Buriti diz que não vem trabalhar de carro para evitar a poluição e gastar menos. Só usa o carro nos fins de semana.

Esperança contou uma história de crianças que destruíram um ninho de passarinho e quebraram o galho onde estava o ninho. Explicou e discutiu com elas o porquê que elas fizeram isso, explicando que a natureza é importante.

Violeta falou sobre um trabalho de conscientização que fizeram na creche com as crianças a respeito do lixo que é jogado nas ruas. Montaram um cartaz e um menino rasgou e Violeta foi discutir com ele porque ele fez isso (novamente mostrou-se indignada).

Ema diz que a educação vem de casa: ensinar o filho não jogar lixo no chão...

Esperança diz que cada um tem que fazer sua parte para mudar a situação. Cada um tem sua parte. E que nossos filhos são os transmissores da educação que recebem em casa; mesmo que isso seja pouco: “Nem tudo está perdido!”

Mãe acredita que uma solução é formar mais grupos como este nosso para se discutir e descobrir soluções para estes problemas. Acha que seria importante se fazer encontro de casais.

Fim da discussão: 20: 45 horas.

Fim do relaxamento: 21: 00 horas.

Resumo II

5a Oficina com os pais - 21/10

Rosane iniciou com o relaxamento. Após, Ema estava angustiada em que provássemos seus salgadinhos.

Mãe diz que tem uma proposta de emprego para o marido de Beija-flor, e estava comentando sobre um médico para o filho de Beija-flor.

As empadinhas de Ema estavam uma delícia.

Todos se mostravam interessados no assunto sobre a Beija-flor e seu marido. Estavam presentes: Esperança, Ema, Mãe, Buriti, este último não estava tão participante, no início.

Rosane colocou a proposta de dramatização. O grupo ficou calado, escolhendo as figuras. Buriti e Ema olhavam calados e Esperança e Mãe comentavam. Buriti começou a falar um pouco sobre o ser família saudável com problemas. Mãe diz que família saudável vem do casamento. (Ema permanecia sentada e calada, comendo). Segundo Mãe, “o colégio é um depósito de filho”. Ema entrou na discussão e discordou com Mãe, sobre as mães que não acompanham os filhos na escola e querem que eles passem de ano. Acho que ela não gostou.

Foi decidido que não haveria teatralização e sim discussão do assunto.

Todos sentaram.

Rosane – De onde vem essa imagem de ser família saudável?

Mãe: “Desde o início do mundo. Passa dos pais para os filhos. Comentou ainda, que hoje em dia surgiu o poder, a ganância das coisas materiais.

Esperança começou a dizer que ainda há coisas boas. (Ema e Buriti estão calados no momento). Segundo Mãe, a liberdade de hoje em dia é que está sendo o caos causando os males.

Esperança diz que a imagem de ser saudável dela, vem de um todo, de sua bagagem, experiências, ensinamentos dos pais. Durante toda a sua vida. Experiências boas e negativas. Você vai peneirando o que é bom, o que faz bem.

Nesse momento, em que Esperança falava, Violeta entrou, sentou e ficou quieta.

Rosane lhe explicou o que estava acontecendo. Hoje, Violeta parece; não, não parece, ela está abatida, cansada.

Buriti começou a falar. Comentou que nunca havia pensado em família saudável; que, à partir de nossos encontros, ele começou a pensar, conversava, em casa, com a mulher e ambos discutiam sobre o assunto. Falou que família saudável pra ele, é conseguir fazer o que ele gosta, dar à família condições de saúde, educação e lazer, segurança. Trabalha pra realizar o que deseja. Para escolher o trabalho, não pensou nele e sim na família.

SILÊNCIO.

Violeta comenta que hoje não está muito inspirada. Diz que, se não tiver uma boa relação, o dinheiro não adianta de nada. (Falava e olhava para o chão. Ora ou outra levantava o olhar).

“- A questão do perfeito é uma doença A gente não consegue dar conta de tudo”, (Lágrimas nos olhos). Novamente comentou que hoje não está boa.

Esperança comenta que não existe família perfeita.

Violeta diz que o que é perfeito pra um, pode não ser para o outro.

Ema concorda e se cala novamente. Começou-se uma discussão entre todos sobre o “ser perfeito”. Ema também falou.

Mãe comentou sobre a despoluição da Lagoa, que as pessoas estão pagando para ter lixo. Ele acha que se as pessoas ricas adquirirem mais bens, não vai sobrar mundo e natureza para os pobres.

(Ema está preocupada com o filho que está em outra sala).

Mãe insiste que o progresso destrói a natureza.

Violeta afirma que não há mais nada pra fazer contra o progresso, e sim partir para o lado da educação. Preparar as crianças para o futuro. Mostrar para os pequenos que o mundo pode ser diferente.

Buriti diz que não vem todo dia de carro, durante a semana vem de ônibus, só no final de semana vem de carro.

Esperança contou uma história sobre as meninas que derrubaram o ninho dos passarinhos em seu prédio. Os outros permaneceram em silêncio.

Violeta contou sobre a conscientização que foi feita com as crianças da creche sobre o lixo. “A mudança ocorre no futuro, não agora”.

Discutiu-se sobre o lixo, mais a conscientização, o chamar atenção, educação. Mãe comenta que um bom começo é formar mais grupos. Sugere e diz que tem que existir encontro de casais. Rosane propôs continuar esse trabalho no ano que vem.

Rosane fez o fechamento; semana que vem ficou para quinta-feira. Rosane fez o relaxamento e encerrou.

Notas Metodológicas

5a Oficina – 21/10/95

Continuo em alguns momentos fazendo perguntas mal formuladas que podem induzir, mesmo que seja na validação: “A família saudável é a família perfeita? Como é que é isto?” (p. 6).

_ x _ x _

Penso que talvez eu possa utilizar os papéis a partir de Guba e Lincoln, apud Hartman, para analisar minha atuação por exemplo, “papel de escultor da realidade”, quando sugiro que eles podem reconstruir sua imagem de ser família saudável (p. 4).

Voltar a Esperança e perguntar sobre problema psicológico leve na família saudável. (p. 10).

A depressão é um problema psicológico.

Validar com Mãe. De onde vem a imagem de ser família saudável?

Desde o começo... dos próprios pais.

Esse espaço foi tomado pelo poder das coisas, de ganância.

Que outra? A não saudável?

Na p. v 18, penso que consegui elaborar melhor a pergunta.

Notas Teóricas

Quando digo que eles podem reconstruir, estou atuando ou melhor, desempenhando o papel de escultor da realidade, como Guba e Lincol, propõem, segundo Hartman, e também o terceiro, descritivo, onde se tem uma ação iluminativa,

Quando Mãe fala de família saudável, me fez pensar na proposta de família ideal da modernidade: 2 filhos, no máximo, primeiro casamento, emprego, casa,) (p. 10). Esperança concorda.

Quando as famílias falam de ser saudável há uma diferenciação entre ser saudável e ter saúde (ver V, p. 12).

Notas do Pesquisador

21/10/97

Será que o fato de eu dizer que estava abatida... abriu o canal para colocarem alguns aspectos não tão positivos no início?

O que é coça?

Os filhos apareceram:

Buriti- Filha c/ bronquite

Esperança – Filha “acabou de sair de uma febre, resfriado e caxumba, aí queria a mãe, né? ”.

Violeta – “Os 3 porque lá é uma guerra quanto mais crescem, mais tentam apontar”; “minha Diamante tá lá (no 2o período)”.

Ema – “Platina, ele tá meio ruinzinho no colégio”. “Mãe já tô com espinha”.

Beija-flor – Filho tem medo de água e não quer dividir as coisas com os amiguinhos.

Respeito se contrapõe à liberdade? Ver p. 13.

O relato de Esperança sobre de onde vem a imagem de ser saudável é riquíssimo (V, p. 13-15). Faz-me pensar num processo onde a partir das experiências vivi-

das e trocadas, ou seja, da bagagem que acompanha. Vai-se evoluindo, fazendo uma avaliação deste. Todo vivido, ou seja, analisando, selecionando, fazendo um balanço do que é bom, do que faz bem para gente, de uma imagem, uma vida saudável. Depende da educação da formação, de valores diferentes. Vai amadurecendo e vendo. Vai formando como ser humano e vai trazendo isso, o ser saudável para sua família.

Beija-flor, mesmo não presente física, faz parte do grupo.

O Ter - futuro

O ter ligando ao consumo o ser saudável? Lembrei da discussão com Uva (ver também p. 15-16, v. 20).

Chama atenção a questão do dinheiro ao se falar em família saudável e Violeta ressalta esta observação.

Novamente retorna clara e literalmente que ser saudável e ser feliz é se sentir bem (Ver Violeta, p. v. 17).

Aparece a relação, a interação intra e extra familiar na família saudável (ver Violeta, p. VII – ver Esperança, p. V 19).

Fico pensando “Meu Deus, que lição de vida estou tendo com estas famílias e com estas pessoas (Violeta, p. 19). Exemplo sobre dar conta, levar, muito a sério...

Parece-me que Esperança distingue perfeito de perfeição. Discutir com ela, p. V 18).

Famílias do mundo? Cultura.

????????????????????????????????????

De onde surgiu a imagem

Desde o início de

Da experiência de vida

Ensinamentos de casa

Toda esta bagagem

Vai fazendo um balanço

Da minha formação

Das famílias do mundo

Prazer/gosta

Não é só dinheiro

Se não tem boa relação
 É sentir-se bem, ter gosto para voltar para casa trabalho
 Perfeita... é doença
 Ter saúde – ser saudável
 Dar conta – cobrança
 Perfeição existe? Não existe.
 Respeito em satisfaz um todo.
 Varia para cada um
 Família saudável – cada vez menor
 Família saudável – cada vez melhor
 Carro: Necessidade, Educação
 Carro: Ambiência – natureza
 Educação
 Evolução; Progresso
 Educação – conscientização
 Uso
 Natureza
 Ninguém é igual
 Educação – filho é transmissor de conhecimento
 Educação – começa em casa

Ser Saudável - problemas psicológicos

////////////////////////////////////

Acreditar em alguma coisa boa

Água - Fé - Esperança

Criança de Hoje - Produtos Enlatados

Homem destruindo o meio ambiente

O dinheiro é solução de tudo?

Troca/Troca

Destino

Espaço Político

Esporte

Porque não há educação/saúde

Cristo - coroa de espinho

Papa - coroa de ouro

Tá certo / direitos

VII Encontro (6ª Oficina com famílias)

Rosane

Vamos botar a música. Vamos brincar de roda agora. Espero que nós tenhamos tido uma boa semana. Eu queria dizer que é muito bom a gente estar junto mais uma vez. E mesmo com chuva a gente tem a presença de vocês aqui conosco; isso é uma coisa que gratifica muito. Então vamos trabalhar um pouquinho a nossa respiração, vamos dar uma relaxada. Vamos botar para fora as tensões, aquelas correrias, as incomodações. Vamos dar uma relaxadinha, soltar o que tá pesando aqui. Tem uma moça dura aqui (Gralha)... Vamos pegar uma energia bem boa aqui, nesse momento. Eu tô muito bem hoje, melhor ainda, por ver vocês, pelo reencontro e tá aberta a palavra para quem quer falar como está sentindo...

Gralha

De volta né? De volta à casa. É bom, faz falta, eu tava dizendo pra ela hoje quando eu cheguei. A gente tava acostumada a vir, aí deu um probleminha, não deu mais para vir. Aí eu disse, hoje eu preciso ir lá.

Mãe

Semana passada, eu andei viajando. Eu vim aqui quinta-feira e não tinha nada. Fiquei até às 20:30 horas.

Rosane

Não tinha cartaz?

Mãe

Foi adiado? Eu não entendi a....

Rosane

Foi conversado de manhã com o Almir para avisar que seria hoje. Pedi para conversar com a Violeta, mais ela não estava. Aí eu conversei com o Almir. Te peço desculpas, mas... Aí eu disse para ele fazer o convite para terça-feira, que seria hoje.

Mãe

Foi 3 vantagens para mim. Uma, vim super contente, voltei super contente. Tomei um banho, economizei energia em casa. Economizei sabonete e a toalha. Ainda na subida da minha casa, um carro se perdeu, um pouquinho, eu tive que 'garrar' o mato e caí na vala. Acabei tendo que cair no chuveiro novamente. E a moça no caso nem teve culpa, saiu do carro chorando.

Rosane

É mesmo assim tu estás aqui de novo. Que bom né?

Mãe

Isso é coisa que acontece... Quer ver quando a gente sai de casa arrumadinho, passa um carro e dá um banho... Isso que aconteceu não tem.... podia acontecer hoje, amanhã. Faz parte da família.

Rosane

A gente teve a preocupação de avisar que não seria possível né?

Mãe

Não, eu só achei interessante as coisas que aconteceram.

Gralha

Teria que acontecer, né?

Mãe

Mas, tirando esse dia, a minha semana foi ótima. Toda semana para mim são ótimas na minha empresa, em casa, na família. Problemas todo mundo tem, né? Por exemplo, a minha empresa tem vários problemas, mas eu deixo na empresa. Na minha casa, tem vários problemas, a minha esposa tá doente. Mas esses problemas fica lá. O que também, é outra história. Dá tudo para resolver com a graça de Deus. É só ter fé nele. Todos nós preparemos o cavalo para guerra, só quem dá a vitória é Deus. Todo dia eu arrumo o meu cavalinho para guerra, mas só Ele dá a vitória.

Violeta

Eu acho que com toda dificuldade, mas uma vez eu acho que, quando vai se aproximando a data do encontro, é uma coisa muito forte. Parece que quando a gente vive com pessoas que a gente quer muito bem, a gente sente saudade, sente falta. Parece que a semana que não teve ela foi maior. Mesmo com todas as dificuldades, como o pai falou, eu acho que a gente é bem forte para superar. Na hora que acontece, a gente se torna um tanto frágil, a gente pensa: "puxa vida, não consigo mais me levantar". Mas é história. Eu acho que quando a gente tem fé, força e vontade a gente consegue superar. Às vezes, a gente não consegue superar tudo de uma vez só, né? Mas eu acho que, pouco a pouco, se a gente não se deixa abater, a gente se levanta. Mesmo eu acho que aqui a gente conta só com 2, 3, um tantinho. Mas eu acho que não é a quantidade, mas sim a qualidade do trabalho que a gente vai desenvolver. Eu acho muito bom a gente estar aqui.

Buriti

Hoje eu estou bem. Apesar de semana passada um tio meu falecer, na quarta-feira. Ele mora em Laguna, fui no enterro dele. Mas eu acho que para ele foi bom porque tava a quase dois anos em cima de uma cama, não podia andar nem falar, dependia dos outros para tudo. Ele foi ficar com Deus, que é melhor do que ficar aqui embaixo sofrendo.

Mariposa

Eu tô muito bem. Tô saindo de uma gripe agora. Mas eu estou bem.

Cajuzinho

Eu também. Depois eu falo da mensagem, que é o que eu penso.

Mãe

Para gripe tem um remédio bom. Se você tiver coragem de fazer... pega a Joaquina ou a Barra da Lagoa e dá um mergulho gelado. Excelente.

Gralha

Já ouvi falar disso. É muito bom.

Cajuzinho

Mas aí não recolhe?

Mãe

Não. Recolhe, se você tomar chá quente e sair no outro dia de manhã, ou botar o pé no gelo.

Rosane

Não morre, né? Não é por isso que passa o problema, né? É quando eu tô com renite eu entro no mar e passa. O mar energiza a gente. Queres fazer o exercício da garça?!?

Mariposa

Bem, então a gente vai fazer um exercício de relaxamento que os chineses usam para ficar energizados, em harmonia. Eles acreditam que esse exercício é o que dá vida, o que faz a pessoa viver mais. Vamos afastar as pernas... Ah! Esse é o exercício da garça. Flexiona as pernas, abrindo na altura do ombro mais ou menos. Aí a gente inspira, eleva os braços porque aí tu tá pegando do céu tudo que tu quer de bom para ti. Expira, empurrando tudo que é de ruim para a terra. De novo. Agora, tu põe a mão esquerda sobre a direita e vai trazer as coisas boas para ti. De novo. É bom fazer de olho fechado... A última vez agora.

Cajuzinho

A gente traz a mão para cá porque esse é um centro energético muito forte que a gente tem.

Mariposa

É aqui que entra toda a nossa energia. Por isso que tu vai trazer todas as coisas boas que tu captou do céu para ti.

Cajuzinho

Agora eu vou ler uma mensagem para vocês que a gente achou muito interessante: "Uma velha lenda hindu..." Moral da história, a gente dá voltas e voltas, mas nunca olha para dentro da gente mesmo, né?

Mãe

A mesma coisa quando tu julgas outra pessoa... esquecesses de julgar a si próprio. É bem fácil a gente julgar a vida dos outros, mas na hora de ver seus próprios erros. Interessante isso aí.

Rosane

Pessoal, hoje a gente tem uma proposta para vocês. Um jogo de dominó.

Mãe

Eu só jogo a dinheiro.

Rosane

Eu vou passar para vocês uma folha aonde de cada lado vocês vão colocar (se vocês estiverem de acordo, né?) a questão de onde vem a imagem de ser família saudável ou o que é família saudável. Vocês coloquem duas idéias, uma de cada lado e depois a gente começa a fazer o jogo. Tem 5 minutos, no máximo 10, para colocar. Então, como a Cajuzinho falou, dá para fazer um mergulho lá dentro e falar. Pode ser?

Mãe

Vocês vão ter uma surpresa comigo.

Rosane

Coloca o que tu quiser. Se alguém tiver com alguma dificuldade, pode chamar a gente. Se quiser a nossa acessoria para escrever, pode ditar que a gente escreve. Pode ser uma palavra, uma frase, uma idéia. Se a Rosane calar a boca a gente pode pensar, né? Se quiser fazer um desenho também pode.

Marido da Violeta

Eu sou tesoureiro da igreja da Lagoa e vai surgir uma nova gestão, aí eu tenho reunião.

Rosane

Se quiseres participar.

Marido da Violeta

Pois é, eu peço desculpas. Vou pedir licença...

Rosane

Quando quiser participar seja bem vindo. Prazer! Então tá pessoal, vamos começar. A gente põe uma peça. No nosso caso, a gente vai falar sobre a coisa que está escrita ali. Depois o colega que acha que tem na sua peça alguma coisa parecida, que tenha a ver com aquilo, que na verdade seria o mesmo número do jogo do dominó, mas aqui a gente está fazendo uma coisa parecida; coloca do lado para gente ver como é que fica formado.

Mãe

Só tem uma coisa. É a primeira vez que eu tô fazendo isso, me esqueci de colocar. Eu tô com um probleminha em casa, com a minha companheira. Eu tô aqui, mas a minha mente tá em casa. Eu não vou poder ficar até o final.. Ela toma remédio...

Rosane

Tu pode ficar até que horas Mãe?

Violeta

Se tu ficar quietinho o trabalho rola e aí tu sai cedo...

Mãe

Eu tenho que aplicar uma injeção nela lá pelas 20:30 horas. Eu tenho que sair antes, que até que eu chegue em casa...

Rosane

Quem é que começa então?!

Mãe

Eu acredito que deve estar todo mundo se perguntando porque o Mãe...

Rosane

Pode começar então, coloca a tua pedra ali.

Mãe

Porque eu deixei a pedra em branco? Até hoje todos nós, desde que nascemos, porque viemos no mundo? Fica uma pergunta no ar, como nós nos desenvolvemos desde a barriguinha da mãe. E, depois o ente nasce, fica uma questão no ar: "Quem somos nós? Como nós somos?". A gente é a mesma coisa que uma lagarta, a gente... passa por aquela fase. Então o que somos nós diante de nós mesmos. A gente pára para analisar e pensa o que nós somos aqui na face da terra? Aí, se a gente olhar para dentro da gente, porque a gente vê tanto egoísmo, tanta ganância, tanta gente se atrapalhando, um querendo passar pro cima do outro. É colega querendo derrotar na empresa. Existe todo tipo de atrapalhação. Então, se a gente for analisar o círculo, a gente não é nada, mas ao mesmo tempo a gente é. A gente tem um objetivo que é ajudar o próximo. E isso fica em branco porque não pára nunca, a geração hoje vem indo, vai.. e a gente não pára. O futuro nosso, a semente que deixemos são os nossos filhos. Os nossos filhos deixam mais uma semente e aí vai indo... Até nós ficar puro. Se existe isso. Eu acredito que é isso. Hoje eu não tô muito inspirado. Eu passo para o próximo. Tem mais coisa, é que eu não tô conseguindo colocar.

Rosane

Ele falou uma coisa importante: Cada dia a gente está de uma forma... Mas, mesmo hoje, sem estar inspirado, tu veio e trouxe alguma coisa para o grupo, né? Primeiro é a tua presença e depois, ele trouxe champanhe para a gente brindar, o fato de estar junto, né? Eu só queria te pedir para antes de tu sair, dar um tempinho para a gente tomar isso junto.

Mãe

Não. Eu tinha até me esquecido! Tem outra coisa que eu queria colocar, fica outra pergunta no ar: "Tudo isso que a gente faz, todo círculo, vira e mexe e a gente tá na família saudável, né? Então fica uma pergunta: "a gente sai daqui desse momento e a realidade se transforma. Aí a gente começa a captar toda a energia negativa. Vem a.... Será que todo mundo que tem um companheiro, menos eu, eu tenho uma companheira no caso, então será que a gente faz o suficiente deixando aquelas coisas materiais, as coisas negativas, teria coragem hoje de entregar sua vida pelo seu filho, pelo seu companheiro? Quem somos nós? Será que a gente tá dando de si, trocando com o próximo para ter essa energia positiva? Será que tem necessidade de andar tão carregado, se a gente pudesse ao menos... Será que a gente teria coragem de dar na hora um rim para a vida de outra pessoa? Dentro de si mesmo, a gente tem egoísmo. Tem muitos que pensam um pouco, tem outros que até chegam a se matar porque se a gente for olhar mesmo para o nosso mundo, o egoísmo está demais! Aí fica uma pergunta: "Será que a gente dá tudo de si?"

Gralha

Isso porque tu não estás inspirado hoje né?

Rosane

Pelo o que ele colocou essa peça ela não tem nada, mas ela tem muita coisa ao mesmo tempo, né? E faz parte do dominó. Todo mundo se lembra, e se não, a gente tá reavivando a memória que tem essa peça. E essa peça pode combinar com qualquer outra peça que vocês tenham aí. Então quem quer continuar e colocar.

Gralha

Eu acho que por o que ele colocou é a minha. Vê se não é, pode até ler a frase: Família saudável é tudo que eu tirei de dentro de mim para uma nova vida. Ele falou tanto em vida. Eu acho que a gente vive, é adolescente. Eu penso muito nisso, na época que a gente é adolescente, quer sair e o pai não deixa, a mãe é chata. Aí quando a gente tem um filho dá valor para proteção do pai. Só dá valor depois que cresce e tem um filho. Eu sempre digo isso para minha mãe: "Mãe, agora eu sei o que tu me falava". A gente não quer que o pai bote limite, acha que o pai tá perseguindo demais. Depois que tu tem um filho é que tu sabe o valor, que o teu pai, a tua mãe, quem te botou te deu. É assim: paz é a palavra mais pura que existe, como a alma de um ser, de uma criança. A criança, eu acho que antes de completar 1 ano, ela é tão pura que não sabe nem porque veio ao mundo. Daí a pureza dela. Depois que começa a crescer, tudo bem, começa a desenvolver uma vida nova. Quando ela é bebezinho, ela é transparente.

Violeta

Vou botar nesse ladinho aqui do branco. Eu não consegui... Que vem da vida, mais faltou uma palavra chave aqui, que eu não consegui fechar o que eu queria colocar. Parece até que eu sei, mas não consegui me expressar. Eu acho que ali da vida saudável, eu acho que tudo faz parte, tudo vem da vida. Eu acho que enquanto tu tem vida, fé, esperança e saúde, tudo leva à crer que gera uma família saudável. Se tem esses requisitos aqui do lado... Também pra mim é família saudável, o gosto pelas coisas boas, as não boas (nem tudo é divino e maravilhoso), a segurança e a criatividade, como a gente falou ali no início, na hora que a gente tava dando entrada no grupo. Tem dia que tu tá deprimida, cansada, achando que tudo vai cair e nada mais, que não vai conseguir superar, que nada mais vai dar certo. Mas se tu tem fé, se tu acredita, tu consegue te levantar. O que a gente percebe é canalizar com a força positiva. Se tu tem fé mesmo, a gente consegue ter o gosto pelas pessoas, pelo trabalho, o zelo pelo que a gente faz. Se tu tem esperança, aí tu tem prazer no fazer. Tu não vem só por vir. Por isso que a gente tenta fazer do grupo, da unidade que as pessoas venham, não só porque tem que vir; que elas vão levar falta, que não vão receber, não! Elas vêm porque elas sabem que não é só para cuidar dos nossos meninos. É que por trás disso tudo tem o prazer de encontrar de novo o grupo, de querer bem as pessoas, de ajudar. Eu acho que a gente vira, volta, vai de novo, mas sempre volta no mesmo pontinho. Eu acho que enquanto, se a gente tem bem presente a criatividade, segurança, o querer, tudo faz parte da pecinha. Foi isso que eu entendi.

Buriti

O que a Violeta falou tem um pouco a ver com o meu também. Sempre falei em relação à saúde. Para se sentir bem tem que ter uma boa saúde, estar bem consigo mesmo, em relação à esposa, filhos, pais... A educação também; quanto mais, melhor para conseguir um bom emprego e poder manter a sua família. Às vezes também até esquece, porque trabalha tanto que só chega em casa e quer descansar. É bom final de semana sair com a esposa, os filhos, ir a um parque ou coisa assim... Também fé em Deus, porque sem Deus ninguém é nada. Às vezes, a pessoa trabalha, esquece, só pensa em Deus nas horas difíceis, quando precisa de alguma coisa. Também em relação a não ter inveja. Isso também... Eu tenho, por exemplo, na minha família, não na minha, mas na da minha esposa são pessoas muito invejosas, que hoje em dia não tem nada. Em vez de olhar para eles mesmos, só ficam olhando para as pessoas que tem alguma coisa e com isso eles não adquirem nada. Isso só prejudica as pessoas. Nesse ponto de inveja, eu vi uma reportagem que mostrava os dois lados: tem uma inveja que a pessoa batalhar mais ainda para ter alguma coisa e tem pessoas que tem inveja só ficam com isso, e não fazem nada por merecer, tem só inveja de pessoas que tem alguma coisa e não faz nada. É isso realmente. Até tem aquela inveja daquilo que um colega meu tem. Mas o que eu faço? Eu batalho para ter aquela coisa. Não fico só com a inveja, sem fazer nada para merecer isso, né? Em relação ao que a Violeta falou ali, mas eu te coloquei aqui: um emprego, ter gosto pelo emprego, né? Eu trabalhei 5 anos numa empresa porque eu adorava mesmo. Eu gostava de trabalhar não só para receber aquele salário, mas para conviver com as pessoas, no dia-a-dia. No caso era até uma família, porque a gente vivia mais no emprego do que em casa. É até bom mesmo, sair, sentir bem a falta do pessoal. E aqui eu vivo mais sozinho, às vezes vejo a Violeta

no final de semana, que dá catequese; até gostava. À noite, eu fico meio sozinho, mas é bom também, não tenho do que me queixar não. No mais é isso.

Rosane

É importante ver como existe uma ligação das peças, tem um fio condutor, uma sintonia, né? Que vocês mesmos vão vendo o que tem de ligação entre uma idéia e outra, entre um sentimento e outro, né? Logo você se identificou com o que o Mãe falou e assim por diante, né? E aqui são idéias que vem a enriquecer isso. Eu acho que a gente pode fazer uma ponte com a semana passada. Aonde eu faria uma síntese, como eu tenho trazido para vocês. Então aqui são mais elementos do que é essa família saudável que vocês estão trazendo e na verdade, na semana passada, apareceu muito a questão dos filhos que hoje tu trouxeste de novo. E nunca teve tão forte como na semana passada. Eles vieram a todo vapor na discussão, no início, no final e no meio ainda permeava. E hoje aparece aqui de novo. A questão também da família saudável, aquela que,... nas duas últimas, a questão assim de poder ter problemas; esses problemas até podem ser psicológicos. Aparecia a questão do dinheiro que vem permeando o tempo todo. Quando a gente fala de família e saudável, volta e meia, vem permeando esse dinheiro.

Mãe

Não sei que milagre isso não aparecer aqui hoje. O dinheiro.

Gralha

É porque a família é importante, mas é o dinheiro que mantém ela, né?

Mãe

Mas tem outros meios que eu acredito, que se hoje, nós não somos donos da terra, ela apenas está emprestada. Mas, desculpe eu tô fugindo do assunto.

Rosane

Não; é para integrar mesmo.

Mãe

Assisto muito reportagem sobre índio. Então a terra para eles é sagrado. Eles não cavam mais do que 5cm. Enquanto que o homem para trazer a máquina, o carro, o conforto dele, essa riqueza que nós temos e que não vale nada ele cavoca; vai lá e mexe com a terra. E mais tarde, ninguém sabe como vai ficar isso. Então, e o índio não, ele parte para a parte mais simples: defende a natureza; retira o que precisa da natureza; ele mexe na terra, mas mexendo no limite, naquilo que ele tem que mexer. Enquanto que nós, fizemos tudo ao contrário, o nosso conforto né. No fim nós pagamos caro por esse conforto, porque hoje se você pega uma lancha e bota no mar, 70% do óleo vai ficar na água. Para onde vai esse óleo? Vai para costa. E aí o que acontece? Mata os mariscos, todos os frutos que nascem ali. O mangue. O carro é a mesma coisa. Você bota ele a rodar, a circular. Hoje, para entender melhor, é só ir para São Paulo que você não enxerga nada. Você se sente mal, o ar pesado. Aí quem vai limpar esse ar? Ninguém tem condições. Até surgir um... para limpar esse ar... ! Só Deus sabe. Então eu acho que existem outras maneiras para ter uma vida saudável que é abandonar essas coisas, infelizmente. Nós temos que chegar, já puxei isso aqui, sempre puxo. Nós temos que fazer isso. Infelizmente, senão nós para entender a si mesmo, quem somos nós destruindo tudo que não é nosso? Não tem jeito. Você vai conversar com os empresários. Conversa com um, com o outro mas ninguém tá a fim de resolver nada. Iam inventar um carro à energia elétrica, mas não deixaram circular. A quantidade de desmatamento para ter a queda de água para poder ter mais energia. Então tá sendo inventado de tudo. Eu acho que o futuro nosso vai ser dado a cada um, como foi começado no começo do mundo, que se existe mesmo essa luz, como já aconteceu duas vezes, eu acredito que vai ter a terceira também. Através do que eu não sei, pode ser através de água, porque as geleiras estão derretendo 5cm, como todo mundo tá sabendo. Existe mais água do que terra. E da maneira como tá indo, eu acho que o nosso fins seria assim... Para depois vir o nosso Pai Todo Poderoso para. Porque ele morreu para dar a liberdade para nós. Deu a terra, esse espaço todo e nós não sabemos aproveitar. Em troca o que ele recebeu? Uma coroa de espinhos. Enquanto nós fizemos pequenas coisas e ganhamos flores. Ganhamos tanta coisa e nem sabemos reconhecer. Pulamos um pouquinho para outro plano, né? É por aí. Tem que abandonar infelizmente o dinheiro, tem que abandonar as mordomias se alguém quiser que a nossa semente continue. Porque as nossas sementes são os filhos que a gente fez. Aí dizem" Ah!

A gente morre e se acaba, não? Não, a gente deixa a semente. Só que essas sementes, a gente tem que instruir direito para que ela não destrua as outras sementes.

Rosane

Pois é, é a natureza também é outro ponto que vem aparecendo numa 3 reuniões já esta preocupação ao falar de família saudável a preocupação com a natureza, com o futuro, com os filhos que vão usufruir dessa natureza, como vai estar essa natureza. Uma outra questão que tem sido discutida é a questão do respeito e da liberdade. Como que é essa relação respeito, liberdade. O que tem a ver um com o outro? Outra questão que vem aparecendo é a questão do ter e do poder. Dar tu falou também?

Gralha

É. Tem gente que só pensa em si e esquece de dar para o outro, né?

Rosane

Também. Já apareceu bastante essa questão da doação, do dar, do ajudar. Quem trouxe isso para nós...

Gralha

A gente fala dar. Daí, vírgula, dar entre aspas. Não é dar só dinheiro. Mas, às vezes, até uma palavra amiga já deixa a pessoa lá e...: sabes que ela tá precisando de um conforto e não vai dar, né? Tu vê isso por aquelas, não consigo te falar agora como se chama aquelas que vão visitar os doentes no hospital. As voluntárias, né? Tu vê o trabalho delas, tu ficas impressionada porque elas não ganham nada e ficam lá a tarde toda. As pessoas gostam porque tem gente que vem de fora, de longe, não tem uma palavra. Fica finais e finais de semana ali sozinho. Quando elas chegam elas ficam maravilhadas. Eu tive a oportunidade de ver isso umas duas ou três vezes.

Mãe

É como o asilo. Tem muitos filhos que abandonam, pais e mães, e essas voluntárias fazem esse trabalho.

Gralha

Uma vez por ano a gente faz isso. Vai no asilo leva cigarro, flor. Eles ficam maravilhados; quer ver balinha para velhinhos!

Violeta

Quando tu falou ali era liberdade e respeito, né? É que eu acho que as pessoas, não sei se quem é os culpados, não sei se somos nós, eu até penso que seja. Para fazer com que as pessoas vejam que tem que existir o respeito e a liberdade. E, hoje, a gente vê os adolescentes, vamos dizer, quem sabe até nós também, a gente só pensa na liberdade. Não mede muito até onde... parece que não tem limite. Vão, vão, vão... Então quando chega numa situação bem crítica, que aí muita situação não tem mais como... Quantas pessoas a gente vê: "Ah, porque o fulano lá aprontou?" Será porque a gente não conseguiu? Até na família da gente tem. Os meus irmãos, a gente se pergunta: "Puxa vida, nós somos em 7. Não tem nenhum mais perfeito do que o outro, mas a gente tentou sempre viver dentro do padrão como nossos pais foram educados. Então cada um tentou estudar, com seus méritos, seu esforço, arrumar um emprego... Eu acho que todos eles conseguiam formar uma família. Eu tenho um irmão, a gente sempre se pergunta, o que eu recebi, ele também recebeu e é tão triste que, até de repente, tu que moras bem do lado já viu. Quem olha assim pensa: " que cara desprezado, será que ele não tem família. "

Mãe

Desculpa... O Morango é teu irmão?!?

Violeta

É. Aí se alguém olha para ele pensa como é que esse ser humano aí é um traste mesmo! Traste no bom sentido. Não formou uma família. Aí a gente se pergunta porque será que ele não quis, né? O que faltou para nós enquanto família colocar para ele, né? Ele usou um monte de droga. Hoje ele não usa mais droga. Quer dizer, o álcool não deixa de ser uma droga, bem grave, né? Então, a questão de fumo: hoje ele não fuma

mais. Mas ele toma direto. Então ele quem sabe até uns 16, 17, 18 até acho conseguia trabalhar. A gente dizia que ele era uma pessoa normal. Hoje ele vive... Quer dizer, tadinha da minha mãe que passa um bom pedaço. Ele vive com os meus pais, porque já são bem mais idosos. A gente diz, meu Deus, porque será que se desviou? O que aconteceu? Quanto dos 6, ninguém é mais perfeito do que ninguém. Mas a gente... não sei assim, como que não sei perdeu no caminho, perdeu o rumo, assim, que a gente não conseguiu puxar. Assim, não que o caminho nosso é perfeito, mas não custava ele levar uma vida mais saudável. Uma vida não com tanto sofrimento. Quanto tem sofrimento, uma pessoa que vive como ele vive. Então, às vezes, a gente se pergunta: puxa vida, essas pessoas que estão lá do lado de fora, eles acham que a gente nunca fez nada. Mas, quantas e quantas vezes, a gente tentou internar, fazer tratamento, tentou fazer uma raspagem naquilo tudo. Voltou... Aí começa tudo de novo. E a gente não tem mais o que fazer. A cura seria por ele mesmo, dele querer, dele se entregar um pouquinho, né? E isso a gente vê que ele não quer. Então, às vezes, a gente fica até meio desnorreado, meio magoado de ver. Porque a gente... ele nem muito fala com a gente. Do lado de fora ele fala, é bem amigo. Agora com a gente ele não se abre muito. Então é muito difícil da gente fazer. Algo, eu nunca lembrei assim, a gente fala de família saudável e eu nunca lembrei dele assim. E também não se porque eu lembrei agora. Deve ter dado alguma palavra aí, algum nó.

Gralha

De repente era o que tu queria te expressar e não conseguia.

Violeta

É, pode até ser. E, às vezes, a gente vê assim, um ponto, porque aquela criatura teve que se desviar, né? É do mesmo pai, da mesma mãe, digo mesmo lar. A educação foi tudo igual e não houve meio assim, tá solto mesmo. Então... não sei se tá solto aí no horizonte, sem destino.

Mãe

Com relação a isso Violeta; tu conhece a minha família assim como eu conheço a tua também. Mas, já passasse por vários caminhos difíceis, né? Até pouco tempo a tua casa pegou fogo, né? Como a minha casa passou por uma situação difícil também, quase perdi ela por causa da chuva do ano passado. Todos os sinais que vêm, que tocam na gente, se você já sofreu um acidente. Já tive dois acidentes: um foi afogamento, não sei se já ouvisse falar Violeta. Tem testemunha, tem tudo, fiquei um bom tempo embaixo da água.

Mãe

... eu vi essa luz na minha frente, em cima de mim, uma luz... Já conversei com padre, já conversei... Então, essa luz... e dali fiquei. Fiquei 40 minutos de baixo d'água. Ninguém agüenta 40 minutos debaixo d'água; mas tem testemunhas, hoje quando ouço essas testemunhas. São dois médicos que me tiraram debaixo d'água; eles moram em São Paulo e os filhos deles moram aqui na Lagoa, têm uma lojinha. Eles são testemunhas de como eu fiquei esse tempo todo embaixo d'água... O outro foi um acidente de carro. O carro me pegou, no Estreito, me jogou num monte, e veio essa luz novamente. E outro foi o tétano que me deu. Eu estava trabalhando num restaurante e a saca caiu em cima do peito do meu pé e cortou uma veia, e o médico curou tudo; depois de dois meses, me deu o tétano. Resultado, fui parar no hospital, bem dizer morto, e veio essa luz novamente. Agora, há pouco tempo, a minha casa novamente teve a ponto de perder completamente. Mas será, todo mundo passa por essa situação, e a gente só se lembra de uma pessoa na hora, é Deus. No momento que a gente tá numa boa, tá... a gente esquece que existe outras pessoas humanas ao seu redor, e só pensa em si próprio, então veio essa luz novamente na minha casa. Com muito sacrifício consegui, através da prefeitura, com quem a gente tem contato, consegui doze carrada de pedra e três carradas de areia e duas mais; uns duzentos e poucos sacos de cimento. Foi feio o negócio; mas essa luz apareceu na minha vida novamente. Então tudo que... será não é uma luz que, a gente a doar alguma coisa, alguma coisa que a gente tá fazendo de errado e aparece isso pra lembrar? Ou quem sabe, teu irmão, tô vendo essa, deu errado pra ele, pra ser lá, pra lembrar as outras pessoas que tem que existir alguma coisa nisso, um certo limite, pra viver na família; que é pra ver que quem manda ali, alguma coisa é pra isso.

Gralha

A gente não entende o: "Ah! o porquê na minha família... ; Ah! Por que que nasceu um aleijado, um doente, um torto?...".

Mãe

Aí que vem essa pergunta: "Quem somos nós nessa, né? Mas alguma coisa vem pra abrir as outras famílias, sei lá, tem que ter uma explicação pra isso. Aí vem a pergunta: família saudável, né? Cai sempre na família saudável. Por que que aquela é perfeita e a minha não é? "Por que que tem que envolve? ",, vocês podem perguntar. Por que todas as famílias são perfeitas e a minha não é? Tem esse elemento que, não é, Deus de repente manda alguma coisa pra poder...

Gralha

Zé, já são oito e meia, tua mulher tem que tomar injeção.

Mãe

Aí fica essa dúvida, essa pergunta.

Gralha

Quem sabe no próximo encontro a gente traz?

Rosane

Qual é a pergunta com que ficamos?

Mãe

Quem somos nós nessa situação, por que que essa família tem esse aviso, tem essa... Eu vejo pessoas, eu visito também diabético, que eu já tive colegas, que tem AIDS também, que... é coisa terrível. A ponto que eles pedem pra viver, eles pedem assim. "Pô me tira daqui, me dá vida pra mim"; eles pedem pra viver. Enquanto muitos de nós estamos bom, e a gente alguma vez cai num abismo, ou se mete numa enrascada, numa fria, né? A gente pede assim: " Pô, por que que Deus não me leva, queria que"... Tem alguns que chegam até a se matar, se jogar dentro da ponte, tem alguns que se jogam embaixo do carro. Mas por que isso? Se lá dentro do hospital, vários que pedem a vida? É interessante. Por quê isso? Quem somos nós pra tratar a gente assim? Por que fazer essa atitude? É mesma coisa que nós tar tudo junto aqui, mas daqui a pouco a gente chega lá: " Pô, é a força negativa que será que tem dentro da gente, se expressa mais do que a força positiva? ". É a coisa mais interessante. Primeiro vem a negativa, pra depois vim a positiva; algumas vezes acontece isso comigo. Eu sempre tento.

Rosane

Como é que é essa história da força negativa?

Mãe

A força negativa é um pensamento ruim que a gente tem dentro da gente.

Gralha

Tu acha que vai acontecer, fica prevendo que vai acontecer...

Mãe

... que vai acontecer e, acontece. De tanto pensamento negativo que a gente tem. Todos nós temos.

Gralha

... é horrível, mas...

Mãe

E a gente tenta transformar como? Na empresa a gente entra; fazer uma família; em casa a gente tem outra família. Entre os amigos tem outra família. Então a gente tem que, no máximo possível, botar o pensamento da gente em Deus. Aí eu sempre digo assim: "Deus te salve! ". "Ai meu Deus, tire esse pensamento da minha cabeça, esse pensamento ruim", eu sempre coloco assim, quando vem um pensamento negativo. Eu, pelo menos, eu coloco assim: "Ó Deus, tira esse pensamento ruim da minha cabeça". E aí eu continuo o meu trabalho, mas sempre fica assim, "Quem somos nós? " Essa é a pergunta. "O que é que traz nós fazer essa coisa que... O que faz a gente... e o outro não faz? Por quê que não faz. Porque... a Lagoa é grande, porque

que tem só isso aqui? Por quê que tem só esse grupo interessado? ". É uma pergunta assim, sei lá. E como meu pai sempre colocou pra mim; uma coisa que ele mais se preocupou com nós foi o seguinte, ele sempre colocava pra nós: "A terra não é de ninguém, vocês jamais briguem por terra, jamais briguem por dinheiro. Porque isso tudo é uma ilusão. Vocês têm é que brigar sim, se preparar pra uma companheira, vocês tem que educar seus filhos, dizer o que é certo e o que é errado. Mas só o tempo, fruto é que vai ver. Se vocês plantar um bom fruto, vocês vão colher um bom fruto. Se vocês não plantar um bom fruto, vocês vão colher espinhos". Então hoje eu penso muito no meu pai, nas palavras que ele colocava, pode não significar muita coisa, mas pra mim. Ele sempre colocava: "Você tem que sempre respeitar as mulheres, até um pouco, mas nunca mexer com uma mulher. E um fruto porque é uma aliança perante a Deus". Ele sempre colocava assim pra mim, bem católico, muito católico mesmo. Então quer dizer, sempre respeitar o padre, nunca dizer um nome em vão, nunca chamar nome, ele sempre educava, "vocês tem que fazer quando vocês tiver um, os seus filhos". Ele levava nós pra, antes de dormir, ele botava nós de joelho em frente a cama e... Aí a gente perguntava, "pô, porque isso?" E a gente tinha que acompanhar, se não acompanhava ele botava de castigo no outro dia. E era sempre assim na parte de, ou quando você nunca bate numa companheira, sempre tenta encontrar uma companheira certa. Sempre cobrando aquela, pra ter uma família saudável. "Hoje que eu tô colocando, vocês só vão entender a realidade mesmo da vida, é quando vocês começar a comprar um quilo de feijão, um quilo de carne. Aí vocês vão passar a entender o que é isso. O que agora vocês estão recebendo tudo de, mas é prá vocês gravar o que estou fazendo, e nunca jogar o dinheiro fora".

Rosane

Bom gente, em função da hora que a gente combinou, eu queria só fazer um fechamento, não é um fechamento, é só uma pausa. Obrigado Buriti! Arrumou uma palavra melhor do que a que estava vindo. A que estava vindo não era muito adequada. Só uma pausa né, e a gente vê muitas ligações. Ele tá terminando, falando nessa questão que o pai colocava, que tem a ver com a fé que vocês colocaram aqui, a questão da paz. Foram levantados vários questionamentos, aqui. Que viver é isso, e quando a gente trabalha em grupo também, isso faz parte: virem esses questionamentos, essas perguntas. E vocês vêm que tudo tem uma sintonia com que a Cajuzinho também colocou, no início, com aquele pensamento, da busca das perguntas de buscar. Isso é uma forma de também estar se perguntando; a gente também está buscando alguma coisa aqui. Quando a gente conversa, a gente também está mergulhando lá dentro de cada um de nós e mergulhando dentro do grupo, que também de uma certa forma é alguém, maior, não é só a soma, mas é algo diferente que a gente tem aqui. A Violeta perguntou: "porque que ele é diferente? ". Não é, Violeta? A gente não tem respostas, mas a resposta, na verdade, é que cada, o que vem pra nós, que é importante lembrar, é que cada um de nós aqui é diferente, é singular. Porque mesmo esses irmãos que você tem, que, de uma certa forma, parecem assim que estão encaminhados de forma parecida. Mas cada um deles também é diferente. Porque tem uma família sim, mas ao mesmo tempo, a gente não consegue controlar os contatos que as pessoas tem com diferentes indivíduos na rua, com diferentes culturas, isso a gente não consegue controlar. E ainda tem o interior de cada um que é muito especial, que é muito diferente. Então, você coloca a questão da droga, a questão do álcool, isso é uma questão que é importante na nossa sociedade e que, de certa forma, cada um de nós tem na nossa família; ou senão na família, mais próxima, que a gente chamou, mas na família maior, que também a gente vem falando. É importante colocar o livre arbítrio que ele tem. Em tudo o que é oferecido, as pessoas tem o livre arbítrio. E na questão também da droga, do álcool, é sabido que existem as recidivas, que isso faz parte do quadro. Toda hora é possível que retorne, e as oportunidades são dadas a essas pessoas, mas a decisão final, sempre ainda vai ser delas. Então quando tu ficas te questionando, né, é importante lembrar disso. Tu está contribuindo com essa parte de compartilhar, de mostrar caminhos, mas também tem o outro lado que é o de aceitar, de procurar aquele recurso, ou de negar aquele recurso. A gente quando começa a falar em família saudável ou de saúde, uma hora ou outra acaba vindo, como aparece pra nós, a questão da doença. Já apareceu no outro encontro, a questão de doentio. A questão da morte apareceu hoje aqui, o Buriti trouxe, né, Buriti? Tu, trouxesse também essa vivência, porque faz parte da vida. Eu também tô vivendo isso. Hoje meu pai estaria fazendo aniversário e ele faleceu em julho, então é o primeiro aniversário, que eu tô vivendo sem ele, vivo, sem a presença dele. Então as coisas tem uma certa sintonia, não é à toa que a gente tá conversando nisso, e que quando tu pára e pensa, por que será que eu tô falando, né? Tem uma coisa que liga. Quando a gente trabalha com família dentro da linha sistêmica, como se chama, a gente fala que existe um padrão que liga, um fio que liga. E é isso que está acontecendo. Muitas vezes parece que não tem ligação nenhuma, mas tem. E hoje se fez isso.

Buriti

Só uma coisa pra completar, pra não alongar muito a reunião. É um lance que aconteceu comigo, com a minha família. Em relação que, às vezes a pessoa pensa que conhece uma pessoa, mas nunca conhece. Aprendi no dia-a-dia. Pessoa que... meu cunhado, que eu botava maior fé nele. Se alguém dissesse que ele pegou isso de alguém, eu brigava com a pessoa, caía no chão, rolava, mas dizia que não, não fez isso. Eu conhecia ele... pouco tempo, uns 5 anos, sempre confiei nele... Só que umas noites eu ficava fora de casa, ... minha esposa. Ai deixava ele e mais o outro pequeno de doze anos; ele tem 20 anos. Um tempo atrás, uns três meses atrás, faltou uma camisa minha e uma calça minha que eu tinha comprado. Eu achei que tinham roubado na rua. Eu fiquei meio encucado, que eu tenho dois cachorros, pastor alemão. Entrar aqui, ninguém entra. Então eu fiquei meio assim. Tudo bem, sumiu. Na outra época, eu estava indo trabalhar, deixei uma camisa minha bem em cima, e eles vieram dormir na minha casa de novo. Naquela mesma noite, sumiu a camisa. Ele tinha dormido lá em casa também, ele e o outro irmão dele, pequeno. Só que o irmão dele pequeno é mais bagunceiro. Eu logo pensei, eu nunca disse que era ele. Talvez, minha esposa mexeu; e o grande não, jamais ia pensar que... bem quietão, tímido mesmo. Só que no mesmo dia minha esposa disse: "vai lá na casa da tua mãe, olha nas roupas do teu irmão menor!". Meio desconfiado, né? Ela foi lá e a mãe dele olhou do outro, não sei porquê. Encontrou minha calça e minha camisa. Quando ela me falou, minha boca caiu lá embaixo. Fiquei sem saber o que falar. Mas como, conhecer ele como eu conhecia. Eu nunca ia imaginar que ele ia pegar uma coisa minha. E até hoje eu não consegui falar com ele. Não sei, por medo, sei lá. Não sei como chegar pra falar com ele. Confiança que eu tinha numa pessoa. A gente pensa que conhece uma pessoa, mas não conhece ninguém mesmo. Não adianta. Mas é um lance que a gente pensa: " pô, pô que isso; por que aquilo? ". Mas sei lá, às vezes, é da pessoa mesmo e não tem como a gente saber.

Rosane

A gente fica muitas vezes procurando a participação da gente naquela ação, naquele comportamento. Porque a gente interage, a gente tem relação com as pessoas, estão próximas.

Mãe

Mas tem horas que a gente mesmo, nem sei por quê. Assim que você faz sem pensar, ou que parece que alguma coisa tampa, pra gente poder... não sei. A gente fica viajando, e pensa, "meu Deus porque que eu fui fazer isso?". Mas não é tarde, tem que retomar e...

Violeta

A situação que a gente... por não conseguir... é entrar e parece resolver; a gente se, eu particularmente, me sinto muito pequena assim, muito frágil. Muito, parece assim, sem ação, muito pequeno em relação, assim, o problema é tão grande que....

Mãe

Não é isso, Violeta.

Violeta

É, mesmo quando tu colocasse...

Gralha

A gente quer resolver...

Mãe

A gente vê tantos problemas, que a gente quer resolver e não consegue.

Violeta

Cada um, cada ser humano é cada ser humano; cada cabeça é uma cabeça, mesmo sabendo disso, e, às vezes, assim parece que tendo que puxar um tantinho assim, eu também sou culpada, por não conseguir resolver. Não resolver, mas não ajudar.

Rosane

E essa ajuda passa pela aceitação do outro, de ser ajudado também.

Violeta

E o não querer mesmo, né? E às vezes a negação...

Rosane

Só que a gente aceitar isso é difícil, né?

Violeta

Eu assim, o único jeito assim, que eu vejo, de ter muita fé e acreditar muito. Então assim, eu rezo muito, né? Então eu peço assim, Deus, Ele é um só... se é crente, se é ateu. Então eu peço que Deus ilumine assim, e que faça com que a coisa seja um pouquinho diferente, menos sofredor, né? É deprimente assim tu ver, né? Um pedacinho teu tá ali, né? Tão lá pra baixo, tão... e a gente sem ter muito o que fazer, né? Eu não sei porque... fica falando aí, procurando resposta, falando tanto nessa família saudável... tu não consegue resolver, né? Aí tu fala, fala, fala, e aí? Essa fala, seria a teoria, né? Cadê a prática, né? Cadê a ação pra ajudar ele, né? Como ser humano que a gente fala tanto, né? Ser solidário, né? Ser, da ajuda, o que tá fazendo pra contribuir, não só com ele, mas num monte de situação parecida ou diferente... um nó tão grande e aí dá uma angústia maior ainda.

Mãe

Sobre religião e fé, eu não tenho religião. Meu pai sempre cobrou de mim e minha mãe. Casei na católica, fui crismado, mas, não tenho religião hoje, porque parando pra analisar, eu... O que é que o padre faz? Pra mim é todas as religiões, não uma só. O que é que o padre faz? O que significa uma igreja? O que significa uma Bíblia?

Violeta

A igreja é tu?

Mãe

Aí é que tá. Pra mim eu não preciso ir num templo para rezar. Porque se considera um templo a igreja, né? Pelo menos tocando no nome Dele aqui o que passa pela mente, já é o suficiente. É essencial. Se encontrar num templo para conversar, rezar, isso aí pode ser feito e muita gente não faz. Hoje 60% garante que não faz.

Rosane

Até a pedidos, a gente tem que fazer nossa pausa, até semana que vem, na terça-feira a gente retorna, mais uma vez te peço desculpas, porque a gente avisou antes e pode haver assim, você chegou de viagem, e veio direto, aí deu essa falha técnica, como a gente diz. E Violeta, trabalhar com família, discutir família saudável, ou família no geral, sempre mexe com a gente, porque nós temos, todos nós fazemos parte de uma, não importa o tipo que ela seja. É que esta questão de a gente estar falando, falando... teoria; mas, na verdade, é uma coisa que nós estamos construindo juntos e que vem de dentro da gente. Que vem dessa família que a gente vive, e ao mesmo tempo já é uma prática que começa a ser passada. Com certeza, talvez a gente nunca tenha parado para pensar sobre isso, e agora a gente começa a parar e pensar sobre isso e, ao mesmo tempo, a ação começa a vir também, porque a gente tá fazendo uma reflexão. Só que ao mesmo tempo existe uma mudança que é de comportamento, que é a médio e a longo prazo, que não é imediato; mas, com certeza, é importante trazer à tona isso, para que a gente pense um pouco sobre nossa vida, sobre nossa qualidade de vida, sobre o que é viver e ser saudável.

Violeta

Ó Rosane, quem sabe eu não tenha me expressado assim... Quando e falei da teoria, não é porque a gente tá buscando só teoria aqui...

Rosane

Não te entendi!

Violeta

Não é daqui que eu tô falando. Não é desse momento, é lá fora.

Rosane

Eu compreendo assim, no sentido que não é só a, mesmo antes quando tu, tu fora daqui, pensa nisso. Eu entendi. Ai tu fica, tu mesmo, te cobrando e te perguntando: "Eu só penso e como é que fica a prática. Será que eu tô fazendo o suficiente". Mexe com a questão da onipotência, daí tu te sentes impotente. Eu acho que é por aí, o fato de tu também pensar fora daqui. Ficou claro isso, não te preocupa.

Mãe

O que eu queria dizer hoje também é, pô eu falar que a morte é linda... expressar também, colocar para outras pessoas, acontece alguma coisa na sua vida que é para mostrar para outras pessoas. Agora eu tô perdido, tô pensando na minha injeção em casa.

Rosane

Pois é, vamos tomar champanhe? Antes de ir, antes de fechar. Vamos brindar esse momento? Nós falamos de tantas coisas hoje, né?

Mãe

Desculpa se eu passei do tempo... como sempre, né?

Rosane

Vamos fazer o fechamento rapidinho. Pessoal foi muito bom esse encontro, vamos ver como cada um está se sentindo agora, fazendo esse fechamento.

Gralha

Eu tô levinha, assim. Eu tava precisando.

Rosane

Alguém quer falar alguma coisa.

Mãe

O que eu gostaria de falar é o seguinte: eu vou apanhar hoje? Mas eu queria pedir desculpas se eu tô me expressando de maneira não correta. Gostaria que vocês, nós mesmos, fizesse uma visita para o hospital de câncer, aidético, ou crianças abandonadas, asilos. Lá a gente encontra a nossa resposta, de quem somos nós? E tem muitos lugarzinhos aí, favelas, desculpe colocar essa palavra. Mas é assim, e tem muita necessidade mesmo. Então pra gente tentar entender quem somos nós, ao redor de nós. A gente tá com uma fatia boa, mas olhando pra trás, tem gente que não tem fatia nenhuma. Cada lugar que você vê, imagina. Eu fico com uma pergunta pra mim mesmo, pra nós. Eu peço desculpas pela maneira como me expressei aqui.

Rosane

Só queria te dizer que não existe forma errada, ou forma correta. Existe o direito das pessoas se expressarem.

Mãe

Eu me sinto bem mesmo comigo. Em termos de casa. Eu só entrego a minha vida perante à Deus...

Violeta

Quando a Rosane disse que não existe expressão, forma de a gente se colocar, eu acho que o que tá lá dentro, pra te dizer, talvez tu não esteja usando a palavra correta, mas eu acho que aquele sentimento, tá sendo dito, e tem mais é que dizer. O que seria daquilo que tá lá dentro e a gente não conseguisse dizer. E quando nosso companheiro coloca que a gente tem que ir lá para o hospital, lá no asilo, eu até concordo. Mas eu acho que a gente não precisa ir tão longe, com a força do pensamento e até a própria comunidade que a gente vive, ela precisa muito da gente. Eu acho que a gente tem que ajudar lá fora, tem sim. Mas eu vejo que não precisa, muita gente se estender muito. Eu acho que a gente tem que ajudar assim... pessoas que tem o

poder de ajudar. Mas eu acho que a gente deve primeiro ajudar aquela comunidade que a gente vive, as pessoas que estão ali perto da gente. A gente conseguiu olhar com bom, agora que eu não sei se a minha expressão tá correta, aí a gente não taria sendo correta. Mas se a gente olha com bom pensamento e se a gente pode sair da nossa casa e ajudar a nossa comunidade, esse momento aqui. Eu acho que a gente não consegue se expressar muito.

Rosane

Eu discordo. O que vocês têm se expressado aqui!!! Hoje até comentei com as gurias, porque eu sempre retorno, antes de vir para uma próxima reunião, eu releio. E eu estava falando para elas, quando elas chegaram lá em casa, é uma lição de vida; são coisas riquíssimas, belíssimas; é vida; é viver; é aprendizado. Tem muita expressão, muita sabedoria. Nós tamos aprendendo muito.

Gralha

A gente aprende com vocês e vocês aprendem com a gente.

Buriti

Eu tô bem. Amanhã eu vou tar de férias; 30 dias em casa.

Cajuzinho

Nós também, falta um mês e dois dias. Tô contando os dias. Eu também, tô bem melhor.

Mariposa

Ah, esse vinho...

Violeta

Mas quem tomou duas taças fui eu.

Rosane

Gente, tem sido muito gratificante para mim, estar com vocês aqui, num dia que como hoje, é muito reconfortante as coisas que eu escutei. A gente escuta coisas que vocês nem imaginam. Parece que vem. Por isso que eu falo dessa sintonia. Eu concordo com a Violeta, tenho pensado muito em meu trabalho. Por isso que eu tenho tentado trabalhar, porque antes eu trabalhava numa outra comunidade, no Monte Cristo. Fiquei me perguntando. Eu trabalhava no Hospital Infantil com os alunos, na pediatria e pensei: "Porque eu vou tão longe?". E tenho discutido muito isso com meu marido, ele é médico; "quanta coisa a gente pode fazer aqui, na nossa comunidade?" "Pode contribuir. Então a gente tá tentando participar dos seminários e o tipo de trabalho que a gente faz, também poder participar um pouco. Porque tem aquela idéia: "se cada um fizer um pouquinho aonde está, ao redor da sua casa, é um jeito talvez, de que a gente consiga melhorar as coisas". Betinho já falava isso.

Violeta

Eu acho que há duas semanas, que eu fiquei meio ruim, a gente foi, o nosso grupo de professor, lá no restaurante da nossa colega, lá na Avenida das Rendeiras, então a gente até abriu... Escola, que se era para alguma pessoa do grupo, que não pudesse levar o filho, o marido, a gente não faria, deixaria aberto. Fui lá, um pouquinho desse. A gente fazer... a gente abriu pro pessoal ir. Foi engraçado porque nesse mesmo dia, a gente teve a nossa comunhão, e, às vezes, as pessoas, tão pertinho da gente, que é outra parte da gente são egoístas. Era... pedi, implorei pra ir, ficar com as guria, que eu tinha que ir lá ficar na comunhão, aí ele disse: "ah! mas eu te falei que ia ficar na reunião". Eu disse: "Puxa vida, trabalhei dois anos para os meninos, não podia furar". A gente vê que esse pouquinho que a gente faz para pessoa, no caso esposa, esposo, vizinho, vizinha, como é importante. E quando não acontece como é triste. Ah, me deixou tão para baixo, queria mais era morrer, mas eu disse: "Não, vou tocar para cima"... Quando a gente consegue trocar, não precisa nem ser uma moeda inteira, só um pedaço dela. Esse encontro da gente é bom. E quando não acontece esse retorno, como é ruim, né? Só, a gente continua na outra aula.

Rosane

Pessoal, vamos chegar aqui no meio e gritar nosso

Ó B A!!!

Resumo I

6a Oficina com os pais - 04/11

Foi feita a apresentação, o relaxamento e a leitura do texto. Rosane explicou a metodologia e deu tempo para eles fazerem.

Estavam na oficina: Gralha, Buriti, Violeta e Mãe. Eles ficaram fazendo a tarefa em silêncio: Buriti e Mãe pensavam, enquanto Violeta e Gralha já estavam adiantadas.

SILÊNCIO

(Rosane ainda de um lado para outro)

A filha de Violeta também esteve presente- Arara. Entra um cachorro na roda. Gralha é a primeira a acabar.

Mãe ainda não fez. Gralha comentou que gosta de escrever e desenhar. Na próxima semana ela trará um pensamento.

Arara estava às voltas com o cachorro. O marido de Violeta chega para buscar a Arara. Pede desculpas, mas não pode ficar.

Começa o jogo de dominó. Rosane explica o jogo.

Mãe diz que não pode ficar até o final, pois tem que aplicar remédio na sua mulher.

Mãe começa o jogo. Sua pedra está em branco. Ele pergunta, o que é que nós somos? Diz que tudo é concorrência, atrapalhões. Diz que nós não somos nada, mas temos que continuar a vida. Nosso futuro são nossos filhos, nossas sementes. Diz não estar muito inspirado hoje. Rosane lembra que Mãe trouxe uma champanhe para brindarmos juntos. Mãe diz que tudo está voltado a família saudável. Pergunta será que teríamos coragem de entregar nossa vida por alguém? Um companheiro, um filho? Diz que no mundo há muito egoísmo.

Rosane fecha sua colocação. Que a peça não tem nada, mas tem tudo.

Gralha, encaixou sua peça. Diz que combinou sua peça com a de Mãe. Sua peça diz: "Família saudável é o fruto que tirei dentro de mim. Para uma nova vida. Paz, é uma palavra pura, como a alma de um ser que quer viver". Violeta encaixa sua

peça na peça de Mãe. Diz que quis desenhar algo que passasse o que ela quis dizer, mas não conseguiu direito. Diz que se temos fé, conseguimos ter o gosto pelas pessoas, pelo que faz. Diz que no grupo, as pessoas têm que ir não por obrigação, mas porque querem. “A gente vira, volta, mas sempre volta para o mesmo ponto”.

Buriti diz que o seu tem a ver com o da Violeta. Pra viver bem, tem que ter saúde, se divertir, FÉ EM DEUS, nas horas boas e ruins. Referiu-se as pessoas invejosas, que ao invés de olhar para si mesmo, invejam os outros, só olham para os outros. Tem que ter gosto pelo emprego (saúde, educação, lazer... Fé em Deus, não ter inveja).

Rosane diz que é importante ver que há uma ligação entre as idéias. Lembra que, no encontro passado, os filhos permearam a discussão, e nesse também apareceu.

Gralha: “Família é importante, mas é o dinheiro que mantém ela”. Sobre a questão do dinheiro que apareceu.

Mãe comenta sobre a questão da natureza, poluição dos mares e ares. “Tem que abandonar a mordomia para não destruir nossas sementes”.

Rosane diz que outra questão a ser discutida é do respeito e a liberdade, do ter e do poder.

Gralha: “dar”.

Violeta em relação à liberdade e respeito, comenta que os adolescentes não têm limites. Quando chegam a uma situação crítica, não tem como frear. Comenta sobre seu irmão, que é um “traste”, não formou família, usou drogas, bebe. Vive com os pais e a mãe que têm que agüentar.

Pergunta-se sobre o que faltou a ser falado pra ele, o que é que foi feito pra ele ser assim. As pessoas que olham do lado de fora, dizem que é um marginal que não foi bem educado. Mas a gente tentou muitas coisas, tratamentos. Diz que não tinha lembrado antes dele, que hoje veio a lembrança. Mãe comenta sobre as experiências que teve, se afogou e a única coisa que via quando estava embaixo d’água era uma luz, por isso diz que a “morte é linda”. Comenta que viu essa luz 3 vezes, e que nessas horas só vem uma pessoa, uma palavra na frente: é Deus. E a luz apareceu novamente quando sua casa estava quase pedida. Seria que essa luz não é um sinal?

A força negativa é um pensamento ruim que tem dentro da gente.

Diz que seu pai falava para eles nunca brigarem por terra e nem por dinheiro, e sim para educar os filhos, respeitar as mulheres.

Rosane faz um fechamento (uma "pausa"). Diz que há muitas ligações entre o que foi falado, que foram levantados vários questionamentos, e que tudo está em sintonia.

Fechamento às 20: 50 horas. Tomando champanhe trazida pelo Mãe. Lembrou à Violeta, que cada um de nós é diferente (comentário sobre o seu irmão), e o livre arbítrio que ele tem. Colocou sobre a morte, que foi colocado hoje.

Buriti comentou que a gente nunca conhece as pessoas como elas são. Contou sobre um episódio com o seu cunhado.

Rosane

A gente fica procurando a resposta para tudo, para a situação dos outros.

Violeta se culpa pela situação do irmão. Mãe comenta que não tem religião, que não precisa de uma igreja pra ter fé, para acreditar.

(Rosane, tu lembras o que eu te falei lá na tua casa hoje? Sobre fé, sobre Deus?!)

Fechamento com champanhe.

Resumo II

6a Oficina na Creche com Pais - 4/11/97

Estavam presentes: Violeta, Buriti, Mãe, Gralha, Arara (filha da Violeta).

Início: 19: 20 horas com apresentação; dizendo como estavam se sentindo; se apresentando. Em seguida, foi feito relaxamento, utilizando-se a técnica da garça. Em seguida foi lido um poema (pensamento). Fim da fase inicial às 19: 37 horas.

Às 19: 40 horas explicação da metodologia a ser realizada: dominó. Começaram a escrever..

Mãe estava bem pensativo a respeito do que escrevia (parece querer surpreender!)

Gralha escreveu bem rápido o que pensava. Fez desenhos também.

Violeta ficou mais isolada, bem pensativa e concentrada.

Buriti disse que não vai escrever, porque senão teria muitas coisas. Referiu que dominó também têm uma peça em branco.

Buriti também ficou isolado e pensativo, mas também fez as suas anotações mais rapidamente.

Mãe parece sempre estar querendo surpreender... Sei lá, meio que chamar a atenção... Ser o diferente em tudo.

Às 19: 55 horas início da montagem e discussão do dominó.

Nesse momento, o marido da Violeta chegou, mas não ficará para a reunião porque tem outro compromisso na igreja.

Mãe disse que tem problemas em casa (com a esposa) e por isso precisa sair cedo.

Mãe iniciou a montagem do dominó. Deixou a “pedra” em branco; porque diz que viemos do nada. Paramos para analisar o que somos aqui na terra. “Se formos analisar-nos, não somos nada, mas ao mesmo tempo a gente é”. Diz

que não está inspirado, que não consegue colocar o que está sentindo. “Será que tem necessidade da gente se isolar, dar a vida para outras pessoas?” “Será que a gente dá tudo de si?”

Gralha escreveu que família saudável é “o fruto que tirei de dentro de mim para uma nova vida. Paz é a palavra mais pura; com a alma que um ser que quer vive”.

Violeta escreveu que vem da vida: fé, esperança, saúde. Que isso tudo gera ma família saudável. Também entra o gosto pelas coisas boas, não boas, segurança e criatividade. Ter prazer em todas as coisas. Fazer do grupo uma coisa boa (grupo = creche), prazer de querer bem as pessoas, de ajudar os outros...

Mãe colocou que é ter saúde (para estar de bem consigo mesmo e com a família), educação (para se poder trabalhar), lazer (passear, se divertir), ter fé em Deus (não lembrar de Deus só nas horas difíceis e não ter inveja, ter gosto pelo local onde se trabalha (conviver com as pessoas, “é uma segunda família”).

Rosane fez uma comparação entre o que foi dito e o que foi falado na reunião passada: a questão do trabalho, do dinheiro (Mãe diz que há outras maneiras de manter uma família sem ser só através do dinheiro. Que todo nosso conforto está

custando muito caro, estamos destruindo tudo que não é nosso!). “Tem que abandonar o dinheiro, as mordomias...

Rosane: discutimos a preocupação com futuro, natureza, respeito x liberdade, ter x poder.

Gralha disse ter x poder x dar (ajudar, doar). Dar através de uma palavra amiga, não precisa só ser dar dinheiro.

Violeta diz que tem que existir o respeito e a liberdade. Mas que hoje em dia não se tem limites. O respeito está muito esquecido... Violeta contou a história de sua família (seu irmão). Pareceu emocionada. Se pergunta porque só ele se desviou se recebeu a mesma educação?!? Porque ele não procura ter uma vida saudável. (Suspiro de desabafo!)

Mãe contou uma história de que morreu afogado e meio que ressuscitou (ficou 40 minutos dentro da água). Durante esse episódio, diz que sentiu uma luz, que a morte é maravilhosa. Depois sofreu um acidente de carro e depois teve tétano e passou mal. Disse que nesses casos, viu aquela luz novamente. Acredita que essa luz é um sinal de alerta, um aviso de alguma coisa.

Gralha diz que sempre perguntamos o porquê desse acontecimento na minha família. Diz que não creditamos quando uma coisa acontece na nossa família, não esperamos por isso.

Mãe falou a respeito do pensamento mais ou menos. E quando ele tem um pensamento, pede ajuda de Deus.

20: 35 horas. Rosane faz um fechamento a respeito do que foi conversado até agora. Diz que todas as pessoas são diferentes, singulares. Que cada um tem seu interior, que é muito diferente, seus sentimentos. Também tem a questão do livre arbítrio (Enquanto Rosane falava a respeito do irmão de Violeta, esta ficou de cabeça baixa, bem triste).

Mãe comentou sobre um episódio sobre o seu cunhado; que este andou roubando suas roupas. Mãe ficou muito decepcionado porque confiava muito nele.

Violeta está agoniada para ir embora, já falou algumas vezes nisso.

Violeta diz que falamos muito na teoria sobre família saudável. “Mas o que fizemos na prática? ”

Fechamento às 20: 50 horas. Tomando champanhe trazida pelo Mãe.

Notas Metodológicas

VII Encontro - 6a Oficina - 04/11/97

Quando propus a tarefa “dominó”. Coloquei erroneamente duas perguntas ao mesmo tempo.

A técnica do dominó parece-me mais interessante para um número maior de pessoas.

Notas do Pesquisador

6a Oficina - 04/11/97

Família

é viver com

conviver (p. 12)

É interessante iniciou-se para história, identificou-se que se falava da vida, de seu ciclo, e após faz-se analogia com a semente (v. 14).

Geração para geração

Pais-filhos – pais-filhos

Violeta, no início, também me falou de seus problemas com filho adolescente. Fico pensando nestas duas intervenções: seriam os “bastidores”?

Com as colocações da Violeta, de sua família, seu irmão, senti que eu precisava me colocar, pois senão me sentiria omissa.

Senti que houve uma queixa de que não houve o encontro da semana anterior pela fala de Mãe e também da Violeta. Na terça a Creche estava fechada (dia do funcionário público) e quinta fiquei doente, avisando pela manhã. Há o aspecto positivo de que querem estar ali.

Quando propus a técnica do “dominó”, Mãe ficou parado com a folha em branco, meio surpreso. Fiquei me perguntando “Será que ele não sabe escrever? ”; mas me constrangi de perguntar. Ele estava estranho, então ele disse: “Vocês vão ter uma surpresa como! ”. Lembrei que a peça em branco no dominó também existe! Será que era porque a esposa estava doente?

Intuitivamente falando, chama-me atenção à sincronicidade de algumas coisas. Neste dia, meu pai estaria de aniversário; é o primeiro após sua morte em julho. Eu estava muito triste, por isto mas resolvi não colocar. Aí, veio o assunto através da morte, do tio do Buriti. O que ele falou parecia ser para mim, consolando-me. Pensei em ler Jung sobre isto.

Achei muito “legal” Mãe levar champanhe para confraternizar com o grupo, mesmo após ter ido na reunião e não ter sido avisado que não teria.

Chamou-me atenção, pela primeira vez apareceu a criatividade.

Ao falar de família saudável também aparece “doença”:

inveja, baixo astral

droga (alcoolismo), roubo

incêndio; inundação; acidente

No início, Violeta e eu, falamos sobre a Beija-flor.

VIII Encontro (7ª Oficina com famílias)

11/11/97

Rosane

Vamos tentar se soltar um pouquinho. Deixar o ar entrar, fazer um barrigão, aí quando for soltar, encosta lá na costela (quem conseguir né?). Vamos tentar colocar para fora todas as tensões da semana, do dia. Quando a gente expirar vamos jogar tudo isso para fora. Soltando. Vamos dar uma esticada pra frente, aqui... Queres continuar, Mariposa?

Mariposa

Aqui. Agora atrás.

Rosane

Essa hora a gente precisa.

Esperança

Queria mergulhar dentro de uma banheira.

Rosane

Quem quer colocar como está, como foi essa semana? Como está agora?

Gralha

Essa semana foi boa, deu sol. Deu para tirar esse cheiro de mofo. Eu tava cansada de ficar dentro de casa porque tem as crianças. Essa semana não. Deu para sair, deu mais movimento no meu restaurante. Chegou gente diferente para conversar bastante, porque aí o pessoal volta, né? Então foi bem bom... até agora, né? Espero que continue assim.

Esperança

Eu, semana passada tive uma semana cheia, pesada. Chorei um monte porque aconteceu um monte de coisinha. Final de semana, um sol tão lindo, fiz um monte de coisa, trabalhei tanto! A minha irmã tá fazendo mudança, então eu tive que dar uma mão para ela. Mas deu para fazer bastante coisa que precisava ser feita... Deu para sair de bicicleta, fui passear com minha filha, passear com meu marido, tomar chimarrão na beira-mar. Fiz tanta coisa, mas foi pesado. Coisas do trabalho também, conflitos, né?

Gralha

Deixa eu contar outra coisa dessa semana que passou. O meu marido disse: "Tu não vai mais". Aí eu disse: "Ah, não?! Tu me desculpe, mas eu vou". E vim viu, consegui explicar para ele que eu viria. A minha mãe assim: "Tu vai guria? Mas ele brigou contigo!". Aí ele deu uma carona e disse: "Não. Agora eu já entendi, tá tudo bem!". Pra mim é uma vitória e eu com a boca lá na orelha.

Rosane

Convida, se o teu marido quiser vir junto.

Gralha

Eu já convidei e se tiver uma oportunidade ele vem, mas realmente é muito difícil.

Solidária

A minha semana tava meio ruim porque o meu comércio tava fraco. Ah, eu chorava e tudo. Mas fora isso tudo bem. Eu ajudei a minha mãe, porque ela tem um restaurante no centro. Deu para ajudar. Chorei menos, porque quando a gente tem serviço, a gente deixa de chorar. Pois é, em falar em "tim-tim", a gente precisa dele para saudar as dívidas. Domingo: dormi, trabalhei. A minha filha andou de cavalo que ela tanto queria. Ganhou um troféu bonito como a prenda da turma. Ela trouxe para os amiguinhos ver.

Esperança

Eu fiquei aqui na creche direto para reunião e falei para minha filha. Aí ela disse: "Mãe é reunião daquelas meninas? Eu também quero ir".

Rosane

Mas pode trazer.

Esperança

Ah! Mas é deveres, compromisso, é super difícil. Se eu fosse até em casa ia chegar e... 7 horas tá aqui. Aí eu disse, acho que eu vou ficar por lá. Aí o meu marido disse: "Pode ficar por lá que eu me viro com elas". Então a gente fica bem descansada mesmo, né?

Mariposa

Eu tô bem também. Apesar de estar em fim de fase, a gente tá cheia de coisas para fazer. Mas eu gosto de ter o que fazer. É assim também, quando tu gosta do que tu tá fazendo, não se cansa tanto, né? Tem estágios que a gente sai detonada e tem outros que tu sai cansada, mas vale a pena.

Cajuzinho

Meu final de semana foi bom. Meu irmão veio com a minha sobrinha. Deu para aproveitar um pouquinho a praia com eles, apesar de só ir lá e voltar porque criança não pode ficar muito no sol.

Rosane

Estava quente no final de semana. Eu estou muito contente também. Estou numa fase boa. Terminei o estágio com os alunos. A gente fez avaliação, foi uma coisa muito gratificante. Eles quiseram comemorar, fizeram janta lá em casa. Foi uma coisa muito gostosa essa confraternização. Semana passada fiz uma oficina no HU com as mães que recém ganharam neném. Foi uma coisa muito legal, com a família, pai, avó. Foi bem legal. Encontrei os amigos que eu não via há muito tempo esse final de semana. Encontrei com o sol de novo que, para mim, é muito importante!!! Eu estou bem, trabalhando bastante. Domingo de dia eu fui à praia, de noite eu fiquei trabalhando até as 2 da manhã, valeu à pena.

Hoje a nossa proposta de trabalho... A gente teve trabalhando a imagem de ser família saudável. Semana passada nós fizemos um pouquinho de dominó, da onde vem essa imagem de ser família saudável, mas tem que ter mais gente para fazer de novo. Então a gente pode repetir quando tiver mais gente. Hoje a proposta é vocês trabalharem, se quiserem fazer uma dramatização pode, se vocês quiserem só trabalhar na folha, tá ali. Trabalhar de onde vem essa imagem de ser saudável que vocês têm? De onde surgiu isso que a gente já vem com esse tema há algum tempo, né?

Gralha

Nas férias das crianças vai parar?

Gralha

A gente se une. Toda segunda-feira, somos 4 casais a gente se reúne um na casa do outro. Na minha casa eu banco tudo, na casa dele ele banca, mas toda segunda-feira a gente se encontra. Toda segunda-feira tem uma reunião igual a essa. Então a gente senta, as crianças vão brincar, e a gente conversa a semana inteira o que aconteceu com o pessoal. A gente conversa. Às vezes, um tá com problema, então a gente se junta para resolver. Mas toda segunda-feira é sagrado. Então como andou chovendo, a minha cunhada foi operada, até o meu marido, meio maluco, foi lá pegar ela... Então toda segunda-feira tem uma reunião com decisão própria da gente. Às vezes, a gente se concentra. Antes de jantar, dá as mãos, reza um pouco. Tem uns que desabafam, uns choram um pouco, outros tiram para sorrir.

Rosane

Uma coisa que eu acho legal é a gente fazer num dia que seria o inesperado, né? Segunda-feira a princípio. Todo mundo faz na sexta, sábado. Se for domingo ou Segunda, não. A gente também fez isso com o pessoal e foi tão bom. Uns diziam que "ah, a gente tem que acordar amanhã, às 7 horas". "Amanhã a gente pensa nisso? hoje vamos curtir". Mas então vamos fazer uma despedida. Despedida não, até logo...

Gralha

Agora tá chegando o verão...

Esperança

Eu queria ler um negócio quer eu achei bem legal: "Valor de um Sorriso". Ah! eu fico toda arrependida. Tem umas moças sorridentes aqui... Tem pessoas com sorriso! Expressivo! Até eu disse: "vou levar!"

Rosane

Esse vai ficar com o grupo?

Esperança

Eu posso até xerocar. Isso eu tive na nossa reunião pedagógica de escola, aí eu li para o grupo todo.

Rosane

Então depois a gente copia enquanto vocês trabalham.

Esperança

Tem outro aqui pequeninbo que eu sempre... eu acho lindo: "Deus nos dá força para mudar as coisas que podem ser mudadas. Serenidade para aceitar as coisas que não podem ser mudadas e sabedoria para perceber a diferença. Mas, que Deus nos dá sobretudo coragem para não desistir". Tinha o nome da autora aqui, mas eu acho que a pessoa que passou lá no computador para mim engoliu, comeu...

Rosane

Esse grupo tá sendo tão nutrido. Tu já viu que tem uma sincronia, cada dia é um que traz, sem combinar.

Esperança

A gente vai do encontro...

Gralha

Eu sou muito de ler. Eu assisto TV, pego umas revistas velhas. Até o meu marido diz: "Tu não vai dormir?"; eu digo que eu vou ler. Até ele diz: "Sei o que tu vai ler..." "Eu leio 2, 3 páginas e já estou dormindo. É o hábito da gente dormir lendo".

Rosane

Eu tenho esse hábito. Hoje chegou a Ana ligou: "Rosane eu quero que tu leia meu texto para o Congresso!". Ela é conferencista. Eu disse: "pode me dar porque eu sempre durmo lendo alguma coisa".

Gralha

Eu tenho uma sobrinha adolescente que ela lê poesias, poemas, livros. Ela vai lá em casa para trocar uns livros comigo. A minha mãe diz: "Tu não tem vergonha, uma mulher desse tamanho trocando poesias com uma menina?!". E eu tenho dois filhos e nunca dá tempo de ler, mas o que eu posso, o minuto que eu tô sentada, eu tô lendo. Desenhar então...

Rosane

Por falar em desenhar, vocês aceitam essa proposta, ou vocês tem outra proposta de trabalhar?

Esperança

Desenhar ou fazer o teatrinho?

Rosane

Ou se vocês tiverem outra idéia também pode. Fiquem à vontade. A gente vai dar 15 minutos; pode ser? A pergunta é: "De onde vem a imagem de ser família saudável que a gente tem? De onde que surgiu?". Se vocês quiserem lembrar, ali tem aqueles cartazes que são desde o primeiro dia, que é o que é família saudável. Vocês podem lembrar...

Solidária

Do amor, da casa.

Esperança

Amor à vida que a pessoa tem. Porque se tu tem amor à vida tu busca tudo para que essa família seja saudável. É o amor à vida, e estar querendo buscar elemento para que essa vida, essa família, esse ninho se fortaleça, cresça, esteja cada vez melhor. A natureza... Eu vi uma borboleta colocando ovinhos lá no meu pé de maracujá, aí eu imaginei: vai nascer borboletinhas.

Gralha

Faz um mês e meio, eu fui ver a égua do... Ela tava gritando, aí eu fui na cocheira ver se ela tava enforcada, quando cheguei lá ela tava com um potrinho para fora. É uma sensação que até tu ter um filho, urgh!

Solidária

Eu já vi, mas era ao filho de uma ovelha. Eu tava grávida de 7 meses. Ela gritava, aí colocou aquela coisa para fora. Aí tiveram que ajudar porque ela sozinha não conseguiu. Tá loco!

Esperança

Eu acho que o nascimento de um ser é fantástico. Em amor à vida, dá para colocar aqui do ladinho, respeito.

Solidária

Fidelidade também.

Gralha

Até a educação que a gente tem. Porque a gente se forma uma pessoa, o caráter da onde que vem. Tem gente que diz que não.

Esperança

Mas, às vezes, me dá um baratino na cabeça. Aquela coisa. Tu percebe que aquela pessoa tinha tudo para ser um bandido, foi criada no meio. Diz que a personalidade se forma quando criança. Tem experiência de pessoa que se desenvolveram num ambiente onde tudo... Pra pessoa ser assim e não ser assim; é claro que o meio interfere muito, mas às vezes bate com coisas... Não tem explicação. É aquela coisa de destino! O ambiente totalmente conturbado, como que esse ainda saiu?

Gralha

Tudo vem do meio familiar: sogra, sogro, marido.

Esperança

Vem da convivência social também. Nascimento do ser, formação do ser, onde pesa educação, interação social. Interação social é os amigos da escola, o grupo lá fora. É essa interação social que acaba corrompendo. É difícil tentar colocar de onde exatamente vem essa imagem. Eu tento pegar através de "n" convivências o que é importante para tua vida. Mas para isso, tenho que me conhecer, para saber o que é importante, para mim. Tem que ter sensibilidade para perceber o que é bom para minha família. Vem da educação, interação, experiências de vida dos grupos, até aqui, tu leva o que é de bom para ti, também grupos de trabalho. Em tudo tu pega o que é de bom. Eu pelo menos tento absorver, levar para mim o que é bom... Até a inveja tem o lado bom e o ruim. Ao invés de eu invejar uma coisa que tu fez, que foi bom para ti, eu tenho que fazer também, porque vai ser bom para mim, vale como experiência. Se eu não sei o que é de bom para minha família, eu não tô me conhecendo. Às vezes, tá tudo complicado... Então eu penso que eu tenho que saber o que tá acontecendo, o que eu vou definir para minha família, o que é prioridade para minha família. Tentar absorver o que é bom para o grupo, para a família. Eu penso assim. Tu não leva as coisas boas para tua família?

Rosane (falando para Mãe que acabou de chegar)

Nós estamos discutindo a partir do que se trabalhou até agora e a partir dos cartazes que foram feitos desde a primeira oficina... A gente está vendo de onde vem a imagem de ser saudável!

Esperança

O crer em alguma coisa, a fé, a crença, humildade.

Gralha

Mãe nós respondemos assim: no nascimento de um ser, na integração social, respeito, experiência de vida dos grupos (que aí tu leva alguma coisa de bom para tua família). Depois de onde surgiu? Do companheirismo, do amor, de paz, do teu companheiro em geral, do irmão, da integração com as pessoas.

Esperança

Respeito, amor à vida...

Gralha

A fé, a tua crença seja ela qual for. De onde a construímos?

Esperança

A gente constrói...

Gralha

Um completa o outro?

Esperança

De um todo da vida, de experiências. Passa por coisas pesadas na vida, mas aí tu fica mais forte para encarar outros. A gente constrói um todo. Da esperança, força, acreditar em alguma coisa para não estar vazio, senão a gente não consegue construir.

Mãe

Mas tem momentos que a gente passa, batalha tanto para quê?

Gralha

Às vezes a gente tá deprimido também, né?

Mãe

Não é depressão não. Eu acho que é coisa que a gente passa pra entender um pouquinho a vida. Como ela é. A gente vê tanta coisa errada nesse mundo que se apavora, né?

Rosane

Pessoal, já deu um tempinho para gente poder dar uma discutida, né? A gente deu esse momento, agora vamos fazer a integração, né? E aí? De onde vem, de onde surgiu, como a gente constrói, essa imagem de ser família saudável que a gente tem? O que vocês discutiram?

Esperança

Nós levantamos aqui o nascimento do ser...

Gralha

É o começo, tu nasceu já...

Esperança

Nascimento de um ser na unidade da família, né?

Gralha

De onde vem? À partir do momento que meu filho veio ao mundo, eu já sou uma família maior. Não é só pai e mãe, agora é pai, mãe e filho. Então, se torna uma família e, a partir daquele dia em diante que ele

nasceu, eu vou começar a trabalhar com ele. Na educação, na integração social, experiência de uma vida em grupo, até daqui mesmo. Eu sou uma que tudo que a gente aprende aqui sempre sai. Chega em casa tu conversa com o filho, às vezes com o marido, tá debatendo.

Esperança

Experiências de vidas em grupo que tu vai absorvendo o que é de bom para tua família, você vai estar levando para lá. Esse grupo, todo grupo de família, num momento de grupo de espera até numa clínica, está numa roda, o grupo que está naquele momento. Você absorve em todos os momentos da sua vida. Coisas boas para sua família. Mas para isso você, assim, o que é estar se conhecendo? O que é de importante, prioridade para tua família. A gente precisa estar se conhecendo primeiro, pesa muito isso.

Gralha

Como eu falei do meu marido, ele bate a bolinha dele, ele pesca. Tem homem que é machista, é verdade, tu tá rindo? Ele pode tudo, e eu que sou mulher não posso tirar uma terça-feira à noite para vir aqui? Por quê? Eu respeito o direito dele e ele tem que respeitar o meu! Chega as terças-feiras e quintas-feiras, pega a malinha dele e vai jogar bola. Eu nunca falei um ai, pode perguntar para ele. Ele diz pros amigos dele: "Ah, a minha mulher briga". Eu nunca disse um ai. Joga, depois toma banho lá no clube mesmo, come um churrasquinho, conversa com os amigos, porque isso ajuda o homem também. Eles botam em dia os papos deles. Eu acho que se ele pode, eu tenho o meu respeito de vir terças-feiras. Eu venho, entendeu? Tem que respeitar. E a gente conversou, sentou e foi maravilhoso, porque ele me entendeu e eu entendi mais ainda ele.

Esperança

Tu estás conquistando um espaço que é teu!

Gralha

Todo mundo respeita dentro de seus limites. E o meu menino Lucas, que é o mais velho, dizia assim pro Araponga: "Ai pai deixa mãe ir. A tia Eliete diz que é bom a mãe ir, deixa pai, deixa. Só tem mulher, acho que tem 2, 3 homens, só. Deixa a mãe ir... ". Eu acho que aquilo foi comovendo o Araponga e ele disse tá, tá bom. Então até ele. Tava pai, mãe e filho, os 3 sentados jantando, discutindo se eu poderia vir. E eu passei para ele que é uma coisa boa, até quando tiver oportunidade ele vem. O Lucas hoje dizia: "ah, mãe, tu não vai me levar na reunião? ". Até as crianças, a gente comenta tanto que até eles querem vir participar.

Rosane

Pode trazer se for bom para você, se tu achar legal. É família, né?

Gralha

É até bom porque a gente não tem com quem deixar. Eles são pequeninhos, mas o meu com 6 anos, gosta de escutar e, às vezes, até eles levam alguma coisinha para casa. Eu acho que tu constrói assim.

Esperança

Aí que eu vejo uma coisa boa assim... desde o momento que vai tando junto, formando, casando ou não casando, formando uma família. De conquistar o seu lugar, ter o seu lugar ao sol, o seu espaço dentro da própria relação. É uma coisa que tu tá tentando garantir para ti,... mesmo, conquistando seu espaço. A gente tem que respeitar e saber os seus limites até onde eu posso ir. O meu marido, desde que a gente esteve junto, a gente sempre teve um grupo de colegas, de amigos. A gente ia comer batata frita, tomar cerveja e tal, tal. Claro que quando vem um filho pesa. Ele sempre trabalha por escala, quando o grupo saía. Aí um sábado desses, a gente já tava morando no apartamento, aí a turma se organizou para sair. Ir na Trindade, no Frangos e Fritas. Tinha uma tia das meninas da turma no nosso grupo de solteira, e eu era a primeira casada do grupo todo. E tava já grávida de 3 meses para 4. Aí vamos lá... Aí eu fui com o grupo, ele deixou ir só disse para não tomar muita cerveja. E eu gosto de uma cervejinha, né? Então, em outros momentos, independentemente do meu marido estar junto ou não, sempre tive essa liberdade de poder ir, quando a gente sai ou alguma coisa. Mas é questão de eu poder saber até onde eu posso ir. Ter confiança nessa pessoa e ter conquistado espaço. Isso é complicado porque quem tá de fora não consegue perceber, não consegue entender. Mas a gente, eu vejo assim, eu consegui garantir esse espaço também meu. Do lado do meu trabalho... Claro que tudo também tem as suas

entrelinhas, mas eu sei até onde eu posso ir, as minhas limitações como mãe, como dona-de-casa, esposa, a fidelidade que eu tenho. Tudo isso acho que... eu tenho um limite para mim mesmo, a minha consciência me dá limites. Não precisa ele me cobrar e ninguém mais me cobrar. O grupo sempre foi... e até uma das vezes veio um menino conversar comigo. O guri até pô, há 10 anos atrás, disse: "O que estás fazendo de aliança no dedo para cá, num barzinho?" Eu fiquei assim né... Então é difícil de estar entendendo.

Mãe

Eu acredito que não. O espaço hoje da mulher está muito grande. É um orgulho muito grande que eu tenho de falar isso.

Gralha

Sabe, por quê? A minha aliança é muito pequeninha, está para alargar e eu nem uso. E eu não tenho essa dificuldade, ele não liga, não se importa. Ele mesmo diz que tem que levar a minha aliança para arrumar. Ele não usa porque perdeu pescando. E eu não uso, mas ele não... A minha irmã perdeu, meu cunhado já foi lá comprou outra, e meteu no dedo, achando que aquela aliança... Eu acho que não é assim. E outra coisa que eu coloquei para ele que ele achou que ia parar, até conversar com a Violeta, ela morreu de rir, eu bati o pé e disse "Eu vou, eu vou". Ai eu disse para ele: "Você acha que tem alguma coisa?", porque ele naquele dia eu acho que ele ficou enciumado, sabe? "Você acha que tem alguma coisa, faz o seguinte: na próxima terça-feira, vamos nós dois. Você vai ver o que tá acontecendo lá e se achar que tem alguma coisa tudo bem, eu até paro. Agora tu vai lá comigo para ver o que tem lá". Mesmo que tenha homens, porque ele te conhece muito, né Mãe? No dia tava aquele outro menino, o vigia, o Buriti. A gente vai lá para bater papo, porque às vezes tu fica tanto dentro de casa. É um trabalho tão cansativo que tu não tem tempo de se expor. Eu sou muito de falar, né? Então ele diz: "Imagina aquele pessoal te escutando. para ti deve ser uma realização, né?". Porque quando eu sento para falar não paro mais. Ai a gente conversou, disse: "então vamos comigo!". Até hoje eu disse: "quer ir?". Ele disse: "Não, vai que eu confio em ti. Foi uma fraqueza minha". Eu disse: "Eu nunca peguei o telefone para ligar e ver se tu tava realmente no clube. E de repente... (como ele sai com muitos cunhados e amigos)... de repente, tu pode não estar lá". Mas eu nunca peguei o telefone para ver se o Araponga está lá. Porque tem mulher que é doente, né? "Eu prefiro confiar que tu tá lá batendo a tua bolinha, fazendo teu esporte". Ele disse: "Desculpa, estou sendo egoísta, estou vendo só o meu lado, não estou vendo o teu. Passou da hora, a comida esfriou...". Eu disse: "não, até esquento para ti de novo, não precisa ficar preocupado com isso!". Naquela mesma noite a gente sentou e...

Rosane

Nós temos que nos policiar para nós acabarmos na hora que a gente combinou para não dar problemas.

Gralha

Precisava ver no outro dia ele veio conversar com a Violeta e a Esperança, ai ele tava meio brabo ainda e disse: "Não, realmente a Esperança me convenceu?". Ai é como ela colocou aqui: um amigo ajuda o outro, né?

Esperança

A diferença de grupo tu vai absorvendo e passa isso né? Tu vai construindo essa família saudável, né?

Gralha

Até uma amizade, né?

Mãe

Se você trabalhar numa empresa já é uma família, né? Mas, eu vou mudar um pouco: nós humanos temos dois lados terríveis. Primeiro, quando a gente tá a fim de encontrar uma companheira. A companheira tem um lado que esconde para conquistar o companheiro e o companheiro tem um lado também que esconde para conquistar a companheira, correto? Quando eles mostram as garrinhas, de ambos os lados!!! Ai não planejam nada e começa a vir: vem o primeiro filho (já não tem uma estrutura legal) e ai vem e vai levando. Família saudável daquela maneira não dá. Muitos que eu conheço não dá. Porque uma estrutura hoje sem uma casa... O mal é isso aí, que a gente não planeja nada. A gente vai e já pensa que o amor compra tudo,

sustenta tudo. Mas você tem que pensar no médico, na educação, na área de saúde, segurança, tudo. Então hoje, conforme está indo a nossa estrutura, do momento, dos dois, é uma casca. Cada dia que vai passando é uma casca que a gente vai criando, a maneira do nosso pensamento, vai descobrindo, vai indo, eu penso assim...

Rosane

A gente vai criando a casca...

Mãe

Vai criando aquela casca, chegando num ponto que você vai descobrindo o que tá certo e o que tá errado, descobrindo aquilo para ser uma família saudável. Tem muitos que quando descobrem, vêm que não é a companheira certa para ele e esquece que tem um, dois filhos e aí já é tarde.

Rosane

quando descobre o que Mãe?

Mãe

Quando descobre que não é uma companheira que realmente ele queria ou quando a companheira descobre a mesma coisa.

Esperança

Mais aí é imaturidade né? Falta de experiência de vida.

Mãe

Não é imaturidade. Porque o amor, deu aquele afogamento pelo amor. Se você, vem de uma estrutura legal...

Gralha

Eu vou te dizer uma coisa: eu namorei com o meu marido por 5 anos e sabe o que é brigar? A minha mãe dizia: "Por quê tu vai casar com esse homem? Vai casar num dia e no outro já tá se separando". Porque a gente se matava. A gente namorava 5 anos e 5 anos se matava.

Com a graça de Deus, eu tô lá 7 anos casada. Eu tô sendo até egoísta nessa fase que eu vou dizer, mas eu acho que hoje nós temos um casamento maravilhado. A gente descarregou tudo lá. Ele já sabia que eu era temperamental, entendeu? Então se eu falar para ti, até eu fico de boca aberta do que eu era e do que eu sou hoje. Eu tive que quebrar, como tu diz, a casca para poder agüentar meu casamento, porque se eu continuasse como eu era solteira não ia dar certo.

Mãe

Mas o namoro é para isso mesmo; para você se corrigir um ao outro. Aí você vai se corrigir e se ver que não tem jeito mesmo, aí o negócio é adiar, né? Muita gente se mete nesse barco: constrói a família, depois começa a vir dificuldades e aí...

Esperança

Não tá com bagagem de experiência para agüentar as coisas ruins.

Mãe

Mas só o amor não sustenta uma estrutura dessas.

Esperança

Se tu for fortalecido por uma experiência de vida, de batalhar pelas coisas, você consegue se segurar...

Mãe

Eu morar embaixo da ponte com dois filhos, será que o amor vai agüentar? Eu acho que não.

Gralha

Quando o meu marido briga comigo, eu digo que não adianta tu brigar porque eu não vou te deixar. Eu gosto muito de ti. Aí ele vai para sala ouvir música ou ver TV e diz: "Ah! Tu não acha que é besteira; a gente vai ficar dois dias de bunda virada e a gente vai ter que se falar. Então, vamos se falar hoje"... Aí brincamos. Eu acho que a gente tem bastante tempo para brigar, mas esquece, o que passou, passou.

Mãe

Se eu chegar em casa para discutir com a minha companheira, vou ser sincero, eu não entro em casa. Porque é uma dor de cabeça que eu não sei. Eu não aceito discussão na frente das crianças. Na minha empresa, eu discuto de montão, a gente fecha o pau mesmo. Agora dentro de casa de jeito nenhum. É um lar sagrado, é uma energia tão gostosa. Eu venho cansado do trabalho, receber aquela energia gostosa da companheira, dos filhos é coisa maravilhosa. Para mim é tudo! Então é por isso que eu digo, não sei se é porque eu tive uma vida mais tranqüila. Mas eu vejo muitos companheiros meus fazerem isso, eles dedicam tudo do amor, esquecendo das coisas mais principais: uma casa, um emprego, sei lá. Só sei que ele se enfia com amor.

Gralha

É. Antigamente tu nem tinha tempo. Mas hoje tu tem; pode te preparar, para conhecer. Eu tenho uma irmã que casou com 17 anos; ela conheceu o cara por três meses e casou. Ele comeu o lanche antes do tempo. O cara realmente não gostava muito dela. Ela comeu o pão que o diabo amassou e hoje ela vive superbem com ele. Mas é como ele disse: construiu a casinha dela, saiu de dependência de sogra, então eu acho que isso ajudou muito.

Mãe

Nunca se mora com sogra, sogro.

Gralha

Gente eu adoro a minha sogra. Eu passo o dia das mães com ela e não com a minha mãe. A minha mãe briga que é uma coisa.

Solidária

Não dá para morar. Em casa tu tem a tua vida e a do teu marido, tu tens o teu respeito. Meu primeiro homem foi meu marido, juro pela minha filha que está aqui, ninguém acredita. Casei virgem com 17 anos e fui perder a virgindade com 19 anos. Meu marido era separado, pai de 3 filhos, oficial e fora o que ele tinha por aí espalhado. Eu não tenho vergonha porque quando eu conheci ele, ele era assim. Então, a gente se curte para caramba. mas porque? Porque desde que a gente se conheceu, a gente fez uma promessa: em primeiro lugar, o amor; em segundo, respeito e fidelidade. Até hoje, o pessoal diz que nós somos quadrados, porque nós somos muito fiéis um com o outro. O homem não pode ver uma mulher bonita que ele tara.

Mãe

Mas não é só o homem, a mulher também. O mesmo desejo que a mulher tem, o homem também tem.

Gralha

Eu digo isso pro meu marido, o que é bonito... Zé, a gente tem restaurante, sabe; todo mundo de biquíni, assim, né? Eu digo: "olha querido. Olha bem meu filho e come com a testa". Porque, meu filho, se entra um homem bonito eu mesmo digo para ele: "Araponga, olha que homem bonito, que corpo forte". "Porque tá falando, nega?". "Ainda pouco não entrou uma moça aqui que tu achou bonita?". Claro que eu não vou namorar com o cara, me jogar em cima do cara, mas eu acho que os olhos é para olhar. O que é bonito entendeu?

Mãe

Mas você já foi assim igual aquela moça que entrou... Apesar que você, hoje não sei quantos filhos tem, muda. Ele também muda, não é mais aquele jovem de 15 anos.

Gralha

Ele gosta de dar uma olbadinha para mulher, que dói.

Mãe

Todo homem e toda mulher... Eu prefiro olhar mais para homem que para mulher. (falou sorrindo)

Esperança

Meu marido foi caminhar, há uns três fins de semana atrás, com um colega nosso. Ai ele foi caminhar na Beira-Mar, com esse cara que veio de fora e tá há uns sete ou oito meses em Florianópolis. Convidaram a gente para ir num churrasco já várias vezes e nunca dava pra gente estar indo. Eu conheço a mulher só de nome, então não sabia muita coisa dela. É o meu marido que trabalha mais com ele. Ai ele convidou pra caminhar, já era seis e pouco, a hora que terminou o churrasco. Ai, a Aninha disse: "Eu vou dar uma caminhada, tu não quer caminhar primeiro, por causa da filha. Então vai dar tua caminhada, porque eu vou lá na reta do Santa Mônica e volto. Se quer vai caminhar primeiro que depois eu vou". "Então vai. Eu vou ficar fazendo isso, aquilo". Ai eu fui; ai ele voltou indignado. Ai eu disse: "Como é que foi, caminharam até a ponte?". Se eu te conto, que o cara foi, eu também só conhecia o cara de nome, pessoas que tu começa, tá conhecendo agora. De repente tu estende a relação, ou corta por ai. Ai ele disse que o cara foi indo, passava as moças: "psiu, psiu!". Ele disse que não sabia onde se enfiar. Eu sei que ele olha, tal e tal, acha bonita, comenta e tudo mais e vice-versa eu também. Mas dizer que o cara fazia "psiu" para todas as moças; cochichava: "que perna bonita, que bunda gostosa". Meu marido disse que ficou morrendo de vergonha e disse que assim não dá pra caminhar de novo: "Não vou, não dá". Eu achei uma graça, porque ele se sentiu mal. Então, uma coisa dali, experiência de vida do grupo que a gente formou. Então quer dizer... não sei se é exigência, mas deu pra perceber que são pessoas diferentes, com um comportamento, com uma cultura diferente. Certos conceitos, certos valores que não batem com os teus, da nossa família, da gente. Fica chato até de convidar eles um dia aqui em casa, fica aquela coisa. Eu disse por quê que eu tenho que convidar. Quer dizer, porque o sistema, a sociedade, é assim. Se tu me convida porque está convencido, está posta as coisas, eu tenho que convidar eles aqui. Chegamos lá, a mulher só faltou dizer: "puts, que pernas bonitas, fortes!", porque ele tava de bermuda. "Ah, a próxima vez tu pode tirar a camisa". A porque eu não sei lá, sei lá. Puts, se eu fosse uma mulher ciumenta, daquelas encrenqueiras, tinha virado as costas e ido embora, eu disse para o meu marido; de tanto que a mulher fez, e com o marido ali do lado. Assim, uma coisas bem que eu acho, como a gente diz, bem feia, né? Mas tudo bem, eu acho que até usa bom senso. Ai tu faz uma avaliação daquilo. Ai eu comentei até durante a semana. Ai a gente comentou até. "Não, mas na sexta-feira vocês vêm e que 'pa, pa, pi', para gente fazer um camarão!". Na sexta de noite tal, tal. Eu disse: "olha, eu tenho tanta coisa para fazer; tô tão atarefada, que eu não sei. Não tem condições, a gente tem que ver, não dá para marcar assim. A gente vai ver conforme vai andando, tem muita coisa". Ai ela: "ah!.."; não sei o que lá. Ligou para mim e ligou para lá sexta passada... "Impossível, realmente. É a reunião da APP aqui na escola nossa, e a gente estará aqui. Realmente, infelizmente não dá". É dali que tu tira, eu tiro, porque é que eu tenho que fazer uma janta? Tudo bem, posso até ser educada, tal, tal. Tentar realmente proporcionar outro encontro para gente ver. Mas, puta, me chegou assim. Tu vai alimentar uma amizade e eu encontro um grupo assim... Até ela disse que viria outro casal. Eu não sei, eu penso que eu não alimentaria assim. A gente, enquanto eu e meu marido, depois da caminhada... O cara mesmo, ele não quer saber. Então tu tira dali, da onde vai surgindo, da onde vem, desses encontros assim, de repente, poderia surgir uma amizade, uma coisa muito boa, um grupo muito bom, com outras pessoas diferentes, com pensamentos bons. Que se vai levantar. Mas quando a gente parou ali, assim tu não fica, né? Não sei. Isso para mim deu assim. Tudo bem eu até posso, a gente se encontrar. Mas não sei assim. Então é daí que tu tira as coisas que não dá.

Gralha

Como a Esperança botou aqui o respeito são exemplos que são dados às vezes. Eu tenho um cunhado, ele é casado três vezes. Ele tem um filho de 18 anos, do primeiro casamento. Ele tá no terceiro casamento. E ele diz pra gente. Ele participa do nosso grupo nas segundas-feiras. Mas a mulher dele é de Blumenau; é uma alemoa assim meio brava. Tem dias que ela vai e tem dias que ela está de conflito com a gente. Não vai, né? Então ele diz pra gente assim: "Eu não sou feliz. Eu tive três casamentos e não encontrei a minha alma gêmea". E ele é assim, como ela falou que o marido dela foi, muito mulherengo. Ele tem três filhos de dois casamentos e mais três filhos fora. De adolescência, essas coisas dele. E Dia dos Pais agora, uma das filhas dele escreveu uma carta pra esse programa de TV, o César Souza, pedindo para conhecer o pai. A mãe ficou grávida em tal dia, deu nome da mãe e o nome do cara que poderia ser o possível pai dela; que era ele. E queria marcar um encontro. Não queria que fosse na TV, para ele não ficar constrangido. Só queria que ele

entrasse em contato com a rede de TV para marcar um encontro e tudo isso. Aí ele assim.. meu marido é seis anos mais moço do que eu, mas ele é o conselheiro dele. Aí ele pegou, chamou o meu marido e falou: "Araponga, será que eu devo ir? Eu tô achando que essa menina é minha filha". Aí o Araponga assim: "Pô, tu tem três mulheres e não conseguiu ser feliz. Se tu tem uma filha, tu tem um filho de 18 anos e a menina aqui do Rio Tavares, ela mora na Lagoa. De repente, vai que tu encontre essa tua irmã, tu namora com ela. Vai lá ver qual é; se quiser fazer um teste de DNA. Hoje em dia, tem para saber se ela é realmente tua filha. E a menina disse que não queria dinheiro, não queria nada, só queria conhecer o pai que era o sonho dela. Mas essa alemoa não podia saber. Os filhos dela vão na casa dela. Sabe o que é maltratar uma criança? Não fazer janta pras crianças, não comerem; eu acho que não começa aí. Porque se o marido dela tem dois filhos, ela sabia. Então, ela não pode tratar mal os filhos. E aí que vem o respeito de uma relação. Entendem? É realmente, ela foi saber que ele era casado e tudo depois do casamento, quando ela mostrou essa revolta com os filhos. Fizeram tudo escondidinho para ele conhecer a filha. Conseguiram. Chegou no dia do encontro. Ela trabalha o dia inteiro de secretária de uma médica. No dia do encontro, ela se sentiu mal depois do almoço. O encontro era às 3 horas na casa da minha sogra. Chegou depois do almoço, ela se sentiu mal e veio para casa da minha sogra, que sabia que ele ia estar lá esperando. E a menina ia chegar às 3 horas da tarde para tomar um café com ele. E nós, uma dizia assim: "Vamos, Nadri, dar uma volta? Uma caminhada para espairer". Ela disse: "Não, tô com mal estar, eu não quero", ela dizia. "Vamos lá?". E ela dizia: "Não quero!". "Vamos na venda comer!". Porque a gente tinha que tirar ela dali. Aí não vimos jeito e deixamos. A menina chegou toda bonitinha. "O Aurino mora aqui?"

Rosane

Que idade ela em?

Gralha

Uns 12 anos, ela já é adolescente; 12 ou 13 anos. "Aqui mora o Aurino?". Aí ele atendeu, né? "Sim, sou eu". Aí ela assim: "Você sabe quem eu sou?". Ele assim: "Não". Ela assim: "Eu sou a menina que provavelmente sou sua filha"... e não sei o que. Ele se abraçou e chorou com a menina e ela simplesmente fez isso: "Tá pensando o quê? Pô, cara!"

Gralha

Ela como filha, o casamento deles acaba.

Esperança

Então assim, eu voltando, eu escrevi aqui: "O ser nasce com dom para a família, onde a preserva, respeita, vive especialmente para ela, coloca-a num pedestal. Obrigado por você ser assim".

Gralha

A Esperança hoje tá romântica.

Esperança

É assim, eu acho que até as pessoas, tem assim aquela coisa: mulherengo, aquele é mulherengo, não tem jeito, nasce com um dom do homem, ou da mulher, disso aqui, um dom para a família.

Mãe

Ele se 'esperta' pra isso. Ele não nasce. Nós todos temos isso dentro da gente, é mesma coisa com a modelo, a modelo ela é fechadinha, o que que ela faz.

Esperança

Desenvolve o dom pode ser, mas nasce com a sementinha.

Rosane

É mesma coisa quê?

Mãe

Uma modelo, ela é fechadinha, mas aí elas preparam ela para quê? Para se soltar, encontrar aquilo dentro dela pra ela se expor, no caso. Mostrar assim, uma foto bonita. O casamento é a mesma coisa, tem

mulher que se casa, não se espertou para aquilo, não tem aquela, e o companheiro tem que batalhar, pra ela ser uma mulher ideal pra ele. E o homem, mesma coisa, nasceu com aquilo, mas a mulher tem que batalhar para ela...

Gralha

Mas eu acho que a partir do momento Zé, mesmo que tu namore um mês com a pessoa, tu entenda ela, é como ela diz, o marido dela já foi mulherengo, mas ele pode ter parado, porque ela soube dar toda a compreensão pra que ele fizesse isso. Agora três casamentos, não vai ter uma mulher que...

Mãe

Ela foi ser suficiente mulher pra ele, que as outras não foram.

Gralha

Às vezes, tu sabe que teu marido gosta de dar uma escapadinha, porque não tem um homem que não faça isso...

Mãe

Ela soube ser...

Gralha

... tu nunca vai ter um casamento, porque a liberdade...

Mãe

Se eu chego em casa, eu casei com a minha companheira, trazia rosas pra ela, um montão de coisas, levava no cinema, barzinho. Depois que eu casei, veio o primeiro filho, o que que eu faço? Proibi ela de usar saia, proibi ela de usar bermuda, perai tô dando uma colocação.

Gralha

Machista!

Mãe

Então se eu proibo ela disse tudo o que é que vai acontecer? Provavelmente meu casamento não vai agüentar muito tempo. Um par de antenas eu vou ganhar! Porque eu maltratando a mulher dentro de casa... Muita gente, o homem: "Pô, porque essa mulher é sem vergonha. A mulher não é, é você esperta ela. Então quer dizer, a mulher o que é que faz, o cara lá fora..."

Gralha

Você se educa para aquilo também. É claro, o homem educa. Eu caso contigo, vou pro fogão, vou pro tanque...

Mãe

Mas eu não faço isso com a minha!

Gralha

E tu fica me metendo os pés, me metendo os pés, você tá fazendo com que eu procure um cara...

Mãe

A minha companheira tem liberdade pra tudo. Quando eu casei eu coloquei pra ele em prato limpo. A minha vida, as namoradas que eu tive, e até tive perto de casar com outra moça, que tem um ano eu terminei pra ficar com ela. Namoremo; a minha família e a dela, não queriam nosso casamento. Então nós namoramos 5 anos escondido. 5 anos.

Rosane

Que é tua atual companheira?

Mãe

Isso, é minha companheira hoje. Quando ia para o sexto ano, engravidei. Eu não, ela. Fica ruim eu ficar grávido, né? Daí nós ficamos batendo a cabeça e aí? E agora? O que é que a gente vai fazer? Primeiro lugar, com a tua mãe eu não quero morar e nem com a minha mãe. A minha mãe eu gosto dela de montão. Deu a maior força. Eu acho que tu conhece a minha mãe, né? Poxa então, como a minha sogra, eu acho que tu conheceu também, meu sogro. Então ela disse, não, eu não quero morar com nenhum dos dois. Vamos fazer o seguinte, eu vou pedir a tua mão em casamento, a partir de hoje, assim que eu vi o exame dela. Nós descesmos; eu não fui para o meu trabalho e ela não foi para o dela. Cheguei na casa da mãe dela: "É mas primeiro vocês tem que conversar com os pais, pra ver se topa. Aí eu disse: "Ó, o negócio é o seguinte, eu vou casar é com a sua filha, não é com a senhora, nem com meu pai, nem com a minha mãe. Então eu tô vendo que não dá pra conversar nem com meu pai, nem com minha mãe, não dá pra conversar nem com a senhora, nem com o...". Então o negócio é o seguinte: cheguei no meio da rua, em frente da minha casa e da dela, peguei a aliança e botei na mão dela. Fui no outro dia, falei com o padre, fiz o curso de casamento, casei assim mesmo e pronto. Fiz uma casinha dentro de um mês. Foi um sufoco, me arrebentei todo, mas fiz a casinha. Hoje... nasceu a Camila, que tem nove anos, gosto dela de montão. Poxa, sou apaixonado pela minha filha.

Rosane

Tu tens uma filha?

Mãe

Uma filha de nove anos. E uma de três.

Gralha

Duas filhas?

Mãe

Isso! Eu sou apaixonado por mulher.

Rosane

Duas ou três?

Mãe

Duas.

Gralha

Se fosse apaixonado por homem seria diferente!

Mãe

Não, pra mim é por menina. Eu não sou muito encarnado por menino.

Gralha

Ah, eu tenho dois filhos homens, se tivesse o terceiro, seria outro homem.

Mãe

Tanto que a gente planejou direitinho pela lua, tudo direitinho, e tal.

Rosane

Ah, planejaram?

Mãe

Isso, pra vim as duas meninas. Pra mim eu sou super-contente com meu casamento. Satisfeito de montão. Agradeço a Deus de montão, porque é só Ele que eu posso agradecer.

Esperança

Eu penso a Deus e a mim.

Mãe

Pelas amizades que Ele dá pra mim. Conforto que Ele dá pra mim. Tudo, por essas pessoa que estão aqui hoje. Então tudo o que acontece na nossa vida, tem um motivo, então eu hoje planejei só dois filhos. No nosso casamento. Chegou. Não aceitei que ela fixesse ligadura; ou qualquer outra coisa no corpo dela, não aceito, sou contra isso. Porque já que Deus deu um dente pra nós, esse dente serve para alguma coisa. Sou contra. Sou contra o homem fazer também. Eu só sou a favor de tirar um filho, se for estupro. Aí eu sou a favor. Ou se ele é doente mental.

Esperança

Mas aí fica a mulher se sacrificando por outro lado, porque tomando anticoncepcional, é outra forma de...

Mãe

Mas isso aí se acaba. Hoje, nós temos um aparelho tão bom aqui no posto de saúde.

Rosane

Pessoal, eu só quero lembrar vocês do horário, que vocês mesmo colocaram. A gente tem disponibilidade, mas ela tem compromisso... então a gente podia continuar esse assunto...

Mãe

Mas deixa eu só terminar esse trechinho.

Gralha

Olha, a outra vez da injeção da sua mulher, terminou nove e vinte...

Mãe

E não apliquei. Porque eu fiz primeiro socorros, e a gente não leva na farmácia...

Gralha

Uma vez eu fui dar injeção no meu marido, deixei o tubo injetado e caiu no chão. Ele teve que tirar sozinho. Nunca mais...

Mãe

Então hoje no posto de saúde, nós temos o DIU, que vem da França, o outro vem da Alemanha.

Gralha

São bom, eu já botei também.

Mãe

O valor dele, é hoje em torno de oitocentos.

Gralha

Não, mas no Posto de Saúde é de graça.

Mãe

É de graça, mas se for pagar, é oitocentos reais. Certo? Mais a colocação é quatrocentos reais. Então quer dizer dá um e duzentos. Então o Posto de Saúde dá gratuito isso aí. E isso aí não prejudica a mulher. Se ela acompanhar direitinho, fizer ultra-som direitinho.

Gralha

Eu concordo com ele. Eu fiz laqueadura, eu já usei anticoncepcional, eu usei DIU; eu liguei porque realmente foi preciso.

Mãe

Isso acaba com a mulher. Outra coisa, cesariana eu também sou contra.

Gralha

Mas não tem passagem, Cristo. Eu tive duas. Meu filho nasceu com a cabeça desse tamanho, parecia o ET de Varginha...

Mãe

Vamos supor, hoje você faz, e se não der certo, se não der certo o que é que acontece, você fica com a cicatriz, não fica legal. Pra mim isso tudo faz parte da família saudável. Porque ela não pode mais seduzir o seu companheiro, porque ela fica até com complexo, por causa dessa....

Solidária

Não, depende da mulher, é psicológico.

Esperança

A minha nem se vê. Garanto que a minha nem aparece. Isso vai de mulher pra mulher.

Mãe

Eu não sei. Eu vou trazer ela aqui pra nós...

Rosane

Que bom. Pois é, né?....

Mãe

Hoje ela não veio porque foi ao dentista, e teve que fazer uma limpeza, tá com, tá lá reclamando por causa de um dente dela.

Rosane

Pessoal, eu fico com pena de interromper... Bom, o que eu vejo assim, o movimento do nosso grupo: a gente vem falando de família saudável, da onde vem a imagem de ser família saudável, e a gente vem caminhando. Na penúltima reunião, nós falamos, entramos na questão dos filhos; claro, veio uma série de coisas junto. Passamos, na reunião passada por alguns problemas que existe na família. Vários problemas: doenças, drogas, inveja, roubo, coisas que a família pode enfrentar, como enfrentar os problemas que fazem parte do viver. E isso apareceu: a vida, se falou sobre o viver, sobre a vida, sobre o ciclo em que nós somos filhos, nós, os nossos pais; daqui a pouco, nós somos pais, temos os nossos filhos e como a coisa vai se processando. E hoje, quando a gente retoma de onde vem a imagem de ser família saudável, nós centramos na questão do casal; ainda não tinha aparecido esse foco. É como... aqui é como se a gente tivesse assim, num cenário, num espetáculo, e cada dia aquele foco de luz fica numa coisa. Essa é a imagem que eu tenho. Então cada dia: já focamos no trabalho, vocês que estão selecionando isso. E hoje foi na questão do casal, o espaço que cada um tem, enquanto casal, o respeito a esse espaço do outro, a questão de discutir em família pra esse respeito...

Gralha

Eu vou ter que ir, vocês ficam fazendo energia para mim. Tchau, gente.

Rosane

E na relação a dois pintou por aí a questão do ciúme, a questão da alma gêmea, a questão da relação, do olhar, do construir, então eu acho que por aí, nesse resumo a gente pode encerrar. Vamos lá.

Mãe

Eu tô tentando arrumar uma coisa. Vou tentar, se o nosso grupo aqui continuar, quero ver se eu consigo uma massagem pra vocês. Não sou eu que vou fazer não. Porque se eu fizer, os homens vão vir aqui querer me linchar.

Rosane

Como a gente precisa relaxar, isso também apareceu aqui hoje, né?

Mãe

Não sei se vocês concordam com isso?

Rosane

Inclusive nós estamos nos preparando aos pouquinhos para o encerramento desse ano. Nós temos mais uma reunião e depois vai ser a despedida. Já tem uma proposta de a gente fazer... é fazer uma confraternização... E outra coisa que eu pediria que vocês pensem o que que gostariam de trabalhar no ano que vem, o que é que vocês querem trabalhar? Querem palestra, querem teatro... gostam dessa coisa.

Mãe

... se é que teatro. A nossa vida já é um teatro, né?

Esperança

Mas é bom.

Rosane -... aí vocês vão pensando...

Mãe

Trazer uma pessoa pra conversar, fazer uma massagem, relaxar,...

Rosane

Fazer uma respiração, pra encerrar, e levar daqui, agora, o contrário: tirar dessa circularidade nossa, uma energia bem boa, bem positiva, como vocês tanto colocam aqui, pra levar durante a semana e a gente se encontrar mais uma vez...

Mãe

Hoje eu peço desculpas de ter chegado tarde,... Importante, mas deu pra mim desabafar um pouco,... O que nós estamos fazendo aqui... e vamos seguir em frente, porque nossos passos, nossa vida, tá ficando cada vez mais curta... Nós temos o quê? Mais um ano de vida, será? Não sabemos. É um mistério, nós temos que estar aqui pra alguma coisa, é um mistério. Eu acredito que... encontrando aqui nesse momento também.

Rosane

Que bom, isso já é uma grande coisa pra esse grupo também, se consegue dar respostas, né? É aquele mergulho que a Cajuzinho trouxe naquela fala... A gente mergulha dentro da gente mesmo, e também nós aqui somos alguém, enquanto grupo, e a gente também tá sempre mergulhando dentro da gente.

Mãe

... sente um vazío.

Esperança

Não acho! Uma satisfação.

Mãe

Não, uma satisfação, se se sente bem, passa a perguntar: por quê que aquele sofre, porque que aquele tem demais, porque que aquele é assim... eu queria que todos fossem iguais...

Esperança

... não compete a tí só.

Mãe

Não cabe, mas se todos nós mergulhássemos juntos, na mesma, eu diria que esse mundo...

Esperança

Eu já tenho preocupações demais...

Mãe

Porque a maioria das pessoas que tem a fatia maior, só pensam no dinheiro?

Esperança

... e algumas coisas já...

Mãe

E o dinheiro compra tudo...

Solidária

Ele não compra, ele ajuda.

Mãe

Quem tá lá em cima... eu falo mais por parte política.

Rosane

Pois é, então gente. Alguém quer colocar mais alguma coisa?

Esperança

... ser humano, tá... ser biológico... espiritual... a gente esquece de estar alimentando...

Mãe

Mas será que a Bíblia... ?

Esperança

Mas será que é só na Bíblia que a gente encontra o alimento para o espírito? Eu acho que não.

Mãe

Mas ajuda.

Rosane

Vocês querem colocar alguma coisa? Então tá ótimo. Que bom que vocês estão aqui conosco, vamos se aproximar e gritar nosso

O B A!!

Resumo I

VIII Encontro -7a Oficina – 11/11/97

Estavam presentes: Esperança, Gralha e Solidária.

Início dos relaxamentos às 7: 15. Todos falaram que estavam contentes e tinham passado bem durante a semana.

Esperança leu o seguinte poema:

VALOR DE UM SORRISO

“Oferecer um sorriso, torna feliz o coração.

Enriquece quem o recebe sem empobrecer quem doa.

Dura somente um instante, mas a sua lembrança permanece por longo tempo. Ninguém é tão rico a ponto de dispensá-lo, nem tão pobre que não possa doá-lo.

O sorriso gera alegria na família, dá sustento no trabalho e é sinal tangível de amizade.

Um sorriso dá consolo a quem está cansado, renova a coragem nas provações e é remédio na tristeza.

E se um dia você encontrar quem não lhe ofereça um sorriso, seja generoso e ofereça-lhe o seu. Ninguém tem tanta necessidade de um sorriso quanto aquele que não o sabe dar. ”

À seguir, as três reuniram-se em grupo e escreveram num cartaz o que elas acham de onde vem essa imagem de família saudável. Para essa atividade foram dados 15 minutos.

Nota: Gralha demonstrou estar muito contente em estar no encontro. Disse que na última reunião o marido brigou com ela por esta ter chegado em casa muito tarde. Depois ele entendeu e deixou ela retornar. Disse que isso foi uma vitória para ela.

Esperança é a que mais falou durante toda discussão.

Mãe acabou de chegar e começou a fazer parte da discussão.

Azedo também chegou atrasado.

Início da discussão.

Colocaram que tudo inicia com o nascimento de um ser. Depois vêm a experiência de vidas de grupos (escola, vizinhos, amigos, clínica...).

Esperança afirma que precisamos nos conhecer muito para depois entender família saudável.

Gralha diz que devemos respeitar os nossos limites e dos outros. “Se o meu marido tem direito de jogar futebol, sair porque eu não posso vir aqui nas terças? ” Tem que ter respeito.

Esperança diz que temos que conquistar o nosso espaço, mas que tudo tem seus limites, devemos saber até onde ir.

Gralha hoje estava bem empolgada, “serelepe”.

Mãe diz que, em termos de relacionamento, no início imaginamos que o amor alimenta tudo e que com o passar do tempo isso muda.

Solidária permaneceu calada na maior parte do tempo.

Mãe diz “o lar é sagrado. Maravilhoso, tem energia boa para ele é tudo”.

Grande discussão a respeito da fidelidade, amor e casamento.

Mãe hoje não falou muito como de costume.

Abriu discussão sobre métodos anticoncepcionais.

Término da reunião com avaliação final.

Resumo II

VIII Encontro - 7a Oficina com Pais – 11/11/97

Para começar foi feito o relaxamento, e Esperança trouxe dois textos para ler. Cada pessoa falou como passou a semana e como estava. Rosane explicou a proposta e as pessoas sentaram e começaram a fazer o cartaz.

Estavam presentes Gralha, Esperança, Solidária e a filha.

As três falaram sobre natureza, nascimento...

As perguntas propostas:

De onde vem? De onde surgiu? De onde construímos? A imagem de ser família saudável?

Quem está colocando, falando mais no grupo, é a Esperança.

Chegou Mãe, um pouco atrasado, mas veio, com sua bicicleta.

Rosane explicou para Mãe o que estava sendo feito. Mãe leu as perguntas, e Gralha falou o que eles tinham feito e ele começou a discutir também.

Chegou o vigia.

Acabou o tempo e agora vai ter a discussão.

Esperança e Gralha colocaram que a imagem de ser família saudável vêm do nascimento de um ser, da educação, da experiência da vida em grupo de diversos tipos.

Para passar algo de bom pra família é preciso se conhecer.

Gralha reclamou do machismo, contou do marido que sai para jogar futebol e ela não pode. Conversou com o marido e eles se acertaram. O filho também entrou na conversa para discutir se ela viria ou não na reunião.

Solidária permanecia calada, só prestando atenção.

Esperança contou sobre um episódio que aconteceu com ela e seu marido, depois que eles casaram, e ela queria sair com as amigas. Diz que conhece suas limitações e que ninguém precisa cobrá-la.

Gralha contou também sobre as alianças dela e de seu marido, que ambos não usam e não ligam pra isso.

Mãe comentou sobre casamentos, início de família filhos, responsabilidades. Solidária continua calada.

Gralha comentou sobre seu casamento. Mãe comentou que não aceita discussão dentro de casa, na frente dos filhos.

Esperança, Mãe e Gralha falam ao mesmo tempo. Mãe diz pra não morar com sogra e sogro. Solidária concorda e diz que seu casamento também é bom. Que ambos são fiéis, que se respeitam.

Esperança também contou sobre uma experiência com seu marido e um amigo. Esperança escreve algo no cartaz sobre nascer com um dom para a família. A discussão se estende com o assunto da vida a dois.

Rosane começou a fazer os comentários finais. Que hoje a discussão esteve centrada na vida a dois.

Encerrou.

////////////////////////////////////

7a Oficina – 11/11/97

Espaço – Respeito ao Espaço do Outro

Discussão em Família

Relação a Dois (Ciúme)

Alma Gêmea...

Para o dia 18/11/97

Quem é de família?

O que é família?

Qual a imagem de ser família saudável?

Selecionar apelidos para o texto.

Conversar sobre o que _____

Pedir autorização para quem _____ visitar para ver _____ questões que possam precisar de aprofundamentos.

Avaliações:

Pontos positivos

Pontos negativos

Sentimentos

Recursos

Horário

O que gostaria _____

Notas do Pesquisador

VIII Encontro -7oOficina- 11/11/97

É possível observar a solidariedade orgânica nos relatos VII. 3 e 4.

Aparece a arte no cotidiano das pessoas VII. 5.

Há analogia com a natureza? Ao falar de onde vem a imagem de ser família saudável, do amor à vida, de melhorar.

Borboleta - Borboletinhas

Égua - potrinho

Ovelha - filho da ovelha. (VIII. 7).

A imagem de ser família saudável relaciona-se com o que consideramos o bom e importante para si mesmo, e para a família, e para isto, é preciso se conhecer e ter sensibilidade.

“Se eu não sei o que é de bom para minha família, eu não tô me conhecendo”.

“Eu tento pegar através de “n” convivências o que é importante para tua vida. Mas para isso, tenho que me conhecer para saber o que é importante para mim. ”

“Tem que, ter sensibilidade para perceber o que é bom para minha família”.

O que será que Esperança queria dizer com “Claro que tudo também tem suas entrelinhas”?

Limites e possibilidades.

Ciúmes

Casca

O que é esta casca?

“Dedicam tudo ao amor, esquecendo as coisas mais principais, uma casa, um emprego, sei lá. ”

O grupo tem bom humor!

Teatralidade

“A nossa vida já é um teatro, né?”

Mãe fala que o dinheiro compra tudo e o amor.

Não sustenta uma estrutura “dedicam tudo ao amor, esquecendo as coisas mais importantes.

Notas Teóricas

No VII. 34/7. 3,4 existe um relato de solidariedade orgânica (Violeta).

Segunda-feira tem uma reunião com divisão própria da gente.

Na VII. 4 - solidariedade mecânica.

IX Encontro (Reunião do Núcleo):

18/11/97

Um exercício de cidadania...

Violeta:

“... a gente tá defendendo de uma forma geral; a diretora do Canto da Lagoa, se faz presente, não sei se tem mais alguma escola. E ontem a gente convidou na reunião, as escolas que tivessem presente, que quisessem fazer parte da reunião, estava aberto... Qualquer cidadão que quisesse participar. Então assim ó, o objetivo da reunião, desse encontro de hoje, é, que saiu a portaria, pela Secretaria Municipal de Educação, onde fala das matrículas dos alunos, e das inscrições novas que vão acontecer para o ano de 98. E nossa preocupação é que saiu nesse documento, que é uma coisa assim, séria. Penso eu particularmente: o aluno que já está nas unidades escolares da rede do município, tanto dos NEI, como no educacional, e tanto nas creche. A gente já tá na rede há bastante tempo, eu desconheço que saísse qualquer portaria dizendo que aquelas crianças que já estão frequentando as unidades, agora aqui a... pode ajudar, que elas não tenham mais direito. Não é direito, dependendo da quantidade, do percentual, da renda familiar, se a renda do aluno crescer, se o pai por felicidade aí conseguir por mérito, por esforço, um trabalho mais digno, se o salário melhorar nesse período aí, desse espaço de trabalho, com essa portaria agora, o que é que vai acontecer? E Esse esforço desse pai... concurso, mesmo se ele conseguiu montar o trabalho por ele mesmo, como autônomo, sei lá outra coisa que seja, essa portaria, ela tira na verdade o direito dessas pessoas. É uma preocupação muito grande, tanto de nós enquanto unidade, e enquanto pai, particular, que, antes de mais nada, eu também estou como membro, eu estou como mãe. Me enquadro em primeiro lugar. Eu dou meu exemplo que, além de ser, diretora, de ser professora, a gente é mãe, tenho filho nessa unidade escolar, estou muito preocupada que... já está na rua. Então o que é que acontece com nós, não se tem direito. Saiu nesse último contracheque do mês de outubro um mosquitinho que dizia que funcionário teria direito a uma ajuda, uma bolsa, uma escola particular, juntando a renda da família no caso. Vou dar o meu exemplo de novo, junta o meu lá com o do meu marido: o que é que acontece? Ou se ganha um salário desse tamanho, ele chega desse tamanhozinho; o que é que acontece? Ultrapassa a renda, não se tem direito ao auxílio, a bolsa de uma outra escola, em compensação não tem direito, não tem da escola nem do lado de fora e nem a nossa, que a nossa escola pública. Em primeiro, se a gente fosse escolher, primeiro a gente vai escolher, aquela escola que tu acredita, aquela escola que a gente tanto zela, aquela escola que a gente trabalha. Então por isso que a gente achou interessante, importante, chamar a comunidade, pra gente junto tentar fazer alguma coisa. Porque se a gente fecha o olho, diz não, a portaria é essa, como alguém já nos disse. Não, a portaria saiu e é daí a gente vai ter que assumir, pode ser até que a gente não consiga reverter o quadro, mas pelo menos a gente vai se dar ao luxo de dizer: “Nós lutamos”. A gente fez alguma coisa. Porque eu acho que a gente, eu penso assim, se a gente for unido, tentar trabalhar com todas as comunidades, não só a comunidade da Lagoa. Hoje eu não posso só falar da Lagoa, porque nós temos aqui o Canto da Lagoa. Então eu penso se todas as comunidades tomar consciência da gravidade que está aí, eu acho que alguma postura vai ter que ser mudada. Minha maior preocupação: a matrícula, ela começa amanhã, vai de 19 até 25, então o tempo é assim ó, muito curto. Então, o sindicato já entrou em contato com essa situação toda. Ontem já teve reunido na escola básica sob conselho municipal, a educação que está em estudo, que tá aí, pra formação do conselho,... Professores reunidos; ontem a gente teve reunido na Escola Básica, teve bastante pai da unidade presente, e o sindicato teve presente também nessa reunião, e ele, a gente até convidou pra que eles ficassem presentes. Só que tem um mundo de escolas apavoradas, e eles não podem se dividir, o sindicato é muito pequeno e são 40 unidades infantis, não que tem... do sindicato, né. Sensitiva... tá reduzido em oito, em seis não sei quanto. Então, o sindicato acabou de nos ligar, que dia 20, quinta-feira, três horas da tarde, lá no auditório da Catedral. Eles vão fazer um manifesto, lá; uma reunião, convidando todas as comunidades a se fazerem presentes, que eles vão tentar, tentar não, vão ter que levar à senhora Secretária de Educação e a Dominha para que as pessoas digam, pessoalmente, a elas o transtorno que tá causando na vida das famílias. Então é assim, o objetivo central hoje é assim, é estudar, é bolar. Tem bastante gente e isso é bem interessante. E juntos, ver com vocês aqui, o que é que pode ser feito, qual é o encaminhamento, que proposta vai ter pra gente poder encaminhar. Vou até passar, porque eu acho que eu já falei demais, né? Vou passar a palavra aqui pra Sensitiva, se ela quiser colocar, o que eu esqueci de argumentar, aí.

Sensitiva

Eu acho que seria interessante a gente dar uma lida, em alguns pontos, pra esclarecer melhor, pras pessoas compreenderem o problema sério que a gente tem nas mãos. Num lado, na portaria, ele coloca que pra tu ter direito a vaga, tens que ter uma renda per capita de 1 salário mínimo. Então, uma pessoa que ganha, que recebe 500 reais, que tem pai e mãe que trabalha. Digamos que o pai recebe 300 e a mãe recebe 200, e têm dois filhos: esses já não teriam uma vaga garantida. Não que isso pudesse vir a acontecer no início do ano, mas tu não tem garantia de vaga, independente de o teu filho já estar na escola há dois ou três anos. Então o que mais me preocupa nisso é assim que preocupação a gente tá tendo de educação infantil? Que escola é essa que está apresentada nessa portaria? É um depósito de criança onde tu bota, tu tira, não tem relação nenhuma com a turma delas, com os amigos, com a própria escola. Eu fico imaginando assim, uma pessoa que de repente por ter um salário maior, vai ter que chegar para o seu filho e dizer olha, nessa escola tu não pode mais estudar, independente do teu grupo, da tua turma, dos vínculos que tu tenhas formado, tu vai ter que sair dessa escola. Essa é uma das questões sérias que eu acho que a gente deve estar atento, que está dentro de toda essa postura política, que está aí dessa estrutura, onde está priorizando o ensino fundamental, e não tá dando obrigatoriedade, pra educação infantil, apesar de ela ser considerado como básica. Então, tem questões da lei da... que estão intrínsecas aqui dentro dessa portaria, que a gente precisava compreender um pouco melhor até, né? E aquelas reuniões que está tendo na escola básica, que ontem teve, era sobre isso, essas questões da... que estão aí, que nos dá. O que a gente ficou sabendo ontem, é que o Conselho Municipal de Educação, nem está a par, não estava até ontem a par dessa portaria. Então se foi feito aleatoriamente, sem consultar ninguém, nem uma instância de... foi consultada. O Conselho Municipal é um órgão que deveria estar discutindo; ter discutido junto com a Secretária, com a Prefeita, isso aqui, e não foi discutido. Uma postura extremamente autoritária da Secretaria, por ter nos colocado, dois dias antes de iniciar, com uma Portaria dessa, onde fica todo mundo na maior insegurança. E assim, nós estamos passando por uma crise muito séria, hoje na escola, eu percebi nos olhos das pessoas a preocupação, porque tu tá numa instabilidade constante: de perda de emprego, tá todo mundo desempregado, tá todo mundo sem saber como vai ser seu salário mês que vem, tá todo mundo com problema com banco; com conta, e assim, nem sequer a garantia de ter seu filho na escola pública, não se tem mais. Isso é muito sério, independente de eu saber que talvez eu consiga, o ano que vem, talvez tenha gente que ganhe menos do que eu. Mas essa insegurança é que nos faz muito mal, que prejudica muito a nossa saúde, então eu acho que é uma coisa que a gente tem que ficar muito atento, até que ponto tão destruindo o nosso ser, a nossa posição de cidadão dentro da nossa cidade? E outra questão que aparece na portaria é a história assim: se tu tiveres desempregado, tu tens 45 dias para arrumar um outro emprego, caso tu não consigas... Caso tu não consigas em 45 dias, arrumar outro emprego, seu filho também está sujeito a sair da escola... ou então reduz pela metade. Isso quer dizer, num país onde o desemprego está aumentando, cada vez mais, a gente tá todo mundo sujeito a perder o emprego, a gente não vai mais nem ter acesso a poder colocar nosso filho na escola pra procurar emprego e pelo menos pra ter um lanche da escola e o acesso à educação. Então é muito sério.

Violeta

É uma coisa que dá pra, assim, pegar sobre a portaria,... Sobre a portaria, a gente teve reunião de diretor e se discutiu com detalhes assim a portaria, né? Ó Sensitiva, se discutiu, em momento algum foi levantado a questão do risco das unidades aí perder, da criança perder a vaga. Não foi levantado ponto nenhum. Então assim, foi discutido sobre a avaliação, ela, da educação infantil, ela... reprova, vai ser de acordo com a idade, se a criança... mesmo se ela não conseguiu pegar todo o trabalho que a escola oferece,... pra outra escola,... pode se desenvolver, a lei garante isso. E aí quando a gente viu que naquele artigo dizia que para o aluno permanecer tem que ter uma renda per capita, como a Sensitiva diz, de um salário mínimo. Na reunião que a gente tava presente, a gente queria mais era morrer! Muitas pessoas se levantaram, eu fui uma delas. Foi colocado para Abacaxi (?) que era um absurdo, porque nunca iriam tirar da inscrição, não é num dia nem dois, são duas semanas de período de inscrição. Eu acho que um cidadão que se preocupa com a educação, mesmo que more lá no fim do mundo, do morro, se a única escola dele for essa aqui, ele vai vir procurar a escola, fazer a inscrição. A criatura que não tem interesse mesmo pela educação, que tanto faz quanto fez, ela não vai vir nem agora, ela vai se dar conta lá no final do ano. Então eu penso assim, a escola, os alunos que ali estão, não podem ser prejudicados pela ausência dos pais, pela não importância. Então, por isso assim que a gente tem que tomar atitude. O Quartzo quer colocar.

Quartzzo

Gostaria de dar uma boa-noite à todos. Ontem eu estive na reunião do colégio lá também, e hoje eu falei,... (Eu trabalho no IPESC, que tem um irmão da Ângela Amin que trabalha no IPESC.)... e eu conversando com ele, colocando a situação da Lagoa,... Eu até não quero entrar em detalhes com respeito a portaria, que eu desconheço essa portaria não posso falar... Mas falando com ele Violeta, ele foi enfático e disse o seguinte: as crianças que estão estudando no NEI, não vão sair, vão continuar estudando nesse mesmo colégio, segundo essa pessoa falou. É o seguinte, as pessoas que moram na Lagoa, que tem o NEI, elas têm os direitos de colocar as crianças no NEI perto da sua casa. Por exemplo: a pessoa que mora no Canto dos Araçás, não tem NEI lá pra colocar as crianças. Onde é que tem mais próximo, na Lagoa? O direito é aqui na Lagoa. Quem mora no Canto da Lagoa, não tem colégio para botar a criança lá. Qual é o mais próximo? É a Lagoa, tem direito de colocar na Lagoa. Então eu quero colocar que o que ele passou pra mim hoje: que as crianças que estão estudando já nesse colégio, não vão sair, vão continuar sendo matriculados, e vão continuar estudando no colégio. E as crianças que não pediram vaga ainda, elas tem o direito porque moram na Lagoa, mais próximo da sua escola. Agora, com respeito aos critérios financeiros, isso aí ele não me colocou, e eu não posso falar pra vocês também, até porque desconheço essa portaria. Eu acho que o importante disso tudo aí era nós ver essa portaria, até pra ver detalhe por detalhe com respeito a essa portaria, o que é que diz essa portaria, até pra nós ser mais objetivo com respeito a alguma coisa, algum critério que possa ser feito alguma coisa.

Violeta

Vamos escutar a mãe ali.

Mãe

Eu quero saber o que eles pretendem fazer, se está definido, o que é que eles vão fazer com as crianças que não se encaixam nos critérios da portaria?

Violeta

Assim, ó. As crianças que não se enquadram nesse processo, simplesmente não tem.

Mãe

Não tem direito a escola? Mas isso é ilegal. Isso é "apartheid".

Violeta

Tem prioridade o ensino fundamental; educação infantil não é obrigatório. Então tanto faz como tanto fez para ela.

Mãe

Mas eu acho que o governo, uma prefeitura não pode fazer essa separação, de que... salários mínimos, ... a Angela pensa que está na África do Sul?

Violeta

Então, é por isso que nós vamos ter que mostrar para a criatura, que nós não estamos lá, a gente está aqui.

Pai

Já está publicado essa portaria?

Violeta

Sim.

Mãe

... lê pausadamente.

Pai

Vou ler essa portaria aqui porque ela não é muito extensa, então eu acho que em cinco minutos dá pra ler ela. Se vocês concordarem eu vou ler.

A portaria 16/97. Eu vou pular aqui. Artigo 1o – Fixar nas unidades de educação infantil, o seguinte calendário de matrícula. Então tem o calendário, que eu vou pular, vou ao que mais interessa.

Art. 2o – O preenchimento de vagas nas unidades de educação infantil obedecerá critérios de seleção a seguir discriminados:

1o Rematrícula – fica condicionado a: apresentação dos documentos no ato de inscrição que são: cartão de vacina atualizado, comprovante de trabalho de renda dos pais ou responsáveis, cuja renda per capita familiar seja de um salário mínimo, com comprovante de residência no município de Florianópolis, e tenha a criança assiduidade a 75% no ano de 97. Isso então são das crianças que já estão na escola. Agora as novas inscrições: a) as crianças encaminhadas pelo conselho tutelar; b) crianças cujos os pais ou responsáveis residam no município de Florianópolis, desenvolvam atividades remuneradas e tenham a menor renda per capita..

Artigo 3o: no ato de inscrição para as novas matrículas, deverão ser apresentados os seguintes documentos: cartão de vacina atualizado, certidão de nascimento da criança, comprovante de renda dos pais ou responsáveis correspondente aos mês de outubro de 97, comprovante de frequência dos irmãos, se houver matriculado na escola, a partir de sete anos de idade, e documento que comprova a residência dos pais ou responsáveis no município de Florianópolis. Parágrafo 1o – Caso seja constatado qualquer irregularidade na declaração de trabalho, de renda, haverá cancelamento imediato da matrícula, ou rematrícula, a qualquer tempo. Parágrafo 2o – Na hipótese dos pais ou responsáveis (isso foi o que a Sensitiva comentou) ficarem desempregados, será concedido o prazo de 45 dias para a apresentação de um novo comprovante de trabalho, sob pena de redução do período de atendimento da criança ou perda da vaga. Parágrafo 3o – A criança cujos pais ou responsáveis apresentarem comprovante contendo auxílio creche, não menciona o valor, não terão direito a matrícula na rede municipal de Florianópolis. Artigo 4o – A direção da unidade escolar será responsável pela constituição da comissão de matrícula que fará a classificação dos alunos para o ano letivo de 1998. A comissão de matrícula será composta pelo diretor da unidade escolar que a presidirá, por dois representantes funcionários da unidade de educação infantil e por dois representantes da AAPP, ou conselho de escola, ou pais. Parágrafo único – A lista de classificação será afixada na unidade de educação infantil à partir do dia 15 de dezembro do corrente ano, em local visível, identificando as matrículas efetuadas e a lista de espera. Artigo 5o – As inscrições na unidade de educação infantil permanecerão abertas no decorrer do ano letivo, cabendo a comissão de matrícula classificar ou desclassificar a lista de espera com o surgimento de novas vagas, garantindo os critérios estabelecidos no artigo 2o, dando prioridade às crianças encaminhadas pelo conselho tutelar. Artigo 6o – A unidade de educação infantil procederá a organização de turmas obedecendo a seguinte: primeiro o número de crianças por turma, berçário, 15 crianças; maternal, 15; 1o período, 20 crianças; 2o período, 25 e 3o, 25. Segundo: o quadro de idades para o ano de 98, acho que isso aqui pode até pular, né? Parágrafo único: fica assegurada uma vaga a mais em cada turma para as crianças encaminhadas pelo conselho tutelar. Artigo 7o – As crianças portadoras de necessidade especiais, quando não recomendada por instituição especial, deverão ser encaminhadas à divisão de educação infantil da Secretaria Municipal de Educação, que procederá a avaliação, indicando posteriormente a turma que devesse frequentar. Artigo 8o - O acesso e a permanência de criança na unidade escolar não poderá ser condicionada ao uso de uniforme, ao material escolar, ou contribuição financeira a associação de Pais e Professores. Artigo 9o: até o dia 18/12/97 a direção da unidade escolar deverá encaminhar ao Departamento de Administração Escolar, setor de planejamento da Secretaria Municipal de Educação. O relatório das matrículas por turno e lista de espera, conforme modelo oficial. Artigo 10. A Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis fará divulgação do processo de matrícula para o ano de 1998 com a participação de cada unidade de educação infantil que deverá utilizar todos os meios de comunicação disponíveis em sua comunidade para que a divulgação seja ampla. Artigo 11 – Os casos omissos nessa Portaria serão resolvido pela divisão de educação, não podendo as especificidades, previstas nas normas da unidade se contrapor a presente. Artigo 12 – Essa portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as posições contrárias. A data dela é do dia 12/11, semana passada. Marinha..., Secretária da Educação.

Violeta

“... essa é exclusivamente da.... Municipal de Florianópolis.

(?) – Baseada numa lei federal.

(?) – Não está baseada, porque a gente tá lendo aqui na... que contradiz isso.

Professor

Ela diz d... no item 4, do artigo 4o, diz o seguinte ó: atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade. Então, a lei garante, mas o município conforme a administração atual...

(?) – O município vai encaixar a lei de acordo com a necessidade que ele tá tendo.

Mãe

Me diz uma coisa, se isso é uma coisa que é totalmente contra o bom senso. Se vocês como diretoras acham possível reunir todas as diretoras de NEIs e Escolas e simplesmente não cumprir essa portaria? Não exigir dos pais o comprovante? O que é que acontece com vocês?

(?) – Nós só vamos ser exoneradas do cargo.

Mãe

Se todo mundo concordar... E se for uma coisa unânime?

Professor

... falta de consideração, Florianópolis atende ao município de Palhoça e São Mãe, com relação ao ensino infantil. Então, tem muita criança, muita criança dentro do nosso sistema. E essas cidades não proporcionam esse ensino a essas crianças de lá, onde, é uma grande desculpa da secretaria... E ela me disse isso, com relação ao auxílio creche: esse auxílio creche, tem muitas distorções aí. Então isso tem que ser relevado. Tem pessoas que recebem o auxílio creche e tem seus filhos no ensino público.

Mãe

Só que eu posso... isso aí ó. O meu marido recebe auxílio creche e na verdade eu não tenho criança pequena. Mas o que se recebe é irrisório. É demais.

Professora

O que eles colocam e realmente acontece.

Mãe

O auxílio creche é recebido para uma criança menor, não a criança que está na creche.

Professora

O município não paga nem a escola, entendeu? Só que é uma maneira deles colocar. Nós estamos atendendo crianças de outros locais, mas nós temos que dar prioridade ao município de Florianópolis. Existe uma grande, como se diz, essa vinda para nossa creche?

Rosane

Éxodo.

Violeta

A mãe do Tiago está escrita.

Mãe

Escrita, eu quero saber uma coisa, já que existe isso, que é uma renda de 1 salário mínimo. Quem é que tem uma renda de 1 salário mínimo?

Violeta

Não é assim, eu vou esboçar aqui um exemplo. É, a minha renda familiar vamos supor que é de 600,00. Eu ganho 300,00 e meu marido 300,00. Só um exemplo, vamos juntar: $300 + 300 = 600,00$. Desses 600,00; eu tenho 3 filhos + eu e o meu marido. Então na minha família são 5. O que vai acontecer com esse 600? Vou pegar esses 600,00 e vou dividir pelos membros da família que a gente tem, que são 5, né? 600 por 5 vai dar 120,00 mais um cadinho lá. Deus mais ou menos 120,00. O que acontece? Quanto é um salário mínimo?

Platéia

120,00.

Violeta

Não é 112,00? Já aumentou? Então gente tá muito calor, vamos fazer um pouquinho de calma que é melhor. Eu sei que o assunto é um pouquinho desagradável, mas a gente tem que se propor... Então 130,00. O que acontece com esse 130,00. O salário é 120,00, então eu tenho 10 a mais. Então já fui me embora, perdi a vaga. O que aconteceu? Vai abrir inscrição nova. Meu filho foi matriculado, não conseguiu vaga. Vai abrir inscrição para os novos, se o anjo da guarda ajudar que vai ser só o cidadão que vem se inscrever aqui tudo de 1. 000 real; 2. 000; 5. 000; 10. 000... lá ganhei: o meu é só 130,00. Passei na frente dos 2, dos 500. Se a gente tiver a infelicidade de quem se escreveu a renda foi 50,50 por pessoa da família: me danei. Entra o fulano lá e o meu que já era meu, vai se embora, fica sem escola. A gente tem que entender que este custo de salário né, que o pai, a mãe tenha que ganhar 1 salário. Não é isso; é dividir para fazer as contas da renda per capita. Um piso, um salário por pessoa.

Pai

Pessoal é fácil. É só unir o que você ganha com o que a sua esposa ganha e dividir pelo número de pessoas. É um negócio tão simples!

Violeta

Simples, meu amigo? Mas por trás disso tudo é uma confusão... Ó gente... É que o filho do funcionário municipal é que o salário é alto, então nós somos os primeiros a ir embora. O meu aqui, da Uva, da moça da cozinha, filho da Pera, da Sensitiva... Professor, merendeira, faxineira. Juntando o salário a, já passou e o coitado vai embora. Então, para a gente tentar explicar a situação para quem tem dúvida. O Faísca lá atrás pai, está escrito. Fala Faísca.

Faísca

Violeta é uma pergunta para vocês dois: as duas diretoras aí, a minha pergunta é a seguinte: Como é que tá a preocupação? Eu sei que vocês duas estão preocupadas porque estão aqui e provocaram essa reunião. As outras diretoras de outras unidades escolares estão com a mesma preocupação que vocês? O que essas diretoras estão pensando em fazer? Porque você sabe que, hoje nesse país é só a pressão que resolve, né? Eu acho que enquanto discutimos e conversamos aqui não vamos chegar em lugar nenhum. Então, eu acho que nós temos que fazer um encaminhamento para tomar alguma medida, alguma ação. Então eu queria saber de vocês duas o que as outras colegas diretoras tão pensando em fazer nesse pequeno espaço de tempo?

Violeta

Ó, Faísca, assim ó, quando a gente teve a reunião e recebeu a portaria eu vim direto da secretaria para escola. Imagine, vim toda sorridente, feliz da vida com o que tava acontecendo, né? Liguei para o sindicato, pedi para eles tomarem providências, que a coisa era dessa forma... Também tem pessoas achando que a portaria tá boa e... fazer as coisas como a gente tenta fazer pelo lado legal.

Professora

Lado ilegais eles então.

Violeta

Então Faísca...

Professora

Isso é uma falta de organização e consideração com a lei de outras unidades que estão apoiando esta lei.

Violeta

Então Faísca completando o pensamento... Ontem na reunião da escola básica que a gente participou do Conselho, a escola do Pantanal está fazendo esse mesmo trabalho que a gente, o Itacorubi. É essas que a gente teve ciências. E o sindicato se agilizou para tentar pegar todas as direções para gente se unir e tentar.

Mas, o primeiro momento do sindicato, não somos só nós, enquanto direção que somos responsáveis por esse momento. Nós enquanto pais, além de tudo, eu sou mãe em primeiro lugar, eu acho que nós enquanto pai, a gente tem que lutar. E eu digo Faísca se fosse eu sozinho, a Constelação sozinhas mais a Esperança aqui do lado... com certeza que nós quatro aqui não ia chegar a caminho nenhum. Agora, essas duas escolas, o grupo que a gente tem aqui, com o documento que eu penso que vai sair daqui, eu penso Faísca que em algum lugar nós vamos chegar.

Faísca

É, uma das minhas preocupações Violeta é porque na realidade tá atingindo todas as unidades escolares em todos os bairros, né? Mas, se a gente fizesse um manifesto comum com os diretores de unidades eu acho que ia fortalecer. Se esses documentos não fossem suficientes para reverter o caso da nossa Secretária. E a Secretária só o fez porque a Prefeitura pediu para ela, sobre alegações por falta financeira. Então eu acho que nós deveríamos pensar em fazer um movimento maior pensando em não fazer apenas aqui na Lagoa e sim mais uma massa maior em todos os cantos da nossa Ilha. Eu acho que seria interessante e eu acho que o sindicato deveria estar em contato, tomando essas providências porque eu acho que deveria ser em conjunto tá, Violeta? Não ficar isoladamente, e sim aumentar essas manifestações. Quinta-feira, dia 20, 15 horas lá no auditório da Catedral, toda escola, toda comunidade, todos os pais fazerem presença. Assim como a gente pediu para vocês estarem hoje aqui.

Mãe

Era legal ir com as crianças. Cada mãe com sua criança.

Violeta

Para não dar essa polêmica de dizer não as escolas estão dispensando... Porque nós não vamos liberar. A gente, já tá saindo comunicado amanhã de manhã. A gente vai trabalhar até 14:30. Quem tiver condição de trazer a criança e deixar até nesse horário, vai trazer. A gente tá... Eu acho que... se for preciso as direções se reunir, a gente vai se reunir. Mas eu acho que esse momento de todos os pais de todas as crianças, em todas as escolas... Por exemplo, à noite é mais complicado. A Bergamota está escrita, depois é o amigo aqui.

Mãe

Eu queria comentar que pela lei maior, a criança tem o direito à escola. Como existe um negócio de crianças e pouca escola, já existe uma seleção critério que é todos os nossos alunos que estão aqui hoje passaram por uma seleção de salário. Lá no maternal, vem direto porque passa pelo primeiro período, segundo período. Ela já passou pelo critério. Então isso não pode acontecer. Essa lei, essa portaria vai ter que ser discriminada, mudada. Porque é não respeitar os nossos alunos. Imagina o que o pai vai dizer para o aluno: não tu vai ser aluno desta escola ano que vem porque o pai ganha mais. E o estatuto é um direito da criança. A lei maior é a lei federal.

Professora

Eu vou ler para vocês o que diz a lei de diretrizes e bases em relação ao ensino infantil: "O município incube-se de oferecer a educação infantil em creches e pré-escola e com prioridade ao ensino fundamental e de graduação e outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com os recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela constituição federal". Quer dizer que o município tem que se preocupar com a pré-escola, mas a prioridade é para o ensino fundamental.

Mãe

Mas é o que eu tô dizendo, não tem essa preocupação? Ele não quer fazer uma seleção, decretar uma portaria e dizer quem vão ser nossos alunos?

Professora

Mas já estão fazendo, a lei está aqui!

Mãe

Pois é, mas se eles são os primeiros a não cumprir essa lei.

Professora

Aí é que tá a lei é dúbia, ela não te dá um compromisso do município... A educação gente, do ser humano, começa no útero entender? A responsabilidade... Tem que estar inserida dentro do ensino.

Mãe

Essa portaria é baseada na lei federal!

Professora

A lei federal não dá segurança. Tem um pai falando, mas não dá para entender! O cara chega na Secretaria e diz que quer matricular a filha: "Tem comprovante de renda?". "Não, tô desempregado". "Ah! desempregado? Então o senhor tem o perfil para matricular seu filho numa escola particular"... A participação maciça nesta quinta-feira... se a gente for ler aquele artigo, vai ver que tem que apresentar comprovante de renda. Quem não tem a renda de 1 salário mínimo, não precisa apresentar comprovante de renda...

Violeta

Araponga é o próximo pai inscrito.

Araponga

Eu queria estender um pouquinho o que o Faísca colocou... Só que é o seguinte: a gente não pode depender do outro, esperando que se faça esse manifesto da mesma forma que a gente vai se expressar. Temos que sair daqui com uma proposta do NEI da Lagoa. Aproveitando que tem uma quantidade x de pais. Ver também que os maiores prejudicados seremos nós. Então não adianta jogar em cima do sindicato, diretores, professores. Eu acho que essa manifestação maior tem que ser feita por nós e o que precisa exatamente é isso aqui: é gente, é quantidade de pais se manifestando. Porque eu nunca vi como hoje uma quantidade de pais presentes numa reunião da escola. O que nós temos que fazer agora é sair daqui com uma proposta: "O que eu vou fazer?". Então e vou lá, falar com a Prefeita, com a Secretária... Porque usar um salário mínimo como parâmetro para tirar ou colocar pessoas. Isso é problema que se tem que resolver. Temos que acionar a AAPP. Se deixar na mão de outras pessoas isso não vinga. Ontem o pessoal do sindicato que tava na reunião se mostraram até... Mas, se não houver um empurrão a coisa não sai. E hoje, quem tá hoje aqui...

Violeta

Aproveitando o gancho do Araponga o interessante da nossa assembleia hoje, a gente tem como representante não só a escola como eu falei. A gente tem o Canto da Lagoa, a Associação de Pais, tem o Ametista que é o Presidente da AMOLA, da Associação da Lagoa. Então a gente tá bem representado nesse sentido, né? A Rosane tá inscrita.

Rosane

É, boa noite para todo mundo não sei se vocês me conhecem, meu nome é Rosane, sou professora da universidade, tenho desenvolvido um trabalho aqui junto com os pais. Eu queria, a título de contribuição, dar uma sugestão: que nós ativássemos os órgãos de comunicação; de repente, a gente poderia até fazer isso agora, já que os pais estão aqui reunidos. Tem como a gente entrar em contato; já no Jornal da Noite sairia. E também acionar a OAB, porque isso se trata de um atentado contra os direitos humanos, né? A gente já citou vários decretos, o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente. Então acho que a gente também teria que acionar esses órgãos para reforçar o nosso posicionamento. Então essa seria a sugestão minha, porque existe inclusive uma discriminação a quem tem sucesso de ter um emprego que remunere um pouco melhor e também uma discriminação para quem está desempregado, como aparece ali.

Mãe

Eu acho que nem é o caso de se ter sucesso porque quem se vive com 1 salário mínimo por cabeça em casa não é uma pessoa que tem sucesso. Não pode pagar uma escola particular; 430,00 por mês. Mas eu queria perguntar outra coisa: "Eles não passaram também, vão considerar desempregado aquelas pessoas que vivem do trabalho informal, do subemprego?"

Professora

Tens que comprovar a renda. Isso já é um absurdo porque educação é um direito de todo cidadão; é gratuito.

Violeta

Toda declaração deverá ser registrada em cartório. Por exemplo, a mãe é faxineira... A gente conhece os pais que a gente tem, né. Mas a unidade que vai receber um pai novo que não conhece, que acha que o pai tá meio indeciso, vai pedir declaração para aquela mãe que faz faxina, que trabalha na lavanderia, tem que ser registrada em cartório. É essa situação. Tem mais um pai inscrito.

Quartzo

O Faísca falou uma coisa importante... eu acho que nós temos que sair daqui com uma proposta para a reunião do dia 20, independente dos outros colégios levar suas propostas, eu acho que nós temos que levar a nossa, né, Faísca? Eu acho até que podíamos sair com uma proposta porque nós estamos em unanimidade aqui, de tirar alguma posição daqui, pra levar,... Quantas crianças que tão fora da escola aqui na Lagoa?

Violeta

Olha, eu não posso responder assim claramente, mas as pessoas que... inscreveram aqui na comunidade, a unidade hoje, ela tem 180 crianças, e por de fora, 30 com o maternal, mais um monte do terceiro período, na base de 200, ou até mais que não tem escola.

Professor

No município são 5.000.

Violeta

Pra não falar...

Quartzo

Agora nós temos que lutar realmente para aumentar a escola, colocar o que ele colocou, saúde, educação está escrito na constituição, é direito de todos.

Violeta

Quando a gente pensou em, nesse movimento, eu pensei assim, que...

Rosane

Vocês querem que a gente faça isso?

Violeta

Rosane, só um pouquinho. A gente tá aqui como assembleia. Então assim, não vai falar a Violeta como diretora, vamos falar, mas como morador da Lagoa... então vamos fazer uma votação, pessoal, vocês acham que é viável chamar o jornal?

Platéia

Sim!

Violeta

Deu gente, quando o... e o Quartzo colocam que a gente deveria sair daqui, com uma proposta, no momento... desde o início eu pensei que a gente não pode sair daqui sem nada escrito. Então eu acho, a gente vai unir aqui os pensamentos um do outro, vamos redigir, e Quartzo, Faísca, eu acho, a gente não pode esperar, pelo movimento do dia 20,... não esperar pelo movimento... mas eu acho esse trabalho que tá sendo aqui não dá de esperar pelo dia 20.

Mãe

Tinha que ir uma comissão de pais lá.

Violeta

Dia 20 nós vamos liberar a escola, até o meio da tarde e nós vamos. Independentemente desse outro movimento que está acontecendo. Esse daqui hoje, tem que ser entregue, que nós vamos ter que entregar para a Secretária de Educação, pra Prefeita, não vai ser eu que vou entregar, vai ser nós enquanto comissão. Se vocês querem ir tudo, que bom, se não vai todo mundo a gente vai tirar aqui uma comissão pra fazer a representação dessa assembléia. Então assim gente,...

Pai

Violeta, essa questão da manifestação do dia 20, não tem como antecipar?

Violeta

Não. Até pra chegar todas as unidades, até chegar, que a nossa unidade, a unidade da Sensitiva, é aqui próxima, tem unidades muito distantes, e aí fica difícil chegar.

Pai

... movimentação vai ser válida, se tiver um fundamento crítico. Não pode misturar as coisas, que pode ter a participação de algum partido, alguma coisa assim, não pode ser política isso aí.

Violeta

Aqui tem? Não tem.

Pai

Não, eu só perguntei porque pode ter alguém que queira levar para esse outro lado, sabe?

Violeta

eu penso que ninguém tá levando para...

Mãe

... então a gente tem que aproveitar e botar mesmo a boca no trombone.

Pai

Mas aí que eu acho que não pode ser isso aí. Eu acho que isso aí desfaz. Eu acho que não é bom misturar as coisas não.

Violeta

Ninguém tá misturando. A gente tava se entendendo tão bem, vamos organizar, pra gente não fugir assim do nosso trabalho. Então assim, pai eu vejo a tua preocupação, o nosso trabalho com certeza que não passa por esse nível. Não vai passar.

Quartzo

Companheiro, eu gostaria de colocar uma coisa prá você, que desde a hora que você se levanta, até a hora que você vai dormir tudo depende de política. Agora o pior não é a política, o pior é a politicagem.

Pai

Pode vir acontecer num caso assim que nem esse.

Violeta

Agora assim, vamos ganhar tempo, vamos nos organizar, perguntar agora assim pra assembléia. Alguém, além de tudo que a gente falou, tem mais, algum detalhe pra se colocar, que a Sensitiva anotou ali umas propostas de encaminhamento. Alguém gostaria de se colocar além de tudo que já ouviu, tem alguma coisa que deseja falar? É a história, a gente fala agora ou...

Pai

Tenho uma pergunta. Essa portaria saiu segunda-feira?

Violeta

Sexta-feira.

Pai

No caso, a OAB já está sabendo alguma coisa em cima dessa portaria?

Sensitiva

O que eles falaram ontem na reunião quando nós questionamos... que essa portaria atrasonou, porque antes de vir pra nós, ela passou por todas as instâncias: procuradoria, Conselho Titular, Conselho da Infância, pra ver se poderia ser colocada, se poderia ser. E que foi todo mundo deu OK, só que isso é uma questão muito assim, mesmo o concurso passou pela coordenadoria depois acabou tendo uma liminar, e um outro advogado foi contra o....

Pai

É isso que eu quis dizer, se nós procurássemos a OAB, até tenho conhecidos lá,... Analisar esse processo talvez estudar. Que nada melhor que um advogado para defender melhor o caso dessa liminar. Talvez entrando com uma liminar em cima dessa portaria, nós conseguiríamos empurrar ela por mais 120 dias; é um direito hoje adquirido com a liminar. E 120 dias...

Violeta

Ninguém tem esse tempo todo.

Pai

Se você tem uma liminar em cima dessa portaria, essa portaria não pode ser... a menos do prazo de 120 dias. Você tem mais tempo pra analisar essa portaria.

Sensitiva

E ela pode voltar atrás e fazer uma outra portaria.

Pai

Na mesma proposta não.

Quartzo

... maiores advogados somos nós. A justiça somos nós, nós vamos ter que defender nossos filhos.

Pai

... contratar um advogado, hoje a OAB estará para... os órgãos públicos, até os órgãos públicos... Então se você entrar com uma pessoa legal, teu efeito vai ser mais rápido, mais eficaz.

Quartzo

O que eu gostaria de colocar... vou colocar,... vou entrar em termos de salário, minha filha também estuda, e meus filhos todos. Eu tenho 5 filhos e toda a vida estudaram em escola pública, e faço questão que estudem em escola pública até pra poder lutar por ela. Porque o dia que eu tivesse condições para botar meu filho numa escola particular, eu não ia lutar mais pela escola pública. Estudei em escola pública, meus filhos estudaram, dois em escola pública, 3 já saíram daqui. Estão eu acho que a saída que eles estão colocando não é quem ganha, eu acho, claro que não ficar um pobre coitado fora da escola. Nós temos que lutar, é pra fazer mais escola, saúde e educação é direito de todos...

Violeta

... a Sensitiva, ela anotou algumas propostas, então eu acho que ela pode ler e vamos ver em cima do que ela anotou, o que é que se pode mais acrescentar,...

Sensitiva

... eu acho que essa questão é muito importante, muito séria também, que hoje a gente busca a participação dos pais na escola pública, e acho que a escola pública funciona se os pais participam; a gente tem

exemplos disso. E de repente assim, o fato dessa portaria não te garante vaga para o ano seguinte, a tua participação vai ser muito menor. Tu não vai ter o compromisso, tu não sabe se teu filho vai continuar mesmo. O que o Quartzo falou eu acho que é muito certo mesmo, que é uma forma de desmobilizar a população, de reclamar pelas coisas que ela acha que tem direito, que a gente sabe que o povo dentro da escola tem muito mais chance de brigar...

Quartzo

... pela dona Búzio, a mãe do Opala.

Sensitiva

Eu vou ler as propostas. Vejam se falta alguma que eu não coloquei aqui. Contatar a imprensa, uma das propostas, acho que já foi... ; contatar o OAB procurando advogados para... ; chamar todos para a reunião do dia 20. Eu acho que isso é um papel da direção, para convocar os pais e tal; escrever uma carta a prefeita; pedir apoio a Câmara de Vereadores. Eu acho uma outra coisa interessante: é amanhã a gente ligar pra todas as escolas, as diretoras, de outras escolas, e os pais contatarem com o máximo de pais possível.

Pai

Em termos de APP agora,... representante, junto com a APP que da Lagoa,... um manifesto, pra ver quanto é que custa um negócio desse...

Violeta

Jornal, aquela folha da Lagoa?...

Pai

... a APP bancaria isso.

Pai

Não é caro. Uma coluna de 9 x 9, sairia em torno de 65 reais.

Pai

Então, a gente racharia com a APP do Canto.

Violeta

Então assim gente, a Lei que a Sensitiva acabou de... alguém tem mais alguma colocação?

Pai

Eu acho que quem tiver condições de ligar para a Secretaria de Educação, liguem incomodem,... chamar de porcaria 16/97, isso não é uma portaria, isso é uma porcaria.

Violeta

Eu vou pedir para o Almir passar no mimeógrafo agora, o número e o número da portaria, o número do telefone.

Rosane

Pessoal, a gente contatou com a RBS, inicialmente, falado com Rubi, editora da noite. Ela tá vendo se é possível, (porque a equipe... eles estão com uma equipe só; equipe já havia saído) se é possível que eles venham aqui. Então foi passado toda a nossa problemática, foi falado em nome dos pais (eles estão mobilizados) e dos moradores da Lagoa. Então agora a gente vai tentar entrar em contato com SCC, Anhatomirim, pra ver se eles... então eles pediram pra esperar um pouco, talvez eles venham pra pegar uma tomada nossa e fazer uma reportagem.

Sensitiva

... mais alguém possa dar um toque. O que se está colocando é que talvez a prefeita não saiba dessa portaria.

Pai

A lei tá assinada pela Secretaria de Educação.

Violeta

Pessoal, assim ó, com relação a portaria e a prefeita não sabe, não acontece isso sabe por quê? Porque ela sabe sim, porque ela quer que saia a criançada, pra entrar os pobres coitados...

Rosane

Aqui tem alguém que tá com desemprego na família? Vocês poderiam dar entrevista depois? Agora a gente vai estar no clima que a gente estava na reunião antes.

A Entrevista para a TV

Por favor amigo, pode ler a portaria?

A portaria no 16 de 97. Editada no dia 12/11. Defina o seguinte:

Art. 1º – Fixar nas unidades de educação contínuas as seguintes qualidades para matrícula:

A rematricula para quem já está na escola, apresentação dos seguintes documentos no ato da inscrição: Cartão de vacina atualizado, comprovante de trabalho de renda dos pais ou responsável, renda per capita de 1 salário mínimo com comprovante de renda no município de Florianópolis. Quer dizer o quê? Que você tem a sua família, junta o seu salário com o da sua esposa. Você teria que ter no mínimo 1 salário para colocar seu filho aqui, tem que ganhar menos de 1 salário para botar seu filho hoje estudar na escola. E também tem outra: na hipótese dos pais ou responsáveis ficarem desempregados será conseguido um prazo de 45 dias para apresentação de um novo trabalho. Tá, um novo comprovante de trabalho. Você tá desempregado você tem 45 dias para arrumar um emprego.

E tá fácil arrumar emprego, né pessoal?

Isso quer dizer, se você não arruma rum emprego em 45 dias, você pode perder a vaga da criança na escola.

Começa com redução do atendimento e depois exclusão do aluno. Vai aos poucos machucando.

O artigo 3º diz o seguinte: Quem recebe o auxílio creche, não têm direito à escola pública. No caso, à creche pública. É uma lei hoje que se você é funcionário e têm auxílio à creche, não tem direito. E é irrisório 30,00 por ano. Quem é que paga 30,00 por ano para pôr um filho na escola. Não tem condições. Paga, no mínimo, uns 300,00.

(Rosane). Aquelas duas senhoras que tinham concordado de dar a entrevista

Jornalista

Pode ser uma só, não precisa ser as duas.

Rosane

Vocês vejam então quem...

Repórter

Vou entrevistar ela e mais duas ou três pessoas.

Em questão daquela parte ali do uniforme. Dá para ver que eles querem bagunçar mesmo a escola, né? Não é obrigado uniforme, não é obrigado o pessoal ajudar a arrumar a escola. Eles querem bagunçar com essa portaria, né?

O nosso movimento de sexta-feira não vai ter sentido nenhum, então! Se faz essas coisas para arrumar a escola. E nós vamos acabar fazendo isso...

É, eles não fazem nada. Simplesmente botam, pregam lá. A gente que somos os pais têm que se movimentar, batalhar e ir à luta por melhor merenda, melhor material, por tudo, por todas as melhorias. Porque se depender da ajuda do município o que nós temos, os filhos? O que as professoras tem?

Nada!

Com o que eles podem contar se não é com a ajuda dos pais?

E essa ajuda não é obrigatória, é espontânea.

Essas pessoas vêm aqui, ajudam espontaneamente; não é obrigado.

Então quer dizer que eles estão querendo tirar o pouco que a gente tem. Querem dar incentivo, oferecendo na época de campanha: leitinho. Cadê o leite das crianças? Não dá nem um leite para escola e agora.

Agora quer tirar as crianças da escola!

Quer dizer que o pai tá desempregado e não tem mais direitos! Quer dizer, o cara tá desempregado e ainda tem que pagar uma escola?!?

Entrevistada

... Iam né? Porque por causa dessa palhaçada desta portaria tá tirando condição de gente pobre e gente humilde se manter. É óbvio né? Mas eu vou lutar por eles, para vida deles. Imagina, uma criança sem educação nessa idade de 4 anos. É a partir daqui; como é que eu vou dizer para vocês, que começa a aprender. A aprender a se relacionar no meio social, porque a gente em casa, nós pais educamos tudo mas, a escola é um meio, como é que eu vou dizer, faltou a palavra porque eu tô um pouquinho nervosa... De complementar. Por causa dessa portaria as crianças vão ficar sem educação, sem escola, vão ficar na rua. Porque a Doninha prometeu o leitinho para as crianças do morro que são gente discriminada mais do que a gente, né? Prometeu e não cumpriu. Então, imagina o que vai acontecer com a gente, moradores da Lagoa, do Pântano... todo mundo que tá aqui unido. Eu acho que tem que botar a boca sim, seja lá em quem for. Estão discriminando nós pais e as crianças. Eu queria falar mais uma coisinha: não só tão tirando só a educação como também a saúde. Eu acho que o caminho, na minha opinião, e eu acho que muita gente vai concordar comigo, o melhor meio para ajudar as crianças é ampliar as escolas, ter mais salas, né?

(Palmas!)

Entrevistado

Primeiramente eu queria colocar para vocês o seguinte foi baixado uma portaria, sem consultar a comunidade. A comunidade desconhecia totalmente essa portaria. Então na verdade o que aconteceu aqui na Lagoa da Conceição foi uma atitude radical, onde não foi colocado nada para população. E acontece que a maioria dos pais que estão presente nessa reunião vão ficar com os filhos fora da escola no ano de 1998. Exatamente, quem com essa portaria, seu filho estaria na escola? Nenhum dos pais, todos eles ficariam fora da escola. Então, na verdade, o que aconteceu hoje eu acho que teria que ser discutido com a comunidade, com o NEI para ver os critérios, se realmente essa portaria coincida com a realidade da comunidade. Adônis; sou funcionário público. ”

(Palmas!)

Entrevistado

Eu acho que uma das questões que a gente levantou aqui na comunidade nessa reunião de hoje foi exclusivamente a nossa prefeita. Na impossibilidade de fazer ampliação das unidades escolares, ela está excluindo os alunos da escola para que ela justifique a não construção dessas unidades. Todo mundo sabe que hoje o nosso município passa por uma série de dificuldades em relação ao número, a demanda de alunos nas escolas. Com isso, ela fazendo uma triagem dos alunos, tá excluindo a criança do colégio. No dia 20/11 nós estamos marcando com o sindicato dos funcionários públicos municipais lá no auditório da Catedral, à partir das 15 horas, uma reunião para se fazer um encaminhamento das medidas que a gente possa tomar nas próximas reuniões, encaminhamentos para o município. Um movimento até que se possa recuperar essa portaria e a gente até pede para nossa prefeita que realmente ela revogue essa portaria, que não é nada boa para nossa comunidade, principalmente para capital de Santa Catarina”.

(Palmas!)

Entrevistada

Bom, nós os pais estamos super preocupados e indignados com essa situação porque nós fomos pegados de surpresa. De repente, na hora da matrícula para o ano de 1998, nós estamos cientes que os nossos filhos não vão ter escola o ano que vem. Então o que nós vamos ter que fazer? Nós vamos ter que nos unir e nos movimentar contra essa portaria porque todos nós estamos super preocupados com essa situação. O que nós vamos fazer é batalhar juntos, botar a boca porque isso não é atitude que se tome. Senão não temos saída! Quer dizer, em vez de construir escolas, ampliar o ensino, estão tirando a educação de nossos filhos. Então

que planejamento de educação é esse? O que a Secretária de Educação, a S. Marinha está pretendendo fazer com isso? Colocar nossos filhos na rua à roubas, a ser ladrão, bandido, vagabundo? É essa educação que o nosso país está oferecendo para nossas crianças? É esse o futuro que nós queremos? As crianças nas ruas, os pais desempregados... Assim um desempregado não pode botar o filho na escola, tem que ir para uma escola particular. A situação é essa? Alpaca Jaqueline Fênix, eu sou sacoleira”.

(Palmas!)

Violeta

Pessoal, eu acho que se vocês querem a educação infantil, liguem para a Secretária da Educação, exijam...

Mais um convite: dia 21 nós temos uma festa.

Fazer o abaixo assinado para enviar amanhã mesmo.

Violeta

Eu peço sobre a preocupação aqui da mãe. A matrícula começa amanhã dia 19/11. Eu peço encarecidamente para vocês nos dê um sufoco de amanhã não vir fazer a matrícula. Porque olha a cabeça tá aqui e com todo esse agito. E não é só dia 19, não se preocupem que a gente não vai deixar de fazer a de ninguém. Mas que, pelo menos amanhã, vocês não venham fazer. É de 19 a 25; então nos dê uma trégua amanhã porque gente nós vamos ter condições de fazer.

As crianças levam cartazes, bastante cartazes. Contratar um ônibus para levar as crianças dia 20/11.

Pedir informalmente que os pais façam o favor de não trazer as crianças para dar tempo de todo mundo se mobilizar.

Se tem pai que acha que não tem condição e precisa deixar até 2:30 não tem problema. Agora como a Sensitiva colocou o que a gente não pode fazer, é deixar de atender porque aí sim vai dar confusão. Vai sair que as escolas estão liberando para fazer manifesto... Aquele pai que não possa buscar as 2:30, então que não traga. Porque se o pai traz, vai impossibilitar nós enquanto entidade de estar participando. Aí eu vou ficar aqui zelando pelo menino enquanto... Aí a gente não vai poder ir, como já aconteceu!

Violeta

Nós vamos usar umas palavras bonitas, depois vocês coloquem... aí assina para a gente mandar para prefeita, jornal, secretária.

Eu acho que a gente podia fundamentar melhor, ver se tem alguém aqui que sabe de didática. Alguém que sabe de dados estatísticos tipo qual o percentual de pessoas que não tem condições de apresentar comprovante de renda porque são subempregados...

Violeta

Isso a gente não tem. Nesse momento, não precisa chegar nesse nível de trazer documentação... eu acho que não é por aí. É um todo. Ninguém tá interessado em quem tem, quem não tem, se o menino vai ficar na escola só 2 horas. Eu acho que tem que fazer a soma disso tudo e mostrar a gravidade, a preocupação que está na cabeça dos pais. Dizer que as escolas não são um depósito, um local que tu depositas o teu filho e que vai ter um monte de babá para zelar por ele. Tem todo um conhecimento, um desenvolvimento como é que é que nós, enquanto entidade, vamos explicar para os nossos meninos que “tu não vai mais vir para essa escola porque a Andreza do outro lado, a vizinha ganha menos do que tu. Então tu vai ficar em casa e a Andreza vai para a escola”. Então é isso que vai estar no papel.

Vai gerar uma revolta na criança.

Vocês viram os cartazes da chamada para matrícula? Gente na escola é a chamada. A gente pode começar por aí.

Eu acho que não é só o ensino não, é a saúde também. Os nossos postos aí, para atender tá bem complicado também. Já que a gente tá brigando pela questão do ensino, vamos jogar a saúde. Vamos brigar por mais um voto não só a educação, mas também a saúde. A saúde tá complicada, você leva a sua criança para ser atendida e isso não tá acontecendo.

Violeta

O que a Sensitiva falou é esse cartaz aqui. O documento vai sair escrito daqui com a assinatura de todo mundo. Vamos deixar ela pensar aqui um pouquinho e ver se alguém tem mais alguma colocação, sugestão para que a gente consiga montar todo o documento para todo mundo assinar. Em cima se explica a movimentação e embaixo todo mundo assina. Enquanto a Sensitiva pensa um pouquinho gente eu queria falar para vocês que a Secretaria da Educação organizou para que em janeiro atenda as regiões com colônias de férias. Vou falar da nossa unidade. Da região leste que vai pegar... Rio Tavares, Costa da Lagoa, Canto do Araçá... Essa unidade é quem vai atender. Então em janeiro a nossa unidade vai estar em Colônia de Férias. De 2, 3 janeiro a 30. Dá prioridade primeiro às crianças que estão na unidade escolar. Então, a mãe que trabalha fora com a declaração nova que comprovar que precisa da escola em janeiro porque precisa trabalhar. Ela vai funcionar das 7 às 7. Hoje a gente atende como NEI e depois vai funcionar como Colônia de Férias.

Por exemplo, se eu trabalho das 2 às 10 da noite. Então eu vou deixar ele às 2?

Violeta

Exatamente. A unidade não vai atender mais do que atende hoje. A prioridade é da mãe que trabalha fora. As inscrições não tem data ainda. Uma coisa que eu queria deixar claro para as mães é que os nossos auxiliares de sala, os nossos professores, alguém da cozinha, da limpeza vão estar de férias. Porque a colônia vai ser com outras pessoas que a unidade vai funcionar. Também não vai ser eu na direção. A gente não tem condição de continuar janeiro e voltar dia 1o de fevereiro. Então, se alguém precisar da escola nesse período já se organize para escrever porque vai estar acontecendo a colônia. E não vai ser só para escola e sim para a comunidade. Outra coisa, pessoal, é que sexta-feira dia 21 a gente queria se mobilizar para nossos pais na unidade, a gente tá fazendo um show dos manezinhos, um bingo. A gente tá vendendo ingresso com duas cartelas. Então a gente tá pedindo para o pessoal colaborar. Ninguém é obrigado a comprar, mas que ajude a vender. Porque se a gente não levar isso para frente a gente não terá o sucesso que sempre teve.

O que não pode acontecer no dia é as professoras ficar aqui cuidando e os pais não virem buscar. Os pais vêm buscar as crianças 14 horas; às 14:30 todo mundo aqui e vamos pro centro.

Violeta

Vamos falar um pouco mais baixo porque a Sensitiva tá tentando pegar tudo para registrar. O auditório da Catedral é do lado, em frente ao Banco do Brasil.

Tem uma escada e madeira.

Violeta

Também né gente quem achar que tem dúvida, é só perguntar. O mais importante disso tudo é que a gente se mobilize para ir. Se eu não puder ir, devo mandar uma pessoa da minha família. Isso é interessante. Ou de repente se não puder ir a mãe, que vá o pai, a irmã. O importante é o movimento, a quantidade de gente. Se tiver 1, 2, 3 eles não tão preocupados. Agora, mesmo que não vá a Secretária, a Prefeita, ela vai saber do movimento, do rebu. Quanto mais pessoas forem, mais forte será o movimento.

Aí a gente já pede para alguém ir lá filmar.

Violeta

E vocês também gente, quem conhecer alguém da área de comunicação, deve pedir para ir lá porque nunca é demais. Quanto mais melhor.

Não seria melhor fazer na frente da Catedral do que no auditório?

E se chover?

Vai ser pequeno o auditório...

Violeta

Gente, são 40 unidades infantis!

A gente conversou com o pessoal do Jornal a Notícia, desculpa RBS-TV e eles vão estar aqui às 9:30 para gente debater esse assunto que é de interesse de todos. Eu acho que por meia horinha não custa.

Resumo I

IX Encontro – Reunião do Núcleo - 18/11/97

Violeta deu início à reunião onde será discutido a respeito de uma portaria estabelecida pelo governo que impede a rematricular os filhos daquelas pessoas que ganham acima de um salário mínimo. Afirmou que até seja impossível reverter o quadro, mas que ao menos deve-se ter união e lutar para isso.

“É incrível o espírito de liderança de Violeta e também a atenção que as pessoas prestam nela”.

Comunicou que dia 20/11, haverá um protesto (manifesto) na Catedral para que todas as comunidades possam reivindicar seus direitos. Pontos lidos (pela Constelação) a respeito da portaria:

Vaga garantida apenas para pais que recebem apenas 1 salário. Os que recebem um pouco mais, não terão essa garantia de vaga.

Essa portaria foi elaborada sem discutir essa questão com ninguém, nem com os conselhos comunitários (regionais).

“Não se tem mais garantia de ter o filho num colégio público. Isso é muito mal, prejudica a nossa saúde” (fala de Constelação).

Se tu for desempregado e até 45 dias não conseguir emprego o teu filho corre risco de perder a matrícula.

Um pai disse que conversou com algumas pessoas e que esta passou que as crianças que estão nesse colégio, continuarão estudando (no NEI). Toda criança tem direito à estudar no NEI mais próximo de sua casa. Mas, desconhece a lei sobre a portaria.

Outro pai leu a portaria por inteiro. Alguns pontos:

pais devem receber menos de 1 salário;

crianças com carteiras de vacinação atualizadas;

comprovante de renda dos pais ou responsáveis;

crianças que não estudam nessa Creche deverão ser encaminhadas pelo conselho tutelar ou ter a menor renda per capita;

será reduzido o número de vagas para as crianças;

não será mais aceito que se cobre mensalidades e materiais escolares das crianças.

Uma mãe mostrou-se indignada com a situação. Disse que todas as crianças têm direito ao estudo e que a Doninha não pode fazer só porque ela não está na África do Sul. Que isso é uma coisa contra o bom senso.

Esta é uma portaria exclusiva do município de Florianópolis. Outro pai relatou que “só nós da Lagoa não vamos resolver nada. Propôs fazer em conjunto as manifestações porque sozinhos não adianta”.

Violeta disse que é de baixo, de pouco que se começa. Convidou a todos para participar da Assembléia às 15 horas dia 20/11, no auditório da Catedral. Disse que é importantíssimo a presença dos pais, todos!

Um professor leu a respeito da lei de diretrizes e bases sobre a educação.

A mãe protestou que a educação é direito de todos. E que não se pode passar por cima da lei federal.

Outro pai reforçou a idéia que é necessário se fazer uma manifestação maciça; porque isso terá uma força bem maior.

Outro pai falou que não se pode esperar pelo sindicato, por outras escolas, pelos diretores... É necessário que se estabeleça uma proposta a partir daqui.

Rosane propôs acionar a TV e a OAB. Foi bem apoiada.

Um pai falou “está escrito na constituição: saúde e educação é direito de todos”. Rosane foi ligar para RBS (Bravo!!!)

Propostas que saíram da reunião:

Contatar com a imprensa e OAB.

Falar com movimentos e pessoas de outras escolas.

Participar da organização dia 20/11/97.

Ligar para Assembléia e falar mal da portaria.

Um pai falou que a questão da saúde também pode ser levantada já que é tão precária (Interessante!).

Violeta falou à respeito da Colônia de Férias que terá em janeiro para as mães que precisam trabalhar fora. Será dado prioridade para as crianças da creche.

Um pai sugeriu que se levasse as crianças na manifestação com cartazes e panfletos.

Às 21: 30 chegou a RBS notícias, sendo que as pessoas foram filmadas.

Foram entrevistados uma mãe e um pai que falaram da portaria. Outro pai também foi entrevistado.

Resumo II

IX Encontro - Reunião com pais - 18/11

Violeta abriu a sessão cumprimentando a escola do Canto da lagoa que estava presente. Falou sobre a portaria que tira o direito de creche aos filhos de pais que recebem mais que um salário mínimo.

Há muitos pais presentes, praticamente lotou a sala.

Violeta falou da importância de reunir a comunidade para discutir a questão e fazer alguma coisa para mudar isso. Todos, em silêncio, ouvem Violeta prestando muita atenção!

Comunicou que dia 20/11, terá um manifesto para reivindicar os direitos, e para protestar contra a portaria.

Violeta passou a palavra para outra mulher, que explicou a portaria. (“Depósito de criança”); comentou sobre as outras reuniões que tiveram em outras escolas (“Insegurança!”).

“A garantia de ter o filho numa escola pública, não tem mais”.

Outra questão da portaria, se tiver desempregado, a pessoa terá 45 dias para arrumar outro emprego, ou se não conseguir o filho terá que sair da Creche.

Violeta comentou que a pessoa que estiver interessado na educação do filho, vai atrás, mesmo morando longe.

Um senhor comentou que o irmão da Doninha lhe disse que as crianças que estão no NEI, não vão sair, vão ficar, tem direito. Comentou que era melhor saber melhor, conhecer a portaria, saber melhor para depois discutir sobre as questões.

Um homem leu a portaria de 12/11/97.

Todos ouviram com atenção.

Portaria exclusiva do município de Florianópolis.

Violeta começou a explicar melhor a questão do salário mínimo, na portaria.

A discussão está acirrada.

Um pai deu a idéia e disse que só seria resolvido algo se a manifestação fosse maior. Foi lido leis de diretrizes de base.

Essa portaria foi lançada estrategicamente, poucos dias antes do início da matrícula.

Rosane deu sugestão de chamar os meios de comunicação e pedir assessoria da OAB, a maioria apoiou.

Violeta propôs uma votação para saber se a Rosane chamaria os meios de comunicação: unanimidade, sim!

Misturaram política! Quer dizer, um pai achou que era politicagem.

Foi colocado as propostas a serem feitas.

Às 21: 25, chegou a Televisão (RBS).

Obs. : O clima já não é o mesmo.

Foram dadas entrevistas, com uma mãe com situação de desemprego e mais dois senhores.

E acabou-se a reunião.

Nós, abaixo assinado, moradores da Lagoa da Conceição e Canto da Lagoa repudiamos publicamente a Portaria no 16/97 de 12 de novembro de 1997, por considerá-la um desrespeito aos direitos humanos, dentre eles aqueles expressos inclusive no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Além disso, consideramos uma atitude discriminatória, tanto para quem tem um emprego, como também para aqueles desempregados. Neste caso específico, salientamos que a referida Portaria reforça a exclusão, ou seja, além de uma família conviver com o desemprego também viverá a falta de escola.

Notas do Pesquisador

IX Encontro: 18/11/97

Reunião da Creche

Colocar como pessoa “mãe diretora”

Sem escola não existe família saudável

Rematrícula: 19 a 25

Dia 20/11 às 15 horas - Catedral

Transtorno que causa à vida das famílias

Portaria 16/97

“Pais que ganham mais de um salário mínimo não tem direito à rematrícula”.

“Afeta saúde e nosso ser”.

Punido por ganhar mais, punido por ser desempregado - discriminação.

X Encontro – 8ª Oficina com famílias

25/11/97

Rosane

Vamos lá Azedo? Vamos dar uma relaxadinha. A Esperança já começou antes, né Esperança?

Esperança

... uma tonelada no pescoço.

Rosane

Vamos trabalhar com a respiração. Joga lá no meio, aquelas coisas que estão pesando, e esse meio ele vai transformar em uma coisa muito positiva pra nós, porque aqui com essa circularidade, já tá mudando essa energia. Nós começamos com essa música, vocês estão lembrados?... Essa música pra quem não estava aí é Votos de Prosperidade e Felicidade... Eu sei que a Gralha trouxe alguma coisa pra gente hoje.

Gralha

É pra ler? “Família feliz. É melhor comer verdura na companhia de quem a gente ama, do que comer a melhor carne onde existe ódio. É melhor comer pedaço de pão seco, tendo paz de espírito, do que tendo um banquete na casa cheia de amargura. Termino o dia e a vós entrego o meu cansaço. Obrigado por tudo; obrigado pela esperança que hoje animou meus passos, pela alegria que vi no rosto das crianças; obrigado por... que recebi dos outros; obrigado também pelo que me fez sofrer; obrigado por aquele momento de desânimo; lembrei-me de ti, amigo, obrigado pela luz, pela noite... compreensiva e carinhosa; obrigada pela comida que, com meu trabalho, ajudei a conquistar e foi servida na mesa de nossa família. Obrigado pela compreensão, pelo amor que encontrei nas pessoas de casa”. A início né, eu pensei na gente, né? Na pessoas de casa. Obrigado por tudo...”. Autora Gralha. Tem outro

Ninguém. Ninguém é tão forte que nunca tenha chorado; ninguém é tão fraco que nunca tenha vencido; ninguém é tão suficiente para nunca ser ajudado; ninguém é tão inválido que nunca tenha contribuído; ninguém é tão sábio que nunca tenha errado; ninguém é tão corajoso que nunca tenha tido medo; ninguém é tão medroso, que nunca teve coragem. Conclusão: ninguém é tão alguém que nunca precisou de ninguém”. “Para ser feliz na tua vida: nenhuma manhã sem orar; nenhum trabalho sem boa intenção; nenhuma alegria sem render a graça à Deus; nenhuma falta de arrependimento; nenhum sofredor sem consolação; nenhum verdadeiro pobre sem auxílio; nenhuma dor sem paciência e resignação; nenhum lugar sem te lembrares de Deus; nenhuma injúria sem perdoares de coração; nenhuma depressão sem coração; nenhuma falta ao próximo sem desculpa; nenhum divertimento bom sem limite; nenhuma noite sem exame de consciência; nenhum dia sem o processo do bem; nenhum amor, sem o amor de Deus”. Autor desconhecido.

Rosane

Obrigado! Em nome do grupo, de todos nós.

Gralha

Quando a Gralha tá inspirada assim...

Rosane

Alguém gostaria de colocar como é que está se sentindo? Pra gente começar. Hoje é nosso último encontro.

Gralha

... um dia super-atarefado, minhas crianças doentes, mas assim... passarinho... super-alegre. Com a intenção de passar a alegria, eu acho que é bom, né?

Rosane

Coisa boa.

Gralha

Semana,... nossa escola... maior força possível...

Rosane

E essa luta também dá força pra gente, né?

Esperança

... pesado. Então eu passei a semana bem ruim de asma e bronquite, e ainda tô meio mal e essa situação que eu tô na escola,... Escola, então é um pedaço mesmo da gente, né?... De repente uma situação que vocês acompanharam, te dá uma lambada grande, né? Então,... deixar a gente meio assim, né? Numa indignação meio que estática, assim, né? Percebendo que o ser humano tem a capacidade de estar fazendo isso! Muitas pessoas ignorantes; eu acho assim uma situação, então deixou realmente, a gente vê, né?... Então como ela tá, a gente fica também. Eu estou me sentindo bem assim... pesada.

Rosane

Essas coisas mexem demais com a gente, né? E não é por nada que de repente aparece uma asma.

Esperança

Ah exatamente, eu faço um trabalho.

Rosane

Bem vindo!

Mãe

Tudo bom? Não é que deu um probleminha comigo.

Esperança

E eu trato da acupuntura, então eu tava muito ruim... Então isso ajudou a pesar mais ainda... problemas alérgicos também. Ai ajudou, e esse quadro pesou mais ainda também... crise muito forte... mas é isso... não tô tão inspirada, tão bem... que a gente tem... as coisas dá tempo ao tempo, né?...

Rosane

Foi uma paulada como tu falou, Esperança. Mas o que é que teve de positivo nisso?

Esperança

A união, uma coisa muito forte... eu fico feliz até de ver, os pais estão com a gente, tá aqui pode,... as crianças e tá passando, né? Tá formando cidadãos críticos, que o propósito da nossa escola. Os pais tão, 6 anos eu vejo que, os pais estão assim críticos mesmo, não tão dando amém pra um monte de coisa que vem por aí. Tá vindo bem à tona assim, claro que tá atingindo, principalmente nas situações que os pais não se colocaram. Mas... tá percebendo que os pais estavam preocupados mesmo, e tavam entendendo o que estava acontecendo sim, e tavam demonstrando mesmo, que a coisa não é isso aí...

Rosane

... que é bem, força.

Esperança

... não tem,... acho que vai... o lado de lá...

Rosane

Nós temos um poder também. Existe o poder de um lado, mas existe o nosso poder. Está justamente em toda essa mobilização que se teve nessa semana, nessa organização, nessa questão de lutar e conhecer os próprios direitos, e isso foi um exercício de cidadania que se fez e se está fazendo, aquela outra reunião também... Então, isso é uma coisa boa, que antes né, o pessoal estava desligado, não falo aqui, mas em geral, e agora a gente vê que não. Isso mostra que a gente também tem uma soberania e nós mostramos isso a partir da própria terça-feira passada, que veio em massa, né? Na escola, os pais. É isso é uma coisa boa que também dá muito 'gás'. Se, por um lado, há uma ameaça; por outro lado, tem uma força, que é nossa.

Gralha

Dizem que o elo é que mais segura a corrente, né?... A gente sabe... sempre procuraram, sempre foi assim. Mas com essa... tem bastante pai... por isso. Isso é bom... tem que ter toda uma força.

Esperança

E ao mesmo tempo... na própria quinta-feira, os pais foram todos lá,... Chamaram a Violeta urgente para uma reunião, e colocaram o seguinte... assumir os pais pra ir lá,... Movimento trabalhando até duas e meia, e na quinta-feira de manhã cedo,... telefone... pra estar às 10 horas, e que os funcionários que fossem participar do movimento dos pais, seriam, levariam falta justificada...

Rosane

... eu tive aqui ao meio-dia.

Esperança

... Então o que é que acabou acarretando: a gente, nós, já estamos com duas faltas; pesou. Ao mesmo tempo, a gente ficava... (uma olhava pra outra)... a gente ficava se sentindo cercada, com as mãos atadas. A gente passa por critérios de avaliação: professor substituto, contratado. E para a escolha de vagas pro próximo ano de novo, onde pesa, em cada falta justificada 10 pontos que... disso,... dependendo de pontos, e tem uma falta justificada,... E a gente já está com duas na nossa ficha esse ano. Foi dos movimentos que a gente teve, seria mais uma... Esperar a Violeta chegar da reunião uma hora, da escola, pra se reunir de novo pra ver o que é que: se a gente ia ficar na escola trabalhando ou ia pra lá. Ai os quatro professores da tarde (são professores que estavam nessa situação)... a gente ficou na escola trabalhando, que era mais um dia... Quer dizer, nós não temos o poder de... ; a falta vem mesmo. Ai a gente acabou ficando; coisa que ninguém tava querendo.

Rosane

Há vários tipos de resistência, né? Mas tem uma outra resistência que acabou refletindo, lá. Tem uma resistência que a gente diz resistência silenciosa; que a gente, através da própria astúcia, que a gente utilizou já na terça-feira aqui, pra preservar os professores que eles não poderiam aparecer lá na televisão. Porque a gente sabe que existe um poder autoritário e acaba punindo. Mas, então, o que é que se fez, quem é que tem a voz naquele momento sem poder... eram os pais. Mas, ao mesmo tempo, estava todo mundo muito solidário. É o que a gente chama solidariedade orgânica; o que é ligado pelo afeto, por alguma coisa. Esse afeto era o quê? Estar aqui nessa escola, nessa creche, e, ao mesmo tempo se preservando, e é uma forma também de resistir. É uma forma. Vocês não se expõe, mas, ao mesmo tempo, há quem pode se expor e não ser punido. Mas vocês estão com todo o respaldo desses pais, da comunidade, de determinados órgãos que já se envolveram com a promotoria, com alguns vereadores. Então... as estratégias que estão se usando que mostra, mesmo estando aqui, tudo o que vocês já fizeram, toda a mobilização, isso já está refletido. Então, vocês podem não estar lá presentes, mas estavam sim de alguma forma. Alguém mais quer colocar alguma coisa?

Mãe

Eu cheguei atrasado.

Rosane

Todo mundo se atrason.

Mãe

Ontem, quem esteve na...

Esperança

A Violeta esteve.

Mãe

E achei muito pouca gente, teria que ter mais... professores. Tinha poucos pais. Falei um montão de besteiras que não deveria ter falado... soubesse?

Esperança

Soube, soube.

Mãe

Fiquei revoltado, porque, pô, os caras vão lá pra cima... O tempo de dar um conselho, de dar um apoio que deixe os pais mais... Sei lá uma coisa de esperança. Hoje, quem sustenta a escola na verdade são os professores, não os pais, os professores. Porque as prefeituras dá essas paredes aqui, mas não dá o quê trabalhar. E os pais? Fazem isso aqui de depósito de criança. Chegam aqui e as professores fazem milagres. Então ontem um cidadão, acredito que falou mais besteira do que eu porque... (esqueci o nome dele);... pô' defender a própria Doninha, então pra mim...

Rosane

Seja bem vinda...

Violeta

Ó Azedo. Boa Noite!

Mãe

Ó Violeta, eu tô colocando a besteira que eu fiz ontem. Qual o nome daquele cidadão que falou no microfone primeiro?...

Violeta

O promotor.

Mãe

Promotor.

Violeta

... não foi ele.

Mãe

Mas um cara que disse que vai... Não tá fazendo nada. No momento que... se sobrasse. Me revoltei. Não tem explicação, porque senão eu vou falar besteira ainda aqui.

Violeta

... pra rua, né?

Rosane

Alguém mais quer falar alguma coisa?

Azedo

... bom tá aqui com vocês...

Solidária

Essa semana teve altos e baixos... Vai ser esse dilema... E os altos é que começou a dar um movimento no nosso estabelecimento com a graça de Deus. Começando,... não, é oficina. Tá começando a se encaminhar e tal, e vamos ver se para o próximo ano estarei novamente nessa reunião... infelizmente... não depende dela...

Esperança

... também, já tô rezando um século já.

Mãe

E outra coisa também,... eu e o Faísca, nós estávamos conversando, entrou seis pais no assunto e esse tumulto que está gerando o problema; o culpado é a senhora Violeta.

Violeta

O que é que a Violeta fez. Conta pra nós.

Mãe

... a responsável. A Violeta não tem interesse em prejudicar ninguém, que interesse ela tem...

Violeta

... que a primeira prejudicada não é só eles, sou eu, porque a minha também tá de fora, e aí?

Mãe

... então a gente acabou entrando na conversa... bate boca,... não saímos no tapa porque... Não é que fica revoltante, a gente é cidadão, paga os impostos... Não devo nada pra ninguém, como vocês também não devem. Chega no fim do ano: imposto. Vai comprar uma lata de óleo, já paga imposto; vai abastecer o carro, já paga imposto. E se eles cobram, a prefeitura não dá condições para esses pais manter os professores e não tem direito. Isso revolta... só que na maneira como eu me expressei ontem, tá errado...

Violeta

Se fosse dizer como a gente tá se sentindo hoje, né? Eu acho que daqui eu já chorei tanto, chorei tanto, que já esvaziou tudo. Não tem mais o que chorar... algum cantinho deve ter mais algum tantinho. Mas acho que se as pessoas tomarem o rumo pra se agredir, pessoalmente, eu acho que a situação já tá tão ruim. Se a gente começar a escutar dali, daqui, dali, a situação é bem mais confusa, né? Uma coisa que a gente não queria era se encerrar mais um ano com tanto sacrifício, com tanto esforço,... todo mundo. E a gente vai ter que fechar o ano com a situação que tá, e é uma coisa que desgasta muito, cansa muito. E quando a gente, qualquer... qualquer setor que se faça, quando tu preza e zela pelo aquilo que tu faz, e quando vê que tudo o que a gente conseguiu,... quis, ou quando a gente vê que tá saindo das tuas mãos. Não depende mais de ti; não é tu que vai fazer puxar, voltar a funcionar como tava. E uma coisa que dói mais ainda é que como eles querem que aconteça a coisa, a gente já faz assim. Então não tinha, e se existe alguma entidade que cumpre aquilo que tá ali, a gente pede que pena... Ou, sei lá, que discutam se essas entidades estão fazendo de acordo com a lei. Agora, enquanto as pessoas estão a caminho, que acreditaram no trabalho. É a mãe, é o pai que trabalham, é a mais baixa renda, e a gente estica de tudo quanto é lado. Estica dali: professor com 27; professor do maternal com 17. Então isso a gente tá fazendo. Então é desumano aquele pai que tá 2 ou 3 anos ali lutando, esperando. Não entrou num ano, não entrou no outro, conseguiu entrar e a gente vai botar todo mundo ir embora? E que eu digo assim: não adianta. Eu acho assim, que tu brigasse, discutisse com seis. Outro dia me pararam na rua, que tinham comprado uma briga por mim. Eu disse né: "o que é que tá acontecendo aqui?". Então, é muito desgastante pra gente. Tu vê, puxa. Mas a gente luta tanto no trabalho, fulano... mas não é tu que tá se... ; mas não são só essas pessoas. Essas pessoas não tem clareza, não tem bom esclarecimento. Agora vem lá de cima. Pessoas bem esclarecidas: foi a gente que fez tumulto na comunidade. Então, assim, não sei qual vai ser o resultado de tudo. Já saiu outra portaria que é a 16ª Tenho ela ali pa vocês ver. E a Secretária veio de mansinho falando, dizendo que isso aqui mudou, aquilo mudou, e que deu nossa escola como exemplo. A, que o pai aqui da Lagoa, foi lá tentou marcar uma audiência com ele, e que fomos nós enquanto direção que alarmamos o povo. Alarmou o povo não; o problema é eu te dizer e tu não aceitar; eu te expliquei; agora, aceitar, tu vai tomar tua decisão de aceitar.

Rosane

Essa é a obrigação...

Violeta

Exatamente, então eu acho assim ó, e é tão triste ver o povo vim. Agora sim que vai ter mentira. Porque tu acha que é justo tu ver uma mãe que é faxineira, que é tão digna quanto qualquer um que trabalha aí. Vai lá pedir pra fulana baixar 10, 20 real pra ti ficar e já deu. Quer dizer, antes a gente dizia: "pai, não é assim; agora, tem mesmo, se tu paga 150 pra tua e se pra ela entrar tens que pagar 130, paga 130; só que aí é uma coisa, que não é assim que a gente trabalha, não é com mentira, né? Mas tem que deixar passar porque já foi... Um pai por 70 centavos, 2 reais, 3 reais que não vai ficar. Não vai ficar por que? Porque o povo que tá aí fora... o que mudou? Foi a data, que era até 25 vai até dia 27. O pai que não trabalhava ou mãe, pode se inscrever. Já era assim, porque tem direito pai e mãe que trabalham, tendo vaga. Depois entra a outra situação. Então que eles alteraram agora essa situação. Pode se inscrever se... se inscreve; antes não podia. E aquele pai que trabalhava na grande Florianópolis não podia se inscrever; agora, ele pode. Só que primeiro vai se escolher o pessoal aqui mais da redondeza, então mudou? Mudou muito pouco... Então ontem

lá na... que já deve ter contado pra vocês pra não tá perdendo tempo. Houve uma pressão muito grande: a Esmeralda que é vereadora do Canto dos Araçás, ela foi assim DIVINA; que ela entrou ali esculachou mesmo, a Secretária,... Com todo o respeito, que ela tava ali não como política, mas como mulher, como uma mãe; mesmo que tenha uma renda com 800, seja lá o que for, né, e também... como é o nome dele, é um vereador? Márcio Santo, é isso? Mas o cara lá arrasar; leu as leis, os direitos das crianças, a legislação, não sei mais que dizia, que é desumano...

Mãe

Um voto que eu não esperava ali que era nosso, era do Michel Couto.

Violeta

Amanhã dia 26, todo mundo lá na Câmara de novo, às 5 horas; então o povo precisa ir,...

Mãe

Eu achei que foi muito pouco pai.

Violeta

Não, a nossa unidade tava muito bem representada. Tava... E lá não tem espaço para muita gente. Eu acho que a escola tava bem representada.

Mãe

Eu achei que devia ter mais...

Violeta

Não Mãe, tinha escola que não tinha ninguém,... a gente tava lá.

Mãe

Não tô falando da nossa, mas o pessoal das outras escolas.

Esperança

Formaram comissões de 3 ou 4 pessoas.

Violeta

Aquele dia tava tudo firme, ainda todo mundo. Ai ela liga: "não tens autonomia pra liberar... aí... professor substituto?". Eu fui mesmo, pra mim pode dar 3, 4, não tem problema,... tá inscrito no concurso, cada falta vale não seu quantos pontos e daí vai lá prá trás...

Rosane

Alguém mais quer comentar alguma coisa? Bom, hoje a gente está aqui pra fazer uma pausa, né? Vamos dizer assim. Então é o último encontro desse ano com essa característica. Então a gente começou fazendo os cartazes de qual a imagem de ser família saudável, e a proposta agora é ver como que está isso. Então, retomar... Vamos marcar 10 minutinhos?

Esperança

Vamos ver umas imagens lindas aqui,... família saudável.

Gralha

Família saudável - comida...

Esperança

Olha aqui uma artista fazendo comida boa.

Gralha

Por isso que eu sou gordinha, porque eu só penso em comer, comer, comer... Ah, minha filha, eu faço dieta direto, sabia?... Ah eu esqueci de colocar, sábado eu fui num aniversário de 15 anos... quase quebrei o salto do meu sapato.

Rosane

10 minutinhos, tá pessoal?

Violeta

... o computador lá deu uns pepinos, e ele trouxe agora. Aí ele dizia, mas como que tu vai me deixar aqui com os pepinos sozinho? Aí eu disse não, oito e meia eu tô subindo.

Violeta

Azedo, quer procurar aqui?

Esperança

Ab, essa aqui tá bonitinha, né? Tem que ter uma boa relação pra ter uma vida saudável; 50% diz que é a relação aqui também ó. Essa aqui eu acho que tá bem boa também. Só imagem, a gente vai falando das imagens.

Rosane

Vai ser o nosso mascote.

Esperança

... bem gostoso aqui ó.

Gralha

Eu vou sentir saudades dos nossos encontros, do nosso grupo. Vocês vão lá me visitar, tá? Lá no meu restaurante, na minha casa, vocês vão telefonar pra mim...

Esperança

Nós vamos lá só se tem desconto especial. Gralha, eu quero saber se eu vou ter um desconto especial, lá?

Gralha

Tem.

Esperança

Se não eu não vou. Vou lá comer casquinha de siri.

Gralha

Visse as casquinhas que eu trouxe?

Esperança

Ab, ela trouxe casquinha... Ai que bom.

Gralha

Como diz minha mãe, eu fiz com minhas próprias mãos.

Esperança

Muita música, também temos que ter na nossa vida, aqui ó, música, gostosa.

Gralha

Hoje a Esperança tá inspirada. Vamos lá Esperança.

Esperança

Me espantei os bichos.

Violeta

Ó Esperança conseguiu deixar as coisas?

Esperança

Tava com as idéias mais baratinadas... Foi tirar xerox na escola básica... Põe a música aqui... Não ela tirou tudo, só falta xerox da identidade... Precisamos também de um belo peixe aqui pra comer, se não tivermos a comida na mesa, também não adianta nada nós ter música e não ter nada para comer, só de amor não vamos viver.

Gralha

A Esperança hoje tá inspirada.

Esperança

Só de amor não vamos viver, né? Precisa música, precisa cor.

Gralha

Precisa, mar, sol pra gente viver.

Esperança

Uma casa confortável, também, se tiver tudo caindo na casa, não vai tar bom também. Vou ver se acho uma casa boa. Ai que linda, essa é mais linda do mundo, linda, linda; junta tudo. Cadê uma casa linda aqui, tem que ter uma casa gostosa, como a gente quer também... Porque a gente reclama que aquilo não tá bom e aí não vai também...

Gralha

Violeta, meu filho quer fazer a primeira série aqui, ele não quer ir pra lá, não.

Esperança

Queridos dos aluninhos, nós temos que começar de 1a a 4a também aqui na escola. Eu vou mandar segunda para lá Violeta.

Gralha

Eu disse para o Araçonga assim: "sabe se eu tivesse uma renda boa, eu ia fazer uma escola particular, mas num preço bem razoável", pra nós ir tudo pra lá, né Esperança?

Mãe

... fazer uma própria pra nós mesmo. Cobrar 50 reais cada um.

Esperança

Cores, cadê o meu bebê, bota as comidas junto ó. Tudo aquelas comidinhas aqui.

Gralha

... tá inspirada hoje.

Esperança

Pão ó, não fala do pão sagrado. Ah, achei outra mais linda ainda. Vamos fazer a propaganda do molho inglês... Olha só que linda essa. Amor próprio. A globalização disso tudo...

Cajuzinho

Dois minutos pessoal, o cronômetro aqui, tá rigoroso. Contagem regressiva.

Mariposa

59, 58,... 55, a Gralha ficou vermelha,...

Rosane

Vocês pensam que elas tão fazendo essa contagem pra ver o trabalho, é pra comer! (ACERTOU!)

Esperança

Uma casa, né. Um abrigo, se não tivermos... debaixo da ponte, né, me vai ficar meio abalado em baixo da ponte, mas...

Rosane

Lembrem da pergunta tema: "Qual a imagem de ser família saudável?"; que foi aquela primeira...

Esperança

É indispensável o lazer, não podemos ficar sem ele de jeito nenhum, senão nós vamos ficar bilolados.

Rosane

Deu pessoal? A Violeta tá terminando ali pessoal, qual é o limite que vocês podem ficar hoje?

Mãe

Eu vou tentar sair... deixar de... porque eu tô com um probleminha em casa.

Rosane

Qual é o horário máximo que a gente pode ficar, só pra mim me organizar?

Violeta

Até oito e meia passadinha, porque a gente começou a imprimir o material nosso da formatura, e eu vou ter que fazer essa noite e amanhã. Que o computador a gente vai ter que trocar umas peças e eu vou ter que fazer, porque vai ficar uma semana fora. E o Severo não vai fazer, se eu não tiver lá do ladinho dele... Então eu posso ficar até oito e meia, um pouco assim passadinho. Eu não posso passar das nove, fico até dez pras nove.

Esperança

Eu estou liberada até a meia-noite...

Rosane

Até as nove e a festa? Então tá pessoal. Então, nós começamos com essa pergunta: "Qual é a imagem de ser família saudável?"; e hoje nós fecharíamos provisoriamente, também com isso. Mas entre o nosso primeiro encontro e esse nós tivemos uma caminhada. Essa caminhada ela pode ser vista, depois, se vocês quiserem retomar, por aqueles primeiros cartazes que vocês fizeram. Depois: "de onde veio essa imagem...?". Estão aqui pra nossa história, porque esses cartazes, eles nos guiaram. Então, o que é que vocês estão trazendo nesse momento, agora? A gente pode falar nisso em 5 minutos talvez, 10 minutos, discutir mais 10, depois a gente faz uma avaliação. Eu tenho algumas questões para discutir com vocês, de fechamento, certo?

Violeta

... assim, eu fui recortando, né? E é bem engraçado, que nos primeiros eu pensava, pensava o que recortar, hoje não tem mais aquela dificuldade de pegar a gravura e relacionar no tema: o que é família saudável. E nunca recortei, então hoje vamos dar uma trégua, assim né? E acho que onde existe a paz, a inteligência, tu olha aqui tu vê que ele é um baita, inteligente, grandão, e a gente pode ver pelo trabalho que ele faz, pela pessoa que ele é, por isso que ele tá aqui hoje, né... a paz, a inteligência, a harmonia, a liberdade, aqui mais em baixo. Eu acho que o prazer que se tem no brincar, no olhar, o lazer também. Aqui um correndo, lá brincando. Eu acho que tudo isso aqui traz pra gente, a saúde, o carinho e juntando com esse daqui é o respeito. Eu acho que qualquer lugar, qualquer grupo, que se tenha, independente do tamanho se com 50 membros, se é reduzido como o nosso, que não tá tão pequeno hoje, que coisa boa... Mas quando a gente vê que existe respeito, e ter liberdade pra pessoa poder falar, colocar os seus sentimentos, trocar, acho que tudo isso aqui faz com que a pessoa seja saudável. Onde possa se viver num lugar, onde se possa exprimir sentimentos, liberdade, eu acho que isso vai fazendo com que a gente seja saudável. E mesmo não tendo tudo num conjunto, é bom se pudesse ter tudo isso aqui num conjunto, de uma vez só, mas não tem. Eu acho que em cada lar tem, cada família, a gente nunca tem, é paz, inteligência, harmonia, liberdade, prazer, lazer, saúde, carinho e respeito... Nunca tem completo, sempre falta alguma coisa pra fechar. Mas aí acho que enquanto a gente tá jun-

to, e que a gente pode ver que nem tudo tá junto, nem tudo tá presente, mas se tu tem força, pra ti buscar aquilo que tu acha que tá faltando, eu acho que a gente tá no caminho de ser saudável.

Gralha

Duas cabeças pensam melhor, né?

Violeta

Duas, 3, 4...

Rosane

Quem mais?

Mãe

Pra nós sermos uma família saudável, nós temos que ter uma natureza saudável; também nós temos que ter essa alegria essa paz, ... natureza. Porque se nós não tivermos isso, nós vamos parar aqui morto com a violência, ou então aqui.

Esperança

Eu até coloquei ó, na falta de ser saudável, acontece isso, aí ele colocou, aí eu completei. Vamos lutar para reverter isso.

Rosane

Isso é o quê?

Mãe

Não sendo família saudável.

Esperança

Não sendo.

Rosane

Acontece isso?

Esperança

Parece uma coisa ruim assim...

Mãe

Porque se nós não termos, uma peça depende da outra. Se nós queremos ser saudável, então o que é que nós temos que fazer? Nós temos também que defender a natureza. Defendendo a natureza, nós vamos ser saudável. E se não defendermos nem uma, nem outra, nós vamos acabar na própria...

Esperança

É tem um trecho da Bíblia que diz: "Deus colocou tudo, o homem que... a maldade do ser humano está..."

Mãe

E nós estamos destruindo... já imaginou nós não termos isso nem aquilo, ou a natureza pra dar isso pra nós sermos saudável? Não temos nada.

Gralha

Nesse contexto ainda da violência, eu acho que a gente tem que pensar também na comunidade. Porque a gente fala família saudável, mas às vezes tu vê tanto atrito, tanta coisa que tu tem vontade de ir lá meter teu dedinho pra ajudar, né? A gente não é Deus pra ajudar tudo, mas às vezes tu vê que aqui tá errado, ali tá errado. Tu vai no futebol hoje em dia, que na televisão acaba tudo em guerra, tudo em violência, até em morte, tu não pode mais levar um filho teu, uma criança, um menino de 6 anos, pra ver o futebol. Tu não

sabe o que é que vai acontecer lá dentro. Tu vai num show tu não pode levar... porque tu não sabe o que vai acontecer, briga, entendeu?...

Mãe

Mas aí é que tá. A natureza, ela mesmo, se analisar a natureza, ela mostra tudo pra nós...

Esperança

É o reflexo do ser humano.

Mãe

É o reflexo do ser humano. Agora, se nós não olharmos pra natureza o que vai ser, nós vamos virar uns animais mesmo.

Esperança

Você faz a leitura de uma cidade, uma comunidade pela natureza.

Mãe

Então hoje, o homem, o que é que ele faz? Ele destrói a natureza pra poder fazer o que?... Conforto. Passando por cima da natureza, o mato, o mar, a água e vai indo.

Esperança

A vida é assim, o ser humano é uma cadeia alimentar, uma engrenagem, uma coisa depende da outra, se alguma engrenagem não tiver funcionando, não tiver com óleo, pra estar rodando tudo isso; é uma roda viva. Se alguma coisa não tiver, vai atrofiando outros, se uma engrenagem daquelas vai falhando. Por isso que eu digo, cada ser humano tem uma parcela, uma função fundamental, importantíssima e... enquanto as pessoas não descobrirem ou ele vai para outro lado por fatores, se nós todos conseguimos, por n coisas... se quer, fica indignado com tudo, fica com vontade de... virar a coisa. Ao mesmo tempo, todos nós precisamos participar pra essa engrenagem do mundo, essa globalização, pra que todo esse, funcione legal. A gente faz uma leitura duma comunidade, uma região, um bairro, uma cidade, pelo que a natureza tá aí, pelo que a cidade tá apresentando. A forma como tem muita árvore, muita planta, muito limpo; tudo isso... de quem são as pessoas que estão ali, se estão preocupadas com tudo isso também. Então a natureza vai estar e está dando respostas pra nós. Eu vejo que o mundo tá preocupado em tar garantindo essa natureza por muitos anos, que já foi muito, estragado. Então, pelas reportagens, notícias, muitos países também, eu vejo que tem uma preocupação assim. Mas tem uma coisa que pesa mais o lado negativo. Aparece mais, mas eu ainda vejo, o que eu já escutei, que outros tempos a gente não escutava das pessoas preocupadas.

Mãe

Nós tivemos a presença aqui na semana passada, da imprensa aqui no local. Só pra vocês terem uma idéia, tudo o que foi mostrado perante a comunidade aqui, foi tudo cortado, não passou nada. Então, a mesma coisa...

Rosane

Tu visse a RBS das sete horas? Sete da manhã.

Mãe

Vi. Então o que acontece na natureza é a mesma coisa. A natureza não pode se defender; é nós que temos que ajudar a natureza. Enquanto... mata o suficiente para se alimentar, ele constrói... e boa imagem, paga uma pessoa vai lá... Mas, na verdade, não é nada disso,... tá destruindo mais...

Esperança

Mas no geral, né?

Mãe

No geral. Então, tá difícil, tá complicado o negócio.

Violeta

É Mãe, mas a gente tem que pensar assim. Tá difícil, tá, mas se tu acha que tá tão difícil, tá tão ruim, nos compete, a cada um de nós, ser humano, é difícil. Pode ser até que a gente não consiga te dizer que vamos vencer, que isso aqui não tá tão bom, que tem povo que não tá ligando pra natureza como vocês tão aí falando. Mas se eu quiser mudança, tu não pode esperar que o outro lá comece. Começa,... e tem que acreditar que tu vais, pode ser que esse esforço não vai ser o resultado, tu não vai ver, mas tu tá contribuindo. A gente vai tar errando, se a gente não mostrar, se a gente não dizer. Então se tu pensar que tu tá ajudando, tá colaborando, tu tá participando, sim. Como diz a Esperança, que antigamente, antes assim, que tu não via tanto sair reportagem, que isso aqui tá desmatado,... que as pessoas destroem tanto né, e que não tá lá mostrando. Hoje não; hoje, tu vai lá na duna tira um balde de areia, tu aparece na televisão, e aí uns anos atrás que saía caminhão e caminhão: quem via? Hoje tu sabe, tu pode ir lá... mas que tu vai aparecer tu vai. Então a preocupação tá sim, e nos compete ajudar essa mobilização pra conscientizar esse povo,... É sacrificando, desgaste, deixa doente, cansada, acha que vai cair e não levanta mais...

Esperança

... só que pode ser muito temporário. Eu acredito que seja temporário. Pode até ser pequeno ter 1, 2 quartos, mas é preciso ter um teto gostoso, que lá tenha coisas que eu gosto. Porque se não tem nada que eu gosto a relação toda vai tá coisa. Eu preciso ter as coisas que eu gosto. Uma relação realmente, encontrar minha outra parte. Muito amor. A luz da vida que é a nossa criança, um filho. A relação harmônica, de família, de colegas, de pessoas. São as coisas que as gravuras passaram assim, né? Relação de 2, uma coisa gostosa, muito amor. Tem que ter um peso grande aqui nessa situação, nessa foto. Eu boto um peso muito grande nela. Tem um peso muito que é a relação das pessoas. Hoje em dia tem mulher com mulher, homem com homem... Mas eu respeito, como cada um faz do jeito que quer. Depende das pessoas. Eu tô me referindo à qualquer relação das pessoas.

Rosane

Relação sexual também!?

Esperança

É, a relação sexual tem um peso bem grande.

Rosane

E essa cor Esperança?

Esperança

Essa cor parece assim. Nas cores tem vida, tu vê vida, alegria, luz.

Gralha

Eu acho que flor mostra tudo né? Cheiro...

Esperança

É a sensibilidade é grande onde mesmo que se tu tá meio assim, tu... a flor te desarma da carapuça, da coisa dura, fria. Até as pessoas muito dura e frias com uma flor elas...

Rosane

Essa cor é da flor?!

Esperança

É da flor, natureza. Assim como apareceu as cores que me achou.

Violeta

Eu acho que a flor transmite energia, né? Uma fé, um pensamento positivo, uma coisa boa que ajuda, como diz a Esperança, se tu tá lá para baixo te ajuda a subir né?

Esperança

Tem um poder muito grande a flor. Eu vejo assim. Presentear alguém... Eu acho que não tem pessoa... é muito difícil, pode até ter não sei. Mas é muito difícil...

Gralha

Quando eu ganhei meu filho eu ganhei um buquê de crisântimo.

(Risos).

Esperança

Ab! Cruzes!

Gralha

Muito lá fora de... Ele disse que o nervosismo. Ele pegou um vaso bonito e... Quando eu olhei para ele disse: "Crisântimo, não!?". "Mas é tão bonita a cor!". "Fazer o quê? Tem um cheiro de defunto. Em vez de ser uma morte, era uma vida nova, né?"

Rosane

E aqui?

Esperança

Aqui a gente precisa de música, de som. Também mexe com a alma da gente. É uma coisa que alimenta a alma, o espírito né?

Rosane

A música tem relação com a família saudável?

Esperança

Tem!

Gralha

E hoje tu tem que estar por dentro até pelos teus filhos, né?

Mãe

Quando você tá bem, um som, um vizinho conversando com você, tudo se torna alegre.

Esperança

Mas se tu tá triste, vê se tu não começa a escutar uma musiquinha e já fica assim... A música de qualquer forma; qualquer tipo de música, ela tem um papel fundamental no ser humano. É indispensável a presença da música em qualquer ambiente.

Gralha

Às vezes, tu tá lá toda caidona, aí começa uma música mais alegrinha, tu vai mexendo com o pé, mexendo e quando tu vê, tu já tá balançando, balançando!

Esperança

Tem pessoas que se recuperaram de casos extremamente perdidos. Através de terapia pela música.

Mãe

Depende. Eu fiquei ruim e não foi uma musiquinha que resolveu.

Esperança

Tem situações e situações. Tem "n" casos. Sabendo usar, não é assim também! Não é a altura de volume, é a música que importa.

Gralha

As crianças quando estão doente, tu embala e canta, é tão gostoso que tu acaba adormecendo.

Mãe

Criança adora brincar com crianças.

Esperança

Então esses são os pontos, elementos que fazem parte, que contribuem para a imagem de ser saudável para mim.

Rosane

O que é que tu colocou aí para nós para falar?

Solidária

Eu botei um carneirinho. Tanta coisa quer dizer... ele tanto te alimenta, te agasalha, te diverte, tudo isso faz parte. Minha filha tinha uma que era uma vida... Porque o pêlo dele te agasalha, tu faz os trajés. Te alimenta, conforme a morte.

Rosane

Aí tu relacionou isso com família saudável?

Solidária

Sim. Eu dei para minha filha. Quando ela tava doente isso aqui era um tipo de remédio para ela. Para ela, para mim muitas vezes foi. Então para mim é uma maneira de família saudável. Porque não é só objeto, bicho... tem várias maneiras. É, ele era um membro da família. Eu conversava com ele, parece que ele entendia. Era tolo, mas era. Eu fazia carinho e ele retribuía. Tudo isso. Então para mim é uma família saudável.

Rosane

Tu tá me dizendo que o bicho é também um elemento da família?

Solidária

Sim, no meu caso eu penso. Não todos, mas esse aqui em especial para mim é. Até quando ele morreu...

Gralha

Eu acho que depois que tu tem um bicho de estimação ele se torna membro da família.

Mãe

Logo, mais para criança.

Gralha

Eu tive dois cachorros e não tiver mais porque o Mateus fica desesperado cada vez que morre um. Aí desisti, não quero mais.

Rosane

O senhor, Azedo.

Azedo

Olha eu vou falar o que já falei tantas vezes. Para ter uma família saudável tem que ter "money". Sem dinheiro...

Mãe

Eu acredito que money tem que ganhar o suficiente para educação, saúde, segurança. Mas tem um colega meu que coloca para mim que se ficar sem dinheiro hoje ele enlouquece.

Violeta

Mas enlouquece mesmo!

Mãe

Eu já penso o contrário.

Gralha

Duas pessoas desempregadas com as crianças embaixo da ponte, sem dinheiro.

Mãe

Sem dinheiro não. Tem que ter o limite. Agora tem que pede demais. Dá uma fatia e ele quer outra fatia, outra e vai indo.

Violeta

Eu acho Mãe, que como o Azedo diz, uma família sem... gera uma confusão muito grande. A gente tem o exemplo da gente. Quando a gente consegue superar e pagar, porque a gente tem que dar o passo de acordo com as tuas pernas. Quando tu pensa em esticar mais, já dá confusão na família da gente. Como é que tu e a tua família vão viver sem nada? Precisa sim.

Mãe

Eu acho que o que a gente precisa é de fé?

Violeta

Mas ele não vai do céu?

Mãe

Concordo. Mas o dinheiro, a gente tem que dominar quando cai na nossa mão. Se a gente se meter à besta...

Violeta

Mas não foi isso que o Azedo falou.

Azedo

Realmente dinheiro é importante para tudo, né?

Solidária

Queira ou não queira, né?

Rosane

Pessoal, vocês gostariam de colocar mais alguma coisa? Sobre família?

Gralha

O ano que vem vou vir toda inspirada. O primeiro encontro pode esperar meia-noite.

Rosane

Bom, tem algumas coisas para o trabalho continuar. Vocês sabem que esse já era um trabalho de extensão que a gente começou a fazer no ano passado. E aí eu fui desenvolver a minha tese de doutorado e achei que seria muito interessante dentro do próprio trabalho de extensão para ser uma coisa da prática e trazer uma contribuição para prática, para vida da gente. Desses encontros nossos, eu pretendo desenvolver a minha tese de doutorado. E, é a partir de todos esses relatos que eu vou construir essa tese, que é uma construção em conjunto. Mas, eu falei para vocês que eu preservaria a identidade, o sigilo de vocês. Então eu gostaria de ver assim que codinome, que apelido vocês gostariam de se dar porque eu não posso falar nos nomes. Então, muitas vezes se colocam determinadas idéias, mas eu não vou colocar o nome das pessoas. Então geralmente se preserva isso através de nomes. E eu gostaria de ver que nomes vocês gostariam que fossem colocados, apelidos, nome de alguma coisa, nome simbólico. Como tu gostaria que tu fosse...

Gralha

Tu quer um exemplo? É que eu já tenho um apelido e eu já vou até usar ele. "A gralha falou tal coisa". É porque eu sou muito faladeira, então todo mundo me chama de Gralha.

Rosane

Então tu é a Gralha?

Gralha

Azedo, com todo respeito, pode ser bigode! (Risos)

Violeta

Eu sou Violeta.

Rosane

Como o senhor gostaria?

Azedo

Sem bigode! Não, com bigode!

Violeta

Foi só brincadeira, Azedo!

Rosane

Tu Esperança?

Esperança

Esperança.

Gralha

Nossa! A Esperança tá inspirada hoje.

Esperança

Melhorei um pouquinho da bronquite então estou mais esperançosa.

Azedo

É para marcar, aí? Então bota Azedo.

Todos

Azedo?

Azedo

É o contrário do meu nome. Aí tira o bigode. Esse fica bonito.

Mãe

Eu tô viajando. Tem uma pessoa hoje que me chamou de uma coisa... Mãe. Bota Mãe.

(Risos)

Rosane

E tu?

Solidária

Eu sou muito solidária com as pessoas. Gosto muito de ajudar. Solidária, então.

Mariposa

Eu sou a Mariposa.

Cajuzinho

A Mariposa apaixonada!

Gralha

Mas não é a lagarta, não né?

Rosane

Quer escolher algum?

Cajuzinho

Nem pensei nisso Rosane, não sei.

Rosane

Eu nem adianta colocar porque a tese vai ser minha.

Cajuzinho

Então Cajuzinho.

Esperança

Ela tá com muita fome, é por isso!

Rosane

Bom, a outra coisa. Não adianta em colocar, porque vou ter que assinar o trabalho, né? E quando eu for lá defender a tese eu vou estar lá, não dá para disfarçar. Aliás, isso é exatamente o que eu queria. queria muito: eu pretendo, antes de defender a tese, vir discutir algumas coisas com vocês, como é que eu fiz a leitura do momento nosso. E gostaria muito que vocês estivessem quando eu for defender a tese. Isso seria para mim muito gratificante. É no primeiro semestre do próximo ano. Então eu até inclusive quero continuar meu trabalho de extensão porque eu tenho um compromisso aqui, com o núcleo. Então, o que eu gostaria de acertar é que seria mais no segundo semestre, como foi esse, né? E no primeiro eu ainda vou estar envolvida, terminando a minha tese. Então acho que era bom ver se vocês acham se está bom, teria contato para dar esses retornos.

Gralha

Mas vocês não vão embora, né?

Rosane

Não. Eu disse que voltava e voltei né, Violeta?

Gralha

Eu faço parte desde quando eram as outras meninas. Quando se falava mais da violência.

Rosane

É. A outra questão, gente, é que eu tenho,... Eu queria ver com vocês que a gente tá tirando foto e tá filmando. Então eu queria ver o que eu posso utilizar disto. Eu não posso utilizar? Segundo, se puder, se vocês querem que o rosto fique coberto. Porque são fotos de reunião, de algum momento, de discussão ou a filmagem. Então, vamos começar assim: as fotos. Vocês gostariam que eu pudesse usar para ilustrar o encontro, na tese, das reuniões que a gente fazia? Tem toda liberdade de falar.

Gralha

Não tem problema, eu só queria que não aparecesse tanto o meu nariz porque ele é muito grande.

Mãe

Sim. Por mim tá tudo bem.

Azedo

Também concordo.

Violeta

Como é algo que vai favorecer o teu trabalho não tem problema. A preocupação é que ninguém foi para o salão, né? (risos!!!)

Solidária e Esperança

Tudo bem.

Rosane

A filmagem, posso utilizar ou vocês preferem não?

Mãe

Como eu já coloquei, tudo bem. Se quer que eu assiné.

Gralha

Eu só queria uma fita dessa para mostrar para besta do meu marido.

Mãe

Não fala isso dele.

Gralha

Mas ele imagina. Depois do puxão de orelha que eu dei. Eu acho que ele imaginava que eu fazia mil coisas aqui. O que é isso? Eu acho que se eu saio aqui, ele tem que ter confiança em mim. Eu acho que ele pensava que eu vinha aqui, desculpa até a expressão, sexo ou pornografia. Então era até bom pegar e mostrar para ele.

Rosane

A outra pergunta gente é se vocês querem que borre, como aparece na TV?

Violeta

Que horror, não!

Gralha

Vão pensar que eu sou alguma menor delinqüente.

Mãe

As pessoas que estão aqui e algumas que não estão, mas que já participaram, eu acredito que eles não vão dar tanta importância para esse tipo de coisa. Eles vão se interessar é mais pelo teu trabalho.

Violeta

é, pela escrita.

Mãe

Você pode até colocar uma expressão, outra...

Rosane

É porque até agora eu coletei os dados e agora eu vou começar a analisar e daí a gente vê o que vai precisar ser utilizado, né? De acordo com o orientador porque eu tenho dois orientadores.

Violeta

Eu acho que a gente vai ser bem útil no teu trabalho. A gente se preocupou. Engrandeceu e com isso eu acho que cada um vai levar uma coisa de bom, de aprendizagem. Mas eu acredito que tu vai conseguir fazer um trabalho muito bom. Conseguir trazer os pais, conversar, tu tens aqui para trocar... É um desafio grande. E vai ter pessoas que vão estar fazendo o mesmo trabalho e que oportunidade eles não estão tendo. Eu acho que vai ser muito forte, a gente tem um pensamento bem positivo. Eu vou dar o meu exemplo,... vai ser muito

bom o trabalho que tu fizer. Que tu acredita. A gente sabe que tu tá fazendo porque quer, porque acredita, e não estás fazendo por estar fazendo. Tu tá fazendo o que tu quer fazer e é bem feito.

Rosane

Obrigado. Sem vocês eu jamais poderia fazer nada disso.

Gralha

Foi tão gratificante para gente. Olha o que a gente lutou para estar aqui. Eu mesmo... Pra mim, quando entrar em férias, eu vou sentir uma falta enorme disso aqui.

Violeta

Mesmo comprando briga com o marido!

Gralha

É, eu puxei a orelha do meu marido e disse: "eu vou". Eu nunca falei assim com ele. Só quero que tu não mostre o meu nariz. Mostra a Violeta que tem mais perfil, a Esperança que é mais expressiva; a Mariposa que é sorridente (a mariposa).

Rosane

A outra questão gente que eu gostaria de ver com vocês é que durante as férias é que eu vou trabalhar nesses dados, vou analisar profundamente. E talvez precise algum ponto, alguma idéia que precise ser aprofundada. Eu queria ver se eu poderia, caso eu tenha necessidade... (entrar em contato com vocês; aí, seria individualmente, na sua casa, com sua família) de eu tirar alguma dúvida, para fazer esclarecimento de alguma coisa que vocês tenham colocado, alguma idéia. Tu falou isso, como é isso, me explica mais porque não ficou claro. Eu queria ver se tem alguém aqui que eu poderia ter esse tipo de acesso e se alguém teria dificuldade em eu procurar, caso precise aprofundar alguma questão.

Mãe

Todos que estão aqui?

Rosane

A pessoa que deu aquela idéia, aquela colocação.

Gralha

Aí vocês vão lá em casa, eu dó uma cervejinha, um camarão.

Mãe

De preferência você vai na vizinha, abastece e depois vai na minha.

Gralha

Não tem problema Zé. Ela passa lá em casa, toma café e depois a gente vai tomar de novo na tua casa.

Rosane

Quando nós chegarmos lá, estaremos em comitiva. Eu poderia ter esse tipo de acesso?

Esperança

Na minha tranquilamente.

Gralha

Eu também, tenho telefone.

Mãe

Mas, você só pode me encontrar em casa de noite depois das sete, ou então num sábado ou domingo. Sábado das sete às oito e depois só a noite.

Violeta

Tá, depois a gente discute isso.

Mãe

De preferência seria legal vocês fazerem uma visita para cada um num domingo.

Rosane

Bom pessoal, então para finalizar eu queria ler uma coisa para vocês. Eu falei muito aqui em sincronidade que nada acontece por acaso. Isso foi muito forte. As falas de vocês, a gente tava conversando hoje, vinham ao encontro de muitas coisas que a gente tava vivendo enquanto pessoa, enquanto família também. O meu dia-a-dia, o das gurias. Às vezes eu dizia assim: “não, eles me viram num cantinho lá em casa, viam isso acontecer”. Então foi uma troca muito grande. E dentro dessa sincronidade, essa aqui é a minha agenda e eu tenho ela desde o início do ano. Um dia em que eu tava pensando o que eu traria aqui para gente ler, eu abri bem nessa página. Aí eu me lembrei, se a Violeta tá recordando e a Esperança também, quando eu apresentei o projeto aqui, eu coloquei que eu estava chamando as famílias da Lagoa, carinhosamente, de as famílias das tribos da Lagoa. Porque hoje a gente diz que nós vivemos no mundo das tribos. E aí eu encontrei aqui “A tribo” (leu o texto).

Eu acho que tem tudo ver com o que a gente viveu aqui. E olha a música que tá tocando! Eu queria muito, muito agradecer vocês por ter conseguido estar aqui com vocês, pela disponibilidade. Eu sei que não é fácil trabalhar o dia inteiro. Em alguns momentos procurar emprego o dia inteiro e chegar no final do dia, 7 horas da noite vir aqui e conversar, fazer um trabalho. E parar, pensar, refletir, estar contribuindo com alguém, conosco aqui. Então eu queria agradecer do fundo do coração essa disponibilidade, esse ser tão bem recebidas como nós fomos aqui. Eu fiquei muito feliz semana passada, apesar de todo stress, quando a Violeta chegou e disse para nós: “Rosane, hoje nós temos uma reunião com todos os pais da creche e a gente nem te avisou porque tu já faz parte do nosso núcleo”. Eu fiquei muito feliz, olhei para as gurias e vi que elas ficaram muito felizes. Como é bom fazer parte! E isso foi um retorno muito bom. A disponibilidade de vocês, o bom humor, o astral e a sabedoria de vocês. É belíssima a sabedoria de vocês, eu aprendi muito aqui. Muito obrigada por tudo.

Gralha

É a gente que tem que agradecer!

Violeta

Esperança, não pode chorar! (Esperança chorou!)

Nota - recebemos flores nesse momento abraçamos todos e agradecemos tiramos foto.

Rosane

Meu Deus. Eu que amo flores!

Violeta

A moça da floricultura disse: “Mas como? Quando tu vem aqui tá sempre correndo!”

Rosane

Eu queria ver com vocês, fazer esse fechamento. Fazer uma avaliação que vocês poderão colocar o que a gente pode melhorar, porque sempre tem pontos mais fracos, alguma coisa negativa que a gente possa superar. Pontos mais, o sentimento. O que vocês acharam?

Violeta

Avaliação a gente fala, não precisa ser escrita, né? Pode ser já para não perder muito tempo.

Rosane

Isso.

Violeta

Eu acho que uma pena que parece que eu já cheguei tarde, o tempo é pouco, pelo trabalho que vai se desencadeando e puxa lá o tempo se torna nosso inimigo, né? Eu acho o ponto negativo, não tem, não existe. Eu acho que tudo que a gente fez, se um dia a gente achar que deixou de fazer, mas no outro dia a gente conseguiu vencer, né? E superar aquilo que a gente achou que poderia ser melhorado; pelo menos da minha pessoa, isso não pode ser visto como ponto negativo porque não existiu. E acho que tudo que se trabalhou ele vai ser de grandeza para própria pessoa, mesmo que seja uma palavra, uma frase que a gente achou, que a gente veio com expectativa de resolver algum fato da vida da gente e não conseguiu, mas não era isso. O que a gente veio buscar eu acho que foi esperança, se um dia eu passar determinada situação, eu ser forte e saber como agir. Quem sabe escutando palavras da mãe, da Esperança, dos pais aqui. Eu acho que na vida da gente, quando a gente se deparar com uma situação com certeza a gente vai lembrar de algum companheiro aqui do grupo: mas ele falou assim, ele aqui assim. Com certeza vai servir de exemplo para a gente. O que espero é que foi pouco tempo, acho que não deu de trocar muita figurinha, acho que a intenção e a vontade é que a gente possa continuar ano que vem contribuindo com mais alguns encontros. Espero que de todos os encontros que se tenha feito e que a gente tenha conseguido servir para que tu tire dúvida para aquilo que tu tá a fim de escrever, fazer e discutir. Que eu tenha servido, a avaliação é minha e não de vocês, né? Que a gente, que eu tenha servido como suporte, de apoio para tirar dúvida, servir como exemplo porque, como eu já falei, eu tô aqui como uma mãe, não como um membro da escola. E sim como mãe, desde o início, e que possa, de um jeito ou de outro, ter contribuído para alguma coisa. E que a gente espera que retorne porque a gente não terminou. Logo, logo a gente retorne o trabalho e que seja tão bom como, foi até agora. A gente agradece também pelo apoio de vocês, do carinho que a gente tem em troca, e, que a verdade que a gente diz que vocês já fazem parte da família da escola. A gente zela tanto pela nossa escola, que é uma família e vocês não estão lá do outro lado e sim, já fazem parte dela. Então já é... E as meninas que tão chegando assim, como as que já foram, fazem parte também da unidade. É assim que a gente sente e a gente fica até meio triste quando as outras pessoas não vem, se bem que eu acho que a não quantidade para vocês não faz a diferença. Eu penso assim... Vocês conseguiram colher aquilo que vocês pretendiam, os objetivos foram alcançados mesmo com poucas pessoas no grupo. As portas vão estar sempre abertas para vocês, mesmo depois de ter terminado o trabalho. Eu penso, se elas vão voltar ano que vem, se vão continuar, que às vezes não é como a gente quer, né? E se um dia precisar da gente enquanto mãe, enquanto comunidade, enquanto escola, a gente vai estar sempre à disposição de vocês.

Gralha

Como amiga.

Cajuzinho

Eu tenho uma coisa para falar também. É assim: a Rosane tá fazendo a tese dela tudo e a gente tá trabalhando na bolsa com ela. O que a gente aprendeu fora da bolsa com vocês, as experiências de vida, foi uma coisa muito gratificante para nós também. Não como aluna, mas como ser humano. Foi muito bom.

Mariposa

Não vou falar senão eu começo a chorar.

Gralha

Até eu acho que já feita uma avaliação de todos nós porque a Violeta falou tão bem.

Rosane

O que vocês gostariam de trabalhar o ano que vem? Vocês tem idéia de alguma coisa?

Violeta

Continuar o lema, eu acho que a gente não esgota.

Mãe

Tem que ser o mesmo trabalho.

Violeta

Pode ser com técnicas diferentes porque o lema em si é muito amplo.

Rosane

Uma coisa que eu tava pensando de vez em quando, uma vez por mês, trazer um convidado. Alguém que venha fazer uma aula de relaxamento com a gente, não sei se vocês gostariam. Alguém que venha fazer uma dança, teatro... A gente tem uma artista, aqui. Vocês gostariam de acrescentar isso?!

Mãe

Nossa vida já é um, tem horas que a gente faz milagre.

Violeta

Oh Rosane, ali quando tu leu aquela mensagem que eu achei tão lindo. Se não fosse te pedir muito, mas, assim da nossa unidade a gente é muito... Por mais que o fulano tente se desviar a gente sempre puxa ele para cá, mas é muito difícil trazer esse menino bem unido, né? Então, de vez em quando, a gente sempre acha que tem alguém escorregando. Eu pedia para ti se tu xerocava para nós e se tu dava liberdade no dia primeiro, se vocês até quiserem vir estão convidadas, que é nossa parada pedagógica. Mas se não for possível a presença de vocês, se tu permitiria xerocar porque da outra vez eu quase morri das pernas para trazer a história do espanador e da vassoura. Foi assim, uma mensagem linda e eu acho que mexeu com o povo, né? Simplesinha mas... E se tu dava liberdade da gente usar na nossa parada pedagógica esse texto do povo, porque a gente também se sente muito grupo assim, muito unido, muito amigo, muito carinho. Né Azedo? Mesmo que a gente não consiga trazer todo mundo junto, tem sempre alguém que critica: a porque isso, porque aquilo, mas eu acho que a gente ainda consegue. É uma escola, uma unidade que sofre tanto como esses fatos que vocês tiveram presentes e vocês viram. Porque a gente é muito solidário um com o outro. A gente se preocupa muito com o nosso amigo ali do lado.

Rosane

A parada é o dia todo?

Violeta

É o dia inteiro.

Rosane

Então eu trago aqui para vocês com o maior prazer.

Violeta

Para gente fazer a abertura.

Rosane

Que horas abre?

Violeta

Às 8:30 horas. Queres fazer a abertura para nós?

Rosane

Eu posso vir aqui com muito prazer.

Violeta

Tu olha bem na tua agenda e vê se dá para vir. Se não der, se tu permitir dá a gente passar só a mensagem tá bom.

Rosane

Dá sim. Eu trago aqui. Tu acha que é uma boa eu vir mesmo?

Esperança

Se não for possível deixa lá no prédio com a Cajuzinho.

Rosane

Não, dá sim.

Violeta

Se vocês achar que vai atrapalhar a vida lá do outro lado e quiserem fazer só a abertura para nós vai ser um grande prazer.

Rosane

Para nós é uma honra, né? Imagine fazer a abertura.

Gralha

E dia 4 é a formatura das crianças.

Violeta

Às vezes, a gente tá tão angustiado, tão magoado, tão triste, tão pobre... Eu acho que vai ser uma luz para o povo não se entristecer.

Rosane

Então tá, segunda-feira 8: 30 horas nós estamos aqui. Pessoal, vamos fechar...

Mãe

Não tinha como vocês arrumar para nós uma foto?

Rosane

Alguém quer colocar alguma coisa, falar alguma coisa para gente encerrar? Pessoal, eu queria agradecer de todo coração. Eu acho que a gente pode chegar aqui e como a gente sempre acabou, gritar o nosso:

O B A!!

Esperança

Agora acabar...

Cajuzinho

Agora é hora dos comes...

Resumo I

25/11/97

Início 19: 30 horas, com as seguintes pessoas: Violeta, Mãe, Esperança, Gralha, Azedo e Solidária. Inicialmente foi feito relaxamento com exercícios respiratórios. Depois cada um colocou como estava se sentindo. A maioria das pessoas colocaram como está a situação da creche referente à matrícula das crianças. Mãe referiu que bateu “boca com algumas pessoas por causa dessa situação”. A seguir foi pro-

posto que se construísse um novo cartaz (como foi realizado no 1o Encontro) para avaliar o que é ser família saudável.

Esperança se mostrou muito cansada.

Gralha está empolgada, bem animada. Disse que está como um passarinho, de tão alegre.

Mãe estava mais calado.

Azedo começou a participar da construção dos cartazes só após o estímulo, a solicitação de Violeta.

Violeta trouxe a nova portaria para ler.

Obs. : Gralha leu no início uma poesia sobre família que ela mesmo criou. A seguir leu mais dois pensamentos.

Gralha disse que se tivesse bastante dinheiro, montaria uma escola particular mas que fosse de fácil acesso para todos.

Mãe sugeriu que eles próprios montassem uma escola, nem que fosse de madeira bem simples.

Fim da montagem dos cartazes 20: 15 horas.

Rosane fez uma breve síntese do que foi discutido desde o 1o encontro.

Violeta diz que antes era difícil achar figuras que representam ser família saudável e que agora é bem mais fácil. Diz que família saudável é ter paz, inteligência, harmonia, felicidade, prazer, lazer, saúde, carinho, respeito. Seria bom se pudéssemos ter isso tudo em conjunto, seria o ideal, mas a gente nunca tem isso por completo, sempre falta alguma coisa.

Mãe diz que precisamos ter natureza para ser saudável porque se a gente não tiver isso vamos parar morto, na violência.

Esperança concordou com essa idéia de Mãe.

Mãe diz que para ser saudável nós temos que defender a natureza.

Esperança associou isso a Deus também (que Deus dá as coisas e a gente destrói).

Gralha diz que também não é Deus que pode salvar tudo, que isso depende também da comunidade. Falou sobre a violência nos estádios de futebol, nos shows...

Esperança diz que cada ser humano têm uma função fundamental e que um depende da ação do outro, é como um elo. Isso é necessário para que tudo funcione legal.

Violeta diz que para cuidar da natureza devemos partir de nós mesmos. Se quisermos mudança, temos que começar por nós mesmos. É sacrificante, nos deixa doente, mas é por aí que começa.

Esperança diz que é ter muito amor, filhos, relações harmônicas, peso grande na relação homem x mulher, peso grande na “entre duas pessoas (respeito)”. Nas cores tu vê vida. Disse que a presença da música tem forte influência na vida das pessoas. Falou sobre musicoterapia que salva muitas pessoas de casos graves.

Solidária falou sobre animais, que quando estes morrem servem de alimento para nós. E quando não, servem como bichinho de estimação. Serve até como “remédio” para certas doenças. Disse que um bicho é um elemento da família, mas não todos os bichos. Destacou uma ovelhinha.

Azedo diz que tem que ter “money” porque sem isso não se vive.

Mãe disse que é importante ter só o suficiente. Tem que, ter o limite, tem gente que pede demais!

Violeta diz que precisa de dinheiro sim e que isso não cai do céu.

Azedo diz que dinheiro é importante para tudo.

Gralha diz que ano que vem vai vir toda inspirada para os encontros.

Rosane falou sobre os planos para o próximo ano e do trabalho para tese de doutorado.

Sugeri que cada um desse um codinome.

Gralha diz que é para a gente voltar.

Todas as pessoas aceitaram o uso de fotografias e filmadora.

Gralha diz que sentirá uma falta muito grande de nossas reuniões.

Todos aceitam a visita; se isso for necessário.

Para finalizar Rosane leu sobre a tribo e fez avaliação geral do trabalho.

Esperança ficou emocionada com o que Rosane leu (tribos). Esperança chorou.

Resumo II

X Encontro – 8 a Oficina com famílias - 25/11/97

Rosane começou fazendo o relaxamento com a respiração. Estavam presentes: Esperança, Solidária, Gralha, Azedo, Mãe e Violeta. Chegaram um pouco mais tarde: Gralha, como sempre, estava alegre, super pra cima. Esperança, estava tensa, cansada

e com crise de asma. Azedo, neutro, falou e demonstrou pouco, Solidária, é difícil falar algo sobre ela, pois não participa sempre, mas estava com um sorriso em seu rosto, trouxe a filha. Mãe e Violeta estavam tensos com a situação da portaria e, os negócios do NEI, reuniões...

Após o relaxamento, o grupo se reuniu para discutir o que é ser família saudável. Esperança se animou um pouco mais, procurando figuras. Gralha colava as figuras. Mãe, Solidária, Azedo e Violeta procuravam figuras.

Obs. : Gralha trouxe três mensagens para ler, uma foi feita por ela.

Rosane começou a colocação sobre o trabalho.

Violeta começou a falar que no primeiro encontro era mais difícil de achar as figuras, e hoje foi mais rápido. Paz, harmonia, prazer, lazer, saúde, carinho, respeito,... pensar e fazer em grupo.

Mãe, natureza saudável, se não tiver isso a gente não vai ser família saudável.

Esperança, lutar para conseguir as coisas, para reverter as coisas ruins.

Gralha comentou da violência de hoje em dia.

Mãe comentou muito sobre a natureza e Esperança diz que a natureza é o reflexo do ser humano.

Solidária e Azedo permanecem em silêncio.

Esperança fala em globalização.

Violeta fala em entrar em ação, começar por si mesmo a mudar.

Esperança: amor, a luz da vida que é nosso filho, relação harmônica, muito amor na relação entre duas pessoas, música que alimenta a alma. Começou uma discussão de relações.

Mãe, se você está feliz tudo parece bom, se você está triste, tudo desanima.

Solidária falou sobre os animais. Diz que o bicho também é um elemento da família.

Azedo diz que tem que ter "money". Tem que ter dinheiro pra ser família saudável.

Mãe foi rápido em discordar.

Discutiram um pouco sobre isso.

Rosane perguntou se alguém queria colocar alguma coisa.

Fica para o ano que vem!

Rosane então, começou a explicar sobre a tese, e perguntou sobre os codinomes:

Outra questão são as fotos e a filmagem. As fotos foram autorizadas e a filmagem também. Violeta disse que cada um vai levar algo de bom do trabalho.

Gralha disse que vai sentir falta nas férias.

Rosane para fazer o fechamento leu o texto da tribo, agradeceu a todos a disponibilidade de todos...

Anexo II – Identificação de classes

<p>“- Família eu acho que não se restringe só a mulher, esposo e o filho. Eu acho que tudo, irmão, e as pessoas que convivem ao lado da gente, né? Às vezes é uma pessoa tão distante, e, às vezes, tá tão próximo da gente..., se torna tão companheiro da gente, que faz parte da família, não precisa ter laço de sangue aquela coisa, toda... a gente ter perto da gente um filho, marido, ou seja, nem todo mundo tem mãe e pai, um companheiro..., eu acho que acima de tudo, o respeito que existe no meio. O lar onde existe respeito, eu acho que isso é uma família.”</p>	<p>Família</p>
<p>“- Eu moro sozinha com a minha filha, eu tenho irmão também, só que a gente não se dá muito bem.”</p>	
<p>“- Meu nome é João de Barro, pra mim uma família saudável, vem de um relacionamento, uma companheira, e o fruto da nossa amizade e do nosso relacionamento, que é um filho, né? Isso pra nós é muito importante, o filho da gente e acima de tudo a saúde e o respeito.”</p>	<p><i>família saudável</i></p>
<p>Gralha:</p>	
<p>- Família saudável, é como uma planta. Já que todo mundo falou que é</p>	<p><i>Família saudável</i></p>

uma coisa boa, quando a gente molha, rega, ela vai sempre para cima né, quando tem amor a gente tem que fazer sempre com que ela cresça, cresça, e nunca deixe ela murchar. Eu acho que família é sogra, sogro, cunhado, não só os entes, porque senão tu não te dá bem às vezes com a mãe do teu companheiro ai já tem briga com ele, com filho... com os professores do colégio, porque a partir do momento que ela cuida do meu filho, ela é também da família, porque ela cuida dele para mim. Até a gente que tá formando esse grupo também é uma família agora, a gente vai se conhecer.

família

- Meu nome é Turquesa e eu acho que família saudável é tudo de bom, um companheiro, um filho, a amizade.

família saudável

Anexo III – Identificação de classes com ligações

<p><i>Rosane - O que é que tu colocou aí para nós para falar?</i></p>	
<p><i>Solidária - Eu botei um carneirinho. Tanta coisa quer dizer... ele tanto te alimenta, te agasalha, te diverte, tudo isso faz parte. Minha filha tinha uma que era uma vida... Porque o pêlo dele te agasalha, tu faz os trajes. Te alimenta, conforme a morte.</i></p>	<p><i>Imagem família saudável./ Família animal</i></p> <p><i>Eu botei um carneirinho. Tanta coisa quer dizer... ele tanto te alimenta, te agasalha, te diverte, tudo isso faz parte. Minha filha tinha uma que era uma vida... Porque o pêlo dele te agasalha, tu faz os trajes. Te alimenta, conforme a morte.</i></p> <p><i>Sim. Eu dei para minha filha. Quando ela tava doente isso aqui era um tipo de remédio para ela. Para ela, para mim muitas vezes foi. Então para mim é uma maneira de família saudável. Porque não é só objeto, bicho... tem várias maneiras. É, ele era um membro da família. Eu conversava com ele, parece que ele entendia. Era tolo, mas era. Eu fazia carinho e ele retribuía. Tudo isso. Então para mim é uma família saudável.</i></p> <p><i>Tu tá me dizendo que o bicho é também um elemento da família?</i></p> <p><i>Sim, no meu caso eu penso. Não todos, mas esse aqui em especial para mim é. Até quando ele</i></p>

morreu...

Eu acho que depois que tu tem um bicho de estimação ele se torna membro da família.

Logo, mais para criança.

Eu tive dois cachorros e não tiver mais porque o Mateus fica desesperado cada vez que morre um. Aí desisti, não quero mais.

Anexo IV – Identificação de classes com ligações

<p><i>Rosane</i></p>	
<p><i>Tem a família então que é do coração?</i></p>	
<p><i>Esperança</i></p>	
<p><i>Eu acho que a gente gosta assim mesmo. Sempre que eu oro eu lembro delas né? Sempre que eu faço oração lembro delas. Às vezes, sou da religião católica não tão ali na risca, praticante mas eu respeito, frequento a Igreja também (no Itacorubi a gente vai na missa de sábado à noite). Vou em outra Igreja, acendo a velinha e lembro dessas pessoas. Então elas são assim, do coração e fazem bem. Chega um momento que elas trazem alguma coisa para a gente. Às vezes, uma palavrinha, um sorriso elas conseguiram enquanto a gente estava num emaranhado, não encontrava solução para nada davam uma luz, de repente num telefonema, numa palavrinha, num sorriso, um oi, uma boa noite, um até logo te deu uma força assim. Obrigado, adorei aquilo assim. Esses dias ela me mandou 3 bolinhos de arroz e a pessoa agradeceu aqueles bolinhos. Então essas coisas tão pequenas, como a gente discutiu da outra vez se a gente não valorizar. Essas são as pessoas da família do coração. É aquelas que fazem bem.</i></p>	<p><i>religião</i></p> <p><i>Essas são as pessoas da família do coração. É aquelas que fazem bem.</i></p> <p><i>família do coração</i></p> <p><i>fazer bem/ se sentir bem/ ter prazer.</i></p> <p><i>É Ter mais do que amizade:</i></p> <p><i>” os amigos.</i></p> <p><i>Não pode dizer que são só amigos, porque é mais que amizade.”</i></p> <p><i>São as pessoas que a gente nunca esquece. Eu posso viajar para o Paraná, ela pode ir para Porto Alegre.</i></p> <p><i>É fazerem parte de tua vida:</i></p> <p><i>” E essas partes assim que eu digo que são do coração.”</i></p> <p><i>“Não sei como eu classifico essas pes-</i></p>

soas em minha vida, elas fazem parte. Então elas são do coração mesmo. “

Quer dizer é uma satisfação estar aqui com vocês. Fazem parte da vida da gente

É te fazer bem:

“tem uma sabedoria, uma força, uma energia, uma coisa tão linda que ela te passa que até por telefone ela passa. Mas de paixão! “

Essas pessoas são assim o teu geral, elas são da família do coração. Então uma cá, outra lá, outra aqui. Às vezes elas nem sabem o tanto de bom que elas fazem, o pouco que a gente troca cá e lá.

É gostar delas:

Eu acho que a gente gosta assim mesmo.

Sempre que eu oro eu lembro delas né?

Sempre que eu faço oração lembro delas.

Vou em outra Igreja, acendo a velinha e lembro dessas pessoas. Então elas são assim, do coração e fazem bem.

É te trazerem alguma coisa:

Chega um momento que elas trazem alguma coisa para a gente.

É te dar uma luz:

“ Às vezes, uma palavrinha, um sorriso elas conseguiram, enquanto a gente estava num emaranhado, não encontrava solução para nada, davam uma luz, ”

É te dar uma força:

“ de repente num telefonema, numa palavrinha, num sorriso, um oi, uma

boa noite, um até logo te deu uma força assim.”

Eu concordo com ela. A gente faz amizades justamente por um sorriso né? Por uma boa tarde, boa noite, nunca de cara amarrada, sempre de cara aberta. As pessoas sentem mais alegria até no próprio coração. Isso faz parte da família.

É receber e agradecer:

“ Obrigado, adorei aquilo assim.

Esses dias ela me mandou 3 bolinhos de arroz e a pessoa agradeceu aqueles bolinhos. “

É valorizar as pequenas coisas:

“Então essas coisas tão pequenas, como a gente discutiu da outra vez se a gente não valorizar.”

Essas são as pessoas da família do coração. É aquelas que fazem bem.

se sentir bem/ ter prazer em estar junto com.

Para mim família do coração é como eles falaram, é você se sentir bem ao lado das pessoas, ter prazer.

a gente tem prazer de estar junto. Isso aí para mim já é um motivo de ter prazer, de ser uma família do coração.

É ter prazer de falar. Na terça-feira passada eu fiquei dois dias com ela falando de vocês. Eu não lembrava o nome de ninguém, mas eu falei

Quer dizer é uma satisfação estar aqui com vocês. Fazem parte da vida da gente. É um compromisso que a gente tem, toda terça-feira estar aqui. E aí a gente fica querendo que aconteça logo porque a gente se sente bem. A gente vai embora fica lembrando, ah eu fiz isso hoje... Será que na outra terça-feira vai ser assim? Será que vai ser melhor? Faz bem para a gente. Isso que eu acho.

Ela foi para Porto Alegre e disse que quando chegar a primeira coisa que ela vai fazer vai ser passar e pegar ele. A gente se sente muito bem junto.

eu tenho o maior prazer de dizer: olha vão almoçar lá em casa, vão jantar lá em casa,

Ah! Amanhã eu vou almoçar com aquela pessoa,

vamos dar uma volta no jardim.

passar um domingo juntos.

A gente vai estar junto com aquele pessoal e se sentir bem.

É não querer que vá embora:

Quando chega na hora de ir embora, eles moram lá na rua geral da Joaquina e vêm até em casa trazer a gente. Quando chega aqui a gente quer ficar junto. Quer levar.

Quando ele foi dormir lá, foi a primeira vez que ele dormiu fora e a madrinha não queria deixar ele vir embora.

	<p>É Ter segredos do outro:</p> <p><i>Eu tenho segredos da vida dela que ninguém da família dela tem.</i></p> <p>É dar bronca:</p> <p><i>A gente senta junto os quatro quando tem que dar bronca no marido dela e nela vai eu e o Mauro, quando tem que dar bronca em nós dois eles dão.</i></p> <p>É se respeitar:</p> <p><i>E a gente respeita,</i></p> <p><i>Os meus amigos são família do coração, como a Maria disse. Porque com pessoa que entra na vida da gente, não entra por acaso, tem um propósito, aquilo ali tem um propósito de vida</i></p>
Rosane	
<i>Alguém quer falar sobre essa família do coração? Sobre o que a Maria falou para nós?</i>	
Azedo	
<i>É bacana, gostei do que ela falou. A gente vai aprendendo, somos jovens ainda né?</i>	
Rosane	
<i>Como é que o senhor vê essa família do coração? O senhor vê assim ou um pouquinho diferente?</i>	
Azedo	
<i>Eu concordo com ela. A gente faz amizades justamente por um sorriso né? Por</i>	<i>Eu concordo com ela. A gente faz amizades justamente por um sorriso né? Por</i>

*uma boa tarde, boa noite, nunca de cara
amarrada, sempre de cara aberta. As
pessoas sentem mais alegria até no pró-
prio coração.*

*uma boa tarde, boa noite, nunca de cara
amarrada, sempre de cara aberta. As
pessoas sentem mais alegria até no pró-
prio coração.*

Isso faz parte da família.

Anexo V – A Conjunção Social da Realidade

Mundo imaginal-Imagem	1
Imagem	1
Auto-imagem	14
Imagem de Ser Família saudável	15
família saudável/	24
Saudável e conflito	25
Família saudável e dinheiro	28
família saudável e a fé.	31
Acreditar	33
família saudável, coisas boas, as não boas	34
Família saudável e coisas que eu gosto.	35
família saudável/saúde	36
Imagem família saudável./ Família/ animal	37
família saudável / perfeita	38
família saudável /violência/ comunidade	39
Administrar a falta/ caminho de ser saudável	40
Imagem	41
Como ser família saudável?	44
Condições para a gente ter essa família saudável	45
eu não sei dizer o que é ser uma família saudável, quando:	46
Não sendo família saudável.	47
De onde vem a nossa imagem de família saudável?	48
Ser família saudável-sentir-se bem-fazer o que gosta-ser feliz	54
Contribuir	56
Prazer/Prazeroso (fazer o que se gosta)	57
dinheiro,/ prazer	59
Respiradouro	60

estar sozinho	61
Trabalho	62
RELAÇÃO FAMÍLIA TRABALHO	63
Estalando-trabalhando	64
Relação Família saudável e estalando	66
A relação do trabalho e família saudável:	67
Tempo:	71
Trabalho/em prego	73
Trabalho/casa própria/aluguel	75
Trabalho/satisfação / realização,	76
quando o trabalho não tá satisfazendo	80
antes de estalar ...	82
com o trabalho ... te fez bem	82
Trabalho com o fuga/respiradouro	83
Trabalho da criança e do adolescente:	84
Trabalho infanti	85
Trabalho infantil da lavoura/escola	86
Trabalho infantil da lavoura/escola	87
possíveis soluções	87
A gente como ser humano passa por estágios, né	89
Estágios	89
Juventude	90
Juventude/trabalho/complicações de família...	91
Aqueles que ficam assim... com a proteção da mãe... nenhum trabalho	92
Adolescente	93
a terceira idade	94
Respeito/Discriminação / Preconceito	95
o respeito	95
discriminatória, exclusão,	98
Dinheiro	99

se tem dinheiro: _____	103
se não têm dinheiro: _____	105
Dinheiro/solução _____	107
Financeiramente, _____	108
dinheiro/amor _____	109
Os ricos e o pobre _____	110
Rico: _____	111
pobre: _____	112
dormir _____	113
família _____	114
Família(QUEM É) _____	114
Família (O QUE É) _____	117
Família/A educação _____	121
família pequena/básica/ menor: _____	122
a família geral _____	123
família do coração _____	124
Essas são as pessoas da família do coração. É aquelas que fazem bem. _____	125
família/solução _____	130
Família e... e aí uma guerra muito grande. _____	131
Família/? _____	132
Família/imagem/ajuda _____	134
Família/política/ambiente _____	135
Família e dinheiro _____	136
Família/Espaço, Limites e possibilidades _____	137
Família-diferença-cultura _____	138
Família/com unidade _____	139
complicações de família... _____	140
se não der certo um casal, tem que tentar com outra pessoa _____	141
droga _____	142
confusão na família E DINHEIRO _____	144

Situações dramáticas	145
<i>Filhos, pais e mães</i>	146
<i>Homens-Mulheres/ Maridos-Esposas</i>	157
<i>Um casamento</i>	167
<i>Sogra</i>	168
<i>cansaço bom/ aproveitar e estar feliz</i>	170
<i>Harmonia conflitual</i>	171
<i>os dois lados</i>	173
ASTÚCIA	174
<i>Ser feliz hoje,</i>	176
<i>acaso/propósito</i>	177
<i>Contribuir com a individualidade ...</i>	178
<i>Coisa boa</i>	179
<i>cansada.</i>	181
<i>Problemas</i>	182
<i>crise</i>	183
<i>crise / ajuda/solução</i>	184
<i>ajudar</i>	187
<i>apoio.</i>	188
<i>Solução</i>	189
<i>Natureza</i>	191
<i>Solução Natureza</i>	199
<i>Natureza ajuda</i>	200
<i>Lixo</i>	202
<i>Aceitação do destino (RO)</i>	203
<i>Proximia/Localismo/Cidade/Espaço</i>	204
Espaço/Tempo	209

Falta	211
Teatralidade	212
Máscaras	213
Doar-Dar	214
ENERGIA	215
força	217
Carregado/Descarregar	218
Poder	219
Simplex	220
Cidadania	221
Perdas/ Perdido	222
Mudança	223
mundo conturbado, com tanta dificuldade	225
Fuga	226
Aprender	227
Estádo	228
TV	229
Conjunção	231
Experiência - O vivido (RO)	232
Lógica da espera: pensar família saudável leva a viver o aqui e agora (RO)	233
vida saudável	234
Saúde/ Doença	235
Perfeito/perfeição	236
carro	238
Educação	241
Não tem direito a escola? Mas isso é ilegal. Isso é "apartheid".	243

progresso	244
Consciência	245
coisa boa	245
Solidariedade orgânica	247
Religião	248
Deus	249
Ética da estética	250
Relação	251
Crenças -Receitas	252
Bom humor	253
Egoísmo	255
inveja	256
coisa que precisava ser feita.	257
Final de semana	258
Essa semana foi boa	259
Quotidiano	260
Presenteísmo	261
Ambiente	262
bagagem de experiência	264
Brigar-brincar	265
Amor	266
Métodos anticoncepcionais e aborto	267
Métodos de parto	268
Mergulho	270
Alimento espiritual Biblia	271
Ironia	272

<i>O MICRO relativizou o macro</i>	273
<i>Direito</i>	275
<i>Política/politicagem</i>	276
Cidadão	277
Sistema (RO)	278
<i>A forma informa</i>	279
Música/ som	280
Identificação	281
Tese	282
sigilo	283
<i>Avaliação</i>	284
Avaliação de projeto	285
Oficina espaço de aprendizagem	290

Anexo VI – Exemplo de Classes e Ligações em Conjunção

Imagem de Ser Família saudável

- Família saudável é se fazer o que se gosta.

- tem que ser uma coisa muito forte.
- uma coisa muito transparente nessa união,
- uma consciência real das coisas,
- a nossa consciência que fala,
- estar bem tranqüila...,
- buscar um equilíbrio emocional...”
- vem de um relacionamento, uma companheira, e o fruto da nossa amizade e do nosso relacionamento, que é um filho, né? Isso pra nós é muito importante, o filho da gente e
- acima de tudo a saúde e
- o respeito
- é como uma planta. Já que todo mundo falou que é uma coisa boa, quando a gente molha, rega, ela vai sempre para cima né, quando tem amor a gente tem que fazer sempre com que que ela cresça, cresça, e nunca deixe ela murchar
- é tudo de bom: um companheiro, um filho, a amizade
- é tudo de bom que pode acontecer.... é tu ter amigos, é tu ter o que comer, é tu poder sair pra passear, é tu fazer as coisas que tu gosta e que te dá prazer, é tu ter saúde pra tu poder fazer tudo o que tu quiser.
- é estar com Deus,
- desfrutar das coisas boas da vida
- comer bem sempre...,
- quando eu saio minha família está sempre junto
- é aquela que tem muito amor,
- mas não é tudo de bom como ela fala,
- tem aquelas brigadinhas saudáveis,
- é a família que se trata com amor.
- é aquela que permite aos seus membros que eles cresçam e se desenvolvam,
- não pode sufocar,
- é aquela que dá apoio aos seus membros e faz quando existem dificuldades,
- conseguem pedir ajuda, porque todo mundo passa por dificuldades,

- *que crie as condições básicas para sobreviver*
- *respeito,*
- *fidelidade,*
- *dignidade*
- *a amizade, a compreensão...,*
- *sem armas,*
- *ter liberdade,*
- *ouvir,*
- *ajudar,*
- *estar com Deus e ter muita fé,*
- *o amor pela vida,... tudo é família saudável.*
- *amizade familiar, os irmãos, amigos,*
- *o trabalho,*
- *a alimentação,*
- *a união-compreensão,*
- *o esporte*
- *respeitar a terceira idade que hoje muita gente não respeita, né!*
- *O lazer,*
- *o passeio com a família,*
- *e a natureza... um botão de rosas bem aberto*
- *seria uma família unida,*
- *a união de uma família.*
- *o sorriso, de um feto que gera uma compreensão,*
- *o respeito no caso,*
- *o carinho,*
- *o marido e a mulher a união dos dois.*
- *uma companheira, caminhando, se divertindo*
- *Dançando, divertindo*
- *a companheira... passeando, em cima da bicicleta.*
- *estar bem consigo mesmo, satisfeita*
- *Bem com ela mesma, estar feliz.*

- - *Família saudável. Nós botamos assim começando pela terra,. Toda força, uma coisa vem de onde? Vem, brota do chão. Com os pés no chão tem trabalho, honestidade e a gente vai subindo. O tronco é o crescimento, que começa por 2, 3 e aí ele vai crescendo. Vai subindo e acha liberdade de assumir uma família. E as folhas: a liberdade, bate o vento né? Ter aquela liberdade, a natureza, então tudo isso é visto nas folhas. E a água né? A primeira vez que a gente bate assim, o que a gente pensa da água? É clareza, aquela nitidez, aquela calma, tranquilidade. Então tudo isso eu acho que a gente pode pensar em relação à água. Aqui eu botei o respeito aos velhos porque é deles que a gente aprende. Ah! A gente pensa nós somos uma família, mas a gente não pensa nos nossos pais, nossos avós, irmãos. Então, eu acho que é deles que a gente aprende. Tem gente que tem vergonha de às vezes dar carinho para um velho, um abraço num velho. É deles que a gente veio, tem que pensar nisso! Eles é que são a nossa família: os velhinhos*
- *a natureza no*
- *na hora do lazer, às vezes tu sai né? lá vai tu com um filho, com um pai debaixo do braço, vai beliscando um, vai... então tem que ter o que?*
- *Tem que ter união,*
- *tem que ter amor para que o dia seja um dia de beleza, de tranquilidade.*
- *a escola, a união também com a escola, com os pais dos alunos.*
- *A alimentação,*
- *a justiça,*
- *a honestidade,*
- *paz,*
- *amor,*
- *fraternidade*
- *respeito. Porque os professores vão ter respeito com os pais e com o aluno à partir do momento que voltar a mesma coisa né? Ter respeito também entre si. ; tem que ter respeito dos dois lados: tanto do pai como do professor.*
- *carinho entre pais e filhos*
- *Em busca de uma família saudável, a busca de uma coisa que nos faz sentir bem...*
- *é tudo aquilo que tá ao nosso redor*
- *a gente tem que estar bem com a gente mesmo, no nosso trabalho e lá na nossa casa. E lá na nossa casa...*

- *E se a gente tá bem essa família é saudável,*
- *se a gente não tá bem lá na nossa casa ela não é saudável,*
- *se a gente também não tá bem no nosso lado profissional, no nosso lado de amizade.*
- *E acho que aí... se um dos lados não tá bem, ela não tá saudável, ela não tá bem.*
- *Eu acho que pra ela estar saudável, teria que estar bem em todos os sentidos né*
- *“O fato de ser amado,*
- *ter capacidade amar,*
- *cuidar da mente e corpo com atos e pensamentos o mais positivo possível*
- *saber ouvir,*
- *compreender,*
- *tolerar,*
- *tendo pelo menos a maioria das condições de vida que aqui apresentamos(alimentação,moradia...mais sentimentos) nos faz crer que isto é ser uma família saudável”*
- *condições de fazer esporte para se sentir bem fisicamente.*
- *- amar as pessoas que vivem a nosso redor e ser amado. -*
- *manter pensamentos e atos mais dentro da comunidade (que é uma família).*
- *- saber ouvir, tolerar, refletir, repartir.*
- *relacionamento com meio ambiente.*
- *É a busca de uma coisa boa.*
- *quando se fala em ser saudável, em se informar, em saber a questão dentária do filho, que talvez precise botar aparelho. E aí eu conversei e já falei que lá no CCS tem um serviço de odontologia.*

Tudo que nos faz sentir bem e fazer bem às pessoas do nosso lado. As pessoas que são amigas, que não tem elo de sangue. Minha família mora longe, mas meus colegas de trabalho, colegas do meu marido, da minha família, etc. Tudo que faz bem às pessoas que eu gosto é considerado família saudável.

- *é poder ter um trabalho onde eu me realizo*
- *se sentindo realmente feliz com o que fazem*
- *tu se sentir bem,*

• *A família saudável*

- *eu já penso diferente. Eu sou sempre diferente de tudo, né? Pra mim vem já desde o começo do casamento. Ou ele escolhe uma companheira certa para ele ou vice-versa. À começar daí. E não vir um filho sem... O certo seria, fazer uma casinha, nem com sogra, nem com sogro, tia, prima, nada. E ter um salário legal para ele e depois se pensar em um filho ou dois. O máximo seria dois, passou disso aí já começa a pesar.*
- *Já começa tudo daí, né? Aí começa a vir a complicação. Aí vem o estudo, a educação*
- *Uma coisa. Família saudável parte daqui. Eu nunca pensei em família saudável, eu pensei aqui. Levei para casa, com minha esposa, conversei com ela. Ela disse ah, legal! De lá pra cá que eu comecei a pensar em família saudável. Antes eu pensava no que eu quero ter mais tarde: um bom automóvel, uma boa condição para manter a minha filha, educação. Mais tarde. Eu **estabelecendo** para isso. No caso, um plano de saúde para ela, um bom dentista, bom médico, botar ela numa aula de natação (minha filha de 4 anos) para ela aprender a nadar (vai ser um esporte bom para ela). Quero fazer tudo que eu gosto, entrar numa aula de musculação; capoeira eu gosto também. É mais isso que eu acho que é família saudável. Fazer o que tu gosta e sentir prazer. Não ter muito dinheiro. Ter muito eu acho que dá mais ambição. Pra mim não valeria muito. Ter sim o suficiente para manter a família, um bom médico, bom dentista, mais ou menos isso.*
- *Família saudável é isso: batalhando, conseguindo tuas coisas... Tem pessoas que não tem sorte; eu, graças à Deus dei sorte, tenho uma boa esposa, amigos maravilhosos, um emprego.*

*Eu acho que família saudável é como o João falou, né? A questão de tentar **batalhar** mesmo, que a gente sabe que é difícil. Mas, eu penso também que na família saudável, a gente fala tanto de dinheiro, né? Mas, se a gente não tem uma boa relação, podes ter um monte de dinheiro. Se não tiver uma boa relação com as pessoas que tu convive, o dinheiro não é muito eficiente, não tem muita serventia. Tem situação que ele falta, tem situação que ele sobra e as pessoas não sabem como distribuir e aí, às vezes, as pessoa estropolam, né? Acha que por ter dinheiro pode psiar num monte de pessoas, né? E não sabe distribui, às vezes, como ele tava*

- *falando ali, das pessoas que estão precisando, né? E até mesmo a questão de **sauíde**. Acho também que a questão do bom atendimento naquele grupo, independente de mulher e marido, filho, aquele grupo que a gente vive. **Se não tem uma boa relação na redondeza, ali onde a gente vive, na própria comunidade, a gente não é muito []** E se a gente não é [], eu penso que a família não é saudável. Porque saudável eu acho que é a gente **se sentir bem**, poder ir lá caminhar, poder voltar para o teu trabalho, para tua casa, ter gosto de voltar para o trabalho no outro dia. Se a gente não tem bem claro, bem definido o que a gente quer, o gosto por aquilo que a gente faz. Às vezes a gente é um pouco doentio. Não ser perfeito porque ninguém é. E se alguém acha que tem que ser perfeito, eu acho que isso é uma questão de **doença**. E a gente por levar muito a sério, às vezes a gente esquece da gente mesmo. Tentar querer dar conta daquilo ali, porque a gente acha que é responsável. Tu tem que dar conta e às vezes tu não consegue. A gente fica até meio de coração apertado. Puxa vida, hoje eu não dei conta daquilo ali! Ai vem a cobrança do outro dia. Ai fica meio confuso assim, mas eu acho que família **saudável** é isso mesmo, a gente poder olhar para o vizinho, poder é... É que hoje eu não tô muito inspirada, não quero falar, não tô muito boa, vou parar por aqui!*

- **"Tudo isso que a gente faz, todo círculo, vira e mexe e a gente tá na família saudável, né?"**

- *Família **saudável** é tudo que eu tirei de dentro de mim para uma nova vida.*

Mãe, agora eu sei o que tu me falava".

- *Algo, eu nunca lembrei assim, a gente fala de família **saudável** e eu nunca lembrei dele assim. E também não se porque eu lembrei agora. Deve ter dado alguma palavra aí, algum nó.*
- *E era sempre assim na parte de, ou quando você nunca bate numa companheira, sempre tenta encontrar uma companheira certa. Sempre cobrando aquela, pra ter uma família **saudável**.*

*É deprimente assim tu ver, né? Um pedacinho teu tá ali, né? Tão lá pra baixo, tão..., e a gente sem ter muito o que fazer, né? Eu não sei porque... fica falando aí, procurando resposta, falando tanto nessa família **saudável**... tu não consegue*

- resolver, né? *Aí tu fala, fala, fala, e aí? Essa fala, seria a teoria, né? Cadê a prática, né? Cadê a ação pra ajudar ele, né? Como ser humano que a gente fala tanto, né? Ser solidário, né? Ser, da ajuda, o que tá fazendo pra contribuir, não só com ele, mas num monte de situação parecida ou diferente... um nó tão grande e aí dá uma angústia maior ainda.*
- *quem sabe eu não tenha me expressado assim... Quando e falei da teoria, não é porque a gente tá buscando só teoria aqui...*
- *Não é daqui que eu tô falando. Não é desse momento, é lá fora*

- *A vida saudável, a família, tem momentos de divergências, de conflitos.*
- *A família saudável, ela tem dificuldades e pode ter problemas psicológicos*

Imagem ser família saudável

Pois é, a gente começou falando de ser família saudável. E acabamos com uma bomba na mão.

família saudável

- *Porque se tu tem amor à vida tu busca tudo para que essa família seja saudável. É o amor à vida, e estar querendo buscar elemento para que essa vida, essa família, esse ninho se fortaleça, cresça, esteja cada vez melhor*

família saudável

- *A diferença de grupo tu vai absorvendo e passa isso né? Tu vai construindo essa família saudável, né?*

Aí não planejam nada e começa a vir: vem o primeiro filho (já não tem uma estrutura legal) e aí vem e vai levando. Família saudável daquela maneira não dá. Muitos que eu conheço não dá. Porque uma estrutura hoje sem uma casa... O mal é isso aí, que a gente não planeja nada. A gente vai e já pensa que o amor compra tudo, sustenta tudo. Mas você tem que pensar no médico, na educação, na área de saúde, segurança, tudo.

- *Vamos supor, hoje você faz, e se não der certo, se não der certo o que é que acontece, você fica com a cicatriz, não fica legal. Pra mim isso tudo faz parte da família **saudável**. Porque ela não pode mais seduzir o seu companheiro, porque ela fica até com complexo, por causa dessa....*

- *Qual a imagem de ser família **saudável***
- ***música**,*
- *Muita música, também temos que ter na nossa vida, aqui ó, música, gostosa.*
- *Precisamos também de um belo peixe aqui pra comer, se não tivermos a comida na mesa, também não adianta nada nós ter **música** e não ter nada para comer, só de **amor** não vamos viver.*

Só de **amor** não vamos viver, né? Precisa **música**, precisa cor.

- *Qual a imagem de ser família **saudável***
- ***Precisa, mar, sol pra gente vive***

Uma casa confortável, também, se tiver tudo caindo na casa, não vai tar bom também. Vou ver se acho uma casa boa. Ai que linda, essa é mais linda do mundo, linda, linda; junta tudo. Cadê uma casa linda aqui, tem que ter uma casa gostosa, como a gente quer também... Porque a gente reclama que aquilo não tá bom e aí não vai também...

- *Qual a imagem de ser família **saudável***

Cores, cadê o meu bebê, bota as comidas junto ó. Tudo aquelas comidinhas aqui

- ***casa**,*

Uma casa, né. Um abrigo, se não tivermos... debaixo da ponte, né, me vai ficar meio abalado em baixo da ponte, mas..

- *É indispensável o lazer, não podemos ficar sem ele de jeito nenhum, senão nós vamos ficar bilolados*

- *Então esses são os pontos, elementos que fazem parte, que contribuem para a imagem de ser saudável para mim.*

família *saudável*/natureza

- Pra nós sermos uma família *saudável*, nós temos que ter uma *natureza* *saudável*; também nós temos que ter essa *alegria essa paz*,... *natureza*. Porque se nós não tivermos isso, nós vamos parar aqui morto com a *violência*, ou então aqui
- Porque se nós não termos, uma peça depende da outra. Se nós queremos ser *saudável*, então o que é que nós temos que fazer? Nós temos também que defender a *natureza*. Defendendo a *natureza* nós vamos ser *saudável*. E se não defendermos nem uma, nem outra, nós vamos acabar na própria...

(RO) Defender a natureza, isto também inclui a sua interior (intuição)

- E nós estamos destruindo... já imaginou nós não termos isso nem aquilo, ou a *natureza* pra dar isso pra nós sermos *saudável*? Não temos nada.

Saudável e conflito

- *O saudável pode ter momentos de conflito, de diferenças,*
- *talvez nem seja conflito, porque a gente tem uma idéia, a outra pessoa tem outra idéia e no momento que elas são opostas há diferenças, eu posso colocar a minha opinião e ter respeito, no meu trabalho, ou lá em casa,*
- *ou mesmo no momento de eu achar que a minha filha é assim, e ela não deve ser assim; é um momento de diferenças do meu pensar e do meu companheiro, a respeito de uma única coisa. A mesma coisa no trabalho eu vou procurar tudo mais colorido, tudo mais florido, o outro lado tá muito mais satisfeito e se eu conseguir lidar com essa coisa assim, se eu vou conseguir achar caminhos, formas, atitudes, ações, pra lidar com essa coisa muito mais tranqüila, não que eu deixe de ter esses momentos isso engrandece muita gente. A vida saudável, a família, tem momentos de divergências, de conflitos.*
- *Pode haver divergências, em casa também há, é obrigada*
- ***A vida saudável, a família, tem momentos de divergências, de conflitos.***

- *Momento: espaço pequeníssimo, mas indeterminado, de tempo*

É difícil para nós separar as duas coisas. Se você briga na tua casa, você vai para casa mal-humorada; se você briga no trabalho e nem sempre no trabalho você pode debater:” porque tá acontecendo isso? Por quê é assim desse jeito?” Gera mais conflito ainda. Você engole e leva aquilo para casa, e às vezes a pessoa chega com carinho. “E fulano!” Faz uma brincadeirinha de mau gosto, a gente solta tudo em cima de uma pessoa que não tem nada a ver. É difícil para a gente separar as coisas. Eu acho muito difícil achar uma pessoa que diga: “Olha eu briguei na minha casa, e fui para o trabalho bem-humorada ou briguei no trabalho e não vou brigar com meu marido, com minha esposa. Não sei se o senhor vai concordar comigo, normalmente hoje são os homens que trabalham mais, as mulheres ficam em casa. Então eles chegam nervosos e descontam nas mulheres. Isso já aconteceu comigo. Descontam e a gente tá ali e não sabe o que tá acontecendo. O que que foi, o que eu fiz? Eu não fiz nada! “E, mas não é assim, eu tô nervoso, me deixa eu não quero conversar, eu não quero

- *dialogar". Aquilo ali fica aí no outro dia que vamos sentar e conversar porque você fez isso? Ah! Eu tava nervoso porque aconteceu isso no serviço*
- *a família **saudável** pode ter conflito Eu que coloquei. Eu acredito que haja.*
- *Família **saudável** é ter conflitos também.*
- *a família **saudável** pode ter conflito É obrigado à ter porque se fosse às mil maravilhas toda vida não têm como. As mil maravilhas ninguém mais... Nem um milionário! Porque se ele ficar preocupado com o dinheiro que ele tem demais, ele vai brigar com a mulher em casa.*
- *Eu acho assim o dinheiro mexe muito com a vida do casal. Porque se tem dinheiro o casal tá abraço, beijinho. Sempre tem harmonia. Agora se não têm dinheiro, tá faltando dinheiro, a conta vai vencer e eu não tenho dinheiro para pagar, não tenho nada para comer, o que eu vou fazer? Começa a briga*
- *Sem dinheiro tem conflito e com dinheiro? O conflito é maior ainda*
- *Aí dá para ver como nos dois lados, tendo ou não tendo, há um **conflito**. Essa coisa, o dinheiro que temos no nosso mundo... Porque é realmente ó. Uma coisa que não pode né? **Ter ou não ter é uma questão terrível**. Mas não de repente super valorizar o ter dinheiro e nem assim, não sei...*
- *Se briga em casa, briga **no trabalho**, se briga **no trabalho** engole e leva pra casa. É difícil separar as coisas.*
- *Na **pobreza** ou na **riqueza** o dinheiro gera **conflito***

**(RO) Há uma relação entre família saudável, conflito e trabalho. A família saudável tem momentos de conflito, sendo estes ligados ao trabalho.*

- *O que tu pensa*
- *de família **saudável** e **conflito**?*
- *É difícil para nós separar as duas coisas. Se você briga na tua casa, você vai para casa mal-humorada; se você briga no trabalho e nem sempre no trabalho você pode debater*

Anexo VII - Componentes do Cuidar-Cuidado

Dialogar, refletir, meditar com; trocar idéias, energias, **experiências; promover conhecimentos**; esclarecer, informar, orientar, reforçar, nutrir; criar, **educar, desenvolver potencialidades; confortar**; tocar (diferente de manuseio); prevenir; agir para; adotar atitudes com relação à; fazer por; fazer com; ter sensibilidade, compaixão, consideração, paciência; ser empático, autêntico, sincero; observar, analisar, comparar, validar, expressar; **manter (preservar)**, acomodar e/ou repadronizar modos de cuidar; propor e negociar modos de cuidar; planejar, organizar com; coordenar; estar aberto à outra pessoa; dispensar atenção; **demonstrar interesse**, estar dando importância, disponibilidade; ouvir atentamente (escutar); preocupar-se com o outro; empenhar-se, dedicar-se, fazer favor, gentileza; compreender; calar; tolerar; amar; valorizar; colocar limites; estar presente; comparecer; assumir responsabilidade, compromisso; respeitar; não condenar; aceitar; desafiar; estimular; lutar com; desenvolver a capacidade de reflexão crítica de crenças, valores e práticas (pensar criticamente); proteger; socorrer; supervisionar - vigiar (segurança com liberdade); executar ações físico-técnicas, como por exemplo, curativos, higiene corporal, massagens, relaxamento; aliviar a dor, promover momentos de alegria, prazer; aceitar expressões de sentimentos negativos; preservar individualidade e a integridade do outro e de si próprio; demonstrar sentimentos de ternura, de aceitação, como acariciar o corpo e o ego, através do toque e do reforço de comportamento construtivo, estimulando a valorização de si próprio e dos outros seres; executar medidas de promoção, tratamento e reabilitação; desenvolver afetividade-compromisso entre pares; considerar características individuais-coletivas de viver o cotidiano, suas interações, suas potencialidades e limitações, valores, crenças, metas, desejos e expectativas; considerar a história de vida, queixas e sinais do corpo; demonstrar confiança e ajudar o indivíduo a desenvolver confiança, esperança, fé, coragem, também entre seus pares; ter comportamento altruísta somente em caso de emergência, visando sempre resultado positivo para quem cuida e para quem é cuidado; auxiliar o indivíduo na busca de recursos e a identificar e lutar pelos seus direitos; ajudar o indivíduo a desenvolver suas possibilidades (potencialidades) de liberdade e também de assumir responsabilidade pela sua própria existência e pela existência dos outros, incluindo ser solidário e ter cuidados com a natureza; ajudar o indivíduo a identificar, desenvolver e utilizar recursos individuais, incluindo sua vontade, motivação, de seus familiares, de sua comunidade e sociedade como um todo, em busca de transformação de limitações para bem-viver; ajudar o indivíduo a desenvolver possibilidades de gerir a melancolia e conflitos do cotidiano de maneiras éticas e estéticas; ajudar o indivíduo a desenvolver possibilidades de participar ativamente, politicamente consciente, nas decisões que envolvem seu processo de viver coletivo, incluindo seu próprio cuidado; desenvolver os cuidados baseados em conhecimentos e técnicas científicas e nas significações e maneiras culturais próprias do indivíduo, família, comunidade; focalizar os recursos presentes no processo de cuidar (as possibilidades dos indivíduos), e aqueles necessários para o bem-viver (qualidade de vida); focalizar os recursos que o profissional necessita para prestar os cuidados integrais, incluindo o uso da Constituição Federal, abrangendo o Estatuto da Criança e do Adolescente; e desenvolver o processo de cuidar com a população e profissionais de outras disciplinas

(Patrício, 1990; 1993).